

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JUAN IGNACIO GONZÁLEZ

ESTUDANTES E POLÍTICA SOB DITADURA.
Os universitários nas vésperas do *Cordobazo*. (Córdoba, 1966-1969)

NITERÓI
2018

JUAN IGNACIO GONZÁLEZ

**ESTUDANTES E POLÍTICA SOB DITADURA. OS UNIVERSITÁRIOS NAS
VÉSPERAS DO *CORDOBAZO*. (CÓRDOBA, 1966-1969)**

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História do
Instituto de História da Universidade
Federal Fluminense, como requisito parcial
à obtenção do título de Doutor em História.

Orientador:

Prof. Dr. Norberto Osvaldo Ferreras

Niterói, RJ

2018

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

G643 González, Juan Ignacio.
Estudantes e política sob ditadura : os universitários nas vésperas do Cordobazo (Córdoba, 1966-1969) / Juan Ignacio González ; orientador: Norberto Osvaldo Ferreras. – 2018.
303 f. : il.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de História, 2018.
Bibliografia: f. 210-222.

1. Estudante. 2. Política. 3. Ditadura. 4. Córdoba (Argentina). 5. Cordobazo, 1969. I. Ferreras, Norberto Osvaldo. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. III. Título.

Bibliotecária: Mahira de Souza Prado CRB-7/6146

JUAN IGNACIO GONZÁLEZ

**ESTUDANTES E POLÍTICA SOB DITADURA. OS UNIVERSITÁRIOS NAS
VÉSPERAS DO *CORDOBAZO*. (CÓRDOBA, 1966-1969)**

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História do
Instituto de História da Universidade
Federal Fluminense, como requisito parcial
à obtenção do título de Doutor em História.

Aprovada em 10 de abril de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Norberto Osvaldo Ferreras

Profa. Dra. Jessie Jane de Viera Souza

Profa. Dra. Angélica Müller

Prof. Dr. Jean Rodrigues Sales

Profa. Dra. Elisa de Campos Borges

Niterói, RJ

2018

Aos estudantes que fizeram o *Cordobazo*

Ao Fausto

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Alianças para Educação e a Capacitação/ Organização de Estados Americanos/ Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (PAEC-OEA-GCUB), que me concedeu uma de suas bolsas, pelo fomento que me proporcionou a tranqüilidade necessária para o prosseguimento adequado da pesquisa.

À Universidade Federal Fluminense e aos professores do Programa de Pós-Graduação em História, por ter aberto suas portas com generosidade e qualidade.

Ao professor Norberto Ferreras, pelas escutas, sugestões, sempre com palavras justas, para estimular a escrita e provocar melhores perguntas.

Este doutorado é feito de muitos nomes, a Alberto e Alejandro, que ainda estão perto; à Lúcia, Cid, Dulce e Jardel, que relataram suas vidas quando ainda este projeto não tinha sua forma definitiva; ao Cecilio, Marisa, Francisco, Eduardo, Susana; e a Rafael, Carlos A., Rubén, Alberto e Carlos S. que ofereceram, gerosamente, suas ideias e ações, então e agora; aos meus pais, Lucila e José, a Pilar estímulos amorosos para procurar novos desafios; aos amigos Rafael, Bruno e Marco Antonio que deram à vida acadêmica um sentido solidário; a Verónica, Facundo e Mariana, refugio dos afetos e com quem sinto sempre bemvindo; a Raúl, Luciana, Juan e Roberto, que fizeram os trabalhos artesanais para que estas paginas fiquem mais acessíveis.

A Raquel, que acompanhou com amor.

RESUMO

A análise do processo em que se produziram as relações entre os estudantes e a política, no período que antecedeu ao *Cordobazo*, é o objeto central desta tese. Buscamos, com a finalidade de compreender esta temática, a elaboração analítica de uma trajetória que tomou dimensão ao redor de uma identidade definida, sobre o caráter de estudante, com a Reforma universitária em 1918. A partir das produções dos próprios estudantes e das idéias do período se asseguraram elementos que foram, logo, reconfigurados. A experiência do *peronismo*, em especial sobre os trabalhadores e os universitários, alcançou outra expressão sob o impacto das transformações no cenário latino-americano e a concreção de um novo Golpe de estado, em 1966. Córdoba tinha mudado seu perfil econômico e social devido ao impulso de sua indústria. Nesta cidade, sob condições particulares, produziram-se desenvolvimentos intelectuais próprios ligados ao cotidiano dos estudantes. Estes sujeitos alcançaram uma participação massiva, de uma intensa politização, que lhes outorgou um espaço de relevância na geografia local. Com base na discussão das obras, revisão de arquivos e elaboração de documentos com alguns dos protagonistas do período construímos uma posição de análise para compreender as construções que os estudantes fizeram de si, sobre sua identidade, e sua participação na íntegra no período abordado. O caminho percorrido para esta compreensão passou pela análise das idéias que circularam no contexto local, dentro da universidade, na interlocução com outros sujeitos do período e na disputa aberta com as forças regressivas que haviam se apoderado das instituições com a interrupção da ordem democrática. As ações ligadas às atividades estudantis tiveram que imaginar novas estratégias frente à cassação de direitos e exercícios acadêmicos. Como parte de um uso habitual da violência pelas forças ditatoriais também as ações dos estudantes ganharam outro semblante ao nível organizacional e da vida cotidiana. As reivindicações confluíram até o objetivo comum da luta anti-ditatorial, mesmo que existissem outras diferenças – de origem, reelaboradas ou desenvolvidas sob os fragores dos confrontos. A política se debateu nas ruas e os estudantes foram atores principais dos acontecimentos que sacudiram o século *cordobés*.

Palavras-chave: Estudantes. Política. Ditadura. *Cordobazo*.

RESUMEN

El análisis del proceso en que se produjeron las relaciones entre los estudiantes y la política, en el período que antecedió al Cordobazo, es el objeto central de esta tesis. Buscamos, con la finalidad de comprender esta temática, la elaboración analítica de una trayectoria que tomó dimensión en torno a una identidad definida, sobre el carácter de estudiante, con la Reforma universitaria, en 1918. A partir de producciones de los propios estudiantes y de las ideas del período se acentuaron elementos que fueron, luego, reconfigurados. La experiencia del peronismo, en particular sobre los trabajadores y sobre los universitarios, alcanzó otra expresión bajo el impacto de transformaciones en el escenario latinoamericano y la concreción de un nuevo Golpe de estado, en 1966. Córdoba había modificado su perfil económico y social debido al impulso de su industria. En esta ciudad, bajo condiciones particulares, se produjeron desarrollos intelectuales propios ligados al cotidiano de los estudiantes. Estos sujetos alcanzaron una participación masiva, de intensa politización, que les otorgó un lugar de relevancia en el escenario local. En base a una discusión de obras, revisión de archivos y elaboración de documentos propios con algunos de los protagonistas del período construimos una posición de análisis para comprender las construcciones que los estudiantes hicieron de sí mismos, sobre su identidad, y su plena participación política en el período abordado. El camino recorrido para esta comprensión pasó por el análisis de las ideas que circularon en el contexto local, dentro de la universidad, en interlocución con otros sujetos del período y en disputa con las fuerzas regresivas que se habían apoderado de las instituciones con la interrupción del orden democrático. Las acciones ligadas a las actividades estudiantiles debieron imaginar nuevas estrategias frente al cercenamiento de derechos y ejercicios académicos. Como parte de un uso rutinario de la violencia por las fuerzas dictatoriales también las acciones de los estudiantes tomaron otro cariz a nivel organizacional y de la vida cotidiana. Las reivindicaciones confluyeron hacia el objetivo común de la lucha anti-dictatorial, aún bajo otras diferencias -de origen, reelaboradas o desarrolladas bajo el fragor de los enfrentamientos. La política se dirimió en las calles y los estudiantes fueron activos partícipes de los hechos que sacudieron al siglo cordobés.

Palabras clave: Estudiantes. Política. Dictadura. Cordobazo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, p. 17

CAPITULO I, p. 22

- 1.1- *Reforma Universitária*. Conteúdo e antecedentes, p. 23
 - 1.1.1- *O Norte /O arielismo*, p. 29
 - 1.1.2- *O Sul / O anti-imperialismo*, p. 34
- 1.2- Os estudantes e o povo, p. 38
- 1.3- Nem tão desenvolvidos nem tão modernos, p. 43
- 1.4- Sobre os estudantes e desde os estudantes, p. 49

CAPÍTULO II, p. 61

- 2.1- Córdoba: cidade dos desafios, p. 64
- 2.2- Os trabalhadores. Organização e política, p. 68
- 2.3- Sindicatos e trabalhadores em Córdoba, p. 75
- 2.4- No Sindicato e com os estudantes, p. 84
- 2.5- Os estudantes. Organização e política, p. 90
- 2.6- Os estudantes *cordobeses*. Características e organização, p. 98
- 2.7- Na Universidade e para os estudantes, p. 110
- 2.8- Elegias por Santiago Pampillón, p. 118
- 2.9- Os estudantes em direção à organização do *Cordobazo*, p. 121
 - 2.9.1- *Movimento de Unidade Reformista (MUR)*, p. 122
 - 2.9.2- *Frente Estudiantil em Luta (FEL)*. Panfleto, p. 123
 - 2.9.3- *Agrupações estudiantis e CGTA*. Solicitada, p. 124

CAPITULO III, p. 130

- 3.1- Agrupações *cordobesas* e suas mudanças ideológicas nas vésperas do Golpe, p.133
- 3.2- Estudantes e política na *Universidad Católica de Córdoba*, p. 146
 - 3.2.1- *Noticia en un pedazo de periódico*, p. 146
 - 3.2.2- *Antecedentes e origem da AES*, p. 148

- 3.2.3- *1968. O 'año cero'*, p. 155
- 3.3- Origem e mudança em duas organizações de estudantes, p. 167
 - 3.3.1- *Integralismo*, p. 167
 - 3.3.2- *Partido Reformista Ortodoxo de Medicina 1918 (PRO 1918)*, p. 174
- 3.4- O *Movimiento de Unidad Reformista (MUR)* na organização do *Cordobazo*, p. 179
 - 3.4.1- *Debates sobre as organizações dos estudantes frente ao Cordobazo*, p. 179
 - 3.4.2- *O começo da luta e o presságio de uma morte*, p. 184
 - 3.4.3- *O relato de um estudante*, p. 188

CONCLUSÃO, p. 204

BIBLIOGRAFIA, p. 210

APÉNDICE, p. 223

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho são os estudantes e a política sob um contexto ditatorial, com especificidade nos acontecimentos que se desenvolveram em Córdoba. Propõe-se que os fatos de maior relevância resultaram de um processo, no qual ideias e ações fizeram dos estudantes¹ sujeitos políticos principais do período. Estes conseguiram reunir-se num conjunto heterogêneo de organizações estudantis sob objetivos comuns.

Propomos, no percurso da pesquisa, contextualizar e analisar as ideias e ações das organizações estudantis de Córdoba. A partir de suas propostas e suas práticas, tentaremos acessar uma particular concepção da política², e como é que ela foi desenvolvida nesse contexto. No referente à delimitação temporal, no entanto, abrimos com o Golpe de estado, em 28 de junho de 1966, e encerramos com os acontecimentos do *Cordobazo*, nos dias 29 e 30 de maio de 1969, na Argentina. Porém, será necessário deter-nos nas ideias que antecederam e ficaram gravadas numa construção identitária de longo alento.

Dentre as estratégias de pesquisa procuraremos acessar documentos elaborados pelos estudantes, por outros sujeitos que estabeleceram relações com eles; e, finalmente, produzidos com antigos estudantes do período³. Esta abordagem permitirá analisar com uma nova perspectiva os acontecimentos.

Estudantes sob período ditatorial é uma temática que tem numerosas produções com degraus regionais, nacionais e locais. Porém, no período provocado para esta pesquisa, ainda precisava ser aprofundado. Até então, o detalhe sobre os estudantes *cordobeses*, suas ideias e ações, ocuparam um lugar secundário perante o papel dos trabalhadores, suas organizações e sua participação massiva, no processo até maio de 1969. Introduzir uma análise sobre o papel protagonista de estudantes universitários, naquele contexto e naquele período, é uma fortaleza desta pesquisa.

Nesse sentido, propomos que um estudo sobre as relações entre os estudantes e a política em Córdoba pode oferecer outra luz para analisar as dinâmicas sociais; e que

¹ Cf.: Scott, 2001; Portantiero, 1987; Solari, 1968; Albuquerque, 1977; Poerner, 1979, Sirinelli, 2003.

² Cf.: Aboy Carlés, 2013; Barros, 2006; Groppo, 2009, Melo, 2010.

³ Cf.: Thompson, 1988; Levillain, 2003.

possam ser abordadas para sua compreensão e análise de uma maneira mais completa acessando diferentes perspectivas de um acontecimento.

Fazemos destaque, que na abordagem da temática, a construção de um objeto de pesquisa tem estreito contato com as ideias do pesquisador. Assim a abordagem não fica isenta daquilo que é pensado, com antecedência, por ‘estudante’, ‘política’, e como é que esses conceitos têm relacionamento. Essa organização prévia orienta, logo, a adequação do suporte teórico que dará marco à pesquisa. Nesse sentido, a delimitação temporal guisa sobre as nossas conjeturas sobre o comportamento dos estudantes, suas ideias e ações, que poderiam, nesses momentos, ter uma maior expressividade. Assim, nos momentos iniciais da ditadura na Argentina, junho de 1966, a conformação dos estudantes, como sujeitos políticos, daria conta de processos de construção da identidade de longo alento, sob um substrato comum outorgado pelas ideias que marcaram suas origens. Será, por tanto, uma conjunção entre sujeitos, estratégias de abordagens e análise dos dados, aquilo que dará uma particular visão para este trabalho.

O texto avançará, sem ambição de identificar aquilo que aconteceu em Córdoba com aqueles acontecimentos que abalaram os estudantes em outras geografias. Ao fazer destaque do caso, acreditamos que há evidência para argumentar sobre as características singulares dos estudantes que provocaram novas abordagens nas ideias e ações do período. Porém alguns centros urbanos atravessados por estruturas semelhantes podem advertir algumas coincidências na condução geral dos processos de longa duração na conformação de identidades. De igual modo, as afirmações dos sujeitos no espaço haveriam outorgado singularidades ao exercício da política, e seu caráter intrincado para a construção de identidades.

Sobre os resultados, a pretensão é realizar um aporte à compreensão das relações entre os estudantes e a política, como é que ela foi produzida num momento e num lugar particular. Como foi que eles se reuniram ao redor de ideais comuns e imaginaram outras sociedades possíveis, nas quais envolveram-se com o fim de transformá-las. Como é que eles se perceberam a si como protagonistas das mudanças que deveriam acontecer no seu imediato cotidiano e numa sociedade transformada pela incorporação dos trabalhadores à democracia e ao consumo de bens culturais massivos.

No protagonismo dos estudantes deveremos considerar suas relações com outros atores da política institucional, principalmente, os trabalhadores organizados em

sindicatos, mas, além do mais, cidadãos envolvidos em ideias e ações políticas. Inclusive, das profundas mudanças que sinalizaram o século latino-americano.

Os estudantes, produto de uma época, sujeitos privilegiados da expansão do capital, das melhorias materiais e simbólicas da classe média em crescimento nas cidades: souberam contestar aos destinos de uma pequena burguesia conformista que só poderia chegar a uma crise por causa de estrangulamento das profissões no mercado de trabalho? Foi rebeldia à sociedade de consumo? Foi realidade gritante de escassez de inserção profissional? Foi fruto de maturidade envolver-se nas problemáticas sociais da realidade, além dos próprios interesses gremiais? A revolução era o convite a pensar, coletivamente, numa outra sociedade, mais inclusiva, com maior liberdade, com a participação democrática de sujeitos criativos engajados?

Muitas das perguntas que iniciamos nesta introdução possivelmente não sejam respondidas na íntegra ou não sejam obtidas respostas unívocas ao longo do trabalho, já que são perguntas que têm a ver com o ofício do pesquisador e continuam para além do resultado de uma tese. Pelo contrário, daqui surgirão novas perguntas e pesquisas.

Uma das características destacáveis sobre este tempo: ainda era possível pensar a legitimidade de reclamar com política quando os sujeitos eram oprimidos pela violência estatal. O encerramento, as modalidades do mesmo, faz questão dos limites das ditaduras para oferecer uma saída que não seja com repressão organizada e morte aos fins de impor o modelo de democracia que o capitalismo dependente demandava. Entretanto, a utilização da violência exige aprofundar sobre o conflito como parte constitutiva da política. Entre os estudantes, novamente, foi possível descobrir ar de novidade. Mas contestaram as estruturas partidárias e religiosas? Criaram novas organizações para divulgar suas ideias ou reforçaram as próprias? Tinham eles estratégias, variantes de ação ou motivações próprias?

**

No que refere ao contexto de produção deste trabalho a pesquisa iniciou no Brasil em 2014, momento em que esses países se encontravam à frente de duas modalidades dessemelhantes sobre a abordagem do passado ditatorial. Naquele ano, continuavam comemorando-se os trinta anos do restabelecimento da democracia na Argentina, e começavam os debates sobre os cinquenta anos do início da ditadura no Brasil. O desafio de desenvolver um trabalho sobre um particular da Argentina devia

contemplar essa perspectiva. Porém, ao momento de encerrar o trabalho a cena mudou completamente e novamente retornaram na palestra argumentações que acreditávamos perimidas. A conjuntura obrigou a levar nossa atenção à relatividade à qual foram submetidos conceitos caros para construção de sociedades mais igualitárias –v.gr. democracia, justiça. O retrocesso de direitos sociais, econômicos e políticos aproximaram como nunca antes as duas geografias, a referida à pesquisa e a locação que acolheu o trabalho. Nesse sentido é que consideramos de relevância este produto e que o faz oportuno com a finalidade de aprofundar na análise. Assim, um fragmento da história latino-americana destaca as construções coletivas e sedimentadas em processos de longa duração. Além do mais e ao mesmo tempo, ilustra como a imposição autoritária de um projeto de país, que degenerou numa ditadura de costas às maiorias, fracassou frente à política.

**

Este trabalho, *Estudantes e política sob ditadura. Os universitários nas vésperas do Cordobazo. (Córdoba, 1966-1969)*, é apresentado em três capítulos. No primeiro deles propõe-se realizar uma abordagem da situação nos episódios contemporâneos da América Latina. O relacionamento com outros sujeitos do período e as ideias circulantes nos permitirão fazer uma tarefa certa sobre o quadro. O objetivo deste apartado terá sido alcançado com uma descrição baseada na bibliografia já produzida sobre o período e uma análise crítica levando em consideração um melhor acesso aos capítulos seguintes. Propõe-se fazer destaque da profundidade histórica de um corpo de ideias e ações comuns dos estudantes e seu compromisso político.

Ao momento da abordagem do espaço local, sobre os sujeitos em Córdoba, no capítulo *segundo* analisaremos o material construído com os sujeitos que participaram, com ideias e ações, nas organizações estudantis no período sob estudo. Além da intencionalidade na eleição dos sujeitos pelo engajamento nas ações, continuamos com a ideia de aproximar-nos a partir das referências outorgadas por outros sujeitos, seguindo uma estratégia de abordagem flexível. Nesse sentido, e com a finalidade de acessar uma perspectiva particular, avaliamos a relevância da interlocução com os trabalhadores, protagonistas do período, até a confluência em ações comuns.

No capítulo *terceiro*, estabeleceremos semelhanças e diferenças entre os sujeitos atuantes no período. A análise dialogará sobre os conceitos propostos com a finalidade

de alcançar uma compreensão e interpretação num quadro maior. No capítulo que antecede, levamos em conta as caracterizações dos estudantes do período e uma primeira aproximação à intensidade da politização alcançada por esses sujeitos. Neste capítulo *terceiro*, em diálogo com o anterior, a proposta será aprofundar nas organizações *cordobesas* como um elemento original. Assim, analisamos como se relacionaram com outras correntes políticas e como alcançaram destaque. A abordagem a partir de um trabalho de arquivo, infrequente pela sua conservação entre as existências do período e daí seu caráter excepcional, e a recuperação das experiências do período através das vozes de seus protagonistas, reunidos com a finalidade de uma pesquisa histórica, são os elementos que fazem deste apartado uma fortaleza para a pesquisa.

Finalmente, nas conclusões realizaremos as reflexões finais e procuraremos estabelecer as relações assim como responder as perguntas formuladas ao longo da pesquisa.

CAPITULO I

A nossa palavra crepita. O substrato latino-americano.

*“Nuestra palabra se enciende, porque crepita
aún en nuestros corazones la roja brasa de la rebeldía”*

Héctor Ripa Alberdi, Por la unión moral de América, 1928

Neste capítulo se propõe desandar o fio que conduz até as ideias e as ações que levariam adiante os estudantes *cordobeses* no período 1966-1969. Propomos algumas ideias chave sobre as quais podem se advertir rastros da Reforma universitária, que se manifestou na Córdoba com magnitude, mas tinha antecedentes e ofereceu réplicas ao longo e grosso da América Latina.

Fazemos conjectura sobre um anti-imperialismo -sucessivamente: romântico, defensivo, no confronto aberto, que haveria previvido em mãos das vanguardas intelectuais e políticas, surgidas como consequência do *movimento reformista*, para logo ser reconfigurado com a irrupção da Revolução cubana.

Propomos, em adição, a conjectura que entre as motivações dos estudantes do movimento reformista continental há uma em particular que atravessa inteiramente o século XX: a distancia que separava aos homens de ideias e seus povos. As estratégias que foram desenvolvidas tiveram mais a ver com as mudanças das estruturas sociais e os sistemas universitários onde aconteciam, além da complexidade da vida cotidiana, os papéis que deviam representar estes homens de ideias e sobre os quais, finalmente, eles sentiam-se interpelados.

Finalmente, conjecturamos sobre algumas das abordagens teóricas do período anterior aos fatos que relataremos nos capítulos seguintes, quais eram as ideias que circulavam na América Latina aos fins de compreender as particularidades da região e, em palavras do *movimento reformista*, a chegada efetiva da hora americana. O espaço de nossa América, neste contexto de maior politização, havia alimentado aos estudantes em novas perspectivas sobre as implicações de um confronto direto ao imperialismo; um exercício mais ativo e estelar a partir dos conhecimentos ganhos; e profundos

debates sobre o modo de alcançar as mudanças necessárias para conquistar o bem-estar geral das sociedades latino-americanas.

Determo-nos, por enquanto, nas incidências das ideias durante a primeira parte do século XX, dentro da universidade e suas mudanças. Logo, pesquisaremos nas linhas gerais daqueles que concretizariam essas ideias; para finalmente, introduzir o debate de quais e como seriam levadas adiante as mudanças. Suas inflexões locais, que analisaremos nos capítulos posteriores, haveriam permitido manter vigentes as demandas por sociedades mais justas e igualitárias.

1.1- Reforma Universitária. Conteúdo e antecedentes.

No dia 21 de junho de 1918, os estudantes universitários de Córdoba deram ao público conhecimento o documento “*La juventud argentina de Córdoba a los hombres libres de Sud América. Manifiesto de la Federación Universitaria de Córdoba*”, logo referido como ‘*Manifiesto liminar de la Reforma*’⁴. Este documento marcaria o encerramento de uma série de debates e mudanças que vinham se desenvolvendo entre os estudantes universitários latino-americanos e daria espaço a novas leituras do período. Aos fins de enraizar os nossos argumentos, apresentamos os acontecimentos do século para sugerir a sobrevivência de algumas ideias e suas reconfigurações.

Até o século XX, na América Latina, as universidades foram percebidas como os centros de formação dos intelectuais. O prestígio da cultura livresca segundo o cânone ocidental europeu, incidiu sobre os conteúdos do livre pensamento aos quais acessavam os estudantes. No caso argentino, aconteceram modificações na estrutura social devido a incorporação de imigrantes à atividade econômica (Germani, 1968), no começo do século. Alguns setores assistiram à possibilidade de acessar a uma instituição até então fechada pela carência de recursos materiais e simbólicos que outorgaram a expectativa de uma melhora na sociedade. As novas gerações se encontraram enfrentadas a estruturas arcaicas que contradiziam as aberturas alcançadas no espaço social.

⁴ O *Manifiesto liminar* foi escrito por Deodoro Roca, mas foi firmado pelos dirigentes estudantis da Federación Universitaria de Córdoba (FUC). Ao longo deste texto as referências serão feitas ao documento segundo foi planejado pelos seus protagonistas. Sob essa ressalva, O *Manifiesto liminar* é “la respuesta a una provocación, una intervención política estudiantil en una coyuntura bien determinada, y eso explica el recambio heterológico entre la firma (de los dirigentes estudiantiles cordobeses) y la autoría del texto (de Deodoro Roca, quien en 1918 ya no era estudiante)”. (Naishtat, em: Alderte, 2012:105).

Não resultou estranho, então, o nascimento de um movimento universitário que obteve uma conquista de alto impacto em toda América Latina: a *Reforma Universitária*, de 1918. Esse fato atingiu outros países do continente (Portantiero, 1987; Garciadiego, 1999; Melgar Bao, 1999) e seus princípios foram novamente discutidos com cada interrupção da ordem democrática, no momento de considerar o papel que deviam levar adiante os estudantes⁵ no processo de transformação social (Toer, 1988). Inquietudes semelhantes foram levadas adiante pelas organizações estudantis no Brasil, com anterioridade ao Golpe de Estado de 1964, e no México, em 1968 (Ceballos, 1985)

6.

⁵ Seguindo a proposição de Portantiero (1987) levaremos em conta, num primeiro momento, a vinculação do estudante na sua inserção profissional na sociedade capitalista. Nela, além da origem social dos mesmos e as características da instituição universitária, acessariam a um corpus de ideias específicas. Logo, porém, a categoria estudante “*no es inevitable o determinada, ni algo que siempre estuvo allí simplemente esperando ser expresado, ni algo que existirá siempre en la forma que se le dio en un movimiento o en un momento histórico en particular*” (Scott, 2001: 64). Por causa disso, resulta importante nos aproximar a esses sujeitos, com dessemelhantes estratégias de abordagem ao fim de ser analisados como “*algo construido, dicho, hablado, no simplemente encontrado (...) es una identidad que tuvo que ser aprendida y pudo ser aprendida sólo en un momento específico*” (Scott, 2001: 65).

⁶ Na Argentina, no caso da ditadura que começou em 1966 e finalizou em 1973, a ditadura da “*Revolución Argentina*” tem uma maior ênfase bibliográfica ao redor de acontecimentos (v. gr.: o *Cordobazo*) e as exceções são os estudos de caráter geral sobre o período (Tcach, 2012). Neste caso, a maior produção se produz no momento da abordagem da última ditadura, a do “*Proceso de Reorganización Nacional*” de 1976 até 1983, devido a sua intensidade nas práticas de repressão, perseguição, desaparecimento ou morte; e do particular caminho da democratização.

Levando em conta esses elementos temos diferentes tópicos pesquisados, aqui ressaltamos as reflexões realizadas sobre Córdoba, referente à temática, aquelas que referenciam a: governo e oposição política e social, em 1966-1969 (Pons, 2008, mimeo); movimento estudantil, nos anos 20 (Schenone, 2008, mimeo); mulheres e militância estudantil, em 1967-1976 (Noguera y Alzogaray Vanella, 2005, mimeo); e, num período depois, 1969-1976, sobre práticas político-culturais e construção indenitária de estudantes-trabalhadores (García y Musso, 2009, mimeo). Além do pioneiro trabalho de Juan Carlos Portantiero (1987), devemos remarcar as produções de caráter geral sobre os estudantes de Brignardello (1972) Romero (1998), Bonavena et al. (2007), Romero (2009); e uma clara análise geral, aliás uma das poucas, sobre o período em Córdoba (Tcach, 2012). Sobre os estudantes em Córdoba foi elaborada uma história baseada em documentação escrita testemunhal (Ferrero, 2009).

Há uma grande produção ao redor do *Cordobazo*, o qual é identificado como o produto de uma resistência programada ao longo do tempo pelos trabalhadores (James, 2010), com características particulares dos sindicatos e os operários da cidade de Córdoba (Delich, 1994; Brennan, 1994; Brennan y Gordillo, 2008; Gordillo, 1999). Esta resistência se radicalizou como resposta dos trabalhadores às políticas específicas do governo ditatorial (Ponza, 2011). Mas, dentro de todas essas produções o espaço outorgado aos estudantes é secundário (Torres, 1999; Flores, 1994; Martínez y Garzón Maceda, 2009).

A longa duração da ditadura brasileira, por exemplo, oferece um corpus bibliográfico sob o período muito proveitoso. Além do mais da produção motivada por datas comemorativas, existe uma grande quantidade de trabalho sobre o período todo, algumas de suas características e debates com maior ou menor atividade de outros atores da sociedade. Às vezes, registram se estudos específicos, dependendo dos sub-períodos e os sujeitos envolvidos (v.gr.: as relações ente a ditadura e a instituição universitária, pesquisadas por Motta, 2014). Uma leitura imprescindível para acessar ao período desde os relatos de estudantes que participaram da principal resistência à ditadura, em especial desde 1966, é o texto *1968, a paixão de uma*

A *Universidad Nacional de Córdoba*, como casa de estudos, foi criada em 1613 pela ordem dos jesuítas quando o território ainda estava sob domínio espanhol. Com a independência, 1816, e a conformação de um espaço nacional, 1853, tomou forma de uma instituição de altos estudos com autonomia acadêmica e autarquia econômica, dependendo das despesas do erário público federal. Na data de fundação da Universidade, a cidade de Córdoba ficava no caminho entre o porto de Buenos Aires e o centro político de Lima. Esta distancia geográfica foi, além do mais, um resguardo para a cidade, das velozes mudanças que acompanhavam a troca de mercadorias e favores, e uma armadilha, onde o influxo da religião católica permeava a sociedade toda.

No espaço da *Universidad Nacional de Córdoba*, sentiu-se naqueles meses de 1918 um forte reclamo dos estudantes que foi concretizado numa nova conformação dos estatutos. Estes permitiram o governo conjunto da instituição, às autoridades e aos estudantes. Esta mudança procurava a incorporação de ideias modernas nas cátedras, com novos professores e novas *curriculas*, além da incorporação da pesquisa científica que superasse as exposições dogmáticas. Inaugurou-se, assim, uma corrente, dentro e

utopia (Reis, 1988). A proposta do autor é que essa oposição enmarca se num movimento de revolta geracional, com ecos tão dessemelhantes como o Maio francês, a Primavera de Praga e a Matanza de Tlatelolco. Ao momento de focalizar a atenção no ano 1968, resultam de referencia o trabalho *1968 O diálogo e a violência* (Valle, 1999) no qual se detalham os acontecimentos do período segundo os registros da imprensa, sobre a tensão entre os estudantes e a ditadura sob o prisma dos meios de comunicação com grande audiência. Além do mais, é possível acessar a bibliografia específica sobre a história do movimento estudantil brasileiro (Poerner, 1979), sobre a ditadura e os estudantes (Martins, 1987), sobre a ditadura e os estudantes desde o ano 1969 (Müller, 2016); relatos dos próprios estudantes (Dirceu e Palmeira, 1998); sobre organizações integradas por estudantes (Lima e Arantes, 1984); sobre o papel das esquerdas no período (Gorender, 2014; Reis, 1990; Ridenti, 1993); e sobre o contexto ditatorial (Moniz Bandeira, 1983; Reis et al., 1991; Reis, 2014; Reis et al., 2014; Ferreira e Castro Gomes, 2014). Neste caso particular, possivelmente haja concentração de produções ao redor do eixo Rio de Janeiro- São Paulo, onde se produz uma pretensão de generalidade entre os acontecimentos e influencias do movimento estudantil de essas cidades sobre o conjunto e o decorrer dos acontecimentos ao longo do país. Mesmo assim, nestes últimos anos há uma original produção que resgata as experiências regionais, algumas de conteúdo propriamente acadêmico (Silva, 1989; Maia, 2008) e outras sob o patrocínio das Comissões de Verdade (Zachariadhes, 2015).

De modo semelhante, há uma maior presença das produções realizadas em Buenos Aires e que propõem elaborações sobre o movimento estudantil (Ceballos, 1985; Toer, 1988; Califa, 2014), com alguns estudos recentes que propõem dar conta do acontecido nas regiões (González, 2009; González, 2016; Millán, 2014).

Porém, neste trabalho especificamos que a nossa pesquisa está direcionada aos estudantes de Córdoba, como caso do acontecido na Argentina, mas não propomos que as particularidades de esta cidade sejam representativas do movimento estudantil como um todo, no território federal. Alguns núcleos urbanos, porém, podem ter vinculações com as propostas aqui relatadas. Assim aqueles trabalhos que nos antecederam realizam aportes ao presente estudo, especialmente sobre as considerações do ciclo iniciado para as organizações estudantis universitárias com o Golpe de Estado de 1966, na Argentina.

fora da universidade com o nome de *reformismo*. Por enquanto, que é o que foi a *Reforma universitária?*:

Fue -es-, el movimiento de juventud más rico y germinativo de América Latina desde su emancipación política (...) comenzó siendo una discusión en torno a la penuria docente de unos cuantos maestros pintorescos, pedantes y dogmáticos, que cobraron remontada expresión en la universidad colonial de Córdoba (Roca, 1936). [Grifo no original]

As universidades se desenvolveram na América Latina como copia do modelo europeu. Instituições urbanas, distribuidoras de saberes legítimos, que eram o espaço das elites políticas de cada uma das unidades nacionais e se propunham continuar com a ideia do projeto civilizatório ao redor do positivismo.

Porém, no final do século XIX e com a consolidação dos imigrantes como população estável, começaram a ganhar forças as ideias vanguardistas européias, tanto no político como no cultural. No referente ao político, o socialismo e o anarquismo com incidência nas comunidades urbanas e rurais. No referente ao cultural, mesmo baixo as luzes européias cresciam as primeiras sementes que logo dariam nascimento ao modernismo. Nesse sentido, as universidades na América Latina resultaram, mesmo, produtos dessas ideias que as fizeram surgir ou as remodelaram

Segundo o padrão napoleônico de organização do ensino superior. Em sua qualidade de transplantes, elas jamais foram autênticas, porque somente copiaram o modelo no que ele tinha de formal, sem procurar atender às funções que ele exercia, no contexto original, de transfiguração da cultura francesa (Ribeiro, 1969:11).

No que se refere à Argentina, nos primeiros anos do século XX, não só nas cidades vivenciavam-se experiências novas. Ao lado do caso da fundação das primeiras células socialistas ou da eleição por voto cidadão do primeiro deputado socialista da América, Alfredo Palacios, em 1904, registramos que o campo foi movido pelo *Grito de Alcorta*, em 1912, rebelião que reuniu os locadores de pequenas porções de terra que eram explorados pelos grandes proprietários (Ciria y Sanguinetti, 1968).

Por causa da menor presença dos partidos políticos orgânicos, durante esse período, a formação das elites políticas se produzia mesmo nas salas de aulas das universidades. Nas mãos das próprias elites estava a direção das Universidades. As mudanças que começaram a se advertir com a ascensão econômica dos imigrantes foram traduzidas numa ampliação da instrução pública. O sistema inteiro –primário,

secundário e terciário- era sustentado por as despesas públicas e mantinha um caráter laico. A realidade confrontava com o caráter fixo da elite governante em Córdoba, católica, que percebia nas demandas dos estudantes um desafio à hierarquia e à autoridade.

Os acontecimentos que desenrolaram na elaboração do *Manifiesto liminar* tiveram sua origem nos finais de 1917. Nesse momento, os estudantes reclamavam contra o regime docente. A forma de governo da Universidade mantinha o caráter vitalício das cátedras e as modalidades pouco claras de outorgar a colocação dos professores. Isso beneficiava uma velha elite aristocratizante que cobrava abrigo nos mais altos cargos da instituição para se cobrir de ar de nobreza. A negativa de incorporar os estudantes ao governo da universidade tinha a ver com a impossibilidade que a ordem, onde o saber e aqueles que mantinham seus privilégios, fosse alterada. De igual modo, mesmo no interior das próprias elites no referente ao poder político e ao modo em que se distribuía até esse momento. Além do mais, o ambiente das ideias, conduzido pelo positivismo, dificultava o ingresso de novas correntes e a possibilidade de incorporar a formação prática à atividade científica.

Já nos primeiros meses de 1918 as demandas dos estudantes saíram da instituição e foram para as ruas de Córdoba, para logo começar uma greve. Por causa disso, obtiveram do Presidente da República, Hipólito Yrigoyen, uma intervenção administrativa da Universidade segundo solicitação dos estudantes. Obtidas algumas das demandas, começou um processo de normalização mediado por eleições de novas autoridades. Também, resultou eleito o candidato da velha elite que governava a universidade até a intervenção. Os estudantes interromperam o processo, ocuparam o auditório e desconhecaram o resultado. Desde aquele momento, o movimento adquiriu um caráter mais radical (Buchbinder, 2010). Para que as mudanças tivessem a garantia de sucesso, precisava que os estudantes participassem do governo da instituição. Como resultado das pressões estudantis, passeatas e palavras de ordem reproduzidas na imprensa, se produz uma nova intervenção administrativa das autoridades nacionais e, finalmente: a renovação de professores, e seu regime de concurso para acesso aos cargos; a incorporação de docentes para o governo da Universidade; a autonomia para o seu governo, respeito às intervenções do Estado nas designações de professores; as mudanças nos planos de estudos, procurando inovações nas *curriculas*; as primeiras

modificações para salvar o atraso científico em laboratórios e bibliotecas; e os avanços na vinculações com a sociedades desde os serviços de extensão universitária. Em termos gerais, poderíamos dizer que essas ações dão conta de uma série de princípios que se constituíram como referência dos reformistas: uma universidade democrática, que procurasse a liberdade e a justiça, e que os novos conhecimentos não ficassem alheios da imediata realidade.

Adesões ao movimento da Reforma universitária e contribuições a sua difusão chegaram de intelectuais independentes, socialista e não revolucionários. Paralelamente, ainda graças aos favores do *radicalismo irigoyenista*, os *reformistas argentinos* não se encontraram dentro de um processo revolucionário onde pudessem canalizar suas energias, ao jeito dos acontecimentos do México revolucionário. Para os reformistas argentinos também não havia repressão desde as elites governantes, assim como nos casos testemunha do Peru e Cuba. Só com a chegada ao poder do Presidente Alvear começaria a contra-reforma e alcançaria sua consolidação com o Golpe de Estado de 1930⁷. Neste sentido, as perseguições encaminhadas pelos governos de vistos autoritários reforçaram os mitos, aqueles sobre os quais foi elaborada uma série de rituais que espalharam o reformismo em outras latitudes.

Mesmo se for contextualizado desde uma perspectiva geracional pode se dizer que os reformistas se encontravam dispostos a romper com o passado. Na Argentina, uma nova sensibilidade se brindou devido à chegada da *Unión Cívica Radical* ao exercício da Presidência da República, em 1916, mediado pela primeira vez do voto universal, secreto e obrigatório. Porém, a Reforma universitária que se materializou em Córdoba, foi referencia, tanto para práticas intelectuais por fora da universidade assim como para desenvolvimentos políticos intelectuais. Levando em conta uma própria e independente história previa de relações entre estudantes universitários, a Reforma dinamizou aquilo que se encontrava no substrato, daí é que os fatos acontecidos pudessem alcançar transcendência continental.

É por isso que entre os antecedentes dos *universitarios reformistas* demos com uma rede de relações entre intelectuais latino-americanos, reunidos ao redor de temáticas comuns. A seguir, apresentamos dois grandes núcleos temáticos que

⁷ O Golpe de Estado de 1930 foi o primeiro desde a introdução, por lei em 1912, do voto universal, secreto e obrigatório –para homens, maiores de 21 anos-. Concretizar-se-iam novos Golpes contra a ordem democrática em: 1943, 1955, 1966 e 1976.

confluíram no movimento de Reforma universitária, se reforçaram e enriqueceram as ideias do século latino-americano.

1.1.1- O Norte /O arielismo

O primeiro núcleo temático, que alcançou grande difusão continental foi aquele que se afirmou no livro do uruguaio José Enrique Rodó: “Ariel”. Fazendo apelo à juventude e elevando o culto da fé no porvir em mãos das novas gerações, opunha uma vida livre e harmoniosa frente a uma vida inteiramente utilitária. Esta última era localizada no grau e na modalidade de ‘civilização’ alcançada pelos cidadãos dos Estados Unidos da América (EUA). Uma vida edificada ao redor da educação do espírito se opunha a outra focada na obtenção de bem-estar material.

Todo el que se consagre a propagar y defender en la América contemporánea un ideal desinteresado del espíritu –arte, ciencia, moral, sinceridad religiosa, política de ideas-, debe educar su voluntad en el culto perseverante del porvenir. (Rodó, [1900] 1947: 144)

Conforme à proposta *juvenilista* do modernismo, esta corrente deu com um sujeito concreto nos estudantes universitários. Neles se afirmou o juízo da necessidade de um pensamento original latino-americano. Para isso, foi chave a evidencia da declinação do modelo europeu com a Grande Guerra (1914-1918) e as ações vinculadas a mudar as condições gerais das maiorias, como as Revoluções mexicana (1910-1920) e russa (1917). Mesmo com a diferença de recepção dos fatos que tinham acontecido na Europa, a Revolução russa projetava a possibilidade de começar um novo modelo de sociedade, com baseamento em novos valores. Dessa maneira, um evento alheio encaixava nas procuras daqueles que propunham pensar América como um espaço original. Além do mais, a apropriação dos estudantes dessa procura confirma a confiança, como sujeito a ser considerado na nova areia da cultura e da política, por parte dos *Maestros de la Juventud*.

Los europeos, con el pretexto de ambiciones nacionalistas; pero en realidad porque se han reproducido en exceso, seguirán destrozándose hasta que las matanzas y la emigración descongestionen de habitantes una tierra que llegó a dar más bocas que panes. Víctimas de una organización errada, no podrán enseñarnos; se limitarán a invadirnos, proporcionándonos la savia de la humanidad nueva. La mezcla libre de razas y culturas reproducirá en mayor escala y con mejores elementos el ensayo de universalismo que fracasó en Norteamérica (...) los tiempos son de lucha y los jóvenes colombianos no están

solos en la cruzada moderna. Yo he visto a la multitud estudiantil argentina en La Plata y en Córdoba proclamando libertad y justicia. Yo he oído los gritos ásperos de noble afán contenido, de la juventud chilena; y los brasileños y los mexicanos en todos estamos unidos en el mismo empeño de mejorar la condición humana, y el día que todos estos propósitos en manos de ustedes se vuelvan acción el pasado se derrumbará para siempre. (José Vasconcelos, *Carta a la juventud de Colombia*, 1923).

Dichosos los pueblos de la América latina si los jóvenes de la Nueva Generación descubren en sí mismos las fuerzas morales necesarias para la magna Obra: desenvolver la justicia social en la nacionalidad continental (José Ingenieros, *Las fuerzas morales*, [1925] 1980:13).

Um das temáticas que ocupou os estudantes reformistas carregados de ideais de renovação foi a obtenção de uma melhor qualidade do ensino, no referente à incorporação de novos professores, modificação dos conteúdos nos currículos, métodos de instrução e, principalmente, ferramentas técnicas que permitissem o ingresso definitivo da ciência às universidades. Isto se destaca entre os estudantes *cordobeses* enquanto afirmam:

Las universidades han sido hasta aquí el refugio secular de los mediocres, la renta de los ignorantes, la hospitalización segura de los inválidos y- lo que es peor aún- el lugar donde todas las formas de tiranizar y de insensibilizar hallaron la cátedra que las dictara (..) Por eso es que la ciencia, frente a estas casas mudas y cerradas, pasa silenciosa o entra mutilada y grotesca al servicio burocrático (*Manifiesto de la Federación Universitaria de Córdoba* [1918], em: Alderete, 2012: 17)

Mas foi, além do mais, uma das preocupações dos estudantes cariocas que receberam os ecos dos acontecimentos de Córdoba.

O las universidades se convierten en centros de elaboración innovadora, con el despedazamiento de su estructura, o permanecerán como organismos, artificiales, parasitarios, de los que huyó toda la savia de la opinión nacional y que se derrumbará a los estremecimientos de la primera convulsión social. (*Manifiesto de los estudiantes brasileños de Rio de Janeiro a sus compañeros en el país* [1928], em: Portantiero, 1987: 229).

Em igual sentido, foram as exigências que impulsionaram outros debates e mudanças no continente. No caso de Cuba e Peru, na procura de novos regimes de

ensino e maior qualidade⁸, os estudantes deram com modalidades organizativas que aproximaram os estudantes aos trabalhadores.

Os *arielistas* criticavam o positivismo e propugnavam por uma aristocracia de espírito, com “uma liderança comprometida com o espírito público” (Oliveira, 2005: 112). Isso foi possível pensar ao longo da América Latina, como um espaço geográfico comum, devido a que nos começos do século XX, e por conta do processo de modernização, “a diferença de regime não mais existia como elemento de diferenciação entre o Brasil e as repúblicas latino-americanas” (Oliveira, 2005: 114).

Apoiados numa rede de relações construída com antecedência é que pode se compreender na íntegra a rápida expansão das ideias *reformistas* pela América Latina e a aceitação de seus proclamas.

Os estudantes se nuclearam através de correspondência, revistas culturais e viagens, e dentre esta estratégia, própria dos estudantes universitários, a modalidade de congressos. Neles prematuramente construíram suas redes de difusão de ideias. Neste sentido, parte dos postulados *reformistas* que ganharam impulso a partir de 1918 se encontrava nas reuniões de Montevideo (1908), Buenos Aires (1910) y Lima (1912). Foi na primeira dessas cidades onde foi desenrolado o *I Congreso Internacional de Estudiantes Americanos*. Ali, as delegações puseram em comuns questões ligadas à participação dos estudantes no governo das universidades, a eleição dos professores, as mudanças nos currículos e a comparência obrigatória às salas de aula.

Talvez, uma das temáticas mais originais, que repassaram às questões gremiais puras, citadas no parágrafo anterior e que ganharia fôlego na década dos anos '60, foi a proposta da delegação chilena. Ela manifestou a necessidade de dispor de ‘*servicios de extensión universitária*’. A delegação, mediada pela proposta, propunha pôr à disposição da classe trabalhadora os recursos da universidade. Esta ideia germinal logo ganharia forma sob a experiência das ‘Universidades Populares’, que “*tended to link student leaders with labor unions and to direct the student movement toward leftist political action*” (Van Aken, 1971:458), especialmente sob as direções de José Antonio Mella, em Cuba, e de José Carlos Mariátegui, no Perú.

⁸ “*El estudiante tiene el derecho de exigir a los más sabios educadores y a las más profundas mentalidades el país, el sacrificio de su valer en aras de la enseñanza de la juventud intelectual*” (Primer Congreso Nacional de Estudiantes. Declaración de Derechos y Deberes del Estudiante, Cuba [1923], em: Portantiero, 1987:209)

Numa primeira menção, devemos fazer destaque, por haver iniciado com antecedência à Reforma universitária de 1918, a experiência da *Universidad Popular* levada adiante no México, sob o impulso do governo revolucionário, onde existiam os espaços para exercícios pedagógicos novos, e a breve experiência da *Universidad Popular* em Porto Rico, nos primeiros meses de 1918. Neste sentido, a *Universidad Popular Mexicana*, fundada em 1911, “entre los obreros difundió, en particular, conocimientos de higiene; y de conferencias para el público culto nacieron libros importantes”. (Henríquez Ureña, s/d). Seu declínio teve por causa as mudanças dos estudantes encarregados dela e as dificuldades para fazer conexão com os trabalhadores, também o fator de maior peso foi a frutífera gestão de José Vasconcelos desde a Secretaria de Educação Pública. No referente à experiência da *Universidad Popular*, em Porto Rico, ela foi promovida pelo professor argentino Julio Barcos, em maio de 1918, e teve uma curta existência, até agosto do mesmo ano. Os progressos desta experiência dependeram, em sua maioria, da vontade de Barcos, que fazia discursos em “un tono beligerante, hispanoamericanista y antiimperialista” (Melgar Bao, 1999: 50), que da recepção entre os próprios porto-riquenhos.

As Universidades Populares não alcançariam uma legitimação na íntegra até a realização do *Primer Congreso Internacional de Estudiantes*, no México, durante 1921. Devem-se destacar as atuações da *Universidad Popular* ‘Victorino Lastarria’, no Chile, desde 1918 com vinculações estreitas aos trabalhadores e a *Universidad Popular* ‘González Prada’, no Peru, desde 1922. Elas foram estabelecidas sob o influxo da Reforma e só foram apagadas pela repressão dos governos que não toleravam sua radicalidade (Melgar Bao, 1999; Klaiber, 1975).

Um elemento comum na experiência latino-americana foi a insistência dos estudantes por se aproximar ao povo trabalhador. Entre as iniciativas que sinalizaram esta proximidade, as ideias do peruano Manuel González Prada propõem uma chave de leitura. Numa conferência na *Federación de Obreros Panaderos de Perú*, em 1905, pergunta:

¿Existe acaso una labor puramente cerebral y un trabajo exclusivamente manual? (...) Cuando preconizamos la unión o alianza de la inteligencia con el trabajo no pretendemos que a título de una jerarquía ilusoria, el intelectual se erija en tutor o lazarrillo del obrero. A la idea que el cerebro ejerce función más noble que el músculo, debemos el régimen de las castas (...) El mayor inconveniente de los pensadores es figurarse que ellos solos poseen el acierto y

*que el mundo ha de caminar por donde ellos quieran y hasta donde ellos ordenen (..) ¿Qué persigue un revolucionario? influir en las multitudes, sacudirlas, despertarlas y arrojarlas a la acción. Pero sucede que el pueblo, sacado una vez de su reposo, no se contenta con obedecer el movimiento inicial, sino que pone en juego sus fuerzas latentes, marcha y sigue marchando hasta ir más allá de lo que pensaron y quisieron sus impulsores. Los que se figuraban mover una masa inerte, se hallaron con un organismo exuberante de vigor y de iniciativa. (González Prada, *El intelectual y el obrero*, [1905] 2008: 288-290).*

Este prolífico anarquista peruano não procurava equiparar a tarefa de trabalho manual e intelectual, mas afirmar a necessidade de que os trabalhadores se construíssem em seus próprios dirigentes. Se existia a possibilidade de se organizar e desencadear uma revolução, que esta tivesse origem nos trabalhadores. Para dar uma dimensão à sua proposta fazemos destaque de outro fragmento ilustrativo:

*Cierto, la doble labor del músculo y el cerebro se debe la habitabilidad de la Tierra y el confort de la vida (..) Pero el diario y exclusivo empleo de músculo se debe también el embrutecimiento de media humanidad. Los que desde la mañana hasta la noche conducen una yunta o manejan un martillo, no viven la vida intelectual del hombre, y a fuerza de restringir las funciones cerebrales, acaban por convertir sus actos en un simple automatismo de los centros inferiores (..) Si el recio trabajo del músculo alegra el corazón, aleja los malos pensamientos y fortifica el organismo, si produce tantos bienes como pregonan los moralizadores de oficio, ¿por qué los hijos de los burgueses, en vez de empuñar el libro y dirigirse a las universidades, no uncen la yunta y salen a surcar la tierra? (González Prada, *El 1 de mayo de 1907*, [1907] 2008:333)*

Com essas palavras, anunciará com antecedência alguns dos debates ao redor do espaço que assumiriam os intelectuais na América Latina. A receita de resolução a aquilo que se impunha como uma distância, que era a equiparação do trabalho das dessemelhantes ocupações intelectuais, à que acessavam os estudantes, e os trabalhadores. Além do mais, se advertia qual era o risco caso não fosse alcançado esse objetivo: que nessa distância os intelectuais cedessem à tentação de se auto-proclamar como lideranças. É, talvez, este ponto onde pode se advertir uma tensão entre aquele pensador que sugere um caminho determinado e o revolucionário que tem a pretensão de lançar a multidão à ação, e que procurariam, de diferentes modalidades, resolver os intelectuais durante o decorrer do século.

Os estudantes reformistas, sob estes influxos, perceberam-se como portadores de novos valores e se deram uma identidade⁹. A juventude, como característica de um espírito livre em busca de um porvir, deu com os *reformistas*. Protagonistas e, ao mesmo tempo, depositários das esperanças de seus ‘maestros’ e se lançaram na conquista de um pensamento original latino-americano. Nesta primeira abordagem, a desejada renovação chegaria com posições fundacionais, de quebre com o passado, constituindo uma fronteira política¹⁰. Colocados num espaço concreto, conscientes dos alcances do proclama, elaboraram uma crítica à situação vigente e uma declaração de princípios ao futuro.

Hombres de una república libre acabamos de romper la última cadena que en pleno siglo XX nos ataba a la antigua dominación monárquica y monástica. Hemos resuelto llamar a todas las cosas por el nombre que tienen. Córdoba se redime. Desde hoy contamos para el país con una vergüenza menos y una libertad más. Los dolores que quedan son las libertades que faltan. Creemos no equivocarnos: las resonancias del corazón nos lo advierten: estamos pisando una revolución, estamos viviendo una hora americana (Manifiesto de la Federación Universitaria de Córdoba [1918], em: Alderete, 2012: 17).

1.1.2- O Sul / O anti-imperialismo

O segundo dos núcleos temáticos que confluem no movimento da Reforma universitária e cobra vida próprias é o anti-imperialismo. Ainda o percurso não é linear, devido a que foi preciso superar uma primeira etapa acrítica que estimulava a imitação dos modos em que se havia desenvolvido o capitalismo nos EUA; foi durante uma segunda etapa que começou a ganhar forma uma relação de opostos irreconciliáveis. Após a superação da distinção ‘*espíritu/materia*’, ancorada na proposta *arielista*, Manuel Ugarte advertiu, desde a relevância política, esta oposição:

El censurable expansionismo político, que ha acompañado en estos últimos tiempos la legítima influencia comercial de los Estados Unidos, se ha valido a menudo de estos elementos para hacer surgir pretextos de avance o de intervención, como se ha servido también de la debilidad de ciertos gobernantes hispanoamericanos (o de la impaciencia de los que aspiraban a suplantarlos en

⁹ Essa identidade será uma identidade política a qual “*supone un principio de escisión, el establecimiento de un espacio solidario propio detrás del cual se vislumbra la clausura impuesta por la alteridad. Pero a su vez, toda identidad política busca la ampliación de su propio espacio solidario*” (Aboy Carlés, 2001:26)

¹⁰ Fronteira política será, neste trabalho, “*el planteamiento de una escisión temporal que contrasta en dos situaciones diferentes: la demonización de un pasado, que se requiere aún visible y presente, frente a la construcción de un futuro venturoso que aparece como la contracara vis à vis de ese pasado que se pretende dejar atrás*” (Aboy Carlés, 2001:28).

el poder) para obtener en alguna repúblicas concesiones y ventajas que perjudican a los naturales o comprometen la autonomía del país. (Ugarte, *Carta abierta al presidente de los Estados Unidos*, [1913] 2010: 38)

De algum modo, recobrava as primeiras observações de José Martí que percebia o perigo que representavam as ambições dos EUA: “*Lo que quede de aldea en América ha de despertar. Estos tiempos no son para acostarse con el pañuelo a la cabeza, sino con las armas de almohada*” (Martí, *Nuestra América*, [1891] 2010: 58).

Começava, assim, a se modificar as propostas nacionalistas, de imitação, e a se superar a oposição em valores por outra oposição, sustentada em ideias políticas. Isto se devia à evidencia das ambições dos EUA de impor seus interesses na América Latina (apropriação, segregação, intervenção) e, por tanto, a necessidade de pensar numa unidade latino-americana defensiva que desenhasse, além, uma corrente cultural. Os próprios EUA, desde a Guerra hispano-americana em 1898, espalharam sobre o subcontinente uma política expansiva. Porém, os estudantes, promotores do ideário *reformista*, marcaram o caminho do porvir. Ali, sentava raízes a potencia destas elaborações antiimperialistas que focalizavam no futuro promissório, em vez de aquele passado esplendoroso para ser recuperado (Kohan, 2000).

Os estudantes, originários das elites, sejam com consciência de seu atraso em relação às responsabilidades da universidade para impulsionar a modernização (Ribeiro, 1969) ou influenciados com o espírito da época, aceitaram como próprias posições vanguardistas que logo trabalhariam como confrontarias ao *status quo*. Se iniciaram, por tanto, no modernismo e no nascente anti-imperialismo (Terán, 1981). Na procura do original latino-americano, além do mais, deram uma virada ao nacionalismo liberal para pensar num “*nacionalismo de los pueblos*” (Ingenieros, *La reforma universitaria se extiende ya por toda la América Latina*, 1924).

Desde então, daquela proposta de um anti-imperialismo defensivo é que fazemos a sugestão da superposição de dois anti-imperialismos. Um deles, de raiz cultural, de fraternidade, que proclamava contra a imitação fazendo apelo a uma essência ideal latino-americana, em confronto com um utilitarismo, à vida só relacionada aos bens materiais. Ao tempo, estava nascendo outro, um anti-imperialismo de caráter mais político, que era defensivo porque apelava à união latino-americana para se defender do expansionismo, mas na medida em que se espalhava, ganhava adesões,

maior virulência no contato com os acontecimentos do período. Assim, as observações de José Martí e, logo, Manuel Ugarte seriam recobradas sob novas interpretações dos *jovens reformistas*.

En la memorable lucha, la universidad fue para la juventud una especie de microcosmos social. Descubrió el problema social. Y ligado a su dramático destino. Bien pronto advirtió que estado, sociedad, universidad, se alimentaba de la misma amarga raíz (...) ese sentido tienen las vicisitudes del movimiento reformista, que ha dado con sus límites y los ha rebasado también. Los guardias de asalto del capitalismo y los cuadros del ejército custodian la universidad donde la ciencia se empobrece y la pobreza espiritual cobra rango. (Roca, ¿Qué es la 'Reforma Universitaria'?, [1936]).

En lo que a Cuba se refiere, es necesario primero una revolución social para hacer una revolución universitaria (Mella, ¿Puede ser un hecho la Reforma universitaria?, [1925], em: Sader et al., 2008: 217)

Aqueles estudantes que se iniciaram no *reformismo*, intervieram, logo, nos espaços da cultura, como conselheiros editoriais e diretores de revistas; e na participação direta em partidos políticos.

No que refere a um dos projetos levados adiante por maior número de reformistas e que davam conta de um trabalho continuado foram as publicações. Dentre as revistas mais importantes da história política e cultural, que se nutriram do latino-americanismo do *reformismo*, podemos fazer menção da peruana *Amauta*, impulsada por Mariátegui, desde 1926 e da costa-ricense *Repertorio Americano*, de Joaquín García Monge, desde 1919. Nelas,

Tanto los autores de diversos países del continente que escribían en esas publicaciones como los contenidos explícitos de los artículos, se vinculaban directamente con la prédica americanista de los reformistas. Varias de esas revistas tenían secciones dedicadas especialmente a cuestiones universitarias o ligadas a una perspectiva continental (Bergel, 2012: 24)

Ao momento de fazer destaque da participação dos reformistas em partidos políticos, por exemplo, na Argentina, a incorporação dos *reformistas* ao Partido Socialista (PS) tinha a ver com a possibilidade de alcançar os objetivos do *reformismo universitário* no contexto de uma discussão democrática. Dessa maneira, o PS viu engrossadas suas fileiras e a discussão de ideias, com muitos reformistas que haviam exercido ou ainda tinham incidência nas salas de aulas das universidades. Essa particularidade deu-lhes um espaço de destaque na representação parlamentar.

Paradoxalmente, a aposta democrática era traída em cada eleição devido à fraude eleitoral. O mesmo foi utilizado pelo regime governante desde o Golpe de Estado, em 1930 contra o Presidente Hipólito Yrigoyen, até a interrupção dessa fraca aliança, com um novo Golpe de Estado, em 1943.

Outras das incorporações dos reformistas nos partidos políticos foi o projeto da *Alianza Popular Revolucionaria Americana* (APRA) peruana. Seus fundadores propuseram um movimento de alcance continental que reunisse os esforços aos fins de concretizar a ideia do anti-imperialismo.

Neste sentido, os jovens reformistas ao calor do espírito da época, promoveram projetos com a modalidade já apreendida, mas com novo ar. Sentiram-se protagonistas e, com isso, o proclama se percebeu mais concreto ainda. Os reformistas, dessemelhantes de seus antecessores no espaço das ideias, incorporaram como elemento próprio as construções sobre sua identidade. O proclama anti-imperialista, a procura de uma essência própria, e as virtudes morais que podiam se encontrar em nosso continente eram parte da proposta de trabalhar numa ideia diferente de América Latina. Essas ideias iniciais foram adicionadas aos fatos que davam indícios de um final de época. As reflexões frente ao outro expansivo obrigaram pensar não só em uma unidade continental no nível cultural como também no político. Foi neste amadurecimento que o reformismo começou a pensar-se fora dos muros das Universidades e tentaram alcançar com outras ferramentas a difusão de suas ideias. Seja no campo da cultura, seja no campo da política partidária, os estudantes reformistas começavam novos trajetos profissionais. Com o mito do '18 nas suas costas, a experiência ganhada, retomaram as redes construídas pelos seus mestres e se lançaram ao proclama latino americanista.

La juventud ya no pide. Exige se le reconozca el derecho a pensar por su propia cuenta. Exige también que se le reconozca el derecho a exteriorizar ese pensamiento propio de los cuerpos universitarios por medio de sus representantes. Está cansada de soportar a los tiranos. Si ha sido capaz de realizar una revolución en las conciencias no puede desconocerle la capacidad de intervenir en el gobierno de su propia casa. La juventud universitaria de Córdoba por medio de su Federación saluda a los compañeros de la América toda y les incita a colaborar en la obra de libertad que inicia (Manifiesto de la Federación Univeritaria de Córdoba [1918], em: Alderete, 2012:22).

1.2- Os estudantes e o povo.

Seriam aqueles estudantes universitários os quais concretizariam o ideal do sujeito do modernismo, modelo de renovação, em originalidade e em ímpeto. Nesse sentido, não só foi relevante a apropriação dessa chamada, mas foram interpelados, no igual sentido, pelos intelectuais de maior incidência sobre este coletivo, seus *Maestros*, entre os quais lembramos a José Ingenieros, Alfredo Palacios e José Vasconcelos¹¹.

Esses homens de ideias sugerem nos deter sobre as questões dos estudantes. Quem compartilharia a difusão das ideias e como sentiram-se interpelados a participar das mudanças nas suas sociedades? De alguma maneira, como participariam os estudantes, que trocaram seus projetos e práticas desde a incorporação do *reformismo* para se aproximar a outro modelo civilizatório com uma menor distancia com o povo?

Nos começos do século XX, os intelectuais se encontravam em um processo de diferenciação. Até então, as funções intelectuais não ficavam alheias ao exercício da política e se encontrava nas mãos das mesmas elites que organizavam a vida nacional. Com o modernismo, começa-se a pensar a função do intelectual separada do exercício da política, como uma profissão específica (Altamirano, 2010). Porém, o saber antes detido por um mesmo grupo com incidência na política, na economia e na direção das universidades foi perdendo espaços até uma profissionalização do conhecimento, até que deixou de ser uma prática diletante para se transformar num meio de vida diária. América Latina ganhava um espaço entre estes novos profissionais, resultados da vida moderna, sob o influxo do *arielismo*, o anti-imperialismo e a Reforma. Havia, por tanto, outras condições para considerar uma maior afinidade entre estes intelectuais, que trabalhavam com novas ideias desde um espaço social diferente. Assim sob uma nova perspectiva, a distância, antes infranqueável, com outros trabalhadores começava a se perceber menos rígida.

Porém, no referente à matriz cultural, possivelmente umas das questões mais revistadas sobre o atraso das sociedades seja o espaço outorgado aos homens de ideias. Eles teriam adotado modelos ideais, copias e traduções mecânicas daquilo que

¹¹ Ciria y Sanguinetti (1968) fazem a indicação que alguns valores individuais -entre os quais lembramos aos independentes José Ingenieros e Alejandro Korn, e aos socialistas Alfredo Palacios, Manuel Ugarte e Mario Bravo-, “*prestaron su adhesión al movimiento cordobés de 1918 y contribuyeron a su éxito*” (Ciria y Sanguinetti, 1968:23). Essa interpretação põe atenção mais sobre os *Maestros* que sobre os *reformistas*, ao momento da difusão dos ideários da Reforma na América Latina.

aconteceu em outras geografias, aonde desejavam chegar, à conquista dos homens de uma terra de esplendor. Esta adoção, segundo a elaboração comum, no contexto de uma leitura distorcida de suas realidades teria provocado uma distância profunda com o povo. Ao longo do século XX se produziram algumas aproximações que deixaram o povo se manifestar, apresentar-se por si, outorgar-se um caráter visível, sempre em oposição ao grupo ilustrado e sob a guia de uma liderança. É esta a distância que se propuseram cortar os estudantes *reformistas* com a fundação das Universidades Populares. Alcançaram seu zênite e maior esplendor sob as direções de Antonio Mella, em Cuba (1923- 1927), y de José Carlos Mariátegui, no Peru (1923-1924). As duas foram fechadas pelas suas atividades, desafiantes das autoridades e o *statu quo*.

Um caso que merece destaque neste processo é aquele que se deu no Peru em 1918-1919. Houve, então, uma convergência do movimento operário, com greves contra a carestia de vida, e os estudantes, que promoviam uma Reforma universitária ao modo daquela conquistada em Córdoba. Seguindo Portantiero (1979), aqui foi maior essa convergência devido à intransigência dos governantes a resolver essas reivindicações. As figuras de Víctor Haya de la Torre e José Carlos Mariátegui ganhariam visibilidade por suas posições favoráveis aos protestos. Aquele por sua participação no movimento estudantil, este por sua profissão de jornalista (Kaysel, 2013). Ambos, arquétipos do estudante reformista e o intelectual profissional comprometido com uma ideia original de América Latina.

Porém, uma polêmica se produz entre Víctor Haya de la Torre e Julio Antonio Mella, em ocasião da orientação que teriam as transformações na América Latina. Fazemos destaque, brevemente desta disputa, devido consideramos marca duas posições antagônicas sobre o exercício que pretenderam os homens de ideias no continente e sua forma de se vincular ao povo.

Do México, onde se encontrava exilado, Mella escreve, em 1928, o folheto: *¿Qué es el ARPA?*¹². Nele retoma os desenvolvimentos que eram difundidos na imprensa pela *Alianza Popular Revolucionaria Americana (APRA)* especialmente pelo

¹² Fazemos destaque, seguindo a Kohan (2000) que Mella troca com intencionalidade a ordem das siglas ao fim de incomodar aos *apristas*. Arpa, em referência ao instrumento musical, por conta que ele queria fazer ênfase que o APRA podia servir para fazer música bonita, mas não para se concretizar nas mudanças materiais que precisavam as sociedades latino-americanas, em apelo ao conteúdo por uma verdadeira luta emancipatória.

artigo *¿Qué es el APRA?*, publicado em espanhol em 1927, por essa organização. O APRA foi significado por Mella como um:

Movimiento, nacido de un grupito de intelectuales, [que] ha pasado de ser una simple especulación juvenil y se ha dedicado a atacar en privado –no hay valor moral y sería mala estrategia hacerlo en público- a la Revolución Rusa, a los comunistas y a todos los obreros verdaderamente revolucionarios (Mella, [1928], 2011:103)

Identificados pelo autor como oportunistas e representantes do ‘reformismo latino-americano’¹³ seu principal ponto de ataque se orienta à base social do movimento. Homens e mulheres com vocação ao mundo das ideias, isolados dos trabalhadores, que orgulhosos demais, desconheciam os aportes realizados por Lenin no referente ao papel do imperialismo naquela etapa do capitalismo e, fundamentalmente, dos partidos proletários da América Latina. Apresentado no ponto terceiro do seu Programa¹⁴, uma “*nacionalización de tierras e industrias*” (Haya de la Torre, *¿Qué es el APRA?*, 1927) só seria equiparável à socialização dos médios de produção caso fossem os trabalhadores aqueles que acessem a estes por causa de uma revolução.

Na linguagem ambígua do texto original de Haya se pode advertir um esforço por se distanciar dos usos terminológicos dos comunistas: “*el poder político debe ser capturado por los productores*”. (Haya de la Torre, 1927) [Sem grifo no original]. A ausência de uma resposta prática de como deveria ter sido alcançado este objetivo foi outro alvo de críticas.

A disputa deve se matizar devido aos esforços de Haya por se erigir como uma figura política com capacidade de “*hegemonizar la extendida sensibilidad antiimperialista que se desplegaba en el continente*” (Bergel, 2005, s/d); mesmo que só fosse uma estratégia baseada na infra valoração dos comunistas e numa sobre estimação das reais forças do *aprimo* aos fins de promover seu próprio projeto no Peru.

Como já foi mencionado, as objeções principais de Mella no referente à base constitutiva do movimento *aprista* e a carência de ações concretas alcançavam esta dissidência. Para Mella aqueles que seriam as lideranças das mudanças na América

¹³ Neste discurso ‘reformismo’ faz expressa menção como oposição ao conceito ‘revolucionário’.

¹⁴ Os cinco pontos principais do Programa máximo do APRA: 1. Ação contra o imperialismo yanque; 2. Pela unidade de América Latina; 3. Nacionalização de terras e indústrias; 4. Internacionalização do Canal do Panamá; e 5. Solidariedade com todos os povos e classes oprimidas do mundo (Haya de la Torre, *¿Qué es el APRA?*, 1927). [Tradução própria].

Latina eram os trabalhadores, onde os professores e estudantes só tinham um papel secundário. Estes não eram parte genuína da classe trabalhadora. Todo recurso por parte de Haya de se apoiar no indo-americanismo, os intelectuais e a juventude, não era visualizado por Mella senão como uma motivação para levar a menos o papel dos trabalhadores no movimento, desconhecendo suas capacidades de organização, luta e emancipação. O *aprismo*, com dificuldades para se afirmar nas bases trabalhadoras, as excluía dos planos do APRA e, ao momento, o movimento adquiria uma maior distância da realidade de América Latina: a consolidação dos trabalhadores ao redor de suas próprias organizações.

De alguma maneira, os intelectuais sentiram-se próximos à Frente dos trabalhadores, proposta pelo APRA, onde eram valorizados os jovens educados nas universidades. Porém, esta posição resultaria desconfortável seguindo os padrões das organizações com projetos revolucionários.

Nesta batalha de ideias, que se exemplifica com o debate entre Haya e Mella, recobramos: o discurso anti-imperialista, na proposta de construção de uma organização de luta contra o imperialismo e as classes governantes auxiliares; e a união numa Frente de trabalhadores manuais e intelectuais com a finalidade de levar adiante ações anti-imperialistas. Porém, o transfundo desta polêmica é o papel protagonista dos trabalhadores e o povo, e o papel auxiliar dos intelectuais, não só como era lembrado por Mella, senão mesmo por Mariátegui, no próprio Peru, e mais antigamente por González Prada. Assim, através destes polemistas voltava à palestra um debate que ainda não seria encerrado.

Como já advertimos, uma das modalidades em exercício dos estudantes que se aproximaram aos trabalhadores foram as experiências das Universidades Populares. Porém, as breves existências sob os projetos mais radicais de Julio Antonio Mella e José Carlos Mariátegui dão conta das limitações.

Destacamos, com ênfase, as Universidades Populares por considerarmos que foram uns dos ensaios mais genuínos dos jovens intelectuais de aceitar sua missão civilizadora de '*ir al pueblo*'. Mesmo que nem todas foram bem-sucedidas, com o fôlego ganhado pela Reforma universitária se aproximaram bem mais às realidades dos trabalhadores, concretizando as primeiras proposições dos *reformistas* de ligar às

universidades ao povo¹⁵. Esta inquietação genuína dos estudantes não acabou com o fechamento intempestivo das Universidades Populares pelos governos autoritários. Desde um estágio de latência cobraria novos impulsos depois da segunda pós-guerra européia. Eles teriam sido conclamados aos fins de suturar a distância com suas sociedades. O papel de técnicos, proposto pelo modelo civilizatório das ‘Teorias do desenvolvimento’, aguardava por eles. Então, as mudanças na estrutura social, com a ampliação das classes médias, sua profissionalização, e a expansão administrativa do Estado alcançaram, igualmente, a Universidade. Esta aumentava numericamente e recebia as pressões da diversidade e da democracia.

Estas experiências começariam a ganhar outro sentido, mais próximo a uma cultura de esquerda, mas não seria senão até o crescimento do trabalho industrial nas cidades e o contato dos trabalhadores que estreitaria essas relações. No caso particular da Argentina, com o final do governo *peronista*, por causa do Golpe de Estado de 1955, esta distância cobrou evidencia para muitos homens de ideias. Eles procuraram resolver esta questão aproximando uma leitura do povo, sua cultura política, para acolher numa nova interpretação da história da Nação. Surgiram então as revisões, histórias críticas, desde os oprimidos, que estimularam e enriqueceram os debates. As mudanças na estrutura social ao longo do século, o impacto da profissionalização dos trabalhadores das ideias e a relação que eles tentavam afirmar, aproximaram dentro da cultura das esquerdas aos intelectuais como parte, não daquela classe ilustrada, mas da nova classe média (Altamirano, 2005). Com aquilo, ganhou-se um possível aliado na concreção de projetos políticos que tivessem mais a ver com a vida cotidiana do povo. Logo, com o tempo, estes debates, receitados sob as lentes da esquerda, a esperança heróica sustentada pela onipresença da experiência cubana (Terán, 2008) e a irrupção da política na vida cotidiana, abririam um novo capítulo na história da América Latina e nas disputas entre intelectuais, daquelas que o *reformismo* universitário teria uma leve estela.

¹⁵ Mesmo no Brasil, onde ainda não tinha sido conquistada a Reforma, a reivindicação cobra novo ar nos anos sessenta. Nesse contexto os estudantes afirmavam: “b) abrir a universidade para o povo, por meio da criação nas faculdades de cursos acessíveis a todos; utilizar os diretórios acadêmicos como organizadores (ou as próprias faculdades) de cursos de atualização de adultos (ao alcance de qualquer faculdade), de cursos de mestre-de-obras nas escolas de Engenharia, cursos para líderes sindicais nas faculdades de Direito. Promovê-los não só nos prédios das escolas, como também em favelas circunvizinhas de fábricas de bairros operários. Na América Latina essa iniciativas recebem a denominação de universidades populares;” (Compromisso com as classes trabalhadoras e com o povo, UNE, Declaração de Bahia, 1961)

Além do mais, no decorrer do tempo, as mudanças estruturais nas sociedades latino-americanas, e a profissionalização das tarefas que levariam adiante os jovens impregnados pelo *reformismo*, ainda ficava sem resolver a proximidade com o povo trabalhador. Foi por tanto um debate sem encerramento, vigente ainda nos começos dos anos sessenta. Quando já havia acontecido a Revolução cubana, mas ainda ressoava como um eco de longe.

1.3.- Nem tão desenvolvidos nem tão modernos.

No referente às aproximações para interpretar as dificuldades com as quais contava a região latino-americana, ou como podia se aproximar das análises minuciosas da realidade para resolver estas barreiras, procuramos proposições elaboradas por intelectuais da época, para logo aprofundar nas posições dos próprios estudantes. Determo-nos, nesta primeira seção, sobre o ‘desenvolvimentismo’ e a ‘modernização’ devido às linhas que sugerem uma continuidade para sua abordagem no contexto deste trabalho e do período.

Com posterioridade à Segunda Guerra Mundial, e no marco ideológico da Guerra Fria, foram ensaiadas propostas para encaminhar as ‘sociedades tradicionais’ até o patamar de ‘sociedades modernas’. Isto é, ultrapassar os obstáculos e as dificuldades de algumas sociedades latino-americanas, que tinham características particulares no social e no político aos fins de alcançar a plenitude de seu estágio civilizatório. Estas avaliações foram realizadas sob a leitura de sociedades ideais, não longe demais do modelo dos Estados Unidos da América (EUA). Daí as sociedades latino-americanas deviam desejar alcançar aquele nível de desenvolvimento e modernidade por conta que o caminho era irreversível. Foi então que essas propostas encontraram ecos nas ‘Teorias do desenvolvimento’, nos anos 50, onde o desenvolvimento dependia em grande parte da passagem de precisas ações com uma intervenção ativa do Estado. Este aproveitaria o mercado interno para estimular o consumo e a diversidade de mão de obra com a finalidade de elaborar novos produtos com a incorporação de tecnologia. Foi nos mediados da década que se corrigiu esta proposta com a adição da necessidade de melhorar a distribuição da renda ao interior das sociedades.

Porém, ao ingressar na década de 1960 ainda não se tinham alcançado os objetivos e resultados ambicionados; haviam aproveitado a conjuntura internacional e as

estruturas econômicas nacionais, ao tempo que se concretizaram melhorias no referente a uma maior eficiência do aparelho do Estado e à infra-estrutura para o transporte de produtos, ponto nevrálgico do credo desenvolvimentista.

O desenvolvimento, que continha a ideia do subdesenvolvimento, não podia ser alcançado e começaram a ter circulação novas ideias para tentar compreender que é aquilo que estava acontecendo na América Latina. Quais eram as causas daquele ‘atraso’? Havia alguma ocorrência além das condições econômicas estruturais e capacidades ociosas para concretizar o desenvolvimento? Um dos textos de referencia de uma nova corrente crítica propunha que o desenvolvimento era:

El resultado de la interacción de grupos y clases sociales que tienen un modo de relación que les es propio y por lo tanto intereses y valores distintos, cuya oposición, conciliación o superación da vida al sistema socioeconómico. La estructura social y política se va modificando en la medida en que distintas clases y grupos sociales logran imponer sus intereses, su fuerza y su dominación al conjunto de la sociedad. (Cardoso y Faletto, [1967] 1999: 18)

Este trabalho pioneiro procurou aprofundar sobre quais eram aqueles obstáculos que impeliam alcançar o desejado desenvolvimento, e recorreu ao conceito de dependência, que combinava fatores econômicos, o desenvolvimento, ao lado de fatores políticos, da dominação. Havia, por tanto, a possibilidade que uma sociedade pudesse “*sufrir transformaciones profundas en su sistema productivo sin que se constituyan al mismo tiempo en forma plenamente autónoma los centros de decisión y los mecanismos sociales que lo condicionan*”. (Cardoso y Faletto, 1999: 25). Seguidamente, os autores descreviam o caso paradigmático das economias da Argentina e Brasil, que se haviam encontrado numa situação ideal ao finalizar a etapa de substituição de importações e estar ‘economicamente maduras’ para iniciar a produção de bens de capitais. Porém, não conseguiram melhorar sua autonomia nem reverter seus condicionantes.

Desde um enfoque institucionalista, e em outra procura de explicações do fracasso do ‘decolar’ das nações latino-americanas para alcançar o desenvolvimento, Kathryn Sikkink (1993) destaca que para a consecução com sucesso de uma política econômica é necessária a existência de instituições sólidas e duradouras, relativamente isoladas do ‘jogo político’, e com procedimentos de mérito para o recrutamento, capacitação e promoção. Neste sentido, a autora faz destaque como foi concretizada a

política do credo desenvolvimentista com maior sucesso no Brasil, sob a presidência de Juscelino Kubitschek (1956-1961), que na Argentina, sob a presidência de Arturo Frondizi (1958-1962). A causa dessa diferença foi a existência de estruturas e condições dessemelhante das burocracias que herdaram das administrações anteriores. Esta foi resultado do processo de profissionalização da burocracia durante o período de crescimento da participação do Estado na economia, com Vargas e Perón. (Sikkink, 1993).

Também, aproveitar a capacidade instalada da economia, a possibilidade de substituição de importações, de incorporar tecnologia, de levar adiante ambiciosos projetos de infraestrutura estava ligada à aceitação de um modelo de capitalismo. O mesmo oscilava entre a complementaridade de orçamento público com o capital nacional, com isso a aceitação da existência de uma ‘burguesia nacional’; e a incorporação do capital internacional, por meio de empréstimos e empreiteiras multinacionais, com a ausência de interesses próprios de uma burguesia local. Estas duas posições foram debatidas e se advertiram com maior clareza, no cenário político do Brasil, até a ruptura da ordem constitucional com o Golpe de Estado de 1964, onde a última destas posições se impõe (Dos Santos, 2003).

Parte dos debates que atravessaram e enriqueceram os estudantes universitários do período mantinham esses modelos em pugna.

Outra das leituras que se aproximaram à realidade dos obstáculos que se encontravam na região para se inserir no desenvolvimento foi aquele oferecido na proposta da ‘modernização’ de Guillermo O’Donell (2011). Dois fatores se reúnem no argumento do autor. Produz-se, num momento, a incorporação de grandes contingentes de trabalhadores a direitos políticos. Mas, em outro momento, se concretizou uma expansão econômica (devida, em grande parte às restrições do pós-guerra européia) que conseguiu a substituição de importações de bens de consumo, outorgando benefícios à população com níveis de conforto inéditos. Esta combinação de fatores semeou nos sujeitos *expectativas* de, no final, “*despegar hacia un crecimiento sostenido*” (O’Donell, [1972] 2011: 78)¹⁶.

¹⁶ Neste parágrafo, a palavra ‘expectativa’ é nossa. Curiosamente o autor utiliza uma linguagem do pensamento econômico racional ao longo de todo seu trabalho, mas no momento de se referir ao fenômeno particular utiliza a palavra ‘otimismo’, que achamos mais própria de outra linguagem, visando nas argumentações propostas pelo registro econômico.

Ele focaliza a atenção, no igual sentido dos autores aos quais já fizemos menção na seção anterior, na Argentina e no Brasil. Neles haveria se superado um período de dominação oligárquica, baseado na exploração e exportação de produtos agrários, em favor da implantação de governos de coalizão, que fizeram suas apostas na industrialização interna e na expansão do mercado interno. Este processo se apoiou nas tarefas de administração do governo, e com isso na maior dimensão do serviço público; e na expansão do trabalho industrial urbano, num correlato no grau de sindicalização e acesso aos direitos políticos.

O período expansivo da industrialização, porém, finalizou por causa das dificuldades: para aprofundar a elaboração de bens intermédios e de capital; y para solucionar os problemas da balança de pagamentos. As crises econômicas seguiram-se de crise política (suicídio de Getúlio Vargas e Golpe de Estado contra Juan D. Perón) e deixaram os trabalhadores urbanos, principalmente, melhor organizados. Um horizonte ainda mais complexo, onde os velhos sujeitos, vinculados ao setor agrário-pecuário, não podiam recobrar suas influências e os novos, trabalhadores industriais urbanos, faziam pressão por conquistar suas demandas.

O conceito de modernização, que propõe o autor como eixo de seu argumento, se utiliza para:

Estudiar cambios ocurridos dentro de un contexto nacional global que mantiene (...) básicas rigideces de dependencia y distribución sumamente desigualitaria de recursos de todo tipo (incluyendo, pero no solamente, los recursos económicos). Dado ese contexto global las posibilidades de crecimiento económico son muy limitadas (...) Además, la alta modernización tiende a generar tasas crecientes de activación política popular. (O'Donell, 2011: 91)

O racha entre diferenciação social e integração, que faziam a complexidade da modernização, na medida em que não era solucionada satisfatoriamente provocava tensões conflitivas. Maior era o conflito quando se apresentava o dilema para superar o 'atraso' econômico. Segundo este, os próprios trabalhadores, que percebiam vulnerados seus direitos políticos, ao tempo deviam suportar o custo econômico, com inflação e carestia de vida, para consolidar o caminho até o desenvolvimento. Também, os debates que se sucederam sobre a participação do Estado, a incorporação do capital estrangeiro e o desenvolvimento de recursos estratégicos, como o petróleo, não eram uma novidade.

Lo más novedoso era la dramatización de estos temas, definidos como clave de la vida colectiva nacional, en el marco de una dramatización general del

cambio económico y social. Las reformas que exigía el desarrollo no sólo eran necesarias, eran impostergables y acuciantes, su cumplimiento apenas si dejaba ya tiempo. (Altamirano, 2007: 77).

Devido aos conflitos e tensões, o desenvolvimentismo se pensou como uma série de mudanças graduais, mediado por reformas, dentro do marco da democracia representativa (Altamirano, 2007). Com a finalidade de superar as dificuldades, foram depositadas expectativas para superá-las por meio de recurso ao exercício profissional nos papéis tecnocráticos. Quem os impulsava, confluíram em torno de uma coalizão golpista que se afirmou sobre uma modernização diferente. Para consegui-la deveria-se implementar um modelo de governo 'burocrático autoritário', que excluísse (simbólica, econômica e politicamente) os trabalhadores industriais urbanos recentemente incorporados a essas sociedades (O'Donnell, 2011).

Até aqui, foram recolhidas duas análises originais sobre os obstáculos e as dificuldades que poderiam explicar, de alguma maneira, a situação do estancamento econômico em que se encontravam as sociedades latino-americanas e a conformação de novas associações entre sujeitos com incidência nas decisões governamentais e no capital estrangeiro. A decisão de anular os direitos políticos a grandes sectores da população não era alheia à consolidação dos sectores privilegiados em sua influência, mesmo em oposição ao 'capitalismo sem democracia'. O desenvolvimento destas análises sobre o estado das sociedades latino-americanas e os obstáculos para alcançar os níveis desejados de civilização, independência e modernização sugerem nos descaminhar as propostas dos estudantes. Sobre se ainda não estavam esgotadas todas as variantes dentro das reformas graduais (econômicas, políticas e sociais). Sobre se sob as condições que estavam se desenrolando essas mudanças não finalizaria, nem sequer num prazo médio, nem de maneira frutífera para a maioria do povo. Recuperar leituras, como aquele anti-imperialismo, se apresentou para os estudantes como uma alternativa válida.

Uns parágrafos especiais merecem a irrupção da Revolução cubana devido ao seu impacto na América Latina. Sua influência não foi só no campo das esquerdas, onde foram provocados rachas no interior dos Partidos Comunistas. Além do mais, mudaram os posicionamentos "agindo diretamente sobre as forças políticas e suas linhas de ação" (Sader, 1991: 162), os debates de ideias e as transformações culturais.

Las generaciones educadas en el período de vigencia de la Constitución de 1946 no habían enfrentado, en la época de su formación, ningún trauma claro hasta la irrupción del Golpe de 1964. Y sólo encontraron un polo catalizador para su antiimperialismo con la Revolución Cubana de 1959 (Ridenti, 2010: 390).

A leitura e apropriação da Revolução cubana por conta da esquerda brasileira é um dos exemplos ao momento de fazer uma análise sobre os influxos. Se existiam tensões ao interior do campo das esquerdas, o sinal marcante

Tem a ver com seu caráter de ‘libertação nacional’, enquanto ela se forjou como um movimento anti-imperialista, mas se multiplicou quando a natureza de revolução socialista foi assumida diretamente pelos revolucionários cubanos. Esse duplo aspecto potencializou sua influencia, no momento em que o Brasil vivia a entrada em um regime ditatorial e, ao mesmo tempo, o capitalismo brasileiro vivia momentos de crise. (Sader, 1991:162).

Houve, porém, uma distancia temporal entre os acontecimentos desenrolados em Cuba e suas leituras nas diferentes geografias. No caso brasileiro, esses conflitos não repercutiram no espaço das esquerdas até o racha de 1962. Também, conquistaram toda sua dimensão, sobre as práticas dos militantes, uma vez concretizado o Golpe (Sader, 1991).

Assim, a Revolução cubana foi “desafiante ejemplo latinoamericano de solución radical a los problemas del atraso” (Altamirano, 2007: 74). Também, o anti-imperialismo ia além de uma ideia antiga. Ele formava parte do esquema teórico do desenvolvimentismo, levado à prática pelo Presidente Frondizi (1958-1962), que esgotou sua proposta quase ao tempo em que nasceu¹⁷.

Produz-se um profundo desencanto dos profissionais, graduados das universidades, pelo *frondizismo*. Ele havia chamado a suas fileiras a ciência e a tecnologia para impulsionar o desenvolvimento independente. Porém, os planos mudaram velozmente, devido a suas fraquezas para se manter no poder, e forjou novas alianças com capitais internacionais e as forças conservadoras. Daí resignou duas políticas sensíveis para seus partidários: o petróleo e as universidades particulares.

A relevância dos fatos acontecidos em Cuba alcançou caráter mítico não só pela proximidade espacial e contestatória ao imperialismo; foi uma luz de esperança para

¹⁷ Antes de acessar à presidência da República, o livro programático das ideias de Arturo Frondizi se titulava: “Petróleo y política. La lucha antiimperialista como etapa fundamental del proceso democrático en América Latina” [1954] (Terán, 1991:129)

todos aqueles que desejavam pensar e atuar sobre as realidades angustiantes do continente. Também, depois do ensaio de Frondizi, começaria a se gestar com maior fortaleza uma síntese. Nem aqueles estudantes condutores do Povo, vanguarda e beneficentes dos trabalhadores; nem aqueles outros que viam a luta de classe segundo o padrão soviético. De alguma maneira, Cuba salvou os estudantes de ficarem novamente nas margens das sociedades. Poderiam atuar, sim. Mas agora, para trabalhar sobre o atraso de suas sociedades só deveriam recuperar o caminho de um nacionalismo anti-imperialista. Este voltava os olhos para América Latina e detinha, numa arriscada proposta, uma infinidade de versões do socialismo.

1.4. - Sobre os estudantes e desde os estudantes

No que tange propriamente ao mundo dos estudantes, e para fazer destaque do processo latino-americano como uma proposta inédita, detalhamos algumas das ideias que se propuseram não abandonar a originalidade marcante das origens. Porém, nos deteremos em breves análises de estudos clássicos que tentaram um esforço ao fim de ilustrarem a realidade da região. Logo, como é que foram enunciados alguns problemas pelos próprios estudantes. Esta menção se faz levando em conta as apropriações, dos debates e das ideias, as quais fizemos referencia nos apartados anteriores.

Estudiantes y política en América Latina (Solari et al.) foi publicado em 1968, organizado como coletânea de trabalho sobre a temática. Ele conta com uma marcante ideia desenvolvimentista, com uma abordagem sociológica que não só fez destaque das características gerais das universidades e o seu andamento, na região, mas além, detalhava os perfis dos estudantes desde a origem social, as pautas de socialização e o ativismo estudantil. Propunha identificar fortalezas e debilidades dos estudantes como categoria social e, principalmente, sua função na sociedade latino-americana na qual estavam inseridos. Ali, as demandas reais de transformação das universidades davam com os obstáculos da distribuição de poder ao interior, mesmo, das referidas sociedades.

No referente ao segundo destes trabalhos pioneiros, *Estudiantes y política en América Latina* (Portantiero, [1978] 1987), foi escrito em 1969 e publicado originalmente em italiano em 1971. Resulta, mesmo, uma análise sociológica sobre as mudanças acontecidas nas sociedades latino-americanas e o perfil dos estudantes. Faz destaque, o estudo, além de levar em conta a origem social dos estudantes, variável

clássica até então, os valores incorporados pelos estudantes durante seu trajeto pela instituição universitária. Esta incorporação faria deles mais permeáveis às injustiças das sociedades desiguais. Outra das características deste trabalho é a consideração dos estudantes, ao mesmo nível que os intelectuais e os técnicos numa sociedade capitalista, como “*fuera de trabajo calificada en formación*” (Portantiero, 1987: 24). A crise que atravessava as universidades era estrutural, por causa da tensão entre o crescimento da matrícula, que podia considerar-se como uma democratização da composição do público das universidades, e as expectativas de assenso social, promessa dessa fase do capitalismo.

Assim, para Solari o estudante afirmava se como conceito a partir de seu rol dentro da universidade, segundo suas atividades, sua relação com outros estudantes e sua origem social. Guardava, além, no seu rol de universitário o dever de desempenhar um papel social de destaque devido a sua situação privilegiada na sociedade. Por enquanto, para Portantiero o estudante se afirmava como conceito na sociedade capitalista na qual se relacionava a partir de sua relação com o mercado de trabalho. Transcendia, assim, sua crítica à organização do ensino na direção de uma crítica das desigualdades sociais, onde a universidade não ficava às margens da vida cotidiana dos trabalhadores sob o *capitalismo tardío dependiente* (Portantiero, 1987).

Nestas duas primeiras aproximações ao conceito de estudante, e à análise sobre eles na América Latina, resultam de relevância para marcar não só o ponto inicial, a situação estrutural crítica do ensino e os estudantes; mas para acessar uma ideia de como eram abordados os estudantes como categoria social, com capacidade para atuar ou se relacionar com outros sujeitos do período.

Ambos os trabalhos apresentam a política como um dado da realidade, outorgada pela sua pertença a uma classe social ou pela aquisição de certos valores ao interior da universidade, possivelmente até com alguma relação ao caráter geracional dos estudantes. Porém, estas abordagens analíticas das sociedades deixam pouco espaço de autonomia aos sujeitos. O que acontecia nessas sociedades desiguais? Quais eram as referências dos estudantes com relação às ideias e ações de outros sujeitos?

Na procura de uma resposta, recuperamos dois estudos bem diferenciados, do mesmo período e sobre os estudantes. Nestes trabalhos, em contraste com os anteriores, se introduzem a participação política dos estudantes como sujeitos ativos.

Movimento estudantil e consciência social na América Latina (Albuquerque, 1977) caminha no sentido de uma análise geral. Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada na Bélgica durante 1968, com estudantes do continente latino-americano que se encontravam desenvolvendo estudos lá. Com propósitos teóricos, se propõe articular uma interpretação das condutas exclusivamente em termos de processo adaptativo e outra interpretação das condutas em termos de ação, ao fim de resolver sobre “o sentido dado pelos atores a sua participação no movimento estudantil” (Albuquerque, 1977). Nele põe-se em questão o movimento estudantil com a autonomia própria de um movimento social devido à origem social dos estudantes e à característica de sua mobilidade, seu estágio transitório. Neste sentido, conclui que “a base social assumida pelo movimento estudantil latino-americano varia de acordo com o tipo de problema que a sociedade se coloca em uma conjuntura dada e segundo as alianças que trava com outros atores coletivos” (Albuquerque, 1977: 188).

O outro texto do qual desejamos fazer destaque é uma análise original focalizada no caso do Brasil, mas representativo da relevância política que haviam alcançado os estudantes na região: *O poder jovem* (Poerner, [1968] 1979). O livro faz um relato histórico da participação política dos estudantes onde observa que “a tendência latino-americana, bem manifesta no Brasil, é de se tornar cada vez mais política a participação estudantil na vida nacional” (Poerner, 1979: 43). O autor coloca aos estudantes latino-americanos num mesmo patamar, e diferenciados dos estudantes da Europa e dos EUA, pelo grau de amadurecimento político devido a uma decepção do tratamento da coisa pública no passado, de uma ‘violenta revolta’ sobre a condução presente e uma entusiástica maneira de encaminhar seu destino no futuro (Poerner, 1979).

Foi no estudo de Albuquerque (1977) onde notamos um detalhe, e sobre o qual aprofundaremos, depois, em nosso trabalho. Ele conclui que os estudantes adotam as bases sociais daqueles movimentos aos quais as organizações estudantis se aliam em uma conjuntura já produzida. Porém, atraiu nossa atenção que sob determinadas condições, uma ativa politização exemplificada pelo autor com o caso brasileiro durante 1964, os estudantes alcançariam uma própria lógica de ação que disputa “as bases das próprias organizações aliadas” (Albuquerque, 1977:72). Por tanto, em determinadas conjunturas, mesmo sem base social autônoma, poderiam conquistar ações seguindo

uma lógica independente, que lhes pertenceria a eles só e até poderiam ganhar a direção do processo aos seus próprios aliados. Achamos este ponto, ao menos, como uma controvérsia e tentaremos resolver.

Ao momento de fazer nossa aproximação ao texto de Poerner (1979), consideramos que os estudantes brasileiros encontravam uma defasagem entre seus desejos de se formar e o estado da estrutura na Universidade -com o arcaísmo na curricula e a desconexão com a realidade nacional. Neste contexto os estudantes brasileiros se inserem nas problemáticas que atravessavam o cotidiano dos estudantes latino-americanos no cotidiano. Porém, neste descobrir-se, sujeitos políticos e parte da America Latina, eles aprofundaram com pressas suas aprendizagens devido à violência da ditadura (Poerner, 1979). Avaliamos, por enquanto, este estudo de relevância devido à incorporação dos estudantes como sujeitos, na vida política ativa de uma sociedade particular. Nele, se faz destaque da trajetória de conformação de sua identidade, num processo histórico, onde são advertidas as alianças e as confrontações que se amalgamam sob o nome ‘estudante’.

No que refere às elaborações dos próprios estudantes, há uma linha que destaca a marca deixada pela Reforma universitária de Córdoba, concretizada em 1918. Na mesma, se produz a conformação de estudantes politizados, destacando seus aportes e suas crises ante seu próprio reconhecimento como participantes qualificados das relações sociais de produção sob o capitalismo.

As redefinições referentes aos *reformistas* e aos debates próprios das organizações estudantis em relação ao contexto lhes outorgaram uma maior presença no desenvolvimento dos fatos que aconteceram posteriormente (Toer, 1988; Ceballos, 1985). Esta posição aproxima-nos aos estudantes, e a suas organizações gremiais e políticas, como protagonistas dos fatos e que se reconhecem haver desafiado as ditaduras a partir da reunião entre “*la razón y la acción*” (Delich, 1994: 11). Paralelamente, esta posição é resultado de uma construção sobre experiências desenvolvidas no tempo, destinatária dos novos paradigmas que chamavam a tomar partido pela ação, mesmo violenta, para transformar a sociedade¹⁸.

¹⁸ Algumas destas posições encontravam-se garantidas pelas leituras críticas ao capitalismo e ao colonialismo (Fanon, 2003; Guevara, 2003; Guevara, 2007; Marighella, 2006), entanto outras estiveram referenciadas as observações da situação nacional (Cooke, 1964; 1967; 1973; Peña, 2014; Ramos, 2013; Hernández Arregui, 2005; Prado Junior, 1966). Sem dúvida, estas ideias formaram parte do amplo

Porquanto, os estudantes foram protagonistas das suas ações. Assim, avaliamos suas voluntárias adesões e oposições. Intervieram, por ideias e ações próprias, nas disputas pela representação legítima das necessidades do Povo. Isso tem a ver com: quem fala e em nome de quais projetos? Qual Povo era aquele que existia nas representações dos estudantes? Quais eram as reivindicações que tentaram articular aos fins de resolver as tensões próprias da política? E quais eram os limites dessa identidade política, ganhada nos processos e confrontos, sob o nome ‘estudante’?

Seguindo Carvalho (1997: 52) não há inocência na delimitação do papel de cada um dos sujeitos respeito a sua participação nos fatos. Então, aceitar o protagonismo de um deles, por cima do outro, implica já uma visão na luta pelo poder. O conflito é inscrito, assim, nas disputas pela conquista das reivindicações e as representações legítimas.

Seguindo esse fio, dos estudantes como sujeitos políticos, detivemos nosso olhar em documentos elaborados pelos próprios estudantes durante aqueles anos. O objetivo é ressaltar as questões que ainda ficavam sem resolver ou atravessavam as ideias do período.

Com essa finalidade, detivemo-nos em dois espaços bem diferenciados, Argentina e Brasil nos começos dos sessentas. O primeiro dele, onde a Reforma universitária havia sinalizado o caminho para outros estudantes do continente; o segundo, um espaço no qual os estudantes ainda procuravam alcançar essas conquistas. Com as críticas e as re-apropriações da Reforma tentamos perceber como é que se reconfigurou uma ideia latino-americana latente: seu esforço para fazer inteligível, ou útil, seu conhecimento; para provocar as necessárias transformações da universidade que mudassem as sociedades.

Num primeiro momento, portanto, resgataremos essas diferenças originárias que fizeram destes espaços particulares dois modelos paradigmáticos respeito à incorporação dos ideários da Reforma. Levaremos em conta duas temáticas vinculadas aos estudantes: seus sistemas universitários e o tempo em que se organizam no nível nacional.

O sistema de ensino universitário argentino havia se organizado, nas suas

contexto de teoria que enquadraram a década de 1960 e tiveram, como correlato, construções específicas sobre a violência e seus usos (Schmucler, 2007; Jelin, 2005, Jelin y Kaufman, 2006).

origens, ao redor de uma instituição que lecionava os cursos e outorgava a validação de suas titulações: a *Universidad de Córdoba* (1613). Logo chegariam os tempos de intervenção do Estado e sua federalização, com a autoridade da administração federal que velava pelos planos de estudo e as titulações. A prontidão do ingresso à *Universidad de Córdoba* sob o controle estatal, em 1854, assinalou o caminho para as futuras fundações. Ao momento da Reforma universitária existiam as *Universidades Nacionales* de: Córdoba (1613), Buenos Aires (1821), Litoral (1889), La Plata (1897), y Tucumán (1914).

No caso do Brasil, e no referente o seu sistema de ensino universitário, herança da época imperial, tinha como característica a convivência de uma multiplicidade de cursos, faculdades e escolas, algumas de caráter público e outras particulares e confessionais. O esforço por estabelecer um modelo organizador começou na década de 1930 com a unificação de cursos já existentes ao redor de uma instituição que os reunisse. Assim foram criadas as primeiras universidades: São Paulo (1934), Porto Alegre (1943), e de Brasil (1937), no Rio de Janeiro. Esta última foi fundada sobre as bases da antiga estrutura da Universidade de Rio de Janeiro e sobre a qual “o governo pretendia implantar em todo o país um padrão nacional de ensino superior e estabelecer um sistema destinado à qualidade desse ensino” (Araujo, 2007: 57). A organização da maioria das novas universidades, criada a partir da reunião daqueles antigos cursos, conclui sua trajetória na década de 1950 com a federalização. A partir de então, dependentes das autoridades da República se incorporam como Universidades Federais.

Porém, no Brasil, ainda era uma temática pendente e mantinha-se latente a necessidade de produzir uma Reforma universitária. A primeira organização dos próprios estudantes foi criada em 1938: a União Nacional de Estudantes (UNE); e nasceu como proposta para planejar e desenvolver estratégias coletivas gremiais e, fundamentalmente, políticas (Fávero, 2009). Na Europa ganhava forças o *fascismo* e existia uma preocupação sobre a implementação de algumas de suas modalidades para organizar a vida nacional no Brasil. A proposta de provocar uma Reforma universitária, na linha do governo das instituições e a adoção de novos conteúdos, seria uma palavra de ordem a partir de 1960 e resultaria chave para persecução do objetivo: a implementação de reformas na democratização do ensino e nas Universidades. A pesar da quantidade de universidades, em diversidade e numero, o sistema se mantinha com

uma composição elitista, com cátedras vitalícias, arcaísmo nos currículos, carência de estrutura física adequada e escassez de vagas para alunos.

Para o caso da Argentina, o Golpe de Estado de 1955 teve a significação de um ponto de inflexão. No fundamental, pelos posicionamentos e as reelaborações que levariam adiante os estudantes naquela temporalidade. Esta ruptura da ordem democrática deu começo ao desenho de uma nova política educativa por parte daqueles grupos privilegiados que haviam visto lesionados seus interesses com as conquistas da Reforma universitária de 1918. A aliança se concretizou com a promulgação de uma lei (Ley nro. 14.557), que outorgava permissão de funcionamento às universidades particulares, até então inexistentes na República. A mesma, foi ratificada durante a presidência de Arturo Frondizi, em 1958. O conflito pela irrupção no sistema de ensino de novas instituições confrontou partidários de um sistema *laico*, onde o Estado tivesse o controle das titulações universitárias por mérito da habilitação para o exercício profissional; e aqueles que apoiavam um sistema *livre*, onde sob as argumentações de uma maior liberdade aos fins de eleger uma carreira profissional se ocultava o ideário de uma sociedade elitista.

Neste debate, estiveram envolvidas as organizações *reformistas*, que se consideravam herdeiras da Reforma de 1918: sua vertente *liberal*, ao redor da agrupação *Franja Morada*, com raízes no partido político *Unión Cívica Radical*; e sua vertente de *esquerda*, ao redor da *Juventud del Partido Comunista*. As duas correntes eram defensoras da Universidade *laica*. Uma terceira vertente, que se fundou naquele contexto, foi aquela dos estudantes católicos, organizada no ano 1954 sob o nome de *Integralismo*¹⁹. Os *integralistas*, partidários da Universidade *livre*, propunham dentro do espaço das universidades o caráter apolítico e as questões puramente estudantis. Este conflito ultrapassou os muros do Poder legislativo e das Universidades, e provocou, além do mais, confrontos nas ruas. Foi resolvido em benefício das elites que ansiavam recuperar o controle da formação de seus quadros dirigentes. Em funções desde 1956, foi autorizada em 1958 a outorgar titulações a *Universidad Católica de Córdoba*, primeira universidade particular e confessional da Argentina.

¹⁹ Os *integralistas* deviam seu nome ao livro que os definia ideologicamente: “Humanismo integral. Problemas temporales y espirituales de una nueva cristiandad”, de Jacques Maritain [1936].

A Revolução cubana rasgou as estruturas do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e teve seu maior impacto sobre os jovens que percebiam outros caminhos para ‘a revolução’. Com outro trajeto, no mesmo sentido, foi provocada uma ruptura na instituição desenhada pela Igreja católica para influenciar nas universidades: a *Juventude Universitaria Católica* (JUC), quando os estudantes foram os mais ávidos receptores da renovação proposta pelo Concílio Vaticano II. As tensões, entre estruturas e novas camada de militantes originaram as sementes de duas novas referências para os estudantes universitários e secundaristas das cidades: as *Dissidências* (do Partido Comunista) e a *Ação Popular*. Estas duas agrupações, em uma aliança eleitoral, ganhariam a direção da influente *União Nacional dos Estudantes* (UNE), em 1961. Neste contexto e com estes protagonistas, foi organizado pela primeira vez um seminário, a nível federal, com a finalidade de debater sobre a Reforma universitária. No estado da Bahia, durante maio de 1961, os estudantes brasileiros alegaram:

Nossa universidade não tem sido mais do que uma superestrutura de uma sociedade alienada, isto é, deformada em sua base econômica, porquanto subdesenvolvida, estratificada quanto à distribuição dos benefícios econômicos e sociais, democrática apenas formalmente, desumana enfim. Essa crítica evidenciará como a universidade não atende ao projeto histórico brasileiro – o desenvolvimento na perspectiva do proletariado (...) A Reforma Universitária só não será um mero retoque de fachada desde que seja vista como um momento do processo mais vasto, que é a revolução brasileira. Se não se pode esperar por enquanto uma universidade inteiramente consonante com sua verdadeira missão, pelo menos é possível que ela deixe de ser umas das peças de sustentação do status quo, e um obstáculo ao projeto histórico brasileiro (UNE, Declaração da Bahia, 1961).

No caso de seus pares argentinos, aqueles que se consideravam sob a herança do *reformismo*, decidiram se reunir na cidade de Tucumán, em agosto de 1962, com a finalidade de debater sobre a atualidade da Reforma naquele contexto. As diferentes correntes do *reformismo* precisavam avaliar o legado à luz do peronismo, dado já inegável de identidade deste entre os trabalhadores, e as necessidades da realidade.

La Reforma universitaria como movimiento, tiene capacidad potencial para transformarse en la orientación total de los estudiantes, que los incorpore al proceso político. Esa capacidad potencial para desarrollarse requiere que se profundicen los contenidos vinculados a lo nacional, al antiimperialismo, a la solidaridad con los trabajadores, en fin, a todos los planos que según viéramos, incorporó la Reforma en su doctrina, pero aún no se han consolidado en el mismo grado que las ideas sobre la Universidad, que desde luego debemos seguir fortaleciendo. Nuestra intención es catalizar el desarrollo de esta

potencialidad, conscientes del trascendental valor que tienen en la actualidad la alineación de los estudiantes junto a los sectores populares para realizar el cambio de estructuras que requiere nuestro país, cuyas tareas prácticas ya son inminentes. (FUA, Seminario de Tucumán, 1962)

A apresentação destes modelos, ambos sob a luz da Reforma, dá conta que eles mantinham questões não resolvidas. Ainda havia preocupações vigentes, reivindicações latentes nas sociedades modernas.

No referente à disputa pela concreção de uma Reforma universitária brasileira, os estudantes se incluíam ao lado dos marginados da educação universitária, na procura de uma genuína cultura ligada aos desfavorecidos. Tomam um dos caminhos que indicaram os *reformistas*, onde o sucesso de uma reforma se alcançaria com as mudanças na sociedade toda.

A reforma universitária não a faremos nós. A reforma se efetivará na medida em que formos povo, em que assumirmos a consciência popular, em que tomarmos a reforma universitária como (uma) das reformas que o povo exige. A universidade não é problema para as classes sócias dominantes que dela fazem a fonte de sua dominação ideológica sobre as massas populares, que nela fabricam a cultura alienada com que justificam cotidianamente a espoliação que exercem. Ela é, sobretudo, um problema para o povo que se vê alijado de seu direito à educação. (UNE, Carta do Paraná, 1962)

No mesmo sentido, os estudantes argentinos ressaltam a distancia que separa a uma cultura autêntica, ligada às forças populares. Esta é produto de uma atuação planejada pela ação ideológica do imperialismo. Nela, o alvo é uma universidade sem política, mascarada por trás do discurso modernizador do cientificismo.

Aislarse de todo lo que no sea texto, sumergirse en el estudio ajeno a todo ambiente, familia, amistades, cultura, problemas sociales y políticos. Así se transforma al estudiante en una masa amorfa, deshumanizada, pasiva e insensible a todo lo social, inclusive a los problemas específicos de su profesión. El 'apoliciticismo' del estudiante es uno de los objetivos políticos de las fuerzas antipopulares: hacer que las universidades sean 'islas de ciencia pura', mientras los cimientos mismos de una auténtica cultura nacional (economía, educación, sanidad) son negados, destruidos o entregados al imperialismo. Así, el cientificismo es también una política. Además, en cuanto aplaza a cientos de alumnos arbitrariamente con injustificadas exigencias y atribuye el fracaso a la debilidad mental de los estudiantes, contribuye a la falsa tesis colonialista de la inferioridad de los países subdesarrollados. Esta es la ideología del imperialismo. (FUA, Seminario de Tucumán, Despacho Nro. 2, 1962)

Os próprios estudantes avaliavam que existia uma distância que era urgente resolver. Existia uma advertência. Seja com uma linguagem da modernização das universidades pela incorporação de novos modelos de ciência; seja pelos estímulos para deixar fora das universidades a política; seja pela manutenção do *status quo* só, os detentores do poder “*vienen a modernizar, perfeccionándolas, las bases estructurales de una sociedad de injusticia y explotación*” (Prieto, 1968: 26)

A partir de estas elaborações, dizemos que o legado da Reforma universitária pré viveu dentro das universidades e foi disseminado a partir da participação daqueles que se incorporaram e enriqueceram os debates no interior dos partidos políticos ou nos movimentos culturais. Se isto foi uma debilidade por sua falta de transcendência, com as transformações que permeavam a instituição se produz uma maior riqueza no espaço das universidades. Os estudantes tomaram contato com a realidade, a partir da modernização do ambiente cultural nas grandes cidades e, em especial, com a relação com pares de diversas origens sociais. Estes intercâmbios obrigaram-lhes a pensar num espaço de originalidade que os chamava a tomar posição. Seu peso nas passeatas, como sujeito coletivo, e seus proclamas expunham uma maior visibilidade deles como sujeitos com capacidade de mudar a cena política como as causas que eles lideravam. As aproximações dos estudantes ao Povo, a conexão entre conhecimentos e melhora da cotidianidade da vida, cobraria novo ar nos anos sessenta. Mesmo em duas sociedades tão diferenciadas em quanto à origem do sistema universitário, à organização dos estudantes, e suas posições no contexto político respectivo.

Os estudantes não eram aqueles sujeitos privilegiados que impulsionaram a renovação e a democracia no interior das universidades durante os anos da Reforma. Nos anos sessenta, eram parte, já, das sociedades de massas sob influxo das tensões entre modernização e dependência. As crises sobre as universidades, neste estágio do capitalismo latino-americano, oferecia aos estudantes um papel protagonista para a contestação.

El paso de la protesta a la participación en un bloque revolucionario sólo puede darse cuando la crítica de la organización de la enseñanza se transforma en crítica al sistema de desigualdades sociales que la universidad corona (Portantiero, 1987: 25)

Também, os estudantes encontraram-se, numa trilha vertiginosa, do protesto à revolução. Os velhos modelos e os novos caminhos do marco geral ressaltaram ainda mais profundamente as contradições e as desigualdades com a eclosão das ditaduras.

A Reforma cobrou outros rumos no momento em que os estudantes viram como se frustravam seus planos e aprofundaram seu programa até sua incorporação ao governo das universidades. Os estudantes, decididos a participar das mudanças, não claudicaram com as frustrações da modernização e da dependência. Aprofundaram suas reivindicações para protagonizar as mudanças em suas sociedades. Aproximaram-se, a partir do crescimento de sua politização, até uma confluência com os setores dos quais haviam ficado distanciados, mas conformavam parte da programática dos ideários da Reforma. A temporalidade era outra, e por causa disso o espaço de encontro não seria já nas Universidades Populares senão nas ruas carregadas de pedras, gases, bombas de efeito moral e corridas junto aos trabalhadores.

A pretensão deste capítulo foi apresentar um condutor de algumas das ideias-chaves do século com atenção nas ações que levariam adiante os estudantes ao longo do período sob estudo. O tema que as percorre foi a elaboração de um novo anti-imperialismo depois da Reforma, um anti-imperialismo com o olhar num horizonte de conflito, que marcaria os debates sobre:

- a- O papel que deviam desempenhar os jovens estudantes herdeiros das ideias da Reforma, impregnados de uma visão que reclamava sua ação para modificar suas realidades, a vontade do espírito; e
- b- As elaborações teóricas para a análise das complexidades de conquistar as mudanças, que ganham, com outra linguagem, com ar de novidade, questões ainda pendentes nestas latitudes.

Se foi possível planejar levar adiante mudanças nas estruturas sociais, porém complicou-se a vida cotidiana, o trabalho, a distribuição dos recursos, e a linguagem para acessar às realidades. Pensar América Latina, sua originalidade, obrigou, além do mais, a procurar desvendar as porções de seu papel no mundo. As causas de seu atraso e os caminhos para resolvê-los. As ideias que atravessaram as novas argumentações se contrapuseram às ações que começavam a ganhar protagonismo. Os estudantes, com a Reforma, já se haviam dado uma identidade, com alguns princípios de um programa que

alcançasse mudanças mais profundas. Nesse processo, movimento oscilante de ideias e ações postas a prova, o contexto próprio, de uma necessidade dramática das transformações, alterou a percepção do tempo. Se for acontecer alguma coisa que melhorasse a vida do Povo, teria que acontecer agora. Os planos de governo, as eleições, as administrações eram obstáculos utilizados por aqueles que mantinham seus privilégios. Havia que mudar as coisas e os estudantes estavam prontos para ocupar a cena. Por debilidades de seus aliados ou por fortaleza própria cobriam ainda maior destaque com a intromissão das forças ditatoriais. Ainda existia a procura do original latino-americano, o substrato que desse com um caminho próprio para a conquista dos anseios. E tudo estava lá, ao alcance da mão.

Também, onde é que haveriam pré vivido as ideias do *movimento reformista*? Como é que se manteve latente esse anti-imperialismo? E que modalidades adotou? Que é aquilo que ainda se mantinha vigente ao interior dos jovens educados nas universidades como rastro daquele anti-imperialismo que inaugurou o século? Por quê ainda, no início dos sessenta, encontrava-se latente resolver a distancia dos conhecimentos e dos próprios estudantes no que se refere às necessidades do Povo?

Propomos nos capítulos seguintes o decorrer da história dos estudantes desta segunda metade do século XX no espaço particular da Córdoba aos fins de divisar os vestígios do anti-imperialismo. Se foi este uma versão melhorada daquele ou cobraria características próprias. Por estas questões, a dinâmica dos acontecimentos ganha maior relevância e detalhe ao fazer uma abordagem no espaço particular. Ao modo de conjectura, mantemos que o anti-imperialismo que sustentaram no alto os estudantes não foi intuitivo, mas uma construção de longo prazo, que foi re-configurada em relação com as tensões do contexto, que foi enriquecido e reforçado pelo entrecruzamento dos nacionalismos e as revisões críticas da história liberal à luz da incidência dos novos sujeitos que cobraram relevância com o decorrer do século. Possivelmente as vanguardas artísticas e intelectuais, dentre as quais teriam um importante papel os partidos políticos de esquerda, mantiveram as discussões e a vigência deste núcleo temático. Possivelmente as primeiras impressões dos acontecimentos que mudavam radicalmente as realidades em outras latitudes foram percebidas como caminhos a serem conquistados, no próprio espaço e pelas próprias mãos.

CAPÍTULO II

Viver e morrer no incêndio. Córdoba e seus protagonistas.

*‘Jamás pedimos nuestra salvación
sólo vivir y morir en el incendio’*

Glauce Baldovín,
El libro del amor.

Uma descrição ajustada do *Cordobazo* menciona que naquele 29 de maio de 1969 se organizou uma jornada de greve geral com a participação ativa dos trabalhadores, que deixariam seus postos de trabalho no meio da manhã, e se reuniriam no centro da cidade para a concreção de um ato público. Os sindicatos e os estudantes eram conscientes que se viveria uma jornada histórica. Por isso, haviam coordenado as ações nos dias prévios. A paralização das atividades e a mobilização no centro da cidade não só estavam organizadas para sua concreção, como também para enfrentar as forças da ditadura²⁰ no caso que fosse necessário, tendo em conta fatos de repressão ocorridos

²⁰ Ditadura civil-militar surgida do Golpe de Estado, contra o presidente eleito Arturo Illia, de 28 de junho de 1966. Adotamos, para este trabalho, a conceptualização que considera que: “*O processo que levou à ditadura não foi um processo que apenas mobilizou os militares, ao contrário, foi um processo que articulou ativamente setores civis consideráveis, justificando-se, a partir daí, chamar-se a ditadura de ditadura civil-militar, e não mais de ditadura militar, porque esse último nome acaba encobrindo, e fazendo esquecer, os civis que participaram do processo*”. (Reis, 2006).

Um debate historiográfico se mantém vigente no Brasil em torno ao caráter da ditadura em tal geografia. Segundo a nomeação ao redor dos termos utilizados nos trabalhos acadêmicos, alguns investigadores chamam a ditadura que se inicia em 1964 de: ditadura militar (Napolitano, 2014; Fico, 2014; Müller, 2016), ou ditadura civil-militar (Reis, 2006). Entre os valiosos aportes a este atual debate para nosso trabalho, reconhecemos os militares como principais protagonistas, mesmo que boa parte dos civis que planejaram o Golpe foram seus beneficiários e seus financiadores. Os primeiros, por tanto, seguiram seu projeto segundo a Doutrina de Segurança Nacional e estiveram no comando das decisões sobre os funcionários que levariam adiante os planos do regime. No entanto, consideramos que as resistências que se elaboraram, desde uma mui variada gama de propostas, sob o denominador comum ‘contra a ditadura’, implicava o rechaço a “*um projeto político, económico e social*” (Müller, 2016: 19). Neste sentido, a participação, protagonista e decisiva dos militares com o apoio dos setores regressivos da sociedade civil, eliminou: a) o Estado de direito; b) um regime democrático, a pesar de suas persistentes limitações pela proscrição do peronismo, a perseguição aos militantes comunistas e a repressão ao movimento operário; y c) uma apropriação pelos trabalhadores da cultura nacional-estatal, desde o peronismo e associado a outras forças da esquerda. (Reis, 2014). Com isso, quem estiveram à frente das sucessivas etapas que se seguiram ao Golpe, não só se propuseram levar adiante um plano de anulação da ‘ameaça vermelha’, com táticas de cerco, perseguição, morte e desaparecimento de opositores políticos. Fundamentalmente, desdobraram um projeto de vigilância e disciplinamento social, que permitiu impor metas de política econômica, de grande impacto social, que não houvesse alcançado seu êxito sem o uso, intenso e extenso, do aparelho do Estado com fins repressivos. Com esta posição procuramos, ademais, reduzir uma diferença entre os sujeitos e sua participação, no fato concreto do Golpe e durante o período posterior. Optamos, por tanto, pelo uso do termo ‘ditadura civil-militar’, e a este nos remetimos quando utilizemos

com anterioridade. Com os enfrentamentos com as colunas operárias, se sucedeu a morte do operário Máximo Mena. Espalhada a notícia, os avanços dos trabalhadores e dos estudantes não se detiveram até derrotar a Polícia e fazer-se donos da cidade. Com a organização da greve e seus ativos protagonistas nas ruas, com a solidariedade dos vizinhos, com a adesão espontânea de transeuntes, Córdoba ardeu sob a chama das fogueiras naqueles 29 e 30 de maio de 1969.

A isso, agregamos outra leitura do acontecimento. A que nos acerca um de seus protagonistas:

El Cordobazo es la expresión militante, del más alto nivel cuantitativo y cualitativo de la toma de conciencia de un pueblo, en relación a que se encuentra oprimido y a que quiere liberarse para construir una vida mejor, porque sabe que se puede vivirla y se lo impiden quienes especulan y se benefician con su postergación y su frustración de todos los días. (Tosco [1970], em: Lannot y Amatea, 1984:39)²¹.

Entre a descrição rasa e esta definição política, se encontra nosso ofício. É por isso que, no trabalho que a continuação apresentamos, indagaremos sobre uma série de documentos que nos permitirão aprofundar na representação do processo prévio para compreender essa definição carregada de sentidos oferecida por uma de suas figuras principais.

Tem sido profundamente estudado o protagonismo dos trabalhadores e suas organizações na consecução dos acontecimentos do *Cordobazo*²². Aqui nos deteremos para revisar a conformação de uma identidade política dos trabalhadores, e como a partir de suas características e diferenças, podemos acentuar o caso geográfico particular. Aspectos originais dos sindicatos líderes da cidade foram determinantes para a concreção do *Cordobazo*. Porém isto resultou de um processo, que se inseriu em um

simplesmente ‘ditadura’, para o espaço temporal que sucedeu ao Golpe de 28 de junho de 1966 e se estendeu até 25 de maio de 1973.

²¹ Agustín Tosco (1930-1975) Trabalhador e gremista cordobês. Originário da localidade de Coronel Moldes, se incorporou à empresa estatal de energia onde foi um dos principais dirigentes gremistas e políticos de Córdoba. Com motivo de seu crescimento político e sua ascendência sobre os trabalhadores liderou a organização dos fatos que transcenderam como *el Cordobazo*. A pesar de sofrer numerosas detenções, e prisões, se manteve à frente das demandas dos trabalhadores do seu grêmio. Finalmente, foi perseguido por suas ideias e teve que passar à clandestinidade, onde, por causa das precárias condições da vida no isolamento, contraiu uma enfermidade que o levou a morte em 1975.

²² Cf.: Brennan, 1996; Gordillo, 1999; Mignon, 2014.

“contexto cultural e ideológico onde foram se conformando” (Gordillo, 1991:163) até situar-se no avanço dos trabalhadores.

Na medida que nos aproximamos aos estudantes, desenvolveremos alguns trajetos que referenciam outros sujeitos do período. Abordaremos as organizações estudantis, suas características e aqueles aspectos que nutriram, de maneira especial o espaço de Córdoba. O objetivo será alcançar uma cabal compreensão do marco particular onde os estudantes cordobeses se deram uma identidade a partir de experiências próprias de confrontação com a ditadura. Orientará a abordagem deste capítulo o argumento que destaca,

El aporte estudiantil fue decisivo el 29 de mayo de 1969, no tanto por los 10.000 estudiantes que la FUC había convocado en asambleas, facultad por facultad en los días previos, sino y sobre todo por lo que se hizo entre 1966 y 1969 (Scrimini, 1997: 27)²³.

Resultado, igualmente, de um processo com características particulares das organizações e suas lideranças, e sob um marco singular, é que se produziu o crescimento político dos estudantes. Seu papel de vanguarda contra a ditadura se manifestou prontamente em Córdoba e, desde então, resultaram um sujeito de referência para o período.

Neste capítulo, uma breve revisão dos antecedentes nos permitirá indagar sobre algumas continuidades que darão luz sobre a conformação de uma identidade particular dos estudantes caminho ao *Cordobazo*. A leitura que propomos é aquela onde, em diálogo com outros sujeitos relevantes do período, a identidade dos estudantes cordobeses teria sido resultado de intensas aprendizagens que começaram a confluir nos primeiros dias do Golpe e se consolidaram nos dias prévios às jornadas de maio de 1969.

Nos deteremos, ademais, sobre alguns documentos do período para compreender o contexto onde os estudantes se conformaram a si mesmos em torno a estratégias e programas próprios. Desde uma posição inicial de marcadas diferenças²⁴ foram diluindo

²³ Carlos Scrimini foi presidente da *Federación Universitaria de Córdoba (FUC)* pelo período 1968/1969.

²⁴ Neste ponto estabelecemos um diálogo com Pons (2010) quem manifesta que se produziu uma pronta oposição à ditadura devido: ao rápido ataque das autoridades ao espaço universitário, instituições e estudantes; e à situação expectante das centrais sindicais. Conjeturamos que esta oposição inicial, -reativa, algo inorgânica e intuitiva- foi superada. A pesar do crescimento exponencial, de novas

seus desacordos à medida que se intensificava o conflito: *a cada carga de la Guardia de Infantería se suspendía la distancia entre las agrupaciones estudiantiles de Córdoba*.

Propomo-nos, partindo de uma origem comum e marcados desencontros entre estes sujeitos, dilucidar sobre a aproximação do movimento operário no caminho que havia sido inaugurado pelos estudantes²⁵.

2.1.- Córdoba: cidade dos desafios.

Com o século XX se manifestaram as tensões que se abrigavam no seio da sociedade cordobesa²⁶. Assim, o crescimento pausado de Córdoba, sua transformação sob a afluência de migrantes rurais e o contato com novas ideias começaram a delinear uma sociedade mais complexa. A ampliação dos benefícios do comércio, sob as bondades da produção agrária, também reclamou melhoras na infraestrutura para os habitantes. Por isso, a cidade foi transformando sua fisionomia, com as incipientes melhoras tecnológicas. Neste sentido, a modernização, chegaria a partir de obras de canalização de arroios, e iluminação a gás e à eletricidade. Uma cidade, que ainda conservava vestígios do seu passado colonial e de um grupo que se reafirmava sobre o prestígio de seus antepassados, mantinha a aparente calma. No entanto, as forças contidas se desataram com a irrupção de acontecimentos inesperados.

A transformação da estrutura social começou a recolher os frutos da política migratória impulsada no último quarto do século XIX, projeto civilizatório que abrigou

agrupações e posicionamentos políticos frente a cada um dos fatos cotidianos, na realidade imediata, dirigentes e estudantes suspenderam as antigas divisões e aproximaram posições em torno a um tema capital: o pronto fim da ditadura.

²⁵ “la confluencia con los estudiantes se debió a cambios sustanciales en las formas y los contenidos de las luchas del movimiento obrero cordobés” (Bonvillani, 2015: 128) (*Destacado próprio*).

²⁶ A cidade de Córdoba foi fundada em um ato de ousadia. O encomendado para a tarefa, Jerónimo Luis de Cabrera, realizou o ato além dos limites autorizados pelos enviados da coroa espanhola. Assim, *Córdoba de la Nueva Andalucía* nasceu como um desafio, em 6 de julho de 1573. Foi fincada em um lugar privilegiado, com climas e regime de chuvas apropriados para a criação de gado e a agricultura, e os que possuíram a terra também foram aqueles que detiveram o poder político. Sob a influência da tradição católica das autoridades espanholas, não tardou a criação de uma escola de estudos superiores dependente da ordem religiosa dos jesuítas, em 1613, que sentou as bases da *Universidad de Córdoba*. Durante o período colonial, Córdoba teve um crescimento lento no que se refere à composição de seus habitantes à diversificação das suas atividades. O comércio, e os serviços ligados a este, estavam organizados em torno à elaboração de produtos artesanais para o consumo local e como rota de conexão entre o Alto Peru e o porto de Buenos Aires. Uma vez conquistada a independência da Coroa espanhola, em 1816, e durante o trabalhoso período de conformação de uma unidade nacional, a cidade mediterrânea e seus habitantes tomaram distância da vertigem com que se transformava a *ciudad-puerto* ao contato com suas modelos européias.

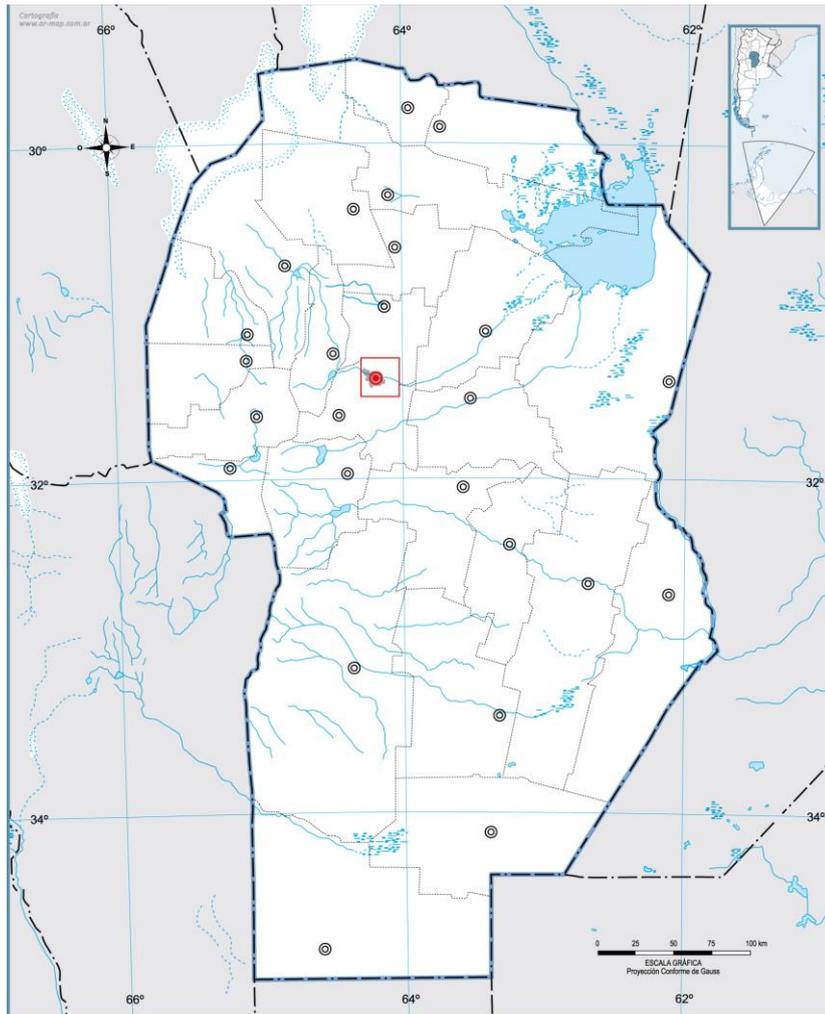
européus que buscavam um lugar próprio na América. Os novos habitantes foram situados, em sua maioria, em torno à Região pampeana, onde incrementaram a produção agrária e fizeram parte do projeto das oligarquias para inserir-se na economia transatlântica como provedores de matérias primas. Sob a ideologia liberal do progresso, também se insinuou a possibilidade de alcançar outros objetivos, que até então só eram uma vaga expectativa para os que viviam do seu trabalho. Principalmente nas cidades, onde as classes médias participavam da vida económica, parecia possível alcançar o desejo de participar, ademais, da vida política. Neste sentido, a sanção da Lei número 8.871 'Sáenz Peña', promulgada em 1912, permitia por meio do voto secreto e obrigatório, para cidadãos maiores de vinte e um anos, a eleição de candidatos. A partir deste mecanismo, acedeu ao cargo de Presidente em 1916, Hipólito Yrigoyen, pertencente ao partido político *Unión Cívica Radical (UCR)*, que havia se apoiado nos amplos setores das classes médias para alcançar a magistratura. Estes novos cidadãos políticos depositaram, no líder, as expectativas das mudanças necessárias para serem incluídos em um projeto de nação que a ideologia liberal do progresso os havia mantido, até então, à margem de seus efeitos concretos.

Com os acontecimentos mundiais da Grande Guerra (1914-1918) e a Revolução russa (1917), o século XX marcaria o semblante de todos aqueles que se renderam a seus pés. Uma nova maneira não só de imaginar o globo, mas também os efeitos palpáveis da distribuição da economia mundial se sentiram na Argentina. Enquanto algumas das principais cidades latino-americanas estavam expostas às influências estrangeiras, Córdoba se manteve, de alguma maneira, nos limites. Isto se deveu, em parte, a que conservava muito de uma tradição de anos e algo detida no tempo. Apesar disso, jamais resignou seu espaço vinculado à cultura e contrapôs seu orgulho de cidade letrada frente aos modos alheios adotados pela cidade comercial de Buenos Aires. Neste sentido, algumas disciplinas que antes eram exercidas por um grupo privilegiado, como o jornalismo, a docência e o direito, se consolidaram como exercício para o sustento da vida cotidiana. Agregou-se, ademais, um maior volume e diversidade no que se refere a atividades comerciais, que tornaram mais complexa a vida na cidade. Ainda com um crescimento lento, fez-se necessário reformular os serviços públicos, a criação de novas atividades, com mais funcionários e ofícios. Neste contexto, algumas famílias que

participavam ativamente do circuito econômico, ademais pretenderam alcançar influência na tomada de decisões.

Uma série de protestos dentro da Universidade, começaram a transcender seus muros, até manifestar-se em uma crise de magnitude. Isto obrigou as autoridades nacionais a intervir administrativamente na instituição. Os reclamos dos estudantes foram resistidos até que eles decidiram tomar o controle da situação: reclamaram a Universidade para si e se deram autoridade, ao passo que elaboraram o documento que serviria de farol a outros estudantes ao longo da América Latina: o Manifesto da Federação Universitária de Córdoba, de 1918. Com este acontecimento, despuntou o século XX para Córdoba. O desafio dos estudantes não só foi contra a autoridade na Universidade, devido a um modo de ensino caduco e ao entrecimento da ciência, mas também contra uma ordem social rígida e hierárquica que estava chamada a ser removida. Não foi até este movimento ‘da Reforma universitária’, que as famílias que entrelaçavam prestígio, poder e direção da Universidade, começaram a sentir que algo da nova sociedade, que ia se conformando, começava a minar sua influência.

As classes médias haviam conquistado a representação política sob um ideal de República democrática moderna. O destino dos estudantes universitários, durante os anos seguintes, ficaria ligado a muitas das aspirações desta classe social.



Mapa 1. Provincia de Córdoba. Seus rios e sua capital.

2.2.- Os trabalhadores. Organização e política

O ponto de partida para realizar uma abordagem dos trabalhadores e suas organizações, e como estes alcançaram uma grande relevância sobre os fatos do *Cordobazo*, nos obriga a deter-nos no processo de conformação que transcorreu desde as organizações germinais de trabalhadores até sua irrupção como sindicatos de massas.

Devemos anotar, no entanto, que com antecedência ao período de sua consolidação (1943-1955), as organizações dos trabalhadores já tinham uma dilatada trajetória. A intervenção do Estado, desde 1943, para organizá-los em uma nova conjuntura, sintetizou e consolidou processos prévios. Deste dado pode-se ensaiar uma explicação sobre suas fortalezas, ao momento de sobreviver à decadência das lideranças políticas no governo²⁷. Deter-nos-emos brevemente para mencionar o trajeto prévio e destacar as linhas que permitiram-lhes manter-se vigentes como sujeitos políticos ativos durante a década de sessenta.

Na Argentina dos começos do século XX, e com a incorporação do trabalho industrial, a organização do trabalho adotou gradualmente uma modalidade de produção em série, sobre uma linha de montagem contínua. Sobre a mesma, o trabalhador requeria pouca formação prévia, e pouca capacitação posterior, para a concreção de uma rotina de tarefas. Com preeminência de mão de obra masculina, esta modalidade sobrepunha, ademais, a trajetória vital com a trajetória laboral. A uma etapa de formação fragmentaria, se sucedia, uma vez incorporado a uma fábrica, a etapa da produção. Este trabalho intensivo terminou por ocupar o espaço da identidade dos sujeitos. Era-se trabalhador, depois cidadão.

Contra essa fragmentação, entretanto, desde as origens do movimento operário argentino se empreenderam grandes debates por parte de seus membros mais politizados. Acompanhando o esforço por obter conquistas que melhorassem a qualidade de vida dos trabalhadores, reclamou-se uma maior participação na vida política nacional. Isto se refletia nos enfrentamentos com um aparato estatal, que descansava sobre os ombros dos mesmos que detinham o poder econômico. Frente a ele, os trabalhadores se agruparam prontamente sob duas posições de organização: o

²⁷ “Entre una masa obrera débilmente organizada, que mantiene relaciones difusas y directas con el liderazgo de tipo paternalista, y un movimiento popular igualmente ligado a una dirección política externa pero basado en los sindicatos, hay diferencias, y éstas son las que separan la experiencia inicial de Getulio Vargas en Brasil y la de Perón en la Argentina” (Torre, 1989: 525). [Grifo nosso]

sindicalismo e os ‘partidos operários’²⁸. Estas diferenças puderam diluir-se, temporariamente, em períodos de carestia e desocupação. Contudo, durante os ciclos de recuperação econômica, evidenciavam-se as disputas ao interior considerando, ademais, o papel da instituição estatal. Para os trabalhadores, “casi la única faz visible del Estado era la represión” (Del Campo, 1996: 238).

Com a chegada do *irigoyenismo* ao exercício da Presidência (1916-1922; 1928-1930), pela primeira vez intervinha o Estado com intenções de arbitrar as relações entre trabalhadores e empresários. Instalado um novo governo, por ruptura da ordem constitucional em 1930, se reativou o ciclo repressivo contra os trabalhadores. O período que se iniciou, desde então, foi intitulado como a ‘Década Infame’, (1930-1943) devido ao império da fraude eleitoral. A dinâmica dos partidos políticos, burlada pela tratantada de eleições desde a implantação do Golpe, minava a incidência daqueles trabalhadores que aspiravam a ser representados institucionalmente no parlamento. A repressão do Estado, se encarregava, por outro lado, de frustrar os trabalhadores afiliados aos ‘partidos operários’ (anarquistas, comunistas y socialistas revolucionários). O sistema político para os trabalhadores resultava excludente. Não escapava aos trabalhadores, ademais, a evidência do rendimento crescente do capital empresário que não se acompanhava de melhoras relacionadas à redistribuição dos ganhos. A pesar de que a estrutura econômica que se sentava sobre os trabalhadores extraia grandes benefícios, estes resultavam apenas para os donos do capital.

Estas tensões estrugiam devido à demanda de modernização para a produção orientada ao mercado externo. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, não só se advertiu a fragilidade da produção agropecuária extrativa, como também começou a insinuar-se uma nova sociedade. As cidades, a quantidade de habitantes, as complexidades da vida moderna urgiram uma nova reorganização da estrutura econômica. Como esta não seria levada adiante pelos que se mantinham aferrados a benefícios pessoais e estruturas arcaicas, um grupo de coronéis decidiu levar adiante as

²⁸ A primeira das posições, sustentada pelo Partido Socialista (PS), manifestava que “*la actividad sindical y la lucha por las reivindicaciones inmediatas constituían la mejor escuela práctica para el desarrollo de la conciencia de clase (...) los sindicatos debían tratar de agrupar a todos los trabajadores, sin distinción de ideología, y por eso no debían embanderarse en una determinada posición*” (Del Campo, 1996: 237). Em oposição a ela, a corrente anarquista propunha que “*el sindicato era sobre todo el terreno más propicio para la difusión de la idea liberadora que llevaría a la revolución social, de la que las luchas reivindicatorias no eran más que esbozos y gimnasia preparatoria*” (Del Campo, 1996: 238).

mudanças. Produto do Golpe de Estado de 1943, o Estado interviria sobre o aparato estatal, a fim não apenas de modernizar suas estruturas, mas também, de desenhar e executar o crescimento ordenado²⁹.

O Departamento Nacional do Trabalho, atribuiu-se as funções de mediar as relações entre trabalhadores e empresários. Com esta finalidade se propôs a organização dos sindicatos, sob um novo modelo, que buscava “facilitar la centralización de la planificación económica dirigida por el Estado” (Doyon, 1984: 206). Devido a esta intervenção institucional sobre a indústria “*el Estado irrumpe en la vida de las empresas, impone la negociación colectiva, repara viejo agravios, altera las normas de trabajo, se lanza, en fin, a la modernización de las clases patronales por decreto*” (Torre, 1996: 539).

Todavía, tampouco foi alheia a proposta política de reduzir a incidência dos ‘partidos operários’³⁰. Desta maneira, a nova ordem debilitaria estes partidos, com

²⁹ Um documento elaborado pelo *Grupo de Oficiales Unidos* (GOU) nos dias prévios ao Golpe de 1943, que levariam adiante, descrevia a situação interna da Argentina. Naquele momento, a saída desta conjuntura reclamava uma intervenção do Estado.: “1. *Situación Política. Es de hacer notar que esta fórmula [Patrón Costas-Iriondo] está apoyada por la banca internacional, los diarios y las fuerzas extranjeras que actúan en defensa de intereses extraños a los del país. (..) Sin embargo, esta fórmula tiene la más franca oposición entre el pueblo mismo, sea de cualquier tendencia que fuere. Se considera que esta fórmula en las elecciones necesitará hacer uso del fraude electoral para triunfar; 2. Situación Social. En tanto los capitalistas hacen su agosto, los intermediarios explotan al productor y al consumidor, los grandes terratenientes se enriquecen a costa del sudor del campesino, los grandes empleados y acomodados de la burocracia disfrutan sus buenos sueldos sin pensar sino en que esta situación dure y el gobernante se cruza de brazos ante el aparente panorama de bienestar, los pobres no comen, ni se calzan ni visten conforme a sus necesidades; (..) La solución está precisamente en la supresión del intermediario político, social y económico. Para lo cual es necesario que el Estado se convierta en órgano de la riqueza, director de político profesional, y armonizador social. Ello implica la desaparición del político profesional, la anulación del negociante acaparador, y la extirpación del agitador social*”. (Situação Interna, G.O.U. [1943?], em: Altamirano, 2007. Anexo documental. Suporte digital) [Grifo nosso].

³⁰ “*En el tiempo que estuve al frente del ex Departamento Nacional del Trabajo, he podido penetrar y encarar objetivamente los problemas gremiales. De ellos los que se han resuelto lo han sido por acuerdos directos entre patronos y obreros. Para saldar la gran deuda que todavía tenemos con las masas sufridas y virtuosas, hemos de apelar a la unión de todos los argentinos de buena voluntad, para que en reuniones de hermanos consigamos que en nuestra tierra no haya nadie que tenga que quejarse con fundamentos de la avaricia ajena. (..) Los patronos, los obreros y el Estado constituyen las partes de todo problema social. Ellos y no otros han de ser quienes los resultan, evitando la inútil y suicida destrucción de valores y energías. La unidad y compenetración de propósitos de esas tres partes debería ser la base de acción para luchar contra los verdaderos enemigos sociales representados por la falsa política, las ideologías extrañas sean cuales fueran, los falsos apóstoles que se introducen en el gremialismo para medrar con el engaño y la traición de las masas y las fuerzas ocultas de la perturbación del campo político-internacional. (..) Con la creación de la Secretaría de Trabajo y Previsión se inicia la era de política social argentina. Atrás quedará para siempre la época de la inestabilidad y desorden en que estaban sumidas las relaciones entre patronos y trabajadores, De ahora en adelante, las empresas podrán trazar sus previsiones para el futuro desarrollo de sus actividades, tendrán la garantía de que si las retribuciones y el trato que otorgan al personal concuerdan con las sanas reglas de convivencia*”

grande tradição de luta e formação de seus militantes, no cenário político nacional. Neste sentido,

A la intención de aumentar el control del Estado sobre el movimiento sindical favoreciendo su institucionalización se sumaba entonces el objetivo de evitar los conflictos laborales o canalizar su solución a través de instancias arbitrales (Del Campo, 1996: 253).

A intervenção no espaço da fábrica, por meio de uma modernização das relações trabalhistas, lesionou os interesses dos empresários, que se posicionaram na ofensiva contra as novas políticas. Para este período não se encontravam, mais, à frente das decisões de governo que os beneficiavam e tampouco detinham instrumentos para forçar as condições a seu favor.

Outra das apostas da intervenção do Estado na conformação definitiva dos sindicatos era reduzir a luta reivindicativa com a abertura à participação política. O regresso à legalidade das eleições seria, para as defraudadas classes médias, a recuperação da institucionalidade como uma marca característica de seu pertence político. No entanto, a aparição de novos sujeitos com direitos sociais e políticos no espaço urbano industrial se anunciou como uma virtual competência por um ideal de República.

Os setores mais sensíveis ao avanço das conquistas dos trabalhadores, forjaram uma conjuntural aliança. Por outro lado, Perón teve que modificar seus planos moderados para estreitar uma aliança com os trabalhadores e radicalizar seu programa. Dele dependia sentar de maneira exitosa as bases de uma indústria moderna e para isso devia abandonar sua posição de interventor neutral. Esta aliança amalgamou para os trabalhadores em torno a fortes traços emocionais de empatia, frente a tudo aquilo que os forçava à marginalidade política, econômica e social. Devido a este entramado, o peronismo resultou fundacional da identidade dos trabalhadores e transcendeu o período.

humana, no habrán de encontrar por parte del Estado sino el reconocimiento de su esfuerzo en pro del mejoramiento y de la economía general y consiguiente engrandecimiento del país. Los obreros, por su parte, tendrán la garantía de que las normas de trabajo que se establezcan enumerando los derechos y deberes de cada cual, habrán de ser exigidos por las autoridades del trabajo con el mayor celo y sancionado con inflexibilidad su incumplimiento. Unos y otros deberán persuadirse de que ni la astucia ni la violencia podrán ejercitarse en la vida del trabajo, porque una voluntad inquebrantable exigirá por igual, el disfrute de los derechos y el cumplimiento de las obligaciones” (Perón, J. Discurso sobre la política social de Estado [2 de Dezembro de 1943], em: Altamirano, 2007. Anexo documental. Suporte digital) [Grifo nosso].

Enquanto os líderes sindicais, forjados ao calor da ‘Década Infame’, desconfiavam e eram conscientes da míngua de suas forças durante o peronismo; as bases operárias, por outro lado, se aferraram à única possibilidade que lhes permitia perceber-se como sujeitos com capacidade de incidir na vida política nacional. O caminho da Argentina industrial moderna seria marcado, por tanto, pela intervenção do Estado como promotor, executor e garante de políticas públicas, que compreendiam ambiciosos planos de infraestrutura e uma reativação da indústria de consumo interno.

A recomposição de uma nova estrutura econômica cobrou impulsos da pós-guerra y acentuou as linhas que se esboçavam no incipiente desenvolvimento industrial. O peso dos sindicatos líderes se deslocou gradualmente daquelas atividades mais ligadas à exportação de bens primários, como os do transporte –ferroviários, portuários-; em direção aos do desenvolvimento interno, vinculados à construção e à moderna vida urbana –cimento, petróleo, mecânicos, gráficos-. Esta transformação também operou na influência ideológica dos sindicatos. Perderam incidência os militantes da corrente sindical e conquistaram auge as revitalizadas indústrias nas mãos daqueles grêmios que não desdenhavam de suas vinculações com os ‘partidos operários’.

Entre os ganhos, sob a organização impulsada por Perón, os sindicatos cresceram em quantidade e em número de afiliados, e sua participação na economia ajudou a percebê-los como autênticos protagonistas da Argentina moderna. Neste sentido, se consolidaram como uma força de grande relevância no cenário político. Se alguma dúvida se apresenta em relação à perda de autonomia dos trabalhadores e seus sindicatos, a respeito do movimento peronista, isto deveu-se ser revisado com o fechamento do ciclo, frente ao Golpe de Estado de 1955. No momento da ascensão do peronismo aos poderes do Estado, os trabalhadores careciam de representação parlamentar, devido à fraude, e as organizações sindicais se batiam contra a prepotência empresarial e governante. A participação sob o peronismo, ainda restrita por uma perda de autonomia que reclamavam os velhos líderes sindicais, era, quiçá, o modo mais palpável de vincular-se a uma cidadania política e a um circuito econômico ao que se encontravam, finalmente, integrados.

A defesa da figura de Perón que fizeram os trabalhadores em 17 de outubro de 1945, não só visibilizou os operários e massas pauperizadas da Argentina, mas catapultou o próprio Perón e seu programa em direção à vitória eleitoral em 1946. Após

novas eleições, Perón resultou escolhido para outro período presidencial de seis anos, em 1951. As forças da oposição se convenceram que só se apropriariam do poder do Estado mediante um Golpe. Este se produziu, finalmente, em 16 de setembro de 1955. A coalizão golpista se autodenominou ‘Revolución Libertadora’ e, de imediato, anulou os alcances e os efeitos das principais leis do peronismo, atacando os direitos trabalhistas³¹, declarando a proscricção do Partido Peronista e iniciando um rumo persecutório de seus aderentes em todos os âmbitos.

Possivelmente o peso que adquiriram os sindicatos se deva em grande parte a uma supervalorização de suas forças, obtida pela aliança com Perón. Contudo, este argumento se torna frágil se se considera que se mantiveram incólumes como grupo de pressão para contestar as políticas trabalhistas dos governos sucessivos. Nesta instância, também vale destacar uma questão capital: a autonomia. Devido à estreita relação dos sindicatos com o peronismo, a autonomia, como capacidade de manter a iniciativa e a margem de ação da atividade gremial, foi um tema recorrente. Apesar do amplo arraigo entre as bases da nova modalidade de organização sindical, vertical e obediente, os velhos líderes mantiveram pequenas margens de autonomia. Isto teria lhes permitido sobreviver com a queda de Perón e responder desde um lugar de privilégio.

Por outro lado, os dirigentes à frente das sedes regionais da Confederação Geral do Trabalho (CGT), em cada distrito, receavam não apenas a proximidade do vínculo com o governo peronista, mas também a crescente burocratização e a verticalidade das decisões que se concentravam em Buenos Aires. Em momentos de crise de representação política, como a que deveio no período posterior ao Golpe de estado de 1955, aflorou novamente a tensão histórica entre a cidade capital e as regiões. Por então, muitos líderes sindicais locais exploraram essas diferenças, devido a que os principais beneficiários dos arreglos com o regime de turno resultavam os hierarcas da cidade-porto, os *porteños*. Estes concentravam muitos recursos e símbolos como para erigir-se em substitutos do líder. Perón se encontrava exiliado e proscrito, e os grêmios se consideravam uma fortaleza, da nova estrutura econômica, e ponto de apoio de qualquer governo futuro. Desde estes espaços, por isso, começou uma aberta disputa pela

³¹ Os ‘*Derechos del Trabajador*’ foram incorporados à Constituição Nacional em 1949. Nela se contemplavam os direitos: a trabalhar, a uma retribuição justa, à capacitação, a condições dignas de trabalho, à preservação da saúde, à seguridade social e à melhora econômica, entre outros. Esta legislação foi anulada com a concreção da ditadura iniciada após o Golpe de estado de 1955.

representação legítima dos trabalhadores na cena política. Já não eram alheios, ainda sob a infinidade de discussões sobre sua autonomia com respeito ao peronismo, da vida política argentina.

Dentro do particular modelo sindical argentino, deve destacar-se que os trabalhadores se encontravam nucleados, em sua maioria, em torno a '*un sindicato por industria*'. Esta modalidade permitia coesão e homogeneidade, que depois seria reafirmada com a reunião sob uma única central sindical: a Confederação Geral do Trabalho (CGT) (1930). Entretanto, este modelo facilitou a concentração das decisões em conduções cada vez mais centralizadas e dependentes do peronismo. Outra das modalidades, no interior do modelo sindical, foi a organização de '*sindicatos locales bajo federaciones*'. (v. gr. la Federación Argentina de Trabajadores de Luz y Fuerza-1948). A diferença com respeito aos sindicatos por indústria se origina em que as seccionais locais dos grêmios federados eram as que arrecadavam as cotas sindicais e faziam um uso de seus fundos com maior independência. Alguns sindicatos adotaram ademais, como forma de contestar à burocratização de seus dirigentes, os mecanismos de Comissões internas em cada uma de suas fábricas. Nelas, os delegados gremiais, eleitos por seus próprios companheiros, se mantinham em contato diário com os problemas e as demandas concretas. Desta maneira, não só aumentou a representatividade do grêmio no posto de trabalho como também, ademais, ganhou-se em capacidade para tomar decisões democraticamente. Isto significou, ademais, ganhar margens de liberdade em cada setor de produção de uma fábrica.

Desde o impulso dado pela intervenção do Estado sob o governo peronista, a modernização industrial argentina se assentava sobre a elaboração de maquinaria com certo grau de tecnologia incorporada. Para isso requereu mão de obra com qualificação e aproveitamento de condições em um terreno propício. Neste ponto é onde se incorpora a cidade de Córdoba à caracterização do desenho da estrutura econômica. As especificidades do contexto, cultural e ideológico, e as lideranças acentuaram as diferenças que deram o tom aos fatos que se gestaram durante a década de sessenta nesta cidade mediterrânea.

2.3.- Sindicatos e trabalhadores em Córdoba.

O desenvolvimento industrial argentino desde os anos '50 esteve estreitamente vinculado à produção automotriz e metalomecânica; e este ciclo expansivo se estendeu aproximadamente até 1964. Até então, o capital estrangeiro mais algumas medidas de proteção nacional, estimularam a elaboração de produtos, não tão avançados tecnologicamente, porém que precisavam da incorporação de mão de obra e voltados, fundamentalmente, ao mercado local: tratores, veículos de cargas pequenos e automóveis familiares.

Entre outra das questões, não menos importantes que devem considerar-se, a Argentina dos começos da década de 1960 apresentava diferenças com respeito à situação em outros países da região. Seguindo uma leitura, com fundamentos na penetração de capitais e de uma estrutura econômica de capitalismo dependente, no caso argentino predominavam as relações salariais³².

Por volta de 1960 podiam advertir-se uma conjunção de fatores que afetavam o mundo fabril. O primeiro deles era o esgotamento do ciclo expansivo da indústria metalomecânica, e parte deste se devia ao limite da produção para o mercado interno. As características da industrialização por substituição de importações que se adotou na Argentina foi outorgar medidas de proteção, como taxaço e proibiçoes de ingressos de artigos, com o fim de garantir a produção nos termos oferecidos aos investidores externos. Ademais, o capital estrangeiro se concentrou em umas poucas atividades, razão pela que gozou de um relativo monopólio em sua rama, com um grande potencial

³² “La Argentina aparece con un porcentaje medio de TCP [trabajadores por cuenta propia] más cercano al de los países centrales, y, decididamente con una clara mayoría (de tres cuartos de su población activa) comprometida en relaciones capitalistas-asalariado. Pero lo que la distingue (...) es su porcentaje de empleadores y su correspondiente proporción TCR/Emp. [trabajadores con remuneración/empleadores], en tanto muestra una alta proporción de empleadores y un bajo número de asalariados por empleador. Esto hace referencia, creemos, a la presencia de capas de burguesía mediana y baja, con mayor peso que las que presentan tanto el caso inglés como el dominicano; (o el brasileño), caracterizados por una concentración decididamente mayor. Así, en el caso inglés tendríamos una estructura social caracterizada por el gran capital y una vasta masa de asalariados, en el caso dominicano o brasileño la presencia de vastos sectores no plenamente capitalistas (si bien es de suponer que conectados al ciclo del capital) coexisten con un sector capitalista marcado por la ausencia de sectores medianos o bajos (marcado, creemos por la presencia temprana y excluyente de monopolios) y en el caso argentino la presencia generalizada de relaciones salariales, se ve acompañada por un nivel medio-bajo de trabajadores independientes y muestra la presencia significativa de sectores capitalistas medianos y bajos. Creemos que esta característica argentina correspondería a una situación en la cual la presencia del capital monopólico, inescapable en la situación de dependencia, se ve acompañada no tanto por formas no plenamente capitalistas como por formas propias de un capitalismo atrasado” (Murmis, 1974: 15) [Aclaraçoes e grifo nosso]

para a expansão. Contudo, as medidas de proteção sustentadas por um longo período, desestimularam a incorporação de tecnologia nas plantas para produzir com maior qualidade e dirigir os produtos ao mercado externo. Neste sentido, no momento de esgotar a inserção no mercado local, careceram de força para competir com outras indústrias, de similares características, em outras geografias³³.

O segundo destes fatores, era o esgotamento de um modelo de condução sindical, que se manifestava, principalmente, no interior do espaço de trabalho³⁴. A irrupção de novas conduções gremiais, com motivo da proibição para apresentar-se a eleições àqueles sindicalistas de maior experiência, em sua maioria, identificados com o peronismo, ofereceu perspectivas de trabalho e comunicação nunca antes vistas. Ao arraigo de tradição peronista dentro do sindicalismo do período, como baluarte da defesa dos interesses dos trabalhadores (Pons, 2008) se anunciaram outras perspectivas. Neste sentido, a nova condução de *Luz y Fuerza* ganhou as eleições dentro do grêmio em 1953. Uma de suas tantas iniciativas foi a criação de um jornal mensal *Electrum*, que tinha como finalidade afiançar a comunicação entre a comissão diretiva e os afiliados ao grêmio, porém fundamentalmente, constituir-se como uma ferramenta de informação, organização e formação para os trabalhadores. Ente aqueles novos dirigentes, se encontrava Agustín Tosco. Também o SMATA, uns anos depois, implementou a realização de assembleias multitudinárias no Córdoba Sport Club, para informar aos afiliados e tomar decisões sobre as futuras ações. Os novos trabalhadores, que se incorporavam e provinham das provincias, começaram a adquirir novas ideias dentro da fábrica, não somente no que se refere a sua politização, como também, ademais, em torno à conformação de uma identidade operária.

³³ Ainda que o sistema protecionista reduziu sua participação entre 1961 y 1966, e para o ano 1967 já se tomaram medidas para racionalizar este sistema e promover as exportações; o modelo de industrialização imperante nos primeiros anos da década de '60 continuava sendo o mesmo que havia sido adotado desde o segundo governo peronista. Tanto é assim que “*las actividades que colindaban con la sustitución de importaciones se desarrollaron merced a la ayuda de los inversores extranjeros y del generoso proteccionismo (...) el excesivo proteccionismo y la tranquilidad oligopólica tal vez fueron la causa de que algunas empresas se abstuvieran de realizar oportunas investigaciones para conseguir la reducción de los costos y conquistar nuevos mercados extranjeros.*” (Díaz Alejandro, 1983: 266)

³⁴ Na busca de um modelo organizacional alternativo, alguns sindicatos propuseram que “*las diversas experiencias autónomas imponían la necesidad de nuevas formas organizacionales que condujeran a la construcción de una organización política obrera que fuera más allá de las luchas en la fábrica, las organizaciones sindicales y los partidos políticos*”. (Mignon, 2014: 163). De extensas jornadas e discussões, nesta busca, surgiu a experiência que se conheceu como ‘*clasismo*’ que teve lugar nos sindicatos da Fiat com posterioridade ao *Cordobazo*. O *clasismo* consistia em um alto grau de consciência de classe que se conformava no interior da luta e as práticas dos próprios trabalhadores.

O último fator que consideramos, e enlaçado ao anterior no que faz às particularidades dos grêmios cordobeses, foi o grau de autonomia. Além de defender-se frente aos ditados das centrais *porteñas*, o equilíbrio de forças nos sindicatos peronistas não era suficiente para adotar decisões em conjunto, mais favoráveis ao diálogo ou à confrontação. Neste ponto é onde se destacou a condução do sindicato de *Luz y Fuerza*, e na liderança de Agustín Tosco, para guiar os sindicatos ‘independentes’ (não peronistas) em seu apoio, sob determinadas condições, a um e outro setor, até configurar-se como a principal expressão opositora às medidas governamentais. Acaso o exemplo mais patente da força desta condução gremial foi uma firme interpelação à ditadura, em agosto de 1966. Nela se destacaram os indícios prejudiciais que se avizinhavam contra os trabalhadores e a sociedade, os problemas não resolvidos da situação econômica, e a advertência sobre a carência de confiança para corrigir o trajeto sob o novo governo ditatorial³⁵.

Esses fatores que afetavam o mundo fabril tomaram outro semblante quando a ditadura, desde os aparatos do Estado, interveio nos conflitos a favor das empresas. Medidas de política econômica com o propósito de reduzir o custo da mão de obra, como a derrogação do *sábado inglés*³⁶ e o fim da suspensão às *quitas zonales*³⁷, afetavam conquistas dos trabalhadores e impactavam sobre seus salários que começavam a deteriorar-se com a inflação. Todavia, deve anotar-se que estes avanços sobre o mundo fabril não só era um ataque contra as condições laborais dos trabalhadores. A medida que os trabalhadores se vincularam a seus espaços de trabalho, identificaram-se em sua condição de trabalhadores, afirmaram-se em novas ideias sobre o alcance de seus direitos. O exercício político no interior da fábrica, onde advertiam as

³⁵ *Consejo Directivo Sindicato de Luz y Fuerza de Córdoba, 16 de agosto de 1966. Signos Negativos*, diário Córdoba, quinta-feira 18 de agosto de 1966, p.4.

³⁶ O *sábado inglés* era uma modalidade de aquisição da força laboral onde para uma semana de trabalho de 44 horas, realizava-se o pagamento efetivo por 48 hs. O nome deriva do trabalho do dia sábado durante meia jornada e o pagamento como jornada completa. Esta prática, em Córdoba, foi fruto de uma conquista sindical dos delegados comunistas frente à empresa IKA em 1957. A ditadura, a instâncias dos empresários, a derogou em 12 de maio de 1969. (Cf. Brennan, 1996; Gordillo, 1999)

³⁷ As *quitas zonales* era um sistema de remuneração da aquisição da força laboral pelo qual a um trabalhador das províncias, pela mesma tarefa, pagava-se menos que a um trabalhador de Buenos Aires. Enquanto este sistema esteve suspenso, os trabalhadores de Córdoba não se viam prejudicados nos valores acordados nas negociações coletivas entre os grêmios e as empresas. Finalmente a ditadura, para ganhar-se o favor da central sindical em mãos do dirigente Augusto Vandor em seu propósito de tomar o controle dos sindicatos das províncias, reestabeleceu as *quitas zonales* em março de 1969. (Cf. Brennan, 1996; Gordillo, 1999)

diretivas das linhas oficiais e escutavam as opositoras, permitia-lhes exercer alguma influência sobre o rumo dos acontecimentos das decisões gremiais. Em outras ocasiões, no entanto, as negociações entre as conduções burocráticas e a ditadura interferiam permanentemente em uma saída política que permitisse trasladar essa maturidade ganhada nas fábricas ao exercício democrático fora dos muros de concreto.

O caminho da industrialização por substituição de importações, impulsou em Córdoba, o adiantado aproveitamento da energia elétrica e instalaram-se as primeiras fábricas na periferia da cidade: Fiat (Itália), em 1954, e Industrias Kaiser Argentina (EUA), em 1955. A pioneira *Industrias Aeronáuticas y Mecánicas del Estado (IAME)*, de capitais nacionais e em funções desde 1952, havia iniciado o caminho de especialização da mão de obra. Com estes elementos, se a indústria automotriz liderava o desenvolvimento industrial argentino desde a década de cinquenta, a começos dos anos '60 Córdoba se consolidava como seu centro nevrálgico. Então,

Para 1963 se evidencia claramente en la capital provincial la enorme concentración activa en el sector automotriz, que representa el 47 por ciento del personal efectivamente ocupado en la industria, porcentaje que resulta mayor si se consideran las industrias subsidiarias del automotor dedicadas a la fabricación de repuestos y autopartes que ocupan el segundo lugar en cuanto al personal ocupado (Gordillo, 1999: 167).

A cidade viu chegar contingentes, principalmente, de jovens do interior provincial. A crise de excesso de mão de obra no campo, usualmente nesse período do século latino-americano, supria-se com uma 'fuga' de habitantes em direção às cidades principais. Como característica própria de Córdoba, devido à situação expansiva na qual se encontrava a indústria, estes jovens recém-chegados foram rapidamente absorvidos como operários das fábricas e suas oficinas satélites.

Para 1960 Córdoba era la ciudad argentina con mayor población joven, representando ésta el 54% del total, porcentaje superior al 46% correspondiente a Buenos Aires y Rosario. La mayor parte de esta población tenían entre 18 y 30 años (..) en 1963; (..) el personal ocupado en toda la industria [automotriz correspondía a] 49.432 [personas, entre empleados y obreros] (Gordillo, 1999: 51). [Aclarações nossas].

Os sindicatos mecânicos e metalúrgicos disputaram a influência sobre os trabalhadores e o conjunto do movimento operário cordobês. A incidência do Sindicato de *Luz y Fuerza* também seria ineludível para o período de auge dos grêmios ligados ao

crescimento econômico³⁸. Da mesma maneira, floresceram pujantes bairros de trabalhadores em torno às fábricas de grandes dimensões, ao sul do centro urbano.

Por volta da década de '60, a cidade de Córdoba ia em caminho de alcançar seu meio milhão de habitantes³⁹. Havia mudado, ademais, a composição do trabalho dos profissionais das classes médias, os funcionários e os ofícios. Mais atividades vinculadas aos serviços e ao comércio ofereciam não só produtos de consumo massivo, como também a circulação pelo centro da cidade. O antigo traçado colonial, que se concentrava nos arredores da Plaza central, do Cabildo e da Catedral, atraía a atividade política em torno aos edifícios gremiais e da CGT. Desta maneira, também se estendia a jornada laboral a outras atividades sociais e permitia alternativas à sociabilidade como forma de acesso à cultura.

Alguns dos sindicatos consolidados, não só acolhiam novos trabalhadores com baixa formação política, mas também deveram incorporar novas demandas. Neste sentido, a busca de capacitação fora da fábrica, em forma de cursos de especialização, combinava-se com as facilidades de créditos para o acesso à moradia própria e o consumo de bens aos que até então só tinham acesso setores da classe média, entre eles a universidade. Bons salários se complementavam com estabilidade laboral, e se o sindicato velava por interesses coletivos restava ainda uma margem para realizar reclamos que transcendiam o meramente gremial.

A distância geográfica com Buenos Aires, permitiu algumas liberdades aos sindicatos cordobeses. Ao menos, aos que haviam crescido exponencialmente com a modernização da indústria. Em relação a isso, dois dos sindicatos com maior força desenvolveram modalidades próprias de exercício gremial.

Os trabalhadores de IKA, nas eleições para o Sindicato de Mecânicos e Afins do Transporte Automotor (SMATA) elegeram uma nova condução em 1958. Quem resultou eleito, Elpidio Torres, era de filiação peronista e havia ganhado frente a duas forças de esquerda, que somadas eram maioria. A fim de manter um contato permanente com os problemas que havia em cada uma das linhas de produção e, dessa maneira, evitar os conflitos com a oposição gremial, foi fundamental a colocação em funções das

³⁸ Segundo cálculos estimativos, para 1966, SMATA contava com 7100 afiliados gremiais, e *Luz y Fuerza*, 2320 trabalhadores sindicalizados. (Cfr. Gordillo, 1991).

³⁹ Em 1966, a população da cidade de Córdoba era de 683.628 habitantes. (Cfr. Gordillo, 1991).

Comissões internas de delegados. A condução peronista também recorreu, quando foi necessário tomar uma decisão de caráter mais político, à convocatória de grandes assembleias abertas para os afiliados.

No caso da condução do grêmio federado de *Luz y Fuerza*, nova e heterogênea politicamente desde 1953, à maior autonomia respeito à Federação se somavam práticas de alta participação interna. A tomada de posição antecipada desta condução contra a ditadura instalada pelo Golpe de estado de 28 de junho de 1966, no mês de agosto, recuperou a tradição ‘ortodoxa’ dos programas sindicais. O calço para o rechaço aos avanços contra os projetos alheios ao movimento operário, provinha dos setores mais radicalizados do sindicalismo peronista. A CGT, reunida na localidade cordobesa de La Falda, em 1957, propunha entre outros pontos de seu Programa, o

Control obrero de la producción y distribución de la riqueza nacional, mediante la participación efectiva de los trabajadores:

-en la elaboración y ejecución del plan económico general, a través de las organizaciones sindicales;

-participación en la dirección de las empresas privadas y públicas, asegurando, en cada caso, el sentido social de la riqueza;

-control popular de precios. (Plenario Nacional de Delegaciones Regionales de la C.G.T., “Programa de La Falda”, 1957).

Reservava, também, uns parágrafos para sentar posição contra os setores enfrentados, sem deixar de identificar as diferenças no interior do sindicalismo contra as decisões verticais que se produziam desde as conduções centrais⁴⁰. Só cinco anos depois alguns destes pontos se reafirmavam em uma nova reunião das 62 Organizações⁴¹, esta vez na localidade cordobesa de Huerta Grande⁴².

⁴⁰ “Fortalecimiento del Estado nacional popular, tendiente a lograr la destrucción de los sectores oligárquicos antinacionales y sus aliados extranjeros, y *teniendo presente que la clase trabajadora es la única fuerza argentina que re presenta en sus intereses los anhelos del país mismo, a lo que agrega su unidad de planteamientos de lucha y fortaleza. Dirección de la acción hacia un entendimiento integral (político-económico) con las naciones hermanas latinoamericanas. Acción política que reemplace las divisiones artificiales internas, basadas en el federalismo liberal y falso. Libertad de elegir y ser elegido, sin inhabilitaciones, y el fortalecimiento definitivo de la voluntad popular. Solidaridad de la clase trabajadora con las luchas de liberación nacional de los pueblos oprimidos. Política internacional independiente*” (Plenário Nacional de Delegações Regionais da C.G.T., “Programa de La Falda”, 1957) [Grifo nosso].

⁴¹ As 62 *Organizaciones Gremiales Peronistas* é uma agrupação *ad hoc*. Entre os grêmios originais, respondiam a essa identidade política. Conformou-se como grupo estável de pressão desde 1957 até a atualidade.

⁴² “1. *Nacionalizar todos los bancos y establecer un sistema bancario estatal y centralizado. 2. Implantar el control estatal sobre el comercio exterior. 3. Nacionalizar los sectores clave de la economía: siderurgia, electricidad, petróleo y frigoríficas. 4. Prohibir toda exportación directa o indirecta de*

Em relação ao conteúdo dos Programas, adverte-se uma posição que distava de acordar com os regimes de turno. Não só os grêmios se sentiam partícipes da Argentina moderna, mas também o rumo devia conduzir-se segundo a representação de uma versão radicalizada do peronismo.

Esta oposição se manteve vigente entre os grêmios cordobeses, devido tanto às diferenças com as conduções centrais burocratizadas, como à dinâmica própria no interior do exercício gremial propiciado pelas lideranças cordobesas. O estreito contato entre os trabalhadores e as conduções gremiais locais, permitiu tomar rápido partido ante as dificuldades. Também, o reconhecimento à heterogeneidade política e a um intercambio fluido, convergiam para reforçar a ideia de grêmios democráticos, em um contexto político instável, assinado pela tutela do poder militar.

As posturas mais ferrenhas contra a ditadura se recuperaram e Córdoba. Por um lado, devido à ofensiva dos planos econômicos contra os benefícios trabalhistas com os que contavam os trabalhadores. Por outro lado, com motivo do discurso aceso da nova condução gremial da CGT, desde março de 1968, que vinha reivindicar uma posição política perdida.

No que se refere a ações concretas, contra a autonomia das regionais, se destaca a intervenção no SMATA, de Córdoba, em 1967 por parte das autoridades da central sindical. No fundo desta disputa se encontrava o aumento da cota sindical e o aporte de um fundo extraordinário em benefício da central *porteña*. Naquele momento,

Entre los afiliados la intervención fue mayoritariamente repudiada, ya que a pesar de todas las críticas internamente le hacían [a la conducción local], veían en la decisión de la central un acto de arbitrariedad y de desconocimiento de la voluntad de los afiliados (Gordillo, 1991: 174) [Aclaração nossa].

capitales. 5. Desconocer los compromisos financieros del país, firmados a espaldas del pueblo. 6. Prohibir toda importación competitiva con nuestra producción. 7. Expropiar a la oligarquía terrateniente sin ningún tipo de compensación. 8. Implantar el control obrero sobre la producción. 9. Abolir el secreto comercial y fiscalizar rigurosamente las sociedades comerciales. 10. Planificar el esfuerzo productivo en función de los intereses de la Nación y el Pueblo Argentino, fijando líneas de prioridades y estableciendo topes mínimos y máximos de producción". (Plenário Nacional das 62 Organizações, "Programa de Huerta Grande", junho de 1962). La Falda e Huerta Grande são duas localidades emolduradas entre rios e montanhas, só separadas por 2,5 quilômetros. A concentração geográfica destas reuniões se corresponde com o auge alcançado pelo sindicalismo durante o peronismo. Ali, os sindicatos construíram grandes complexos de lazer para os períodos de férias de seus afiliados. O sentido de pertença, dos trabalhadores com o espaço, facilitava o encontro dos congressistas.

Se o resultado imediato foi com vantagem para a regional cordobesa do SMATA, no plano econômico geral a ditadura já havia colocado em ação seus planos de estabilização econômica que impactavam sobre os salários dos trabalhadores.

Referente à oposição política dos sindicatos cordobeses, situou-se na vanguarda o grêmio de *Luz y Fuerza*, em agosto de 1966. Por meio de uma nota na imprensa gráfica pôs em dúvida a capacidade da ditadura para resolver os problemas que se proponha⁴³. A ampla difusão da postura não só dava conta dos conflitos que afetavam aos trabalhadores como também do incremento do custo de vida, da suspensão de trabalhadores ou da retomada das negociações coletivas. Fazia eco da intervenção da ditadura sobre as universidades, também prontamente e por conta do peso da estudantada cordobesa. O questionamento a uma nova designação, para um ministro de economia que já havia fracassado anteriormente, foi, quiçá, o ponto mais incômodo para as autoridades nacionais. Deixou exposta a ditadura, quem

Ha confirmado la creencia que se insistirá sobre tremendos errores del pasado en materia económica, que endeudaron al país, condicionaron su evolución a las conveniencias internacionales no siempre compatibles con un auténtico desarrollo, y deterioraron el nivel de vida del pueblo. (Signos negativos, Consejo Directivo Sindicato de Luz y Fuerza de Córdoba. Solicitada, 16 de agosto de 1966; em: diario Córdoba, 18 de agosto de 1966: 4).

Esta posição se viu revigorada, por 1968, com uma nova condução nacional. A CGT ‘dos Argentinos’, retomava as bases sentadas pelo sindicalismo mais combativo⁴⁴.

⁴³ *El breve ejercicio del poder por parte del nuevo gobierno, permitiría acusar de precipitado este análisis, pero dado el carácter de proyección histórica que acusan sus determinaciones, resulta imprescindible alertar sobre las negativas consecuencias que las mismas alcanzan, profundizando los problemas que se planteaba resolver. (Signos negativos, Consejo Directivo Sindicato de Luz y Fuerza de Córdoba. Solicitada, 16 de agosto de 1966; em: diario Córdoba, 18 de agosto de 1966: 4).*

⁴⁴ *El aplastamiento de la clase obrera va acompañado de la liquidación de la industria nacional, la entrega de todos los recursos, la sumisión a los organismos financieros internacionales. Asistimos avergonzados a la culminación, tal vez el epílogo, de un nuevo período de desgracia. Durante el año 1967 se ha completado prácticamente la entrega del patrimonio económico del país a los grandes monopolios norteamericanos y europeos. En 1958 el 51% de lo facturado por las cincuenta empresas más grandes del país correspondía a capitales extranjeros. En 1965 esa cifra ascendía al 65%. Hoy se puede afirmar que las tres cuartas partes del capital invertido pertenece a los monopolios (...) el método que permitió este escandaloso despojo no puede ser más simple. El gobierno que surgió con el apoyo de las fuerzas armadas, elegido por nadie, rebajó los aranceles de importación. Los monopolios aplicaron ‘la ley de la selva’, el dumping, las fabricantes nacionales hundiéronse. Esos mismos monopolios, sirviéndose de bancos extranjeros, ejecutaron luego a los deudores. Llenaron de crédito a sus mandantes y con dinero argentino compraron a precio de bancarrota las empresas que el capital y el trabajo nacional habían levantado en años de esfuerzo y sacrificio. Este es el verdadero rostro de la libre empresa, de la libre entrega, filosofía oficial del régimen (Mensaje a los trabajadores y al pueblo argentino, “Programa do 1º de mayo”, CGTA, 1968).*

Ancorada em novas alianças, encontrou nos sindicatos cordobeses uma de suas mais férreas colunas. Aqui reside, se temos que analisar com atenção a maior politização dos trabalhadores cordobeses, o grau de relevância que assume a irrupção de CGT dos Argentinos, em março de 1968. Esta presença da CGTA evidenciou as debilidades da burocracia sindical, seus constantes acordos com o poder de turno⁴⁵. O surgimento oportuno desta condução da Central operária, como seu efeito mais duradouro, conseguiu reunir institucionalmente, e em um mesmo movimento, o rechaço contra a ditadura e suas políticas; e contra o clima opressivo das classes dominantes em Córdoba.

Restava então, o atropelamento da Guarda de Infantaria sobre uma assembleia do SMATA no clube Córdoba Sport, em 14 de maio de 1969. O enfrentamento das forças policiais com operários desarmados no centro da cidade, terminou por definir os grêmios que resistiam a empreender ações diretas. Como consequência da escalada repressiva da ditadura, acordou-se uma ‘greve geral com mobilização’, dos postos de trabalho ao centro da cidade, para o dia 29 de maio de 1969.

⁴⁵ Por outro lado, a conjunção de medidas repressivas e a restauração do velho poder dos grêmios que puseram fim à experiência da CGTA, por 1970, mostraram as dificuldades de compor um equilíbrio de forças alternativo na Argentina.



Fotog. 1. Trabalhadores a pé até o Centro da cidade, em 29 de maio de 1969. LP, 31/05/69.

2.4.- No Sindicato e com os estudantes

Apresentamos, a continuação, duas elaborações de dirigentes do movimento operário. Sua difusão teve caráter massivo, e em ambas existiram menções aos estudantes como sujeitos valiosos para futuras alianças ou para a concreção de ações conjuntas. Uma primeira abordagem de interpretações sobre a política do período poderá advertir-se com estes documentos.

No dia 16 de agosto de 1966 se reúnem na sede sindical os afiliados do grêmio de *Luz y Fuerza* de Córdoba, correspondentes à Empresa Provincial de Energia Eléctrica. Debate-se sobre a situação nacional e se distribui na imprensa gráfica, finalmente publicada em 18 de agosto, a declaração “Signos Negativos”.

El breve ejercicio del poder por parte del nuevo Gobierno, permitiría acusar de precipitado este análisis, pero dado el carácter de determinación histórica que acusan sus proyecciones, resulta imprescindible alertar sobre las negativas consecuencias que las mismas alcanzan, profundizando los problemas que se planea resolver (...) La enumeración de los principales problemas que afectan a la Clase Trabajadora y de los que repercuten sobre las grandes posibilidades del país, persiguen la finalidad de una contribución efectiva para su más rápida corrección. En tal sentido reclamamos la adopción de las siguientes medidas:

1, *Freno a la carestía de vida. Creación de nuevas fuentes de trabajo. Aumentos salariales compensatorios de la depreciación sufrida. Cumplimiento de los convenios colectivos de trabajo. Respeto del derecho de huelga. Mantenimiento del Ministerio de Trabajo y Seguridad Social;*

2, *Levantamiento de las suspensiones masivas y incorporación de los trabajadores despedidos;*

3, *Facilitación de créditos para la reactivación económica. Restitución de las atribuciones a las cooperativas de crédito. Gestión de cooperación internacional en niveles de recíprocos beneficios y en función del progreso general del país;*

4, *Mantenimiento del sistema universitario con provisión de recursos para satisfacer un adecuado presupuesto funcional;*

5, *Elaboración de un Plan de Desarrollo con participación de todos los sectores de la comunidad. Constitución del Consejo Económico y Social;*

6, *Medidas de Gobierno para la pronta vigencia de una democracia representativa con sentido y alcance social.*

De esta manera creemos que se facilitaría en extensa medida la gran aspiración nacional: desarrollo económico, democracia y justicia social. (..)

(Signos Negativos, Consejo Directivo Sindicato de Luz y Fuerza de Córdoba, Solicitada, 16 de agosto de 1966, em: diario Córdoba, 18/8/1966: 4).

Enquanto isso, a ditadura afinava seus métodos para restringir os crescentes protestos⁴⁶. As ordens implementadas sobre a dissolução das entidades estudantis de toda a UNC, emanada desde o *Ministerio del Interior de la Nación* com posterioridade aos acontecimentos de 18 agosto de 1966⁴⁷, e sobre a proibição de manifestar publicamente sem autorização expressa, por parte das autoridades provinciais, não estavam sendo respeitadas. Os estudantes respondiam cada vez com novas ideias, formas de organização e estratégias de enfrentamento. Agrupava-se em uma esquina um

⁴⁶ Desde o momento inicial do Golpe de estado de 1966 se trazou a trajetória que seguiriam seus executores e o panorama pouco auspicioso para o movimento operário. Só lhes caberia um papel restrito ao mundo fabril. “1. *Objetivo General. Consolidar los valores espirituales y morales, elevar el nivel cultural, educacional, científico y técnico; eliminar las causas profundas del actual estancamiento económico, alcanzar adecuadas relaciones laborales, asegurar el bienestar social y afianzar nuestra tradición espiritual inspirada en los ideales de libertad y dignidad de la persona humana, que son patrimonio de la civilización occidental y cristiana; como medios para restablecer una auténtica democracia representativa en la que impere el orden dentro de la ley, la justicia y el interés del bien común, todo ello para reencauzar al país por el camino de su grandeza y proyectarlo hacia el exterior. 2. Objetivos particulares. (..) D. En el ámbito de la política laboral. Alcanzar un justo equilibrio entre los intereses de la Nación, del trabajo y de la empresa, manteniendo las organizaciones correspondientes dentro del marco específico de su función propia.*” (Junta Revolucionária, Objetivos políticos. Fines de la Revolución [1966], em: Altamirano. 2007. Anexo documental. Suporte digital).

⁴⁷ Com motivo dos disparos de balas que efetuaram forças policiais contra o estudante Alberto Cerdá, durante a manhã os estudantes resistiram aos embates da ditadura dentro do Hospital Nacional de Clínicas, dependente da Faculdade de Medicina da UNC, e durante a noite se produziu a primeira ocupação do Bairro Clínicas com a montagem de barricadas e fogarés.

pequeno grupo, e quando chegava a Guarda de Infantaria, corpo da Polícia, já haviam se dispersado e outro grupo, uns quarteirões mais distantes, começava uma nova reunião com consignas anti-ditatoriais. No dia 7 de setembro os estudantes se convocaram no centro da cidade para levar adiante uma assembleia que decidisse sobre a continuidade da greve geral. A mesma, havia sido decretada pela Federação Universitária de Córdoba (FUC), a instâncias do Integralismo⁴⁸, desde a intervenção das Universidades. Entretanto, em uma ação repressiva, um membro da Polícia dispara a queima-roupa sobre o estudante de engenharia Santiago Pampillón, que também se desempenhava como trabalhador e encarregado de seção na fábrica de automóveis Industrias Kaiser Argentina (IKA). A notícia se dispersa rapidamente e os estudantes *tomam* o bairro por completo durante algumas horas, cortando o fornecimento de energia elétrica, acendendo fogaréis e lançando projetis improvisados contra os policiais que tentaram ingressar ao setor. Foram jornadas de tensa vigília, com espaços cedidos pelos grêmios para que os estudantes pudessem manter reuniões ao abrigo da repressão. Durante essas jornadas, as agrupações organizaram ‘panelas populares’ nas ruas ante o fechamento do *Comedor universitario*⁴⁹, disposto pelas autoridades universitárias com o fim de prevenir reuniões de estudantes. Finalmente, no dia 12 de setembro morre Pampillón e a comoção transcende o próprio espaço estudantil. A Confederação Geral do Trabalho (CGT), regional Córdoba, “*decretó ese día como de duelo ‘para todos los trabajadores de Córdoba’ y se los invitó a concurrir al funeral*” (Gordillo, 1991: 114).

Durante o mês de março de 1968, com motivo da normalização das conduções sindicais, realizou-se a eleição de seus dirigentes cerceada desde o Golpe. Por tal motivo, a CGT convocou um Congresso de delegados. Durante o mesmo, resultou eleito o dirigente Raimundo Ongaro, do grêmio de operários Gráficos. Seu estilo pouco conciliador, que recolhia reivindicações históricas dos trabalhadores⁵⁰, augurou uma quebra na central sindical, pela qual setores mais inclinados aos arreglos se agrupam sob a condução do metalúrgico Augusto Vandor. Fundamentalmente, Ongaro tinha respaldo

⁴⁸ O *Integralismo* na Argentina se identifica, nas suas origens, com o catolicismo e propunha, dentro da Universidade, o ‘apoliticismo’. Com grande incidência sobre os estudantes, seria protagonista relevante do movimento estudantil *cordobés* desde 1957 até 1969.

⁴⁹ Restaurante universitário.

⁵⁰ Cf.: Plenário Nacional de Delegações Regionais da CGT e das 62 Organizações ‘Programa de La Falda’, 1957; e Plenário Nacional das 62 Organizações ‘Programa de Huerta Grande’, 1959.

das conduções gremiais do interior do país, que frequentemente se encontravam abandonadas em seus reclamos pelos ‘burocratas’⁵¹ de Buenos Aires. Para muito, na cidade capital se achava a fortaleza gremial e suas capacidades de incidir sobre os rumos da política nacional; longe dos conflitos laborais, que ocorriam nas províncias e haviam se agravado pelas políticas econômicas da ditadura.

Com o respaldo de sua recente eleição, Ongaro elege Córdoba para a celebração do Dia do Trabalho e fazer pública a linha da recente condução operária. Pronuncia, nesta cidade, uma proclama: o ‘Programa do 1 de Maio’⁵².

Nosotros, representantes de la CGT de los Argentinos, legalmente constituida en el congreso normalizador Amado Olmos, en este Primero de Mayo nos dirigimos al pueblo. Los invitamos a que nos acompañen en un examen de conciencia, una empresa común y un homenaje a los forjadores, a los héroes y los mártires de la clase trabajadora.

(..) En esas luchas y en esos muertos reconocemos nuestro fundamento, nuestro patrimonio, la tierra que pisamos, la voz con que queremos hablar, los actos que debemos hacer: esa gran revolución incumplida y traicionada pero viva en el corazón de los argentinos.

(..) La historia del movimiento obrero, nuestra situación concreta como clase y la situación del país nos llevan a cuestionar el fundamento mismo de esta sociedad: la compraventa del trabajo y la propiedad privada de los medios de producción.

(..) A los que afirman que los trabajadores deben permanecer indiferentes al destino del país y pretenden que nos ocupemos solamente de problemas sindicales, les respondemos (..) El trabajador quiere el sindicalismo integral, que se proyecte hacia el control del poder, que asegure en función de tal el bienestar del pueblo todo. Lo otro es el sindicalismo amarillo, imperialista, que quiere que nos ocupemos solamente de los convenios y las colonias de vacaciones.

(..) Las direcciones indignas deben ser barridas desde las bases. En cada comisión interna, cada gremio, cada federación, cada regional, los trabajadores deben asumir su responsabilidad histórica hasta que no quede un vestigio de colaboracionismo.

(..) • A los universitarios, intelectuales, artistas, cuya ubicación no es dudosa frente a un gobierno elegido por nadie que ha intervenido las universidades, quemando libros, aniquilando la cinematografía nacional, censurando el teatro, entorpeciendo el arte. Les recordamos: el campo del intelectual es por definición la conciencia. Un intelectual que no comprende lo que pasa en su tiempo y en su país es una contradicción andante, y el que comprendiendo no

⁵¹ Uma proximidade semântica com o uso pejorativo do termo ‘burocrata’ é a que se utiliza no Brasil sob o nome ‘pelego’.

⁵² Esse discurso seria, ademais, publicado em Nro. 1 do periódico da CGT, sob a nova condução. A direção do meio gráfico estava a cargo do jornalista Rodolfo Walsh. Consulta on line.

actúa, tendrá un lugar en la antología del llanto, no en la historia viva de su tierra.

(..) • A los estudiantes queremos verlos junto a nosotros, como de algún modo estuvieron juntos en los hechos, asesinados por los mismos verdugos, Santiago Pampillón y Felipe Vallese⁵³. La CGT de los Argentinos no les ofrece halagos ni complacencias, les ofrece una militancia concreta junto a sus hermanos trabajadores.

(..) La CGT convoca en suma a todos los sectores, con la única excepción de minorías entregadoras y dirigentes corrompidos, a movilizarse en los cuatro rincones del país para combatir de frente al imperialismo, los monopolios y el hambre. Esta es la voluntad indudable de un pueblo harto de explotación e hipocresía, herido en su libertad, atacado en sus derechos, ofendido en sus sentimientos, pero dispuesto a ser el único protagonista de su destino.

(..) Pero nada nos habrá de detener, ni la cárcel ni la muerte. Porque no se puede encarcelar y matar a todo el pueblo y porque la inmensa mayoría de los argentinos, sin pactos electorales, sin aventuras colaboracionistas ni golpistas, sabe que sólo el pueblo salvará al pueblo. (Mensaje a los trabajadores y el pueblo, CGTA, mayo de 1968 ‘Programa del 1º de Mayo’).

A relevância dos dois discursos emitidos no seio do movimento operário, de Córdoba e desde Córdoba, permite-nos advertir, contando a distância temporal e a eclosão de novos conflitos, suas transformações.

O discurso do Conselho Diretivo do Sindicato de *Luz y Fuerza*, de agosto de 1966, é a primeira manifestação pública de um grêmio argentino contra a ditadura. No mesmo, identifica os problemas da ‘Classe trabalhadora’ e aborda a questão da universidade a partir de um debate lateral, as verbas públicas, mais afirmado nos reclamos anteriores ao Golpe, que nas disputas contemporâneas contra à intervención. Ainda assim, era uma ponte estendida aos estudantes e indicou o caminho sobre os que seriam os possíveis aliados a fim de conseguir a ‘pronta vigência da democracia representativa’. Paradoxalmente, no mesmo dia que se conhecia esta declaração do Sindicato, em 18 de agosto, começava a ‘Greve de fome’ dos dirigentes do *Integralismo*

⁵³ Felipe Vallese, operário metalúrgico e delegado gremial peronista, desapareceu em 1962. Junto a outros militantes, foi sequestrado em Buenos Aires por uma quadrilha da Polícia Bonaerense. Sobre este trabalhador se prefigura um período trágico para os argentinos. Por sua modalidade e por seus efeitos. Um grupo opera nas sombras e ao abrigo da força das armas; o espera, o cerca e o sequestra. Depois intimida as testemunhas para que não se envolvam em defesa dos detidos. A força de tarefas ilegal é amparada em seu acionar, é negada sua participação e gozam de impunidade ao abrigo do Estado. Os detidos são submetidos à tortura, e sob estas ações, se presume, foi morto Vallese; depois ‘desaparece’ todo vestígio dessa pessoa, até a ação de memória que o tornam evidente. Seria uma das primeiras vítimas da figura argentina ‘desaparição forçada de pessoa’.

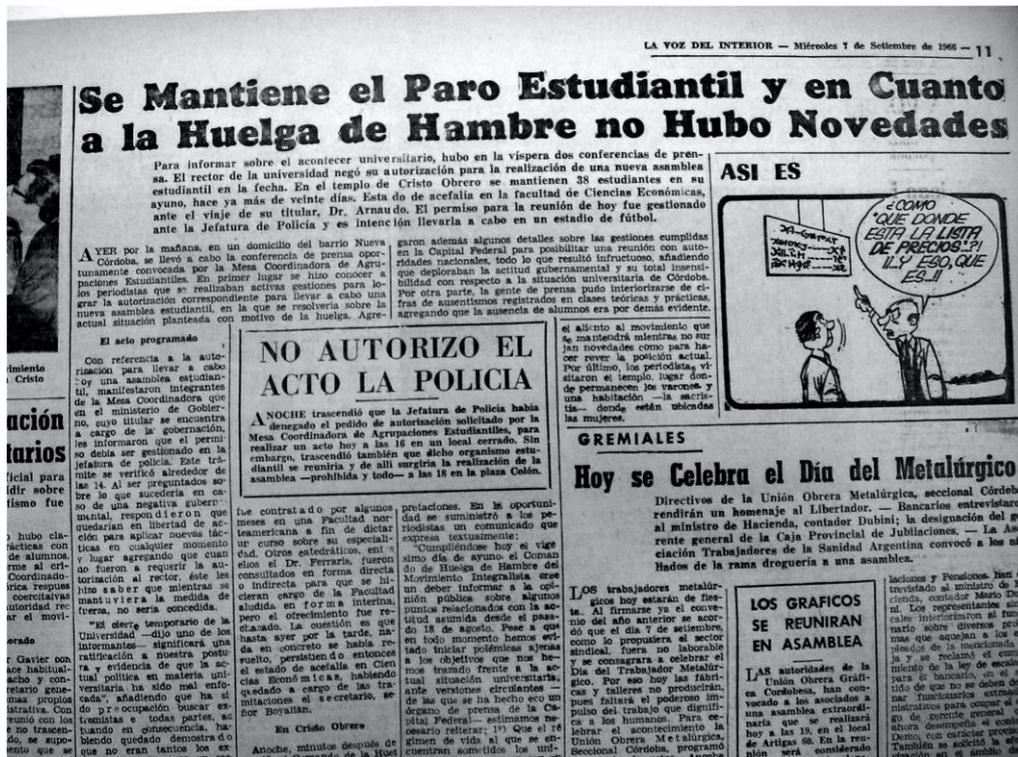
e a ditadura estreava suas balas contra o estudante de medicina Alberto Cerdá. Menos de um mês depois, já se cobraria a vida do estudante e operário Santiago Pampillón.

Por outro lado, o discurso emitido desde os representantes legítimos dos trabalhadores, em 1968, edifica-se sobre as lutas e os mártires do movimento operário, pelo que reconhece um passado de defesa dos trabalhadores. Assim, desde a afirmação de uma legalidade originária, assentam a autoridade para realizar o proclama. Seriam recuperados, como parte dos mitos fundadores, a história de um passado de opressão e claudicações. Por isso, a confrontação com as tendências burocráticas se manifesta em duros termos e designa aos próprios trabalhadores a tarefa de remover essas formas de conduzi-los. Um setor dos representantes operários é associado aos interesses do imperialismo e esta acusação não só é grave para os próprios trabalhadores, como também é uma linguagem familiar ao que vinham denunciando os estudantes sobre o caráter da ditadura. Este estilo de discurso explícito se evidencia, também, ao momento de dirigir-se aos estudantes. Resulta muito familiar para os estudantes a apelação sobre quem *“no comprende lo que pasa en su tiempo y en su país es una contradicción andante”* (Programa del 1º de Mayo, CGTA, 1968). Remete, e resulta inevitável recuperar, aquilo que foi afirmado na mesma cidade de Córdoba um tempo atrás.

[La Reforma universitaria] *fue un camino provinciano que ‘iba’ a dar un maestro. Buscando un maestro ilusorio se dio con un mundo. Eso ‘es’ la reforma: enlace vital de lo universitario con lo político, camino y peripecia dramática de la juventud continental, que conducen a un nuevo orden social. Antes que nosotros lo adivinaron, ya en 1918, nuestros adversarios. El ‘puro’ universitario – se dan todavía algunos, mediocres y canijos -, es una cosa monstruosa.* (Roca, D. Qué es la Reforma universitaria? [1936]) [Aclaração nossa].

O proclama da CGTA os convoca a compreender e atuar contra ‘os mesmos carrascos’: as minorias entregadoras, os dirigentes corrompidos, os monopólios o imperialismo. Frente a eles, posiciona-se ‘o povo’. Ali é onde os dirigentes dos trabalhadores encarnam a representação do povo apelando a sua legitimidade, ganhada na eleição dentro da Confederação, também devida, em parte, à virulência de seu discurso. Se bem esta posição gremial altamente combativa dentro do movimento operário alcançaria seu auge e ocaso durante 1968, sentaria as bases para a articulação dos grêmios cordobeses nas jornadas do *Cordobazo*. A firmeza desta posição contrastava com as vacilações e as expectativas de outros sujeitos da vida nacional.

Deixava expostos menos espaços de ação frente ao avanço da política econômica da ditadura, lesiva das conquistas laborais, a atividade do trabalho e a repressão indiscriminada. Neste sentido, resulta um disparador a eliminação do *sábado inglés* por meio da Lei nro. 18.204, em 12 de maio de 1969, e a batalha na rua da Polícia com os trabalhadores de IKA, reunidos para uma assembleia no clube Córdoba Sport, dois dias depois.



Fotog. 2. A policia não autoriza o ato. LVI 7/9/66.

2.5.- Os estudantes. Organização e política.

Durante os governos de Juan Perón (1946-1951, 1952-1955), e devido a um sustentado impulso de políticas públicas, produziu-se uma ampliação das bases sociais que se alfabetizaram, que acessaram a completar a educação media e que finalmente, alargaram a quantidade inscritos nas faculdades de todo o país. Este último número passou de 51 mil, em 1947, a 143 mil estudantes, em 1955 (Portantiero, [1971] 2012:

106)⁵⁴. Esta evidência seria depois reconhecida, destacando-se a observação sobre sua estrutura.

El momento de mayor expansión social de la enseñanza universitaria se dio durante la década peronista (1945-1955). Este hecho, desatendido por quienes siguen descalificando como 'antidemocrática' a la universidad peronista en base a razones ideológicas o administrativas (...) tiene que ser debidamente destacado, aunque sin pasar por alto que la composición de clase no fue modificada sustancialmente. (Alcalde, R. Estrategia en la Universidad. Buenos Aires, Malena 1964: 9, em: Pontantiero, 2012: 107). [Aclaração no original].

Neste fragmento, também menciona outro ponto que resulta fundamental para abordar a política do peronismo sobre a universidade, já que “*formalmente, la postura del gobierno peronista frente a la universidad fue reaccionaria*” (Pontantiero, 2012: 105). Fundado nesta decisão, a instituição foi intervinda, e posta sob a tutela do governo central. Devido a que atentava contra o postulado reformista do autogoverno, os estudantes foram, durante todo o período, férreos opositores a Perón. No entanto,

La contrapartida de esta política peronista que limitaba notoriamente la democracia interna de los institutos consistió en una serie de resoluciones tendientes a facilitar ese crecimiento de la población estudiantil: eliminación del examen de admisión, supresión de los aranceles, o sea gratuidad total de la enseñanza universitaria, institución de exámenes mensuales, posibilidad de ingreso directo a las universidades con los diplomas de las escuelas industriales que reclutaban en su mayoría a los estratos más pobres de la pequeña burguesía y al proletariado, creación de la escuela-fábrica y de una universidad obrera (conservada actualmente con el nombre de 'universidad tecnológica') de la que egresan ingenieros de fábrica, etc. (Pontantiero, 2012: 107). [Aclaração no original].

Em relação à vida interna das Faculdades, a representação estudantil estava distribuída por cursos. Desde ali, delegados por cada um dos cursos intervinham representando seus companheiros na organização estudantil. O Centro de estudantes agrupava os estudantes de cada Faculdade e estes se nucleavam em uma Federação, a nível da universidade local. Junto a outras federações, reuniam-se em uma Confederação: a Federação Universitária Argentina (FUA). Sobre a tarefa dos delegados de curso,

⁵⁴ No ano 1978 Carlos Pontantiero publica em espanhol o texto *Estudiantes y política en América Latina. El proceso de la reforma universitaria (1918-1938)*. Porém, esta versão não incluiu o Capítulo VII, *Studenti e populismo*, da versão original italiana publicada em 1971. Aqui citamos este capítulo traduzido ao espanhol, segundo a versão de Vicky Peretz, para a publicação *Los trabajos y los días*, nº 3, noviembre de 2012. Buenos Aires.

Tratábamos de expresar opinión y de presionar en problemas ligados al funcionamiento de la facultad, la reglamentación de los cursos, el nivel de los estudios, etc. Al mismo tiempo, siempre se trataba de sacar alguna publicación, los apuntes de los cursos los hacía el Centro (Murmis, Miguel; em: Toer, 1988: 15)

Referente à caracterização dos estudantes, desde 1950 se encontravam à frente da representação das Faculdades organizações reformistas. Estas se opunham à proposta que primava entre os militantes do PC, que promoviam a linha partidária dentro dos Centros. Os *reformistas* conviviam com várias orientações políticas (radicais⁵⁵, socialistas, anarquistas) e impulsavam um conjunto de ideias que os referiam à Reforma. Desde a defesa dos interesses gremiais também se reclamava por maiores liberdades e maior democracia na Argentina, sem esquecer as raízes do latino-americanismo anti-imperialista. Durante o peronismo a atividade gremial e estudantil foi restringida a mínimas expressões. Quiçá, desde ali, possa dimensionar-se a participação dos estudantes na etapa que se abriu com a concreção do Golpe em 1955, da autodenominada ‘Revolução Libertadora’.

Cuando cayó Perón y José Luis Romero fue rector [de la Universidad de Buenos Aires] muchos de nosotros participamos bastante cerca del rectorado (..) el movimiento estudiantil quizás empezó a tener ya un carácter más político (Murmis, Miguel; em: Toer, 1988: 16). [Aclaração nossa].

Dentro da FUA, existiam duas posições frente ao peronismo. Aquela que apoiava um Golpe de estado, e, a maioritária, que propunha aguardar a que a situação econômica, que vinha se deteriorando desde 1950, forçasse Perón a um giro drástico em suas políticas e acabasse arrastando-o ao desprestígio. No entanto, não deixaram de ser oposição, e uma vez concretizado o Golpe ocuparam as Faculdades para exercer por si mesmos o governo das Casas de estudo. Existiam, entretanto, questões irresolvidas.

En el 50 o 52, nosotros sentíamos realmente la necesidad de un acercamiento al movimiento obrero, pero teníamos una frustración total porque la mayoría del movimiento obrero era netamente peronista. Nosotros sosteníamos que Perón engañaba al trabajador, que no había conquistas sino dádivas, pero nosotros no teníamos casi acceso a ellos, éramos repudiados por los obreros. (Grijaba, Emilio; em: Toer, 1988: 39).

⁵⁵ Afins ao partido político *Unión Cívica Radical (UCR)*.

A universidade que havia antecedido o peronismo era reconhecida como elitista e a do peronismo era identificada com um avassalamento de seu governo colegiado e autônomo. Os civis que participaram do Golpe, consideraram retomar a institucionalidade para a Universidade, não apenas a modo de reconhecer os estudantes por seu papel de opositores na etapa prévia, mas também para reclamar um espaço que consideravam próprio. A Universidade foi recuperada para o reformismo que, mediante autorização da ‘Libertadora’, conseguiu normalizar seus estatutos, convocar eleições, restabelecer o governo tripartido, a liberdade de cátedra e implementar os concursos para o acesso a cargos docentes. Neste sentido, o período que compreende de 1956 a 1966 se considera “*una de las épocas más brillantes*” (Grijaba, Emilio; em Toer, 1988: 28) da universidade. Desenvolveram-se concursos, com seleção para os cargos baseado em critérios acadêmicos, “*con verdadera autonomía, con independencia, donde se pudo hacer vida universitaria*” (Grijaba, Emilio; em Toer, 1988: 30)

Contudo, no mesmo instrumento legal que devolveu aos estudantes sua mais ansiada reivindicação se encontrava a semente da maior quebra. O Ministro da Educação da ditadura, Dell’Oro Maini, no Decreto lei nro. 6403 introduziu no articulado a incorporação da iniciativa privada, leia-se católica, no ensino superior. Não existia espaço para dúvida que sob o nome da livre iniciativa se impulsava a restauração de velhos privilégios. Este fato não passou despercebido, para professores e estudantes, que iniciaram uma luta com ocupação das Universidades e provocaram renúncias de reitores e decanos. Finalmente, renunciou o Ministro questionado, ainda que a normativa não teria retorno, apenas foi postergada a sua aplicação. Esta provocaria novos enfrentamentos ao momento de sua implementação, durante a presidência de Frondizi, em 1958.

Em certo sentido, ‘La Libertadora’ soldou o vínculo entre os trabalhadores e o peronismo. A ditadura chegava para remediar uma anormalidade, e a irrupção política dos trabalhadores no cenário estava fora de lugar, segundo o olhar dos grupos dominantes. Da mesma maneira, os que tomaram o poder, ainda por um breve período, deixaram seus mais perversos efeitos plantados entre os interstícios de seus mecanismos legais. A legislação que devolveia a autonomia às Universidades ofereceu uma prenda aos setores mais retrógrados da sociedade: recuperar sua influência sobre a Universidade. O clericalismo, anti-reformista e elitista, desejava recobrar essa

instituição como ferramenta de formação. Porém se as Universidades haviam se convertido em espaços massivos, deviam dar-se novas instituições. Frente a isto, o reformismo, defendia sua posição laica e democrática, que impulsava maior abertura das casas de estudo, com maior qualidade em seu interior e voltados, seus conhecimentos, às necessidades da sociedade.

A chegada ao exercício da presidência de Frondizi, por meio de eleições e com o volume de votos acordados do peronismo, produziu-se em 1 de maio de 1958. O discurso de seu programa atraiu muitos setores intelectuais que tentavam recuperar o conteúdo progressista do fenômeno peronista⁵⁶. Entretanto, a pouco de andar, Frondizi reverteu suas propostas com medidas concretas tendentes à incorporação de capitais estrangeiros para a exploração do petróleo⁵⁷ e a regulamentação do artigo 28, da lei de universidades.

Las medidas que mayor irritación provocaron fueron las referidas a la política petrolera y a la privatización de la enseñanza universitaria, anunciadas en julio y en septiembre de 1958 respectivamente, y el enfrentamiento en torno de esta última cuestión fue el que determinó la ruptura más espectacular entre el gobierno y los intelectuales progresistas que lo habían apoyado (Terán, 1991: 131).

⁵⁶ “La Argentina se encuentra ante una encrucijada de su desarrollo económico. Hoy nuestro país está frente a dos caminos que desembocan en dos diferentes perspectivas económicas. Uno es el mantenimiento de una producción preferentemente agropecuaria, aun a costa de nuestro progreso industrial y de la concentración de toda la potencia económica argentina en un radio de 300 kilómetros con centro en el puerto de Buenos Aires. El otro es la promoción conjunta de toda su economía, reconociendo el alto rango de la actividad agropecuaria pero completándola con las tareas industriales, la explotación de las demás fuentes de riqueza, el despertar de las regiones atrasadas, la creación de centros económicos en todas las latitudes del país: en suma, la conjunción armoniosa de la industria, la minería y el agro. El primer camino reserva a la Argentina el papel de apéndice agrario de las potencias manufactureras, favorece la deformación del país y deja sin utilizar muchos de los recursos materiales y humanos que componen el patrimonio nacional. El segundo camino conduce a la estabilidad económica, al aprovechamiento ordenado de todos los recursos en las varias facetas del prisma económico y a la integración del ser nacional. Aquél nos devuelve a un pasado histórico modelado por artífices extranjeros valiéndose de manos argentinas: la vieja oligarquía. Éste nos abre el horizonte de un porvenir generoso, amasado con nuestras propias manos. De la política económica que adoptemos dependerá, pues, el desenvolvimiento o la frustración de posibilidades inmensas”. (Frondizi, A. *Industria argentina y desarrollo nacional*. Edições Qué, 1957, pp. 19-23, em: Altamirano, 2007. Anexo documental. Suporte digital).

⁵⁷ Já entronado na Presidência, Frondizi apelou à cooperação do capital privado. Com a finalidade de “incrementar la producción se apresurará, también, la perforación de pozos en las zonas donde YPF cuenta con medios de transportes suficientes. Aquí no caben dilaciones. Estamos resueltos a extraer la mayor cantidad de petróleo en el menor lapso posible. Para ello, YPF utilizará sus propios recursos, y de acuerdo con lo anticipado por el P. E. en el mensaje leído ante las Cámaras el 1º de mayo último [1958], recurrirá, también, ‘a la cooperación del capital privado, sin dar lugar a concesiones ni a renunciaciones del dominio del Estado sobre nuestra riqueza petrolífera’.” (Frondizi, A. *La batalla del petróleo* [1958], em: Altamirano, 2007. Anexo documental. Suporte digital).

Neste âmbito, o breve debate entre a Universidade tradicional e a Universidade moderna, ‘cientificista’, que se deu durante 1957, não alcançou repercussão nacional. Foi sepultado ao esquecimento com o enfrentamento entre Universidade laica *versus* Universidade livre, em 1958.

Em setembro de ’58, e a pesar de que os conflitos recrudesceram até o final do semestre, a regulamentação do artigo 28 se converteu em uma realidade. A partir de então, é possível significar este fato como uma terrível derrota não só para aqueles que haviam apoiado Frondizi, mas também para todo o reformismo dentro da Universidade. Produziu-se, como reação, o deslocamento das correntes reformistas e a ascensão da política dentro da Universidade. Os vínculos com o exterior fizeram dos muros universitários fronteiras porosas. Para ganhar eleições e obter a representação do Centro havia que conseguir a simpatia de uma grande parte dos estudantes. Esse objetivo não se conquistava “*con una política de revalorización del peronismo, nacionalismo de izquierda y demás en el año ’63. Para eso habrá que esperar hasta los años ’68 y ’69*” (Laclau, Ernesto; em Toer, 1988: 84).

Por motivos de encontrar-se em melhores condições organizativas, frente à comoção da virada *frondizista*, começaria o predomínio das agrupações identificadas com a *Federación Juvenil Comunista* (FJC) dentro dos órgãos representativos da FUA. Isto se produziu devido a que

Eran los únicos que representaban una cierta continuidad con la política estudiantil clásica, en oposición al delirio ultraizquierdista que se había venido de la revolución cubana en adelante. Probablemente hubieran podido mantenerse en el control durante mucho tiempo de no haberse producido el ’66 (Laclau, Ernesto; em Toer, 1988: 84).

O colapso do *frondicismo* fez com que seus aderentes girassem o rumo em direção mudanças mais profundas. Com a chegada da ‘Libertadora’, e o reestabelecimento do autogoverno nas Universidades, recebeu-se os comunistas na vida interna dos Centros. Ainda que em menor número, também começaram a aparecer nos debates as posições do anti-imperialismo, o terceiro-mundismo e a esquerda nacional, com maior força, desde a quebra de 1958. Por volta do final deste ano, nada parecia salvar os profissionais das ideias, entre os quais se considerava os estudantes, de um novo naufrágio. Pareciam estar nas vésperas de haver apoiado, outra vez, um governo odioso aos interesses dos trabalhadores. As medidas econômicas do governo de

Fronidizi, que começavam a implementar-se junto à repressão política para garanti-las, ia em desmedro do movimento operário. Contudo, ocorreu um milagre: Cuba⁵⁸. Já seria impossível pensar a Universidade sem política, e desde qualquer corrente deveria pensar-se como atuar na Universidade.

A significação da Universidade para as classes médias também indica este novo rumo. A identidade da Reforma, o exercício da democracia dentro da Universidade, havia sido recuperada desde '56. Os trabalhadores haviam ficado à margem da participação política com a proscrição do peronismo e a perseguição a seus líderes sindicais. A democracia recuperada para as classes médias, com a chegada de Frondizi, só seria uma ilusão. Ademais, foi-lhes arrebatada a única instituição onde se abrigavam os sonhos republicanos, onde podia albergar-se um funcionamento democrático em suas estruturas e, que este, se produzisse sob o mais plural debate ideológico. Os valores democráticos, dos quais a classe média se considerava portadora, finalmente fiavam fora da única instituição que os havia garantido, ainda sob uma ditadura cívico-militar.

Fora da Universidade ficava um mundo alheio: a proscrição ao peronismo, a tutela pretoriana sobre os frágeis governos democráticos, a intervenção dos sindicatos e a falta de soluções aos problemas econômicos que se tentavam resolver.

A Revolução cubana, que só se anunciava promissora para pequenos grupos, foi finalmente apropriada em toda sua expressão pelo conjunto dos estudantes ao momento da concreção do novo Golpe de estado, em 1966. O caminho revolucionário de Cuba, remoto geograficamente e próximo por sua identidade anti-imperialista, produziu também novas leituras dos fenômenos locais. Sob esta luz é que deve avaliar-se a participação dos estudantes, massivamente organizados pela FUA, contra a proposta do envio de tropas para apoiar a invasão a Santo Domingo, em 1965. O triunfo desta reivindicação obriga a resgatar uma clara identidade política dos estudantes. Tendo em conta que

La sociedad argentina no estaba para nada orientada a pensar que era parte de Latinoamérica, [a pesar que] nosotros –en gran medida por la tradición de la Reforma Universitaria, que en ese sentido fue un cuerpo ajeno a lo que era la

⁵⁸ “Producido el desengaño frondicista, lo que contribuyó a cerrar el camino para que el desencanto no se tradujera en la figura del intelectual como ‘enemigo de la sociedad’ fue la gozosa revelación en la geografía latinoamericana de ese dios de la Revolución encarnado en el proceso cubano” (Terán, 1991: 132,133)

cultura predominante en la Argentina- lo estuviéramos. (Murmis, Miguel; em Toer, 1988: 43) [Aclaração nossa].

Com a recuperação plena da institucionalidade universitária, dentro do período compreendido neste escrito, não só se realizou o IV Congresso da Federação Universitária Argentina (Córdoba, 1959). Depois de um distante III Congresso da FUA (Córdoba, 1942), retomou-se a dinâmica da Federação com o V Congresso (La Plata, 1961), VI Congresso (Rosario, 1963), VII Congresso (Buenos Aires, 1965), e VIII Congresso (Buenos Aires, 1967). As características mais salientes destas reuniões da FUA foram: a, O deslocamento das correntes anti-peronistas e o ingresso das correntes do Partido Comunista, os socialistas e os independentes de esquerda, para reforçar as tropas reformistas (IV Congresso) ; b, O espaço marginal que ocuparam os representantes e as discussões da Esquerda nacional dentro do hegemônico espaço do programa político da FUA, sob a incidência da Federação Juvenil Comunista na linha afim à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (VII Congresso); c, A intempestiva passagem de influência sobre a FUA do PC ao Partido Comunista Revolucionário, mais afim à Revolução cubana e inclinada à luta armada (desde o VIII Congresso); e d, A criação de instancias de representação intermédia, como um novo Estatuto (IV Congresso) que permitiu erigir como órgãos o Congresso Nacional de Estudantes, uma Junta Consultiva, e uma Junta Executiva, e o Congresso Nacional de Centros (VI Congresso), para facilitar a comunicação entre a Junta Executiva e o Congresso⁵⁹. Dentro das discussões propiciadas pela FUA, entretanto, devido à incidência sobre os processos de politização em curso entre os estudantes cordobeses, teria um significativo impacto o Seminário Nacional sobre a Reforma Universitária. Esta reunião, que se realizou entre 15 e 19 de agosto de 1962, conhece-se como *Seminario de Tucumán*. Teve como finalidade atualizar os postulados reformistas, porém foi a dinâmica adotada, que consistiu em publicar as conclusões debatidas sem proceder a uma votação para adotar uma única declaração, sua maior virtude. Não apenas evidenciou as tendências internas, como também os pontos de confluência, que partiam de um

⁵⁹ Cf. Ceballos, 1985.

diagnóstico crítico sobre a incompreensão do peronismo e o caráter reacionário da ‘Libertadora’⁶⁰.

2.6.- Os estudantes cordobeses. Características e organização.

Mencionamos que com posterioridade ao Golpe de Estado de 1955, a *Federación Universitaria Argentina* (FUA) reunia no nível nacional todas aquelas federações de estudantes universitários do país e se encontrava sob a influência do *Partido Comunista* (PC). Porém, em Córdoba, haviam ganhado um espaço os *integralistas*⁶¹, e através deles a gradual incorporação do peronismo⁶².

O Integralismo, desde sua criação em 1957, teve um intenso trabalho gremial. No entanto, devido a sua recusa à política partidária não participavam dos Centros de estudantes das Faculdades. Nos Centros se levava adiante a política cotidiana e eram ocupados pelo reformismo –ancorado no ideário da Reforma universitária. As reivindicações reformistas obrigavam a posicionar-se contra as políticas que afetavam a universidade, como o orçamento, a autonomia e o autogoverno. O Integralismo, dava estes elementos por certo, e desde ali trabalhava para melhorar as condições dos estudantes no próprio meio universitário. Os Integralistas consideravam que os posicionamentos –v.gr. peronismo/anti-peronismo, comunismo/anticomunismo- iam em

⁶⁰ “*Es necesario caracterizar el papel del estudiantado y del movimiento reformista en la época del gobierno peronista. La raíz de la oposición objetiva del estudiantado y del movimiento reformista a este gobierno, se encuentra integrada a la oposición de las capas medias, tradicionalmente progresistas en cuanto a la cultura, a la tendencia reaccionaria a la cual se entregó el gobierno de la universidad; pero los sectores reaccionarios de la oposición lo ganaron en parte a su concepción, que se signaba por acatar al peronismo en bloque, sin distinguir entre el sector popular que lo integraba de los grupos reaccionarios del mismo. Estos hizo que gran parte del estudiantado saliera a la calles en el golpe de setiembre, creyendo que éste solucionaba los problemas de la Universidad*” (Despacho n°1, Seminário de Tucumán, em: Ceballos, 1985: 49);

“*En la Universidad, la reacción clerical y falangista se adueñó de su conducción y la cultura no interpretó, a causa de este hecho, lo que en el campo nacional realizaba el movimiento popular (..) y los estudiantes reformistas se unen al júbilo de la oligarquía que recupera el gobierno. Pero no sólo adhieren al golpe sino que toman parte activa en posteriores hechos en los que la reacción pretendía volver a encasillar a los obreros dentro del sistema. Y son rompehuelgas y asaltantes de sindicatos. Su actitud los enfrenta como nunca con las aspiraciones populares*” (Despacho n°2, Seminário de Tucumán, em: Ceballos, 1985: 58, 59).

⁶¹ O *Integralismo* na Argentina se identifica, nas suas origens, com o catolicismo e propunha, dentro da Universidade, o ‘apoliticismo’. Com grande incidência sobre os estudantes, seria protagonista relevante do movimento estudantil *cordobés* desde 1957 até 1969.

⁶² Sobre esta atualização ideológica do Integralismo, um de seus antigos integrantes se encarrega de clarificar esta passagem: “*Es erróneo creer que el Integralismo nació del peronismo; primero fuimos un grupo cristiano. Al peronismo nos sumamos después*” (Mendoza, Juan; em: revista *Cultura*, política y sociedad en los ’70, año 1, nro 2, 1997: 14).

detrimento das discussões próprias dos universitários, que deviam exigir melhores condições de ensino e melhores professores. Para conseguir estes objetivos desde a institucionalidade, participavam da eleição de autoridades estudantis para Conselheiros, nas Faculdades, e Conselheiros, no Conselho Superior, órgãos do governo tripartido da UNC. Esta eleição, produzia-se cada ano, conjuntamente, no segundo semestre. A partir, então, daquele contínuo trabalho gremial, os *integralistas* lograram o voto massivo dos estudantes e a representação pela maioria no Conselho Superior desde 1961 até 1966.

O reformismo, amalgamava-se com cada uma das instituições herdadas pela Reforma. A partir daí, nos Centros participavam as distintas correntes, de caráter liberal anti-peronista, radicais, comunistas, socialistas e independentes. Porém, por volta do mesmo '62, enquanto se afirmava o Integralismo entre os estudantes, dentro do reformismo começou a ganhar incidência a corrente de esquerda. Assim, enquanto perdia peso o reformismo liberal, acusando recibo da derrocada fondicista; a esquerda reformista se nutria da esquerda clássica, que bebia da *Federación Juvenil Comunista* (FJC), e em uma 'nova esquerda', que receptava os debates críticos do marxismo do peronismo, em nível nacional⁶³. Esta última, confirma sua orientação com a incorporação a suas filas de um grosso número de jovens que deixaram a FJC, em 1963. Converteu-se em uma corrente de peso em 1964, quando o Conselheiro estudantil Abraham Kozak é eleito, ademais, presidente da FUC. A orientação ideológica do *kozakismo* se expressava fielmente no Despacho nro. 2, do *Seminario de Tucumán*. Este documento foi mais enfático em sua condenação aos posicionamentos passados das conduções estudantis, a respeito do peronismo e da 'Libertadora', e tratava de unir o socialismo com a revolução nacional. Neste sentido, não apenas foi apoiado por dissidentes do Partido Comunista, como também por novas correntes de ideias que circularam, também, no âmbito universitário como as do Partido Socialista da Esquerda Nacional (PSIN) e o Movimento de Liberação Nacional ('Malena') (Ferrero, 2009).

⁶³ O conceito de '*nueva izquierda*', na Argentina, procura compreender um movimento de contestação social, política e cultural desenvolvido desde a ocorrência do Golpe de estado de 1955 com marcada presença na década de 1960 (Cf. Torti, M, 1999). No caso do Brasil, aquilo que se conhece como 'nova esquerda' são aquelas "organizações e partidos políticos clandestinos que surgiram no país em oposição e como alternativa ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e que se propunham dirigir as lutas sociais e políticas do povo brasileiro, encaminhado-as no sentido da liquidação da exploração social, da dominação do capital internacional e da construção de uma sociedade socialista" (Reis e Ferreira de Sá, 1985: 7).

Para o ano de 1964 e em torno a um fato, destacamos uma constatação sobre o âmbito onde se encontrava germinando o caráter da estudantada cordobesa e de seus dirigentes.

A CGT empreendeu um Plano de luta, desde 1963, contra as políticas econômicas do governo eleito do Presidente Illia. Em 27 de maio de 1964 a CGT regional Córdoba ocupou estabelecimentos fabris e empresas em toda a província. Simultaneamente e em solidariedade, os estudantes da UNC ocuparam durante algumas horas o Reitorado e as Faculdades de Direito e Arquitetura, baluartes do *kozakismo*. Na sessão do Conselho Superior do dia 3 de junho, o Conselheiro Kozak fez uso da palavra e “*respaldó la lucha de los trabajadores para ‘liberar a la República de los monopolios extranjeros’*” (Ferrero, 2009: 132). A esta adesão da esquerda nacional reformista se somou a representante do Integralismo, maioria no Conselho, Susana Buconic quem fundou seu apoio “*en el sentido revolucionario y cristiano [de la lucha de los trabajadores] por la redención social*” (Ferrero, 2009: 132) [Aclaração nossa].

Outro fato particular do distrito cordobês é que a FUC se encontrava marginada no interior da FUA. Isto se advertiu no momento de algumas propostas concretas, como o apoio mais firme da FUC ao Plano de luta da CGT. A decisão da FUA, avessa ao posicionamento a favor dos trabalhadores, fundava-se na linha do Partido Comunista, que temia alentar a combatividade operária e provocar uma nova interrupção à ordem democrática. Estas diferenças, chamam a atenção aos fins de aprofundar no detalhe sobre as ideias e ações das organizações estudantis cordobesas. Sobre o funcionamento interno da FUA no período, em abuso de uma posição hegemônica dominante, a Federação silenciou as vozes mais críticas e dissidentes. A expressão díscola de maior força, que propagou as discussões que alcançariam sua plenitude com posterioridade ao Golpe de 1966, estava arraigada na FUC *kozakista*.

Junto ao Integralismo, que começava a receptar os ventos renovadores do Concilio Vaticano II e aproximava-se à proposta do peronismo, os estudantes cordobeses seriam partícipes de um ambiente enriquecido de ideias que confluía a uma visão de esquerda nacional e progressista.

Desde 28 de junho de 1966, instalou-se um novo governo ditatorial surgido de um Golpe de estado. Desde aquela data, implantou-se na Argentina uma nova ditadura civil-militar. Nela, a conspiração e os conflitos levavam longo tempo calculando seus

objetivos⁶⁴. A cargo do Gral. Juan Carlos Onganía e com um forte conteúdo clerical, conservador e anticomunista. Uma das primeiras tarefas que a ditadura, da ‘Revolução Argentina’, propôs foi avançar sobre as Universidades com o fim de controlar e estabelecer seus próprios critérios no interior das mesmas. A proposta modernizadora e ordenadora que se propôs a ditadura civil-militar contemplava as universidades como âmbitos de um protagonismo estudantil excessivo, com circulação de ideias marxistas e favoráveis à ‘desintegração social’. Estes eram alguns dos motivos que se esgrimiram com o objetivo de submeter as instituições universitárias. Por tal motivo, em 28 de julho se dispôs a *intervención* das Universidades nacionais pelo governo central. A repressão que se desatou contra docentes e estudantes foram episódios alarmantes da empresa que se iniciava. Devido ao intenso contraste da democracia tutelada pelos militares desde 1955 e as amplas liberdades das que gozou o espaço universitário pode advertir-se que a primeira reação dos estudantes ante o avanço sobre as casas de estudo foi de estupor e rechaço. Esta medida significava o fim do autogoverno, já que dependiam do que se determinasse no Ministério de Educação da Nação ainda que mantivesse nas mãos dos docentes a disposição de medidas internas. Ademais, um funcionário civil, com aval da ditadura, tomava a seu cargo o governo da Universidade deslocava os estudantes dos órgãos de decisão das casas de estudo, conquista do movimento da Reforma universitária de 1918, restaurada em 1956. Deve-se agregar, ademais, que a orientação

⁶⁴ “Desde hace 20 años el país se encuentra parado y en algunos aspectos ha retrocedido. Los hechos demuestran que hay tres elementos negativos que han intervenido decisivamente en la paralización nacional. El comunismo, que ha aprovechado toda circunstancia favorable para poder realizar su acción destructiva. El peronismo, con su intolerancia política y religiosa, su totalitarismo partidario y sindical y sus intentos de destrucción de la familia y de la Iglesia, a la par que una equivocada política internacional. El tercer factor negativo es la mentalidad estatista de aquellos que, basados en un falso nacionalismo, han logrado amplia intervención estatal en sindicatos, grandes empresas y desarrollo industrial” (A la nueva cohorte de alumnos del Curso de Defensa Nacional, Contraalmirante Mario S. Lanzarini, Diretor da Escola Nacional de Guerra, Alocução do 1º de abril de 1963, jornal Clarín, 2/4/63; em: Altamirano, 2007. Anexo documental. Suporte digital). [Grifo nosso].

“Las entidades empresarias libres del país, unidas en ACIEL, sincera y profundamente preocupadas por el momento económica nacional, han resuelto en cumplimiento de deberes y responsabilidades que le son ineludibles y en ejercicio de sus derechos de opinar y peticionar, reunirse en asamblea general extraordinaria y dirigirse a la opinión pública y al excelentísimo señor presidente de la República, haciéndole llegar su juicio y las medidas que consideran deben adoptarse como solución satisfactoria a los graves problemas actuales. Desde hace ya tiempo, el empresariado argentino tiene justificados motivos de queja contra aspectos fundamentales de la legislación y la conducción económica nacional. ACIEL atribuye como causa principal de la distorsión económica que sufre el país, la injerencia abusiva del Estado en la economía con el fin de regularla conforme a su arbitrio” (ACIEL, Memorial de los empresarios libres [4 de fevereiro de 1965], em: Altamirano, 2007. Anexo documental. Suporte digital.). [Grifo nosso].

ideológica da ditadura inaugurada por Onganía encontrou um espaço ideal em Córdoba. A organização de um governo sem mediação dos partidos políticos, o *corporativismo*, resultou propício em uma geografia que sentia falta de velhos sonhos elitistas.

Aqui, consideramos necessário retrocedermos no tempo para dar conta da particularidade que se circunscreve à cidade de Córdoba. Resulta valioso, neste sentido, para enquadrar o espaço onde se forjaram novas identidades.

A chegada ao governo do peronismo a nível nacional, em 1946, afetou as instituições da democracia cordobesa, principalmente, a partir de duas aristas. Em primeiro lugar, o peronismo, na busca de legitimação, esgrimiou um discurso de ruptura com o passado. Aquilo que o havia precedido era vergonhoso, e agora começava um período de glória para o povo. A institucionalidade herdada foi negada. Submetida a um desgaste, por sua exposição negativa na sociedade, aportou desvalorização a estas ferramentas da vida política (Tcach e Philp, 2017). Em segundo lugar, e devido às características do exercício do poder governamental durante o peronismo, desenvolveram-se mecanismos para manter um estrito controle centralizado das decisões. Esta subordinação vertical aos mandatos, desde Buenos Aires, incomodava aos que eram sensíveis à autonomia dos espaços locais.

Porém, a pesar de que a Unión Cívica Radical (UCR) de Córdoba havia decidido não acompanhar a Perón com seu projeto, a situação tinha um ponto de partida muito diferente. Enquanto em outras províncias da Argentina imperou a fraude eleitoral durante a ‘Década Infame’ (1930-1943), em Córdoba se desenvolveu com normalidade o exercício democrático. Foram eleitos pelo voto os governadores Amadeo Sabattini (1936-1940) e Santiago Del Castillo (1940-1943), ambos da UCR. Durante a década peronista só foi eleito para governador, em 1946, Argentino Autcher, da UCR, e seu mandato concluiu por Intervenção federal no ano seguinte. Depois de sucessivos Interventores, foi eleito governador, em 1949, Juan Ignacio San Martín, um militar consubstanciado com o plano desenvolvimentista do governo peronista, que ganhou adesões em uma rama da UCR local. A orientação desta gestão foi interrompida com o Golpe de estado de 1955. Desde então, o recurso constitucional excepcional da Intervenção federal, para salvaguardar administrativamente a República, consolidou-se como um mecanismo corrente para submeter politicamente as províncias. Nos catorze anos que seguiram ao Golpe contra Perón, em Córdoba só houve dois governadores

eleitos Arturo Zanichelli (1958-1960) e Justo Páez Molina (1963-1966). Ambos pertenciam à UCR e nenhum completou seu mandato.

Este quadro geral de fragilidade institucional, ao serviço dos interesses políticos dos tutores militares da ‘Libertadora’, em Córdoba tomou um aspecto obscurantista. Por então,

Ni la reforma universitaria, ni la experiencia laica de los gobiernos sabattinistas (1936-1943), ni los componentes secularizadores de la experiencia peronista (1946-1955), habían logrado diluir la presencia de quienes aún soñaban convertir a la ‘ciudad de las campanas’ en una suerte de Roma de América del Sur. (Tcach, 1999: 60).

Avizinhavam-se medidas polémicas que tocaram de perto os cidadãos, aqueles que haviam podido fazer valer sua vontade por meio do voto, e dos novos integrantes da cidade moderna. Devido à proscrição, direta ou velada, do exercício democrático que regia desde ‘55, ficava nas mãos dos militantes partidários a afirmação ou o rechaço ao rumo que se pretendia impor. A classe média cordobesa, apegada à tradição do radicalismo, acumulava rancores. Com a ‘Libertadora’, as forças conservadoras desatadas por sua causa se elevaram novamente nos esquemas de poder institucional da Província. Neste sentido, estranho aos tempos, no ano de 1962 se reintroduziu um resíduo vetusto: o decreto de ensino católico obrigatório nas escolas públicas, e laicas, da cidade. Seguidamente, o Interventor federal emitiu um decreto no qual resolvia em seu articulado que *‘No podrán pertenecer a la administración pública y a la docencia provincial y municipal las personas afiliadas al Partido Comunista o asociaciones colaterales o afines’* (Decreto 4897, LVI 25/10/1962, em Tcach, 2017: 302). Muitos desses ataques à liberdade de pensamento, em uma cidade orgulhosa de sua cultura, foram implementados, ainda, em breves períodos. Tal foi o caso que se deu durante o ‘interregno de Martínez Zuviría’ (Pons, 2017). Durante a curta duração de sua Intervenção (28 de junho de 1966 - 27 de julho de 1966) se aplicou no território provincial a Lei nacional nro 16.894 *“que dispuso la prohibición y disolución de los partidos políticos, la confiscación de sus bienes y el bloqueo de sus cuentas bancarias”* (Pons, 2017: 313). Também, sob sua delegação ditatorial, produziu-se a aplicação de um Código de moralidade, que *“tenía como objetivo prioritario resguardar y preservar la moral occidental cristiana frente a los embates del ‘comunismo extranjerizante’ ”* (Pons, 2017: 313.). O mesmo ordenamento se viu reforçado, em 1966, com a criação de

uma ‘Comissão de moralidade, espetáculos públicos, publicações e materiais plásticos’ que se propunha evitar que desde sua produção e exibição “*se vulnere o desprestígio el orden de la familia o se efectúe la apología o exaltación de la vida irregular, o del vicio o de la violencia*” (Inchauspe, 2017: 378).

Havia elementos para confirmar que o clericalismo e o elitismo retornaram à Córdoba, com mais força em 1966, desde o enfrentamento em torno à luta ‘laica-libre’, de 1958. Suas classes dirigentes se iludiram com a criação da primeira universidade privada, e de caráter confessional (1956), para recobrar a universidade como instrumento de prestígio. Desta maneira um círculo seletivo poderia resguardar Córdoba das ideias forâneas e elevá-la na defesa dos mais altos preceitos cristãos. Entretanto, o Concílio Vaticano II também impactou na cúria cordobesa. Chegavam, então, os ecos de Dom Hélder Câmara e Camilo Torres aos bairros de composição operária. Se aquela posição redentora pré-conciliar se enunciava desde os púlpitos e desde o periódico *Los Principios*; outros exercícios do sacerdócio e o serviço cristão se praticava nos bairros. Estas tensões começaram a transcender ainda antes do Golpe da ‘Revolução Argentina’. Ainda que se fez evidente em agosto de 1966. Devido à proximidade pastoral, os sacerdotes a cargo da paróquia *Cristo Obrero* deram refúgio a seus fiéis. Um grupo de estudantes, em repúdio ao assalto sobre as Universidades, instalou-se dentro da mesma e lançou uma Greve de fome de repercussão nacional. O peso da hierarquia eclesiástica, e sua linha política, manifestou-se com a remoção dos sacerdotes e o fechamento da Paróquia quando a Greve finalizou, quase um mês depois.

Ao mesmo tempo que a ditadura intervinha nas instituições, em julho de 1966, proibia a atividade estudantil dentro das Universidades. O objetivo de anular a política para os estudantes compreendia a finalidade de silenciar esse espaço de formação, devido aos amplos debates que se davam e seu seio. A autonomia das universidades mantinha estes espaços fora da órbita natural da política partidária, cerceada e vigiada desde 1956 e clausurada definitivamente desde o início do Golpe⁶⁵. Ademais de ser

⁶⁵ Lei nro. 16894, nos dias imediatos ao Golpe, dispôs a proibição e dissolução dos partidos políticos e a confiscação de seus bens (Pons, 2010). Esta medida já havia se anunciado no discurso fundacional da ditadura, onde em um mesmo ato: outorga-se a denominação de ‘Revolução Argentina’; justificam o Golpe com finalidades de ‘salvadores’; interveem sobre os três poderes do Estado, destituindo, caducando e substituindo funcionários; dissolvem os partidos políticos e designam Onganía como Presidente *de facto*. “*Nos dirigimos al pueblo de la República en nombre del Ejército, la Armada Nacional y la Fuerza Aérea, con el objeto de informar sobre las causas de la Revolución Argentina. Debe verse en este acto revolucionario el único y auténtico fin de salvar a la República y encauzarla definitivamente por el*

cancelada a possibilidade de participação política através dos Centros de estudantes e dos espaços democráticos que lhes correspondiam no governo de sua própria instituição, desenhariam-se, entre outras medidas, exames eliminatórios para o ingresso segundo as vagas estabelecidas por cada universidade⁶⁶.

Ante estas medidas persecutórias desde o institucional, que se deram sobre os estudantes desde julho de 1966, as agrupações tiveram que imaginar diferentes estratégias de participação por fora das tradicionais, encravadas na Universidade. Surgiram outras, subterrâneas, como os grupos de estudo⁶⁷ e a Coordenadora Interbarrios⁶⁸, que nutriram de rica particularidade os estudantes e suas formas de luta.

Passado um primeiro momento de rechaço ao Golpe, agravado um mês depois pela intervenção das Universidades, os estudantes, através de suas organizações, começaram a delinear ações de resistência. Neste sentido, o Integralismo se reuniu em 17 de agosto e decidiu, para o dia seguinte, que uma parte de seus dirigentes se instalassem dentro das instalações da Paróquia *Cristo Obrero*. Ali, aonde compareciam habitualmente, começaram uma Greve de Fome. Entre seus objetivos se exigia a renúncia do Ministro do Interior, quem consideravam responsável pelo atropelo contra a Universidade, e o reestabelecimento do autogoverno.

Outra das agrupações que desenvolveu rapidamente atividades contra a ditadura, ante a clausura legal da participação dos estudantes no governo da Universidade, foi o

camino de su grandeza (...) la Junta Revolucionaria constituida por los Comandantes en Jefe de las tres Fuerzas Armadas de la Patria, ha resuelto: 1º Destituir de sus cargos al actual Presidente y Vicepresidente de la República, y a los Gobernadores y Vicegobernadores de todas las provincias. 2º Disolver el Congreso Nacional y las Legislaturas provinciales. 3º Separar de sus cargos a los miembros de la Suprema Corte de Justicia y al Procurador General de la Nación. 4º Designar de inmediato a los nuevos miembros de la Suprema Corte de Justicia y al Procurador General de la Nación. 5º Disolver todos los partidos políticos del país. 6º Poner en vigencia el Estatuto de la Revolución. 7º Fijar los objetivos políticos de la Nación (Fines Revolucionarios). Asimismo, en nombre de las Fuerzas Armadas de la Nación, anunciamos que ejercerá el cargo de Presidente de la República Argentina, el señor Teniente General D. Juan Carlos Onganía.” (Junta Revolucionaria, Mensaje al pueblo argentino [28 de junho de 1966], em: Altamirano, 2007. Anexo documental. Suporte digital).

⁶⁶ Lei nro. 17245, aprovada em abril de 1967 para ser aplicada em 1968. (Cf. Mignone, 1998).

⁶⁷ “*Incapaces de participar abiertamente en política, los estudiantes pudieron encontrar un foro para la discusión y el debate políticos en los grupos de estudio católicos que brotaron como hongos en diversas facultades después de 1966*” (Brennan, 1996:189)

⁶⁸ “*En el 66 la situación del movimiento estudiantil en Córdoba estaba muy débil. La FUC había sido abandonada, prácticamente, por sus dirigentes (...) la Universidad fue intervenida y luego, debido a una huelga estudiantil, clausurada (...) todos los días había una movilización para reclamar e intentar hacer esa asamblea. En esas movilizaciones fue surgiendo una organización (...) a la que se llamó Interbarrios. Era una Coordinadora de estudiantes que vivían en distintos barrios organizados por manzana*”. (Delgado, Francisco; 1986, em: Bergstein, 1987: 69, 70).

Movimiento de Unidad Reformista (MUR). Uma modalidade corrente se dispôs para começar a resistência. Em 18 de agosto, o estudante de medicina e militante do MUR, Alberto Cerdá repartia panfletos contra a ditadura dentro do edifício do Hospital Nacional de Clínicas, da UNC. Ali, foi abordado por esbirros que tentaram apresá-lo, e ante sua resistência dispararam-lhe. Como consequência deste fato, os estudantes se atrincheiraram dentro do Hospital e cercaram vários quarteirões do Barrio Clínicas. De igual maneira que os *blanquistas*, os estudantes cordobeses tinham uma “*implantación social y territorial*” (González, 2006: 73) que se destacava por si só: seu *quartier latin* era o Bairro Clínicas. Nos arredores do Hospital Nacional de Clínicas, hospital-escola da Faculdade de Medicina da Universidade Nacional de Córdoba, haviam se consolidado uma infinidade de pensões e dormitórios, que agrupavam ao redor de cinco mil estudantes, muitas vezes por seus países ou suas províncias de origem. Neste sentido, nas salas de aula e nas atividades culturais que eles mesmos organizavam, os estudantes cordobeses colocavam-se em contato com estudantes peruanos, paraguaios, bolivianos, outorgando, assim, um perfil latino-americano, a essa cultura estudantil de leituras e discussões que permitiu aprofundar os vínculos que a tradição da Reforma havia inaugurado. Apesar de que sua identidade estava conformada por uma infinidade de variações, quando a ditadura se implantou e levou suas práticas repressivas até a porta do Clínicas, começaram a reunir-se em torno a objetivos comuns. Como parte da confrontação direta e real que se evidenciou a partir desse acontecimento, o pequeno universo de “*veinte cuadras y centro histórico de la vida política universitaria*” (Brennan, 1996: 187) transformou-se na retaguarda do movimento estudantil e o Bairro inteiro ficaria à mercê dos estudantes nas inumeráveis jornadas que antecederam o *Cordobazo*.

Existía una especie de mitología sobre el [Barrio] Clínicas, con sus callejuelas oscuras que, cuando las ocupaban los estudiantes, la policía no quería ni acercarse. Se cortaba la luz en el barrio, los changos [estudiantes], con molotov, vigilaban desde los techos (Reyna, Roberto; en revista Los '70, año 1, nro. 2, 1997: 20). [Aclarações próprias].

Deve-se considerar que a UNC, pelo ano de 1962, registrou uma matrícula total de 25.452 alunos, dos quais 28,7 por cento correspondia à Faculdade de Medicina (Ribeiro, 1969: 83). A isto acrescenta-se que, para 1968, os universitários em Córdoba

representavam 13,6 por cento do total de matriculados a nível nacional⁶⁹. Desde '68 a UNC começou a relevar seus próprios dados e nessa oportunidade registrou um total de 26.527 alunos, (16.894 homens, y 9.543 mulheres) que se distribuiu em:

- 8.228 alunos para a Faculdade de Medicina, com 7.528 correspondentes à carreira de Medicina. A quantidade diferencial se refere às carreiras de Fisioterapia, Enfermagem e Nutrição;
- 4.601 alunos para a Faculdade de Direito e Ciências Sociais, a qual correspondem 4.256 alunos que cursavam a carreira de Advocacia;
- 3.416 para a Faculdade de Ciências Exatas, Físicas e Naturais, que contempla as ramas da Engenharia.
- 3.008 alunos para o conjunto da Faculdade de Ciências Econômicas; e
- Superando os mil estudantes por faculdade para: Arquitetura, Design e Urbanismo; Ciências Químicas; Filosofia e Humanidades; e Odontologia. (UNC, 2000)⁷⁰.

A UNC registrou em 1968 51 por cento de seus alunos procedentes da própria Província de Córdoba, aos que agregavam o destacado 6 por cento da Província de Santa Fé, os 4 por cento de Mendoza e Entre Rios, os 3 por cento de Santiago del Estero e a significativa cifra de 4 por cento para alunos estrangeiros, que remitia a 1.183 estudantes. Originários de Bolívia, Peru, Paraguai, Chile, outros países da América Latina, Estados Unidos da América (EUA) e Europa agrupavam-se com maior presença nas faculdades de Ciências Exatas e Medicina. Ali alcançavam as porcentagens de 8 por cento e 6 por cento, respectivamente. A isso devemos acrescentar a consideração sobre a heterogeneidade da faculdade de Medicina, que reduzia a participação percentual dos alunos procedentes de Córdoba até um 35 por cento, a favor dos santafesinos, em um 7 por cento, dos sanjuaninos e mendocinos em um 6 por cento, e dos entrerrianos em 5

⁶⁹ A Universidade de Buenos Aires representava 41,3 por cento e a Universidade Nacional de La Plata 14,6 por cento de alunos matriculados, respectivamente. (Carasso, Humberto et al., *Síntesis estadística. 1968-1975*, Departamento de estatística UNC, 1975[?]).

⁷⁰ (Catarivas de Ansaldo, Victoria et al., *Treinta años de la Universidad 1968-2000*, Departamento de Estadísticas UNC, Córdoba, 2000). O Departamento de Estatísticas da UNC é criado em 1968. Desde então se proveem séries regulares, homogêneas e contínuas que permitem descrever e analisar com maior precisão esse universo.

por cento, além do já destacado 6 por cento dos alunos estrangeiros⁷¹. A faculdade de Medicina se caracterizou, então, como mais provinciana e latino-americana, o que redundava nesse pequeno universo do bairro Clínicas.

Estas cifras nos permitem pesar a relevância de cada uma das unidades, sua importância numérica no conjunto e em que medida sua mobilização contra as forças ditatoriais representavam uma potencial ameaça. Mais de 26 mil estudantes frequentavam os espaços comuns, as salas de aulas, os corredores e o Comedor universitário. Estavam expostos a escutar as mais diversas opiniões das agrupações estudantis. Nenhuma era favorável à ditadura.

⁷¹ Carasso, Humberto et al., *Síntesis estadística. 1968-1975*, Departamento de estatística UNC, 1975[?].



Mapa 2. Bairro Clínicas e zona de influencia. Cidade de Córdoba.



Mapa 3. Hospital de Clínicas (azul); disparos aos estudantes Cerdá (vermelho) e Pampillón (rosa). Bairro Clínicas e zona de influencia. Córdoba.

2.7.- Na Universidade e para os estudantes

Como já mencionamos, o projeto que os colaboradores civis da ‘Libertadora’ desenvolveram consistiu em restaurar o sistema político e universitário anterior à irrupção do peronismo. Contudo, com uma boa leitura do novo contexto e os sectores aliados, incorporaram medidas que se propunham regressar os privilégios perdidos pelas classes dominantes com a concreção da Reforma universitária de 1918. Estabeleceu-se o governo tripartido (professores, estudantes e formados) das Universidades e se inscreveu a possibilidade de autorizar o funcionamento de universidades privadas, principalmente confessionais, o que deu origem ao enfrentamento ‘laica ou livre’⁷². Este conflito alcançou seu ponto de máxima tensão durante o governo constitucional de Arturo Frondizi (1958-1962), ao momento de regulamentar a lei e coloca-la em funcionamento⁷³. Este cenário causou um grande impacto entre os universitários, não só aqueles que se sentiram profundamente defraudados pelo abandono das consignas do nacionalismo e anti-imperialismo que se havia arrogado Frondizi antes de sua chegada à presidência; mas também aqueles que acreditavam ver na Universidade, e em sua formação como profissionais, um lugar de relevância ante a promessa de protagonismo como parte do projeto desenvolvimentista.

Com a irrupção da Revolução cubana, vitoriosa em 1959, os integrantes do Partido Comunista Argentino (PCA) detiveram sua mirada em outros processos além daqueles acontecidos na União Soviética e seu modelo para a revolução. Desenvolveram-se intensos debates que se plasmaram em revistas culturais e órgãos oficiais do PCA que, pouco a pouco, iriam anunciando o esfacelamento no interior do Partido. Algumas das características da cidade mediterrânea e a experiência do peronismo sobre os trabalhadores ofereceram novas leituras para um grupo de jovens

⁷² “*El sólo anuncio de esta norma provocó en 1955/1956 una viva polémica que se agudizó en vísperas de su ratificación en 1958 (...) la iniciativa del ministro Dell’Oro Maini, sin perjuicio de su conocida y antigua posición personal a favor de la propuesta, tenía por finalidad compensar a la Iglesia católica (...) por la designación como interventores en los puestos claves de la conducción de las universidades nacionales a figuras prominentes del campo generalmente denominado liberal o reformista*” (Mignone, 1998:40) [Grifo nosso]. Atilio Dell’Oro Maini foi Ministro da Educação da ditadura surgida do Golpe de estado contra o presidente eleito Juan D. Perón, em 1955.

⁷³ A partir da entrada em vigência da Lei nro. 14.557 (Lei ‘Domingorena’, devido ao deputado que impulsionou o projeto seguindo indicações do Poder Executivo), com as modificações ao Artigo 28, sancionada em outubro de 1958, as Universidades privadas se incorporaram ao sistema universitário argentino. Desde então, contaram com autorização para expedir títulos acadêmicos, ainda que a habilitação para exercício profissional ficasse nas mãos do Estado nacional.

professores e estudantes. Suas propostas, plasmadas no papel, fizeram públicas estas tensões que incomodaram os dirigentes⁷⁴.

A crise e as reconfigurações que se produziram no interior do PCA cordobês nos oferecem a oportunidade de deter-nos em documentos que interpelam os estudantes para a análise e a ação em diferentes conjunturas.

A quebra e a ruptura, de 1963, ocasionaram uma importante perda de militantes. Neste ano, a expulsão dos jovens do grupo *Pasado y Presente* não só “*dejó diezmada las fuerzas estudiantiles y juveniles del PC*” (Ceballos, 1985: 69), como também colaborou com o conteúdo de uma nova tendência independente de esquerda nacional: el *kozakismo*. Segundo o relato do próprio Abraham Kozak, dirigente da *Federación Universitaria de Córdoba* (FUC) entre 1964 e 1966:

Como nosotros no teníamos intelectuales de peso, ellos pasan a ser, no digo los ideólogos, pero sí los tipos que explican cosas sobre el marxismo, etc. Porque había una gran inquietud por saber todo eso que ellos traían. Nosotros teníamos un antiimperialismo y un marxismo medio intuitivos. Así que nosotros organizábamos los cursos internos, y Pasado y Presente ponía los intelectuales y la teoría (Ferrero, 2009: 120).

⁷⁴ “Una revista cordobesa ‘de ideología y cultura’, en la que figuran publicitariamente conocidos renegados, aspira en nombre de la ‘intelectualidad’ a la eliminación del leninismo (...) por lo visto hay en Córdoba intelectuales que ignoran por entero las aportaciones del leninismo en la esfera del marxismo creador” (Rodolfo Ghioldi, *Nueva Era*, Nro.6).. es preciso que nuestros lectores conozcan que simultáneamente con la aparición de una crítica tan superficial y extemporánea en un órgano oficial del Partido Comunista, la dirección en Córdoba de dicho partido, con la ‘anuencia’ de la máxima dirección nacional, acaba de excluir de sus filas partidarias a cuatro de nuestros redactores por haberse negado a abandonar su labor en *Pasado y Presente*, revista que según esa dirección sería ‘antimarxista y anticomunista’”. (Nota. Nro. 2-3, 1963, em: *Pasado y Presente*, 2014: 288).

“Nuestra fe en el marxismo nos salvo de caer en el agnosticismo, nos permitió comprender que era imprescindible revertir el proceso, que la tarea de encuadrar una realidad a través de una serie de principios generales no conducía de ninguna manera a reconstruir el ‘modelo’ de desarrollo de la sociedad nacional. Habíamos comprendido que la funcionalidad de las claves interpretativas marxistas exigen perentoriamente que emanen de los propios hechos. Porque intuíamos la profunda verdad del marxismo, habíamos hecho lo que nunca se atrevieron a hacer quienes nos lo pretendían enseñar a través de textos adocenados, estudiarlo en sus fuentes: conocerlo a través de sus máximos representantes (...) la conciencia del fracaso del partido comunista argentino en su política de fusionar la conciencia revolucionaria con la acción de la clase obrera y a partir de ella lograr la formación de una voluntad nacional popular capaz de realizar las transformaciones revolucionarias requeridas por la nación, nos lleva inexorablemente a someter a una dura crítica al grupo dirigente del partido, a sus métodos de acción, a su estilo de trabajo, a su negativa a una discusión franca y abierta de los errores, a su resistencia a facilitar una normal renovación del encuadramiento dirigente. Pero comenzábamos a intuir que no se trataba simplemente de los errores metodológicos u organizativos, sino del fracaso de un grupo dirigente en elaborar una teoría coherente y correcta, una concepción estratégica y táctica acertada de la Revolución Argentina” (Examen de conciencia, Nro. 4, 1963, em: *Pasado y Presente*, 2014: 243).

Esta ruptura de quadros militantes, consideramos de capital importância para aprofundar sobre o comportamento dos estudantes desde a ocorrência do Golpe até os fatos do *Cordobazo*. No momento se advertem como caminhos separados, por um lado, a *expansión en el ámbito de las ideas* e os debates por intermédio dos intelectuais de ‘*Pasado y Presente*’, desde uma perspectiva dos efeitos positivos daquela ruptura saindo ao exterior; enquanto, por outro lado, os efeitos negativos, no interior do PCA por *la pérdida de buen número de militantes partidarios*. Porém, este último ponto, permitiu conformar uma agrupação mais homogênea, que sentiu as bases de uma linha de trabalho gremial e política, que culminou seu trajeto com a conquista da condução da Federação Universitária de Córdoba (FUC) por 1968.

Sobre a expansão das ideias, recordamos que entre os pontos destacáveis da recuperação da autonomia universitária, desde 1956, não só se percebeu uma maior liberdade no interior das instituições, como também isto se traduziu na concreção de novos projetos vinculados ao desenvolvimento e modernização da ciência⁷⁵, e também se deu curso a uma ampla liberdade acadêmica sob a direção do movimento reformista⁷⁶, a cargo das Universidades. Assim, enquanto na arena política e sindical existiam uma infinidade de obstáculos para desenvolver com liberdade suas atividades cotidianas, nas Universidades ebuliam as ideias em intensos debates. A modo de ilustração, sob o reitorado de Risnieri Frondizi, em 1958 cria-se a editora da UBA (Eudeba) e a política editorial se encontrou com uma favorável resposta entre o público leitor. Na primeira edição do texto *Imperialismo y cultura*, em 1957, Juan José Hernández Arregui destaca que “*el Martín Fierro* [de José Hernández, 1872], *al margen de su excepcional calidad poética, es el documento histórico más importante del siglo 19 para comprender el proceso de formación de las clases sociales en Argentina. Por eso su poema no interesa a los grandes públicos urbanos*” (Hernández Arregui, [1957] 2006: 141) [Aclaração nossa]. Em uma edição posterior, o autor agrega em uma nota no rodapé:

Sin embargo, los cambios políticos acaecidos en el país, después de la caída de Perón, obligan a corregir ese juicio. Una gigantesca edición del Martín Fierro,

⁷⁵ Neste período cria-se por lei o Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET), organismo acadêmico autárquico que se estruturou para promover a investigação científica e técnica na Argentina. (Decreto Lei N° 1291, de 5 de fevereiro de 1958).

⁷⁶ Em 1957 é eleito como reitor da UBA Risnieri Frondizi e em Córdoba, desde 1958 até 1964, desempenhou-se como reitor o reformista Jorge Orgaz.

lanzada al público en 1962, ha sido absorbida en forma total (...) esta edición de Eudeba, cuyo acierto no puede negarse (...) su éxito únicamente puede explicarse por el fortalecimiento de la conciencia nacional de vastos sectores sociales. (Hernández Arregui, [1957] 2006: 141).

Neste clima é onde se produziram originais apropriações da Revolução cubana, somada às posições sobre o imperialismo, as críticas ao anti-peronismo e o fracasso do desenvolvimentismo *frondicista* que abriram novas discussões, em especial os aportes da rica corrente da ‘nova esquerda’⁷⁷. No momento que se inicia o governo revolucionário em Cuba, na Argentina regia uma democracia tutelada pelas Forças Armadas, onde o partido que concentrava a maioria do eleitorado estava proscrito. Se o quadro institucional da democracia liberal se encontrava em dificuldades, o espaço das ideias florescia.

A instâncias da FUC kozakista, levaram-se adiante iniciativas como a criação de um cineclube, com funções e debates de filmes, uma companhia de teatro e festivais de tango. A imprensa da FUC, IMPRECOR, iniciou-se com

Apuntes, panfletos y volantes para lanzarse a publicar, en la segunda mitad de año [1965], una colección de breves folletos ideológicos-políticos bajo la denominación común de ‘Cuadernos de la FUC’ [luego, dan vida a la editorial EUDECOR que en los primeros meses de 1966] lanzó “sus dos primeros libros: ‘El hombre y la bestia’ de Gelbard Right y ‘Televisión y Cultura de Masas’ de Teodoro Adorno (Ferrero, 2009: 149, 150). [Aclarações nossas].

Em Córdoba, uma plêiade de revistas mantinha um intercâmbio não somente com as produções externas, mas também se estabeleciam diálogos entre as produções locais. Ao amparo deste rico contexto, não só José Aricó⁷⁸ havia compartilhado com os estudantes universitários, em 1964 e sob edição da FUC, uma série de artigos⁷⁹, também

⁷⁷ “*La Izquierda Nacional ha deslindado sus posiciones con relación a los partidos o grupos de ‘izquierda’ que pretenden entregar al proletariado a la conducción política de otra clase, sea la oligarquía o la ‘burguesía nacional’* (Madariga, [1969] 2015: 65)

“*Cada vez mais, as revoluções nacionais (burguesas por suas tarefas históricas) se resolvem sob a direção e segundo os métodos, que imprime sobre elas seus próprios fins socialistas*” (Spilimbergo, [1962] 2002: 16).

⁷⁸ José María Aricó (1931-1991) militante político, escritor e editor argentino. Em 1963 fez parte do grupo fundador da revista *Pasado y Presente*. Seu primeiro número ocasionou discussões no interior do PC que terminou com a expulsão dos integrantes do Partido, e partícipes da revista, a negar-se a abandonar a publicação. Através de números sucessivos da revista, fez-se pública a ruptura e as diferentes posições. Em sua primeira época, a revista se editou desde 1963 até 1965.

⁷⁹ Cf.: Aricó, 1964a, 1964b.

durante aquele ano a FUC convidou John W. Cooke⁸⁰ para oferecer uma conferência aos estudantes⁸¹ e, em 1965, o Integralismo⁸² organizou um curso de história argentina a cargo do historiador revisionista José María Rosa⁸³. Neste ponto, advertimos como se entrelaça o mundo das ideias, dos professores e dos estudantes, de um circuito cultural com um público ávido de novas ideias sobre os temas e as correntes que circulavam nesta parte do mundo. Se antes, exclusivamente, os partidos políticos vislumbravam as classes universitárias como um espaço a conquistar e, com isso, formavam seus quadros; nesta nova etapa grupos sensíveis às mudanças desdobravam sua influência sobre os estudantes, tais como grupos de leitura, organizações religiosas, correntes de pensadores e revistas culturais.

Neste sentido, e no que respeita à circulação das ideias, cobrou relevância sobre os trabalhadores a revista *Electurm*⁸⁴, e entre os estudantes universitários, com maiores ferramentas teóricas de abordagem, a revista *Pasado y Presente*⁸⁵. Um particular espaço

⁸⁰ John William Cooke (1919-1968) advogado e político argentino. Impulsou o desenvolvimento de uma corrente revolucionária para o peronismo.

⁸¹ Cf.: Cooke, [1964] 2007.

⁸² O Integralismo, na Argentina, identifica-se em suas origens com o catolicismo, ainda que sem vínculos com a hierarquia eclesiástica, e propunha dentro da Universidade o ‘apoliticismo’. Com grande predicamento sobre os estudantes seria protagonista do movimento estudantil cordobês entre 1955 e 1973.

⁸³ Com a chegada do peronismo, desdobrou-se um avanço contra a cultura consagrada e um acento de anti-intelectualismo, que não só prejudicou os profissionais das ideias como também os cientistas e os técnicos. No entanto, e como contrapartida, começou a gestar-se uma mudança de paradigma histórico, que pretendia ressaltar outras figuras da história nacional que se contrapunham a uma história contada desde Buenos Aires, que representava uma versão liberal dos fatos. Na palavra de alguns escritores esta perspectiva instava a resgatar raízes próprias que estabeleciam vínculos mais genuínos com a região latino-americana e adotava, muitas vezes em tom de denúncia, as ambages das relações econômicas e culturais aos que estava submetido o povo argentino. (Vgr.: Rosa, José María. *La guerra de Paraguay y las montoneras argentinas*. Buenos Aires, Punto de Encuentro, 2008). José María Rosa (1906-1991) advogado, historiador e político argentino.

⁸⁴ A irrupção de novas conduções gremiais, com motivo da proibição para apresentar-se a eleições aqueles sindicalistas de maior experiência, em sua maioria, identificados com o peronismo, ofereceu perspectivas de trabalho e comunicação inéditas. Neste sentido, uma nova condução de *Luz y Fuerza* ganhou as eleições dentro do grêmio em 1953. Entre suas primeiras iniciativas se encontra a criação de um periódico mensal *Electrum*, que tinha como finalidade afianzar a comunicação entre a comissão diretiva e os afiliados ao grêmio, mas fundamentalmente, constituir-se como uma ferramenta de informação, organização e formação para os trabalhadores. Ente aqueles novos dirigentes, encontrava-se Agustín Tosco.

⁸⁵ “*La realidad exige hoy de parte de la izquierda una comprensión cabal de la complejidad de los cambios que acarrea en el cuerpo de la nación, o en nuestro caso de la ciudad, la transformación de una sociedad ‘tradicional’ en una sociedad ‘industrial’.* Pero ocurre a veces que por aferrarnos a un esquema predeterminado nos comportamos ante esa realidad como si estuviésemos frente a simples cambios en el interior de una totalidad ya conocida. Partiendo de un correcto análisis global de la sociedad argentina y de la permanencia histórica de sus líneas estructurales más generales, no siempre tuvimos noción exacta de cómo esos ‘islotes’ de capitalismo moderno en el seno de una sociedad

manteve, pela amplitude de seu público leitor, a revista *Jerónimo*⁸⁶, que se colava entre os interstícios e atuava como nexo entre o que parecia compartimentos estancos⁸⁷. Também ocupou um lugar destacado em difusão do ideário latino-americano, e de vinculações entre marxismo e cristianismo, a revista *Cristianismo y Revolución*⁸⁸ que consagrou suas páginas à difusão de trabalho de pensadores com uma vasta trajetória, como também a destacar o surgimento de novas agrupações com menor visibilidade. Desde trabalhos pioneiros nas teorizações sobre luta armada na América Latina⁸⁹ (CyR,

subdesarrollada fueron adquiriendo paulatinamente un peso considerable en la vida política y económica del país, entre otras cosas porque contienen en su interior las fuerzas destinadas a modificar radicalmente nuestra actual sociedad. Pero, además, porque la introducción en una sociedad tradicional de grandes complejos industriales como los de Fiat y Kaiser en Córdoba, significa no sólo una serie de modificaciones en el dominio de la producción (y por ende, del consumo, transporte y comunicaciones), sino también una transformación en el dominio de la sensibilidad, de la psicología social y la difusión de nuevos 'tipos' humanos. Se trata en resumen del surgimiento de un mundo hasta cierto punto nuevo, diferente, que exige ser penetrado en sus particulares rasgos distintivos para poder actuar eficazmente sobre él. Este contorno es el que en última instancia condicionará el 'tono' de Pasado y Presente, la orientación general de su problemática, el campo hacia el cual va dirigida” (Editorial. Nro. 1, 1963, em: *Pasado y Presente*, 2014: 58. Diretores: Oscar Del Barco e Aníbal Arcondo).

⁸⁶ “*Es —quiere ser— la expresión de una ciudad que no ha renegado de su pasado, pero que se ha apartado definitivamente de él. Y es, además, el deseo de expresar una realidad que nos golpea todos los días (...) el interior quiere destruir ese complejo de inferioridad que le han impuesto, y Córdoba es una avanzada de esa empresa (...) es, además, un centro de cultura cuyo prestigio no por exagerado deja de ser válido (...) Jerónimo enfoca esa realidad y la entrega a partir de hoy a sus lectores, para dar testimonio de ello”* (Editorial. *Jerónimo*, Nro 1, Córdoba, 1968. Diretor: Miguel Ángel Piccato).

⁸⁷ O semanário quinzenal *Jerónimo* contou entre seus colunistas com Francisco Delich, quem também participaria com produções na revista *Pasado y Presente*.

⁸⁸ “*Mientras se siguen ensayando nuevas bombas y se refuerzan permanentemente los fondos destinados al “progreso” de los presupuestos militares, mientras se sigue “luchando” contra el hambre y la miseria empleando cada día mayores esfuerzos, energías y vidas que ensanchan las fronteras de la explotación humana, del materialismo capitalista y de la dominación violenta de los pueblos y continentes del Tercer Mundo; se está consolidando en las conciencias de todos los hombres la afirmación del nuevo signo de nuestro tiempo: la Revolución. (...) Felizmente la Iglesia y el Cristianismo de 1966 no son lo mismo que en 1945 y 1955. El Concilio, Juan XXIII y los Signos de los Tiempos no han pasado en vano. Por eso el gobierno militar se equivocó cuando creyó que ciertas presencias, apoyos, influencias y personas eran “toda la Iglesia” o “la Iglesia” simplemente. Creyeron que la verticalidad de los mandos militares equivalía directamente a la verticalidad de la Jerarquía: no conocen la madurez del Clero, ni la libertad del Laicado, ni la renovación de la Doctrina, ni el compromiso y la lucha del Cristianismo encarnado en las exigencias revolucionarias que nos toca vivir. Ahora va a repetirse entre nosotros el esquema del Brasil, donde la dictadura de Castelo Branco enfrenta y persigue a los Obispos y los cristianos comprometidos con la lucha del pueblo por su pan y libertad. Hélder Cámara, el valiente Arzobispo del Nordeste, marca el rumbo al Episcopado Argentino y a Latinoamérica en este tiempo de definiciones y testimonios.”* (Editorial. *El signo revolucionario*, CyR, nro. 1, setembro 1966. Dir. Juan García Elorrio).

⁸⁹ “*En los países con población urbana predominante se confunde, muchas veces, la importancia política del trabajo en las ciudades con sus posibilidades militares. Las ciudades no deben ser abandonadas al enemigo porque en ellas se concentra la vida política y económica de un país. Pero las acciones armadas en ellas son tácticas con respecto a la guerra de guerrillas en el campo, porque a través de sus acciones no se puede formar un ejército revolucionario ni derrotar al ejército regular (...) una insurrección popular debidamente aprovechada por una vanguardia acelera la construcción del ejército revolucionario y la derrota del enemigo, pero aún en este caso debe haber un mínimo de elementos no*

Nro. 21, dezembro de 1969), até a aparição pública dos estudantes católicos influenciados pelo terceiro-mundismo⁹⁰ (CyR, Nro. 10, outubro de 1968).

Recapitulando, a partir da ruptura nas filas do PCA cordobês, e o aporte daqueles que se nuclearam sob o ‘grupo’ de *Pasado y Presente*, conformou-se uma condução da FUC com um ideário de esquerda, ainda que distanciado da tradição do Partido. Devido a isso, a instâncias desta FUC *kozakista*, durante 1964 se deram dois acontecimentos sobre os quais nos deteremos: os escritos de José Aricó, que circularam entre os estudantes, e a conferência de John William Cooke.

A proposta é deter-nos em duas elaborações intelectuais. De difusão massiva, dentro do próprio espaço dos estudantes, e em plena vigência dos postulados reformistas, nos aproximamos com o propósito de advertir algumas interpretações sobre a política.

a- José Aricó publicou três artigos na revista mexicana *El Trimestre Económico*, durante 1964, e o próprio autor autorizou sua reprodução por parte da FUC. O conjunto dos artigos publicados foram: *Crítica del modelo político económico de la ‘izquierda oficial’*, N°121; *Esbozo de una alternativa económica socialista para América Latina*, N°122; y *Alternativa política en el desarrollo latinoamericano*, N°124 (El Trimestre Económico, México, 1964). A FUC editou o primeiro artigo, na forma de caderno, conservando seu título original; por outro lado, agrupou os outros dois em um segundo caderno com o título *Reforma o revolución en América Latina*. No primeiro artigo, propõe um método de abordagem, que o ilustra com casos latino-americanos. Depois aplica esta metodologia nos artigos seguintes, e reserva uma análise final para avaliar as condições pré-revolucionárias e realizar um diagnóstico. Iremos deter-nos em fragmentos do terceiro artigo, seguindo a versão da FUC, que toma como precedente o imediato Golpe de estado no Brasil, durante o próprio 1964.

espontáneos, sin cuya existencia se irá a una derrota segura (por ejemplo, preparación de combatientes)” (Torres Molina, [1968] 2014: 82). Ramón Torres Molina (1938-) advogado, militante político e político argentino.

⁹⁰ “*Aún aquellos que conservan su fuente de trabajo viven en una situación desesperante; el costo de vida está muy por encima de sus ingresos reales y, lo que es peor, la tan mentada libertad del sistema ‘occidental y cristiano’ es una burla hacia la dependencia, no sólo económica sino también humana, de quienes viven esperando la dádiva o misericordia del amo (...) queremos una sociedad que promocióne al hombre y la única que puede lograrlo es una sociedad sin clases, donde el hombre, cualquiera que sea, tenga posibilidades reales en todos los aspectos donde la libre empresa (individualista y explotadora) sea suplantada por la empresa común de la sociedad”.* (Agrupación de Estudios Sociales [1968] 2013: 15).

Si allá, en la URSS y en China, para simplificar las cosas, el proceso para construir una posición ha sido primordialmente 'inductivo' yendo de lo real y concreto hasta la generalización, en los nuestros es sobre todo 'deductivo', partiendo de aquellos 'modelos' encontrados, para aceptarlos o repudiarlos, viniendo en seguida una búsqueda afanosa de datos o fundamentos específicos o nacionales para justificar la actitud adoptada (..) [la] transformación revolucionaria del balance político de poder, aun para los leninistas, no es sinónimo axiomático de violencia. Lo que se ha dicho y se sostiene es que en las condiciones específicas de este tiempo histórico es imposible o muy improbable que tal mutación pueda ocurrir sin algún grado de violencia, por la simple razón de que los desplazados no entregarán pacíficamente el timón (..) Sólo el análisis específico de cada realidad y coyuntura puede cimentar una hipótesis sobre las oportunidades para reformas, para cambios sustanciales en el poder político los grados de violencia inevitables o posibles (..) la experiencia brasileña es muy útil para bajar a niveles más concretos la discusión sobre vía pacífica o vía revolucionaria (..) el 'sistema de poder' dominante, de ninguna manera probó estar carcomido o en desintegración (..) por el otro lado, el golpe se enfrentó con una 'puerta abierta', con un aparato político que se derrumbó como un casillo de naipes, incapaz de intentar resistencia (..) en materia de instrumentos políticos. Sobra enfatizar que no parece muy adecuado para explotar una situación pre revolucionaria (..) [la vía 'revolucionaria'] tiene poca o ninguna posibilidad cuando el status imperante no está socavado por una crisis profunda y/o no existen los instrumentos políticos apropiados para crear o aprovechar una coyuntura de esa naturaleza (..) parece fundado sostener que irán acumulándose las circunstancias para una real situación 'pre revolucionaria'. Pero esta posibilidad, nótese bien, aparte de no entrañar necesariamente una salida 'a la cubana', improbable por muchas razones, supone como complemento indispensable mutaciones profundas en el estado de los instrumentos políticos o, si se quiere en el aparato de las fuerzas de la izquierda (Aricó,1964b: 605-618). [Aclarações nossas].

b- A continuação destacamos uma exposição aos estudantes em Córdoba. Convidado a ministrar uma conferência pela FUC em dezembro de 1964, Cooke refletiu a partir da convivência da ditadura brasileira para impedir o retorno, do exílio, de Juan D. Perón à Argentina. Nesta peça, o autor apelou à necessidade que o peronismo se realize como movimento revolucionário. Desde a esquerda peronista se manifestava, assim, sobre as formas legítimas da violência.

La no-violencia corresponde a una manera de ser, a una modalidad intrínseca de la burocracia reformista; la violencia sin fundamentos teóricos suficientes es también una simplificación de la realidad, que supone un expediente –el de la violencia- sacado del contexto revolucionario desvinculado de la lucha de las masas, es la acción a una secta iluminada (..) todo movimiento revolucionario se debe proponer la toma del poder (..) el peronismo es revolucionario pero no está organizado adecuadamente para las tareas revolucionarias (..) la opresión es algo que unos hombres le hacen a otros hombres (..) es responsable el

régimen, son responsables los hombres del régimen, los que la implantan, los que la consienten y los que se benefician con ella. Es responsable el imperialismo y todos cuanto lo sirven en el país (..) armando el brazo de los oprimidos, dándoles conciencia de su opresión y de las causas y despertando su voluntad para buscar su libertad (..) porque no hay cambios pacíficos, ya que la opresión y la explotación son, de por sí, ejercicios de la violencia. (Cooke, [1964] 2000: 31-68).

Ambos discursos que se deram no âmbito da Universidade, a partir de dois olhares de autoridade intelectual. Referido a sua forma, enquanto um contém um maior conteúdo analítico, o segundo apela à mobilização. Sobre as diferenças de abordagem, o texto de Aricó embora indica a possibilidade da acumulação de fatores rumo a afirmação de uma situação pré-revolucionária, sua concreção estava ligada a uma modificação tanto na situação interna como nos instrumentos da esquerda para ‘criar ou aproveitar a conjuntura’. Por outro lado, o texto de Cooke recorria diretamente à conformação de uma força que altere o equilíbrio, peronismo organizado para a tomada do poder, em um enfrentamento dos oprimidos –armados, conscientes e decididos– contra o regime. Pode considerar-se, ademais, sobre o meio em que foram divulgados, o alcance do conteúdo, a recepção do público e, quiçá, até diferenças no interior do mesmo. Destacamos especialmente que ambos discursos, emitidos em 1964, mencionam o improvável de uma modificação do *statu quo* sem algum exercício da violência.

2.8.- Elegias por Santiago Pampillón

O ano de 1958 marcou uma quebra para os estudantes e os intelectuais progressistas. Desde então, só se recuperaram à medida que estabeleceram vínculos, ente as ideias e as práticas, com a Revolução cubana. O movimento que se produziu nos debates seguintes, percebeu-se à maneira de um sismo. Saídos dos mais recônditos lugares, novas leituras se tenderam para interpretar a realidade e propor soluções. Acaloradas disputas se produziram ao amparo da livre circulação das ideias na Universidade.

Outro Golpe de Estado e outras decisões indicavam que novos cenários sobreviriam. A tal efeito, destacamos uma recuperação da imprensa gráfica:

Se produjeron los habituales choques, con profusión de gases y gomazos [por parte de la policía] y de pedrea por parte de los estudiantes, con las corridas de práctica (LVI, 01/09/66: 6; em: Inchauspe, 2007: 377). [Aclaração própria].

É altamente chamativo que para a data desta publicação, 1 de setembro de 1966, os enfrentamentos nas ruas dos estudantes com as forças ditatoriais já se consideravam ‘habituais’. Só havia transcorrido um mês desde a intervenção às Universidades pela ditadura para que a violência se instalasse na paisagem urbana e se tornasse um elemento cotidiano. Desde então, assistimos à ação violenta converter-se em parte da cena, como base de uma nova legitimidade (Barrington Moore, 2000: 90).

A morte de Santiago Pampillón tocou os estudantes, os trabalhadores e a sociedade cordobesa. O impacto causado pelo disparo a queima-roupa sobre o trabalhador-estudante, não só se converteu em um motivo de reação dos estudantes. Na tomada do Bairro Clínicas e nos episódios de barricada durante aquele 12 de setembro, sucedeu-se uma jornada de dolo e paralização de atividades por parte da CGT local.

Acompanhamos, com o fim de ilustrar o quadro das ideias e ações que seguiram no período seguinte com dois discursos. Sucessivos em seus anos e desde distintos sujeitos, permitem-nos advertir as apropriações desta marca fundacional, as diversas construções que se produziram em torno a u acontecimento. O mesmo, deixou de ser só uma morte, trágica, para converter-se em uma referência. Estas homenagens comemorativas são trazidas à tona, já que consideramos, também formam parte do clima de época que uniu os estudantes contra a ditadura.

Desde o ofício da produção de ideias, prontamente, Santiago Pampillón foi apresentado como um signo dos tempos. Editava-se nesse mesmo mês de 1966 o primeiro número de uma nova revista: *Cristianismo y Revolución*. Ali se erigiu uma primeira elegia.

1941-1966

Hay días que duelen, hay noches que arden silenciosa e invisiblemente por las calles de una ciudad, hay sueños que se hacen carne entre los aullidos de la jauría. Hay gritos que laten caudalosamente aunque los “buenos ciudadanos” bloqueen sus sentidos con el olor a pólvora que los proyecta de cabeza al miedo. Hay seres que conocen el rostro del verdugo. Hay rabia, hay altas hogueras anunciando la aurora indeformable de los asesinados impunemente entre el coro de las mentiras, los susurros de los cómplices y el regocijo de los bárbaros. No somos nosotros quienes desencadenamos el terror.

*No somos nosotros quienes anhelamos el reino de las fieras.
 No somos nosotros quienes vendemos el alma porque manda la voz del amo.
 Porque su sueño se llamaba patria, lo clavaron a mansalva.
 Porque su vida se llamaba lucha, lo corrieron como a un reptil.
 Porque su sangre se llamaba joven, lo pararon en seco, pero no en vano.
 Hay arroyos que fluyen hacia el río, así como hay bosques que crecen y aves que cantan.
 No deja el mundo de girar porque se muere un niño, no deja de salir el sol porque se hundan los cerros, no deja de nacer la flor aunque revienten los muros. Dice alguien que se puso delante de la bala para poder llamar criminal a un buen señor. Hay manos unidas, hay hombros juntos, hay más memoria que antes. Nosotros tenemos un corazón como un gigantesco fusil apuntado hacia la muerte.
 M.G.⁹¹*

Com motivo de cumprir-se um ano de sua morte, em setembro de 1967, na publicação *Electrum* - informativo semanal do Sindicato de *Luz y Fuerza*, de Córdoba-, elabora-se outro documento para recordar a primeira vítima da ditadura.

*El aire de la ciudad se enrarece cada vez que sucede un hecho tan oprobioso como éste, del que se cumpliera ayer- 7 de septiembre- un año exacto.
 Un hecho que sucede de ven en cuando, como para señalar un hito tremendo del acontecer en el que todos de alguna manera, somos los protagonistas.
 No hace falta hurgar mucho en el pasado para hallar otros nombres inmolados por las causalidades políticas o sociales de su tiempo. Es que interesa tanto la mano del verdugo, como recordar que invariablemente, las víctimas han sido siempre hombres o mujeres del pueblo, anónimos enrolados en alguna de las grandes corrientes que testimonian el pensamiento y los sentimientos populares. Por eso, una víctima entresacada de la muchedumbre es la muchedumbre misma. No es la clásica figura del atentado político fríamente tramado contra la cabeza dirigente de un movimiento, de una facción, de un país, tendiente a sembrar la anarquía para desorientarlo, debilitarlo, coparlo.
 Es un atentado a quemarropa, despavorido e inconsciente, contra el propio rostro de la multitud.
 Por ello, es doblemente irresponsable y bárbaro. Pero no es casual. El nombre de Santiago Pampillón no es casual, como tampoco lo son los nombres de la compañera Guevara de Molina, de Musy, Méndez y Retamar...Invariablemente, nombres de trabajadores o estudiantes. O trabajadores-estudiantes, como Pampillón.
 También invariablemente, fueron inmolados cuando cumplían un acto de fe, pacífico pero valeroso, en defensa de sus ideales y de los derechos colectivos.*

⁹¹ Cristianismo y Revolución, nro. 1, Sept. 1966. Este primeiro número, além do Editorial, agrega um Informe sobre o Brasil, constituído em base à informação provista por Paulo Schilling, e à carta do padre Dom Hélder Câmara contestando a retirada de suas Ordens sacerdotais pela Arquidiocese do Rio de Janeiro; e uma mensagem do padre Camilo Torres aos colombianos. (O autor MG corresponde a Miguel Grinberg, um de seus colaboradores).

Hace un año, Santiago Pampillón cayó en las calles de Córdoba por protestar contra el avasallamiento a la Universidad.

Este hecho cruel, injusto e irreparable que nos convoca hoy a los trabajadores y a la juventud para rendir homenaje al compañero caído y ratificar que es cierto, que su sacrificio no será vano.⁹²



Fotog. 3. Assembleia de estudantes nas datas prévias ao *Cordobazo*. LP 29/05/69.

2.9.- Os estudantes em direção à organização do *Cordobazo*.

Finalmente, nestes últimos parágrafos nos deteremos em proclamas próprias dos estudantes. Esta abordagem nos permitirá advertir sobre as atualizações ideológicas que se desenvolveram à luz dos acontecimentos. Atendendo às proclamas dos estudantes, seguimos a trajetória de seu crescimento político, ao calor dos enfrentamentos com as forças da ditadura.

O trabalho gremial e político levado adiante pelo Movimento de Unidade Reformista desde seu reduto de Medicina, foi intenso e consistente. À medida que

⁹² *Electrum* nro. 134, Informativo semanal del Sindicato de Luz y Fuerza de Córdoba, Viernes 8 de septiembre de 1967. Ademais, elaboraram-se idênticas homenagens nos nros. 184, de 6 de setembro de 1968, e 234, de 12 de setembro de 1969, na mesma publicação. (Arquivo do Sindicato de Luz y Fuerza de Córdoba). O texto publicado no nro. 234 é atribuído a Agustín Tosco, em: Lannot e Amatea, 1984: 417.

outras agrupações alcançavam um maior grau de politização, e deslocavam suas exigências a posições mais próximas à esquerda, o MUR ganhava os espaços de liderança com motivo de seu pronto posicionamento contra o Golpe.

2.9.1- Movimento de Unidade Reformista (MUR)

O primeiro fragmento destacado pertence a um diálogo com um dirigente estudantil do MUR, que nos situa nos primeiros dias do Golpe de Estado de 1966. No mesmo, ademais, poderá observar-se as diferenças com outras posições políticas e a vantagem estratégica que se obtém pelo precoce início da luta política.

El Partido nos mandó el mismo día del golpe, al otro día sale con volantes denunciando que este era un golpe fascista corporativo, fascista de los grandes monopolios. Y era cierto, y mandaba a pedir la unidad de todas las fuerzas populares para evitar que se consolidara, esa era la consigna y nosotros (..) salimos a dar batalla, pero éramos los únicos y (..) el resto de la izquierda cerró los Centros de estudiantes (..) ellos aplican el estatuto nuevo a la universidad de la dictadura (..) y el Partido decía que había que abrir los Centros y luchar con la masa, nosotros salimos a volantear en todos lados éramos unos irresponsables (..) me paraba en una mesa en pleno Comedor universitario, que era impresionante la gente, ese salón completo que ni se veía la punta, todas mesas, miles de estudiantes comiendo simultáneamente turno por turno y ahí aprovechábamos, (..) al grito de “muera la dictadura” empezábamos con la arenga, todos decían que estábamos locos, pero iba creando un clima de ebullición y ahí nosotros empezamos a ganarle las masas al kozakismo, que desaparece de la lucha (Scrimini, Carlos; 12/05/12)⁹³.

A FUC, em 1966, encontrava-se nas mãos do *kozakismo*, enquanto uma grande estima entre os estudantes tinha o Integralismo, devido a seu persistente trabalho gremial. No entanto, habituados aos canais institucionais para o exercício do governo e a representação, o primeiro; e a manter-se à margem da luta política, o segundo, ambos começaram a ver diminuída a legitimidade de seus reclamos uma vez instalado o Golpe. Daquele ano só sairia fortalecido o MUR, pequeno, porém disciplinado (Ferrero, 2009) com base na Faculdade de Medicina. Isto lhe permitiu encarar organizadamente seu trabalho gremial, para contrastar os planos restritivos da ditadura que desenhou para 1968: o aumento de cem por cento do valor do abono para acessar o Comedor universitário, aonde compareciam ao redor de quatro mil estudantes para alimentar-se

⁹³ Carlos Scrimini foi presidente da Federação Universitária de Córdoba (FUC) 1968/1969. Oriundo da Prov. de Santiago del Estero. Médico. Documento elaborado com o autor.

por um preço econômico; e os cursos de ingresso que se propunham limitar o acesso à Universidade por meio de exames⁹⁴.

Considerando o estabelecimento e consolidação do trabalho do Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo, que se reuniu em Córdoba durante maio de 1968 para seu *I Encuentro Nacional*⁹⁵; e a ainda mais relevante irrupção do sindicalismo combativo da CGTA, em março do mesmo ano, e sua forte presença na cidade mediterrânea, trazemos à tona dois fragmentos de discursos estudantis. Dirigidas a um público amplo e de difusão massiva, a primeira apelação ocupa um agrupamento concreto, com uma finalidade determinada durante 1968. A segunda apelação refere também a um evento de curta duração, ainda que já permite advertir novas confluências por volta de 1969.

2.9.2- *Frente Estudiantil em Luta (FEL). Panfleto.*

*Contra la Dictadura Oligárquica y entreguista y su POLITICA
Limitacionista en la UNIVERSIDAD
Por la Unidad Obrero- Estudiantil
EN LA LUCHA POR LA SOBERANIA POPULAR
Hacia el día de Protesta Nacional
PARAR EL 28 DE JUNIO
Y concurrir al acto a realizarse frente a la CGT
A LAS 19 HORAS
FRENTE ESTUDINATIL EN LUCHA
INTEGRALISMO- CEYL- ARENA- AUL- MIM (FUC)- CED (FUC)-
CEO- LAF- LAP- AUCE- CRSP- AES (UNIVERSIDAD CATÓLICA)*⁹⁶

⁹⁴ “1968: el MUR dirige las luchas del Ingreso, gracias a las cuales ingresan más de 400 estudiantes de Medicina, por sobre el tope previsto; sin embargo, entonces, no logramos que se sacara el examen de ingreso LIMITACIONISTA.

1969: ya no vamos solos, nos acompañan otras agrupaciones, y otro tanto de compañeros estudiantes ingresa por sobre el límite estipulado en nuestra facultad.” (¿Te acordás hermano?, Panfleto, MUR, s/f, Archivo CeDInCI.)

⁹⁵ Cf.: Morello, 2003.

⁹⁶ *Detalle de siglas:* Integralismo; Centro Estudio y Lucha; Acción Reformista Nacional; Agrupación Universitaria Liberación; Comando de Resistencia Santiago Pampillón; Ateneo Universitario de Cs. Economicas; Agrupación de Estudios Sociales de la UCC; Centro de Estudiantes de Derecho; Línea de Acción Popular; Centro de Estudiantes de Odontología; Movimiento Independente de Medicina; Liga Anti-imperialista de Filosofía. (Periódico *Los Principios*, Córdoba, 28/6/1968). [Nota: O formato das

Este texto original corresponde a um panfleto da época⁹⁷, e ainda que carece de data, o “*día de Protesta Nacional*” faz referência ao Golpe de estado de 1966, dois anos de sua concreção. Para repudiá-lo, nesse 28 de junho a CGTA havia convocado uma paralização de atividades. A Frente Estudantil em Luta, “*una coalición temporaria de las agrupaciones más combativas*” (Ferrero, 2009:188), é a confluência de agrupações e centros de estudantes com vistas a um objetivo concreto: o repúdio da ditadura a dois anos de seu início. O conteúdo original do panfleto nos permite acessar, além das definições contra a ditadura que havia motivado sua reunião, as diversas orientações políticas que o animavam. Aos Integralistas, somavam-se o MIM e a LAF que, nesse momento, remetiam suas raízes ao ‘*grupo de Pasado y Presente*’, e aos estudantes católicos, de estreitos laços com as práticas dos sacerdotes terceiro-mundistas, politizados a pesar dos desígnios de seus tutores.

2.9.3- Agrupaciones estudiantis e CGTA. Solicitada.

La CGT de los Argentinos y las Agrupaciones Estudiantiles abajo firmantes, considerando: La bárbara represión policial en Corrientes y Rosario que culmina con el asesinato de cinco compañeros, estudiantes, Cabral, Avalos, Heredia, Bello y Rodríguez y el baleamiento de veinte más; que dicha represión es reflejo en la Universidad de la situación de oprobio que vive nuestro pueblo resuelven: 1) Convocar a todos los estudiantes a expresar su repudio a la salvaje agresión, que conmueve al estudiantado argentino y al pueblo en general a través de una “Marcha del Silencio” a cuyo efecto citamos en Av. Olmos y Maipú a las 19 hs. del día 19; 2) Llamar a todos los sectores populares a participar de dicha marcha; Federación de Agrupaciones Universitarias Integralistas de Córdoba; Agrupación Universitaria Nacional; Frente Estudiantil Nacional; Agrupación de Estudios Sociales (U. Católica de Córdoba); Confederación General del Trabajo de los Argentinos (CGT)⁹⁸

O mês de maio de 1969 não só havia resultado complexo para os trabalhadores. Os protestos dos estudantes contra as arbitrariedades da ditadura eram cotidianos, assim como o assassinato de estudantes que participavam de protestos nas cidades de

letras e sua disposição gráfica reproduzem o panfleto original, em: Archivo del Centro de Conservación y Documentación Audiovisual, Facultad de Filosofía e Humanidades, UNC; AUCC, Legajos, Molinas]

⁹⁷ Cf.: Legajo Alberto Molinas, AUCC; Centro de Documentação Audiovisual, UNC.

⁹⁸ Jornal *La Voz del Interior*, Córdoba, 19/5/1969:18.

Corrientes e Rosário⁹⁹. Estas mortes haviam ocasionado novos enfrentamentos nas ruas e ante esta situação de violência ‘selvagem’, devia responder o ‘povo’ por meio de uma convocatória pacífica. Referente à representação dos convocadores, as federações e agrupações estudantis vinculavam aos Integralistas, partidários da esquerda nacional (AUN)¹⁰⁰, peronistas (FEN)¹⁰¹ e católicos pós-conciliares. É de destacar que da convocatória participa, em pé de igualdade, a CGT, com a finalidade já não de expressar solidariedade ou apoio, mas com o propósito de conseguir objetivos comuns. Com relação à concreção da marcha, a pesar de contar com figuras do sindicalismo e dos sacerdotes pós-conciliares, foi frustrada pela repressão policial.

Na sucessão vertiginosa das horas, ficaria a declaração de uma greve de estudantes declarada a nível nacional pela FUA, para o dia 21; e a declaração de estado de assembleia no inédito espaço da UCC (Tosco, Agustín, em: Lannot e Amatea, 1984; Errasti, 2006), desde o 22 de maio, os que ocupariam os edifícios com seus três mil estudantes. Só restou a conformação de uma comissão (Ferrero, 2009) por parte do grosso dos estudantes da UNC para coordenar ações com os dirigentes gremiais do movimento operário, em vistas à decisão de uma greve ativa com mobilização para o 29 de maio. As assembleias estudantis promovidas pela FUC, que se encontrava sob a presidência do MUR em aliança com o MNR, conseguem o apoio de quatro mil estudantes para aderir e participar da greve (Ferrero, 2009). Não restaram elementos sujeitos à sorte. O trabalho político apoiado nas atividades gremiais, dirigentes formados em ideias e estudantes politizados forjados ao calor das lutas das ruas, prepararam o trajeto de umas jornadas que expressaram a liberdade como nenhuma outra.

Se, no princípio, tinha-se que recuperar a autonomia perdida; só ao calor dos enfrentamentos com as autoridades ilegítimas e seus mandantes locais começariam a propor-se o objetivo imediato de derrotar a ditadura. Uma infinidade de projetos se

⁹⁹ Com motivo de um enfrentamento, ante uma prolongada crise pelo aumento do preço do ticket de acesso ao Comedor estudantil na Universidade Nacional do Nordeste, é assassinado o estudante de medicina Juan José Cabral em 15 de maio. Em uma ação de repúdio à repressão na cidade de Rosário, em 17 de maio foi assassinado o estudante de ciências econômicas Adolfo Bello. Em uma ‘*marcha de silencio*’ em homenagem a estes estudantes ceifados pelas forças ditatoriais, também em Rosário em 21 de maio, é assassinado um muito jovem operário metalúrgico, Luis Blanco, de 15 anos.

¹⁰⁰ Seus militantes se referenciavam no Partido Socialista da Esquerda Nacional

¹⁰¹ Seus militantes se referenciavam no Peronismo

desenhava acerca de como e o quê fazer uma vez que fosse conquistado o propósito. No entanto, a intensidade da politização, o crescimento exponencial do debate, os posicionamentos políticos, as novas agrupações de estudantes, os novos influxos e fraturas, marcariam diferenças pouco profundas em um contexto de grande conflito e polarização. A crônica menciona que aquele universo de organizações estudantis, que existiam nos dias prévios ao *Cordobazo*, só precisou de uns poucos minutos de reunião em um local sindical para somar suas forças à greve geral convocada pelas duas CGT¹⁰².

A proposta deste capítulo ofereceu os elementos para destacar a relevância dos trabalhadores e dos estudantes, sua consolidação como sujeitos relevantes do período para Córdoba e sua inter-relação. Desde a Reforma, havia sido uma preocupação real dos estudantes como aproximar-se aos operários, como contribuir com seus saberes de sala de aula.

Ressaltamos, a modo de fechamento, que aquele processo de consolidação de uma base gremial independente e autônoma se demorou, desde o movimento solitário, vanguardista do sindicato de *Luz y Fuerza*, em agosto de 1966, até o alinhamento da CGT local com a CGT dos Argentinos, em maio de 1968. Enquanto isso, o conjunto da estudantada se posicionou na primeira linha de resistência contra a ditadura, desde 1966. O trajeto foi apontado por algumas agrupações que depois lideraram o processo de enfrentamento.

Entretanto, para a concreção dos fatos de maio de 1969 o peso do sindicalismo é inegável, por sua incidência como sujeito político, pela capacidade de mobilização de suas bases, pelo passado de lutas, que se recuperava vertiginosamente desde 1968. Ainda desde um espaço menor no desdobramento dos acontecimentos, pelo número que aportavam suas bases estudantis, contaram nos planos dos sindicatos que organizaram o *Cordobazo*. Visibilizaram-se, ambos, em uma frente comum contra a ditadura. A esta imagem contribuíram os vínculos que se tenderam desde a ocorrência do Golpe, quando os grêmios facilitaram os locais para abrigar os estudantes frente às adversidades. Foram alternativas ao fechamento do Comedor universitário, assim como aulas para os cursos de ingresso, que levavam adiante as agrupações com o fim de ajudar os

¹⁰² Cf.: *Las 400 siglas*, Jerónimo, N°10, 20/5/69: 20-22.

estudantes a superar os exames restritivos. As adesões às lutas dos trabalhadores se desenvolveram desde a solidariedade até a coordenação de ações conjuntas. A livre circulação entre os espaços contribuiu para esta confluência e outorgou outra dimensão ao conflito com a ditadura.

O menor peso dos partidos políticos, durante todo o período, seu entramado institucional, deveu-se a sua dependência à vigência de um regime democrático que os contemplasse. Seu espaço de exercício legítimo era desde o interior das instituições da República. Contudo, o exercício continuado de sua prática entre os cordobeses, nos anos que antecederam os fatos, favoreceu a afirmação de certos valores comuns, de respeitosa convivência com as diferenças. Frente à debilidade dos partidos, encontravam-se com maior força os trabalhadores. Os mesmos, mantiveram-se organizados em torno a seus sindicatos, ainda sob intervenção ou ilegalizados. O espaço de exercício legítimo era a fábrica, e o capitalismo desenvolvimentista na Argentina se sustentava sobre a mesma.

Para o caso dos estudantes, com motivo do enriquecedor período para as liberdades universitárias, paradoxalmente, abertas com o Golpe de estado de 1955, não só se produziram intensos debates no interior dos claustros, como também estes transcenderam no particular ambiente cordobês com trabalhadores, intelectuais, conduções gremiais, publicações. O Golpe de estado de 1966 se propôs esgotar todo espaço para a política, e com isso não só se empreendeu um projeto cultural vetusto e decadente para uma cidade que marchava ao ritmo da modernização da indústria, como também atentou contra as liberdades que faziam a identidade dos estudantes: o autogoverno e o exercício das ideias. O ambiente opressivo da ditadura sobre os estudantes conseguiu, contrariamente, a irrupção de um movimento estudantil de massas que, sob o exercício cotidiano da luta nas ruas e a representação a partir de assembleias, organizou-se sob novos dirigentes.

Para dar conta de uma identidade consolidada, uma experiência para um tempo e espaço, indagamos em outros olhares sobre os estudantes e seu âmbito imediato, que superassem, inclusive, os cortes institucionais abruptos.

Naquele momento, o desafio de um grêmio, chamando a um pronto retorno da democracia depois do Golpe de estado, e os fatos de violência que se desatam sobre os estudantes, indicaram que deveriam redobrar-se os esforços. A ditadura havia chegado

para ficar e, seguramente, sobreviriam ações de igual teor contra os trabalhadores. Um modelo de exercício gremial, de acordos e negociações, começou a minar as bases de sua própria legitimidade. Neste sentido foi que detivemos, depois, nosso olhar sobre discursos desde o espaço das ideias, que se dirigiram aos estudantes, sob um clima de alta politização e em um âmbito de plena autonomia. Apoiados, ademais, em um contexto de profundas mudanças mantiveram, ao mesmo tempo, a esperança ou a necessidade de uma modificação do *statu quo*, enquanto advertiam que, em maior ou menor medida, seria com apelo à violência.

Os espaços dos estudantes antes, e da fábrica, depois, foram intervindos, clausurados, submetidos ao arbítrio das políticas da ditadura, às vezes com leis outras, ademais, com o respaldo da dura repressão. Por isso, só encontrariam liberdade de movimento nas ruas. Aquela proclama em solitário, proferida entre os estudantes, foi convertendo-se em uma marca de identidade por agrupações e Centros de estudantes cada vez mais combativos. Também os estudantes assistiram jubilosos ao amadurecimento de uma oposição entre os grêmios operários. Ainda, sob articulações que propuseram resoluções novas para velhos problemas, como a Marcha do silêncio convocada para maio de 1969, o opróbio não seria reparado. É na rua, onde a política se atualiza. Nessa cidade, testemunhou-se a potencialidade de sujeitos considerados pouco valiosos pelo poder ditatorial. O fracasso do ideário de uma sociedade sem peronistas (1955) encontrou ademais, detrás das barricadas do *Cordobazo*, o desmoronamento estrepitoso do sonho de uma sociedade sem política (1966).

O desejo reformista não se produziu nas salas de aula Universitárias. A unidade obreiro-estudantil se fez patente ao momento de compartilhar as pedras para enfrentar a repressão ditatorial. O caminho das palavras havia sido semeado em Córdoba e era o tempo da ação. Nenhum lugar mais oportuno, onde se opôs a tradição ao moderno e silêncio ao aberto desafio.



Fotog. 4. Estudantes nas ruas. 29 de maio de 1969.



Fotog. 5. Estudantes nas ruas. 29 de maio de 1969. (Sequencia)

CAPITULO III

“Nosotros contamos 3.000 estudiantes”. Os estudantes cordobeses: do Golpe até o Cordobazo.

Un policía golpeaba a una joven de tapado de piel; otro, en un caballo que a mí me pareció gigantesco y desbocado, estampaba los cascos herrados a centímetros de la cabeza de un chico delgadito. Alguien gritó ‘asesinos’ desesperadamente. La mano del amigo tapando mi boca me hizo descubrir que ese grito había sido mío. Allí y entonces tuve conciencia simultáneamente de mi temor, de mi odio y de su abrazo.

Alicia Stolkiner, Despertares, 1997

Neste capítulo analisaremos o material construído com aqueles sujeitos que participaram, com ideias e ações, nas organizações estudantis, desde o Golpe de estado de 28 de junho de 1966 até as jornadas de 29 e 30 de maio de 1969, em Córdoba.

O propósito deste capítulo é desvendar o caminho dos estudantes¹⁰³ na sua relação com o contexto; impugnando os desígnios das autoridades, realizando o seu próprio trajeto até a radicalização de suas propostas e a relação com seus pares na crescente e cotidiana politização. Aquele acontecimento que marcamos como o fim do período, pela intensidade da participação dos estudantes, ao lado dos trabalhadores, foi resultado da sedimentação de ideias e ações que foram enriquecidas desde sua elaboração até suas reconfigurações e apropriações por parte dos estudantes¹⁰⁴. Com maior ou menor elaboração teórica, eles levaram adiante aprendizagens e confluíram com as experiências genuínas dos trabalhadores do período.

A continuação, vamos nos deter nas reconfigurações e novas apropriações por parte dos estudantes. Paralelamente, resgataremos as ações através das quais estes desenrolaram suas relações com outros sujeitos do período. Teremos, por tanto, um conjunto de dados que serão abordados com estratégias de discussão referente à bibliografia clássica, com acesso aos arquivos, e com a produção de documentos próprios. Estes últimos foram elaborados seguindo uma seleção estratégica combinada,

¹⁰³ Adotamos, para este trabalho, o uso flexível do termo, seguindo a proposta elaborada numa obra “que pretendia ser antes de tudo uma história política do meio intelectual francês, oscilamos de propósito entre uma definição na maioria das vezes estreita –os ‘intelectuais engajados’- e uma outra ampliada: os estudantes” (Sirinelli, [1996] 2003:266).

¹⁰⁴ Os estudantes se organizam “também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar” (Sirinelli, [1996] 2003: 249).

baseada naqueles que detêm um melhor conhecimento sobre os fatos e que, além do mais, podem nos oferecer uma imagem do seu contexto particular¹⁰⁵.

Como é que se deu uma identidade ao fim de se constituir em sujeitos relevantes do período *cordobés*? Como, num complexo processo de diferenciação, semelhança e oposição, se produz uma identidade¹⁰⁶, uma nova marca de origem para esses estudantes? O suposto que norteia este capítulo é ao redor de uma construção identitária de longo alento, e será parte da proposta dar conta disso ao aprofundar nas organizações, as irrupções, o assenso de lideranças novas e a politização.

Além da intencionalidade na eleição dos sujeitos pelo engajamento nas ações, continuamos com a ideia de aproximar-nos a partir das referências outorgadas por outros sujeitos, seguindo uma estratégia de abordagem flexível. As fontes orais e a diversidade de perspectivas serão aqueles elementos que sustentarão a abordagem. Neste sentido, o critério para a eleição dos sujeitos, como os quais estabelecemos diálogo, foi sua relevância no processo de construção identitária da palavra ‘estudante’, durante o período sob estudo¹⁰⁷.

¹⁰⁵ “*Para muchos proyectos, como es el caso de los que se refieren a un acontecimiento o a un grupo pequeño, la cuestión no es la representatividad sino quién lo conoce mejor. Tal como lo expresa el sociólogo Hebert Blumer, se debería perseguir la validez, mejor que la fiabilidad (...) Para otros proyectos, todo el objetivo habría de centrarse en un grupo restringido (...) Eso permitiría construir una imagen de su entorno social, actitudes, mitos y memorias; para lo cual el carácter cerrado del grupo sería una ventaja más que un punto débil.*” (Thompson, 1988: 148-149).

¹⁰⁶ Para nos referir a conformação das identidades políticas e suas articulações, devemos fazer destaque dos aportes realizados por Laclau para a teoria política contemporânea. Segundo sua proposta, populismo é aquela lógica sustentada sobre a construção de um povo, sobre a forma em que se agrupam, contingentemente, uma variedade de elementos sociais dispersos ao redor de uma significante central que fixa, transitoriamente, essa cadeia de elementos, heterogêneos entre si, na frente do perigo de um exterior constitutivo (Groppo, 2010). “*Supongamos que hay un barrio donde existe violencia racista y donde la única fuerza capaz de confrontarla en el área son los sindicatos. Normalmente, pensaríamos que oponerse al racismo no es la tarea natural de los sindicatos y que, si se hacen cargo de ello en ese lugar es por una constelación contingente de fuerzas sociales. Esto es, que tal ‘compromiso’ deriva de su relación de contigüidad- a saber, que su naturaleza es metonímica. Pensemos, sin embargo, que este ‘compromiso’ continúa por un largo período de tiempo- en este caso la gente se acostumbraría y tendería a pensar que es una parte natural de las prácticas sindicales. Entonces, lo que era un caso de articulación contingente se vuelve una parte del significado central del término ‘sindicato’, ‘contigüidad’ se funde en ‘analogía’, ‘metonimia’ en ‘metáfora’..(..) esto es inherente a la operación política medular que llamamos ‘hegemonía’: el movimiento de la metonimia a la metáfora articulación contingente a la pertenencia fundamental. El nombre, de un movimiento social, de una ideología, de una institución pública, es siempre la cristalización metafórica de contenidos cuyos vínculos analógicos resultan de ocultar la contigüidad contingente de sus orígenes metonímicos*” (Laclau, 2010: 23, 24). Seguindo esses argumentos teóricos, a identidade é a narrativa originada aos fins de ligar temporariamente uma formação discursiva (Groppo, 2010).

¹⁰⁷ A categoria estudante “*no es inevitable o determinada, ni algo que siempre estuvo allí simplemente esperando ser expresado, ni algo que existirá siempre en la forma que se le dio en un movimiento o en un momento histórico en particular*” (Scott, 2001: 64). Por causa disso, resulta importante aproximar-nos

Finalmente, aceitamos a sugestão de Spinelli (2013) para fazer menção aos três eixos que atravessaram as classes médias após 1955: a politização, a radicalização e o peronismo. Porém, propomos para analisar este período em Córdoba, determo-nos unicamente no processo de politização. Não como eixos autônomos, mas dentro daquela politização é que tomariam destaque as correntes, não necessariamente vinculantes, à radicalização e ao peronismo por parte dos jovens da classe média. Assim, a radicalização deve a fatores contextuais, marcado pelos antecedentes dos espaços gerados no decênio 1945-1955, na cultura e na vida cotidiana, com suas tensões e suas apropriações. Por enquanto, deixaríamos de lado o peronismo como eixo autônomo, ao menos para este espaço geográfico e social, devido a que as linhas argumentativas que deram conteúdo aos jovens universitários *cordobeses* sobre o peronismo estiveram sob influxo da corrente revolucionária do movimento, mesmo não sendo a única, que começaria o seu declínio em 1973. Uma maior complexidade para a leitura daquela corrente são os debates críticos ao redor do marxismo, do *revisionismo nacionalista* e do *foquismo*.

Estas temáticas tomaram conta das discussões entre as agrupações e só foram postostas pelos confrontos abertos com a polícia nas ruas. A intensidade da politização será uns dos temas que trataremos nestas páginas tanto quanto os fatos e o contexto de alta disputa. Uma figura, não completamente metafórica, é que ‘*a cada carga de la Guardia de Infantería se suspendía una diferencia entre las agrupaciones estudiantiles*’. A afirmação se sustenta quando acompanhamos a crônica que diz que a plêiade de organizações estudantis que existia nos dias prévios ao *Cordobazo* precisou de quinze minutos apenas para “*acordar paro del 16 de mayo de 1969, convocado por las dos CGT*” (*Jerónimo*, N°10, 20/5/69).

A partir de um a) mapeio das organizações *cordobesas* no seu contexto social e político, daremos conta das mudanças entre os estudantes em três questões a serem tratadas: b) como parte de uma pequena agrupação sem nenhum antecedente político e sua originalidade; c) como parte de duas agrupações que resultaram de incidência na elaboração de uma identidade particular dos estudantes cordobeses; e finalmente, d)

desses sujeitos a partir dos relatos, os quais deverão ser tratados como “*algo construido, dicho, hablado, no simplemente encontrado (...) es una identidad que tuvo que ser aprendida y pudo ser aprendida sólo en un momento específico*” (Scott, 2001: 65).

como parte de uma das organizações que liderou as ações depois da ocorrência do início da ditadura.

3.1.- Agrupações *cordobesas* e suas mudanças ideológicas nas vésperas do Golpe

No balanço dos partidos políticos argentinos identificados com a esquerda, Cuba foi mesmo uma quebra. O Partido Socialista (PS), fundado em junho de 1896, foi o primeiro na América Latina para a eleição de representantes a cargos eleitorais, e ansiavam alcançar o socialismo mediado pelo crescimento evolutivo de suas forças. Porém, após a Revolução russa, desde as fileiras do PS, uma de suas dissidências deu origem ao Partido Socialista Internacional (PSI). Este último tomou do recente modelo soviético a concepção da mudança revolucionária (Puiggrós, 2006c), adotando o nome de Partido Comunista (PC) em 1920. Existiram ricos debates no interior do PC, mas a aceitação da estratégia do ‘socialismo num só país’, organizada desde a União Soviética (URSS), impediu leituras de um ‘socialismo nacional’ que soubesse local-se na realidade argentina para advertir as genuínas expressões do movimento operário (Galasso, 2007).

Bem como reflexo, produziram-se profundas divisões depois da ocorrência da Revolução cubana. A vida interna do PC, até então, era atravessada por eventos externos e as reações aos fatos nacionais chegavam desacopladas do pulso da época. Isto impactava na sua própria constituição com perda de quadros partidários e militantes.

Até 1959, tanto o PC como o PS haviam sido *etapistas*, onde procuravam alcançar certo grau de desenvolvimento do capitalismo mediado por reformas parciais para logo levar adiante seus planos de uma sociedade sem classes. Como já tinha sido antecipado na perda de quadros dirigentes dos PC latino-americanos com posterioridade à Primeira Conferência Comunista Latino-americana (1929); depois da Revolução cubana, ademais, foram rejeitados pelos jovens estudantes que cobiçavam mudanças imediatas. Com o intuito de ultrapassar o racha que existia entre intelectuais e povo, uma nova geração pensava em uma aliança entre a cultura política e a história da nação. Nesta procura da característica da Argentina, é possível dar com as trilhas da originalidade da América Latina liderada pelos ‘*Maestros de la juventud*’ e os jovens das Reformas.

Às margens dos marxistas, outros setores intelectuais e culturais sentiram-se interpelados por uma conta não resolvida que tinham com o povo e pela qual se viam, de alguma maneira ou outra, com a obrigação de realizar mudanças em suas leituras do presente. Esta falta de ligação devia-se não à sua falta de compromisso “*con una militancia, como alegaban en su defensa, sino el no haber echado raíces en el sustrato popular de la nacionalidad en formación*” (Puiggrós, 2006a:34).

Os próprios universitários advertiam a carência de contato da realidade com aqueles conhecimentos ensinados na universidade, e apostaram nessa aproximação à confiança no mundo do trabalho e à luta política¹⁰⁸.

O presidente Arturo Frondizi, abriu as portas à ‘Comisión Nacional de Administración del Fondo de Apoyo al Desarrollo Económico’ (CAFADE) em fevereiro de 1959 com a ideia de impulsionar o desenvolvimento com ‘ajudas’ do governo norte-americano. Para o desenvolvimentismo, o Estado em seu papel modernizador, devia programar mudanças de forma acelerada aos fins de obter os resultados desejados¹⁰⁹.

Os estudantes, sensíveis a tudo aquilo que tivesse uma cor imperialista, reagiram com energia. Além da rejeição à intromissão da Comissão na UNC, foram denunciados em 1963 pelos reformistas as ‘colaborações’ financeiras das fundações Ford e Rockefeller. A primeira delas conseguiu ser aprovada na faculdade de Ciências Econômicas aos fins de reorganizar o *Instituto de Economía*, mas o professor Hunter foi denunciado por espionagem científico já que ultrapassou suas atribuições e “*investigó casi todos los Institutos de nuestra Universidad, en especial el campo científico y de la investigación: institutos de Virología, de Biología Molecular, de Sociología, de Ciencias Químicas, del IMAF*” (Marcó del Pont, em: Ferrero, 2009: 113). Em igual sentido, a fundação Rockefeller com a intromissão no Instituto de Virologia, na

¹⁰⁸ Foi sob aquele clima político e ideológico que começou a se desenhar a experiência do *Taller Total*, na *Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo* da UNC, e que cobrou vigência a partir da mudança do currículo de ensino em 1970. Este ensaio trouxe não só uma nova modalidade de construção do conhecimento e sua colocação em prática numa realidade concreta, senão impulsionou novos exercícios sobre as práticas pedagógicas e a aprendizagem entre pares (Pedano, 2013).

¹⁰⁹ À frente desta alternativa, desenrolava-se outra que propunha uma revolução socialista que mantinha, respeito à primeira, a origem comum da miséria da população. Para essas recentes explicações da situação da América Latina se tornava impostergável adicionar, a qualquer leitura sobre o econômico, a variável da dominação e a dependência.

faculdade de Medicina, fez a sugestão de limitar o acesso à carreira por meio de um exame eliminatório.

Assim como foi mencionado, com posterioridade ao Golpe de Estado de 1955, a *Federación Universitaria Argentina* (FUA) reunia a nível nacional todas aquelas federações de estudantes universitários do país e se encontrava sob maior influência do *Partido Comunista* (PC) desde 1959. Porém, em Córdoba, não só se haviam ganhado um espaço os *integralistas*¹¹⁰, e através deles a gradual incorporação do peronismo. Além do mais, o contato com os trabalhadores das usinas metalúrgicas havia provocado outras posições políticas. As salas de aula nas Faculdades e a rica vida dos estudantes na cidade os aproximaram a reforçar, retificar ou descobrir uma origem política para suas ideias e ações.

O *Seminario de Tucumán*, em agosto de 1962, fez evidentes duas tendências no *reformismo*: a esquerda clássica, ligada ao PC; e uma nova esquerda, que se insinuava e alcançou sua maior expressão na *Federación Universitaria de Córdoba* (FUC). Esta conseguiu reagrupar toda a esquerda *reformista*, em Córdoba, para as eleições de autoridades estudantis em 1963. No seu interior, a FUC alocava duas correntes, os socialistas que não rejeitavam aproximações com o PC, desde 1964 agrupados como *Movimiento Nacional Reformista* (MNR); e o *kozakismo*, que inaugurava essa linha de esquerda nacional. Esta última foi enriquecida pelos dissidentes comunistas locais do grupo *Pasado y Presente*, além dos militantes referenciados nas correntes *porteñas*: a *Juventud Universitaria de la Izquierda Nacional* (JUIN) filiada ao *Partido Socialista de la Izquierda Nacional* (PSIN), e do *Movimiento de Liberación Nacional*, de Ismael Viñas¹¹¹.

Uma vez que se consolidava entre os estudantes a hegemonia do Integralismo, que detinha a maioria da representação no co-governo da UNC desde 1961; ganhou espaços, entre as conduções estudantis *cordobesas* da Reforma, uma linha à esquerda.

Alguns militantes *peronistas* tentaram articular uma organização dentro da Universidade, em 1963, mas foram expulsos pela representação partidária devido a sua

¹¹⁰ O *Integralismo* na Argentina se identifica, nas suas origens, com o catolicismo e propunha, dentro da Universidade, o ‘apoliticismo’. Com grande incidência sobre os estudantes, seria protagonista relevante do movimento estudantil *cordobés* desde 1957 até 1969.

¹¹¹ Cf. Ferrero, 2009. O PSIN foi criado, em 1962, por Jorge A. Ramos, Jorge E. Splimbergo e outros. O *Movimiento de Liberación Nacional* se iniciou em 1960. Ambos faziam leituras críticas ao Partido Comunista, e foram parte daquilo que se chamou, na Argentina, de ‘nova esquerda’

“*desviación ideológica*” (Ferrero, 2009: 137). Este fato, adicionado à gradual aproximação dos dirigentes *integralistas* ao peronismo, evidencia que os estudantes se aproximaram ao *movimiento*, porém desde uma corrente confrontativa. Longe demais se encontravam da linha predominante entre as conduções gremiais e partidárias, mais favoráveis à negociação.

Os estudantes que militavam na *Unión Cívica Radical (UCR)*, se agruparam sob o nome de Franja Morada. Representavam a linha liberal da Reforma e mantinham representação no *Consejo Superior* da UNC, em minoria desde 1961. A debacle do *frondicismo* e a eleição de Illia, em 1963, deixaram os estudantes em uma posição de fragilidade frente ao avanço das correntes progressistas na Universidade.

Em relação ao governo que antecedeu o Golpe, teve uma grande complexidade o presidente Arturo Illia (1963-1966) para encaminhar o rumo do país. A debilidade de origem foi ter sido eleito pelo sufrágio com o peronismo proscrito. Não contou, além do mais, com aliança nenhuma e existiam outros atores na oposição. Uma vez que os indicadores econômicos davam conta de uma leve recuperação, aqueles que alentavam nos meios de comunicação massivos um novo Golpe de estado outorgavam a fatores conjunturais essas melhorias.

As novidades sobre as lutas coloniais se afirmaram com a ampla difusão da primeira tradução ao espanhol, em 1963, do livro *Los condenados de la tierra*, de Frantz Fanon, que tinha incluso o prólogo de Jean Paul Sartre. Ao mesmo tempo, o contexto internacional fervia com o avanço imperialista, que obteve um fracasso na *Bahía de Cochinos* (1961), mas ganhou um triunfo transitório na República Dominicana (1965). Este fato repercutiu com força entre os estudantes, que se mobilizaram com o fim de impedir o envio de uma força expedicionária ao comando da Organização de Estados Americanos (OEA). Em Córdoba, e durante o mês de maio, os estudantes protagonizaram “*actos y movilizaciones en defensa de la soberanía dominicana*”. (Ferrero, 2009: 142).

Naquele momento, a UNC contava com prestígio por causa de seus profissionais e sua vocação latino-americana. Nas salas de aula, no restaurante universitário, nos órgãos deliberativos das organizações estudantis e nos espaços dos *Centros de estudiantes*, reuniam-se

Mendocinos, riojanos, catamarqueños, salteños y jujeños que saltaban sobre Tucumán; chaqueños, correntinos y entrerrianos que soslayaban Santa Fe y

Rosario. Bolivianos y peruanos eran innumerables, pero los había también de Venezuela, Colombia y hasta de México y Haití. (Stival e Iturburu, 1997: 16).

Novas leituras dentro da Igreja católica consideravam a situação dos povos na América Latina, aproximando posições entre o catolicismo e o marxismo¹¹². Essas práticas repercutiram no interior do clero *cordobés*, no qual participavam inúmeros estudantes.

Los sacerdotes [que adherían a la nueva pastoral] en Córdoba, entre 1965 y 66, habían sido marginados de sus puestos en la conducción eclesiástica y trasladados a parroquias de barrios obreros y carenciados. (Erio Vaudagna, em: Umbrales, 1999: 36). [Aclaração nossa].

De igual modo os sindicatos, que haviam se edificado ao redor de representantes gremiais e políticos dos trabalhadores ocupando o espaço do *peronismo* proscrito, resultaram um sujeito com disputas internas. Para o caso, os sindicatos de Córdoba

Permanecerían agrupados en tres nucleamientos: el ortodoxo (metalúgicos, taxis, madera, molineros, etc.), vinculado a dirigentes anteriores a 1955 y proclive a la reconstitución de un sindicalismo de ese cuño; el legalista (mecánicos, transporte, aguas gaseosas, mineros, etc.) expresión pluralista y

¹¹² “Los estudiantes son un grupo de privilegiados en todo país subdesarrollado. Las naciones pobres sostienen a costos muy altos a los pocos egresados de colegios y universidades. Además, el estudiante universitario (el de las universidades donde no hay delito de opinión) y el de los colegios en donde hay libertad de expresión tiene, simultáneamente, dos privilegios: el de poder ascender en la escala social mediante el ascenso en los grados académicos, y el de poder ser inconforme y manifestar su rebeldía sin que esto impida ese ascenso. Estas ventajas han hecho que los estudiantes sean un elemento decisivo en la revolución latinoamericana. En la fase agitational de la revolución la labor estudiantil ha sido de gran eficacia. En la fase organizativa su labor ha sido secundaria en Colombia. En la lucha directa, no obstante las honrosas excepciones que se han presentado en nuestra historia revolucionaria, el papel tampoco ha sido determinante. Nosotros sabemos que la labor agitational es importante pero que su efecto real se pierde si no es seguida de la organización y de la lucha por la toma del poder. (...) La crisis económica y política se está haciendo sentir con todo el rigor sobre los obreros y los campesinos. El estudiante, generalmente aislado de estos, puede creer que basta una actividad revolucionaria superficial o puramente especulativa. Esa misma falta de contacto puede hacer que el estudiante traicione su vocación histórica; que, cuando el país le exige una entrega total, el estudiante continúe con palabrería y buenas intenciones, nada más. Que cuando el movimiento de masas le exige un trabajo cotidiano y continuo, el estudiante se conforme con gritos, pedreas y manifestaciones esporádicas. Que cuando la clase popular les exige una presencia efectiva, disciplina y responsable en sus filas, los estudiantes contesten con promesas vanas o con disculpas. (...) Quiero solamente exhortar a los estudiantes a que ellos tomen contacto con las auténticas fuentes de información para determinar cuál es el momento, cuál su responsabilidad y cuál tendrá que ser en consecuencia la respuesta necesaria. Personalmente, creo que estamos acercándonos aceleradamente a la hora cero de la revolución colombiana. Pero esto no se lo podrán decir con la debida autoridad sino los obreros y los campesinos. (...) Esperamos que los estudiantes respondan a la llamada que les hace su Patria en este momento trascendental de su historia y que para eso dispongan su ánimo para oírla y seguirla con una generosidad sin límite” (Torres, Camilo. Mensaje a los estudiantes, 1965)

actualizada del sindicalismo peronista que había 'legalizado' a la regional de la CGT, y el independiente (Luz y Fuerza, farmacia, gráficos, etc.) que nucleaba a sindicatos no peronistas, desde radicales hasta comunistas (Norberto Ciaravino, em: Umbrales, 1999: 29).

A estratégia estreita ao diálogo com os governos de democracia limitada, frente à estratégia de oposição, foi afirmando o racha cada vez maior. A posição confrontativa da CGTA ofereceu um

Renacimiento de la simpatía entre los trabajadores y estudiantes del país [si bien mucho antes de su conformación, en Córdoba los gremios prestaban] los edificios sindicales para las clases de las facultades cerradas por el régimen, así como también para los estudiantes que se preparaban para los nuevos exámenes de ingreso a la universidad (Brennan, 1996: 164- 165).[Aclaração nossa].

Ao redor dos grêmios com presença mais contestatária era possível acessar às discussões públicas em jornais próprios, onde participavam em igualdade estudantes e trabalhadores¹¹³. Neste sentido é que resultou como uma das leituras possíveis observar Córdoba “*con las cuadrículas prestadas por Gramsci*” (Terán, 1991), como foi concretizado pelos integrantes da revista *cordobesa* ‘*Pasado y Presente*’, editada entre 1963 e 1965.

La singularidad de los marxistas de Pasado y Presente, y que permite recordarlo como un hecho intelectual marcante, fue la amplitud de intereses y el ‘desenfado’ (el término es de Aricó) con que se movía entre las expresiones de ‘cultura burguesa’ que espantaba a otros marxistas (...) Todo podía subsumirse en la revolución que modificaría las cosas y las almas. Estaba en juego no sólo ‘cambiar el mundo’, que hacía eco en el llamado de Carlos Marx, sino el ‘cambiar la vida’ que comprometía de raíz la existencia cotidiana (Héctor Schmucler, em: Umbrales, 1999: 40-41). [Grifo no original].

Em 1967, com motivo dos debates ideológicos, aprofundou-se uma crise sobre as estruturas partidárias do PC. No referente à Córdoba, também a mesma se manifestou

¹¹³ Houve até quem enlaçou o jovem proletariado com as lutas da Reforma de 1918: “*Las barricadas humeantes, los barrios ocupados, la represión con armas de fuego hoy [1971] no asombran. Sin embargo, hace apenas dos años conmovieron a las agencias periodísticas, recorrieron el mundo entero en revistas, diarios, noticiosos. En todo el país, los trabajadores, el pueblo, con legítimo orgullo hicieron suyas las escenas del ‘cordobazo’, la gloriosa rebelión del proletariado y el pueblo cordobés, que dio el golpe mortal a Onganía y a su política corporativista, aplicada en la provincia por el fascista Caballero’. Córdoba fue ‘el principal foco de rebeldía popular y antidictatorial. Fiel a una tradición democrática que viene de lejos, que a principios de siglo tuviera en el movimiento de la Reforma Universitaria su expresión más trascendente, el pueblo de Córdoba, a cuya cabeza se encuentra el joven proletariado de las grandes plantas fabriles nacidas en la década del ‘50, enfrentó a la dictadura’.* (Córdoba, 1971: 4) [Grifo nosso].

com anterioridade: em 1963. Nesta data, a expulsão dos jovens do grupo *Pasado y Presente* não só “*dejó diezmada las fuerzas estudiantiles y juveniles del PC*” (Ceballos, 1985: 69), mas colaborou com o conteúdo de uma nova tendência independente de esquerda, mais próxima a uma linha nacional: o *kozakismo*. Segundo relata o próprio Abraham Kozak, dirigente da *Federación Universitaria de Córdoba* (FUC) entre 1964 e 1966:

Como nosotros no teníamos intelectuales de peso, ellos pasan a ser, no digo los ideólogos, pero sí los tipos que explican cosas sobre el marxismo (...) nosotros organizábamos los cursos internos y Pasado y Presente ponía los intelectuales y la teoría (Ferrero, 2009: 120).

Neste clima é onde teriam se produzido originais apropriações da Revolução cubana, em adição às posições críticas do *antiperonismo* e o imperialismo, que abriram novas discussões entre os estudantes¹¹⁴.

[El integralismo] fue lo más parecido al peronismo que hubo en el movimiento estudiantil cordobés y, de hecho, sus principales dirigentes lo eran, aunque por entonces la agrupación no se definiera como tal y el peronismo tuviera corrientes minúsculas en la Universidad. Simultáneamente, crecía una izquierda sin compromisos con las estructuras tradicionales, ávida y desprejuiciada lectora de la literatura que cuestionaba la ortodoxia soviética (...) revisaba la posición de la izquierda tradicional frente al peronismo e intentaba aplicar la teoría marxista a la realidad nacional (...) se entendía fácilmente con los sectores progresistas del Integralismo. (Stival e Iturburu, en: revista los '70, 1997:14) [Aclaração nossa].

Assim, no espaço *cordobés*, se ainda bem existia um claro predomínio do Integralismo na condução das Faculdades, também se encontrava espaço para as

¹¹⁴ No momento que inicia o governo revolucionário em Cuba, na Argentina havia uma democracia tutelada pelas Forças Armadas, onde o partido que detinha a maioria das vontades se encontrava proscrito. Se o marco institucional da democracia liberal encontrava-se em dificuldades, o espaço das ideias florescia. Uma plêiade de revistas mantinha um intercambio não só com as produções externas, mas também estabeleciam diálogos entre as produções locais. Ao amparo deste rico ambiente, não só José Aricó havia compartilhado como estudante universitário, em 1964 e sob a edição da FUC, uma série de artigos publicados na revista mexicana *El Trimestre Económico* (N°121, 122 e 124), senão durante aquele ano a FUC convidou ao advogado e político *peronista* John W. Cooke para oferecer uma palestra aos estudantes (*El retorno de Perón*, en: Cooke, 2007) e em 1965 o *Integralismo* organizou um curso de história argentina ministrado pelo historiador revisionista José María Rosa. Com o decorrer dos meses, *integralistas y reformistas cordobeses* deram com pontos coincidentes ao redor de um ideário nacional popular de esquerda. Assim, cobravam distância da linha proposta pela FUA (Ferrero, 2009: 145), a qual vacilava entre seus apoios à ditadura e ainda procurava a conformação de uma frente eleitoral para conquistar os espaços.

discussões do reformismo¹¹⁵, que recebia as dissidências do PC e as correntes da esquerda nacional. No entanto, novas agrupações, pequenas ainda, propunham discussões sobre o *foquismo* ou a *insurrección de masas*. Porém, uma abordagem em profundidade sobre as organizações de maior recepção entre os estudantes, e as lideranças que conduziram as ações desde 1966, permitiu relativizar o papel das organizações de esquerda revolucionária¹¹⁶.

A pronta recepção das discussões sobre o *peronismo* e a *izquierda nacional*, neste rico ambiente de ideias, inaugurou a oposição mais rígida dos estudantes *cordobeses* à ditadura de Onganía. Nesta geografia germinou uma atmosfera ideal para outras interpretações dos acontecimentos¹¹⁷, o que pode se advertir, como exemplo, ao momento da concreção de um plano de greves, o *Plan de Lucha* organizado pela *Confederación General del Trabajo* (CGT), entre 1963 e 1965. Durante 1964, no momento em que a FUC, com o apoio do *Integralismo* ficou ao lado dos trabalhadores; a FUA se manteve nas margens, aguardando as posições do PC no referente ao governo do presidente eleito Arturo Illia (1963-1966). Um outro ponto de oposição entre Córdoba e *el puerto* foi a intempestiva passagem da FUA, de suas palavras de ordem anti-imperialistas, de 1955, até posições de vanguarda revolucionária, em 1967. Neste sentido,

Con el propósito de acrecentar la acción contra la dictadura, su política y la intervención, se impulsaron en algunos centros, hechos políticos que se desligaron de la necesaria construcción del proceso estudiantil masivo que junto a la clase obrera y el pueblo, y sólo así, podrá hacer variar radicalmente la situación. Tal error (...) fue impulsado durante un breve período por la J.E. [Junta Ejecutiva] de la FUA y partió de sobreestimar la incidencia estudiantil

¹¹⁵ Devemos realizar a esclarecimento de uma ausência. A agrupação reformista *Franja Morada*, de vínculos político-partidários com a *Unión Cívica Radical*, participou da vida dos Centros até a chegada ao governo de Arturo Illia. Nesse período, a aberta campanha dos estudantes contra o governo por mais verbas públicas os coloca em oposição ao conjunto dos estudantes cordobeses, que já se encontrava em um processo de intensa politização. Com prestígio entre os estudantes esteve presente no governo da Universidade durante o período aberto pelo Golpe de estado da autodenominada ‘Revolución Libertadora’, em 1955, até a ocorrência do Golpe de estado de 1966.

¹¹⁶ “*Guerrilla groups such as the Uturuncos, the Fuerzas Armadas Peronistas (FAP), the Fuerzas Armadas de Liberación (FAL), and others had been active and won over students’ cadres in the years prior to the Cordobazo*” (Brennan y Gordillo, 1994: 484) [Grifo no original].

¹¹⁷ “*Tous les éléments étaient réunis dans cette ville, centre universitaire et epicenter d’une nouvelle industrialisation. Les forces convergèrent: un mouvement étudiant dont la tradition combative remonte à la Réforme universitaire de 1918, une nouvelle classe de travailleurs industriels et enfin des intellectuels critiques, dont les tendances représentaient un large spectre s’étendant du communisme orthodoxe à la nouvelle gauche*”. (Tarcus, 2009: 86).

dentro del proceso político que se operaba en dicho momento. (Ceballos, 1985: 120) [Aclaração nossa].

A nova orientação da FUA – com simpatias ao processo cubano e partidária da luta armada - não conseguiu fazer base em Córdoba. Ali viajaram militantes do PCR e

Tomaron contacto con los disidentes gramscianos locales, pero no pudieron convencerlos, ya que éstos estaban en un emprendimiento cultural-ideológico antes que político-organizativo y privilegiaron sus relaciones con el gramsciano porteño Juan Carlos Portantiero. (Ferrero, 2009: 180) [Grifo no original].

Assim, com o experimento ditatorial do General Carlos Onganía, iniciado em 28 de junho de 1966, os estudantes universitários rapidamente se viram afetados. Eles foram o sujeito político que mais claramente se posicionou contra o Golpe. Algumas agrupações centraram suas objeções nos funcionários da ditadura, também, todas tinham plena consciência dos tempos de retrocesso que se avizinhavam para a Universidade e as ideias da Reforma. No momento em que sofreram novamente as intervenções de suas universidades, foram expulsos seus professores e desmantelado o novel sistema científico. Nesta argumentação coincidem analistas e protagonistas.

El golpe de junio interrumpió un desenvolvimiento institucional con defectos obvios pero corregibles y sobre todo interrumpió la consolidación de una estructura científico-tecnológica moderna. Los estudiantes fueron doblemente afectados. Por una parte se instaló entre 1966 y 1969 un clima opresivo dentro de los claustros. La reunión de autoritarismo y mediocridad suele ser letal para las universidades. La mediocridad no es poca cosa. El autoritarismo es peor. Pero la reunión de ambos es insoportable. (Francisco Delich, em: Umbrales, 1999: 31).

Viví a comienzos de los 60 la época de la universidad con gobierno tripartito, con centros y agrupaciones estudiantiles funcionando y participando de las actividades académicas y gremiales. Debatíamos ideas y proyectos entre numerosas corrientes y teníamos elecciones periódicas de autoridades estudiantiles en organismos de conducción de dichas instituciones. Con todo ello arrasó Onganía y nos lanzó a la calle. (Carlos Azócar, em: Umbrales, 1999: 33).

A vida democrática dentro das Universidades, com anterioridade ao Golpe, favoreceu o nucleamento sob a FUC às agrupações reformistas e manter os canais de diálogo com o Integralismo. A clausura do espaço e a virulência dos ataques da ditadura contra a militância estudantil, durante aquele semestre de 1966, desataram uma infinidade de pequenas agrupações que se lançaram à ação.

Todos los dirigentes –en particular los oradores en la asamblea que había dispuesto la huelga- tenían orden de captura. Así fue como se produjo un rápido aprendizaje de métodos de funcionamiento clandestino y de formas de protesta que, como los actos relámpagos, pasaron a formar parte del folclore cordobés. (Stival e Iturburu, 1997: 19)

Forçada pela clandestinidade de seus dirigentes, além do mais, se conformou uma de suas fortalezas: a dispersão da resistência contra a ditadura sob siglas encriptadas e modalidades originais. Assim, o caso do *Comando Revolucionario Santiago Pampillón (CRSP)* quem,

Surgieron al calor de la toma del Clínicas. Ellos planteaban una lucha más frontal, con acciones de autodefensa más directas (..) Era un grupo de izquierda independiente que planteaba el agotamiento de determinados métodos y proponía nuevas formas de resistencia, más organizadas (Roberto Reyna, en: revista los '70, 1997: 20)¹¹⁸

Então, advertindo as dessemelhantes trajetórias de politização dos jovens, as mudanças se reclamavam mais profundas desde 1966. O eixo da política estudantil transcendeu os muros da Universidade.

Pese a provenir de muy diversas tradiciones políticas y culturales –la izquierda, el peronismo, el nacionalismo, el mundo católico- todos coincidían en la oposición al viciado régimen político y al orden social por él sostenido, por lo cual fueron percibidos- y se percibieron a sí mismos- como partes de la misma trama (Tortti, 2014: 17).

Como foi notado por Barrington Moore (2000: 49) o impulso das transformações provém das cidades. Em Córdoba, e nos anos que aqui referimos, produziram-se acontecimentos não só massivos, mas determinantes da própria identidade dos estudantes, em suas reações contra as forças ditatoriais. Neste sentido, o protagonismo desta cidade, pela originalidade da confrontação política dos estudantes chamou a atenção de locais e alheios.

Como el eje de la resistencia contra la dictadura estaba focalizado en Córdoba, los medios nacionales venían a buscar información. En el barrio había pintadas

¹¹⁸ Em 1968, encontraríamos a esquerda insurrecional do CRSP entre os integrantes da combativa Frente Estudiantil en Lucha (FEL). No interior desta Frente, também participavam: o Movimento Independente de Medicina (MIM), que referenciavam em *Pasado y Presente*; o *Centro Estudio y Lucha (CEYL)*, de Filosofia, que ademais de *Pasado y Presente* havia tomado contato com o grupo Praxis, de Silvio Frondizi; a *Agrupación Universitaria Liberación*, ligada ao *Movimiento de Liberación Nacional*, de Ismael Viñas; o *Centro de Estudiantes de Derecho (CED)*, onde se concentrava o que restava do *kozakismo*; os estudantes católicos pós-conciliares politizados de UCC; e o Integralismo.

con consignas del tipo ‘El Clínicas, primer territorio liberado de Argentina’, firmadas por CUCO (..) una vez vino [desde Buenos Aires] un periodista de la [revista] Siete Días y le contaron que había un grupo que se llamaba CUCO, que lo dirigía el Comandante Monstruo. Le hicieron una especie de parodia, lo citaron en un bar, le vendaron los ojos, lo hicieron caminar en redondo por el barrio, lo metieron en una casa donde estaba el supuesto Comandante Monstruo. (Roberto Reyna, en: revista los '70, 1997: 20)¹¹⁹ [Aclarações nossas].

Nas ruas os estudantes haviam aprendido que ante a chegada das forças policiais deviam se dispersar para retornar a reagrupar-se num outro ponto, não tão longe dali com a finalidade de incomodar aos agentes da repressão e manter um estado de agitação permanente¹²⁰. A *Coordinadora* foi uma organização *ad hoc* que funcionou como direção unificada de todas as agrupações após a intervenção das Universidades pela ditadura. Esta convocou uma assembleia aos fins de debater a continuidade da greve universitária, em 7 de setembro de 1966 às 20 hs na Plaza Colón. Com ressalva do dispositivo de segurança empregado pela Infantaria, esta teve de retirar-se frente à superioridade numérica dos estudantes. Burlados por jovens armados com pedras, as forças policiais recorreram às armas letais. Sob estas circunstâncias mataram Santiago Pampillón.

Cuando se supo lo de Pampillón empezó a correr la voz de que había que tomar el barrio, y todo el mundo se largó a cortar los accesos pasando alambres de un lado a otro de la calle, se construyeron barricadas y se apagaron todas las luces. Los estudiantes que vivíamos en el barrio –unos 6.000- más los que llegaban del centro, se hicieron dueños del barrio. La policía no pudo entrar en toda la noche. La caballería intentó entrar varias veces pero desde los techos les

¹¹⁹ CUCO, em tradução literal, corresponde ao ‘bicho-papão’, assim Comandante Monstro. A intuição dos jornalistas levava a dianteira ao olhar paternalista das organizações da esquerda revolucionária com posterioridade ao *Cordobazo*. “*Esa disposición que comunicaban los obreros, la encontraba también, durante aquel encuentro, en buena parte de los estudiantes cordobeses, como si todos estuviesen contagiados, por así decirlo. No sé si era la conciencia de que se había infligido un golpe de muerte a la dictadura de Onganía, de que se había hecho de la ciudad un nuevo centro en la vida política nacional, lo que instaló ese aire de confianza sin suficiencia que desde el 29 de mayo de 1969 parecía estar en todas partes - así lo creíamos quienes llegábamos desde afuera-, pero fue ese aire lo que hizo por esos años de Córdoba una Meca para la izquierda. Venir a Córdoba era asistir a la epifanía de un tiempo nuevo, lleno de promesas, irreversible. Periodos así suelen ser periodos de gran efervescencia mítica y el Cordobazo adquirió muy pronto esa dimensión, la dimensión de un mito. Teníamos nuestro Mayo, que se comunicaba con aquel otro del 68, el Mayo francés, pero el nuestro que no había hecho proliferar graffitti tan imaginativos, había sido más proletario, más plebeyo y más duro.*” (Altamirano, Carlos. ‘Memoria del 69’, em: Estudios, nro 4, 1994: 12).

¹²⁰ “*Saliéndose de los carriles institucionales e instalándose en el escenario urbano, recuperando así la calle como territorio social de disputa. Una vez conquistada, esta territorialidad (..) delimitada comúnmente por barricadas, [sirvieron] tanto como elemento de defensa cuanto como elemento de cohesión y de fuerza moral*”. (Bonavena et al., 1998:66-67). [Aclaração nossa].

tirábamos molotov y piedras (Carlos Ahrensburg, en: revista los '70, 1997: 16).

A ditadura ofereceu, então, um comum inimigo¹²¹ aos estudantes, que não rejeitaram o convite de confronto direto nas ruas. A partir de então, se desenvolve um conflito incremental de oposição ao regime por parte dos estudantes que alcança sua maior tensão em aliança como os trabalhadores nas jornadas do *Cordobazo*¹²².

Neste apartado fizemos uma revisão das influências sob as quais se desenvolveram as ideias e as ações dos estudantes. A seguir nos deteremos, com maior precisão, no espaço geográfico sob estudo. A abordagem, aqui será desde a ótica dos estudantes. Em uma eleição deliberada de narrações fazemos explícito que o nosso objetivo

No es la obtención de información o evidencia por sí misma, sino un registro 'subjetivo' de cómo un hombre o una mujer contempla su vida en conjunto o una parte de la misma. Precisamente el modo en que habla, cómo la ordenan, qué enfatizan, qué omiten, las palabras que escogen son importantes para la comprensión [de toda narración] (Thompson, 1988: 224). [Aclaração nossa].

¹²¹ O inimigo “no necesita ser moralmente malo, ni estéticamente feo; no hace falta que se erija en competidor económico (...) simplemente es el otro, el extraño, y para determinar su esencia basta con que sea existencialmente distinto y extraño en un sentido particularmente intensivo. En último extremo pueden producirse conflictos con él que no pueden resolverse ni de alguna normativa general previa ni en virtud del juicio o sentencia de un tercero ‘no afectado’ o ‘imparcial’ (...) un conflicto extremo sólo puede ser resuelto por los propios implicados” (Schmitt 1991: 57). Mas esse inimigo só pode se considerar enquanto um conjunto de homens contingentemente “de acuerdo con una posibilidad real, se opone combativamente a otro conjunto análogo.” (1991: 58). Conducentemente, “el antagonismo constituye la más intensa y extrema de todas las oposiciones, y cualquier antagonismo concreto se aproximará tanto más a lo político cuanto mayor sea su cercanía al punto extremo, esto es, a la distinción entre amigo y enemigo (1991: 59). Por enquanto, pode se considerar especialmente, devido ao nosso objeto de estudo, que “todo antagonismo u oposición religiosa, moral, económica, étnica o de cualquier clase se transforma en oposición política en cuanto gana la fuerza suficiente como para agrupar de un modo efectivo a los hombres en amigos y enemigos” (1991: 67).

¹²² Rancière (1996) argumenta aquilo que “constituye el carácter político de una acción no es su objeto o el lugar donde se ejerce, sino únicamente su forma, la que inscribe la verificación de la igualdad en la institución de un litigio, de una comunidad que sólo existe por la división”. (1996: 47). Ele compreende por política aquela operação que conta as partes de uma comunidade, mas essa conta é sempre falida, e irrompe na ordem vigente por uma parte que não estava contada como parte daquela comunidade. Esse acontecimento, a irrupção de uma parte que não era uma parte, que não pode se prever com antecedência nem pode identificar com anterioridade quem são aqueles que reclamarão ser contados como parte, expõe a contingência de toda ordem social. Política é, por isso, a atividade “que desplaza a un cuerpo del lugar que le estaba asignado o cambia el destino de un lugar, hace ver lo que no tenía razón para ser visto, hace escuchar un discurso allí donde sólo el ruido tenía lugar” (1996: 45); o conflito “acerca de la existencia de un escenario común, la existencia y la calidad de quienes están presentes en él” (1996: 41). Estes argumentos explicitados suportam o ponto de partida para explicar o caráter conflitivo da política e como é que podem se elaborar outras discussões para a conformação das identidades políticas. Ao fim deste trabalho, por tanto, é relevante que aquilo que se considera política; a agrupação contingente ao redor da distinção ‘amigo-inimigo’.

Com antecedência ao Golpe, houve duas grandes correntes dentre os estudantes *cordobeses*: o Integralismo e a linha da Reforma, com uma corrente liberal e outra corrente à esquerda. Nesta última, além do mais, convivia uma vertente de esquerda nacional, hegemônica na FUC, ao lado da esquerda tradicional.

Já, nas vésperas do acontecimento do *Cordobazo* houve três grandes correntes entre os estudantes: a linha de esquerda nacional, com o peso numérico do Integralismo e uma infinidade de organizações reunidas sob agrupamentos ocasionais; o compacto grupo de estudantes politizados da UCC; e a linha da Reforma, representada na condução comunista da FUC.

Um período de quase três anos há entre estas duas classificações. Porém, as atualizações ideológicas se manifestaram com grande intensidade. Para elaborar uma melhor compreensão deste decorrer, trazemos à colação que aqueles que participaram dos acontecimentos relatados neste trabalho fizeram-no “*bajo el peso de influencias culturales, intelectuales y políticas que, en conjunto, eran probablemente más poderosas que los problemas inmediatos* [de la economía local o de las restricciones al ingreso a la universidad]” (Brennan, 1996: 182). [Aclaração nossa].

Nos apartados seguintes propomos dar conta das continuidades, rupturas e a intensidade da politização dos estudantes que se viam refletidos nas suas organizações e nas linhas de confronto traçadas pelas lideranças.

Um caso particular nos obriga a deter-nos, por sua raridade e incidência no meio *cordobés*. Na procura de uma contribuição, fazemos uma nova abordagem a partir de documentos disponibilizados num arquivo, já que

El papel de los militantes católicos en el proceso político que tuvo un momento relevante en el Cordobazo, fue de una importancia decisiva. [Un estudio] de esta participación ayudaría a entender el fuerte contenido doctrinario que lo caracterizó. (Schmucler, 1999: 41) [Aclaração nossa].

Logo após, num segundo apartado, iremos deter-nos nas agrupações de maior presença entre os estudantes, pela sua tradição, ações e ideias. Num período de uma conformação identitária, estas agrupações acompanharam as transformações e confluíram no objetivo comum de derrubar a ditadura.

3.2.- Estudiantes e política na Universidad Católica de Córdoba.

A seguir analisaremos uma organização paradigmática. Sem nenhum passado de lutas, sem trajetória entre os estudantes *cordobeses* e alterando os planos dos seus criadores cresceu um grupo de estudantes politizados no seio da primeira universidade particular da Argentina.

3.2.1- Noticia en un pedazo de periódico.

Qual era a origem e quem eram aqueles que representavam à ‘*Agrupación de Estudios Sociales (U. Católica de Córdoba)*’ nas datas prévias ao *Cordobazo*? Como é que haviam chegado a compartilhar uma convocatória a uma passeata com outras agrupações universitárias da cidade e com a *Confederación General del Trabajo de los Argentinos (CGTA)*?¹²³ Como é que foi possível o grande sentido de organização que os alunos da *Universidad Católica de Córdoba (UCC)*, destacado pelo sobre o conjunto dos estudantes *cordobeses* durante os fatos de 1969? Como é que foi alterado o plano de alguns setores que desejavam uma universidade asséptica à política terreal?

Estudos anteriores mais gerais sobre os acontecimentos (Delich, 1994; Bergstein, 1987), sobre os atores (Ferrero, 2009; Lanusse, 2010; Romano e San Nicolás, 2013), e a respeito das ideias (Morello, 2003) fizeram menção aos estudantes da UCC ou à *Agrupación de Estudios Sociales (AES)*.

A Agrupação surgiu em abril de 1967, segundo foi relatado por seus integrantes. Nos finais de 1968, e mediado por eleições estudantis, alcançou a hegemonia na *Federación de Agrupaciones Estudiantiles de la UCC (FAEUCC)*, representando as agrupações de cada Faculdade. Neste sentido, sob a condução da FAEUCC, nas datas prévias ao *Cordobazo*, e referente às questões organizativas:

La única excepción de alguna envergadura sea la de los estudiantes de la Universidad Católica, que se alinearon detrás de sus dirigentes. El resto, en las

¹²³ “*La CGT de los Argentinos y las Agrupaciones Estudiantiles abajo firmantes, considerando: La bárbara represión policial en Corrientes y Rosario que culmina con el asesinato de cinco compañeros, estudiantes, Cabral, Avalos, Heredia, Bello y Rodríguez y el baleamiento de veinte más; que dicha represión es reflejo en la Universidad de la situación de oprobio que vive nuestro pueblo resuelven: 1) Convocar a todos los estudiantes a expresar su repudio a la salvaje agresión, que conmueve al estudiantado argentino y al pueblo en general a través de una “Marcha del Silencio” a cuyo efecto citamos en Av. Olmos y Maipú a las 19 hs. del día 19; 2) Llamar a todos los sectores populares a participar de dicha marcha; Federación de Agrupaciones Universitarias Integralistas de Córdoba; Agrupación Universitaria Nacional; Frente Estudiantil Nacional; Agrupación de Estudios Sociales (U. Católica de Córdoba); Confederación General del Trabajo de los Argentinos (CGT)” (LVI, 19/5/69, p.18).*

asambleas previas, representados por oradores improvisados sobre la marcha, desbordó todas las previsiones. (Delich, 1994: 101).

À luz da relevância alcançada pelos acontecimentos do *Cordobazo* e da participação dos estudantes da AES recolhida tanto na imprensa gráfica da época -*La Voz del Interior* (LVI), *Los Principios* (LP), *Jerónimo*- como em posteriores abordagens (Crespo y Alzogaray, 2004; Errasti, 2007) foi destacada a liderança da AES sobre seu iguais para sua participação nas ocorrências:

En la UCC, se rompió el tradicional apoliticismo que sectores conservadores de la sociedad cordobesa -que esgrimían la disciplina de la UCC frente al desorden y politización en la UNC-, y las autoridades académicas trataban de impregnar en los estudiantes. Así surgió la Agrupación de Estudios Sociales, de tendencia peronista cristiana, y muy influenciada por la encíclica Populorum Progressio, Medellín y los avances de la Teología de la Liberación, que vertebró la conducción de las agrupaciones estudiantiles de dicha universidad. La masiva participación de los estudiantes en asambleas previas al Cordobazo estuvo marcada por posiciones fuertemente críticas a la dictadura. (Crespo y Alzogaray, 2004: 87-88).

A AES foi, durante o *maio cordobés*, a agrupação que não só estava na frente da representação dos estudantes na maioria das suas Faculdades, como também e além do mais presidia a Federação na pessoa do estudante Claudio Erhenfeld, o qual resultaria caçado nessas jornadas de 1969 (UCC, 2006: 183)¹²⁴

O objeto deste apartado é acessar as condições nas quais tiveram espaço os debates, as ideias e as ações, entre os estudantes da AES, e suas relações com pares e antagonistas. Nossas perguntas estão orientadas sobre o processo que levou à conformação hegemônica da AES nos finais de 1968. Consideramos que este ano, em particular, é o ponto de partida para as ações dos estudantes da UCC nas datas do *Cordobazo*. Por isso, 1968 foi o ano chave para a consolidação identitária dos integrantes da AES. Ali toma corpo a figura que elegemos para referir-nos ao ciclo: o *año cero*.

¹²⁴ Deve-se mencionar, em adição, que os integrantes da AES se ligariam com a agrupação *peronista Lealtad y Lucha*. Porém, só com posterioridade ao *Cordobazo* a AES estreitou laços com estudantes da *Universidad Nacional de Córdoba* (UNC), desenvolveu os debates, mudou suas práticas de trabalho e confluuiu com *Lealtad y Lucha*, na organização *Peronismo de Base*. Logo depois, alguns daqueles que iniciaram suas discussões na AES, participaram na conformação da organização *Montoneros*. (Cf. Vélez Carreras, 2005; Lanusse, 2010; Seminara, 2015).

3.2.2- Antecedentes e origem da AES

No presente apartado propomos nos referir a aquelas características que se tornaram relevantes no momento de acessar a identidade dos integrantes da AES, na procura de aprofundar as indagações sobre o processo que levou à conformação hegemônica nos finais de 1968.

A continuação, nos deteremos na origem da Agrupação, a qual conseguimos estabelecer a partir de encontros informais, desde 2013, com antigos estudantes enrolados na AES. Logo, nos aproximaremos à incidência das mudanças na Igreja católica e o percurso do movimento estudantil *cordobés* sobre este grupo de estudantes durante o período, para finalmente mencionar as relações com outros sujeitos. Para concretizar este desenvolvimento seguiremos sobre os estudantes o suposto de que sua “*politización en América Latina depende cada vez más del carácter de universitarios que del tipo de universidad a la que se pertenece*” (Solari, 1968: 17).

Durante o governo democrático eleito de Arturo Frondizi (1958-1962) foi promulgada a lei que autorizou o funcionamento de universidades particulares na Argentina. A primeira universidade particular do país foi criada em 1956: a UCC. Durante 1964 foi aceita provisoriamente, pelas autoridades da UCC, a *Federación de Asociaciones Estudiantiles* (FAEUCC) e em 1966 os estudantes se organizaram para eleger livremente os representantes da FAEUCC e suas agrupações, que reuniam os estudantes por carreira. Paradoxalmente, o único espaço em Córdoba onde tinham vigência as associações estudantis com posterioridade ao Golpe de Estado de 1966 (UCC, 2006) foi uma instituição católica que levava adiante esforços por desalentar a atividade política.

Entre 1946 e 1955, “*se produjo una democratización del reclutamiento universitario. El número de los estudiantes creció enormemente, extendiéndose la base social de su composición a los estratos inferiores de la clase media, e incluso a los sectores obreros*”. (Portantiero, 2014: 250). Por enquanto, e no mesmo sentido, devido às modificações na estrutura social argentina, pelos efeitos distributivos das políticas do *peronismo* e pelo extenso desenvolvimento do clima cultural posterior, de igual maneira foi reflexa a composição de estudantes no interior da UCC. Nela foi possível advertir origens sociais diferentes de seus estudantes, sob o signo comum do catolicismo.

Submetidos às restrições impostas pela ditadura liderada pelo Gral Carlos Onganía e “*incapaces de participar abiertamente en política, los estudiantes pudieron encontrar un foro para la discusión y el debate políticos en los grupos de estudio católicos, que brotaron como hongos en diversas facultades después de 1966.*” (Brennan, 1996: 189).

Este é o ponto de partida da AES, que nasce em abril de 1967 como um grupo de estudo e debate de estudantes de diversas Faculdades da UCC. Deve constar que o trajeto das dependências de ‘*Buchardo*’ (Rua *Buchardo*, Nro. 1675) –onde eram ministradas as carreiras de *Letras, Ciencias de la Educación, Filosofía, Psicología, Ciencia Política, Derecho* e *Arquitectura*- até o prédio de ‘*Trejo*’ (Rua *Obispo Trejo*, Nro. 323) – onde era ministrada *Ciencias Económicas* e funcionava a Reitoria- alcançava-se com quarenta minutos a pé. A concentração num espaço geográfico próximo beneficiava a circulação dos estudantes, que decidiram começar a reunir-se, semanalmente em ‘*Trejo*’ para debater temáticas de interesse e acompanhar as leituras de autores que atravessavam as análises do contexto latino-americano do período. Assim, acessaram a questões sobre o peronismo e o marxismo, mas, além do mais, a outros autores como Rodolfo Puiggrós, Juan José Hernández Arregui y Milcíades Peña.

Ao longo dos meses, o grupo foi incorporando alunos às discussões e se encarregou de mobilizar os estudantes da UCC em clara oposição à ditadura, que começou em 1966. Adicionaram ao seu trabalho dentro da UCC, o início das relações com conduções gremiais nos sindicatos, ‘*centros de vecinos*’, sacerdotes aderentes ao terceiro-mundismo e estudantes de outras universidades, na linha com o conjunto do movimento estudantil *cordobés* que “*articuló definitivamente sus lazos con los sectores populares, ya que ambos estaban excluidos del proyecto político de la dictadura*” (Romero, 1998: 124).

No final de 1967 e seguindo o modelo da UNC, as agrupações estudantis da UCC haviam conquistado a autonomia com respeito às autoridades; também não encontraram repostas sobre: a modificação dos currículos, onde as disciplinas de religião fossem optativas; a diminuição no valor econômico da matrícula; e o ambicioso co-governo da UCC, ao lado de professores e não docentes.

Durante o ano de 1968, e aprofundaremos nesta atividade no próximo apartado, um grupo de estudantes de AES realizou uma viagem de estudos à *Provincia de*

Tucumán, distrito ao norte da Argentina, a fim de conhecer os efeitos das políticas da ditadura sobre a população. No seu retorno ofereceram uma roda de imprensa e logo publicaram sobre a situação na integra na revista *Cristianismo y Revolución*.

A AES aprofundou seu trabalho e suas relações para manter na UCC um debate de ideias que resistisse às políticas ditatoriais, alcançando por meio de eleições estudantis a hegemonia da FAEUCC, nos finais de 1968. Ali, em concordância com “*los rasgos distintivos de una nueva forma de organización política de los estudiantes*” (Pedano, 2013: 75) do período, estenderam sua modalidade de organização interna: democrática, horizontal, sem comissão diretiva nem autoridades formais, resolvendo as demandas em assembleias. Além do mais, convidavam a participar da AES, em declarações de um dos seus fundadores Miguel Ángel Bustos, a todos aqueles “*que adhieran a la construcción del hombre nuevo*” (*Jerónimo*, Nro. 10, 1969)¹²⁵.

No referente às modificações no seio da Igreja católica e sua incidência, não só sobre seus fieis, devemos levar em conta novas leituras que aconteceram como resultado do Concilio Vaticano II (1962-1965). Promovido pelo Papa João XXIII, propunha um maior compromisso entre o Evangelho e a pobreza no mundo. Além do mais, o sacerdote Camilo Torres resultou de referência para os estudantes da AES, quem na sua última ‘Mensagem ao povo colombiano’ (1966) declamava: “*todo revolucionario sincero tiene que reconocer la vía armada como la única que queda*” (Torres, 2010: 134).

No entanto, em agosto de 1967 um conclave de religiosos reuniu-se na *Conferencia Episcopal de Medellín* e elaboraram o “*Mensaje de los dieciocho Obispos del Tercer Mundo*” (1967). Entre seus fragmentos de maior destaque, mencionam:

Los cristianos tienen el deber de mostrar que el verdadero socialismo es el cristianismo integralmente vivido, en el justo reparto de los bienes y la igualdad fundamental. Lejos de contrariarse con él, sepamos adherirlo con alegría, como a una forma de vida social mejor adaptada a nuestro tiempo y más conforme con el espíritu del Evangelio. Así evitaremos que algunos confundan Dios y la religión con los opresores del mundo de los pobres y de los trabajadores, que son en efecto, el feudalismo, el capitalismo y el imperialismo.

¹²⁵ Estas palavras foram recebidas favoravelmente por uns quinze estudantes da UNC que, incorporados durante 1969, levariam à AES até um aproximado de sessenta e quatro integrantes nesse período.

Este documento agrupou os religiosos em torno ao ‘*Movimiento de Sacerdotes para el Tercer Mundo*’, que se reuniram em Córdoba, em maio de 1968, com localizações no país todo, a fim de ganhar adesões (Morello, 2003). Também, alguns religiosos aderiram com antecedência às propostas do Concílio. Entre maio de 1963 e finais de 1965, durante o governo democrático do presidente Arturo Illia, a CGT começou um *Plan de lucha*. O mesmo tinha o objetivo de demonstrar o poder da organização da Central a partir da mobilização massiva de trabalhadores. Durante sua concreção, o frade Milán Viscovich estava no cargo da diretoria da *Facultad de Ciencias Económicas* da UCC (1959-1964). A saída de suas funções, em 1964, é atribuída à sua “*detonante adhesión al Plan de Lucha de la CGT*” (*Jerónimo*, N°9, 30/4/69). Este religioso registraria novas intervenções, nas datas prévias ao *Cordobazo* onde, entre outras ações, ministrou um ofício religioso ante os estudantes convocados à ‘*Marcha de silencio*’ (LVI, 20/5/69), organizada pela CGT *de los Argentinos* e agrupaciones estudantis. Uma daquelas agrupaciones foi a AES. Posteriormente, o frade Milán, foi detido no seu endereço particular, ao lado de outros sacerdotes, por ordem do governador *de facto* da *Provincia de Córdoba*, Carlos Caballero. O delito do qual foi acusado publicamente numa reportagem televisiva foi de “*agitador*” nas jornadas do *Cordobazo* (*Jerónimo*, N°11, 15/6/69).

Outros religiosos ligados à UCC intervieram nos assuntos da vida política *cordobesa*. Fazemos destaque da realização da ‘*Huelga de hambre*’ (18 de agosto- 7 de setembro de 1966), proposta por estudantes *integralistas* na Igreja ‘*Cristo Obrero*’. A ação de protesto foi organizada em repúdio à intervenção da ditadura nas instituições de ensino, mas não finalizou sem dificuldades. Não só se clausurou esse espaço como *parroquia universitaria*, como também os sacerdotes que estavam encarregados de seu funcionamento, Nelson Dellaferrera y José Gaido, “*habrían sido suspendidos como profesores de la Universidad Católica de Córdoba, ya que después de la muerte de Pampillón no dieron clases y dejaron asentados en los libros de temas su protesta*” (Pons, 2005).

Estas referências resultam oportunas para advertir o complexo entrecruzamento entre autoridades, professores e religiosos que se desempenhavam no espaço da UCC, que se identificavam com as posições assumidas por um setor da Igreja católica com posterioridade ao Concílio. Desta maneira, e sob as lições dos sacerdotes terceiro-

mundistas que os convidavam a participar do trabalho pastoral nos bairros da cidade, pode-se compreender que os estudantes recebessem os debates da Igreja católica do período.

El grupo postconciliar transita por la línea formada por numerosas parroquias de la capital, alumnos de la Universidad Católica y curas de barrio (..) más allá del puro ámbito sacerdotal, los movimientos de tipo social de alguna manera conectados con la iglesia tienen su expresión más aguda, en estos momentos, en la Agrupación de Estudios Sociales, que nuclea a aproximadamente 40 alumnos de la Universidad Católica (Jerónimo, N°9, 30/4/69).

As condições particulares de Córdoba, no referente à abordagem dos debates do *peronismo* e a *izquierda nacional*, permitiram outras oposições dos estudantes *cordobeses* à ditadura de Onganía. As discussões e aproximações permitiram se encontrar, e não em poucas ocasiões, sob consignas comuns. Então, resulta oportuno mencionar o heterogêneo *Frente Estudiantil en Lucha* (FEL), organizado com a finalidade de levar adiante a data de protesto e a greve planejada para 28 de junho de 1968, e assim repudiar o segundo aniversário do Golpe de Estado. O FEL “*reunía a las agrupaciones más combativas*” (Ferrero, 2009), com preeminência de correntes de esquerda, dissidentes da linha do PC, e de *izquierda nacional*. Além do mais, a AES se inscrevia como uma das agrupações que integravam o FEL.

No referente ao processo de politização dos estudantes, de igual modo devemos advertir que dentro do movimento estudantil foi se incrementando a incidência do setor católico, que “*antes de comenzar su radicalización política difícilmente se la podía confundir con la izquierda (..) fue a raíz del Concilio Vaticano II, con la consiguiente Teología de la Liberación a la que dio pie, que muchas de estas agrupaciones se radicalizaron políticamente*”. (Califa, 2007: 65). Em particular, durante o período ao qual fazemos referência, os integrantes da AES se diferenciavam mesmo dos católicos do Integralismo pelo seu grau de politização. Uns dos seus fundadores, Miguel Ángel Bustos, manifestava que a AES:

Levanta las banderas del sacerdote colombiano Camilo Torres y afirma que el pueblo en armas ‘debe enfrentar la violencia invisible del régimen, esa violencia que anida en el hambre, el analfabetismo y la explotación del hombre’ (Jerónimo, N°10, 1969).

No referente a sua relação com outros sujeitos do contexto, devemos fazer destaque à ligação com a revista *Cristianismo y Revolución*, veículo de ideias de

pensadores e militantes católicos. A mesma havia aproximado os discursos do padre Dom Helder Câmara e o terceiro-mundismo, e ainda mais as ideias de John William Cooke, Ernesto Guevara, e a situação política de toda a América Latina (Morello, 2003). Esta recepção pode ler-se em um número daquela revista, editado na primeira quinzena de maio de 1969. Nele se incluiu um documento da AES que propunha:

O se asume el compromiso histórico que hoy se nos exige (..) y se opta por los pobres, rompiendo definitivamente con el sistema capitalista, los dictadores y la oligarquía; O se continúa en la adhesión pública a un gobierno que explota a su pueblo en beneficio de unos pocos (Iglesia y educación libertadora, en: CyR, N°15, 1969).

No *Congreso General “Amado Olmos”*, da CGT, em março de 1968, produz-se uma ruptura da central gremial dos trabalhadores e fica, então, conformada a CGT “*de los Argentinos*” (CGTA), liderada por Raymundo Ongaro, dos operários gráficos. Esta corrente reúne os grêmios em confronto com a liderança ‘*burocrática*’ de Augusto Vandor, que ficam agrupados na CGT “*Azopardo*” (CGT). O próprio Ongaro se apresenta em Córdoba, em 28 de junho de 1968, para participar das jornadas de protesto contra a ditadura, organizadas pelos estudantes da *Frente Estudiantil en Lucha* (FEL) e pelos trabalhadores.

Esta proximidade dos estudantes com as organizações combativas dos trabalhadores nucleadas na CGTA, também pode-se advertir entre os estudantes de AES. Uns dos pontos mais destacados é a concreção da visita da liderança sindical Agustín Tosco, convidado pela FAEUCC a fim de oferecer uma palestra em 25 de maio de 1969 no espaço da UCC (Bergstein, 1987). É destacável que na atividade interveio o reitor da UCC, R.P. Fernando Storni, e fez declarações na imprensa gráfica:

[Tuve que] *salirle al cruce a este activista que se aprovechó de una invitación a un acto patriótico para incitar a los estudiantes a la rebelión (..) los activistas eligieron a la Universidad Católica para desarrollar su acción, lo alumnos tuvieron la versión de ellos y la mía. Cuando terminé de hablar, muchos alumnos me dijeron: ‘Ud. se lo metió en el bolsillo’. Por eso pienso que, del cotejo de los dos discursos, la verdad ha surgido clara y terminante.* (LVI, 27/5/69). [Aclaração nossa].

Consideradas injustas contra o seu convidado, os estudantes da AES fizeram circular um panfleto em rígida defesa de seu nome. O contraponto não finalizaria até uns meses depois com suspensões para os estudantes que aceitaram a responsabilidade

pelo panfleto, e sanções para as lideranças que promoveram os protestos contra essas suspensões. (*Jerónimo*, N°15, 15/9/69: 19; Res. Rec. 767/69, AUCC, Legajos, Molinas).

Este não seria senão uns dos conflitos dos estudantes da AES no interior da UCC. O incremento da tensão entre a AES e as autoridades foi retratado com fidelidade pela revista *Jerónimo*. Artigos destacáveis que figuram essa tensão se advertem no exemplar de agosto de 1969, onde na contracapa se reproduz, a página integral, uma entrevista ao reitor da UCC dando conta do papel da Universidade particular na sociedade e o impacto sobre a participação estudantil, no interior da instituição e após os acontecimentos de maio:

[En la UCC] *se realizaron jornadas de protesta y reflexión, por medio de las cuales se ha obtenido una mayor conciencia en mayor número de estudiantes, acerca de su responsabilidad como universitarios y su deseo de más y más en lo social, en el sentido que su profesión los obliga a asumir una responsabilidad de transformación de la sociedad, que permita crear condiciones mejores para todos los argentinos.* (*Jerónimo*, N°14, 18/8/69: 50) [Aclaração nossa].

Suas palavras não tinham relação alguma, porém, com as ações promovidas pelas autoridades da UCC. No mesmo exemplar, outra nota jornalística resgata que o reitor proibia a circulação do periódico da AES, *Hombre Nuevo*, por confrontar as propostas das autoridades, desde suas páginas, no relativo à função da UCC como “*fábrica de elites dirigentes*” (*Jerónimo*, N°14, 18/8/69: 19).

Finalmente, e para destacar a intensidade da politização dos estudantes da AES e o incremento do conflito com as autoridades, fazemos menção a uma data de homenagem dos estudantes universitários de Córdoba ao estudante Santiago Pampillón. Naquela ocasião, na madrugada de 17 de setembro de 1969 foi exposto um cartaz de grandes dimensões em um dos prédios da UCC com a legenda: ‘*Universidad Expropiada a la Oligarquía*’ (*Jerónimo*, N°16, 4/10/69: 21).

Até aqui advertimos como é, também dos papeis atribuídos pelos setores conservadores *cordobeses* para a instituição, os estudantes da UCC se envolveram no meio. A distinção entre universidades pública e particular seria menos marcante que a desejada no desígnio proclamado: “*la ideología roja ya ha penetrado en las universidades estatales argentinas*” (LP, 21/7/66, citado em: Tcach, 2012: 219). Esta indistinguibilidade foi corroborada pelo próprio reitor da UCC, quem fora reprovado em público pelos seus próprios estudantes quando propôs, em maio de 1969, desistir “*la*

acción colectiva para privilegiar la ‘liberación interior’ de cada persona” (Tcach, 2012: 233). Muitas das ações que concretizaram os integrantes da AES tinham a pretensão de acompanhar as profundas modificações na participação política dos estudantes da UNC, uma vez que as influências no entorno mais próximo, as transformações no seio da Igreja católica e o clima de ideias do período conseguiram alcançar o patamar dos estudantes *cordobeses*. Aquilo que chama a nossa atenção é que, segundo a revista *Jerónimo* (Nº9, 30/4/69), além do seu tamanho, uns quarenta estudantes, contavam com um nível bom de organização e eram acompanhados pelo conjunto dos estudantes da UCC. Nesse sentido, destacamos os três mil estudantes que, em assembleia convocada pela FAEUCC em 20 de maio de 1969, decretaram uma inédita greve de atividades por 48 horas, com o objetivo de repudiar as mortes dos estudantes assassinados em Corrientes e em Rosario (Errasti, 2007).

No apartado seguinte, iremos deter-nos naquele período de maior incidência deste grupo de estudantes e para o percurso de suas futuras trajetórias, a partir de duas abordagens ao *Archivo de la UCC* (AUCC) e encontros informais com antigos integrantes da AES.

3.2.3- 1968. O ‘año cero’.

Durante 2013 e após a ocorrência de encontros informais com antigos alunos da UCC, integrantes da AES, elaborou-se um listado parcial de cinquenta e dois estudantes, que integraram a AES com anterioridade ao *Cordobazo*. Esta lista foi melhorada com a base informática de alunos da UCC na qual o listado conseguiu ser completado, com detalhes das Faculdades às quais pertenciam e seus números de matrícula¹²⁶. Neste momento da pesquisa advertimos um dado destacável por sua

¹²⁶ Esta nova informação foi de relevância para três ações simultâneas desenvolvidas em 2013: fazer a solicitação às autoridades da UCC da instalação de uma *marca de memoria*; fazer solicitação a fim de acessar os arquivos dos alunos; e impulsar uma reedição do texto originário da AES, aquele por médio do qual revelaram-se ao público como agrupação política.

Para a solicitude de alguma ação que recordasse e contribuísse a outras leituras da história passada e presente na UCC, contatamos várias pessoas que tinham diferentes graus de aproximação com a AES e os convidamos a fazer uma adesão à proposta de impulsar uma solicitude. Desde então, 29 de outubro de 2013, como parte das atividades oficiais da UCC pelo aniversário do novo começo da democracia na Argentina foi produzida uma *marca de memoria*. No prédio central da UCC, localizado na rua Obispo Trejo 323, foi inserida no patrimônio da UCC uma ‘placa’ em homenagem aos integrantes de AES. O texto declama:

La Universidad Católica de Córdoba, con motivo del 30º Aniversario de la reinstauración de la democracia en nuestro país, en reconocimiento a los miembros de la comunidad universitaria e

relevância: de nove de seus integrantes fundadores, seis deles se incluem como *desaparecidos* ou assassinados pelo Terrorismo de Estado na Argentina: *Humberto Annone; Miguel Ángel Bustos; Jorge Mendé; Alberto Molinas; María Leonor Pappaterra; y Mariano Pujadas Badell.*

A ideia do *año cero* remete a uma origem. Algo que se inicia a partir de uma data ou uma ocorrência especial. De alguma maneira, aqueles como nós que trabalhamos a fim de abordar os fenômenos sociais, procuramos essas referências para ligar com maior capacidade descritiva ou explicativa, aquilo que nos propusemos estudar. Sem deixar de lado que são construções teóricas, que não dão conta da realidade, completamente, nem de suas causas; porém sinalizam uma abordagem do acontecido.

No que se refere ao ano de 1968, ciclo chave para esta análise, encontra-se disponível um detalhado trabalho de pesquisa sobre as ações de protesto dos estudantes universitários de Córdoba, entre 1966 e 1976, e suas modalidades de ação segundo o advertido nos meios de comunicação da época (Brignone, 2007). De acordo às menções na imprensa gráfica, em Córdoba, o '68 *estudiantil* é de baixa presença (três menções no jornal *Los Principios* e doze no jornal *La Voz del Interior*); frente ao ano 1966 (dezenove no LP e quarenta e um no LVI); e no ano 1969, o ponto mais elevado de todo o período (trinta e oito no LP e cinquenta e quatro no LVI) (Brignone, 2007).

Também, a AES, um grupo particular, como cada grupo, tem sua própria temporalidade (Halbwachs, 2004). Por isso, tomamos ao nosso cargo marcar 1968 como o *año cero* para AES. Sem desconhecer que a agrupação foi criada um ano antes, '68 pode considerar-se nevrálgico para esse grupo de estudantes. Resulta, por tanto, parte da eleição consciente devido à relevância dos fatos que atravessaram à AES durante aquele ano, a incidência que tiveram essas ações na constituição de sua identidade política e as marcas que deixaria para seu futuro. Por seu percurso anterior e por sua continuidade, com aportes e influências de outros sujeitos, e com projeções e relações com seu

integrantes de la Agrupación de Estudios Sociales, quienes por haber aunado reflexión política y ciencia universitaria para hacerse cargo de su realidad fueron perseguidos y resultaron víctimas del terrorismo de Estado en la Argentina.

Outra *ação de memória* foi a publicação de uma reedição do texto inaugural da AES. Em 26 de agosto de 2013 foi editado: "*Tucumán. Informe de la Agrupación de Estudios Sociales de Córdoba (1968)*", (Córdoba, EDUCC, 2013, pp16). Esta publicação, com origem em uma viagem de estudos de um grupo de estudantes da AES é a qual chama a nossa atenção ao ano 1968.

entorno. Durante aquele 1968, a visibilidade que alcançaram na disputa com as autoridades e sua ativa presença dentro e fora das salas de aula impulsaram-lhes a conquistar, no final do ano, as agrupações estudantis em cada Faculdade e a alcançar a hegemonia da FAEUCC, ganhando, assim, a presidência da Federação. Daí as atividades de impacto conseguidas em 1969, antes, durante e depois do *Cordobazo*, seriam parte dos resultados do grande momento de politização que se viveu durante aqueles intensos meses de 1968.

A memória deste grupo é uma entre outras, apoiada em um tempo e espaço limitado. Porém, os traços e contornos de sua memória coletiva nos aproximam a uma imagem do passado. Neste sentido nos referimos a uma das atividades mais significativas desenvolvidas pela AES, tanto para seus integrantes como para aqueles que observavam a politização desses jovens: a concretização de uma viagem de estudos para conhecer os efeitos das políticas de ajuste da ditadura na população da *Provincia de Tucumán*.

Em julho de 1968, um grupo de trinta e um estudantes decidiu uma viagem a um dos distritos mais afetados pelas medidas econômicas da ditadura. O fechamento de engenhos açucareiros havia provocado uma situação angustiante, de alta desocupação, com efeitos sanitários e alimentícios em sua população. Visitaram sindicatos, engenhos, agrupações estudantis e setores vinculados à Igreja católica. No seu retorno, elaboraram um documento que foi comunicado numa roda de imprensa, em 2 de agosto de 1968 no espaço da UCC. Para o desenvolvimento com sucesso da tarefa haviam apelado a “*los principios fundamentales del AES: la lucha por una nueva sociedad en donde el hombre pueda realizarse plenamente*”, segundo as palavras do estudante Alberto Molinas (LVI, 4/8/68). Esta análise crítica foi publicada na íntegra uns meses depois (*Tucumán. Informe de la Agrupación de Estudios Sociales*, CyR, N°10, octubre de 1968), e foi o ponto de partida para estabelecer canais de diálogo com o diretor da revista *Cristianismo y Revolución*, Juan García Elorrio, e com o semanário da CGTA, na direção do jornalista Rodolfo Walsh.

A viagem dos estudantes da AES, diferente dos pioneiros acampamentos de trabalho do frade Llorens em Mendoza (Alvarez, 2009), não tinha como objetivo principal a chegada a uma locação e o desenvolvimento de jornadas de trabalho ao lado

dos locais. O objetivo da viagem foi a aproximação à realidade por meio de reuniões com lideranças locais para conhecer a grave situação na qual se encontrava a população.

O *Informe* apresenta a AES como “*un grupo de universitarios de la Universidad Católica de Córdoba que proviene de distintas Facultades y Escuelas*”. Logo se destaca o motivo da viagem: “*el estudio profundo de la realidad tucumana*”, em contato com os trabalhadores; para logo detalhar os sujeitos com os quais tomaram contato, os espaços que visitaram para conhecer de primeira fonte a situação. Este escrito é enriquecido pelos dados estatísticos e análises sociais a partir das condições de moradia, educação, estrutura social e migrações, entre outros elementos. Entre as palavras finais destacamos aqueles fragmentos que representam, de maneira mais aproximada, suas ideias e ações:

El auténtico pueblo tucumano vive un submundo de explotación y miseria en el cual no existe la mínima posibilidad de elevación humana (...) la causa de esta situación es el sistema capitalista, que antepone el dinero al hombre, y que hoy, en nuestro país, es representado por el actual gobierno, las oligarquías y los personeros del imperialismo yanqui (...) frente a esta situación, nosotros, universitarios, asumimos el compromiso que significa incorporarnos a la lucha que libraré el pueblo. Esta será sin duda violenta, como reacción a la violencia opresora del sistema que hoy soportamos (Tucumán. Informe de la Agrupación de Estudios Sociales, CyR, N°10, octubre de 1968).

Seguindo as *huellas*, manteremos aquela série de perguntas iniciais, sobre como é que foi possível que a AES se inserisse, como igual, entre outras agrupações estudantis do meio, na linha de confronto com a ditadura do Gral. Onganía. Consideramos que a análise necessária exige ganhar distância da leitura linear da informação obtida através da imprensa gráfica na procura de escritos que podamos elevar ao nível de documentos (Ricoeur, 2013).

Propomos, a seguir, aproximar-nos a um segundo plano da memória¹²⁷ da AES a partir do arquivo do estudante Alberto José Molinas. O acesso ao arquivo nos permitiu

¹²⁷ “*En el primer plano de la memoria de un grupo se descomponen los recuerdos de los acontecimientos y experiencias que se refieren a la mayoría de sus miembros, y que resultan de la propia vida o de las relaciones con los grupos más cercanos, que más a menudo están en contacto con él. Por lo que respecta a aquellos (recuerdos de los acontecimientos y experiencias) que se refieren a un número muy reducido y en ocasiones a uno solo de sus miembros, aunque estén incluidos en su memoria (...) pasan a un segundo plano*” (Halbwachs, 2004: 45).

indagar sobre “*datos esquivos y a la vez tan importantes para reconstruir la historia*” (Romano, 2013: 198)¹²⁸.

Se bem é um pequeno fragmento da história, entendemos que, pelo grau de envolvimento de Alberto nesse grupo de estudantes, podemos advertir a tensão existente entre as imagens de alunos ideais ansiadas pelas autoridades, observadas nos arquivos, e o desempenho real dos estudantes. Ali, como parte do arquivo de Alberto Molinas, existe uma série de fólios que formam parte de um corpo documental de um apartado disciplinário sob o assunto: “*Situación con motivo de los sucesos del día 28 de junio de 1968*”.

Alberto nasceu na cidade de Santa Fe, em 1945; iniciou sua carreira de Medicina na UCC em 1963 e, em 1967, foi um dos fundadores da AES. Em março de 1969 finalizou seus estudos e se graduou com o título de médico. Alberto continuou suas atividades políticas, mesmo longe do espaço da UCC. Devido a este último ponto, as ações que desenvolveu logo não estavam ligadas à instituição. Possivelmente, este é um dos fatores para o grau de conservação de seu arquivo, seu apartado com o processo iniciado para ser sancionado. Outros arquivos de estudantes que desenvolveram uma intensa atividade política durante os anos seguintes não foram tão bem conservados.¹²⁹

Com motivo do aniversário de dois anos do Golpe de Estado de 1966, nas datas prévias a 28 de junho de 1968, os estudantes reunidos na *Frente Estudiantil en Lucha* (FEL) coordenaram ações a fim de se deslocarem até o comício programado frente à sede *cordobesa* da CGT. Registrou-se na imprensa gráfica não só a descrição da

¹²⁸ Devido ao trabalho de conservação e à disponibilidade daqueles que se desempenham nesses espaços é possível dar com material que foi desestimado em outras pesquisas, advertir novos olhares sobre os papéis que ali se depositam, acessar outra leitura de como é que se pensava e qual era o clima onde os estudantes levavam adiante suas ações. Em 2015 acessamos os avanços de pesquisa desenvolvida no marco do projeto *Patrimonio audiovisual, derechos humanos e historia reciente* no arquivo da UCC e o material disponibilizado no Centro de *Conservación y Documentación Audiovisual* (CDA) da *Universidad Nacional de Córdoba* da UNC. Ali, detivemo-nos na consulta e no relevamento fotográfico de arquivos de estudantes e graduados. O acesso à nômima documentada de *desaparecidos* e assassinados, em especial de estudantes da UCC, e ainda mais especificamente ao arquivo do estudante Alberto José Molinas levou-nos a considera, sob uma nova perspectiva, que aquela documentação depositada no arquivo poderia ter uma grande potencialidade para outra abordagem da AES.

¹²⁹ Como exemplo, no arquivo da estudante Maria Leonor Pappaterra não há prova documental, mas sim a *Resolución Rectoral* que ordena a sanção por assumir a responsabilidade por um panfleto da AES. Foi naquela ocasião da defesa da líder Agustín Tosco, por sua participação na atividade da FAEUCC nas datas prévias ao *Cordobazo*. Estas dessemelhanças de acervo e conservação podem se dever à politização dos espaços, tanto para as leituras da necessidade de um trabalho político com um grau de maior sigilo dentro da instituição pelos próprios estudantes, como para uma gradual intervenção das autoridades sobre o arquivo ao momento da intensa atividade política dos seus alunos.

convocatória, como também o detalhe das adesões, a advertência da *Policía de la Provincia*, sobre a negativa da autorização para a concreção do comício e a intensão de utilizar a força para dissolver as reuniões de pessoas nas ruas naquele dia. Além do mais, registrou-se uma comunicação das autoridades da UCC que desconheciam uma agrupação de estudantes que utilizava seu nome.

Devido a que o processo disciplinar contra o estudante Alberto Molinas se instrumenta com motivo de uma série de proclamas que circularam no interior da UCC e entre os espaços universitários de Córdoba, realizaremos uma descrição das tensões no interior da instituição. Recolhemos o material dos panfletos e a descrição dos fatos a partir da documentação encontrada no arquivo do aluno de Medicina da UCC e integrante da AES. O detalhe sobre o conteúdo dos panfletos tem a finalidade de contextualizar as ações que se seguiram e ensaiar uma interpretação do acontecido.

Dois panfletos, um panfleto, o panfleto. Nas datas prévias àquele 28 de junho de 1968, circularam dois panfletos assinados por ‘A.E.S. Agrupación de Estudios Sociales U.C.C.’. Ambos, mimeografados, propunham-se em seu conteúdo “*reflexionar sobre la fecha que se avecinaba*”.

O primeiro deles, que marcaremos como (I), tinha como destinatário o “*Compañero Estudiante de la UCC*” e mencionava que eram:

Solamente un grupo de gente que comienza a ver clara una situación que se hace cada vez más insoportable (..) Porque con nuestra actitud somos cómplices de quienes mantienen a los pueblos en una situación de miseria (AUCC, Legajos, Molinas)

Concluía com o convite: “*¿A dónde queremos llegar? ¿Qué significa para nosotros el día 28 de junio? Mañana seguimos conversando con vos.*” (AUCC, Legajos, Molinas).

No segundo panfleto, que identificamos como (II), começa o diálogo com seu destinatário: “*Continuamos Compañero*”, a fim de responder ao panfleto anterior. Mencionam-se discursos e dados para ilustrar sobre a “*situación del país*”. Em um primeiro momento faz contraste com um discurso do Gral. Onganía, ao povo da *Provincia de La Rioja* em 1967; com dados de um jornal sobre as condições da população *riojana*, afogada numa epidemia de gripe, causada pelas condições de desnutrição, sem possibilidade alguma de recursos materiais para obter alimentos.

Apela, além do mais aquele panfleto, à estatísticas nacionais sobre a população escolar, à mortalidade infantil, à desocupação e à participação dos graduados com origem de famílias operárias na universidade. Revistam a situação em Tucumán, que qualificam de “*desesperante*” por causa da fome, da miséria e da desocupação no norte do país, a partir de uma *Declaración de Sacerdotes y Obispos de Reconquista*; e dos “*Argentinos del Sur*”, no referente à distribuição das terras mais produtivas nas mãos de empreiteiras estrangeiras. Finaliza, novamente, com uma pergunta: “*¿qué hace el gobierno frente a esto? Hasta mañana.*” (AUCC, Legajos, Molinas).

De igual modo, nos dias prévios, circulou um panfleto elaborado pela *Frente Estudiantil en Lucha*, nomeada neste escrito com (A), que convocava à greve no 28 de junho de 1968. Este provocou a elaboração de uma declaração à imprensa, no dia 27, por parte das autoridades da UCC e a convocatória a estudantes para ser informados das disposições sobre não fazer declarações invocando o nome da Universidade, nem fazendo chamamentos à greve do dia seguinte. Porém, durante a tarde de 27 de junho, circulou um novo panfleto da AES, nomeado por nós como (III) com as idênticas características dos primeiros (I y II), em papel mimeografado. Esta vez apela ao “*Compañero*”, e proclama que o Governo militar:

Desconoce los derechos elementales y los reclamos de justicia del pueblo, entregando nuestro patrimonio a empresas extranjeras que sólo defienden sus intereses explotando a los trabajadores argentinos (..) Por eso nos solidarizamos con todos aquellos que hoy levantan su voz de protesta, especialmente los que sufren las consecuencias en forma más directa: los trabajadores, que nucleados en la CGT de los Argentinos han sabido denunciar los falsos dirigentes comprometidos con el sistema que los oprime (..) Es necesario que el gobierno sepa que ‘si el que calla, otorga’, los estudiantes no estamos dispuestos a callar (AUCC, Legajos, Molinas).

A seguir, convidava ao interlocutor “*compañero*” ao agrupamento que se realizaria nas portas da UCC com a finalidade de se deslocar, depois, até o comício organizado pelo FEL em frente à CGT. Mantinha a mesma assinatura que os panfletos anteriores: “*A.E.S. Agrupación de Estudios Sociales UCC*” (AUCC, Legajos, Molinas).

Este último panfleto foi entregue na mão de uma autoridade da UCC pelo estudante Alberto, no seu requerimento. Imediatamente, a autoridade elevou dito material às instancias administrativas e iniciou-se um processo de punição para o estudante. Como resultado, prévio ao dictamen da *Comisión de Disciplina*, produziu-se

uma *Resolución Rectoral* (R. R. Nro. 336, 17 de julio de 1968, AUCC, Legajos, Molinas) com uma punição de suspensão de dez dias para o estudante Alberto.

Independente deste conjunto de procedimentos formais que não tinham outra finalidade que punir o estudante e dissuadir de condutas semelhantes no futuro, Alberto teve a oportunidade de elevar uma declaração ao *Consejo Académico* da UCC que era o responsável pela punição, em modalidade de justificativa (15 de julio de 1968, AUCC, Legajos, Molinas). Esse escrito resulta valioso demais devido a que seu conteúdo nos permite acessar de primeira mão as posições da AES sobre a disputa por a utilização do nome da instituição.

Creo que lo que el estatuto prohíbe es, utilizar el nombre de la Universidad Católica para representar la opinión de ella como entidad, pero no prohíbe que siendo una Agrupación de Estudios Sociales, formada por alumnos de esta Universidad, firme como tal, ya que se expresa solamente como la opinión de los individuos agrupados bajo esa sigla que los identifica (..) no he visto que se desmienta a la agrupación 'Boga', ni a Teatro Ensayo, grupos que tampoco están reconocidos oficialmente y sin embargo utilizan el nombre de la Universidad públicamente, representando también una postura determinada. (AUCC, Archivos, Molinas)

Em adição, configura-se uma reconstrução histórica das tensões pelo exercício de suas posições gremiais, ou acadêmicas, e políticas dentro da UCC e sua exteriorização.

En 1965 presentamos con un grupo de compañeros un sistema de reforma de asistencia a clases y prácticos para los alumnos que efectuaban su servicio militar.

En 1966 presentamos con datos, cifras y soluciones (incluso el proyecto de Ingeniería con cálculo de material- efectuado por un grupo de practicantes-) un plan de reforma a las instalaciones de la cátedra de Anatomía Patológica de la Facultad de Medicina.

En 1967 con la Federación de Estudiantes realizamos un análisis sobre nuestra Universidad del cual surgieron propuestas con soluciones concretas.

En esos años se realizaron también innumerables actividades artísticas y culturales planificadas por las agrupaciones estudiantiles.

Sobre los proyectos citados no hubo respuestas. No recuerdo, sin embargo más que dos "sorpresas" para el H. Consejo Académico, con respecto a estas actividades estudiantiles: la seria advertencia frente a la publicación que hiciera en los diarios la Federación de Estudiantes en 1966 y la sanción que hoy se aplica al representante de una agrupación estudiantil (..) fueron en estas dos ocasiones que las autoridades se expidieron públicamente sobre las actividades estudiantiles negando en periódicos de esta ciudad que dichas agrupaciones representaran la opinión de la Universidad. (AUCC, Legajos, Molinas).

Finalmente, declama:

Sabemos que en el momento actual, nuestra Universidad no puede permanecer ajena a los problemas que afectan la sociedad en la que vive (..) no puede seguir fabricando profesionales que sostengan los principios liberales, capitalistas, causantes de la miseria y la destrucción de millones de hombres en el mundo (..) Por eso luchamos decididos a cambiarla y esperando que las autoridades y profesores comprendan nuestros esfuerzos, apoyándonos en esa lucha. (AUCC, Legajos, Molinas)

O panfleto. Aqui consideramos oportuno deter-nos sobre outro panfleto em circulação. Aquele elaborado pela *Frente Estudiantil en Lucha* (FEL), antes citado como (A), que chamava à greve e ao comício da Data de Protesto Nacional, em 28 de junho às 19 horas, em frente ao prédio da CGT. Este, diferente daqueles assinados pela AES (I, II y III), foi elaborado com um trabalho de imprensa para distribuição massiva. Iniciava-se com a proclama: “*Contra la dictadura oligárquica y entreguista, y su política limitacionista en la Universidad. Por la Unidad Obrero- Estudiantil*”. A mencionada Frente estava conformada por agrupações e *Centros de estudiantes* de Córdoba, como consta nas assinaturas. Nelas não só reclama autoria para o próprio FEL como também detalha aqueles que o integravam: “*INTEGRALISMO, CEYL, ARENA, AUL, MIM (FUC), CED (FUC), CEO, LAF, LAP, AUCE, CRSP, AES (UNIVERSIDAD CATOLICA)*”¹³⁰.

Este último panfleto, possivelmente, é aquele que alerta as autoridades da UCC e em 27 de junho de 1968 se produz um escrito oficial da instituição onde manifesta haver:

Tomado conocimiento este Rectorado que una ‘Agrupación de Estudios Sociales’ formada por alumnos de esta Universidad se habría adherido a actos programados por diversos sindicatos obreros y grupos de estudiantes de otras Universidades mediante- entre otras cosas- la publicación de afiches y volantes en los que se invoca el nombre de la Universidad. (AUCC, Legajos, Molinas)

¹³⁰ *Integralismo; Centro Estudio y Lucha; Acción Reformista Nacional; Agrupación Universitaria Liberación; Comando de Resistencia Santiago Pampillón; Ateneo Universitario de Cs. Económicas; Agrupación de Estudios Sociales de la UCC; Centro de Estudiantes de Derecho; Línea de Acción Popular; Centro de Estudiantes de Odontología; Movimiento Independiente de Medicina; Liga Antiimperialista de Filosofía (LP, 28/6/68).* [A menção na imprensa difere da ordem em que se apresentam no panfleto original. A grafia em letras maiúsculas, no corpo do texto, segue o modelo do panfleto original].

De acordo com isso, as autoridades resolveram desconhecer a Agrupação, segundo os estatutos da instituição, porém, paradoxalmente, convocaram os estudantes identificados com a AES a uma reunião para horas da tarde, no mesmo dia 27. Naquela reunião, às 16 horas, fez-se a leitura dos regulamentos e se noticiou aos alunos sobre a disposição de não permitir a “*realización de ningún tipo de acto ni exteriorización con motivo de la huelga o paro general organizado por ciertas agrupaciones, en ninguna de las dependencias o locales de la Universidad*” (AUCC, Legajos, Molinas). Este documento é de relevância, visto que ao lado das assinaturas das autoridades presente se podem advertir as assinaturas dos quatro estudantes convocados à reunião. Naquele momento, representando os seus companheiros, integrantes da AES tomaram a seu cargo a recepção da advertência¹³¹. Suas assinaturas, no final do escrito formal da UCC, ficam junto a suas esclarecimentos manuscritos (destacadas aqui entre hifens e em *itálico*): Miguel Ángel Bustos - *Bustos, Miguel (Diplom.)* -; María Leonor Pappaterra - *Fil. 3°* -; Jorge Raúl Mendé - *Mendé* -; e Alberto José Molinas - *Med. 6°* - (AUCC, Legajos, Molinas).

As autoridades da UCC se sentiam desconfortáveis com a menção do nome da instituição ao lado da sigla AES em atividades que assumiam uma posição política explícita contra a ditadura. A FAEUCC já havia tido uma negação por parte das autoridades em ocasião de manifestar sua posição frente às ocorrências violentas contra os estudantes *cordobeses* em agosto de 1966 (LVI 25/8/66, 26/8/66), que relata Alberto em seu escrito às autoridades, antes citado. A novidade resulta, nesta ocasião, em que a UCC produz uma comunicação ao público negando a AES, expressada a partir da ‘*Aclaración de la Universidad Católica*’, onde:

La entidad, que se denomina “Agrupación de Estudios Sociales”, de dicha universidad, y cuya firma se registra al pie de volantes repartidos dentro y fuera de la alta casa de estudios, no es una academia o sociedad estudiantil reconocida o autorizada por la Universidad Católica, según sus estatutos. (LP, 28 de junio de 1968; AUCC, Legajos, Molinas)

O panfleto elaborado com o FEL havia confirmado a evidência de um conflito que transcendia os muros da Universidade. Porém, a atitude de militância dentro da UCC não era simples de conter. As mensagens dos panfletos da AES exigiam uma

¹³¹ Com posterioridade, como parte de suas trajetórias políticas foram vítimas do *Terrorismo de Estado* na Argentina.

reflexão das suas atitudes como alunos ao mesmo tempo em que advertiam às autoridades a se manter alertas sobre suas próprias palavras. Isso se faz evidente no escrito de Alberto: “*Porque nos llena de vergüenza nuestra contaminación, nuestra falta de compromiso, oculta bajo la frase: ‘Hoy estudio para servir mañana’.*” (AUCC, Legajos, Molinas).

Como foi revelado até aqui, este 1968 resultou de uma grande atividade para a AES. Haviam obtido uma maior clareza no referente à sua identidade política e haviam se consolidado como grupo desde suas ideias e ações.

A viagem à Tucumán, não só significou uma experiência formativa para os estudantes que realizaram o trabalho, mas ocasionou, além do mais, repercussões ao exterior da UCC. A roda de imprensa a fim de dar conhecimento dos resultados da viagem, a produção do Informe, alcançou uma destacada visibilidade. Isto foi reforçado por sua apresentação à sociedade nas páginas da revista *Cristianismo y Revolución*. Dessa maneira, puderam trasvasar no artigo não só as tarefas que vinham desenvolvendo nas paróquias de Córdoba, ao lado dos frades terceiro-mundistas, senão além do mais, pôr no papel alguns elementos de análise que vinham debatendo como grupo de estudos desde 1967.

No referente ao arquivo do estudante Alberto Molinas, o mesmo transcende a atuação de uma punição para pôr em evidência as disputas com as autoridades no interior da UCC. Adverte-se aqui uma ambigüidade: o desconhecimento da AES, a negação de sua existência; mais a identificação certa de seus integrantes para realizar a convocatória e advertir futuras punições. Esta tensão demonstra um conflito em desenvolvimento. A participação dos estudantes concretizando ações opostas aos desígnios das autoridades os recoloca no contexto preciso do movimento estudantil *cordobés*.

Se durante aquele 1968 a viagem de estudos comunicou sobre o envolvimento dos estudantes da AES com o exterior; os documentos do arquivo de Alberto Molinas afirmam que essa ligação era produto, além do mais, das relações com suas autoridades e sua própria temporalidade.

Só ficaria para finais daquele ano as eleições estudantis na UCC e a obtenção da representação nas Faculdades. A alta visibilidade da AES permitiu obter essa posição privilegiada, outorgando as condições para que a maioria dos estudantes da UCC

acompanhasse a FAEUCC nas ações do ‘maio *cordobés*’. Abrir-se-iam novos caminhos desde então. Muitas das discussões que vinham acontecendo no interior da AES deram com posições onde se entrecruzavam anseios coletivos e individuais.

Particularmente, os integrantes da AES se nutriram dos debates no interior da Igreja católica, das disputas reais dos sacerdotes terceiro-mundistas com suas resistências à hierarquia eclesiástica. Veicularam, além do mais, suas ideias na imprensa e se distinguiram pelas suas propostas, revertendo uma visão que as autoridades desejavam deles, assombrando, ainda, os seus iguais da UNC. Finalmente, o contato com os trabalhadores, no sentido do conjunto do movimento estudantil, não foi um artifício e se pensaram irmanados na luta contra aqueles que provocavam os males da época.

Enquanto nos propusemos desenvolver este apartado apresentamos como objeto acessar as condições nas quais se constituíram os estudantes da AES. Uma versão de si próprios, a procura de suas ‘*huellas*’ através de fragmentos na imprensa gráfica e estudos de corte acadêmico permitiram-nos destacar as incidências sobre o conjunto dos estudantes da UCC. O processo de politização, com o auge nos dias prévios ao *Cordobazo* e o incremental de conflito com as autoridades sinalizaram uma consolidação identitária que podia se enraizar na conformação hegemônica de 1968. As exteriorizações de suas posições, a partir do Informe, e as visibilidades de um conflito de longa duração dentro da UCC nos detiveram sobre o período de maior incidência para este grupo de estudantes. Durante o *año cero* não só utilizaram as salas de aula para se manifestar contra o sistema capitalista, o governo, a oligarquia e o imperialismo; mais além, serviram-se de panfletos para reunir vontades contra a ditadura e sua política restritiva na UNC e em favor da unidade com os trabalhadores. Estes proclamas desnudavam a minoridade atribuída pelas autoridades que não só silenciavam os projetos dos estudantes como também puniam seus desafios.

Para referir-nos à originalidade da AES elegemos fazer destaque destas imagens do *año cero*. Uns poucos estudantes, de uma universidade particular e confessional, com uma diferente formação política no referente aos seus pares da UNC, que não tinham relação alguma com o *reformismo* nem com as correntes tradicionais da esquerda, nem tinham uma extensa tradição de luta, reuniram-se ao redor de ideais e

ações comuns. Neste estreito contato com a realidade amalgamaram atrás de si os estudantes da UCC, sobre essa bisagra da política argentina.

3.3- Origem e mudança em duas organizações de estudantes

3.3.1- Integralismo

Para dar conta do Integralismo, recorreremos aos relatos de dois dirigentes estudantis¹³². A eleição desta agrupação, para ilustrar as influências sobre os estudantes e as atualizações ideológicas, funda-se na representação massiva que alcançou o Integralismo entre os estudantes, de 1961 a 1969. Uma característica ineludível desta agrupação era a decisão de não participar dos Centros de estudantes, dentro de cada Faculdade, porém sim poder apresentar-se a eleições para Conselheiros, dentro do governo da Faculdade, e para Consiliários, dentro do governo da Universidade. Esta forma de organização, à margem da FUC, também os deixava fora da órbita da FUA, razão pela qual um grande número de estudantes cordobeses não se encontravam sob representação nas organizações que nucleavam os estudantes universitários desde a Reforma. Sobre a origem do Integralismo,

[en Córdoba, 1957] *nos juntamos un grupo de gente (..) [por entonces] los dirigentes estudiantiles era parte del gobierno, parte de los profesores, y eso no me gustaba y nosotros concebimos una idea de tipo generacional, por lo menos en el grupo que yo militaba, que hacía falta un análisis de tipo generacional y un cambio profundo (..) Éramos muy críticos del sistema educativo argentino y desde primaria, secundaria, universitaria, la habíamos sufrido, del autoritarismo que lógicamente existía en la universidad también, el autoritarismo político y demás. Contra eso empezamos a reaccionar y la opción era muy poca (..) era el grupo católico que estaba en la iglesia con un cura y todo (..) y después algún grupo de tinte radical, algún grupo de tipo comunista, que respondían estrictamente a lo que era el Partido. Y todos eran políticamente correctos. Nosotros comenzamos militando haciendo cosas que eran políticamente incorrectas, por ejemplo, sosteniendo cosas.. como que no hacía falta el examen de ingreso, lo que hacía falta eran buenos profesores y más exigencia, el problema no era la eliminación antes, porque eliminaban al tipo que no tenía gaita, que éramos nosotros (..) Una cosa muy rara se dio y logramos formar un movimiento, un grupo de estudiantes que se denominó 'Integralismo'. (..) es la idea "por la verdad denunciada, la justicia practicada y*

¹³² Mediante a concreção de um diálogo, um narrador relata sobre um acontecimento do passado. É a partir da própria narração onde o sujeito elabora uma identidade, referenciada em um tempo histórico. Por isso, a narração do ocorrido, o modo em que se narra, formam parte de outra versão do acontecimento, inseparável de quem o narra.

el amor vivido” (..), nos definíamos como una orientación social y cristiana. (..) comenzamos a hacer con ideas estrictas, por ejemplo, los estudiantes no podíamos trabajar en la universidad, no podíamos tener puesto universitario, teníamos que rendir un concurso (..) no podíamos aceptar dádivas, no podíamos confraternizar en reuniones privadas con profesores que nos ofrecían determinadas cosas, no entrar en la confusión que se insinuaba. Una conformación, un grupo que fue cada vez más grande (..) nos presentamos a elecciones ganamos todas las Facultades, prácticamente, en la Universidad Nacional de Córdoba. (..) 58, 59, 60, 61, 62, casi toda la Universidad ganamos nosotros, con ese concepto (..) el contenido de tipo ético, durísimo, imperdonable, por ejemplo nos enteramos que un Consejero estudiantil había ido a hablar con el rector sin la presencia de otro nuestro ¡fuera!; que otro tipo había aceptado una beca para ser dirigente estudiantil sin consultar con la dirigencia, ¡fuera!, (..) en ese momento creíamos que el problema era ético y moral, una ética de tipo social. (R. V.; 31/05/12)¹³³ [Aclarações nossas].

Esta agrupação também enfoca a necessidade de refundar o espaço de atuação dos estudantes. O diagnóstico crítico sobre seu funcionamento, os estreitos laços dos estudantes com outras esferas da vida social também recordavam o ‘autoritarismo’ que permeava as instituições. A solução seria então, desde uma ruptura, a definição de uma fronteira. Ali ficariam as ações incorretas e, desde uma definição do dever, incluíram-se como partícipes de novos comportamentos. O narrador define o Integralismo como ‘um grupo de estudantes’ com ‘uma orientação social e cristã’.

Esta perspectiva, desde um dos integrantes do grupo original, ver-se-ia enriquecida um lustro depois por novos dirigentes.

[En Córdoba], a los dos o tres meses, ya estaba en una reunión, me designaron Secretario de prensa en el Integralismo, faltaban dos meses para las elecciones, (..) El Integralismo, ya estamos en el año ‘62, había crecido como agrupación estudiantil y era alternativa a los Centros de estudiantes, afuera de los Centros de estudiantes. Provenía de un grupo de formación cristiana más bien mariteneana [Jaques Maritain], con los primeros oleajes de la renovación del pensamiento cristiano. Nosotros nos definíamos cristianos no confesional, no clerical, no vinculado a la Iglesia. Vinculado a la Iglesia estaba la Juventud Demócrata Cristiana, algunos entraban en el Integralismo, pero nosotros éramos mucho más grandes. En esa elección que yo participo yo hago la campaña, me designan Secretario de prensa, ganamos 3 a 1 con sistema d’Hont [distribución proporcional de cargos para representación] nosotros 3 Consejeros y el Centro de estudiantes, con todas las agrupaciones de izquierda, radical, 1. Ese fue el resultado [en] la universidad, también. De 4 Consiliarios

¹³³ Rafael Vaggione. Residiu em Rio Cuarto até sua radicação definitiva em Córdoba. Fundador do Integralismo. Advogado, ex-legislador provincial, ex-Decano e Professor da Faculdade de Direito da UNC. (Documento elaborado com o autor).

estudiantiles: 2 Integralistas, 1 de Franja Morada, Nilo Neder, otro [Abraham] Kozak, de la FUC. Eso es como nosotros habíamos logrado la mayoría. Claro que con un mensaje muy gremial, porque nosotros en los tablones que poníamos en los pasillos, no teníamos local, vendíamos apuntes, atendíamos los estudiantes, ayudábamos con todos los problemas que tenían, ayudábamos a conseguir pensión, los llevaba al Comedor (..) todo eso se hacía con mucha confraternidad también con el Centro de estudiantes (..) Nosotros empezamos de a poco, era muy politizado el Centro de estudiantes, el peronismo de izquierda estaba en el Centro de estudiantes, estaban los disidentes del Partido Comunista, izquierda nacional. (C.A.; 08/06/12)¹³⁴. [Aclarações nossas].

Este outro narrador, também apela a deixar estabelecida a diferença sobre o modo de participação do Integralismo no meio estudantil. Entretanto, identifica com maior clareza o Centro de estudantes como aquele lugar onde se levava o exercício da política ao interior das Faculdades. Ademais, há uma reafirmação da definição do Integralismo, aqui como ‘agrupação estudantil’ e estudantes cristãos, ‘não confessional, não clerical, não vinculado à Igreja’. Neste período há uma referência ao apego ético da militância, ainda que a origem mítica desta posição não se remete à situação dentro da Universidade. Por este período se reivindica uma, paradoxal, posição política sobre o trajeto que tomou o reformismo universitário com a quebra democrática em 1955. O contraponto já não eram as agrupações reformistas e sua indistinção com as autoridades que implementavam os postulados da Reforma dentro da instituição, senão como tomaram uma posição contrária aos interesses da maioria da população. O deslocamento do eixo de referência, da Universidade em torno ao mundo circundante se anuncia nestes relatos. Por outro lado, se adverte, no parágrafo que continua, aquele ponto esboçado anteriormente: o argumento sobre a atuação a partir das margens da representação legada pela Reforma universitária.

[Estábamos afuera] Porque nosotros considerábamos, ahí viene el nudo de la cuestión, te puedo hablar con eslogan memoria, en detalle, pero el eslogan: “Ustedes [los reformistas] tienen el gobierno de la Universidad, el gobierno de la Facultad y los locales –hay que tener un local en la Facultad, los locales de los Centros de estudiantes- porque ustedes fueron - y ahí viene cómo nos fuimos nacionalizando, a través de ese discurso- los que desfilaban por las calles de Córdoba en el ‘55 con los máuser de “Cristo vence” [refiere a los estudiantes y su apoyo a la Libertadora](..) [era] el premio [por] entregar la universidad [a los intereses de la dictadura], una cosa sencilla pero poco a poco nos nacionalizaba, nos diferenciaba y nos permitía a nosotros ser alternativa. Buscamos una cosa

¹³⁴ Calos Azócar. Originário da cidade de Rio Cuarto, Córdoba. Ex-presidente da Federação de Agrupações Universitárias Integralistas, 1968. Advogado, Juiz. (Documento elaborado com o autor).

alternativa al Centro (..) ellos también hacían apuntes y mucha tarea gremial. Nosotros duplicamos la tarea gremial, la propuesta académica (..) nosotros teníamos expertos en educación (..) hicimos las propuestas de montones de planes de estudio de especiales, de vinculación con la sociedad, de acercar los sindicatos, de debatir la historia. (C.A.; 08/06/12). [Aclarações nossas].

A ditadura da ‘Revolución Libertadora’ (1955-1958) irrompeu para varrer o peronismo da cena política. Este propósito fracassou, devido a seu arraigo na identidade dos trabalhadores e sua constatada necessidade de incorporá-lo como força eleitoral em um exercício democrático pleno. A ditadura da ‘Revolución Argentina’ (1966-1973) irrompeu para varrer a política da vida cotidiana. Este objetivo se implementou desde sua concreção, em 28 de junho de 1966, cerceando o funcionamento de todos os partidos políticos e atacando a Universidade. Esta era, até então, o único espaço que havia mantido um sustentado exercício democrático em seu interior durante o período de instabilidade das instituições da democracia tutelada (1958-1966). Anulado o autogoverno das Universidades, a partir de 28 de julho de 1966, produziu-se um crescimento explosivo da participação política. Como consequência, elaboraram-se duas visões complementárias da virada ideológica do Integralismo. Desde a perspectiva de um de seus fundadores, as referências são fatos nacionais, o surgimento, entre os estudantes, de uma constatação com o meio social: o peronismo.

Lo cierto es que en un momento determinado también ingresa fuertemente la idea peronista, a raíz del fracaso de proyecto nacional de cualquier tipo de consolidación, fracasa Frondizi (..) vienen distintos golpes de Estado, entonces las banderas no eran peronistas, ni mucho menos (..) temas [conflictivos] como había sido el castigo a los grupos populares, por ejemplo con el gobierno de la Revolución Libertadora, el fusilamiento [de sublevados durante el gobierno] de Aramburu, ese fue determinante para muchos de nosotros. (R. V.; 31/05/12)

Um lustro depois, estas transformações são reforçadas com uma ideia de movimento. Em referência ao passado da própria agrupação estudantil, produziu-se um desenvolvimento ideológico. Uma passagem desde a própria raiz cristã pós-conciliar, até a vertigem do contato com outras agrupações e ideias do período.

La idea nuestra casi de origen se va produciendo fenómeno ideológico en el mundo, nosotros lo vamos siguiendo, (..) en lo ideológico Teilhard de Chardin, Emanuel Muñiz, empezamos a avanzar, la encíclica Rerum novarum etc. desde el pensamiento cristiano avanzando en lo ideológico, pero un poco eso lo tuvimos que trasladar a la realidad que nosotros siempre queremos una universidad al servicio del pueblo, ¿qué es? el pueblo la nación, los intereses

populares, hasta ahí llegaban la dirección política, hablo del 62, 63. Después de la elección estudiantil ganamos nosotros avanzamos muchísimos en el aspecto electoral, el estudiantado nos seguía, no teníamos definición política partidaria, pero sí muy fuerte en esa cuestión ideológica. Empezamos a avanzar en eso y fue un proceso. Por ejemplo, un compañero viene de Buenos Aires y dice 'che hay un tipo, un tal Rosa que escribe unos libritos en 'La Siringa' [Colección La Siringa, A. Peña Lillo Editor, Buenos Aires, 1959-1966], chiquitos, revisionismo histórico, no junta más de 30 tipos (..) pero cambia el tema de la historia, son siempre alternativistas, resistente, revolucionario y no éramos muy católicos, no éramos de la misa, del cura, y bueno traelo, vive en Uruguay, se fue a Uruguay, éramos muy secos [escasos] de guita [dinero], irse a Uruguay.. habló con el tipo y se vino. Hicimos una conferencia, pabellón Argentina, el Aula Magna, de Ingeniería llena, afiches (..) llenamos ingeniería maestra afiche rojo, un gaucho arriba de un caballo, "conferencia historia, se otorgarán certificados, Integralismo", organiza Integralismo, una semana, habló de lunes a viernes, lo grabamos todo, hicimos apuntes, vendíamos los apuntes y fue la base que él la corrigió para el famoso tratadito de historia que tiene José María Rosa, de ahí escribió su libro, por supuesto paraba en la casa de una compañera, ahí dormía y durante el día iba a dar la conferencia. Imaginate en Córdoba traer un revisionista a la facultad de la Reforma universitaria, hablar en contra de Sarmiento, a favor de Rosas, decía el tipo, no era muy de Perón, no lo quería mucho a Perón, (..) pero sí la revisión histórica (..) Qué hace Kozak?, Kozak consigue desplazar al PC de la conducción en la FUC, la Franja la tiene muy apichonada con él y él aparece un caudillo que también tiene idea nacional para la izquierda, qué hace Kozak, (..) en la FUA hizo escándalo el kozakismo, [trajo a disertar en la Universidad al peronista John] William Cooke, íbamos a todas, éramos una esponja, yo tenía 18 años y después lo trajo a Abelardo Ramos, la FUC, y ya salió el grupo Pasado y Presente, empezaron los grandes debates intelectuales de la época, fueron hermosos, porque discutía la izquierda, discutían los cristianos, nosotros nos peleábamos con los demócrata-cristianos que nos querían copar la agrupación y nos fuimos de a poco definiendo, los cuadros dirigentes no la agrupación, en peronismo, nosotros somos peronistas, a nivel individual no lo ocultamos, pero la agrupación es abierta (..) había en ese momento.. estaba (..) gente que provenía del viejo Integralismo mariteneano que había quedado en la idea de la declaración de principios, a nosotros que éramos los más jóvenes con ideas más de avanzada, avanzando hacia la historia del mundo. (..) En la lectura nosotros íbamos avanzando Teilhard de Chardin, diálogo católico marxista italiano, Gramsci, empezamos a leer algo de marxismo, algo de leninismo, algo de Marx, algo de todo, Perón, por supuesto. (C.A.; 08/06/12). [Aclarações nossas].

Com grande prestígio entre os estudantes, e gozando das amplas liberdades com a qual circulavam as ideias durante este período dentro da Universidade, o Integralismo foi protagonista e encontrava-se a justo no centro da cena. Ainda com escassos cinco anos de distância, entre a data de sua criação e o momento referido na narração, cabe o

espaço para mencionar uma diferença entre estas novas lideranças, renovadas; frente a aquelas que mantinham um estado de princípios.

Em uma primeira etapa, a atração dos estudantes pela agrupação se devia a suas origens sociais. Depois, com o desenvolvimento dos acontecimentos, a intensa tarefa gremial que atrai discussões políticas ao âmbito da Universidade, aproxima aquelas origens a um ideal democrático.

Teníamos una idea clara de los Planes de estudio, una idea clara el contenido ético de la dirigencia, una idea clara del hecho social, gran parte de los estudiantes que estaban tenían su viejo, su padre, su abuelo, que eran obreros, alguien había sido obrero. (R. V.; 31/05/12)

[Apelábamos a una visión] más latinoamericana, la alternativa que nosotros veíamos en esa época, no era revolución o dictadura, que viene después, la alternativa que veíamos era democracia o dictadura, para nosotros la democracia era con el peronismo adentro, no con el peronismo proscrito (..) , La legalización del peronismo y la democracia, no hay democracia sin Perón, somos demócratas pero con el peronismo participando, no con el peronismo proscrito, eso lo dijimos siempre, [aún] cuando no teníamos definición muy fuerte dentro del peronismo. (C.A.; 08/06/12). [Aclarações nossas].

A meio caminho, entre o dito e as ausências, um dos dados mais chamativos do período é a fragilidade dos interlocutores nos partidos políticos. À deslegitimação institucional pelas sucessivas Intervenções federais, que anulavam o resolvido nas urnas, agregou-se a vigilância constante das Forças Armadas. Esta tutela aprofundou sua fragilidade com a proibição do funcionamento dos partidos políticos, com o Golpe, em 1966. O arraigo com outros sujeitos do período se produziu, desde então, mediante o vínculo com os sindicatos.

No nos daban bola [prestaban atención] los viejos, teníamos relaciones pero ellos tampoco nos daban lugar, los viejos peronistas de la ciudad de Córdoba (..) no había una vinculación política directa con la política partidaria. No era lo que nosotros queríamos, otro tipo de organización, de idea más fuerte, de cambio más sustancial, éramos pensamiento revolucionario ¿qué pasa? 1964 ya nos empezamos a vincular con los sindicatos, fuerte vinculación con los sindicatos, también a partir de los cuadros peronistas que estaban, no el conjunto de la militancia, sino los cuadros peronistas, no con los políticos, con los gremios, (..) eran luchadores, porque cuando lo voltearon a [hicieron el Golpe de estado al gobierno de Arturo] Illia los políticos desaparecieron de la Argentina. (C.A.; 08/06/12). [Aclarações nossas].

Os partidos políticos concentravam exercícios distanciados de uma política que reclamava novas práticas. Eles participam na concreção das conexões com as conduções

gremiais. Desde ali, começaram a abrir linhas de diálogo entre os estudantes e os militantes partidários, incipientes pontos de contato. Reconhece-se a virtude de ‘lutador’ dos militantes partidários e se reforça o conceito sobre o deslegitimado exercício da política profissional.

Em meio a um contexto volátil, uma adesão espontânea não só obrigou a uma resposta das agrupações rivais, como também começou a forjar um novo vínculo com os trabalhadores cordobeses.

Hicimos una charla en la UOM que manejaba la CGT ¿qué datos nos dan los gremialistas? hay un plan de lucha nacional 1964, Illia, nos enteramos nosotros que a las 6 de la mañana se tomaban todas las fábricas del país, organizado por las 62 Organizaciones [Peronistas], Vandor en San Francisco y a nivel nacional estaba Alonso tomaban las fábricas, a las 6 de la mañana estaban tomadas todas las fábricas metalúrgicas y afines del país. ¿Qué hicimos? tomamos la universidad, el rectorado, nos quedamos a la noche escondidos en baños un grupo de 30 con los carteles hechos por supuesto, al otro día 6 de la mañana caían de los balcones “por la universidad abierta al pueblo adhesión al plan de lucha de la CGT, por mayor salario, reivindicaciones populares y por una universidad abierta al pueblo, por una universidad nacional y popular”, carteles, rectorado tomado, se despierta Kozak y la FUC dice “locos, tomaron la universidad!”. Se va con toda su tropa y toma Arquitectura, baja los mismos carteles ‘Adhesión al Plan de Lucha de la CGT’. Nilo Neder dirigente de la Franja Morada (..) tomaban la universidad en adhesión al gobierno nacional. (C.A.; 08/06/12).[Aclarações nossas].

Esta aproximação, as reivindicações dos trabalhadores confluíram com as demandas dos estudantes.

Dois fatos marcariam o Integralismo no agitado segundo semestre de 1966. O primeiro, a intervenção nas Universidades pela ditadura, que originam o protesto ‘Greve de Fome’ de jovens estudantes, dentro de uma paróquia de Córdoba. Esta ação se estenderia por quase um mês, até o assassinato de Santiago Pampillón. O segundo fato de ressonância é o protesto pacífico ‘Marcha da juventude engajada’, percorrido a pé até Buenos Aires (800 km), que foi interrompida várias vezes e seu trajeto por decisão das autoridades ditatoriais. Em torno ao conjunto das agrupações de estudantes, o Integralismo ainda contou com suas últimas forças para impulsar e sustentar, junto à FUC, a ‘Greve geral universitária por tempo indeterminado’, pelo que restava do ano acadêmico de 1966. A pesar disso, a estrela do *apoliticismo* se apagou com a morte de Pampillón. Desde então, o Integralismo iniciou o trânsito em direção a outra participação entre os estudantes.

3.3.2- Partido Reformista Ortodoxo de Medicina 1918 (PRO 1918)

Para completar una visión das mudanças produzidas dentro das agrupaciones de estudantes, referimos a um grupo reunido em torno de um Centro de estudantes. Sua participação dentro de um organismo representativo dos estudantes, com exercício cotidiano da política, alcançou seu auge com uma eleição ganhada em um contexto de grandes transformaciones. A relevância desta pequena agrupación, reside no fato de situarse dentro de uma das Faculdades mais ativas politicamente, Medicina da UNC, e devido a que suas ideias e suas prácticas preanunciam o período de intensa politización posterior.

No fragmento a continuación, o ponto de partida onde se situa o narrador é uma posición individual que se desenvolve até a incorporación a um grupo de socialización.

Siempre me interesó la política, yo vengo de Mar del Plata como peronista (...) me vinculo con muchachos que eran de acá [Córdoba], generalmente todos con un fuerte sesgo nacionalista, hasta que en el '58 comienzo a tener relaciones con (...) un estudiante santafesino que me hacen conocer que existían otras cosas en el mundo fuera del peronismo, por ejemplo José Ingenieros (...) y nos arrimamos a un grupo, sobre todo a partir del año 58, año importante en Córdoba porque se dio el proceso de la llamada lucha entre las universidades: laica o libre, y ahí me voy compenetrando de los ideales reformistas, me voy transformando en un militante reformista [ingresé a la Facultad de Derecho en 1958] (...) me recibí en el año 66, pero ¿qué fue durante todo eso? (...) comencé a militar en el movimiento estudiantil, en un grupo que se llamó Partido Reformista Ortodoxo de Medicina, 1918 (...) más aún, hasta me inscribí en Medicina porque el grupo este, al cual nos relacionamos, este era un grupo, Partido Reformista Ortodoxo de Medicina, PRO 1918, y ¿quiénes militaban ahí? Eran muchachos todos estudiantes de Medicina, con un predominio de anarquistas, incluso un par de viejos anarquistas que no eran estudiantes ni nada (...) el anarquismo nos permitió leer una serie de autores anarquistas muy interesantes, la revista 'Reconstruir' que tenían ellos, el Diario 'La Protesta'...tenían varias corrientes de grupo, y había también muchachos socialistas...un peronista, un par de peronistas, (...) lo que sí, profundamente anti comunistas, o anti PC si querés, situación que subsiste básicamente (...) no como grupo sino como generación, [sin embargo] irrumpe la Revolución cubana y ahí nos cambia los ejes de la visión política del mundo y de Latinoamérica, creo yo, (...) después de la invasión de Bahía de Cochinos. (R.A.; 18/05/16)¹³⁵ [Aclarações nossas].

¹³⁵ Rubén Arroyo. Advogado. Ex-integrante da Liga Argentina por los Derechos del Hombre, ex-integrante da Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas (Conadep, Córdoba). (Documento elaborado com o autor).

Este militante estudantil destaca sua origem, geográfica e política. Pela forma em que é elaborada a narração fica unido o espaço e o sentido de pertença. A mudança carrega uma identidade definida. As modificações surgem em contato com outro âmbito, cidade e universidade, e com novas pessoas. A composição da agrupação, a qual tem uma existência prévia a sua incorporação, permite advertir os pontos de conexão e a forte impronta do limite exterior, sua fronteira política. Ainda, o Partido Comunista era visualizado dentro da Universidade como uma barreira infranqueável. Os elementos de formação aos que acessaram, agregado à discussão dos mesmos no interior de um grupo com outras identidades políticas não eram suficientes para superar o distanciamento do PC. Só um acontecimento, externo, reapropriado em suas significações impacta sobre a agrupação.

No fragmento seguinte, advertimos sobre as tarefas que levaram adiante como PRO. Este estreito contato com a FUC se devia a que se enquadravam na estrutura da Federação e à sua relevância política da Faculdade de Medicina, reduto reformista.

Bueno, la militancia estudiantil, en todo ese periodo y haciendo eje con la gente del PRO, de Medicina, nosotros tomamos un rol muy activo (...) nos hacemos fuertes en una institución que se había creado en el año 1944/45 que se llamaba 'Casa del Estudiante', la Casa del Estudiante, que funcionaba en [la calle] Sol de Mayo 145 (...). La Casa del Estudiante era una entidad autónoma pero creada...donde se reunía la FUC, la Federación Universitaria de Córdoba, digamos, era el local; cuando yo llegué...no cuando llegué, cuando empecé a militar, la FUC supo tener (...) tenía para alquilar, vendría a ser en Duarte Quirós, un pequeño localcito. Bueno, y ahí, durante todo ese periodo, hicimos funcionar el comedor estudiantil, trajimos a Osvaldo Pugliese [músico] a la Ciudad Universitaria, un hecho enorme, mucha plata, y bueno, tenía una vida muy intensa, porque a pesar de que era la Casa del Estudiante como una entidad autónoma de la Federación, en realidad todas las actividades que se desarrollaban ahí eran de la FUC, con distintos periodos [éste, bajo] una de las gestiones en el PRO. (R.A.; 18/05/16) [Aclarações nossas].

A incorporação deste grupo desde o interior da FUC também opera como posição dentro do universo da militância estudantil. Uma administração ativa não só os visibilizou como também, ademais, incluiu-os como protagonistas do contexto cultural ao que acessavam os estudantes.

A apropriação da Revolução cubana incidiu sobre o PRO 1918, já que obrigou a revisar suas alianças. Produziu, ao mesmo tempo, uma perda de militantes e a conquista, pela primeira vez, do Centro de estudantes. Ainda sob as transformações que se produziram dentro do PC, a transação do grupo majoritário do PRO 1918 evidenciou uma modificação, com respeito a aquela posição inflexível contra os militantes comunistas na universidade.

Cuando se produce la Revolución cubana, cambian las reglas del juego, y había una fuerte corriente de comunistas, y dado el anti comunismo del PRO, pero ya por el año 62, ganamos el Centro de Estudiantes de Medicina cuando nos aliamos, el PRO, con los comunistas y los socialistas (..) Bueno, ahí cuando ganamos por ejemplo con los socialistas, los comunistas y el PRO, algunos del PRO se nos van, acusándonos de traidores porque hicimos alianza con el comunismo, pero fue un periodo muy próspero en el sentido de la actividad política que se realizó (..) Durante todo ese periodo, indudablemente se introduce, cambia el eje, un poco, acompañaba la situación política nacional un poco, pero el eje pasa a ser la Revolución cubana como elemento político que interviene en nuestra vida, que éramos estudiantes, no éramos obreros (..) estoy hablando de año 62, 61, 63 (..) la Revolución cubana, a nosotros nos [impacta] y al Partido Comunista también, porque el Partido Comunista comienza a romperse, en realidad, nuestros aliados comunistas de Medicina, pasan a ser después [el grupo] 'Pasado y Presente', o sea, entran ya en contradicción con la política oficial del Partido [PC] y entran en lo que aquella dirección les habrá dicho 'desviaciones pequeño burguesas', etc, 'izquierdistas'. (R.A.; 18/05/16) [Aclarações nossas]

O papel outorgado à Revolução cubana pesa nesta pequena agrupação. As tensões anunciam rachas, não só internos. Este relato, também dá conta do que ocorria dentro do Partido Comunista *cordobés*. O grupo que havia conquistado o Centro de estudantes já se encontrava no processo de discussão crítica dos postulados do Partido, no referente à incorporação de outras leituras marxistas. A ruptura se concreta em 1963.

Durante aqueles anos, o sentido de pertença e a consolidação de uma identidade, ser estudante, começava a estar ligada, ademais, ao contato com os grêmios. Destaca-se, neste caso, o sindicato que se posicionou na vanguarda de trabalhadores de Córdoba.

Entonces, en todo ese periodo el movimiento, ser en el movimiento, estar en el movimiento estudiantil significaba también (..) la vinculación con el movimiento obrero gracias a fenómenos como el que surge en Luz y Fuerza, que existía en ese entonces con Agustín Tosco donde se abre y se establece una relación muy profunda, el Cordobazo es ya la culminación de esa relación, pero desde el mismo '66, desde agosto, en junio se produce el golpe contra Illia, ya en agosto, la famosa editorial de Agustín Tosco [Signos Negativos, 18/08/66] (..) y que hace eclosión en septiembre en Córdoba con la manifestación que hiere a Santiago Pampillón, en septiembre del 66 (..) también, acordémonos que desde el 66, después o a partir de Santiago Pampillón, comienzan las tomas recurrentes al Clínicas pero todas iban acompañadas con la participación de Tosco y de la gente de Luz y Fuerza, el gringo Felipe Alberti, porque prácticamente las tomas iban acompañadas con cortes de luz total desde la plaza Colón hasta allá, hasta [barrio] Alto Alberdi...los cables de alta tensión, cosa que hacían los muchachos de Luz y Fuerza, no era cosa de estudiantes (..) y entonces la dinámica del 66 hasta el Cordobazo, lo determina el movimiento

más importante, más activo, era ese movimiento estudiantil que tiene el núcleo en el Barrio Clínicas. (R.A.; 18/05/16) [Aclarações nossas].

Encontramos, neste fragmento, outro dos pontos destacáveis. Este estudante estabelece uma relação entre o sindicato de *Luz y Fuerza*, seu posicionamento político, e o acontecimento bisagra para as organizações estudantis, a morte de Santiago Pampillón. Como estes dois fatos inauguram um caminho traçado pela relevância da participação estudiantil? A partir da Faculdade de Medicina, origina-se um trajeto que atravessa o PRO 1918, o Centro de estudantes e o bairro; para concluir no ‘maio cordobês’. Produziu-se uma tração fascinante desde um reduto, uma fortaleza, até o acontecimento fundamental.

A figura emblemática do dirigente Agustín Tosco também se ressalta por haver reunido, em sua construção de consensos, a partidários da União Cívica Radical. O período ganha transcendência devido à concreção dos postulados reformistas originários.

Era bastante masivo todo ese periodo, y lo precipita mucho el hecho de Pampillón; y es a su vez que se traduce, en los hechos no en la teoría aquella unidad obrero-estudiantil, era un elemento que se pregonaba desde la Reforma de 1918, pero que en el principio de práctica real, con el papel que empieza...voy a decir, a liderar Agustín Tosco, pero que tiene también, ¿no es cierto? elemento en Córdoba, por ejemplo los radicales tuvieron mucha inserción en el movimiento sindical, no sólo a través del gran amigo y secretario general de gráficos Malvar, que era un amigo de Tosco (..) era un hombre muy abierto, pero ya venía todo el movimiento de Santiago del Castillo y antes de Sabatini (..) que decididamente hizo un gran gobierno, continuado por Del Castillo y que tuvo de herederos una generación de radicales, más conocidos obviamente Arturo Illia, pero había dirigentes con los cuales nosotros [teníamos relación] que eran reformistas. (R.A.; 18/05/16). [Aclarações nossas].

Uma aparente calma foi violentada por um acontecimento trágico produzido pelas forças da ditadura. Também obriga a transformar os intérpretes práticos de uma ideia formulada no Programa reformista. Uma ideia formulada um tempo atrás se atualiza.

Finalmente, destacamos uma referência que confirma uma identidade e marca uma época. Este estudante transita, com seu relato, desde sua participação individual à grupal, e, finalmente, ao sentimento de pertença a aquele coletivo que provocou o acontecimento do *Cordobazo*.

Mi paso en el movimiento estudiantil es eminentemente político (...) en Medicina fue a nivel del Centro de Medicina que ganamos, mi tarea era ser Secretario, pero con esa alianza entre socialistas y comunistas (...) la politización, dominó en gran parte y (...) de aquella pequeña agrupación casi sectaria, purista del PRO, pasamos a ser parte de un movimiento de masas considerable. (RA.; 18/05/16).

Neste relato destacamos a menção a um intenso processo de politização, partindo de um grupo de estudantes caminho à pertença dentro da composição maioritária da estudantada. Acompanhando outros desenvolvimentos, sem ideias extremas, ainda que também, sem incorporar plenamente o peronismo. Poderia dizer-se que, nesta narração, percorre-se um caminho alternativo ao proposto por Spinelli (2013): a politização conseguiu ampliar as fronteiras políticas desta pequena agrupação, tornou-a menos intransigente, mais democrática. A radicalização, neste período, deveu-se à forte oposição do conjunto dos estudantes contra a ditadura. O peronismo, em sua corrente mais revolucionária entre estes estudantes, permitiu incorporar as reivindicações dos trabalhadores dos grêmios de Córdoba. Um ponto de alta gravitação, ainda não mencionado, foi ocupado pelo Partido Comunista cordobês. Seus militantes na Universidade se distanciaram, em 1963, para reforçar as tropas do *kozakismo* e da FUC, enquanto mantinham, sob uma nova aliança, o Centro de estudantes de Medicina.

A pesar de destacarmos só um período do Integralismo, praticamente um fragmento de seu trajeto, não foi menor sua incidência sobre o período posterior. Sob um crescimento amplo soube reunir os estudantes em torno a temáticas concretas. Envolver-se na realidade cotidiana, em um amplo clima de debate de ideias, contribuiu de sobremaneira para consolidar uma cultura democrática e de maiores exigências para alcançar uma formação de qualidade para a Universidade. Sob a intensa tarefa gremial construíram seu prestígio e obrigaram, em certo sentido, outras organizações, e a pesar das drásticas mudanças que se produziram com o Golpe, a manter um programa mínimo de reivindicações gremiais.

O recurso a duas agrupações estudantis, contemporâneas, ainda que de diferente envergadura, permitiu-nos advertir alguns pontos em comum. Ressaltamos aqui o caminho à adoção de novos paradigmas de ações. Em algum momento se destacam acontecimentos externos, como a adesão ao Plano de luta da CGT, em 1964, ou próprios da dinâmica estudantil, como a conquista do Centro de estudantes de Medicina, em 1962. Resultou fundamental, para os posicionamentos dentro do campo das ideias e das

ações da estudantada cordobesa, a eclosão da Revolução cubana e a renovação das ideias católicas. Estas experiências obrigaram a reelaborar alianças, a realizar atualizações teóricas e propiciaram uma infinidade de novos debates. Porém, sobre estas menções, sem dúvidas, o acontecimento que transfigurou todo o espaço foi o assassinato de Santiago Pampillón. As mudanças que se preanunciavam nestas duas organizações prefiguraram um novo cenário. Com motivo da chegada de novos militantes a agrupações já conformadas e a desenvolvimentos ideológicos próprios, os estudantes *cordobeses* confluíram em um único grande momento que se estendeu até maio de 1969.

3.4- O *Movimiento de Unidad Reformista* (MUR) na organização do *Cordobazo*.

Com a ascensão da Revolução cubana, os integrantes do PC detiveram o olhar em outros processos além daquele acontecido na União Soviética e seu modelo para a revolução. Algumas das características da cidade mediterrânea e a experiência do *peronismo* sobre os operários ofereceram novas leituras para um grupo de jovens, que produziram um racha e perda de militantes. Porém, é por isso que nos detemos nas tensões que aconteceram ao redor do PC *cordobés*. Particularmente, desde as fileiras do *Movimiento de Unidad Reformista* (MUR), agrupação de estudantes com maior presença dentro da *Facultad de Medicina da Universidad Nacional de Córdoba* (UNC). Deveu-se recompor do racha, no próprio 1963, ganhar os estudantes frente ao *kozakismo*, em 1966, e disputar a condução dos estudantes ao Integralismo, durante todo o período. Desde a imposição do Golpe, os estudantes do MUR, lançam a palavra de ordem: *Muera la dictadura!* O trabalho gremial inciou-se sob novas condições, para logo fazer-se um espaço entre as agrupações de maior convocatória. Finalmente, esse caminho os levou a tomar a seu cargo, em 1968, a *Federación Universitaria de Córdoba* (FUC).

3.4.1- Debates sobre as organizações dos estudantes frente ao Cordobazo.

Começamos este apartado apresentando os textos já consagrados com a finalidade de propor outra leitura. Para complementar esta nova perspectiva, recolhemos numa

análise os fatos e os sujeitos intervenientes a partir de relatos¹³⁶. Às vezes, estas narrações ganham tom de ‘histórias de vida’, onde tem destaque a vida pessoal do narrador. Porém, o objetivo é “mostrar as relações entre as circunstâncias e a personalidade” (Levillain, [1996] 2003: 147), como é que resulta enlaçada essa vida ao acontecimento principal. Além do mais, uma diversidade de fontes ilustrará as narrações e continuamos a conjectura sobre a construção de uma identidade estudantil, como um processo de duração e restrito a um tempo específico.

No referente aos antecedentes dos estudantes *cordobeses* e seu percurso até o *Cordobazo*, nas datas de 29 e 30 de maio de 1969, uma das primeiras análises da época sobre as ocorrências notaram:

Algo decisivo en los acontecimientos de mayo: el carácter masivo de la participación estudiantil y su falta de organización. (..) en las asambleas previas, representados por oradores improvisados sobre la marcha, desbordó todas las previsiones. (Delich, 1994: 101)

Na mesma linha de descrição e análise, no referente ao impacto do Golpe de estado de 1966 sobre as organizações estudantis, outros autores arguem que a participação dos estudantes no acontecimento tinha mais a ver com a organização ao redor de

Grupos clandestinos y semiclandestinos, de las más diversas composiciones y propuestas, todas signadas por un apartamiento de las clásicas funciones gremiales del movimiento estudiantil. (Crespo y Alzogaray, 2004: 86).¹³⁷

Faz-se destaque nestes estudos de referência, ao momento de abordar os estudantes *cordobeses* e sua atuação no mês de maio, leituras sobre a grande

¹³⁶ Propomos acessar uma perspectiva dos acontecimentos, a partir da produção de documentos com os sujeitos envolvidos, para advertir sobre o crescimento político dos protagonistas deste período e suas relações com outros sujeitos do contexto. As ações e a convergência resultariam em uma das jornadas que sinalizou o final da década e modificou a cena da política argentina. Com essa estratégia de abordagem, para a produção de conhecimento histórico se adverte outra valoração do sujeito que relata sobre sua participação e a construção de sua própria identidade (Pollak, 1989). Desta maneira, o relato contém um duplo propósito de construção: outorgar sentido ao passado neste presente e acessar aos sujeitos, aquele que escuta e aquele que narra, os quais se transformam a partir do relato. Esta construção estará sempre em disputa, e esta é aquilo que se afirma, retifica-se, retrotraí-se ao longo do tempo, dependendo das vontades do esquecimento (Jelin, 2002) e das vontades da memória (Todorov, 2000).

¹³⁷ Isso, além do mais, é sugerido por estudos que não têm os estudantes no alvo da pesquisa, mas são inclusos como sujeito relevante do período. Neste sentido, “*Luego del 1966, la lucha universitaria circunscripta sólo a ese ámbito parecía que había perdido sentido. La tendencia general no era ya la de luchar sólo por el cogobierno sino directamente por la revolución, a la que se le daba diferentes*

participação, porém: a) carente de organização, b) com espontaneidade das lideranças, e c) com um abandono das reclamações propriamente estudantis na procura de uma intensa e vertiginosa politização.

A perspectiva dos clássicos é enriquecida com relatos de sujeitos envolvidos, que vão além da ação coordenada com as lideranças sindicais, para a concreção da greve, e tendem suas raízes numa relação estreita com os trabalhadores, elaborada com antecedência.

Sabíamos que la Coordinadora había determinado puntos de concentración y recorrido de las marchas (Luis Rodeiro, em revista *Umbrales*, 1999: 17)¹³⁸

[el Integralismo] *en apoyo al paro activo del 29, nos concentramos en avenida Vélez Sarsfield y Duarte Quirós, junto a los estudiantes de ingeniería y arquitectura. Después hicimos un acto en el salón de los Pasos Perdidos en Tribunales* (Luis Rubio, em: revista *Umbrales*, 1999: 58)¹³⁹. [Aclaração nossa].

[Los estudiantes] *fueron de mucho valor, ellos eran el elemento pensante, teórico, nosotros [los trabajadores] estábamos más en la acción, aunque éramos más tardíos en sacar conclusiones. En la acción éramos los más decididos, pero los estudiantes estaban mejor preparados políticamente* (Taurino Atencio, em: revista *Política, cultura y sociedad en los '70*, 1997: 16)¹⁴⁰ [Aclaração nossa].

[El papel de los estudiantes] *fue muy importante porque se cumplió la consigna de la unidad obrero-estudiantil. A mí me habían designado para que los atendiera. Estaba con ellos en la Universidad, participaba de las asambleas. Había un criterio amplio, de respeto, ellos en la Universidad y nosotros en el sindicato, pero juntos.* (Felipe Alberti, em: revista *Política, cultura y sociedad en los '70*, 1997: 21)¹⁴¹. [Aclaração nossa].

Porém, uma abordagem das ações levadas adiante pelo MUR permite objetar, numa unidade só, as três sinalizações elaboradas nos estudos clássicos. Neste sentido, à continuação, faremos destaque da participação desta agrupação na organização dos estudantes universitários na trajetória até as ocorrências do *Cordobazo*.

Em primeiro lugar, num texto que se propõe dar relevância à participação do PC no acontecimento, demos com duas referências neste sentido.

contenidos y a la que se llegaría por diferentes vías pero que era vista como meta de casi todas las agrupaciones” (Gordillo, 1999: 212).

¹³⁸ Luis Rodeiro, jornalista, militante da organização Peronismo de Base em 1969.

¹³⁹ Luis Rubio, advogado, juiz, co-fundador do Integralismo.

¹⁴⁰ Taurino Atencio, operário, afiliado ao sindicato Smata em 1969.

¹⁴¹ Felipe Alberti, operário, afiliado ao sindicato *Luz y Fuerza* em 1969.

*El 29 de mayo despuntó un día claro y luminoso. Dentro de pocas horas iba a comenzar el paro general activo de 36 horas (..) el **'plan de emergencia'** que contemplaba la movilización de todas las organizaciones del partido y de la Federación Juvenil Comunista (la 'Fede'); los obreros, en sus respectivas columnas; los barrios con medidas de apoyo; los estudiantes, con su **plan de movilización**; los enlaces; el **apoyo logístico para enfrentar a la represión**. **Esto último era lo nuevo. Hasta entonces, las manifestaciones obreras y estudiantiles eran reprimidas brutalmente y la defensa era improvisada, algunas piedras para responder a la carga de caballería, a los gases lacrimógenos y a las balas.** (Bergstein, 1987: 13-14) [Grifo nosso].*

A menção nestas linhas faz destaque de uma **organização** desenhada não só para a consecução da passeata senão, além do mais, para o resguardo ante a anunciada repressão. Houve uma ação organizada e houve, além do mais, um plano alternativo, alimentado por experiências de lutas prévias. No fragmento seguinte, faz-se menção a uma construção germinal, forjada nas passeatas estudantis.

*En el '66 la situación del movimiento estudiantil en Córdoba estaba muy débil. La FUC había sido abandonada, prácticamente, por sus dirigentes (..) la Universidad fue intervenida y luego, debido a una huelga estudiantil, clausurada (..) todos los días había una movilización para reclamar e intentar hacer esa asamblea. **En esas movilizaciones fue surgiendo una organización, que adquirió gran desarrollo después de lo de Pampillón, a la que se llamó Interbarrios. Era una Coordinadora de estudiantes que vivían en distintos barrios organizados por manzana. Jugaron un gran papel en la ocupación del barrio Clínicas.** (..) Al Cordobazo se llegó con 5 centros, contra 12 o 13 que había antes (..) cuando se resolvió el paro de la CGT hubo un **proceso de asambleas, los días previos**. Son los procesos de asambleas más importantes que hemos conocido en el movimiento estudiantil. En Medicina, entre 7 y 8 mil estudiantes; en Derecho, 500; en Ingeniería y otras facultades de características masivas, se discutía la adhesión o no al paro (..) en el Cordobazo, concretamente, **habíamos acordado como punto de reunión de los estudiantes los Tribunales, y allí fue una parte. Otros se sumaron a las columnas obreras (..) después nos replegamos para la toma del Clínicas. Allí teníamos fijado un comando nuestro, de la Fede** (Francisco Delgado, 1986, em: Bergstein, 1987: 69-70) [Grifo nosso].*

A origem é a situação de debilidade das instituições representativas dos estudantes. Por conta do Golpe e pelas primeiras ações defensivas das agrupações. Assim, o acontecimento que marcou uma quebra, nas temporalidades e nos comportamentos, obrigou a imaginar novas formas para o exercício da política. Destas primeiras organizações surgiram outras instâncias associativas que permitiram recompor os laços entre os estudantes. Os dirigentes estudantis reorganizaram na ilegalidade os

Centros e programaram assembleias abertas, nos pontos estratégicos das Faculdades, espalhadas pela cidade. Essas convocatórias são destacáveis pela assistência massiva e faz um dado de realce à relevância política do seu centro nevrálgico: o bairro Clínicas, locação da Faculdade de Medicina. Além do mais, se detalham os planos preestabelecidos de participação ativa e defensiva, com acordos alcançados entre eles e as conduções gremiais, e o estabelecimento de uma retaguarda organizada no bairro, seu reduto natural.

No referente às **reclamações gremiais** e para dar conta delas, recolhemos um documento das preparativas na conformação das eleições de 1970, para o *Centro de Estudiantes*. Nesse momento se elaborou um brevíário das ações do MUR:

1968: el MUR dirige las luchas del Ingreso, gracias a las cuales ingresan más de 400 estudiantes de Medicina, por sobre el tope previsto; sin embargo, entonces, no logramos que se sacara el examen de ingreso LIMITACIONISTA.

1969: ya no vamos solos, nos acompañan otras agrupaciones, y otro tanto de compañeros estudiantes ingresa por sobre el límite estipulado en nuestra facultad. (¿Te acordás hermano?, Panfleto, MUR, s/f, Archivo CeDInCI).

Esta peça documental permite fazer uma reconstrução dos fatos que se contrapõem às primeiras leituras dos acontecimentos. Porém, mantemos a conjectura da existência de um conflito entre estudantes e a ditadura, seus funcionários e colaboradores, dentro de um programa repressivo que os envolvia, com medidas administrativas e atuações direitas¹⁴². Situamos os estudantes, e sua participação organizada na vida política *cordobesa*, com maior coesão ao redor de temáticas pontuais com antecedência às jornadas prévias ao *Cordobazo*. Sugerindo, assim, uma construção de sua identidade política com alguma trajetória. Ao politizar os sujeitos, bem mais cedo, desnaturalizamos uma leitura consensual e propomos uma história carregada de sentidos em disputa.

¹⁴² Ao momento de acessar a produção dos documentos mantivemos como supostos o caráter conflitivo da política (Rancière, 1996). Dentro desta atividade litigiosa é onde sujeitos se constituem, individual e coletivamente, ao redor de marcos indentitários, configurados em cada intervenção e em permanente tensão com pares e antagonistas, sob determinados contextos e certas ações possíveis, dentro de um universo restrito. Neste sentido “*en proyectos políticos específicos (...) en donde la lógica del antagonismo es dominante, la presencia de fronteras políticas dividiendo la formación entre un nosotros y ellos se hace mucho más visible*” (Groppo, 2009:48). Devemos discernir, por tanto, entre pares e antagonistas onde, nessa relação se afirmam em suas características singulares, adotam novas estratégias, expandem seus marcos definitórios e aprofundam suas diferenças com seus opostos.

Neste sentido conjecturamos que as adesões reativas à intensidade repressiva da ditadura se conseguiram por causa da capacidade dos dirigentes do MUR na conquista das energias anti-autoritárias. É nesse sentido que apelamos ao recurso de narrações, nos apartados seguintes, ao fim de contrastar a posição sobre a espontaneidade das lideranças.

3.4.2- *O começo da luta e o presságio de uma morte.*

O fragmento que inicia este apartado aprofunda no acontecimento que ganha os estudantes para a oposição ativa à ditadura. A eleição deste evento deve-se “a sua capacidade de encarnar a mudança [de uma época] e suas etapas” (Levillain, 1996] 2003: 163).

O Golpe de estado de 1966 colocou entre seus alvos o autogoverno das universidades. Uma das organizações que liderou a vanguarda na luta contra a ditadura foi o *Movimiento de Unidad Reformista* (MUR).

Em consequência de uma ação inicial dos estudantes *cordobeses* contra a nova disposição produziram-se, encadeados, três fatos inéditos. O primeiro: o estudante de medicina Alberto Cerdá foi baleado pelas forças do regime.

Yo me incorporé al MUR, Movimiento de Unidad Reformista, que seguía la corriente de la Juventud Comunista (..) [empecé segundo año de la carrera de Medicina en] el '66, en donde el movimiento estudiantil en democracia, por supuesto, tenía libertades (..) y llegó el fatídico Golpe [de estado] contra Illia del 28 de junio del '66, entonces justo en la mitad de año se alteró todo y el centro de estudiantes empezó a organizar la resistencia, y bueno, al mes exactamente de que fue derrocado Humberto Illa, el golpe fue el 28 de junio...el 29 de julio Onganía interviene las universidades argentinas, entonces cómo resistir, cómo divulgar, cómo incorporar a los estudiantes a la resistencia era la tarea que tenía el Centro de Estudiantes de Medicina, como la FUC, como todo lo que funcionaba en las universidades y bueno, el local era un bullicio y se habían programado volanteadas, la primer volanteada en el Hospital de Clínicas contra la intervención a las universidades, se realiza el 18 de agosto del '66...bueno, participamos por supuesto, éramos grupos de a 3, íbamos de a 2 o de a 3, no juntos, si no dispersos, volanteando el hall central del Hospital de Clínicas. La volanteada empezó a las 8 de la mañana...en el segundo pasillo del Clínicas, mientras yo volanteaba con mi primo, siento que me detienen de atrás dos personas, uno de cada lado...mala suerte, y 'está prohibido volar, somos de la policía', [eran] dos de civil, 'así que nos va a tener que acompañar a la [Comisaría] Tercera', que estaba a dos cuadras del Clínicas, por [calle] Santa Rosa, la famosa Tercera, así que yo tranquilo vi que mis compañeros se dieron cuenta, así que la policía me llevaba hacia la entrada del hospital, uno de cada lado, y yo sentía

comentarios, de todo...cuando aparecemos en la puerta del hospital, en la puerta principal, enfrente funcionaba nuestro bar, el bar Estrella, adonde nos reuníamos a tomar café, a hacer reuniones, etc. En la vereda vi a mis compañeros del Centro de estudiantes, de cursos superiores, y entre ellos estaba Mingo Mena, mi compañero, entonces bajamos las escalinatas del hospital por el veredón hacia la Tercera, íbamos en la mitad de cuadra más o menos, no habíamos hecho 20, 25 metros, cuando de golpe siento que de atrás Mingo, no podía ser otro, me da un empujón y me dice ‘rajá’ [corré], entonces me suelta de los dos policías, entonces yo empiezo a correr hacia la esquina y doblo hacia la izquierda, en [calle] Chubut, y yo lo veía que mientras yo corría por la vereda izquierda, él corría por la derecha para despistar a los dos policías, doy vuelta la esquina y yo iba pensando ‘voy a cruzar el río’ que lo conocía porque de niño íbamos a pescar, mis tíos vivían enfrente, pasando el río, entonces digo ‘capaz que lo puedo cruzar’ y bueno, cuando iba a mitad de cuadra empiezo a sentir disparos, 1, 2, 3... ‘están tirando al aire’...pero uno, ya sentí el fogonazo en la pierna izquierda y que me derrumba, entonces los policías me vienen a ayudar, entonces se hace un conjunto entre los policías y mis compañeros, todos me tratan de ayudar, pero porque era un hecho no común. (A. C., 24/10/16)¹⁴³ [Aclarações nossas].

Quem narra inicia seu relato com sua presença no universo das agrupações estudantis, o atributo de sua identidade militante, sua pertença política. A ruptura institucional, o Golpe, marcou ainda o começo da organização para resistir, ofereceu um novo objetivo. O narrador é um protagonista, não só porque realiza a ação. Além do mais, porque enuncia-se como parte de um conjunto, seus exercícios estão inscritos numa prática ordenada. A atividade é interrompida pela força, obrigada a deixar de executá-la e com uma imposição a cumprir. O relato não só da conta do espaço geográfico e a familiaridade do estudante para se movimentar nele, senão, além do mais, da proximidade entre a ação específica e os circuitos de apoio para o desdobramento de toda uma atividade militante, num térreo cotidiano. Em adição, produz-se uma interrupção da autoridade, que se força com outra ação inesperada, desta vez protagonizada por mais um estudante. Em uns segundos de desconcerto, começa uma fuga. A experiência prévia no espaço do bairro Clínicas podia oferecer, ainda, grandes possibilidades de sair indene. Porém, a autoridade, ignorada, pretende se afirmar na força. Impõe-se com a superioridade de uma arma de fogo. Por ser um fato anômalo, será uma lembrança postergada.

¹⁴³ Alberto Cerdá. Oriundo da Província de San Juan. Médico. Presidente do Centro de Estudantes de Medicina pelo MUR. 1970/1971. (Documento elaborado com o autor).

Um segundo fato inédito se produz nessa jornada: a ‘ocupação’ do Hospital Nacional de Clínicas, da UNC.

Entre los policías y mis compañeros del Centro de estudiantes me llevan saltando, en una pata [pierna], hacia la guardia del hospital, en la guardia del hospital ingresamos y estaba ‘de guardia’ el gringo Arata, un médico de cirugía que, como en todas las guardias había un jefe, entonces nos hace pasar a la guardia y no le permite pasar a los policías, les dice “ustedes, no”; “no, este está detenido”; entonces Arata les dice “en este hospital y en la guardia mando yo, ustedes, se retiran” y no los dejó entrar a la pieza de la guardia que estaba apenas, en ese entonces, donde se ingresaba al hospital, mientras me hacían las curaciones y charlábamos y todo, se sentía fuera del hospital ya los alborotos, entonces todos mis compañeros empezaron a organizar la ‘toma’ [ocupación] del hospital, efectivamente se sentía todo de la guardia, los discursos, las consignas, la organización... “cierren el portón, cierren las puertas compañeros, han baleado a un compañero”, entonces se sentía el alboroto, esto iba in crescendo, iba in crescendo el alboroto, o sea que se veía de que a pesar de ser espontáneo, mis compañeros tuvieron olfato de cómo organizar una toma en un hospital muy grande, un hospital muy grande, entonces a las tapias, al portón del fondo, a la puerta de ingreso, a las dos que había, y etc. (...) bueno, la toma fue espectacular, todo yo escuchaba, lo escuchaba a un compañero mío que era un orador espectacular ya en los primeros años, cómo organizaba y cómo discursaba, hasta el mediodía... 12 y media, 1 [hora de la tarde] que por los ruidos dijimos: han podido entrar, y efectivamente llegó la policía con todos los refuerzos y esto y camiones y todo, y lograron entrar por el portón grande y se armó la batahola en el hospital adentro, entonces se sentían gritos... gritos tanto de desesperación porque los detenían como gritos de órdenes y todo eso lo tengo muy bien grabado y después supimos que entraban a las salas y daban [golpeaban] sin discriminar profesores, monjas, había compañeros que estaban en las camas escondiéndose como enfermos, entonces fue realmente una batalla que terminó con 150 o 160 detenidos entre estudiantes, profesores, docentes, personal civil, etc. (A. C., 24/10/16) [Aclarações nossas].

Aos fins de ordenar o relato, é necessário recuperar a autoridade. No retorno ao espaço próprio dos estudantes, nessa recuperação, estes se afirmam como sujeitos. Sem exercício nenhum, realizado com antecedência, mas com noções de defesa de um ponto estratégico, vai-se do estupor à preparação de uma defesa organizada. As palavras de ordem e as ações reúnem os estudantes para a ‘tomada’, a nova afirmação de uma geografia cotidiana, como protesto e último refúgio da pertença avassalada. A resistência, porém, não assegurou a vitória.

Mais um último fato inédito se produz no final do dia: a ‘toma’ do *Barrio Clínicas*.

El alboroto en la ciudad iba in crescendo, esa noche (..) fue la primer toma del barrio...del barrio Clínicas, que inició todo este proceso de resistencia que contagió a los claustros en la Universidad de Córdoba (..) el movimiento estudiantil empezó a organizar con más criterio la resistencia, o sea tratar de a lo espontáneo darle mayor organicidad, cosa que así fue (..) la protesta del barrio Clínicas sale hacia el centro. (A. C., 24/10/16).

Os detalhes espetaculares que alcança a ação, que incluiu fogo e barricadas, além do mais, destaca-se porque foi a passagem da ação ofensiva dos estudantes. Não só se deslocam do bairro ao centro da cidade. Localizam-se sob o foco principal da cena pública pelo impacto de sua decisão determinada.

Transpondo os limites deste trabalho, deixamos constatação, a modo de testemunha, sobre o processo de politização dos estudantes cordobeses e a *Facultad de Medicina*. O estudante Alberto Cerdá foi proposto como candidato a presidir o Centro de estudantes, pela lista do MUR nas eleições de 1970. Durante seu exercício como presidente eleito, no ano 1971, elaborou-se no Brasil um documento de caráter secreto. Com data de 23 de julho, desde a Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional se produz um informe sob o assunto “Situação de estudantes brasileiros em CORDOBA (Argentina)”. Nele não só se destaca a intensidade das disputas ideológicas daqueles anos, sua referência indireta aos fatos do *Cordobazo*, como também se faz ênfase na modalidade de ingresso, sem exame eliminatório, que facilitava o acesso de estudantes brasileiros. O agravante devia-se à “constante doutrinação comunista” nessas salas de aula e nessa cidade, especialmente ¹⁴⁴. Em um documento anexo, de quatro páginas se

¹⁴⁴ “1. DADOS CONHECIDOS

a) A região de CORDOBA constitui-se no mais importante núcleo comunista da ARGENTINA. Observadores políticos vêem na atual divergência entre a CGT e os sindicatos cordobenses [sic], dominados pela esquerda radical, perspectivas de choques violentos, à semelhança do que ocorreu em 1969.

b) A Faculdade de Medicina de CORDOBA aceita o ingresso de alunos estrangeiros sem exigência de exame vestibular. Em consequência, inúmeros estudantes brasileiros, cerca de duzentos, frequentam aquele estabelecimento de ensino.

2. INFORMAÇÃO

a) Os estudantes das Universidades de CORDOBA, têm sido alvo de constante doutrinação comunista.

b) Os alunos brasileiros além de estarem sujeitos ao proselitismo esquerdista, inclusive durante as aulas, são hostilizados por alguns professores e alunos em razão das divergências existentes entre os dois países.

3. APRECIÇÃO

a) As facilidades concedidas pelos estabelecimentos de ensino de CORDOBA, poderá fazer aumentar o número de estudantes brasileiros.

b) A presença de universitários brasileiros nas referidas escolas, apresenta alguns inconvenientes e riscos:
 - assimilação da doutrinação comunista;
 - eventuais choques com professores e alunos, tendo em vista os constantes ataques ao BRASIL;
 - envolvimento direto ou indireto de brasileiros na agitação interna existente na ARGENTINA.

adicionou a listagem alfabética dos 127 estudantes brasileiros identificados em Córdoba.

Recapitulando, os estudantes se nutriram de uma aprendizagem: a necessidade de uma maior organização para resistir aos iminentes avanços da ditadura sobre o conjunto. A pertença à categoria estudante não os eximia de receber um disparo daqueles que se propunham a torcer os rumos da Universidade reformista. O território começou, além do mais, a ser percebido como potencialidade, como refúgio e vanguarda. A ressonância dos fatos outorgou a legitimidade para se apropriar de outras espacialidades aos fins de se visualizar como sujeitos, já na firme oposição. Onganía interveio nas Universidades e, dessa maneira, barrou o último espaço democrático. Provocou, numa jornada só, a passagem de uma palavra de ordem de um pedaço de papel até a reafirmação territorial de um confronto físico. Nesse dia, a ditadura realizou um oferecimento que os estudantes não rejeitaram: a rua como território de disputa política.

A intensa politização dos estudantes achou seus intérpretes entre as lideranças das organizações que se opuseram à ditadura. Pode-se falar assim,

Da interação entre o movimento das forças profundas e os personagens históricos, que sabem exprimir, em termos de conduta, curta ou longa, as aspirações de um povo, de uma nação [*dos estudantes cordobeses*] e se impõem como protagonistas (Levillain, [1996] 2003: 160). [Agregado próprio]

3.4.3- *O relato de um estudante.*

No presente apartado acessamos a narração de um dos estudantes com alta presença no período com a finalidade de analisar aquilo que se refere aos acontecimentos de maio. A proposta será dar conta de como é que foi possível a participação massiva e organizada, enraizada num exercício militante nas ruas e nas faculdades, em um período que antecedeu o *Cordobazo*. A partir de uma expressão

c) Em consequência, parece oportuno o estudo das autoridades competentes sobre a possibilidade de:

- absorver, de acordo com critérios adequados, os universitários brasileiros que atualmente frequentam as escolas de CORDOBA;
- estabelecer medidas que possam dificultar o ingresso de estudantes brasileiros naqueles estabelecimentos de ensino.”

(Informação Nro 057/la.SC/73, da Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional, “Situação de estudantes brasileiros em CORDOBA (Argentina)” em: BR_DFANBSB_N8_0_PSN_EST_0275_d0001de0001, Acervos Regime Militar, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro). [Aclaração nossa].

particular, a narração daquele que foi o estudante de medicina Carlos Scrimini, propõe-se um esforço de compreensão para acessar a diversidade do conjunto. O limite entre isolar o narrador ou exaltá-lo por sobre seus semelhantes¹⁴⁵ será o risco aceitado no decurso do texto.

[Ingresé en el] '61, estaba de las 6 de la mañana, plegaba la cama y ahí nomás me ponía a estudiar, los acomplejé a todos los santiagueños crónicos porque yo rendí al final del primer año de Medicina, rendí Anatomía, Histología, de primer año, aprobé primer año, y ahí nomás ese fin de año rendí Anatomía topográfica, de segundo, y Microbiología, de tercero, cuando empecé segundo año tenía cuatro años (..) no le daba bola [otorgaba importancia] a nada de lo que pasaba afuera. (C. S., 12/05/12)¹⁴⁶[Aclarações nossas].

Assim começa seu relato um estudante *santiagueño*, quem destacava entre seus pares pela intensidade da dedicação ao estudo. Esta contração fica marcada, mesmo, pelo reconhecimento de um mundo exterior que era eleito ser ignorado. Devia conquistar sua meta: obter sua titulação de médico. Carlos ordena seu relato cronologicamente. Isso pode se advertir no fragmento a seguir, onde lembra com precisão o ano e sob que circunstâncias é afiliado. Aqui, uma relação pessoal o realiza um primeiro convite ao mundo exterior.

En el año 64 Panchito (..) que vivía al frente y era hijo de tintorero, él laburaba todo el día, pasaba con la ropa colgando en las perchas para entregarlas, nos hacemos amigos y él me afilia a la Juventud Comunista, en una charla que dan en la plaza Del Barco (..) sobre la Revolución cubana, me afilian con el espíritu de la Revolución cubana y con la muerte de Stalin y el surgimiento de Kruscheff, o sea la desestabilización de la Unión Soviética, todo esos aires eran nuevos: Revolución cubana, Fidel, el Che, Kruscheff, (..) todos esos aires nuevos me inspiran y yo me afilio. A pesar de afiliarme sigo estudiando como loco, no me convencían que participe mucho, [luego] empiezo a participar en las asambleas del Centro de estudiantes de Medicina de la FUC de Kozak (..) donde había mayoría de la gente de Kozak, la izquierda que lo acompañaba a Kozak era una izquierda interesante porque era muy anti PC, hay que recordar que a mí cuando me afilian a la Juventud Comunista, el PC de Córdoba venía de un golpe muy duro que fue la fracción del '63 (..) había mucho anticomunismo por parte de todos los dirigentes estudiantiles de los Centros de estudiantes de Kozak. (C. S., 12/05/12).

¹⁴⁵ (Cfr. Levillain, [1996] 2003: 176).

¹⁴⁶ Carlos Scrimini. Oriundo da Província de Santiago del Estero. Médico. Presidente da FUC 1968/1969. (Documento elaborado com o autor).

Aproximar-se a outras práticas estudantis, relacionadas ao contexto cosmopolita, e as influências deste sobre as práticas é a primeira mudança que opera sobre ele. Mesmo ele faz destaque que ainda não desejava se apartar de seu caminho de estudante a tempo integral. Posiciona personagens que se tornam referência na estruturação do relato, onde há uma primeira caracterização sobre posições políticas, inserindo elementos da história coletiva. Coloca sua incorporação em um momento de crise partidária onde, além do mais, a agrupação ocupa um espaço marginal no esquema das agrupações reformistas que lideravam a federação.

En el año 66 ahí creo que hay una inflexión importante, porque ahí se equivocan todos, ellos también, Pancho Aricó, Pasado y Presente, que lo asesoraba mucho a este grupo de la FUC (..) el PC tiene cabeza cierta en la caracterización del Golpe de Onganía, yo creo que es el 'momento de oro' del PC, caracteriza bien el Golpe militar y en eso le saca ventaja a los Centros de izquierda que sobrevalora el poderío de Onganía y pasa a la ilegalidad (..) y también le pasó, le saca ventaja al peronismo que queda atrapado por la interpretación de Perón, de que Onganía era un general nacionalista y como habían derrocado al gobierno radical estaban medio contentos. (C. S., 12/05/12)

Neste fragmento se advertem as diferenças entre o próprio e o alheio. Assim, se uns erram, outros, no seu auge, alcançam uma vitória. Neste parágrafo encontramos a justificativa do relevo. A agrupação que liderava a FUC foi superada pelos acontecimentos; porém o grupo que concorreria pela liderança nas ações futuras ainda não tinha provocado uma nova definição ideológica, o Integralismo. Entre a aceitação de uma ordem da autoridade ilegítima e a suspensão das ações, o MUR deu com sua vantagem. Estes sujeitos políticos alternariam ao longo do período com convergências e diferenças, também mudem seus interlocutores ou obtenham novas características.

El Partido [PC] nos mandó el mismo día del golpe, al otro día sale con volantes denunciando que este era un golpe fascista corporativo, fascista de los grandes monopolios. Y era cierto y mandaba a pedir la unidad de todas las fuerzas populares para evitar que se consolidara, esa era la consigna y nosotros (..) salimos a dar batalla, pero éramos los únicos y (..) el resto de la izquierda cerró los Centros de estudiantes (..) ellos aplican el estatuto nuevo a la universidad de la dictadura (..) y el Partido decía que había que abrir los Centros y luchar con la masa, nosotros salimos a volantear en todos lados éramos unos irresponsables (..) me paraba en una mesa en pleno Comedor universitario, que era impresionante la gente, ese salón completo que ni se veía la punta, todas mesas, miles de estudiantes comiendo simultáneamente turno por turno y ahí aprovechábamos, (..) al grito de "muera la dictadura" empezábamos con la arenga, todos decían que estábamos locos, pero iba creando un clima de

ebullición y ahí nosotros empezamos a ganarle las masas al kozakismo, que desaparece de la lucha. (C. S., 12/05/12) [Aclarações nossas].

Aquilo que pode observar-se neste momento do relato é o reconhecimento à autoridade do Partido, e a uma organização que estava pronta para tomar uma posição. A validez dos argumentos, sob o olhar dos militantes, estimulou-os a realizar ações, ainda que, agora no presente, avaliem-se como ousadia. Este ponto se fortalece, além do mais, com a utilização de uma palavra que se refere ao confronto: batalha; e que esta era realizada em solidão. Igualmente, aqui, há um posicionamento contra a aceitação do *statu quo*, que transcende o propriamente estudantil. Porém, elementos de coragem individual teriam funcionado para reforçar a mensagem, diferenciar-se ante seus pares, e obter a vanguarda. Mais um elemento para analisar, o Golpe produz a transformação no narrador. Daquela descrição dos fatos, os erros das agrupações alheias e os acertos do Partido; logo o narrador se inclui como aquele que aceita a diretiva. Uma legitimidade ganhada pelo Partido, sobre um militante pronto para tomar seu destino. Houve um estudante profissional, o ‘estudante puro’ que alertava Deodoro Roca em 1936; houve um filiado que chega no momento de crise; e houve um sujeito político, que assume o risco de sair. Da sala de aula até orador de comícios intempestivos.

Entonces tanto militar y hacer actos relámpago, repartir volantes ocurre lo de Cerda que está narrado ahí, creo que el 16 de agosto del ‘66, eso marca también otra cosa, el baleamiento de Cerda es el disparador de todos los actos relámpago porque es la primera ocupación del barrio Clínicas, esa vez que se ocupa el hospital de Clínicas (..) por primera vez con fogatas, oscurecimiento, se rompen los focos y se ocupa el barrio Clínicas toda una noche, ese es el antecedente más fuerte del Cordobazo y el antecedente más fuerte de toda la lucha posterior, que se fortalece desgraciadamente con el asesinato de Pampillón, ahí había una discusión entre el Integralismo y la FUC de la lucha; se hacían asambleas de continuar la huelga, el Integralismo era muy de continuar la huelga y la FUC, que no dirigíamos nosotros todavía, era de levantar la huelga para que los estudiantes pudieran ir a sus lugares y poder tenerlos para seguirlos arengando, discutiendo (..) finalmente esa discusión se borra cuando lo matan a Pampillón (..) En esa lucha que se forma la Mesa de agrupaciones estudiantiles que funcionaba en la clandestinidad y consigue que el gremio Foecyt, dirigido por los comunistas, le presten local, imprenta, le dé plata y ahí funcionaba una Mesa, grande, [de] todas las agrupaciones estudiantiles, que dirigía la lucha y la huelga. (C. S., 12/05/12) [Aclarações nossas].

Entre as atividades de militância partidária, neste contexto, tem parte um acontecimento por fora das cronologias localizadas temporalmente: ‘lo de Cerdá’. Esta ocorrência, como já foi mencionada, marca um antes e um depois nas apropriações do espaço público como espaço de luta pelos estudantes. Breves interrupções ou atividades com maior proximidade às práticas comuns da atividade de militância estudantil são arrojadas da cena pela cassação, no espaço cotidiano, de formação. A origem destas ações se afirma como antecedente claro do *maio cordobés*, resgatando um passado de lutas para o acervo dos estudantes. Neste relato se apoia o narrador para retomar as duas posições das organizações com maior capacidade de convocatória a fim de ilustrar uma discussão valiosa e como é barrada por outro acontecimento trágico: ‘*cuando lo matan*’. Esta outra ocorrência por fora do tempo medido em datas inaugura um novo período, onde as diferenças se deslocam na procura de uma identidade comum. São alternadas as primeiras assembleias, entre *integralistas* e *reformistas*, pela força dos acontecimentos. Uns que haviam crescido às margens da representação das instituições da Reforma e outros que ainda conservavam a tradição e resistiam à ilegalidade. Aqueles debates que foram fechados, no interior de cada uma das agrupações ou da federação, foram lançados ao exterior. O caráter massivo e a modalidade clandestina das convocatórias colocaram os estudantes nas ruas de Córdoba. Sob essas condições é que matam Pampillón. Destaca-se, logo, a incidência da estrutura partidária para a conquista de outros espaços de apoio para os estudantes nestes momentos críticos do confronto.

La consigna del XII Congreso del Partido Comunista [1963], era también una buena consigna, decía: “Con las masas, todo; sin las masas, nada”, eso nos orientaba mucho a nosotros era como una brújula, nosotros no proponíamos ninguna medida que no pudiera ser entendida por el estudiante común, y eso nos llevó a triunfar más, entonces eso nos fue llevando a que tengamos que ganar esa asamblea y que en el ‘68 a mí me eligen presidente de la FUC en asambleas ilegales por supuesto, clandestinas facultad por facultad, y ahí hicimos un pacto con el MNR[Movimiento Nacional Reformista] que dirigía Ciencias económicas y algo de Ingeniería, como ellos eran minoría me dieron la presidencia a mí y ellos ocuparon otros cargos y nos llevábamos bien porque era buena gente. (C. S., 12/05/12) [Aclarações nossas].

A referência ao Partido Comunista (PC) se enlaça com as reclamações comuns dos estudantes e a habilidade das lideranças para mantê-los na palestra. Houve um horizonte sinalizado que se atrelava à necessidade de trabalho nesse período, entre os estudantes. Aquelas lideranças internalizaram a proposta partidária e a identidade foi

ainda mais completa. Assim, novamente se captura num mesmo fragmento a autoridade reconhecida, a história coletiva e a história individual. Finalmente, o narrador se coloca no quadro. A consecução de uma eleição em assembleias ilegais mantém o relato neste confronto com uma situação não reconhecida e da qual se começa a obter resultados positivos. Ao momento de narrar a conformação da nova composição da federação, não só advertimos a consecução dos objetivos ao lado de outra agrupação reformista, senão, além do mais, como é que era mantida essa modalidade de assembleias. A ilegalidade e a constante vigilância da ditadura, porém, fez disso um exercício habitual.

Acessamos dois segmentos da narração que destacam o vínculo das tarefas da agrupação com as atividades próximas aos estudantes.

Nosotros empezamos a ganar después del baleamiento de Cerdá (..) trabajábamos mucho en el comedor estudiantil y en un momento dado Nores Martínez le quita el presupuesto al Comedor estudiantil y entra en crisis, (..) daba de comer a 10.000 estudiantes (..) era nuestro centro de la militancia (..) y ahí pude acrecentar nuestra fuerza porque cuando ocurre eso armamos una gran asamblea con Azócar, me acuerdo de eso patente ahí, nos llevábamos bien [con el dirigente integralista Carlos Azócar], una asamblea enorme en el Comedor, prácticamente se iba a cerrar y tomamos el comedor hicimos un quilombo [desorden] muy grande, hicimos una marcha al rectorado y Nores pidió hablar con la comisión (..) a nosotros nos importaba que el comedor siguiera funcionando porque era el único núcleo político que teníamos (..) cuando volvimos al Comedor y dimos la buena noticia (..) y empezamos a afiliarnos a muchísimos al MUR, que era la agrupación de los comunistas, a paladas [en cantidades] teníamos afiliados y pasamos a ser una fuerza importante. (C. S., 12/05/12) [Aclarações nossas].

Assim, como já foram mencionadas, as marcas desde os acontecimentos ultrapassam as referências temporais, possivelmente devido ao imediato ou à celeridade das ocorrências. Em alguns momentos cobra os primeiros planos, uma sobre outra, segundo a relevância que impera sobre o narrador. O acontecimento não só permite começar uma abordagem política, rejeitando uma decisão autoritária que atenta contra um recurso conquistado. Além do mais, dá conta da dinâmica com os estudantes, daquele trabalho gremial ancorado na defesa dos espaços comuns, ainda quando fosse reconhecido como ferramenta necessária para a politização. Pode-se adicionar o valor que alcança a liderança, num fato destas características, que consegue, em termos pessoais, contribuir ao crescimento da organização. Destaca-se este fragmento,

especialmente, por conter a primeira referência à organização estudantil *Movimiento de Unidad Reformista* (MUR), que contava com apoio do PC.

Havia que conquistar as vontades da maioria dos estudantes, para fazer de uma pequena agrupação a vanguarda política. Com essa finalidade e por conta que,

Estaba anulada la actividad normal en los Centros, lo nuestro era casi exclusivamente tomando reivindicaciones, que en esa época empezó siendo el cercenamiento del tripartito. La primera consigna era “por el tripartito por la autonomía, contra la dictadura militar” y después cuando ellos [las autoridades universitarias de la dictadura] empezaron a implementar los ingresos, ese fue también otro elemento de lucha. Pero sobre todo era una lucha muy política, yo creo que se hace una renovación de la militancia, los que militaron en los Centros estudiantiles antes, ordenados, democráticos, con apuntes, bares y demás, teatro y todo eso queda desconcertado y pasa de otra generación que empieza a luchar contra la dictadura. [Carlos] Azócar dice que [el Cordobazo] nació en la calle, está bien esa expresión, porque ellos [la dictadura] intervienen la universidad, rompen el tripartito, cierran los centros y ¿qué nos deja?, nada más que la calle y la lucha política y alguna reivindicación. Nosotros siempre tratábamos de tomar las reivindicaciones porque sino el estudiante común que no estaba politizado no nos iba a acompañar, pero inmediatamente tomamos la determinación de politizar, porque no había otra cosa que luchar contra la intervención. El decano y el rector eran siempre enemigos puestos por la dictadura, no había negociación posible. (C. S., 13/05/12) [Aclarações nossas]

O Golpe barrou a possibilidade de desenvolver as tarefas próprias dos estudantes no seu espaço natural, mas foi incrementada essa tensão com outras intervenções sobre aquilo que os reformistas consideravam direitos já conquistados. Além do mais, o caráter anômalo favoreceu uma renovação de lideranças, que puderam adaptar-se melhor aos novos tempos autoritários. Uma época dourada para a cultura democrática universitária fica no passado com o Golpe, mas enlaçou uma identidade. Reivindicações, rua e luta política é o conjunto que lança os estudantes na conquista imediata da democracia perdida. Também, fosse preciso aceitar a existência de outro, que se opunha outorgar aquilo.

Nosotros siempre pedíamos reivindicaciones, o que pedíamos nueva mesa de examen, o que el profesor de fisiología era un tipo muy jodido [difícil] y le hacíamos una huelga y tomábamos la escuela práctica. Nosotros nos queríamos ocupar más de la reivindicación estudiantil, era pequeño el margen que había, ahora los grupos de izquierda eran mucho más potenciales, planteaban la revolución socialista, o el paro general por tiempo indeterminado, revolución, nosotros lo que queríamos con ellos [era] que había que atender las cuestiones reivindicativas, económicas de los estudiantes, nosotros por línea política teníamos que atenernos a eso, pero no había mucho margen, me parece porque

no tenía local, imprenta, [nada], uno se educa en eso solamente en el combate con la dictadura. (C. S., 13/05/12) [Aclarações nossas].

As problemáticas próprias dos estudantes, referidas neste caso à faculdade de Medicina, continuam a argumentação sobre o vínculo entre a agrupação e os estudantes em seus espaços cotidianos. Assim foi visualizada a agrupação. Além do mais, trazem à palestra as diferenças com outras organizações do período. Houve uma pequena margem de manobra entre as recomendações partidárias e a prática efetiva. Porém, a negação de outro exercício político, com a irrupção da ditadura, provocou outras aprendizagens e o foco no objetivo primordial amalgamou a luta.

No referente às relações entre as lideranças e os estudantes há duas pontuações: sobre a intensidade da politização no conjunto e sobre adesão destes às propostas daquelas.

[El Integralismo] *tenía, como agrupación mayoritaria, muchos estudiantes del interior entre los cuales estaba Azócar y otros más. Después se izquierdizan; y el Integralismo estaba ligado a curas, entre ellos a curas ‘obreros’ y, entre ellos, curas ‘del tercer mundo’, por eso se da ese giro también. Y después se ‘mete’ [la revista y los intelectuales católicos de] Cristianismo y Revolución, y se revoluciona la Universidad Católica. Uno no se da cuenta pero iba girando a la izquierda. No me olvido, en una de las corridas de los estudiantes con la policía atrás, que L., se me grabó, era un dirigente estudiantil (..) integralista, conservador, de derecha (..) creo de Ingeniería, en plena corrida me agarra del brazo me dice “Scrimini, vos que sos comunista ¿no puedes conseguir armas?”.* (C. S., 12/05/12) [Aclarações nossas].

Después del 66 del enfrentamiento tan prolongado de Cerdá, Pampillón y todo eso se había movilizandando tanto, habían hecho tanta barricada, tanta ocupación de barrios, tantas veces perseguidos por la policía, que estaban polarizados contra la dictadura, entonces ellos, enganchaban rápidamente para ir, si la propuesta era inteligente y se veía unitario. (C. S., 13/05/12).

Num breve fragmento da narração há uma conexão entre a procedência geográfica dos estudantes, sua pertença a uma agrupação, seu contato com outros sujeitos do período e, finalmente, uma referência do universo cultural. A intensidade da politização direcionava-se à esquerda. Mais uma vez os estudantes fugiam da repressão e, mesmo outras expressões ideológicas, irmanadas nas ruas, procuravam saídas antes inacreditáveis. Numa liderança claramente identificada é possível, além do mais, condensar os imaginários de um tempo vertiginoso. A reiteração, o convívio com o perigo, a cotidianidade de uma violência contra o exercício da política, as novas formas

de luta na rua foram aqueles elementos que amalgamaram os estudantes. Houve, fundamentalmente, um comum inimigo e uma leitura de ações num marco, paradoxal, de racionalidade.

Na narração demos com novos elementos para compreender a particularidade desta agrupação. Havia nascido desde as cinzas, depois do racha de 1963, na faculdade de Medicina¹⁴⁷. Devido a seu trabalho firme e a fortaleza de sua militância, esse reduto foi uma das fragilidades da hegemonia *kozakista* na FUC¹⁴⁸. No relativo à sua origem e à sua posição ideológica, a raiz das ideias que animaram os debates e as influências principais faz destaque de duas referencias. Neste sentido, o Movimiento de Unidad Reformista (MUR)

[Era una creación] *del Partido [PC] para poder tener su participación política estudiantil, [en] aquella época de Kozak, una agrupación dentro de la FUC, pero era producto minoritario, fue creciendo, pero antes era muy minoritario y era muy difícil diferenciar, todo el mundo sabía que el MUR era eso.* (C. S., 13/05/12) [Aclarações nossas].

No relato se aloca o tamanho da agrupação, dentro de um tempo específico e um coletivo. Porém, as condições de dificuldade para o crescimento correspondem a um período onde a agrupação majoritária na esquerda reformista mantinha a condução. Aquele tempo foi ‘antes’. Depois viria o crescimento.

Nosotros [los militantes estudiantiles] queríamos que fuera una agrupación universitaria de forma amplia, a los que iban entrando a la agrupación ampliábamos lo que decía la Federación Comunista [Federación Juvenil Comunista, FJC], (...) era inevitable eso, nunca pudimos tener una agrupación de masa que se diferenciara mucho de la Federación Comunista, aparte en el Partido siempre hay una campaña permanente de afiliación de que todo lo que iba entrando iban ingresando. Había unos cuantos que no se afiliaban que eran militantes del MUR, pero en general casi todos se hacían comunistas y la formación que teníamos era casi todo material del Partido (...) Los materiales del partido eran revistas Cuadernos de cultura, Nueva Era, diarios, revistas internacionales que eran un socotroco [material] pesado que hablaban tanto de

¹⁴⁷ “Desmantelado casi totalmente el ‘sector universitario’ del PC por la emigración de sus mejores cuadros, el Partido se vió en la obligación de salvar lo poco que quedaba y reorganizar sus agrupaciones. Encargó la tarea, entre otros, a un estudiante de Ciencias Económicas, Gabriel Tovar, que dio inicio a su tarea con admirable tesón y diligencia digna de mejor causa, en medio de la hostilidad o la indiferencia de la mayor parte de la militancia reformista. No tuvo éxito, salvo en Medicina”. (Ferrero, 2009: 120).

¹⁴⁸ O *kozakismo*, originário na faculdade de Direito, estendeu sua influência aos outros Centros da UNC, com exceção do de Ciências Econômicas, sob comando do MNR e do de Medicina, o ponto mais débil “por la competencia interna de la reconstituída fracción comunista”. (Ferrero, 2009: 126).

Ucrania como del partido de Checoslovaquia o el de Afganistán, cuando chico no te olvidás de eso, era muy internacionalista el tema y la Revolución cubana que siempre seguía siendo un farrago, con todo lo que iba aconteciendo ahí. (C. S., 13/05/12) [Aclarações nossas].

No apelo ao ‘nós’, desses militantes estudantis, há desejos próprios além das trajetórias já demarcadas pela direção de sua pertença partidária. Destacável, do contexto da participação no meio universitário, é a proposta de construção com um grande núcleo de estudantes. Se forem ser vanguardas não seriam isoladas das propostas das grandes maiorias. As imagens com o mundo circundante tomavam ponto fixo no próximo e onipresente processo cubano. Reafirmavam suas diferenças, além do mais, com as instituições que reuniam os estudantes em instâncias superiores.

Después de la fracción del 67 nuestra conexión con la FUA queda cortada, porque todos esos cuadros se van al PCR [Partido Comunista Revolucionario] o a las FAR [Fuerzas Armadas Revolucionarias] y entonces los materiales de la FUA, que antes eran los materiales nuestros, por ese choque del partido [se pierden como conexión y apoyo de formación de los cuadros] (...) La pelea fue muy grande (...) eso se trasladó a la FUA y cortamos las relaciones, entonces ahí quedamos solamente como MUR y FUC ligada al PC. (C. S., 13/05/12). [Aclarações nossas].

A interrupção do vínculo, devido à mudança de linha política dos dirigentes da Federação nacional, deixa os estudantes comunistas isolados. Destaca-se a delgada linha que vincula as influências políticas na FUA e sua relação com outros níveis organizativos. Os estudantes comunistas *cordobeses* ficaram órfãos no referente à condução geral dos estudantes nacionais. Daqui em diante, ficou exposto que os militantes do MUR só poderiam apoiar-se nas redes militantes da geografia local. Assim, ganharam em autonomia.

Ese crecimiento [del MUR] se da y nosotros jugábamos un papel importante, de ahí que terminamos siendo muy amigos de Tosco, porque Tosco nos daba mucha bola porque éramos una fuercita importante en la Universidad y trabajaba mucho entonces con el sindicato, porque aparte de los otros sindicatos a nosotros no nos daban mucha pelota, yo me llevaba muy mal con la dirección de la CGT, un tal Settembrino, era el Secretario general (...) nosotros nos tirábamos contra los sindicatos porque no querían plegarse a la lucha contra la dictadura, nos dejaron solos en el 66, 67 y en el 68 (C. S., 12/05/12)

A relevância quantitativa, e pela qualidade da proposta, fixa-se, no relato, à possibilidade por meio da qual se desenvolveram as vinculações com os sindicatos. No personagem de uma liderança sindical se resgata o início de uma relação, devido ao

papel relevante da agrupação entre os estudantes. No relato, porém, se marca uma diferença com a maior parte do movimento sindical e não se esquece de um forte reclamo: a solidão na luta dos militantes estudantis contra a ditadura. Daquele confronto em solitário dos estudantes do MUR, entre seus iguais e ao momento da denuncia do caráter da ditadura, destaca-se, logo, a indolência geral dos sindicatos a fim de fazer oposição ao antagonista comum.

Houve, porém, espaço para a construção de outras relações no pequeno espaço da cidade.

Parte de la politización de los militantes obreros ocurre [por] el acompañamiento de los estudiantes en los barrios en el 66, 67, 68 hasta el Cordobazo, 3 o 4 años. Había muchos obreros en los barrios donde [vivían] los estudiantes en sus casas, que se parecían bastante porque eran tan humildes como los obreros y por ahí eran más humildes que los obreros, porque los obreros de SMATA tenían su 'Rastrojero' [utilitario de origem nacional], su casa, [en cambio] nosotros éramos unos 'muertos de hambre' [pobres], algunas veces ellos nos pagaban el asado y me acuerdo que la influencia de los estudiantes sobre obreros en los barrios era tan grande que se empieza a producir esa discrepancia entre el tradicional dirigente sindical burócrata del peronismo y esta clase joven de obreros que eran más revolucionarios. Yo creo que hubo mucha influencia estudiantil, porque esos 4 años de lucha contra la policía a los obreros jóvenes les gustaba y nos acompañaban. (C. S., 12/05/12) [Aclarações nossas].

Evidencia-se, assim, uma proximidade social naquela espacialidade pequena da cidade. Uma composição social dos estudantes é apontada no relato e nesse contato estreito se reduzem outras distâncias. A vanguarda da luta dos estudantes, sugere-se, acompanhou o crescimento político dos jovens trabalhadores. Por enquanto, não houve um *ethos* revolucionário. Foram as adversidades da vida cotidiana, numa trama de sociedade e cultura que se apertavam devido às opressões da ditadura.

Estas aproximações informais eram amparadas, além do mais, nas atividades políticas que levavam adiante as agrupações estudantis. Neste sentido, em ocasião de um conflito na IKA durante 1967, onde tinha arraigo o sindicato SMATA, o MUR realizou um proclama:

*Llamamos a los compañeros estudiantes a participar activamente en solidaridad con los obreros de Kaiser, colaborando con la CGT, formando comisiones en los barrios y pensiones, y hombro con hombro en la calle, como siempre junto a la clase obrera y el Pueblo...!*¹⁴⁹

¹⁴⁹ Panfleto do MUR, março de 1967, em: Gordillo, 1999: 211.

O trabalho militante, no espaço de influência dos universitários, cobrou ainda maior fôlego devido ao contato com as lideranças sindicais.

Tosco era el único sindicato, con [el dirigente] Malvar, radical, pero un sindicato chico, [de los] Gráficos, Malvar era un radical muy buen tipo, muy amigo de Tosco, muy amigo de los comunistas, que también prestaba el sindicato, era un sindicato chico, antes te había dicho que funcionamos en Foecyt que era sindicato comunista pero Onganía lo interviene, porque la verdad que durante todo ese año 66 si no hubiera sido por ese sindicato no sé si la lucha estudiantil hubiera tenido la envergadura que tuvo, ellos se inmolaron y nunca más fue un sindicato, a partir de ahí nos empezamos a recostar en Tosco y el sindicato de Luz y Fuerza nos prestó un gran apoyo. (C. S., 12/05/12) [Aclarações nossas].

Neste momento do relato, as referências aos sindicatos se produzem mediadas na personificação daqueles que os conduziam. Há um reconhecimento, um reajuste temporal a fim de trazer um potencial. O sindicato ligado estritamente aos comunistas se sacrifica com a finalidade de desenvolver seus ideais. Oferece-se aos militantes estudantis e concretiza seu propósito político. Sua entrega ritual é a origem de outra vinculação: a passagem até o sindicato que seria o protagonista dos anos posteriores e seu novo resseguro.

Nosotros estrechamos esa relación con Tosco nos tenía mucha confianza (..) el aporte estudiantil se lo llevábamos nosotros al Cordobazo (..) la alquimia del Cordobazo es Tosco y el PC. Se lo convence a Elpidio [Torres, Secretario general del SMATA, Córdoba] y Elpidio, lógico, quiere rescatar el Cordobazo para él porque en verdad por el aporte de masas que da es una cosa real, si él contribuye a eso no importa cuál es la motivación que tenía decididamente, así se escribe la historia. Nosotros contamos 3.000 estudiantes. (C. S., 12/05/12) [Aclarações nossas].

A solidão se supera com o apoio dos sindicatos e este se ganha na militância. No relato há uma luta originária contra a ditadura, isolada, levada adiante pelos estudantes que participavam do MUR. Por força da repressão, o autoritarismo no cotidiano, a carência de expectativas de uma pronta mudança das condições sociais, os ataques às conquistas gremiais dos estudantes, o declínio do ambiente acadêmico nas universidades, entre outros fatores fizeram confluír os estudantes para perseguir objetivos e práticas comuns. Desta maneira, estreitaram alianças amplas com outros sujeitos políticos do período que, mesmo tardiamente ou forçados por outras circunstâncias, lançaram-se à ofensiva nas ruas de Córdoba.

Os estudantes *cordobeses*, por causa da força de uma relação antagônica, deixaram de representar-se só a si mesmos e tiveram a pretensão de “*cubrir al conjunto comunitario, o al menos a una porción lo más amplia posible de éste*” (Aboy Carlés, 2013: 34). Este processo se realiza resignando a diferença específica que fundou sua identidade original com a finalidade de uma redução à unidade mediada pela assimilação, deslocamentos produto da negociação de sua própria identidade e assimilação dos adversários (Aboy Carlés, 2013). Por tanto, a identidade ao redor do nome *estudiante* é produto de uma disputa política pelo conteúdo e os limites da própria identidade.

Neste sentido, consideramos que, com o transcorrer das ocorrências, os estudantes *cordobeses* não só diluíram diferenças senão, além disso, assumiram-se como o sujeito que provocaria as mudanças profundas que demandava a estrutura social argentina. Com uma melhor precisão terminológica, produto de um forte antagonismo com a ditadura, os estudantes transitaram desde um processo de identidade até um de subjetivação política (Barros, 2006).

As particularidades do contexto temporal e espacial fizeram que os estudantes *cordobeses* se erigissem como uma força capaz de resistir às políticas ditatoriais. Os protestos gremiais, de suas origens, proclamavam desde um maior orçamento universitário até a discussão do papel da Universidade na sociedade da época. Porém, um prolongado conflito com as autoridades universitárias e o desafio constante nas ruas fez que programas políticos começassem a se identificar com a nomeação estudante. No referente, à palavra ‘estudiante’:

Ya no designa una universalidad abstracta, cuya ‘esencia’ se repetiría, bajo variaciones accidentales, en todos los contextos históricos, y se convierte en el nombre de un agente social concreto, cuya única esencia es la articulación específica de elementos heterogéneos que, mediante ese nombre, cristaliza en una voluntad colectiva unificada (Laclau, 2015: 141).

‘Estudiante’ identifica um nome particular que articulou demandas sob uma identidade política, um novo sujeito que interfere sobre a distribuição ordenada de uma sociedade, fazendo questão da autoridade e sua legitimidade para governar. Estes sujeitos conformaram sua identidade desde elementos e reivindicações próprias.

A fim de encerrar este apartado, apresentamos uma relação entre os antecedentes registrados na bibliografia já consolidada e uma procura focada na

perspectiva dos protagonistas. Estes ofereceram outro resultado, levando em conta a participação massiva dos estudantes nas jornadas do *Cordobazo*. O exercício do confronto nas ruas desde o Golpe foi se consolidando numa liderança renovada que ancorava suas reivindicações gremiais no contexto ditatorial. Assim, e como resultado de fatos trágicos, os estudantes se prepararam para participar daquele maio *cordobés*, organizados para a ação e a defesa frente às forças repressivas. Em alguns casos, o duplo apoio, no Partido e nos sindicatos, reforçou o corpo coletivo que resistiria à apropriação do espaço público. Fizemos visíveis nesta leitura a organização de extensa trajetória e o reclamo mantido no tempo de questões gremiais. Neste sentido, a participação massiva, não espontânea, pressupõe certa estrutura organizativa prévia, alguns processos em desenvolvimento desde a ocorrência do Golpe. Para que isso fosse possível, a iniciativa dos militantes do MUR de tomar posições em solidão contra o Golpe fez que aos poucos se transformasse num ponto de atração para demandas particulares e coletivas dos estudantes. As posições que se mantiveram à expectativa, por algum tempo, ou ficaram nas margens desse período estudantil –o *kozakismo*–, ou reformularam seus programas –o *integralismo*–.

Porém, estes tons cinzas não teriam sido percebidos caso não tivéssemos aprofundado num arquivo ou recolhido as extensas narrações de Rafael, Carlos, Rubén, Alberto e Carlos, o estudante Medicina. Aqui conclui nossa proposta, que adicionou a construção de uma liderança na conjuntura histórica. Sobre uma estrutura organizativa e sob determinadas condições, não poderiam ter tido sucesso umas jornadas com participação massiva sem a força das ideias guias do Partido e sem a condução, avaliada pelo prestígio ganhado nas assembleias universitárias. O fragmento de uma história coletiva foi relatado através da lente de uma história individual. Também, possivelmente, não se escreva dessa maneira a história e só seja o nosso trabalho ‘*contar*’ esses três mil estudantes.

Aprofundamos, neste capítulo, nas particularidades das organizações dos estudantes no percurso até o *Cordobazo*. Houve, no início do período aqui relatado, uma radical diferença com a FUA, que era hegemônica na linha partidária do PC e marginou outras leituras. A FUC recebeu influências não só desde uma *izquierda nacional*, mas também ficou enriquecida pelas leituras dissidentes do PC. Além do mais, no contexto, o Integralismo fez de sua bandeira do apoliticismo seu arraigo entre os estudantes

cordobeses. Com o decorrer de fatos dramáticos para o conjunto do reformismo, como a regulamentação do ‘Artículo nro 28’, ou da irrupção de novas realidades internacionais, em especial da Revolução cubana, muitas destas organizações produziram atualizações ideológicas. O terreno abonado pelo Integralismo e o crescimento da liberdade política no interior da Universidade, no período prévio, foi imprescindível para a vertiginosa politização que explodiu com o desfecho do Golpe. Organizações pequenas, sem antecedentes, com ideias germinais, em ambientes onde não deviam crescer, como a AES, cresceram e alcançaram grande destaque na politização dos estudantes. Organizações que tiveram a obrigação de se reconstruir, desafiaram as adversidades e levaram adiante um trabalho contínuo, organizado, ancorado em propostas gremiais e aproveitando as redes de solidariedade e luta. Nesse quadro foi que se constituíram novas lideranças que articularam reivindicações comuns e transformaram os estudantes naquela identidade que se descobriu na rua, confrontando a ditadura.

Em estreita vinculação com seu contexto, sob os postulados da Reforma universitária que os aproximou às necessidades concretas da sociedade, os estudantes insinuaram-se para formar parte de um novo mundo por vir. O Golpe configurou de uma nova maneira suas reivindicações e introduziu uma quebra. A visibilidade de um intenso antagonista, a ditadura civil-militar, não só traduz suas reivindicações em termos de confronto como também os conforma em sujeitos políticos. Sob este novo contexto, suas palavras de ordem se propuseram conter as demandas dos postergados, que não encontravam respostas com a vigência da ditadura. Os estudantes se consideravam irmanados com os trabalhadores na procura de maiores liberdades, uma vez que se propunham novos modelos para sua universidade. A ditadura estreitou o vínculo entre estudantes e trabalhadores nas ruas de Córdoba. A conquista de suas reivindicações, além do mais, estava sob a condição de obter um governo democrático. Naquele quadro, ou os estudantes continuavam na expansão de suas fronteiras políticas ou a ditadura exterminava essas esperanças. Entre o tempo de agosto de 1966 e o *Cordobazo*, produz-se o auge dessa identidade ‘estudante’. A eclosão dos confrontos na rua, a ascensão das organizações que propunham a luta armada urbana e a decomposição do regime com posterioridade ao *Cordobazo* diluíram esses sujeitos entre uma infinidade de posições, particulares e inconexas. Daí, o período sob estudo neste trabalho, de 1966 até 1969, foi aquele momento de conformação de uma identidade

‘estudante’ próxima ao ideário da Reforma e a um modo de exercício político. As condições em que se deu essa amalgama, de fatores estruturais e conjunturais, sob características específicas das organizações *cordobesas* e suas lideranças supuseram uma conformação única.

CONCLUSÃO

Ao longo destas páginas propusemos continuar aquela linha que os próprios estudantes lançaram desde a Reforma universitária. As ideias e ações que aconteceram em Córdoba, no período 1966-1969, tinham ecos daquelas que haviam sido sugeridas, mas adquiriram novas perspectivas. A Reforma foi ponto de encontro das questões que preocupavam os estudantes latino-americanos, influenciados por um ideário anti-imperialista e a confiança na juventude para a conquista do presente. Parte do sucesso da expansão do *movimento reformista* pela extensão da América Latina tem a ver com essas preocupações comuns na procura de uma originalidade para os habitantes destas latitudes. As vanguardas, culturais e políticas, mantiveram a presença desse ideário, às vezes só com alguma recepção nas salas de aula universitárias. Outros grupos produziram reflexões teóricas que permitiram refazer leituras do contexto com os debates do desenvolvimentismo, a modernização, a dependência, e, em particular, o novo papel que caberia aos estudantes formados naquele futuro promissório que se anunciava. Os anseios de conseguir finalmente uma aproximação aos problemas específicos locais resolviam o ponto do programa reformista: estreitar-se com o povo. Eles se realizavam profissionalmente ao mesmo tempo que contribuía para o engrandecimento da república. Os conhecimentos ficavam, assim, amarrados às sociedades que os continham.

Porém, as cidades eram outras e o impacto da modernização, a industrialização e a democracia nem sempre confluíram favoravelmente com os rumos da política. Os estudantes alcançaram níveis maiores de consciência, sobre a incidência dos fatos que aconteciam fora dos muros da universidade e suas repercussões no interior. Assim como a Reforma mudou o cenário da sociedade no início do século latino-americano, as transformações sociais da segunda metade do século XX eram aquelas que impactavam sobre a instituição universitária.

Uma maior politização dos estudantes ligava interesses econômicos e intromissões, que tentavam nortear os rumos destas sociedades dependentes. As transformações profundas no campo das ideias e, fundamentalmente, no contexto político latino-americano reforçaram o elemento anti-imperialista, que os estudantes sentiam parte de sua identidade. Novos projetos se abriam e outros eram abortados pela força das armas, porém as expectativas de um futuro melhor, com a juventude no plano principal, impulsionaram os estudantes a perseguirem outros desafios.

À procura duma originalidade para América Latina se adicionou, com o decorrer dos debates, a busca de uma característica destacável para os estudantes da região no papel em suas sociedades. Mas o perfil daqueles estudantes já tinha mudado, e não eram aqueles privilegiados que tentavam abrir espaços numa sociedade elitista, agora os estudantes eram parte das sociedades de massas que puxavam por melhorias no acesso à vida moderna. O ideário da Reforma deixou uma semente, e a crítica ao sistema de ensino continha a potencialidade de uma crítica social. As crises e os conflitos, naquele momento como então, seriam resolvidos no espaço da política, fora dos muros da Universidade. Os estudantes estavam convictos de seu papel principal e não cederam diante das frustrações que depararam a modernização e a dependência. Ao contrário, aprofundaram suas reivindicações para levar adiante as profundas mudanças que deveriam transformar suas sociedades, mesmo que contasse uma nova politização. Assim como a Universidade que desejavam os *reformistas* só alcançou seus objetivos com a participação dos estudantes no governo da instituição; a sociedade nova que desejavam os universitários *cordobeses* não alcançaria seus alvos até sua participação na íntegra no processo de mudanças que precisava a realidade.

Em Córdoba, estas características se assentaram devido à identidade dos trabalhadores, as particularidades da indústria, o modo em que se desenvolveu seu crescimento e como este acertou na particular conformação de uma força de trabalho, e maneiras próprias que programaram os líderes sindicais. Leituras corretas da realidade, em uma relação estreita com os operários, permitiram às lideranças sindicais saltar obstáculos políticos e manter vigentes as demandas até que chegassem melhores tempos para recobrar a participação no crescimento nacional.

Também, um conjunto de elementos confluiu no interior das Universidades. A democracia interna, a plena vigência dos postulados reformistas, e um rico e heterogêneo ambiente de discussão, debate e ações ao redor de novas ideias incidiram sobre o cotidiano dos estudantes. A universidade *reformista* foi um ambiente particular que, com grande circulação de ideias e uma relativa liberdade, permearam os muros porosos. Neste sentido foi que germinou na cidade um ambiente inédito, uma retroalimentação com a sociedade *cordobesa*, que anelava incorporar-se ao mundo a partir do acesso à cultura. Foi por isso que a cidade de Córdoba ofereceu um ambiente favorável ao entrecruzamento dos trabalhadores e os estudantes. Uma mão de obra

pujante, com grêmios orgulhosos de suas dessemelhanças com os modos das autoridades nacionais, estimulava contatos que iam além das tarefas nas usinas. Uma proximidade espacial dos estudantes e os trabalhadores fez sua contribuição para estreitar os vínculos. Assim, a proximidade da geografia permitiu salvar as barreiras sociais e hierárquicas. Os estudantes começaram a recuperar uma atenção, presente nos discursos alheios, das organizações sindicais; e próximos, dos referentes do campo das ideias. Ao mesmo tempo, os estudantes levaram adiante processos próprios e conseguiram, na inter-relação com os processos de outros sujeitos, desenvolver estratégias próprias para sua consecução, reformuladas e postas em prática com o decorrer dos fatos. Espaços próprios, mas transfigurados para o confronto com a ditadura.

Aquela cidade, além do mais, enchia-se de orgulho de sua tradição letrada. Havia, porém, aqueles que sonhavam com tempos passados de poder perdido. Mas o ambiente nas universidades, aberto e democrático, transformou-se demais como para aceitar esses projetos. Ao momento da ocorrência do Golpe, já havia começado uma viragem dos *reformistas* até posições à esquerda. Logo, a intensidade da politização aprofundou essa passagem entre as maiorias dos estudantes que exigiram mudanças não pela revolução, mas sim pelo fim da ditadura e a construção de uma democracia sem proscições e segundo as demandas de melhores condições de vida para toda a sociedade. Uma universidade que estreitava seus laços com o povo, desde as aproximações dos católicos pós-conciliares, as novas interpretações sobre o peronismo e os trabalhadores, e a viragem das maiorias para posições de confronto. Para a reconquista dos direitos perdidos no interior da universidade, resultou necessário aproximar-se aos programas das esquerdas, que estavam levando adiante uma leitura dos fatos com referência a novas leituras e expectativas de um futuro auspicioso. Assim, como houve aqueles que acharam possível uma sociedade sem peronismo e, logo, sem política, que concluiu em opressão e repressão; mesmo a Universidade --pensada sem política, pelo Integralismo, e sem política partidária, pelo *reformismo* dominante que antecedeu o Golpe-, deu com enormes obstáculos com as mudanças de época na América Latina e se encontraram num espiral de política com a irrupção da ditadura. Finalmente, aquelas posições das organizações estudantis, que batalhavam no cotidiano

por influenciar os estudantes para que a Universidade tomasse um rumo ou outro alternativo, confluíram num objetivo comum: o fim da ditadura.

As características originais da *Federación Universitaria de Córdoba*, isolada da referência nacional, contou com uma especial riqueza de seus debates onde conviveram a esquerda independente, os dissidentes do PC e os *integralistas* com seu peronismo incipiente. Algumas organizações se atualizaram ideologicamente; outras surgiram, devido a sua compenetração com a realidade ou ao calor dos confrontos nas ruas; e outras mantiveram suas posições e começaram a ganhar adesões ao ritmo da intensidade que ia abrangendo a política. Estudantes em início de curso contrariavam o destino e se descobriam no trabalho pastoral, como os estudantes da *Agrupación de Estudios Sociales*. Organizações existentes debatiam no seu interior sobre as inflexões que forçavam o novo contexto, como o *PRO 1918*, ou o *Integralismo*. Outro pequeno grupo, o *Movimiento de Unidad Reformista*, consolidava-se no principal centro político da UNC, lançava as expressões iniciais contra a ditadura e começava a propor planos de ação geral para o confronto. Assim, idéias sedimentadas em práticas concretas, foram enriquecidas, re-configuradas, apropriadas para uma conformação original da identidade estudante. Perante os grandes espaços de discussão de ideias que facilitaram as organizações de maior incidência nas datas prévias ao Golpe, o *Integralismo* e o *kozakismo*; outros estudantes se revelaram melhor preparados para o confronto direto. Os estudantes do MUR haviam sido educados nesse programa, em um conflito que só teria sido resolvido assim que cederam as forças dominantes sob a pressão das massas. O ser estudante, em Córdoba naqueles anos, conquistou-se a partir de um ideário comum. Ele se amalgamou, na prática, mas desde a mais completa autonomia. Sem incidência da FUA, sem a estrutura legal da FUC, sob uma direção informe, mas esperta e com seus alvos certos. Só contavam com alguns apoios partidários e sindicais locais. Foram os estudantes nas ruas aqueles que sinalizaram métodos e anteciparam as lutas por vir.

Se o peronismo se consolidou entre os trabalhadores através das regressões com as quais fora dominado pela ditadura da 'Libertadora'; os estudantes confirmaram uma relação ambicionada com os trabalhadores por conta da repressão cotidiana e compartilhada com a que os submeteu a ditadura de Onganía. Quando acontece um processo de politização vertiginosa, o campo da política se reconfigura até duas

posições antagônicas. Assim, houve divisão entre os estudantes, com as antigas fraturas da cena política que atravessava a Universidade; logo o confronto com a ditadura cristalizou o rasgão entre as maiorias nacionais e as minorias alheias.

A circulação de documentos e a inter-relação com outros sujeitos do período deram conta das ideias e as ações que marcaram os estudantes. Alguns debates, alguns partidos, algumas discussões mantiveram os rastros do anti-imperialismo. Porém, tinha tanta força essa ideia no meio universitário, no imaginário de uma identidade particular de estudante, que levantaram essa bandeira, mesmo ainda, grupos de estudantes que não se reconheciam parte das instituições herança da Reforma ou que haviam crescido sob a sombra das elites. Vanguarda da luta contra a ditadura, os estudantes resultam de particular relevância para dar conta de um processo de confronto. Nele, deram-se uma identidade para si, com programas e estratégias próprias. A maioria dos estudantes deu com que precisariam se politizar porque não bastava mais ser aluno para ser estudante. Os estudantes eram com outros e, nesse período, os outros se pareciam bem melhor a aqueles que haviam formado parte do programa da Reforma. Nos sindicatos, nas ruas, compreenderam que havia grandes maiorias, que há tempo estavam nas margens, econômicas, sociais e políticas. O inimigo comum ofereceu a aproximação final. Os planos de interesses alheios, cada vez com maior capacidade para influenciar com fundos nas universidades, alcançavam igualmente os ritmos de produção nas usinas e os direitos dos trabalhadores. A derrubada da ditadura oferecia a promessa de recomeçar, deixar de lado as experiências que ofereciam resultados prejudiciais para os trabalhadores e para uma democracia deprimida.

Assim, houve um tempo em que a incidência das idéias contribuiu para a elaboração de propostas e sua execução. Porém, algumas ideias formam parte de processos, de longa duração, no caso da conformação de uma identidade política, num contexto ideológico e cultural. Esses processos significam para os estudantes, suas organizações e seus líderes, a construção de uma identidade própria, em diálogo e em confrontação com outros sujeitos, num período específico. Algumas aprendizagens, mesmo inarticuladas, se acendraram em 1966, mas se aperfeiçoaram nos confrontos cotidianos que confluíram em 1969. As reclamações gremiais ficaram junto aos novos conflitos que desenrolava cada dia o inimigo comum. A violência contra os estudantes foi ao tempo simbólica, que barrou aquele espaço que permitia cobiçar sonhos de outra

sociedade; e física, que cobraram os estudantes *cordobeses* desde agosto de 1966. As tragédias moldaram os estudantes. Além daqueles dramas que ficaram marcadas no corpo, outras desenharam os rumos das ações. A realidade brindava-lhes só repressão. Houve uma identidade revelada nas ruas, nos confrontos com a ditadura e nas alianças com os trabalhadores. O sentido que alcançou o nome estudante incidiu sobre as organizações e as lideranças, que permitiram o desenvolvimento de ações solidárias com participação massiva.

Avaliamos que o fato de nos haver detido sobre o desenvolvimento de um processo, desconstrói a ideia de um episódio explosivo, sem controle, parte da fúria dos insatisfeitos. Além do mais, ao evidenciar os contrastes que afetavam as maiorias fizemos destaque da difusão de uma violência cotidiana, à frente das expressões de grande espectacularidade. Foi, além, o resultado não das trilhas das vanguardas armadas senão das maiorias em estreita relação com os sujeitos do período. Há papéis principais indiscutíveis nos acontecimentos, mas deter-nos sobre um processo de construção de um espaço próprio de outro sujeito, fora das luminárias, permitiu desvendar uma participação mais sigilosa. Só nos papéis. Ainda escutamos os ecos de um proclama a viva voz: *Muera la dictadura!*

BIBLIOGRAFIA

Obras citadas

- Aboy Carlés, Gerardo. “De lo popular a lo populista o el incierto devenir de la *plebs*”, em: Aboy Carlés, Gerardo; Barros, Sebastián y Melo, Julián. *Las brechas del pueblo. Reflexiones sobre identidades populares y populismo*. Buenos Aires: UNGS/UNDAV, 2013.
- Aboy Carlés, Gerardo. “Populismo y democracia liberal. Una tensa relación”, em: *Identidades*, Dossier 2, Año 6, 2016. Instituto de Estudios Sociales y Políticos de la Patagonia, Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales, Universidad Nacional de la Patagonia San Juan Bosco.
- Aboy Carlés, Gerardo. “Repensando el populismo”, em: *Política y gestión*, v. 4, Rosario: Homo Sapiens, 2003. Pp. 9-34.
- Albuquerque, José. *Movimento estudantil e consciência social na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- Alderete, Ana María. *El manifiesto liminar. Legado y debates contemporáneos*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2012.
- Altamirano, Carlos. *Bajo el signo de las masas (1943-1973)*. Buenos Aires: Emecé, 2007.
- Altamirano, Carlos. “Elites culturales en el siglo XX latinoamericano”, em: *Historia de los intelectuales en América Latina. (Vol. II). Los avatares de la ciudad letrada en el siglo XX*. Madrid: Katz Editores, 2010.
- Altamirano, Carlos. “Intelectuales y pueblo”, em: *Para un programa de historia intelectual y otros ensayos*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2005.
- Alvarez, Yamile. *Sacerdotes del Tercer Mundo y jóvenes católicos en la Mendoza de los '70: entre el compromiso social y la militancia política*. IX Encuentro Nacional y III Congreso Internacional de Historia Oral de la República Argentina. 2009. Mimeo.
- Arendt, Hannah. *Que es la Política?* [1950]. Madrid: Paidós, 1997.
- Arendt, Hannah. *Sobre la violencia* [1969]. Madrid: Alianza Editorial, 2006.
- Aricó, José. *Crítica del modelo político económico de la 'izquierda oficial'*. Córdoba: Cuadernos de la Federación Universitaria de Córdoba, 1964a.
- Aricó, José. *Reforma o revolución en América Latina*. Córdoba: Cuadernos de la Federación Universitaria de Córdoba, 1964b.
- Ariès Philippe. *O tempo da história*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- Badiou, Alain et al. *¿Qué es un pueblo?* Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2014

- Balvé, Beba; Balvé, Beatriz. *El 69. Huelga política de masas*. Buenos Aires: Contrapunto, 1989.
- Barrington Moore, Jr. *Los orígenes sociales de la dictadura y la democracia. El señor y el campesino en la formación del mundo moderno*. Barcelona: Península, 2000.
- Barros, Sebastián. *Tres conceptos de lo político y una política*. Segundas Jornadas de Estudios Sociales, UNVM, junio de 2000. Mimeo.
- Barros, Sebastián. "Inclusión radical y conflicto en la constitución del pueblo populista", em: *CONfines*, 2/3 enero-mayo, 2006. Pp. 65-73.
- Barros, Sebastián. "Terminando con la normalidad comunitaria. Heterogeneidad y especificidad populista", em: *Studia Politicae*, 20, otoño 2010.
- Bergstein, Jorge. *El Cordobazo. Testimonios, memorias, reflexiones*. Buenos Aires: Cartago, 1987.
- Bloch, Marc. *Introducción a la historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- Bonavena, Pablo et. al. *Apuntes sobre la formación del movimiento estudiantil argentino 1943-1973*. Buenos Aires: Final Abierto, 2010.
- Bonavena, Pablo et al. *Orígenes y desarrollo de la guerra civil en la Argentina (1966-1976)*. Buenos Aires: Eudeba, 1998.
- Bonvillani, Paola. "Unidad contra la dictadura 'fascista-corporativa': algunas lecturas del Partido Comunista Argentino sobre el golpe de Estado de 1966", en: *Revista Izquierdas*, Nro. 22, enero, Santiago de Chile, 2015. Pp. 110-132.
- Brennan, James. *El Cordobazo. Las guerras obreras en Córdoba, 1955-1976*. Buenos Aires: Sudamericana, 1996
- Brennan, James; Gordillo, Mónica. *Córdoba rebelde. El Cordobazo, el clasismo y la movilización social*. La Plata: De la campana, 2008.
- Brennan, James; Gordillo, Mónica. "Working Class Protest, Popular Revolt, and Urban Insurrection in Argentina: The 1969 "Cordobazo", em: *Journal of Social History*; Spring 1994; 27, 3. Pp. 477-498.
- Brignardello, Luisa. *El movimiento estudiantil argentino. Corrientes ideológicas y opiniones de sus dirigentes*. Buenos Aires: Macchi, 1972.
- Brignone, Elisa. "Movimiento estudiantil universitario de Córdoba en 1966-1976", Informe de Beca de Investigación Orientada 2006 'El movimiento reformista: actores, acciones, proyecciones' Dir. Silvia Romano. Córdoba, 2006. Mimeo.
- Buchbinder, Pablo. *Historia de las universidades argentinas*. Buenos Aires: Sudamericana, 2010.

- Califa, Juan S. “El movimiento estudiantil en la UBA entre 1955 y 1976. Un estado de la cuestión y algunos elementos para su estudio”, em: Pablo Bonavena et al. (Comp.) *El movimiento estudiantil argentino. Historias con presente*. Buenos Aires: Ediciones cooperativas, 2007.
- Cardoso, Fernando H; Faletto, Enzo. *Dependencia y desarrollo en América Latina*. México: Siglo Veintiuno Editores, [1969] 1999.
- Carvalho, José Murilho de. *La formación de las almas. El imaginario de la República en el Brasil*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1997.
- Cattáneo, Liliana; Rodríguez, Fernando. “Ariel exasperado. Avatares de la Reforma Universitaria en la década de 1920”, em: *Prismas*. Revista de Historia Intelectual, no. 4, Universidad Nacional de Quilmes, 2000.
- Ceballos, Carlos A. *Los estudiantes universitarios y la política (1955-1970)*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.
- Ciria, Alberto; Sanguinetti, Horacio. *Los reformistas*. Buenos Aires: Jorge Álvarez, 1968.
- Cooke, John. “El retorno de Perón” [1964], em: *La lucha por la liberación nacional*. Buenos Aires, Quadrata, 2007. Pp. 31-68.
- Crespo, Horacio; Alzogaray, Aldo. “Los estudiantes en el Mayo cordobés”, em: *Estudios*, Nro. 4, diciembre, 1994. Pp. 75-90.
- Córdoba, Aníbal. *El Cordobazo. Apuntes de un combatiente*. Córdoba: Editorial Anteo, 1971.
- Delich, Francisco. *Crisis y protesta social. Córdoba 1969*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, [1970] 1994.
- Díaz Alejandro, Carlos. *Ensayos sobre historia económica argentina*. Buenos Aires: Amorrortu, 1983.
- Di Tella, Torcuato S. *Historia de los partidos políticos en América Latina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.
- Doyon, Louise. “La organización del movimiento sindical peronista. 1946-1955”, em: *Desarrollo Económico*, v.24, nro. 94 (julio-setiembre 1984). Pp. 203-234.
- del Campo, Hugo. “Sindicatos, partidos ‘obreros’ y Estado en la Argentina pre-peronista”, em: Ansaldi, W. y Moreno, J. *Estado y Sociedad en el pensamiento nacional*. Buenos Aires: Cántaro editores, 1996.
- Dos Santos, Theotonio. *Teoría de la dependencia. Balance y perspectivas*. Buenos Aires: Plaza & Janés, 2003.

- Errasti, Virginia. “Asociaciones Estudiantiles de la Universidad Católica de Córdoba: sus relaciones con las autoridades, los sindicatos y otras agrupaciones estudiantiles”, En: Miguel Koleff (editor), *Universidad y Sociedad*, pp.259 a 274, Córdoba: EDUCC, 2007.
- Fanon, Frantz. *Los condenados de la tierra*. México: Fondo de Cultura Económica, [1961] 2003.
- Ferrero, Roberto. *Historia crítica del movimiento estudiantil de Córdoba*. Tomo III. Córdoba: Alción, 2009.
- Fico, Carlos. *O golpe de 1964. Momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2014.
- Flores, Gregorio. *Sitrac-Sitram. Del Cordobazo al clasismo*. Buenos Aires: Magenta W, 1994.
- Galasso, Norberto. *Aportes críticos a la historia de la izquierda argentina. Socialismo, peronismo e izquierda nacional*. Tomos I y II. Buenos Aires: Nuevos Tiempos, 2007.
- Galasso, Norberto. *Manuel Ugarte y la unidad latinoamericana*. Buenos Aires: Colihue, 2012.
- Galeano Marín, María Eumelia. *Estrategias de investigación social cualitativa. El giro en la mirada*. Medellín: La Carreta Editores, 2004.
- García, Gabriela; Musso, Carolina. “Prácticas político-culturales y construcción identitaria de estudiantes-trabajadores de la nueva izquierda. Córdoba. 1969-1976.” Tesis para la obtención de la licenciatura en Historia, UNC, 2009. Mimeo.
- González, Horacio. *Los asaltantes del cielo. Política y emancipación*. Buenos Aires: Gorla, 2006.
- González, Juan Ignacio. *Los niños del Cordobazo*. Córdoba: Espartaco, 2009.
- González, Juan Ignacio. “Imágenes del año cero. Estudiantes y política en la Universidad Católica de Córdoba”, en: Romano, Silvia (Ed.) *Colectivos y parcialidades política y sociales: los desaparecidos y asesinados de Córdoba en los '70*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2016.
- González Prada, Manuel. “El intelectual y el obrero”, em: *Manuel González Prada. ¡Los jóvenes a la obra!* Lima: Fondo Editorial del Congreso del Perú, [1905] 2008.
- González Prada, Manuel. “El 1 de mayo de 1907”, em: *Manuel González Prada. ¡Los jóvenes a la obra!* Lima: Fondo Editorial del Congreso del Perú, [1907] 2008.
- Gordillo, Mónica. *Córdoba en los '60. La experiencia del sindicalismo combativo*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 1999

- Gordillo, Mónica. “Los prolegómenos del Cordobazo: Los sindicatos líderes de Córdoba dentro de la estructura de poder sindical”, em: *Desarrollo económico*, v.31, n°122, julio-septiembre 1991. Buenos Aires: IDES, 1989.
- Groppo, Alejandro. *Los dos príncipes: Juan D. Perón y Getulio Vargas*. Villa María: Eduvim, 2009.
- Groppo, Alejandro. “Heterogeneidad y política en Bataille y Laclau”, em: *Studia Politicae*, 20, otoño 2010.
- Guevara, Ernesto. *Guerra de guerrillas*. Buenos Aires: Quadrata Editorial, 2003.
- Guevara, Ernesto. *El socialismo y el hombre en Cuba*. La Habana: Casa Editora Abril, 2007 (1965)
- Guevara, Ernesto. “Discurso al recibir el Doctorado Honoris Causa de la Universidad de Las Villas, 1959”, em: Sader, Emir; Gentili, Pablo; Aboites, Hugo (Comp). *La reforma universitaria: desafíos y perspectivas noventa años después*. Buenos Aires: CLACSO, 2008.
- Halbwachs, Maurice. *La memoria colectiva*. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2004.
- Haya de la Torre, Víctor R. “¿Qué es el APRA?”, em: *El Antiimperialismo y el APRA*, VV. EE. [1927].
- Henríquez Ureña, Pedro. "La influencia de la Revolución en la vida intelectual en México", em: Henríquez Ureña, P. *Estudios mexicanos*. México: Fondo de Cultura Económica, [1924] 1984.
- Henríquez Ureña, Pedro. "La utopía de América", em: Henríquez Ureña, P. *Universidad y Educación*. México: UNAM, [1925] 1969.
- Hernández Arregui, Juan José. *Imperialismo y cultura*. Buenos Aires: Continente/Pax, 2005.
- Inchauspe, Leandro. “La lógica de la guerra interna en las primeras etapas de la Revolución Argentina (1966-1970)” en: Tcach, César (Coord.). *Córdoba Bicentenario: claves de su historia contemporánea*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, [2010] 2017. Pp. 371-404.
- Ingenieros, José. "La revolución universitaria se extiende ya por toda la América Latina", em: Portantiero, Juan Carlos. *Estudiantes y política en América Latina. El proceso de la Reforma Universitaria*. México: Siglo XXI, [1924] 1978.
- James, Daniel. *Resistencia e integración. El peronismo y la clase trabajadora argentina 1946-1976*. Buenos Aires: Siglo veintiuno editores, 2010.
- Jameson, Fredic. *Periodizar los 60*. Córdoba: Alción Editora, 1997.

- Jelin, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2012.
- Jelin, Elizabeth. “Exclusión, memorias y luchas políticas”, en: Daniel Mato. *Cultura, política y sociedad. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- Jelin, Elizabeth; Kaufman, Susana (comps.) *Subjetividad y figuras de la memoria*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2006.
- Kaysel, André. “Crise, Hegemonia e Participação popular: o Nacional- Popular no Peru e no Brasil” em: *Revista Sul-Americana de Ciência Política*, v.1, n.3, 2013. Pp. 43-57.
- Klaiber, Jeffrey: "The popular universities and the origins of Aprismo", en *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 55, Nro. 4, Nov, 1975. Disponible en: <http://www.jstor.org/stable/2511950> Consulta: 24/10/2011.
- Kohan, Néstor. *De Ingenieros al Che. Ensayos sobre el marxismo argentino y latinoamericano*. Buenos Aires: Biblos, 2000.
- Laclau, Ernesto. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2015.
- Laclau, Ernesto. “La articulación y los límites de la metáfora” em: *Studia Politicae*, 20, otoño 2010.
- Lanusse, Lucas. *Montoneros. El mito de sus 12 fundadores*. Buenos Aires: Javier Vergara, 2010.
- Levillain, Philippe. “Os protagonistas: da biografia” em: Rémond, R (Org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- Madariga, José Luis. *Qué es la izquierda nacional? Introducción al socialismo*. [1969]. Buenos Aires: Ediciones del Sur, 2010.
- Marighella, Carlos. “Quem samba fica, quem não samba vai embora” [1968], em: Nova, Cristiane; Nóvoa, Jorge (Orgs.). *Carlos Marighella. O homem por trás do mito*. São Paulo: UNESP, 1999.
- Marín, Juan Carlos. *Los hechos armados. Un ejercicio posible*. Buenos Aires: Cicso, 1984.
- Martí, José. *Escritos sobre América*. Buenos Aires: Capital Intelectual, [1895] 2010.
- Martínez, Jorge; Garzón Maceda, Lucio. *La CGT Córdoba de La Falda al Cordobazo 1957-1969*. Córdoba: Unión Obrera Gráfica Cordobesa, 2009.
- Melgar Bao, Ricardo. *Las Universidades Populares en América Latina 1910-1925*, en *Estudios 11-12*. Córdoba: Centro de Estudios Avanzados- Universidad Nacional de Córdoba, Enero-Diciembre, 1999.

- Melo, Julián. “El Otro de sí mismo. Notas sobre populismo y heterogeneidad”, em: *Studia Politicae*, 20, otoño 2010.
- Melo, Julián. “Profetas, ángeles y demonios. Variación en torno al populismo, el liderazgo y el antagonismo, em: *Identidades*, Dossier 2, Año 6, 2016. Instituto de Estudios Sociales y Políticos de la Patagonia, Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales, Universidad Nacional de la Patagonia San Juan Bosco.
- Mella, Julio Antonio. *¿Puede ser un hecho la Reforma Universitaria?* [1925], em: Sader, Emir; Gentili, Pablo; Aboites, Hugo (Comp). *La reforma universitaria: desafíos y perspectivas noventa años después*. Buenos Aires: CLACSO, 2008.
- Mella, Julio Antonio. "¿Qué es el ARPA?", em: Mella, Julio Antonio. *Escritos y crónicas políticas* [1928]. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2010.
- Mignon, Carlos. *Córdoba obrera. El sindicato en la fábrica. 1968-1973*. Buenos Aires: Imago mundi, 2014.
- Mignone, Emilio. *Política y universidad. El Estado legislador*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1998.
- Millán, Mariano (Comp.) *Universidad, política y movimiento estudiantil en Argentina, entre la ‘Revolución Libertadora’ y la democracia del '83*. Buenos Aires: Final Abierto, 2014.
- Morello, Gustavo. *Cristianismo y Revolución. Los orígenes intelectuales de la guerrilla argentina*. Córdoba: EDUCC, 2003.
- Murmis, Miguel. “Tipos de capitalismo y estructura de clases: Elementos para el análisis de la estructura social argentina”, em: Murmis, M. et al. Buenos Aires: La rosa blindada, 1974.
- Murmis, Miguel; Portantiero, Juan Carlos. *Estudios sobre los orígenes del peronismo*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, [1973] 2011.
- Naishtat, Francisco. “(In)actualidad del *Manifiesto liminar* como polaridad del Centenario largo”, em: Alderete, Ana. *El manifiesto liminar. Legado y debates contemporáneos*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2012.
- Napolitano, Marcos. *1964: História do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- Noguera, Ana; Alzogaray y Vanella, Melina. “Lo personal y lo político. Mujeres y militancia estudiantil de la Nueva Izquierda en Córdoba, 1967-1976.” Tesis para la obtención de la licenciatura en Historia, UNC, 2005. Mimeo.
- Oliveira, Lúcia Lippi. “Diálogos intermitentes: relações entre Brasil e América Latina” em: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, n.14, jul/dez 2005. Pp. 110-129.

- O'Donnell, Guillermo. *Modernización y autoritarismo* [1972]. Buenos Aires: Prometeo, 2011.
- Paz, Octavio. *El laberinto de la soledad* [1950]. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- Pedano, Gonzalo. "El movimiento estudiantil y el Taller Total: debates sobre la Universidad" em: Romano, Silvia (Comp.). *Historias recientes de Córdoba*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2013.
- Peña, Milcíades. *Historia del pueblo argentino*. Buenos Aires: Emecé, 2014.
- Poerner, Artur. *O poder jovem. História da participação políticas dos estudantes brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- Pollak, Michel. "Memória, esquecimento, silêncio", em: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 2, Nro. 3, Pp. 3-15, 1989.
- Pons, Emilse. *El onganiato cordobés: de Martínez Zuviría a Ferrer Deheza (1966-1967)*. Documento de Trabajo n. 8, Serie Voces y Argumentos, Centro de Estudios Avanzados, Universidad Nacional de Córdoba, 2005.
- Pons, Emilse. "El fracaso del modelo autoritario en Córdoba y la ecolosión de la movilización popular (1966-1973)" en: Teach, César (Coord.). *Córdoba Bicentaria: claves de su historia contemporánea*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, [2010] 2017. Pp. 311-370.
- Pons, Emilse. "Gobierno y oposición política social en Córdoba (1966-1969)." Tesis para la obtención de la licenciatura en Historia, Universidad Nacional de Córdoba, 2008. Mimeo.
- Ponza, Pablo. *Intelectuales y violencia política 1955-1973. Historia intelectual, discursos políticos y concepciones de lucha armada en la Argentina de los sesenta-setenta*. Córdoba: Babel Editorial, 2010.
- Portantiero, Juan. *Estudiantes y política en América Latina. El proceso de la reforma universitaria (1918-1938)*. México: Siglo Veintiuno, 1987.
- Portantiero, Juan. "Estudiantes y populismo", em: Los trabajos y los días, Año 4, Nro 3. Facultad de Trabajo Social, Universidad Nacional de La Plata, 2012. Pp. 94-108.
- Portelli, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e voz, 2010.
- Portelli, Alessandro. "Memória e diálogo: desafio da história oral para a ideologia do século XXI", em: Moraes Ferreira, Marieta de (Org.) *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC Fundação Getulio Vargas, 2000.
- Pozzi, Pablo. *Historias del PRT-ERP*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2005.

- Pozzi, Pablo. “Los desafíos de la historia oral en América Latina”, en: *Historia, voces y memoria. Revista del Programa de Historia Oral*, pp.7- 18, Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras -UBA, 2014.
- Prieto, Rubén. “Hombres nuevos para un mundo nuevo”, em: AAVV. *La insurgencia estudiantil en el mundo*. Buenos Aires: Ediciones Anarquía, 1968.
- Puiggrós, Rodolfo. *Historia crítica de los partidos políticos argentinos. Pueblo y oligarquía*. Vol. I. Buenos Aires: Galerna, 2006a.
- Puiggrós, Rodolfo. *Historia crítica de los partidos políticos argentinos. Las izquierdas y el problema nacional*. Vol. III. Buenos Aires: Galerna, 2006c.
- Puiggrós, Rodolfo. *Historia crítica de los partidos políticos argentinos. El peronismo: sus causas*. Vol. V. Buenos Aires, Galerna: 2006e.
- Ramos, Jorge Abelardo. *Revolución y contrarrevolución en la Argentina. 5. La era del peronismo (1943-1976)*. Buenos Aires: Continente, 2013.
- Rancière, Jaques. *El desacuerdo. Política y filosofía*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1996.
- Rancière, Jaques. *Los nombres de la historia. Una poética del saber*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1993.
- Reis, Daniel Aarão et al. *História do marxismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1991.
- Ribeiro, Darcy. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- Ricoeur, Paul. *La memoria, la historia, el olvido*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.
- Ridenti, Marcelo. “Artistas e intelectuales brasileños en las décadas de 1960 y 1970: cultura y revolución”, em: *Historia de los intelectuales en América Latina*. Vol. II (Ed). Los avatares de la ciudad letrada en el siglo XX. Uruguay: Katz, 2010.
- Ripa Alberdi, Héctor: “Por la unión moral de América”, en Sader, Emir; Gentili, Pablo; Aboites, Hugo (Comp). *La reforma universitaria: desafíos y perspectivas noventa años después*. Buenos Aires: CLACSO, 2008.
- Roca, Deodoro. *Prohibido prohibir*. Buenos Aires: Capital Intelectual, [1927] 2010.
- Roca, Deodoro. “¿Qué es la ‘Reforma Universitaria’?”, em: *Flecha*, Nro. 14, 15 de junio, 1936.
- Rodó, José Enrique. *Ariel*. Buenos Aires: Editorial Tor, [1900] 1947.

- Romano, Silvia; San Nicolás, Norma. “La militancia de los destinatarios de la represión: entre la ‘inocencia’ y el ‘heroísmo’ ” em: Romano, Silvia (Comp.). *Historias recientes de Córdoba*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2013.
- Romero, Fernando G. (Comp.) *Los estudiantes. Organizaciones y luchas en Argentina y Chile*. Bahía Blanca: Libros en Colectivo, 2009.
- Romero, Ricardo. *La lucha continúa. El movimiento estudiantil argentino en el siglo XX*. Buenos Aires, Eudeba, 1998.
- Schenone, Gabriela. “El movimiento estudiantil en Córdoba durante la década de 1920. Cambios y continuidades luego de la Reforma Universitaria”. Tesis para la obtención de la licenciatura en Historia, UNC, 2008. Mimeo.
- Schmitt, Carl. *El concepto de lo político*. Madrid: Alianza Editorial, [1932] 2009.
- Schmitt, Carl. *Teoría del partisano. Acotación al concepto de lo político*. Madrid: Trotta, [1966] 2013.
- Schmucler, Héctor (Comp.) *Política, violencia, memoria. Génesis, y circulación de las ideas en la Argentina de los años sesenta y setenta*. La Plata: Al Margen, 2007.
- Schmucler, Héctor. “Formas del olvido”, em: *Confines* 01, abril 1995. Pp 51-54.
- Schmucler, Héctor. “El Cordobazo, la Universidad, la memoria”, em: revista *Estudios*, Nro 4, diciembre, 1994, Centro de Estudios Avanzados de la Universidad Nacional de Córdoba.
- Scott, Joan. “Experiencia”, em: *La ventana*, nro. 13, México, 2001, Pp. 42-73.
- Seminara, Luciana. *Bajo la sombra del ombú. Montoneros Sabino Navarro, historia de una disidencia*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2015.
- Sikkink, Kathryn. “Las capacidades y la autonomía del Estado en Brasil y la Argentina. Un enfoque institucionalista”, em: *Desarrollo Económico. Revista de Ciencias Sociales*. Buenos Aires, vol.32, nro.128, enero-marzo, 1993, Pp. 543-573.
- Sirinelli, Jean-François. “Os intelectuais”, em: Rémond, R. (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- Solari, Aldo. *Estudiantes y política en América Latina*. Caracas: Monte Avila Editores, 1968.
- Spilimbergo, Jorge Enea. *A questão nacional em Marx [1962]*. Florianópolis: Insular, 2002.
- Spinelli, María Estela. *De antiperonistas a peronistas revolucionarios*. Buenos Aires: Sudamericana, 2013.

- Tarcus, Horacio. “Le ‘Mai argentin’. Des lectures de la Nouvelle gauche jusqu'au Cordobazo”, em: *Matériaux pour l’histoire de notre temps* 2009/2 , N° 94, Pp. 85-92.
- Tcach, César. *De la Revolución Libertadora al Cordobazo. Córdoba, el rostro anticipado del país*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.
- Tcach, César; Philp, Marta. “Estado y Partido Peronista en Córdoba: una interpretación”, em: Tcach, César (Coord.). *Córdoba Bicentenario: claves de su historia contemporánea*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, [2010] 2017. Pp. 259-286.
- Tcach, César. “Policía y sacristía en una ciudad de enclave (Córdoba 1962-1963)”, em: revista *Estudios*, Nros. 11-12, Enero-Diciembre 1999, Centro de Estudios Avanzados de la Universidad Nacional de Córdoba.
- Terán, Oscar. *Nuestros años sesentas*. Buenos Aires: Puntosur, 1991.
- Terán, Oscar: “El primer antiimperialismo latinoamericano (1898-1914)”, em: *En busca de la ideología argentina*. Buenos Aires: Catálogos, 1986.
- Terán, Oscar: "La Reforma Universitaria en el clima de ideas de la `nueva sensibilidad'", en: *Revista Espacios*, no. 24, Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, 1999.
- Thompson, Paul. *La voz del pasado. Historia oral*. Valencia: Alfons El Magnanim, 1988.
- Thompson, Paul. “Historias de vida y análisis del cambio social”, em: Aceves, Jorge (comp.) *Historia oral. Parte II: Los conceptos, los métodos*. México: Instituto Mora-UAM, Pp. 117-135.
- Thompson, Paul. “Historia oral y contemporaneidad”, em: *Historia, memoria y pasado reciente*. Anuario nro. 20 2003/2004, Escuela de Historia, Facultad de Humanidades y Artes, Universidad Nacional de Rosario.
- Todorov, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Barcelona: Paidós, 2000.
- Toer, Mario (Coord.) *El movimiento estudiantil de Perón a Alfonsín*. (2 tomos). Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1988.
- Torre, Juan Carlos. “Interpretando (una vez mas) los orígenes del peronismo”, em: *Desarrollo económico*, v 28, n°112, enero-marzo. Buenos Aires: IDES, 1989.
- Torres, Camilo. *El sueño de Camilo. Selección de textos*. Buenos Aires: Luxemburg, 2010.
- Torres, Elpidio. *El Cordobazo organizado. La historia sin mitos*. Buenos Aires: Editorial Catálogos, 1999.
- Tortti, María (Dir.). *La nueva izquierda argentina (1955-1976). Socialismo, peronismo y revolución*. Rosario: Prohistoria, 2014.

- Tortti, María. “Protesta social y nueva izquierda en la Argentina del Gran Acuerdo Nacional”, em: Pucciarelli, Aldo (Editor), *La primacía de la política. Lanusse, Perón y la nueva izquierda en tiempos del GAN*. Buenos Aires: Eudeba, 1999.
- Tosco, Agustín. “Testimonio del Cordobazo” [1970], em: Lannot, Jorge y Amatea, Adriana. *Agustín Tosco. Presente en las luchas de la clase obrera*. Buenos Aires: Edigraf, 1984.
- Ugarte, Manuel. *La patria grande* [1924]. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2010.
- Universidad Católica de Córdoba. *Una historia con sentido. Los primeros 50 años de la Universidad Católica de Córdoba 1956-2006*. Córdoba: EDUCC, 2006
- Van Aken, Mark: “University Reform before Cordoba”, en: *Hispanic American Historical Review*, Vol. 51, No. 3, Agosto de 1971. Disponible en: <http://www.jstor.org/stable/2512691>. Consulta: 12/09/2011.
- Vélez, Ignacio. “Montoneros. Los grupos originarios”, em: *Revista Lucha Armada en la Argentina*, año 1, Nro. 2, 4-25. 2005.

Documentos e Fontes primárias.

- Agrupación de Estudios Sociales. Tucumán. *Informe de la Agrupación de Estudios Sociales de Córdoba* (1968). Córdoba, EDUCC, 2013.
- *Carta de Bahia*, em : Fávero, María de Lourdes de A. A UNE em tempos de autoritarismo. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2009.
- *Carta de Paraná*; Fávero, María de Lourdes de A. A UNE em tempos de autoritarismo. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2009.
- *Manifiesto de la Federación Universitaria de Córdoba* (1918), em: Alderete, Ana M. *El manifiesto liminar. Legado y debates contemporáneos*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2012.
- *Mensaje a los estudiantes*. Camilo Torres (1965). Disponible em: http://www.archivochile.com/Homenajes/camilo/d/H_doc_de_CT-0033.pdf (Data de consulta: 20/12/2015).
- *Mensaje de los dieciocho Obispos del Tercer Mundo* (1967). Disponible em: http://www.pf-memoriahistorica.org/PDFs/1967/PF_044_doc.pdf (Data de consulta: 20/12/2015).
- *Programa del Primero de Mayo* (1968). Disponible em: <http://www.cgtagentinos.org/documentos2.htm> (Data de consulta: 20/12/2015).
- Carasso, Humberto et al., *Síntesis estadística. 1968-1975*. Departamento de estadística UNC, 1975[?].
- Catarivas de Ansaldo, Victoria et al., *Treinta años de la Universidad 1968-2000*. Departamento de Estadísticas UNC, Córdoba, 2000.

Fontes orais.

- Documento elaborado com Carlos Scrimini, Santiago del Estero, 12/05/2012; 13/05/2012. Juan Ignacio González.
- Documento elaborado com Rafael Vaggione, Córdoba, 31/05/2012. Juan Ignacio González.
- Documento elaborado com Carlos Azócar, Córdoba, 08/06/2012. Juan Ignacio González.
- Documento elaborado com Rubén Arroyo, Córdoba, 18/05/2016. Juan Ignacio González.
- Documento elaborado com Alberto Cerdá, Córdoba, 24/10/2016. Juan Ignacio González.

Arquivos e Fundos. Jornais e Imprensa escrita.

- Archivo del Centro de Documentación Audiovisual, FFYH, Universidad Nacional de Córdoba.
- Archivo del Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de las Izquierdas en la Argentina (CeDInCI). (Folletos y Volantes). Buenos Aires.
- Archivo Universidad Católica de Córdoba.
- Arquivo Edgard Leuenroth, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. (cartazes, folhetos e periódicos). Campinas.
- Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.
- Biblioteca Centro de Estudios Avanzados, Universidad Nacional de Córdoba.
- Biblioteca José María Aricó, Universidad Nacional de Córdoba.
- Hemeroteca de la Legislatura de la Provincia de Córdoba.
- Centro de Documentación. Círculo Sindical de la Prensa y la Comunicación de Córdoba. Córdoba.
- Centro de Documentación Histórica. Sindicato de Luz y Fuerza de Córdoba. Córdoba.
- *La Voz del Interior*. Córdoba, 1966- 1969.
- *Los Principios*. Córdoba, 1966- 1969.
- *Cristianismo y Revolución*. Buenos Aires, 1968 y 1969.
- *Jerónimo*. Córdoba, 1968 y 1969.
- *Pasado y Presente. Revista trimestral de ideología y cultura*. Córdoba, 1963-1965, em: -----. Buenos Aires, Biblioteca Nacional, 2014.
- *Política, cultura y sociedad en los '70*. Buenos Aires, 1997.
- *Umbralos. Crónicas de fin de siglo*. Córdoba, 1999. Año 6, Nro. 11.

APÉNDICE

1.

Narra: Carlos Scrimini

Escuta: Juan Ignacio González

Lugar e Data do encontro: Santiago del Estero, 12/05/2012

Transcrição e edição: Raúl Allende e Juan Ignacio González

Revisão: Juan Ignacio González

Juan Ignacio– Bueno Carlos contáanos en qué año llegaste a Córdoba, cómo era tu casa y por qué llegaste a Córdoba.

Carlos– Yo soy el primer hijo profesional en esa familia, mi padre era gringo inmigrante casado con una criolla santiagueña, soy una mezcla de las dos razas mitad y mitad y éramos 9 hermanos y yo tenía un maestro regional, era una escuela normal regional que preparaba para ser maestro de campo enseñaba agricultura, apicultura y todas esas cosas y cuando termino... aquí había un mito alrededor de dos grandes maestros que hicieron historia en el campo, uno era el autor de Shunko, una obra literaria santiagueña que fue llevada al cine y el maestro lo representó Lautaro Murúa nada menos, y ese era Washington Ábalos, hombre que siendo maestro de campo, le llamaban “el bichero” porque estudiaba las arañas, las víboras y fundó aquí el centro de animales regionales, les extraía el veneno para producir vacunas o suero antiofídico, ese era un hito nuestro y se especializó en vinchuca en el Chagas y el otro era Domingo Bravo, el gran traductor de quichua, que hizo el diccionario de quichua, esos dos eran maestros rurales y nosotros los idolatrábamos y yo estaba preparado para eso y mi padre me dice “qué te parece si...” –él sabía que me gustaba la medicina– “...si te vas a estudiar medicina”. No creí que él pudiera bancarme y me mandó... vivíamos a media cuadra de la estación del ferrocarril Mitre y me puso en el tren que había en esa época era muy barato a Córdoba, a la estación Mitre –legendaria también– y me fabricó una cama que se plegaba y que abajo tenía como un roperito, un cajón grande y se plegaba como sillón con colchón y todo. Con esa cama un taxista me cargó –solamente en Córdoba– llegamos con una cama enorme arriba de un taxi al barrio Alto Alberdi donde vivía un grupo de santiagueños, estudiantes crónicos que había ahí y siempre hay lugar en una pieza que agregabas una cama y convivías con ellos. Hermosa etapa esa de estudiante pobre, pero lleno de aventuras, en barrio Alto Alberdi pegado a barrio Clínicas. Esa casa era de santiagueños, dos departamentos de santiagueños, a la par estaba la casa de los sanjuaninos, que te cuento que ahí vivía Varas el que después fue ministro de economía de Atilio López y de Obregón Cano y que lo asesina la Triple A. Al frente había una gran casa de mendocinos, como era típico barrio estudiantil, no teníamos un mango pero nos divertíamos mucho y como no podíamos ir ni al centro ni consumir nada, era una fiesta en el barrio, era campeonatos de truco, campeonatos de ajedrez, que se hacía mucho, juntarnos a tomar mate y contar cuentos, o guitarreadas. Llegué a Córdoba y la ropa que llevaba, como si me hubiera signado, la ropa que llevaba me la regala una tía que tenía un hermano que había muerto de cáncer pulmonar fumaba también, estudiante avanzado de Derecho de Córdoba, le llamaban el Toto Herrera muy conocido en

Córdoba, porque era un joven comunista muy estudioso, yo leía la biblioteca que él había dejado aquí con José Ingenieros... con todos esos intelectuales de esa época y me regaló toda la ropa que me andaba justo porque tenía mi misma estatura, yo caí con todas las pilchas de él a Córdoba y empecé a estudiar medicina y también iba a estudiar bellas artes, yo hacía pintura, me enloquecía la pintura, pero no me dio el cuero y seguí medicina nada más, mi papá me dijo “no te mandé a estudiar pintor estudié medicina” y seguí medicina me gustaba mucho, los 3 primeros años me dediqué exclusivamente...

Juan Ignacio– ¿En qué año fue?

Carlos– 61, estaba de las 6 de la mañana, plegaba la cama y ahí nomás me ponía a estudiar, los acomplejé a todos los santiagueños crónicos porque yo rendí al final del primer año de medicina rendí anatomía, histología de primer año, aprobé primer año, y ahí nomás ese fin de año rendí anatomía topográfica de segundo y microbiología de tercero, cuando empecé segundo año tenía cuatro años, pero estudiaba como un tarado, estudié anatomía en los libros 4 libros me los tragué y hasta Anatomía Comparada de los humanos con los otros animales estudié, nadie me había asesorado yo creía que había que tragar todo eso y no le daba bola a nada de lo que pasaba afuera, que era la universidad democrática con centro de estudiantes, con Illia gobernando... –todavía no Illia–, porque yo viví el golpe de azules y colorados 62, después viene Illia, Guido y todo eso, pero era una universidad en ebullición, muy izquierdizada evidentemente, todos los pensamientos nuevos de Europa llegaban ahí y en Europa la izquierda dominaba también. En el año 64 Panchito Vivar que vivía al frente y era hijo de tintorero, él laburaba todo el día pasaba con la ropa colgando en las perchas para entregarlas, nos hacemos amigos y él me afilia a la Juventud Comunista, en una charla que dan en la plaza Del Barco ahí a una cuadra, yo vivía en 9 de Julio al 2525, a una cuadra estaba la plaza del Barco y dan una charla los comunistas sobre la revolución cubana, me afilian con el espíritu de la revolución cubana y con la muerte de Stalin y el surgimiento de Kruscheff o sea la desestabilización de la Unión Soviética, todo esos aires eran nuevos: revolución cubana, Fidel, el Che, Kruscheff, el destape de todos los crímenes de Stalin, aparecía como democratizándose el socialismo soviético, todos esos aires nuevos me inspiran y yo me afilio. A pesar de afiliarme sigo estudiando como loco, no me convencían que participe mucho, empiezo a participar en las asambleas del centro de estudiantes de medicina de la FUC de Kozak, ahí me hago amigo de Rody Vittar que era santiagueño estudiaba conmigo medicina, pero él era mal estudiante, no le iba bien, no entendía nada, no se dedicaba y se dedicaba a una novia que tenía no me olvido, e iba todos los días conmigo a estudiar y él me pide que lo afilie también a la juventud comunista, se afilia, al tiempo viene y me pide que lo desafilie enojado porque no le habían publicado una poesía que había mandado a editar; después se hace peronista y tiene gran éxito en el peronismo, termina siendo diputado, en la TV aparece cuando Perón lo echa. Empiezo a participar en el Centro de Estudiantes de Medicina y eso me entusiasma en el año 64, en el 65 me voy al congreso de la FUA que te contaba hace un rato, que era un congreso impresionante que reunía todas las fuerzas estudiantiles del país con una pléyade de dirigentes de todos los centros de estudiantes de la UBA que tenían alto nivel, el presidente que no me acordaba hace un rato que actualmente sigue siendo psiquiatra, no sé si ha muerto los otros días Sergio Rodríguez se llamaba, el presidente del centro de filosofía es un filósofo me voy a acordar el nombre, esa UBA era muy revolucionaria nos impulsó mucho más, las discusiones libres fueron de alto nivel político, la universidad muy democratizada, existía

EUDEBA, el centro de estudiantes de medicina tenía una imprenta impresionante en la misma facultad de Medicina, bares, tenían un presupuesto bárbaro se manejaban por todo el país, Latinoamérica y la impronta de la revolución cubana con todas sus experiencias, de alfabetización de (...) todo eso influía muchísimo y la democracia que existía en la época de Illia en la universidad, entonces yo ahí participaba en las asambleas del centro de estudiantes de medicina, donde había mayoría de la gente de Kozak, la izquierda que lo acompañaba a Kozak era una izquierda interesante porque era muy anti PC, hay que recordar que a mí cuando me afilian a la Juventud Comunista, el PC de Córdoba venía de un golpe muy duro que fue la fracción del 63, donde se debatió la Juventud Comunista con Pasado y Presente, muchos de esos jóvenes se van a vivir a Salta y esa fracción fue con expulsiones, entonces había mucho anticomunismo por parte de todos los dirigentes estudiantiles de los centros de estudiantes de Kozak y Kozak tenía un estilo irónico, se cagaba de risa de los bolches, así le decía a los bolches y él tenía gran éxito también era rubio, alto, pintón, estaba de novio con la primera actriz del teatro de la FUC –la FUC tenía un grupo teatral– y en las asambleas estaba abrazado con la rubia mientras se daba besos nos chicaneaba, él la pasó bastante bien y a mí no me gustaba su estilo porque él era Consejero estudiantil y a mí me parecía muy... más bien escandalizador que profundo, por ejemplo se daba el gusto de poner los pies sobre la mesa en plena reunión del Consejo académico y una vez hasta le escupió en la pelada a un rector, decano, eso le daba mucho éxito era Tinelli, a mí no me gustaba su estilo y para colmo nos golpeaba porque ellos eran mayoría y el grupo de los comunistas era muy pequeño, éramos perdedores, eso a mí me deprimía, pero aún así militaba en el centro, éramos todos muy buena gente los que militábamos los que eran de izquierda revolucionario castristas, nada más que era anticomunista, anti PC, pero en el año 66 ahí creo que hay una inflexión importante, porque ahí se equivocan todos ellos también Pancho Aricó, Pasado y Presente que lo asesoraba mucho a este grupo de la FUC, el odio al PC que podía tener sus buenas razones, a los burócratas, a los stalinistas porque finalmente había stalinismo dentro del partido, yo lo pude comprobar hasta el 83 cuando me voy, los encegueció un poco o bastante como para no ver que el PC tiene cabeza cierta en la caracterización del golpe de Onganía, yo creo que es el momento de oro del PC, caracteriza bien el golpe militar y en eso le saca ventaja a los centros de izquierda que sobrevalora el poderío de Onganía y pasa a la ilegalidad, nosotros dijimos que tenían miedo, pero no, era interpretación política incorrecta y también le pasó le saca ventaja al peronismo que queda atrapado por la interpretación de Perón de que Onganía era un general nacionalista y como habían derrocado al gobierno radical estaban medio contentos. Esto lo que decía hace un rato la vieja historia de pelea de liberales y nacionalistas han hecho mucho daño a la Argentina transportando a la política el River-Boca, entonces no veía cual era el enemigo fundamental y se regocijaba cuando le iba mal al otro, le iba mal al país, los justicialistas tenían su razón de decir que Illia tampoco era democrático porque había surgido de una elección donde se proscribió al peronismo, pero si vos escuchabas a los radicales y a muchos comunistas decían que Perón pactó (..) el golpe del 43, ninguno tenía la cola totalmente limpia como para andar justificando que le vaya mal al otro porque tenía mal origen. En el Partido nosotros éramos nuevos en política, no teníamos todo el herrumbre ese de las peleas anteriores, éramos una masilla para trabajar y nos trabajaron justo porque el Partido nos mandó el mismo día del golpe, al otro día sale con volantes denunciando que este era un golpe fascista corporativo, fascista de los grandes monopolios. Y era cierto y mandaba a pedir la unidad de todas las fuerzas populares

para evitar que se consolidara, esa era la consigna y nosotros lo creíamos eso irresponsablemente no sabíamos de la represión, salimos a dar batalla, pero éramos lo único y esto asentado porque el resto de la izquierda cerró los Centros de estudiantes porque la ley de intervención a la universidad que fue los primeros pasos que dio la dictadura de Onganía, lo primero que hacen es intervenir la universidad, después interviene los sindicatos, ellos hacen caso antes, esa fue la crítica nuestra, ellos aplican el estatuto nuevo a la universidad de la dictadura lo aplican ellos, autocensurarse y el Partido decía que había que abrir los Centros y luchar con la masa, nosotros salimos a volantear en todos lados éramos unos irresponsables, todavía hay aquí medios que me recriminan que no los dejaba almorzar, decían “el orejudo” me decían, me paraba en una mesa en pleno Comedor universitario, que era impresionante la gente, ese salón completo que ni se veía la punta, todas mesas, miles de estudiantes comiendo simultáneamente turno por turno y ahí aprovechábamos, subíamos hasta que la cana de civil llegaba nunca nos encontraba, entonces al grito de “Muera la dictadura” empezábamos con la arenga, todos decían que estábamos locos, pero iba creando un clima de ebullición y ahí nosotros empezamos a ganarle las masas al kozakismo que desaparece de la lucha. A Kozak antes del golpe lo sucede Seguí y nunca más lo vi, que era el presidente que había triunfado aquel año, un tal Seguí de Derecho creo que era, esos eran menos que Kozak porque me acuerdo de una asamblea que hicieron clandestina para cerrar el centro de Derecho donde decide que iba a dividir en dos grupos militantes el centro de derecho, uno que iba a ser el grupo pensante: intelectuales, que iba a pasar a la clandestinidad y el otro iba a ser el grupo práctico que iba a pegar carteles, tirar volantes, hacer actos relámpago; en esa reunión mirá vos la división del trabajo, en esa reunión estaba Zito, era una bestia que era camionero, iba a estudiar con amigos míos Derecho en mi casa, yo lo quería muchísimo a Zito tenía una cabeza enorme, era camionero de ojos celestes, estudió derecho siendo camionero, tipo muy sacrificado, ¡se cagaba de hambre! cuando iba a casa se comía las cáscaras de queso que dejaban los muchachos, los muchachos apenas dejaban las cáscara de queso, él se las comía con pan, estacionaba el camión ahí y estudiaba derecho, terminó de abogado y es abogado en Córdoba, es un personajote típico de Córdoba, por ahí me dijeron que es un abogado corrupto, no sé Zito tiene derecho a hacer cualquier cosa con la vida que hizo, estudiaba con nosotros Zito me contó le pregunta a Seguí en asamblea “-escucháme yo en qué grupo estoy”, “-y vos en los prácticos”, le pegó una piña y lo tiró a la mierda, “soy práctico” y se fue. Zito era más que eso, pensaba mucho y tenía una raigambre obrera impresionante, así la mano, un tipo de puro corazón, entonces tanto militar y hacer actos relámpago, repartir volantes ocurre lo de Cerda que está narrado ahí, creo que el 16 de agosto del 66, eso marca también otra cosa el baleamiento de Cerda es el disparador de todos los actos relámpago porque es la primera ocupación del barrio Clínicas, esa vez que se ocupa el hospital de Clínicas surge el loco Damonte arengando dentro, que lo puteó ante la cámara de TV al jefe de policía, que no era tan malo de la dictadura, porque era un hombre del frondizismo que agarró ese cargo político que se aventura ir al hospital de Clínicas a ver cómo estaba la cosa, los camarógrafos se aprovechan lo reputaba frente a la cámara sale en todos los medios estudiante se anima a putearlo al jefe y ahí el hospital de Clínicas se ocupa por primera vez con fogatas, oscurecimiento, se rompen los focos y se ocupa el barrio Clínicas toda una noche, ese es el antecedente más fuerte del Cordobazo y el antecedente más fuerte de toda la lucha posterior, que se fortalece desgraciadamente con el asesinato de Pampillón, ahí había una discusión entre el Integralismo y la FUC de la lucha; se hacían

asambleas de continuar la huelga, el Integralismo era muy de continuar la huelga y la FUC que no dirigíamos nosotros todavía, era de levantar la huelga para que los estudiantes pudieran ir a sus lugares y poder tenerlos para seguirlos arengando, discutiendo, el Integralismo nos acusaban de que eso era romper la lucha y los otros decían que era paro dominguero, que aislaba la gente, que los estudiantes se iban a su casa eran del interior, los padres protestaban porque se perdía el año, esa era la discusión que había. Finalmente esa discusión se borra cuando lo matan a Pampillón porque el espíritu era entonces de continuar el paro, aparentemente el Integralismo tenía razón, pero no era así, la discusión valió. En esa lucha que se forma –como te contaba hace un rato– la Mesa de agrupaciones estudiantiles que funcionaba en la clandestinidad y consigue que el gremio Foecyt, dirigido por los comunistas, le presten local, imprenta, le dé plata y ahí funcionaba una mesa grande todas las agrupaciones estudiantiles que dirigía la lucha y la huelga. Pero en verdad la huelga hacía que los estudiantes no tuvieran en las facultades, estaba el Comedor estudiantil que no me acuerdo si la cerraron también, creo que sí por eso Franja Morada empezó a abrir comedores callejeros en sus locales y ahí se agrupaba mucho la militancia. El Partido también tuvo otra táctica de unidad con el Integralismo, a nosotros no nos sonaba muy bien pero nos convencieron; en esto lo destaco a Pedro Tovar que todavía vive, es un contador que lo habían traído de Buenos Aires, un porteño de barrio, para suplir la fracción del 63 el Partido se había quedado sin militantes, entonces Pedro Tovar y Fernando Fuertes que es actualmente médico psiquiatra en Córdoba eran los dos únicos cuadros que venían a ver si juntábamos gente dentro de la Juventud comunista para hacer política en la universidad, todos los días nos iban a alentarnos y ellos traen la consigna que había que lograr la unidad con el Integralismo, que era cristiano, el Integralismo era una organización estudiantil medio club colegial que se ocupaba de viajes, recolectar plata para el viaje de fin de año, kermeses, pero tenía mucha entrada en el estudiantado común, por eso ganaba las elecciones, le ganaba en las elecciones para el tripartito a la FUC, pero ahí se metían el radicalismo de derecha y los fachos, tenía como agrupación mayoritaria muchos estudiantes del interior entre los cuales estaba Azócar y otros más después se izquierdizan; y el Integralismo estaba ligado a curas, entre ellos a curas obreros y entre ellos curas del tercer mundo, por eso se da ese giro también y después se mete Cristianismo y Revolución y se revoluciona la Universidad Católica, uno no se da cuenta pero iba girando a la izquierda, no me olvido en una de las corridas de los estudiantes con la policía atrás que L., se me grabó era un dirigente estudiantil creo de Ingeniería en plena corrida me agarra del brazo me dice “Scrimini vos que sos comunista ¿no puedes conseguir armas?”, ¡el tipo era integralista conservador de derecha! pero con la represión se radicaliza, una radicalización medio antiideológica porque me decía “por qué no le piden a los rusos armas” fijate vos un tipo de derecha, anticomunista por la represión que explica también mucho del foquismo, mucha gente se hace guerrillera sin mucha formación ideológica, no me olvido de esas corridas, el Tano Mena que muere con Santucho que era un gran combatiente dice que corriendo lo salva a Cerda, lo rescata de la policía y huyen los dos y lo balean a Cerda, él termina siendo lugarteniente de Santucho y él es uno de los que forma la agrupación Comando Santiago Pampillón, que se ilegaliza para darle batalla a la policía en esas luchas estudiantiles. Tartamudeando me dice el Tano un día: “Carlos estoy podrido que estos nos van a cagar nosotros tenemos también que darle con un fierro a estos”; ahí empezó a ilegalizarse a pasar a la clandestinidad Mena, que era un gran tipo. Esa radicalización se produce ante la represión de la dictadura que también viene a doblarle la manga a la

táctica del peronismo conservador, porque nosotros peleábamos con el Integralismo discutiendo porque ellos en sus volantes, en sus críticas solamente llegaban a criticar al ministro de educación, nunca a la dictadura, porque Perón había dicho eso y había dado la indicación al sindicalismo peronista que había que desensillar hasta que aclare, porque él tenía esperanzas que este golpe fuera contra los gorilas liberales y fuera nacionalista, me imagino que habrá tenido alguna esperanza, eso hacía que ellos no dieran batalla a la dictadura, aún así el partido tenía la consigna de unírnos con ellos, de tal manera que el Integralismo desarrolla Huelgas de hambre de estudiantes en parroquias donde acompañaba a los curas que a su vez también se radicalizan por eso, la lucha contra la dictadura (..) inventan una marcha o procesión desde Alta Gracia a la ciudad. Cuando sale esto Kozak y su gente se caga de risa dice “cosa de curas” y en el Partido se define acompañar porque era expresión de masas y había que estar con ellos y nos vamos todos a Alta Gracia, ahí empieza nuestra relación con el Integralismo, que también aquellos se radicalicen y dejen de ser anticomunistas. Esa marcha es multitudinaria, los estudiantes del Integralismo enganchan una actividad muy católica, muy de la tradición católica que es una procesión de paz y veníamos de allá caminando llenos de ampollas y no me olvido que mientras íbamos en la marcha aparece Kozak en un jeep descapotado con una mina y otros más y se nos cagaba de risa, dice “mirá ahora haciendo procesión” y se cagaba de risa y se fue. Pero esa marcha trajo un acontecimiento político importante, cuando entramos a Córdoba cerca de la antigua terminal de ómnibus en la Vélez Sarsfield a la altura de calle Brasil, porque ahí vivía una tía mía que no me olvido, a la izquierda había toda una villa miseria en un bajón que había, había muchos conocidos del hampa cordobesa y gente muy humilde también y cuando la policía nos espera ahí, se produce una gran represión y se produce un desbande impresionante muy parecido al que después se produjera en el Cordobazo con los obreros de Kaiser que también ingresan más o menos por ahí. Yo me acuerdo que me tiré al barrio ese y el lumpen y la gente pobre de ahí nos cobijaba, incluso tenían armas ellos también, la policía no se animó a entrar ahí, ahí nos salvamos varios. Esa represión a esa marcha de paz, que aparte venía acompañada por muchos curas, conmocionó la sociedad cordobesa, no le hizo bien políticamente a la dictadura porque golpeó a muchos hogares, entonces eso indicaba que la línea de unidad amplia era la correcta y los muy izquierdistas no la entendían. Eso también ayuda a desorientar hacia el foquismo esas lucha de masas; y la consigna del 12º Congreso del Partido Comunista –era también una buena consigna– decía: “Con las masas todo sin las masas nada”, eso nos orientaba mucho a nosotros era como una brújula, nosotros no proponíamos ninguna medida que no pudiera ser entendida por el estudiante común, y eso nos llevó a triunfar más, entonces eso nos fue llevando a que tengamos que ganar esa asamblea y que el 68 a mí me eligen presidente de la FUC en asambleas ilegales por supuesto, clandestinas facultad por facultad, y ahí hicimos un pacto con el MNR que dirigía Ciencias Económicas y algo de Ingeniería, como ellos eran minoría me dieron la presidencia a mí y ellos ocuparon otros cargos y nos llevábamos bien porque era buena gente, estábamos el concepto de revolución versus avance evolucionista que tenía (..) pero nos llevábamos bien, ellos tenían su centrismo muy ordenado en ciencias económicas –hacían apuntes y todo– y la manejaban bien bajo la dictadura permitían que sigan haciendo esas cosas, entonces a ellos no les gustaba el quilombo, no me olvido de eso, ellos no veían la hora que pase el despelote porque imaginaban que podían seguir funcionando, eran muy reformistas, que decíamos nosotros y nosotros entendíamos que había que voltear la dictadura, ellos también pero no les gustaba mucho. Otra vez

escuché un análisis del Cordobazo que hacía Blas, que era dirigente de ellos buen tipo fue amigo mío que dirigía Ingeniería que persistía con su antiguo pensamiento socialista y dijo que la revolución, lo dijo el año pasado “que las revoluciones no se hacen solo quemando, con bombas molotov” y en verdad es cierto pero tampoco se pueden hacer sin romper las barreras del fascismo, si no volteábamos a Onganía no iba a haber Cámpora no iba a haber nada y a ellos el Cordobazo les molestó porque a ellos les molestaba todo ese quilombo, querían seguir ordenados tener el bar, la imprenta, la asamblea, esas cosas que la dictadura no permitían y nosotros solamente sabíamos hacer eso: lucha callejera, clandestina, eso a mí me marcó políticamente, porque viví las dos dictaduras, después me eligieron diputado aquí no me dejaron asumir, yo no tengo experiencia política democrática y me cuesta tanto, es así que mi hijo hace política y dice “papá con vos no se puede hablar”, porque yo no saludo a los tipos que traicionan no le doy la mano a ninguno ni me puedo juntar con ningún político corrupto. Uno está marcado por eso y aparte a mí la democracia no me favoreció nunca, me perdí los dos cargos en la universidad con las dos dictaduras y todo me hice autodidacta, cuando fui a Buenos Aires en el año 80 me metí clandestino en el María Ferrer y me echaron, me hicieron meter por la ventana en el Muñiz para estar un año, cuando González Montaner, titular de la cátedra de neumonología dice quién es ese señor que estaba en el laboratorio con el doctor Manzano haciendo toda la parte de aparatología para estudiar el pulmón, le dice el doctor Manzano lo trajo el doctor Herrera un amigo, “no el señor tiene que pasar por Secretaría presentarme todos los papeles”; y me exigen un certificado del ministerio de salud pública de Santiago que pidiera que me tengan ahí, qué me iban a dar si la dictadura militar, mandé a pedir aquí y un antiguo amigo que era ministro de salud Pública me negó un certificado y tuvimos que falsificar el certificado y ahí me aceptaron el cargo, todo lo hice autodidacta a partir que me echaron nunca me vi favorecido porque aquí llegué y después del 83 cuando vuelve la democracia gana Juárez, un peronista fascista que durante 18 años no me deja ingresar a ningún hospital a mí privadamente tuve que laburar, no me fue mal por suerte no y después del Santiagueño pude ingresar a un hospital, después en el 94, haciendo política solamente clandestino y contra dictadura, lo que yo sabía hacer, ese era mi oficio. Nosotros empezamos a ganar después del baleamiento de Cerdá, y con Damonte y Cerdá que eran líderes nuestros y trabajábamos mucho en el Comedor estudiantil y en un momento dado Nores Martínez le quita el presupuesto al Comedor estudiantil y entra en crisis, yo me hice muy amigo del viejo Miranda que era administrador del Comedor estudiantil, un hombre que amaba el Comedor, era un militar retirado suboficial, amaba el Comedor, estaba todo el día trabajando para ese Comedor que daba de comer a 10.000 estudiantes, no era joda, tenía su propio ómnibus el comedor, varios ómnibus de la ciudad universitaria a distintas clases recorría gratuitamente y los traía a comer, masivo era eso y era nuestro centro de la militancia porque ahí llegaba directamente al corazón, y ahí pude acrecentar nuestra fuerza porque cuando ocurre eso armamos una gran asamblea con Azócar me acuerdo de eso patente ahí, nos llevábamos bien con el negro, una asamblea enorme en el comedor, prácticamente se iba a cerrar y tomamos el Comedor, hicimos un quilombo muy grande, hicimos una marcha al rectorado y Nores pidió hablar con la comisión. A mí me dije con Azócar y otro vamos a hablar con el rector Nores Martínez, era un desenfadado de la oligarquía cordobesa no le importaba, entonces nos dice “si ustedes quieren que yo mantenga el comedor no tengo presupuesto, tengo que sacar plata de las becas”, ¡uh vamos a cagar un montón de becarios!, pero a nosotros nos importaba que el Comedor siguiera funcionando porque

era el único núcleo político que teníamos. Volvemos y decimos Ud. haga lo que quiera, no sé a cuántos habrá cagado la beca y cuando volvimos al Comedor y dimos la buena noticia yo lo primerí a Azócar, sobre de quién era el triunfo, y empezamos a afiliar a muchísimos al MUR que era la agrupación de los comunistas, a paladas teníamos afiliados y pasamos a ser una fuerza importante. Ahí ganábamos al Integralismo, al que sea, en la lucha estudiantil. Azócar tenía sus huestes pero era minoritario comparado con nosotros, sobre todo porque el peronismo no era bien visto en la universidad porque Perón había tenido esa actitud, había mucho radicalismo, mucho gorilismo entre los estudiantes universitarios y no era de inclinación peronista, entonces nosotros cosechábamos más. La Franja Morada eran buenos tipos, que mucho mejor que la Franja Morada posterior, eran medio anarquistas muy buenos amigos en esa época, sobre todo en medicina ni siquiera eran como Aracena, era de Derecho, Medicina era mucho más radicalizado, me acuerdo de Las Heras después se hizo neurólogo se fue a Chile, muy combativos, y ellos tenían su comedor frente a la escuela práctica de medicina en Santa Rosa, ahí tenían el local ellos que funcionaba mucho y ahí había un comedor popular, nos llevábamos bien con ese grupo de Franja, a pesar que ellos no estaban dentro de la FUC. Ese crecimiento se da y nosotros jugábamos un papel importante, de ahí que terminamos siendo muy amigos de Tosco porque Tosco nos daba mucha bola porque éramos una fuercita importante en la Universidad y trabajaba mucho entonces con el sindicato, porque aparte de los otros sindicatos a nosotros no nos daban mucha pelota, yo me llevaba muy mal con la dirección de la CGT un tal Settembrino era el secretario general, de ahí la anécdota que yo subía al monumento a Vélez Sarsfield, ahí hacíamos asambleas y actos y Settembrino sacaba la cabeza y miraba y decía “ahí está el hijo de puta de Scrimini hablando contra nosotros”; nosotros nos tirábamos contra los sindicatos porque no querían plegarse a la lucha contra la dictadura, nos dejaron solos en el 66, 67 y en el 68, por eso nos confundíamos nosotros diciendo que el Cordobazo nace en el 66, no conocíamos que los sindicatos independientes venían luchando, se cuenta mejor por otro lado. De todas maneras mantengo mi opinión a diferencia de Garzón Maceda que él era asesor de sindicato, de un sindicato combativo, pero no de los combativos antiimperialistas y antidictadura, porque el Smata de Elpidio Torres se hacía bien el tonto, luchaba por sus reivindicaciones, pero políticamente no enfrentaba la dictadura, gracias a que comete el error –creo que era Caballero en ese momento el gobernador– de reprimir el acto en el Córdoba Sport Club del Smata, porque no es que Elpidio se hace revolucionario, sino que sus bases se indignan con esa represión, meten la policía teníamos que saltar por los techos; cuando yo vi al otro día en *La Voz del Interior* y en la radio que habían reprimido, yo confieso que sentí una profunda alegría porque ahí vi la indignación de los obreros de Smata, primera vez que veíamos una represión como lo habían venido haciendo los estudiantes durante 2 años y ellos no daban pelota, ahí se subvierten las bases a Elpidio y le piden guerra y ese sindicato movilizadísimo, indignado, no era solo Luz y Fuerza. Tosco era el único sindicato con Malvar radical pero un sindicato chico Gráficos, Malvar era un radical muy buen tipo, muy amigo de Tosco, muy amigo de los comunistas, que también prestaba el sindicato, era un sindicato chico, antes te había dicho que funcionamos en Foecyt que era sindicato comunista pero Onganía lo interviene, porque la verdad que durante todo ese año 66 si no hubiera sido por ese sindicato no sé si la lucha estudiantil hubiera tenido la envergadura que tuvo, ellos se inmolaron y nunca más fue un sindicato, a partir de ahí nos empezamos a recostar en Tosco y el sindicato de Luz y Fuerza nos prestó un gran apoyo, Tosco y el incomparable Alberti que era puro corazón, no era un

gran político pero era un tipo macanudo, cebaba mate en su casa a los estudiantes cuando todavía el sindicalismo no participaba en la lucha, hacíamos reunión en la casa de él vivía en barrio Alberdi cerca de la cervecería, me acuerdo todavía de eso y ahí empezamos a desarrollar la etapa más rica nuestra hasta que llega la etapa del Cordobazo, las diferencias que hay con nuestra posición y cómo Tosco nos llama a través de Canelles para que los de la FUC los comunistas nos movilizaran, como estábamos en asamblea facultad por facultad, en algunas nos fue bien y en otras nos ganó lo que nosotros llamábamos la ultra izquierda, pero ganamos Medicina, hicimos asamblea de 3000 personas y la hicimos en el Pabellón universitario allá frente a Ciencias Químicas ahí funcionaba, alquilamos un megáfono primera vez y última que alquilamos nunca lo devolvimos. Cuando fui a Córdoba en una radio abierta no sé si vos estuvistes en la plaza Colón, yo estaba contando esa anécdota y habla por teléfono el hijo de Luxx, que todavía existe, nunca devolvimos el megáfono, nosotros ocupamos la casa de barrio Clínicas para ahí operar en el Cordobazo, estaba preparado, ahí se concentraba todo Medicina con el megáfono ese asamblea del día anterior se hablaba desde los techos a los soldados para que no tiren, allanaron metieron a todos en cana y ahí estaba mi hermana también, eso prueba que nosotros nos movilizamos organizadamente el partido y la juventud y los estudiantes sobre todo para el Cordobazo. En IMAF ganamos, ganamos en Derecho también, en Medicina, en Ingeniería y Arquitectura perdimos, en Filosofía también, fueron las consignas de no ir al centro porque era una movida progolpista de izquierda no revolucionaria, había que concientizar al pueblo, no me olvido de esa discusión, en los barrios que no estaban preparados para otra cosa. Al final los que creían que el pueblo no estaba muy preparado, después del Cordobazo decidieron que el pueblo estaba preparado para la lucha armada. Hay una cosa que no sé si es una sátira, hay una descripción de una asamblea en la facultad de Filosofía de la UBA donde este dirigente cuenta orgulloso de que estuvieron en la asamblea discutiendo de la revolución del imperialismo hasta las 4 de la mañana por unanimidad se votó declarar la lucha armada contra el imperialismo y la dictadura y se fueron todos a dormir y habían declarado lucha armada y la guerra revolucionaria por tiempo indeterminado, una cosa muy trotskista digamos, y se fueron a dormir todos, parecía una sátira, una película italiana y el tipo cuenta como un hecho revolucionario, así te digo que nosotros los de Medicina no éramos tan ideológicos, éramos muy de masa y muy prácticos, escuchábamos todas esas boludeces nosotros nos reíamos mucho de tu facultad, había mucha gente que después de muchos años son los que hacen los ensayos y los escritos y las investigaciones sobre el Cordobazo y los que hacen ensayos (...) no sé como se llama (...) me hace acordar a la Beatriz Sarlo que ahora para mí es de derecha en la práctica y mirá si no fuera maoísta nosotros éramos burgueses reformistas de la puta madre para ella, yo siempre digo que los intelectuales pueden llegar a un grado de profundidad enorme pero tienen pegado con saliva esas ideas, como son marxistas de Groucho Marx “tengo unos principios que si no te gustan tengo estos otros”. Nosotros estrechamos esa relación con Tosco nos tenía mucha confianza, pero Tosco –descubro después, que no solo hablaba con nosotros también hablaba con estudiantes peronistas, los estudiantes peronistas no tenían (.), ellos trabajaban mucho en el sindicato, pero el aporte estudiantil se lo llevábamos nosotros al Cordobazo, ese es mi convencimiento y Rody juntaba 10 personas se ganaba todas, Rody era un oportunista tremendo, por primera vez decidimos llevarlo a Tosco al patio del comedor universitario, voy lo hablo al Gringo, ¿te parece, no es una intromisión de un sindicalista en el movimiento estudiantil? vos sos algo más que un dirigente sindical,

vos sos un líder político para nosotros y a mí me gustaría que te presentes en la ciudad universitaria, lo convenzo al “Gringo”. Cuando llegamos armamos una asamblea ahí en el patio había un techito de respiradero era nuestra tribuna viene el Gringo Tosco con su custodio, su jeep y todo, lo acompaña, lo abraza sube Rody no tiene nada que ver con la jugada, aparte se manejaba con Correa, otro sindicalista del peronismo, que tenía relación con Tosco pero no era de su ala, sube y lo presenta al gringo Tosco y yo lo dejo porque era un dirigente peronista que lo presentara a Tosco venía bien, le convenía a Tosco en favor de la causa, ni le recriminé a Rody pero habló, yo lo quería al gringo y nos entendíamos muy bien, el tipo sabía trabajar por el bien de la unidad, cuando había que dar un paso al costado lo daba, si el Cordobazo es eso; el que lo convence al Gringo que se siente y tome antivomitivo para sentarse con Elpidio Torres me cuenta Canelles que logra hacer la cena, no quería sentarse a cenar con Elpidio, pero Canelles que no podía manejar ningún sindicato era maquiavélico para ver si podía juntar fuerzas y se da cuenta que si lograba sacar al Smata, importaba Atilio, esa era la consigna y Tosco se convence de eso, va adelante, la alquimia del Cordobazo es Tosco y el PC. Se lo convence a Elpidio y Elpidio lógico, quiere rescatar el Cordobazo para él porque en verdad por el aporte de masas que da es una cosa real, si él contribuye a eso no importa cual es la motivación que tenía decididamente así se escribe la historia. Nosotros contamos 3.000 estudiantes de ahí, ha escrito uno de los libros que leí cuando se refiere al Cordobazo, también como Feinman no saben de qué hablan, por qué, porque los de su propia franja que le cuentan no estuvieron o estuvieron mal, los del FIP jugaron mal papel en el Cordobazo, me acuerdo un amigo que tengo que ir a visitar es psiquiatra en Río Cuarto que era líder estudiantil del FIP, nos agarrábamos casi a las piñas porque él era muy anti PC y nosotros éramos muy enemigos del líder de ellos que era el colorado Ramos, cuya línea política uno ahora empieza a rescatar, tenía cosas muy buenas, pero el Colorado Ramos era tan antipático que como dice este pensador nacional y popular (ya recordaré el apellido) se pregunta el colorado Ramos si no hubiera sido tan ‘puente roto’, tendría que haber sido líder de los montoneros, porque la línea nacionalista del socialismo nacional es desarrollada por él, pero sin embargo lo trató tan mal a Firmenich, a Vaca Narvaja, los ninguneaba, los relajaba, porque él era un tipo erudito, que los muchachos no le dieron pelota, se fueron por separado, lo odiaban, se podría haber llevado los laureles, haber liderado montoneros y era así todo el mundo contaba que el colorado Ramos cuando entraba a un bar cerca de Congreso se iban todos a la mierda. porque parece que también así era Trotski, que cuenta el libro ese por qué Stalin derrocó a Trotski que Trotski en un congreso estaba leyendo una novela parecía política (...) erudito y soberbio, jodido para hacer política ... el psiquiatra que no le importaba la convocatoria al acto del 29 de mayo porque no lo quería a Tosco y porque nos quería quitar el cetro a nosotros toda la asamblea estuvo peleando con él porque quería que nosotros llamáramos a elecciones porque quería ganarnos las elecciones, no le importaba el acto y nosotros tuvimos que discutir toda esa noche para decir sí y nos sacara el compromiso de las elecciones pero nosotros hicimos votar por mayoría que había que ir al centro con megáfono y todo, pero fue una batalla con el Pascual porque le interesaba eso nomás. Entonces el viejo este cuando escribe este pensador sobre el Cordobazo dice “nuestros muchachos del FIP participaron en el Cordobazo” 50.000 personas participaron, la pregunta es ¿estos dirigentes qué hicieron para que se lleve a cabo? No hicieron nada. Dice nuestros dirigentes ellos tenían dirigente en derecho, nuestros dirigentes Saín tuvo activa participación, Saín era un grandilocuente que cuando agarraba el micrófono la verdad que te deslumbraba por la locuacidad que tenía,

la elocuencia y la erudición también de Abelardo Ramos y empezaba con el mitrismo y a darle al PC, porque su discurso era eso nomás, marcando todos los errores que tenía el PC, la unión democrática, de la participación en el golpe del 55, cosas que son reales, que yo en esa época no le daba bola, pero ahora debo rescatar, lógico que lo nacional y popular, como no le vamos a perdonar nosotros nacional y popular haberse hecho los boludos con Onganía, así es la vida. Así llegamos al Cordobazo y después del Cordobazo seguimos en relación con Agustín y como te cuento se inició la lucha, en el 68 nosotros iniciamos antes del Cordobazo, también como antecedente porque aquí movilizaba muchísima gente, se abren los cursos y examen de ingreso que se impone en la universidad y nosotros desarrollamos una estrategia correcta, empezábamos a dar cursos preparatorios y en Medicina me toca a mí desarrollar la primera lucha contra el decano de Medicina y ocupamos hasta el pabellón Perú, ocupamos la facultad de Medicina en la Ciudad universitaria con muchos estudiantes, ahí crecimos mucho en la fuerza y el doctor Tello era el decano, al doctor Tello le hicimos huelga, ocupaciones, le ocupamos la Escuela práctica, le ocupamos el decanato, mucha lucha contra el ingreso, yo daba curso de ingreso para preparar a los estudiantes para el examen y los hicimos fracasar mucho ingresaron muchos estudiantes contra la voluntad de ellos, eso nos sirvió creció muchísimo la fuerza, la lucha del Comedor estudiantil creció más todavía y llegamos al año setenta ya después del Cordobazo, que inventamos el Curso de ingreso para toda la universidad en Luz y Fuerza, eso fue multitudinario, tanto le preocupó a la dictadura que nos metió policía de civil, ahí se metió un tal Juncos, que se hacía pasar por delegado estudiantil y ese curso de ingreso que estábamos un profesor de cada materia en Luz y Fuerza terminó con una marcha también equivocamos a la policía. Ahí te cuento la anécdota en una asamblea de la FUC para dirigir ese curso estaban todas las agrupaciones de izquierda, yo le había hablado a Tosco para que nos haga las boleadoras, entonces él mete la cabeza en plena asamblea, mete la cabeza y dice “Scrimini vení”, entonces me voy al despacho de él y era para explicarme que no podía darnos las boleadoras y no podía hacerlo públicamente, no era que despreciara los otros sino que no podía, entonces me pidió uno de confianza, cuento con vos y con el negro Di Giusto –que no lo volví a ver más– en el jeep con él y quedamos abandonados en el barrio Clínicas porque la boleadora tenía que entregarla personalmente pero lo atrapa la policía, está dos días preso y nosotros escampamos con la boleadora. No se podía manejar públicamente que íbamos a hacer al final del curso y antes que se desarrolle el examen tenemos que dar un golpe, entonces inventamos que íbamos a ir en marcha públicamente hacia el rectorado y estos informantes preparan a la policía para esa marcha y nosotros salimos; y yo les digo a 3 dirigentes de la izquierda que se vinieran conmigo a la cabeza que vamos a engañarlos, que cuando llegamos a la Colón en vez de agarrar para el centro, agarramos rápido al barrio Clínicas, entonces nos ponemos de acuerdo en eso y cuando llegamos a la Colón y agarramos rápidamente y llevamos miles de estudiantes hasta el Hospital de Clínicas y lo copamos, ahí es cuando cerramos todo el Hospital de Clínicas y nos rodea la policía y yo desde la dirección del Hospital –lo corrimos a la mierda al director y nos apropiamos de todo– nos conectamos por teléfono con el jefe de policía y me dice “quién habla”, yo digo “González, Carlos González”, dice mire le doy hasta tal hora tengo 50 grupos de comando para asaltar el hospital pero muchos problemas con los enfermos, puede haber heridos y hasta muertos, pactemos dice el tipo, pero tiene que desocupar el hospital. Entonces le digo mire yo no puedo resolver solo vamos hacer una asamblea, hábleme en una hora, hicimos una asamblea “que no, que no vamos a abandonar nunca”; en ese ínterin vienen 3 muchachos y me

dicen: lo traen a Juncos agarrado, dicen lo hemos visto bajar de un Torino de la policía, para mí era un delegado estudiantil porque cada grupo tenía delegado y había sido principal torturador, entonces digo muchachos ante la duda, “no, dicen, vamos a masacrarlo hacerlo mierda”, estaban alterados los changos, porque la cana nos rodeaba, había sensación de guerra, entonces les digo “no muchachos, lo vamos a maniatar lo van a tener en una pieza no lo tocan lo dejan ahí”. No decían ni mierda lo tuvieron ahí, pero cuando se armó el quilombo, desocuparon el hospital, casi lo hicieron cagar a piñas y lo pusieron en una cornisa ahí vendado el tipo (...). Después me habló por teléfono y me dijo vamos a hacer un trato, nosotros desocupamos el hospital pero no nos meta preso ni nos reprima, a pesar que discutimos había que abrir y salir cagando, cuando salimos nos hicieron cagar, pero aún así le ocupamos el Barrio, se oscureció, se armó un gran quilombo, eso convulsionó la ciudad, la opinión pública, los diarios, la TV, marcamos fiero el examen de ingreso, tuvieron que abrir la manga, habían ingresado muchísimos. Por ahí me arrepiento de eso en otro escrito, porque muchos de esos que ingresaron en la facultad terminaron de médicos y vinieron aquí, pusieron sanatorio, se hicieron unos burgueses de mierda, ahí hay una cosa no salvada todavía, que es el mismo tema del socialismo que te contaba recién; la capacidad de derechos, esa consigna de: para cada cual según sus necesidades, cada quien según su capacidad; después de estar en Cuba he visto que Fidel Castro más que un dictador es un padre, un padrazo malcriador, ahora Raúl está tratando de corregir eso, miles y miles de empleados públicos que no hacen un pedo, cobran el sueldo, yo lo he visto también alrededor de los hoteles sin hacer nada. La discusión, yo no me olvido por ejemplo, en la facultad de Medicina, De Robertis para la izquierda era un mal nombre, nosotros peleamos, yo era de ese discurso, hablar mal de Robertis era el biólogo molecular más desarrollado de Argentina y era tan respetado en Estados Unidos e Inglaterra que sus libros sobre Microbiología y Biología Celular se publicaban en inglés únicamente, porque aquí no se lo publicaban, era algo así como símbolo del imperialismo en la ciencia; ¡errores!, lo mismo que el tratamiento a Houssay, izquierda y peronismo, porque era un gorila; ahí nosotros tirábamos el agua con el niño, error muy grande de la izquierda argentina y del peronismo también de sacrificar la ciencia y la excelencia en función de lo que se llamaba en esa época populismo, “para todos todo sin que hagan ningún esfuerzo ni se lo merezcan”, eso nosotros hemos logrado en definitiva también bajarle nivel a la universidad argentina en competencia con las privadas por un exceso en eso. Por ejemplo, yo fui a estudiar a Córdoba porque no había examen de ingreso, porque yo fui a Tucumán y cuando vi que había un curso de ingreso de un año con física, química y todo me fui a la mierda, porque era más fácil Córdoba, de lo cual me arrepentí finalmente, pero cuando hice Microbiología no sabía nada de física y química y eso termina a la larga pagándose, la facultad de medicina de Tucumán está mucho más cotizada internacionalmente –no solo nacionalmente– que la de Córdoba, porque respetó ciertos parámetros de excelencia y eso es un aviso muy fuerte para la Argentina nueva, así como se habla de una YPF nueva, seria, responsable, ordenada, porque el neoliberalismo y los Grondona y todo eso pudieron utilizar ese discurso para destruir todo que el Estado privatizara por el desprestigio que sufrieron en el gobierno de las empresas sustentables en manos irresponsables y vagas (...) yo creo que ese es el nuevo socialismo que habrá que conquistar.

Narra: Carlos Scrimini

Escuta: Juan Ignacio González

Lugar e Data do encontro: Santiago del Estero, 12/05/2012

Transcrição e edição: Raúl Allende e Juan Ignacio González

Revisão: Juan Ignacio González

Juan Ignacio– Comentaba sobre que habían ido ocupándose de a poco o iban ganando espacio en lo que antes se llamaban Centros de estudiantes, iban ganando lugar entre el estudiantado, ¿cómo fue esa organización para ganarse el lugar entre el estudiantado?

Carlos– Como estaba anulada la actividad normal en los Centros, lo nuestro era casi exclusivamente tomando reivindicación que en esa época empezó siendo el cercenamiento del tripartito, la primera consigna era “por el tripartito por la autonomía, contra la dictadura militar” y después cuando ellos empezaron a implementar los ingresos, ese fue también otro elemento de lucha. Pero sobre todo era una lucha muy política, yo creo que se hace una renovación de la militancia, los que militaron en los centros estudiantiles antes, ordenados, democráticos, con apuntes, bares y demás, teatro y todo eso queda concertado y pasa de otra generación que empieza a luchar contra la dictadura. Azócar dice que nació en la calle, está bien esa expresión, porque ellos intervienen la universidad, rompen el tripartito, cierran los centros y ¿qué nos deja?, nada más que la calle y la lucha política y alguna reivindicación. Nosotros siempre tratábamos de tomar las reivindicaciones porque sino el estudiante común que no estaba politizado no nos iba a acompañar, pero inmediatamente tomamos la determinación de politizar, porque no había otra cosa que luchar contra la intervención, el decano y el rector eran siempre enemigos, puestos por la dictadura, no había negociación posible.

Juan Ignacio– Como que ese debate era el que ganaba mayor fuerza, habría otros que a lo mejor habían pasado ya, que era lo del cientificismo o la departamentalización...

Carlos– Esos debates habían estado y seguían escritos en los materiales incluso del Partido, en el Partido estaba Varsavsky y toda esa gente que escribía sobre esos temas, incluso nosotros lo traíamos a Ernesto Giudice, un hombre del Partido, un intelectual muy profundo que había, que venía del anarquismo se afilió al Partido Comunista, que fue director del diario Popular, del PC que tuvo muchísimo éxito, él termina renunciando al PC en el año... no te puedo decir en qué año pero en la época del 69 escribió un libro que se llama *La segunda reforma*, muy complejo pero era de lectura de los dirigentes marxistas de la universidad, comunismo, y lo traíamos a dar conferencias a Córdoba, un hombre muy pintoresco, bajito, pelado, de pelo blanco revuelto a los costados, corbata azul, roja, saco verde venía caminando, un tano que venía del marxismo europeo, él escribía mucho sobre el tema y nosotros nos interesaba *La segunda reforma*, pero era evidente que si no te sacaba la cruz de encima todo era en vano porque era corporativa, fascista, clerical, inquisidora, nos retrotraía al Medioevo, se perdía todo lo que había logrado la universidad con la reforma hasta el momento y qué íbamos a discutir a Marzan si había que sacarse la intervención de encima.

Juan Ignacio– Y la idea que tenían sobre la Reforma del 18, el legado de la Reforma del 18, cómo se posicionaban con respecto a eso.

Carlos– Nosotros, la raigambre del Partido Comunista era reivindicar muchísimo la Reforma, nosotros nos inculca el partido la Reforma, por eso nuestro movimiento se llamaba MUR, Movimiento Unidad Reformista, lo que servía para que la izquierda revolucionaria entre comillas, nos igualara al reformismo pequeñoburgués... costaba a la izquierda que asumiera la Reforma porque ellos lo ligaban mucho al reformismo político socialista no revolucionario, la opinión nuestra era que la Reforma era una concepción revolucionaria y sigue siéndolo, para la sociedad era una concepción revolucionaria que inundó Latinoamérica y fue ejemplo mundial, pero los que reivindicaban la reforma eran los de la Franja, los de la FUC, pero ya empezaban a abandonarla porque parecía poco revolucionaria, no te olvides que esa época cundían consignas de “reforma o revolución”, incluso después cuando hubo elecciones “Ni golpe ni elección, revolución”, la palabra reforma uno la asociaba no sé si voluntariamente o inconscientemente, peyorativamente, nosotros y Franja Morada éramos los que más reivindicaban la Reforma; pero costaba, costaba porque me acuerdo que se cumplió un aniversario de la Reforma, el partido siempre con eso y me llamó a mí y dice vos sos presidente de la FUC tenés que activar esto y hacer un acto recordatorio. La vorágine de la lucha contra la dictadura no creaba clima para eso, me acuerdo que nos reunimos en el estudio del arquitecto Rébora, un gran aliado para todo esto y estuvimos 4 personas: Rébora, no sé quién más, yo, ¡pobrísimos!, para ver si organizábamos 50 años de la Reforma de la universidad en esa época, habría que revisar la fecha pero creo que era 50, no pudimos hacer nada, porque la calle estaba alborotada en otras cosas. Y la verdad se difundían por ahí los hermosos escritos de Deodoro Roca y todos esos; la verdad yo siempre digo a los radicales léanlos, esos sí que eran revolucionarios, hombres de principios y muy profundos. El que lo había conocido a Deodoro Roca volviendo a la tarea de la Liga Argentina era el viejo doctor Carballo presidente de la Liga, cuando yo le fui a proponer a su consultorio me dijo “es un altísimo honor que me propongas el cargo que tuvo Deodoro Roca”, parece que Deodoro fue uno de los fundadores de la Liga, eso yo no lo sabía, él sí lo sabía, lo admiraba y lo había conocido cuando él era estudiante. La verdad que el movimiento estudiantil no sé si porque la FUC de Kozak y todos esos se hicieron castristas o gramscianos o no sé qué, pero se empezaron a abandonar las banderas de la Reforma y nosotros hacíamos muchos esfuerzos por retomarla, por profundizar, pero no era fácil, eso debo reconocer porque me molestaba que cada vez que hiciéramos algo, un seminario, no iba nadie. Y para colmo los de Franja Morada eran bastante anarquistas y el Integralismo odiaban la palabra reforma, por el clericalismo y por el peronismo que a su vez lo asociaba; no te olvides que en el 55 la universidad es copada por muchísimos de la Reforma, que regresan malos y buenos, los científicos que habían sido raleados por el peronismo que regresan con revanchismo a ocupar los cargos, entonces había mucho odio de esa parte, que eran movimientos mayoritarios, eso reconocamos del Integralismo, no estaba de moda la Reforma, nos costaba imponer ese debate.

Juan Ignacio– Y algún debate que hubiera sido fuerte previo al Cordobazo, sobre qué temática era, por ejemplo el tema del foquismo quizá haya sido posterior.

Carlos– No, el foquismo empieza a serlo en el 67 cuando sale el *Olas*, justo el año que lo matan al Che, pero se crea *Olas* ese año y sale también el libro *Revolución en la revolución* de Régis Debray y ahí se difunde esa discusión y Rodolfo Ghioldi, un ideólogo y fundador del Partido Comunista argentino saca un libro contra la *Revolución en la revolución*, que no me acuerdo cómo se llamaba, donde analizaba y lo criticaba a

Régis Debray. Pero a decir verdad que lo que se pone de moda era el libro de Régis, para colmo Régis aparecía emparentado después se da cuenta que era un careta pero en ese momento, la gente que rodeaba a la FUC el titán del pensamiento en Córdoba era Pasado y Presente, aparte del Partido, en la izquierda el máximo era ese, el Partido Comunista no tenía grandes pensadores en Córdoba o sea que Aricó, Portantiero, del Barco, pesos pesados influían muchísimo, en la Universidad en la izquierda y en la facultad de Filosofía y todos esos, ya estaba planteado el foquismo desde Salta, desde la experiencia de Masetti y yo no sé si habrían hecho una autocrítica o un análisis muy profundo, porque a pesar de la derrota, siguió siendo un mito eso, hasta que lo matan al Che y finalmente el Che es derrotado, da su vida y la experiencia de Salta y de Bolivia debería haber servido para sacar una conclusión muy fuerte y aún así gente muy inteligente se deja llevar por el mito. Yo te cuento la anécdota que está en el libro bien descrito de Bustos como Pancho Aricó viaja con Bustos a Cuba se entrevista con el Che, llevaba el análisis claro que había hecho el grupo Pasado y Presente y otros amigos como Roca, Roca agenciaba, digamos que la oficina logística central de Salta y de Bolivia para el Che en Argentina era Gustavito Roca, que aparte manejaba el dinero y esos personajes históricos de la aristocracia cordobesa que se portó muy bien y que estaba repartido, no los conocí era famoso Gustavito Roca, viajaba con el análisis clarísimo de que lo de Salta no podía repetirse más, que había sido un fracaso y no correspondía y ahí está la anécdota que cuando estaban esperando Bustos y el famoso Pancho Aricó entra el comandante con su ropa de fajina, con esa imagen que se eternizó de gran revolucionario, fumando su habano y tartamudearon y no le dijeron, porque Bustos pensó bueno tal vez estamos equivocados, otra cosa, Masetti y nosotros no fuimos suficiente pero si está el comandante no importa las condiciones socioeconómicas y política del lugar, él lo puede todo. Esa es en definitiva la raíz idealista del foquismo, era muy difícil discutir porque empieza a surgir el guevarismo, a mí me sonaba para la mierda, a mí me cuesta decirlo porque la figura del Che nosotros la amamos, hasta yo mismo tengo metido en mi estructura el mito Che y cada vez que uno lee el diario de él, todo lo que pasó en Bolivia, cómo muere es una película que nos atraviesa, pero en esa época veíamos que cualquier pendejo irresponsable que no había hecho nada, que no había leído un carajo, que no... salía con que era guevarista y te tiraba el retrato del Che para decirte que vos eras reformista. Eso no era bueno, nosotros veníamos luchando desde el 66, nosotros sufrimos dos desvíos grandes, a mí me mataba eso porque habíamos crecido mucho con una línea que para nosotros era revolucionaria, era de masas, con Tosco, el Cordobazo y todo, y de golpe o te volvías foquista y pasabas a la clandestinidad y abandonabas la lucha de masas y entorpecían porque cuando vos querías entrar a la opinión pública, a la atención de las masas, en hechos concretos que nos hicieran avanzar unitariamente, aparecía un asalto o el asalto a La Calera, a la comisaría o el secuestro o el asesinato de un policía para robarle el arma, todo eso desviaba la atención y la prensa amarilla le daba más bola a eso que a cualquier otro hecho, porque es más aburrido hablar, y la otra que yo viví como desviación es un fenómeno histórico que nosotros no hubiéramos podido impedirlo, era que de golpe empieza a hacerse JP, Montoneros, JP que era revolucionario, siendo que nosotros habíamos vivido el Perón que no quería derrocar a Onganía. Entonces miles y después millones de jóvenes se van hacia el peronismo creyendo que Perón es la revolución, eso no lo tragué nunca y se lo dije en una carta a Feinman, Feinman fue el único de todos esos pensadores, Verbitsky, Feinman, todos esos que reconocieron en un reportaje de una revista cooperativa *Acción* diciendo “nosotros le metimos mucho Hegel a Perón”, y

todo ese grupo marxista se hace peronista, Gelman, siguiendo la línea de Puigróss que sale del partido y se hace peronista, una interpretación del peronismo que era correcta en cuanto que el movimiento peronista en sí mismo con respecto a la clase obrera porque los sectores populares argentinos eran en sí mismos revolucionarios por las luchas de sus derechos, pero ellos empiezan a escribir en favor de crear alrededor de Perón una imagen que su retorno era revolucionario, podía que sí, como fenómeno movilizador de masas, al final de cuentas si vos ponés en movilidad a las grandes masas terminan siendo revolucionarias, pero ellos hacían creer que Perón en sí mismo tenía un pensamiento revolucionario y Perón había alentado las formaciones, a los Montos, los Montos se habían pasado de golpe en muy poco tiempo en un curso rápido acelerado de clerical de derecha a revolucionario castrista; y el foquismo a ellos les gustaba también, por esto de que los fanáticos rápidamente pasan a la acción armada y Fidel lo empieza a decir también a ellos y el PC y nosotros teníamos muy mala prensa en Cuba. Tan es así que Reinaudi, hay una reunión de periodistas latinoamericanos en La Habana y va Reinaudi por Córdoba y él era un periodista amigo de Tosco, hombre del Cordobazo, con una historia en el diario *Córdoba*, profundo conocedor de todo y cuando volvió de allá vino decepcionado porque no le dieron ni la mano sabiendo que era del PC los cubanos y estaban endiosando a los Montos y era muy bien recibido en esa época Gullenkuzky y la esposa eran los embajadores allá, todo eso nos dificultaba mucho a nosotros el crecimiento porque entonces se nos van, o al foquismo o se van al peronismo y ahí nosotros no sabemos qué hacer más, no podemos darle continuidad al Cordobazo. Para colmo una pifiada las elecciones con Cámpora, nosotros debíamos haber adherido al camporismo, peleado el PC con el peronismo y no permitió y eso a mí me desorientó mucho, yo contaba en el partido una línea para colmo cuando sube Cámpora se divide la universidad, la mitad para los Monto y la otra mitad para el peronismo de derecha, a mí me toca el peronismo de derecha en Medicina, que voy a reclamar que me devuelvan el cargo que me habían echado Morra en la dictadura, Menso era un cirujano del conservadurismo del peronismo, me echa a la mierda del decanato y lo único que existía para él era: “nosotros hemos estado 18 años proscriptos”; y nosotros la izquierda no éramos proscriptos, eran solamente los peronistas y eso me dolió muchísimo, ni me devolvió el cargo y nunca pude ingresar ni nunca pude conversar con el decano, cuando salgo de acá íbamos a conversar con los otros decanos designados por los Montoneros Ciencias de la Información, un tipo que había militado muy poco se enganchó, nosotros queríamos hablar, asesorarlo, compartir, no daba bola tampoco, ni los montos daban bola ni ellos; entonces me sentí muy aislado y ahí empecé a agarrar para la biología, la investigación, no encontraba, andaba atendiendo presos en la liga, entre esos la atendía a la esposa de Juvé que estaba preso y estuvo 8 años preso en Salta, hombre al cual quiero conocer, si vos me consigues la dirección, quiero ir a abrazarlo, siempre se habló muy bien de él, muy bien de Juvé y es historia viviente él su propia experiencia se hizo autocrítica, un tipo muy inteligente ¿vos no lo has visto nunca?

Juan Ignacio– No, pero tengo alguna idea que estaba trabajando en una dependencia de la provincia, así en un cargo perfil muy bajo.

Carlos– Qué lástima, porque ese hombre fue de la Juventud Comunista, se agarra en la primera fracción del 63 y cuando salió preso se fue a Cuba pero antes los Montoneros lo rodearon para que les enseñara la experiencia que tenía con los fierros que decían que sabía mucho, después se hizo psiquiatra, una persona muy interesante y en los reportajes

que he visto, con esto del Barco, siempre tuvo una actitud digna, nunca se victimizó, hizo una experiencia muy dura, son muy lindas esas experiencias a pesar de la desgracia que tuvieron.

Juan Ignacio– Hay un momento donde se iba mucha gente a la universidad Abelardo Ramos, Cooke, unos días después que lo hacen volver a Perón, fracasa la operación Retorno y un discurso la FUC

Carlos– A Cooke no lo conocí y en el 66 la conozco a la esposa y ahora comprendo cuando pasan los años, me quiso abordar estaba reclutando estudiantes universitarios para la experiencia de Bolivia, en una asamblea en el intervalo que hablo en el núcleo más importante del grupo en barrio Clínicas, una casa era una reunión muy grande aparece esa mujer que había sido esposa de Cooke, yo no sabía en ese momento, y me hace llamar y me dijo que quería tener una reunión conmigo esa noche, para mí me pareció una boludez y dije qué será periodista, nosotros estábamos, yo no fui a esa reunión, ahora me imagino leyendo que ella andaba reclutando gente, habrá buscado dirigentes para no meter en cana, porque era difícil ellos, se metían en cana como se metieron. Nunca lo pude escuchar a Cooke y no concebía en esa época como alguien dijo “peronismo de izquierda no puede existir” dice algunos sectarios, para mí sí existe y a pesar de que critiqué en esa época creo que intelectualmente no sé si acepto o no acepto, el entrismo ha sufrido críticas y alabanzas, la historia dirá, pero creo que lo que hizo el marxismo con el peronismo fue entrismo y creo que no dio resultado tan malos y a pesar que yo critiqué a Verbitsky a Feinman, también la historia habría sido distinta, pero el resultado ahora es que tenemos el kirchnerismo que son la JP de los 70 que rompió las anteojeras con el marxismo y la izquierda y puede hacer estas cosas, el loco que se arma en la historia tiene muchos condimentos, nunca puede decir esto está mal, está bien, le pongo este ingrediente y hay que reconocer que Verbitsky y Feinman siguen jugando un gran papel en la orientación, porque me imagino que muchos en el gobierno los leen y eso impedirá que se vaya para otro lado también. Por eso también a mí lo de Ezeiza me cayó para la mierda, primero que haya millones de personas esperándolo al general, eso era un fenómeno histórico que nosotros no íbamos a desviarlo, pero hasta un primo mío que había llegado a estudiar de Santiago de aquí se fue... el amor de irse a Ezeiza, ómnibus enteros, ahí se desvió nosotros no controlábamos ese fenómeno político y cuando ocurre el desastre de Ezeiza uno va viendo la mixtura que era el peronismo, Perón le había dado el control de ese acto al fascismo: Osinde y todos esos...

Juan Ignacio– Una señal de la complejidad que iba a tener

Carlos– Y como en definitiva los momentos más difíciles se recostaba a la derecha, pero un tipo contradictorio, mantiene hasta el final a Gelbard como ministro de Economía, que era un hombre del PC. Los otros días discutiendo con una chica vino Atilio Borón a dar una conferencia, yo voy a aprender siempre, puedo no coincidir en la dureza con respecto al gobierno, consideremos que es un académico que dice qué es lo que debiera hacerse sin hablar de operación política, yo voy y anoto, él tiene razón que si en verdad no rompemos el núcleo duro del capital extranjero en Argentina va a ser difícil avanzar, pero los kirchneristas que están de moda no les gusta ninguna crítica, una chica muy buena me dice “fue una mierda la conferencia de hoy porque vino un hijo de puta”, entonces me dice “a vos te va a gustar porque ustedes los del PC...” estoy condenado por eso, mirá yo hace muchos años me fui del PC, no soy cerrado pero dejé de calificar

y poner epítetos y prejuicios, podemos discutir ideas pero no y sacáte eso del PC porque a la Cristina Kirchner le gusta muchísima gente del PC y te voy a nombrar a Filmus, Bauer, hijo del famoso Bauer, Sabatella, Heller, son tipos que ayudan en política y en economía y ella acepta esa ayuda, dejó de joder con el PC mucha gente buena y Atilio Borón creo que no viene del PC, está financiado por el banco Credicoop pero le debe crear problemas a Heller la posición de Atilio Borón porque es muy dura y Heller ese sí que aprendió, fijate vos por estar en un banco y haber sostenido la experiencia de un banco en el capitalismo, en el neoliberalismo, en mantener los cooperativistas, pero manejándose en el mundo de las finanzas para no quebrar, aprendió a tragarse el sapo y terminó haciendo más política que los dirigentes del PC y era considerado solamente un financista del banco, no un político, tiene santa paciencia Cristina prometió sacar la ley de entidades financieras y la sacó y lo dijo públicamente en el discurso, banquero importante no toques eso, porque Borón es el centro de eso, si no cambia la ley de entidades financieras no va a tener recursos para, y va a seguir con un criterio regresivo de impuestos que muchos modifican el IVA y todas esas cosas.

Juan Ignacio– En esa época en ese momento las reivindicaciones primero pasaban por lograr que el fin de la dictadura y después trabajar sobre la universidad en la concepción ideológica que ustedes manejaban la universidad era parte de esa sociedad, entonces era necesario primero un cambio en la sociedad para poder trasladar eso hacia la universidad.

Carlos– Ahí había dos posiciones, una la que siempre manejó el peronismo de la isla democrática, que ellos acusaron siempre la Reforma de haber creído que la universidad era una isla, no era cierto, se defendía la autonomía de la universidad como un bastión avanzado que no íbamos a permitir que las reacciones entre otros a tratar de impedirlos para de ahí tratar de tirar lo mejor hacia la sociedad y aparte se pensaba que con extensión universitaria, con proyectos la universidad jugara un rol en la sociedad, no era que queríamos aislarla, pero el resto no pensaba en una universidad nueva, sino ese concepto de “alpargatas sí libros no” también pesaba de alguna manera con otro lenguaje decía “no tanta excelencia y vamos a meter mano en la universidad”, un concepto en verdad del populismo del malo, que fue lo que pasó en la experiencia que te cuento recién en Ciencias Químicas quisieron barrer con 30 doctorados lo primero que hago por suerte siguen, aparte del bajo nivel, con mucho resentimiento querían barrer con eso, y qué hubiera sido Ciencias Químicas sin ellos, hubiera perdido el nivel enormemente; ellos no discutían la universidad que querían, no, se quería traer a Perón y establecer un proyecto peronista, yo también lo digo en los escritos que yo siempre lo valoro a Perón por sus consecuencias y por lo que nos dejó, dejó vos vistes la universidad Ivanicevich, Otalagano, lo peor del oscurantismo, si esa era la universidad nuevamente iba a plantearse la vieja disyuntiva de liberales nacionalistas y no íbamos a volver a la nueva universidad que quería que definía tan bien Giúdice *La segunda reforma*, que era incorporar todo lo nuevo en el avance de ciencia y técnica en el mundo y el socialismo, pero no había clima para discutir eso y cada uno seguía con su proyectito. Nosotros hacíamos conferencias por la segunda reforma, pero la urgencia de bajar la dictadura era importante.

Juan Ignacio– Y en esa época había muchísima autonomía para los estudiantes, no hacía falta, como era clandestina no hacía falta repetir sino no estaba funcionando legal tampoco había un vínculo necesario con las autoridades.

Carlos– No, la dictadura de Onganía no fue tan dura como esta y se daban conferencias, se hacían asambleas, hasta que venía la cana, pero se podía hacer.

Juan Ignacio– Una de las agrupaciones con más fuerza era el Integralismo, que como había estado contando antes en algún momento se logró desarrollar acciones conjuntas pero era como el gran oponente a ganar los centros.

Carlos– Al no haber más los Centros el Integralismo tenía inconveniente, ellos también como dirigentes de la FUC anterior, actividades club colegial y esto también se perdía, ellos empezaron a perder fuerza en el combate, quedaron Rubio, Azócar, muchos de ellos nosotros los superábamos en las mismas asambleas, teníamos más gente que ellos después los izquierdizaron no conozco pero el peronismo dejó de tener mucha fuerza en el estudiantado esa es mi impresión y después del Cordobazo ya se acelera la venida de Perón y el revanchismo con Cámpora, ya cobra lo nacional político lo específico en la universidad se pierde; y después cuando sube Cámpora se reparten en Córdoba no vienen las cátedras nacionales que se implantaron en la UBA que hubieran sido muy importantes, interesantes, Córdoba estaba que no era nacional y popular eran, total no había discusión específica, se metían mucho por la puerta grande la política nacional y después el gobierno de Córdoba dura muy poco, es muy triste la experiencia esa y aparece Lacabanne y la derecha peronista que veo sigue teniendo gran vigencia en Córdoba.

Juan Ignacio– Todas esas discusiones con estas otras agrupaciones dentro de la FUC había algunos temas que eran los más difíciles de llevar adelante en cuanto a qué posición tomar, como estudiantes frente a una huelga por ejemplo, o acciones nacionales o apoyos a acciones internacionales, ¿había algún tema que era mucho más complejo para llevar adelante que otros?

Carlos– Por ejemplo el tema de la guerra de Vietnam, a nosotros por la proyección internacional del Partido Comunista nosotros tratábamos de alentar mucho, en actos de solidaridad, vendíamos estampillas vietnamita para la solidaridad con ellos, repartíamos folletos, explicábamos la guerra de Vietnam y siempre la corriente nacional y popular nos enrostraba, incluso lo hacían en discurso públicamente: “a nosotros nos interesa nuestros pobres nuestros indigentes, nuestros obreros, no el pueblo de Vietnam que está a miles de kilómetros”, para ellos internacionalismo era mala palabra porque parecía que lo contraponía con el nacionalismo, era difícil, pero claro, cuando surge la figura del Che que era tan internacionalista eso les crea problemas, se empiezan a olvidar de ese discurso porque se radicalizan demasiado, se cambia también ellos lo sufren inconfesablemente no había análisis decía esto me paso a esta otra, lo que nos dificulta también, eso es culpa de los intelectuales que estaban por encima nuestro, nosotros éramos pendejos de mierda, pero al no haber un diálogo por arriba de intercambio, al final de cuentas el campo popular estaba dividido y eso fue un gran defecto, por ejemplo las ideas de Abelardo Ramos que ahora la rescato que eran justas eran mala palabra para nosotros, porque el portador era un tipo insufrible Abelardo, porque Abelardo cuando agarraba el micrófono en conferencia se dedicaba el 80% a hablar contra el Partido Comunista y claro, gran parte de los que estábamos a favor de esto, bajábamos la cortina, ni lo pensábamos y los Montos se pasaban de clericales nacionalistas de derecha a guerrillero marxista sin discutir con nosotros, los ideólogos hubieran dicho “muchachos júntense déjense de macanear”, más de lo mismo podía haber habido más diálogo, pero si alguien patrocinó la unidad a nivel de juventud fue la Juventud

comunista, en un momento dado se formaron las Juventudes Políticas Argentinas y eso todavía trae sus consecuencias porque yo tengo un cuñado Enrique Lerma que se casó con mi hermana y tuvo 3 hijos con él, después se separaron y es el actual marido de la senadora que ahora preside la Comisión de asuntos jurídicos, en el Senado, uno de los cuadros que estaba en la juventud política era Enrique, que siempre fue un tipo muy abierto y diplomático, la Federación de juventudes políticas por arriba era excelente, JP, Juventud Comunista y Juventud Radical y eso ha permitido lo que es obvio ahora, mucha gente del PC de esa época alrededor del kirchnerismo, porque ellos mantenían un buen diálogo con la JP, los Montos no era muy políticos, eran muy fierros esos nunca hubo buen diálogo con Firmenich que no era un político, ahora lo debe ser creo que estudió mucho después, esa es una figura también interesante a descubrir, me dijeron que tiene un hijo muy capaz que anda en Buenos Aires que era muy amigo de Larroque cuando un día puteándolo a Firmenich me dice no digas porque el hijo es muy buen tipo, muy bien ubicado y lo reivindica a su padre, el padre ha repensado mucho lo que dice, era un pendejo también y Perón le dio mucho poder y después Fidel lo recibió directamente, hay que estar y no equivocarse y no saber mucho.

Juan Ignacio— Vos destacás la relación que tienen los estudiantes en ese momento particular con otro sector como son los sindicatos que fue algo clave para la organización de la participación de los estudiantes en el Cordobazo, ¿hay algún otro sector en la sociedad que haya podido acercarse en esa época?

Carlos— Nosotros no, como sindicato sí, el sindicato Luz y Fuerza sobre todo, ahora los otros que tienen relación con otros sindicatos, como Madereros, y todos los otros, después Petroleros, donde Tosco me llamó para ese acto y no estaba Curutchet, se había izquierdizado, pero nosotros no sabíamos, se ve que era Monto, se había metido por ahí, pero nosotros trabajábamos sobre todo con Foecyt y después con Luz y Fuerza hasta el final.

Juan Ignacio— La principal acción conjunta que fue para la organización con los sindicatos para la realización del Cordobazo, participación de estudiantes en el Cordobazo, pero hay alguna otra acción que una de las preguntas es qué acción extragremial tenían, en el momento que ustedes estaban en la universidad, era todo gremial porque los reclamos ya no eran un reclamo por la fotocopia, todos trascendían esos espacios

Carlos— Salvo el curso de examen de ingreso que era específicamente universitario, todo era político.

Juan Ignacio— ¿Y te acordás la primera acción en la que vos participaste?

Carlos— Sí, en el Partido nos enseñaban a hacer molotov y a cruzar carteles en la calle con boleadoras en actos muy relámpago que no nos diera la cana, me acuerdo en la Olmos casi Vélez Sarsfield un operativo con el “loco” Damonte y todos ellos, de cruzar un pasacalle grande “Abajo la dictadura...” y no sé qué más a favor del tripartito, autonomía... todo parecía después de entrenarnos en hacer molotov pero yo no las usé nunca dar me cuenta la hacía no sé quién las llevaba, en eso y en la toma del hospital del barrio era mi especialidad, los actos relámpagos en el centro. Una vez en Vélez Sarsfield y Olmos cortamos el tránsito y me hacen subir a mí al paragolpes de un ómnibus que habíamos parado y en pleno acto no sé por qué alguien dejó pasar el

ómnibus se fue a la mierda y me tiró a mí, le decía al chofer que pare y el chofer se cagaba de risa, en la otra cuadra había un zorro ... quedó la masa sola sin conductor.

Juan Ignacio– Entonces vos te sentías cómodo dentro del Partido a pesar de que como contabas venías de un hogar más cercano al peronismo.

Carlos– Sí, mi padre era peronista, mi madre jetona me acuerdo de chico discutía decía el que no es peronista es un hijo de puta, porque todo lo que daba el peronismo gente que no fuera peronista estuviera en contra de los beneficios y mi padre no se lavó las manos por una semana porque el general le dio la mano, ellos viajaron de Añatuya con una feria de la escuela industrial a Buenos Aires y a presentar todo lo que habían hecho en la escuela industrial y el general fue a ver esa feria y le dio la mano a mi viejo, volvió a Añatuya estuvo una semana sin lavarse la mano, el endiosamiento y aparte nosotros en año nuevo cuando se tiraban bombas lo que gritábamos los chicos era “Viva Perón carajo” ese era el grito de guerra de alegría. Pero yo aquí en el secundario que me toca yo creo que eso me empezó a infundar la idea socialista la lucha laica-libre, me toca a mí en 5° año del secundario y venían estudiantes universitarios de Rosario y nos arengaban aquí y era reformistas me doy cuenta y eran socializantes, esa vez a esos autores en eso me alejaba de la ideología del peronismo y para colmo yo lo escuchaba a mi padre siempre admirar mucho a Hitler y todo peronista había hecho fuerza en contra del yanqui pero a favor de Hitler. Mi suegro, el padre de mi esposa, era de la Alianza Libertadora Nacionalista y tenía una mescolanza, tanto admiraba a William Cooke que era diputado peronista de izquierda, el único delegado designado por Perón como sucesor era William Cook en una carta, pero también Patricio Kelly admiraba mi suegro y mi suegro me contaba cómo él cuando iba al local de la Alianza Libertadora Nacionalista en Buenos Aires de la pieza donde estaba con Patricio Kelly escuchaba los gritos de la tortura que le hacían los militantes comunistas en la otra pieza, esas cosas cuando vuelvo de la universidad cuento con tanto izquierdismo, hijo de puta me pareció peronista, empecé a odiar toda esa historia, para colmo Jorge Bergstein tenía una cicatriz en la pantorrilla porque era joven militante en Buenos Aires en un barrio o en Rosario perdón, estaba en un local en esa época no sé cómo se llamaría Cultura Sindical no sé cómo sería, pasan y ametrallan el local del partido y lo matan a Jorge Calvo que es uno de las víctimas de la horda fascista de esa época y a él también lo hieren y era secretario del Partido, nos contaba la historia de la lucha contra el fascismo que tenían. Después yo conocí había un químico de Rosario, ya voy a acordarme el nombre cuando voy a Cuba lo visito, el tipo se tuvo que exiliar a Cuba, era el dirigente comunista máximo de Rosario, te digo toda esta historia me alejaba del peronismo, porque eran historias muy lindas muy nobles de los comunistas jóvenes de esa época, él era el máximo dirigente de Rosario, Loson y Monzón son los nombres de los policías del peronismo que torturaba en Rosario, lo secuestran y lo torturan y se arma una movilización tan grande en Rosario que se hace una marcha a pie de Rosario a Buenos Aires de los estudiantes universitarios, era masiva, Perón se asusta y ordena que aparezca este estudiante de Ciencias Químicas y aparece, lo tiran en un basural y lo ametrallan, pero sobrevive y entonces tiene que exiliarse, el partido lo manda a Cuba se rehabilita y allá presta un servicio grande porque era químico importante y termina haciendo docencia. Cuando sube Cámpora él cree que la Argentina vuelve a la izquierda y se viene enamorado del camporismo, ahí lo conozco, en Cuba, después lo vi en Cuba, estuvo unos meses acá, la triple A empieza a actuar y se va a la mierda, lo buscan lo vuelven a buscar, esa es la historia de la relación de la historia universitaria con el

peronismo era muy fuerte, porque el peronismo en la universidad tuvo fascismo después se izquierdiza JP, Montoneros, pero es otra historia, se radicalizan y como digo ahí gracias al marxismo, del PC y de todas las otras fuerzas de la izquierda, del Che y Fidel.

Juan Ignacio– También se entiende por qué era necesario para alguien que no venía del riñón del peronismo como Tosco hacer fuerza para reunirse con los dirigentes del peronismo

Carlos– Dicen que él venía del peronismo ¿qué sabés de eso?

Juan Ignacio– Sí él tenía algunas nociones de peronismo pero que dado su militancia sindical, él empieza a observar y él asume esa postura de independiente para también no pasar de una posición de peronismo hacia una posición abiertamente de izquierda, entonces con lo de independiente él dejaba lo que tenía de simpatía por un lado, con este contexto se entiende realmente la necesidad de mirar para otro lado, de tomar esa pastilla para poder juntarse con los dirigentes del peronismo.

Carlos– Nosotros los estudiantes frente a la CGT estaba husmeando para el costado porque sabíamos que venían los muchachos de la UOM con las cadenas y nos pegaban directamente, buscaban a la izquierda y la única vez que... dos veces sentí alegría pero la vez que sentí mucha alegría estaba frente a la CGT y estaba Tosco y estaban todos los burócratas con él en el balcón de la CGT y nosotros no podíamos ni entrar, estaban todos los monos en la puerta impidiendo; cuando viene la columna SITRAC-SITRAM que me encantó, todos obreros todos influidos por el marxismo y se abrieron camino y empezaron a desparramar a las piñas a los monos que estaban ahí cuidando y de golpe vemos que entran todos arriba en el balcón junto con Tosco, una algarabía de la izquierda, por fin esa CGT para nosotros era nuestra CGT, hasta el momento eran todos fachos, insoportable eso, pero fue cambiando por todo este logro.

Juan Ignacio– Vos decís que había dos momentos que te habías alegrado, ese y

Carlos– No yo me confundo un solo momento que llega Sitrac y lo veo a Tosco arriba y después van ellos y el cuadro es completo ya Tosco con Sitrac-Sitram.

Juan Ignacio– ¿Y cómo es la relación, ustedes desarrollan algún vínculo con los obreros del Sitrac?

Carlos– No, ahí también el Partido se pierde una gran oportunidad. Por ejemplo Salamanca se lo nombra como hombre del Cordobazo, no es así. Salamanca es primo hermano de Panchito Delgado, yo lo conocí ahí, era muy buen tipo, había tenido mucha relación con el PC después se va, era buen tipo y Salamanca gana el sindicato en una táctica totalmente organizada con el Partido, mitad y mitad era, nada más que él era líder, pero el segundo hombre de él era del Partido Comunista y el abogado era Pizarro y el otro era un viejo del partido, los abogados y la lista marrón que gana. Salamanca gana después del Cordobazo, gracias al Cordobazo se produce ese switch, ese cambio después del Cordobazo lo votan a Salamanca, el Partido no sabe aprovechar esa oportunidad del Cordobazo y no se mete en las fábricas como correspondía, porque resultó perjudicial que era que los obreros con obreros eran estudiantes con estudiantes, los nenes con las nenas, y eso fue malo porque nosotros queríamos llegar a tener una fuerza importante en la universidad, teníamos muchísimos cuadros que podían haber influido en el movimiento obrero, pero en un lugar digo que parte de la izquierdización de los militantes obreros ocurre el acompañamiento de los estudiantes en los barrios en el 66, 67, 68 hasta el Cordobazo, tres o cuatro años, había muchos obreros en los barrios

donde los estudiantes en sus casas, que se parecían bastante porque eran tan humildes como los obreros y por ahí eran más humildes que los obreros, porque los obreros de Smata tenían su Rastrojero, su casa, nosotros éramos unos muertos de hambre, algunas veces ellos nos pagaban el asado y me acuerdo que la influencia de los estudiantes sobre los obreros en los barrios era tan grande que se empieza a producir esa discrepancia entre el tradicional dirigente sindical burócrata del peronismo y esta clase joven de obreros que eran más revolucionarios. Yo creo que hubo mucha influencia estudiantil, porque esos 4 años de lucha contra la policía a los obreros jóvenes les gustaban que y nos acompañaban. Nosotros podríamos haber hecho un buen trabajo en el movimiento obrero y el Partido nos prohibía eso, porque era burgués y tenía viejos cuadros del partido que no sintonizaban con esta nueva generación obrera y los que iban eran los de la facultad de Filosofía, todo eso a Materfer a Ferreyra y eso es un trabajo muy importante y aparte se empezó a poner de moda que las chicas de filosofía se consiguieran un militante obrero para novio, porque el clasismo era la moda. No me olvido de una experiencia patética, un día ya muy avanzado el Sitrac-Sitram totalmente copado por el trotskismo en esa época, que había hecho muy buen laburo, nos llama Jorge Berthe, para mí eran estertores del error político, a mí y a Canelles a una reunión a la noche, yo ya era médico estaba trabajando en otra cosa nada que ver y recordó ahí que yo había sido un cuadro político, me llama a mí y a Canelles me acuerdo nos reunimos era patético, en una carpintería de un camarada obrero los tres y quería que vayamos a una asamblea en la puerta de la Fiat en Ferreyra a ver si le ganábamos a los trotskistas la conducción de Sitrac-Sitram, porque nosotros éramos cuadros, yo ya no pintaba y Canelles era de la Uocra, nada que ver, le dijimos que no, de ninguna manera, nos van a sacar cagando aparte, ¡íbamos a ir a hablar en nombre del PC!, no tenía gollete, pero eso era en definitiva el reconocimiento a un error muy grande. Nosotros no influimos ahí y te digo la línea del Cordobazo hasta el momento del Cordobazo fue la correcta y después no supieron qué hacer y yo creo que en el fondo debo aceptar que seguro era un error del PC en un grado tal que se lo merecía porque venía expulsando a toda la gente que pensara distinto al que quisiera dudar o discutir. Entonces se quedó con todos adocenados, obedientes y esos no iban a hacer la revolución. Y aparte un aparato que se reciclaba a sí mismo, manejaba muchas finanzas y los cuadros que dirigían eran todos profesionales que tenían su casa, su departamento, su auto, y nosotros los militantes universitarios jugábamos partido importante, no éramos del aparato, yo iba muy poco al local y me pareció Panchito Delgado nosotros éramos los cuadros de masas y por eso quedamos girando locamente en el espacio porque el PC nacional no tenía nada que ver con el Cordobazo, había tenido que ver el local y sobre todo la juventud comunista y sobre todo la juventud universitaria, esa es la verdadera historia y entonces nosotros quedamos sin... para colmo vienen las elecciones se equivoca el PC nacional, muy marginado y entonces lo vemos por TV después.

Juan Ignacio– Pensando en el Cordobazo empieza a escribirse en el 66, cómo es que ese protagonismo de los estudiantes en la resistencia a la dictadura va relacionándose por el mismo cierre de la universidad en otros espacios se vinculan con los obreros y trabajadores y entonces sí es posible entender no solamente el Cordobazo, sino también la izquierdización más adelante de los obreros.

Carlos– Claro, por ejemplo el Smata, Salamanca el tipo tenía muchísima relación con los estudiantes, con Panchito incluso ellos más que con los tradicionales dirigentes sindicales de antes tenían más relación con los estudiantes y con los marxistas y esa

sopa que había alrededor de la universidad de Córdoba influyó mucho, incluso los abogados salieron de la universidad, de alguna manera Garzón Maceda que influyó mucho, Chiaravino, toda esa gente viene de la universidad, eran los abogados de los sindicatos aún burócratas, pero no venían del fascismo, venían de ese nuevo peronismo que se cocinaba influido por el marxismo en la universidad, en definitiva todo lo bueno del peronismo hasta el, y cada vez más es por influencia del marxismo sobre el peronismo, esa es mi opinión y lo mejor que hizo Perón en economía fue dado por Gelbard, es interesante, yo reivindicó ese ejemplo que te pongo, vos tienes 200 litros de pintura blanca y le echas un litro de rojo y no vas a lograr que sea rojo, ni nunca que sea blanca totalmente, esa es la múltiple influencia que recibe en definitiva no solo la práctica política sino también la ideología.

Juan Ignacio– Vamos a dejar si te parece, hacemos un cortecito.

3.

Narra: Carlos Scrimini

Escuta: Juan Ignacio González

Lugar e Data do encontro: Santiago del Estero, 13/05/2012

Transcrição e edição: Raúl Allende e Juan Ignacio González

Revisão: Juan Ignacio González

Juan Ignacio– Cómo definirías vos la posición ideológica del MUR ¿cómo eran?, ¿cuál era la raíz de su pensamiento, cuáles eran las lecturas principales que hacían en este año 67?, que hubo que hacer otras lecturas.

Carlos– Nosotros queríamos que fuera una agrupación universitaria de forma amplia, a los que iban entrando a la agrupación ampliábamos lo que decía la Federación Comunista, era inevitable eso nunca pudimos tener una agrupación de masa que se diferenciara mucho de la Federación Comunista, aparte en el partido siempre hay una campaña permanente de afiliación de que todo lo que iba entrando iban ingresando. Había unos cuantos que no se afiliaban que eran militantes del MUR, pero en general casi todos se hacían comunistas y la formación que teníamos era casi todo material del partido, porque para colmo después de la fracción del 67 nuestra conexión con la FUA queda cortada, porque todos esos cuadros se van al PC o a las FAR y entonces los materiales de la FUA que antes eran los materiales nuestros, por ese choque del partido. La pelea fue muy grande, te cuento más o menos cuando se cruzó las fracciones, PCR con Vargas que lideraba esto y se va toda la juventud comunista, sobre todo universitaria, la pelea en Buenos Aires que nosotros no la vivimos, era a mano armada, había casa, depósito de armas, dinero y era quién corría primero, enfrentamientos muy duros para agarrarse las cosas que había entonces, eso se trasladó a la FUA y cortamos las relaciones, entonces ahí quedamos solamente como MUR y FUC ligada al PC.

Juan Ignacio– ¿Y había espacios en estas discusiones sobre el enfrentamiento a la dictadura también para otras cuestiones, por ejemplo lo que me contabas hace un rato de Vietnam o qué postura tomaba el MUR o la juventud con respecto a la destalinización?, más latinoamericano, menos latinoamericano.

Carlos– Nosotros a pesar de los problemas que había con el foquismo y el Olas, seguíamos siendo muy castristas, y muy admiradores del Che, tan es así en el 66 cuando lo matan al Che fue un golpe durísimo para todos los estudiantes. Me acuerdo que iba caminando por la calle del Clínicas y lo encuentro a un morocho que le decíamos El Negro, integralista, llorando en la puerta de una casa, le digo ¿qué te pasa Negro? yo no me había enterado todavía; dice “lo han matado al Che”. Integralistas, comunistas, todo el mundo sufrió mucho eso, la sensación de una revolución latinoamericana a pesar que uno estuviera en contra del foquismo andaba en el espíritu de todos, esa fue la gran impronta que se le debe a Fidel no hay duda de eso, cambió las utopías que antes no las viví, pero no sé cómo eran, eran revolución más o menos como los soviéticos que habrá sido, cuanto más como la Guerra civil española, pero esa era una derrota; para nosotros era eso, nos unía a todos porque nosotros discrepábamos pero éramos todos muy amigos, yo con Azócar discutía muchísimo, pero nos queríamos, la dictadura nos unificaba. No había mucho espacio para más, después vino lo de Chile, lo de Camilo Torres, todas esas cosas se desparramaban mucho, se veía. Y después cultivábamos un cine en común, que era el cine Sombras, donde se pasaba *La batalla de Argel*, *Zeta*, todas esas cosas de cine debate, las luchas contra la dictadura fascista, unificaba mucho incluso en el mundo, también en Europa venía esa veta. Aquí había un disco de la Rosa Blindada que a mí me copaba, recitado por Héctor Alterio jovencito y eran las poesía de Neruda y la música no me puedo olvidar, una música dedicada a los españoles, porque el Partido tenía la vieja tradición de la solidaridad de las Brigadas internacionales con España, eso también era culturalmente muy importante y la Rosa Blindada había tomado y toda la izquierda también, había una tradición cultural política en común, no sé qué otro espacio preguntas vos.

Juan Ignacio– El material que les llegaba a través del partido quizás fue también un momento de discusión de lectura en el año 67 que hubo una disminución de la militancia.

Carlos– Los materiales del partido eran revistas Cuadernos de Cultura, Nuera Era, diarios, revistas internacionales que eran un socotroco pesado que hablaban tanto de Ucrania como del partido de Checoslovaquia o el de Afganistán o cuando chico no te olvidás de eso, era muy internacionalista el tema y la revolución cubana que siempre seguía siendo un fárrago, con todo lo que iba aconteciendo ahí. Y hacíamos curso de marxismo que los soviéticos nos mandaban esos esquemas para que estudiáramos y por ahí hacíamos una ida a las sierras, contactos, escuelitas, les llamaban escuelitas, había un programa, un maestro que nos guiaba. Estaba el recuerdo del cual no se quería hablar, del grupo que se fue a Salta que pertenecía a la Juventud Comunista, lo habían pillado en una zona de las sierras de Córdoba, cuando había que hacer escuela en las sierras había que tener mucho cuidado porque los pescaron con instrucción de armas en una zona de las sierras, ese año fue duro pero nos blindó, porque el grupo ese después revitalizó en el 68 mucho más fuerte. A nosotros nos ayudó estar contenidos con partidos muy organizados, los aparatos de partidos te contenían porque había profesionales, a nosotros nos beneficiaba porque las otras agrupaciones estudiantiles no tenían partido donde respaldarse, nosotros, invierno, verano, todo el año había, se manejaba con un técnico que iba y nos buscaban, había un comité provincial, nacional, escuelas nacional, internacional, yo me perdí como ya era casado y tenía hijos, siempre me ofrecieron propuestas muy interesantes, me las perdí a todas. Casi todos, Pancho, hicieron cursos, Arroyo, todos de un año de marxismo en Moscú, no era joda eso, yo no

podía tomar ninguno de esos, tenía que terminar de estudiar y después laburar para mantener la familia. Incluso un presidente de la FUC, me perdí el Congreso nacional de las juventudes por la paz y no me acuerdo como se llamaba, en Bulgaria, aparte una joda total, una diversión, las chicas y los muchachos, yo ya no estaba y Fito era joven pero no estaba Fito en esa variante, no podía y me acuerdo que mandaban, fue un tal Cantero de Tucumán, un dirigente... radical o peronista, ese fue al congreso, se divirtió como loco y me contó después cuando volvió, me quería morir. Nunca ejercí la juventud plenamente porque en cuanto empecé a militar en el 67 me casé rápidamente. El partido nos contenía políticamente para que nosotros no nos decepcionara como en el 67 creo que era fue muy difícil, para colmo lo matan al Che también, depresión. Eso y el sindicato de Tosco, esos eran nuestros dos respaldos que teníamos, linda época.

Juan Ignacio– Y si alguien se acercaba y le decía che mirá vos querés afiliarte cómo decís, te querés afiliar o desafiliar pero si vos te querés afiliar mirá la propuesta del MUR es la siguiente, si vos tuvieras hoy que decirle a alguien che ¿el MUR qué te propone?

Carlos– Claro de manera política muy difícil, diferenciar la propuesta partidaria, derrocar la dictadura por una democracia que la que planteaba el movimiento estudiantil era recuperar la autonomía tripartito pero a condición primero de bajar la dictadura, por eso que era muy difícil una agrupación reformista, era el sello “reformista”, a nosotros nos costaba, cuando hacíamos los volantes y todo la misma FUC que terminó siendo sapo del MNR que nos acompañaba, era una cosa muy definida, la universidad de masa abierta, con sus centros y todo. En las asambleas sí lo que nosotros llamábamos aliados, mirá hasta eso decíamos militante del MUR aliado, porque nos aliaba a la juventud comunista, que no estaban afiliados pero seguía nuestro lineamiento, que se diferenciaba porque nosotros siempre pedíamos reivindicaciones o que pedíamos nueva mesa de examen, o que el profesor de fisiología era un tipo muy jodido y le hacíamos una huelga y tomábamos la escuela práctica. Nosotros nos queríamos ocupar más de la reivindicación estudiantil, era pequeño el margen que había, ahora los grupos de izquierda eran mucho más potenciales, planteaban la revolución socialista, o el paro general por tiempo indeterminado, revolución, nosotros lo que queríamos con ellos que había que atender las cuestiones reivindicativas, económicas de los estudiantes, nosotros por línea política teníamos que atenernos a eso, pero no había mucho margen, me parece porque no tenía local, imprenta, ni un carajo, uno se educa en eso solamente en el combate con la dictadura, sabíamos todo el otro verso.

Juan Ignacio– ¿Y cuál es la vertiente del MUR, de dónde viene, qué corrientes, qué agrupación anterior se desprende, o es una agrupación original?

Carlos– No, un invento del partido para poder tener su participación política estudiantil, aquella época de Kozak una agrupación dentro de la FUC, pero era producto minoritario, fue creciendo pero antes era muy minoritario y era muy difícil diferenciar, todo el mundo sabía que el MUR era eso, pero todo era así, después en las asambleas vos veías las influencias, en los actos como te votaban y te aplaudían, Franja Morada era un grupo de medicina, los otros casi ni existían, en Derecho estaba Aracena y dos más, en medicina habrá tenido 7, 10 militantes de fierro y la influencia de Franja por los apuntes, porque ellos hacían precio en los apuntes, tenían imprenta, el radicalismo tenía otro partido que lo apoyaba, pero eran 10 militantes y después qué influencias, había una masa estudiantil que rápidamente activaba pero no era fácil convencerla que

estuvieran con vos; y Azócar no habrá tenido muchos más, el negro Azócar andaba también con un grupo de 10, después los curas obreros, los sindicatos y esa masa informe del Integralismo que los había seguido cuántos les quedaba a ellos no sé, tenían influencia, pero como organización no tenía muchísima gente tampoco.

Juan Ignacio– Y estos estudiantes que seguían estas actividades eran por alguna de las acciones decisiones que tomaban o ya tenían una orientación definida?

Carlos– Estaban después del 66 del enfrentamiento tan prolongado de Cerda, Pampillón y todo eso se había movilizándolo tanto, habían hecho tanta barricada, tanta ocupación de barrios, tantas veces perseguidos por la policía, que estaban polarizados contra la dictadura, entonces ellos, enganchaban rápidamente para ir, si la propuesta era inteligente y se veía unitario como hicimos esa estudiantina en la calle Chaco, ese fue un invento mío acordándome de la estudiantina que hacíamos aquí en el secundario, no sabíamos cómo inventar una actividad que pasara disimulada a la dictadura, nos permitiera agrupar la gente, después marcar la marcha: una estudiantina, hasta el comisario de la 3ª se la tragó, pusimos las mesas, empanadas, música, una cuadra entera de joda; ahí casi me peleó con Aracena porque habíamos hecho un pacto con la Franja Morada con el MNR para hacerlo en conjunto, pero ellos dudaban mucho de nosotros, creían que los queríamos manejar, porque Aracena era así, tenía esa tradición radical del manejo, nosotros no pensábamos joderlo, íbamos a compartir micrófono y tenía un hermano que ha muerto, que estudiaba Medicina, más fornido que él, ahí estaba desconfiando de cuándo nosotros íbamos a agarrar el micrófono, porque la fiesta de golpe se tenía que transformar en acto político, me acuerdo que el grandote se me abalanzó me dice “dejá de hablar de más” y claro, si, demos el micrófono al otro para que hable, pero ellos estaban diciendo que nosotros íbamos no dejarlo hablar, hicimos una marcha hasta el centro y llevamos una tabla de flores al lugar donde habían matado a Pampillón un 29 de septiembre, conmemoramos y la gente te acompañaba cuando veía que era inteligente, simpática, festiva y de batalla, después la policía nos sacó cagando y en los 70 les gustaba la corrida, era emocionante, también eso aprendió la dictadura, no va a haber más diversión, se acabó lo que se daba.

4.

Narra: Rafael Vaggione

Escuta: Juan Ignacio González

Lugar e Data do encontro: Córdoba, 31/05/2012

Transcrição e edição: Raúl Allende e Juan Ignacio González

Revisão: Juan Ignacio González

Juan Ignacio– ¿Cómo llega Ud. a la militancia, cómo llega a la universidad, en qué año llega?

Rafael– Tuve un período que vine, me quedé sin padre y ahí volví hacia militancia en el secundario, militaba en un centro estudiantil en el colegio y yo militaba.

Juan Ignacio– ¿Qué colegio era?

Rafael– Nacional, participaba en el centro estudiantil, ya se veía cómo venía el quilombo y yo me sentía comprometido con estudiar y militar para ver qué mierda era esto y que pasó con el país, parece que no hemos arreglado mucho, vos sabés que de ahí vine acá y acá nos juntamos un grupo de gente, porque la militancia que había acá en el año 57 era una militancia universitaria muy blandita, yo diría un poco parecida a la militancia estudiantil la militancia obrera, los dirigentes estudiantiles era parte del gobierno, parte de los profesores, y eso no me gustaba y nosotros concebimos una idea de tipo generacional, por lo menos en el grupo que yo militaba que hacía falta un análisis de tipo generacional y un cambio profundo, lo que podía ser saliendo de un principio de tipo generacional. Éramos muy críticos del sistema educativo argentino y desde primaria, secundaria, universitaria, la habíamos sufrido, del autoritarismo que lógicamente existía en la universidad también, el autoritarismo político y demás, contra eso empezamos a reaccionar y la opción era muy poca, era el grupo católico que estaba en la iglesia con un cura y todo, no lo critico sino lo que era y después algún grupo de tinte radical, algún grupo de tipo comunista, que respondían estrictamente a lo que era el partido. Y todos eran políticamente correctos. Nosotros comenzamos militando haciendo cosas que eran políticamente incorrectas, por ejemplo sosteniendo cosas como que no hacía falta el examen de ingreso, lo que hacía falta eran buenos profesores y más exigencia, el problema no era la eliminación antes, porque eliminaban al tipo que no tenía guita, que éramos nosotros; nosotros veníamos del interior sin un mango, tuve traje cuando me recibí porque me prestaron guita, es decir y sino estábamos muertos, éramos estudiantes de no nivel económico. Una cosa muy rara se dio y logramos formar un movimiento, un grupo de estudiantes que se denominó “Integralismo”. Era un sistema tipo integración, esa es la idea “por la verdad denunciada, la justicia practicada y el amor vivido”, nosotros creíamos, verdad no decía la verdad bastante interesada por los grupos de poder, la justicia no había porque te hacían cagar de cualquier manera, como nos siguieron haciendo cagar, después te voy a contar si querés y el amor vivido, que era una especie de sistema de conformación fraterna, no el amor vivido como se puede entender ahora, nos definíamos como una orientación social y cristiana. Eso comenzamos a hacer con ideas estrictas, por ejemplo con los estudiantes no podíamos trabajar en la universidad, no podíamos tener puesto universitario, teníamos que rendir un concurso y si nosotros no podíamos aceptar dádivas, no podíamos confraternizar en reuniones privadas con profesores que nos ofrecían determinadas cosas, no entrar en la confusión que se insinuaba. Una conformación un grupo que fue cada vez más grande porque vos veías la discriminación, la diferenciación y una serie de cosas más. Nosotros con ese grupo yo fui por ejemplo el autor intelectual, ideológico, y no sé qué otra cosa más, de la participación de los obreros en el gobierno de la universidad, creo que la Católica no debe estar de acuerdo, ja, ja, perdoname la chicana, que debatamos este tema en la Católica lo quiero ver ahí. La participación de los obreros en el gobierno de la universidad, porque nosotros sosteníamos que el tema no era tripartito ni mucho menos, menos bipartito pero lamentablemente el obrero que es el que guía la universidad, fundamentalmente el trabajador universitario, trabajador de algún nivel, bibliotecario o no, que pueda ser gente una especie distinta de gente, bueno este tema lógicamente fue rechazado, dijeron que era marxista no sé qué otra cosa más, alguno dijo que era un sorete yo, pero esto fue una diferencia dura con la orientación de lo que podía ser el obrero. Esto fue en el.. nos presentamos a elecciones ganamos todas las facultades prácticamente en la Universidad Nacional de Córdoba.

Juan Ignacio– ¿En qué año?

Rafael- 58, 59, 60, 61, 62, casi toda la Universidad ganamos nosotros, con ese concepto yo diría cuáquero, en el caso personal mío yo era amigo de Angelelli (no lo digás porque va a quedar mal), no te digo ideología ni mucho menos, pero sí el contenido de tipo ético durísimo, imperdonable, por ejemplo nos enteramos que un consejero estudiantil había ido a hablar con el rector sin la presencia de otro nuestro ¡fuera!; que otro tipo había aceptado una beca para ser dirigente estudiantil sin consultar con la dirigencia, ¡fuera!, éramos, no perdonaba, en ese momento creíamos que el problema era ético y moral, una ética de tipo social y vivíamos tirados para qué te voy a mentir, no había de casualidad, hacíamos todo tipo de cosas y con esa idea fue acentuándose la idea de que el enfrentamiento sindical ya estaba, estaba pero no estaba como está ahora el empleado burocrático, estaba en otro tipo de acercamiento, te das cuenta lo que quiero decir, sino los tipos que estaban en el trabajo privado no en el trabajo de municipalidad, a pesar que tenemos buena relación, distinto tipo de movimiento, lo cierto es que en un momento determinado también ingresa fuertemente la idea peronista a raíz del fracaso de proyecto nacional de cualquier tipo de consolidación, fracasa Frondizi, fracasaron, vienen distintos Golpes de estado, entonces las banderas no eran peronistas, ni mucho menos, que pasó? temas como había sido el castigo a los grupos populares por ejemplo con el gobierno de la Revolución Libertadora, el fusilamiento de Aramburu, ese fue determinante para muchos de nosotros, por ejemplo yo fui a un acto que hacía Aramburu, le grité asesino por el fusilamiento de Valle, no habían pasado segundos me habían cagado a palos, puesto preso y dijo intendente muy joven que había que buscar gente, para que la patria tuviera la posibilidad, una cosa rarísima, años después la misma teoría tratando de evitar que se fuera a lo que se llamaba en ese momento la clandestinidad de Maza, que era amigo mío intervino en la muerte de Aramburu y él me dijo lo mismo, que había que matar gente, llegaste a la misma conclusión que lo que no compartimos, pero después murió lo mataron al poco tiempo a Maza, no sé si vos conocés, nosotros estuvimos preparando para hacer ejercicio con los chicos en la universidad, en el año 69 ya habíamos salido bastante en la universidad bastante el 64 cinco años y el movimiento estaba muy plegado, había dos tipos de polos de trabajo, casi todos estábamos con algún grado de amistad con la CGT de los Argentinos y por ejemplo alguno de la CGT de los Argentinos hablaron algún puesto, no se metan, dejen de meterse, un poco el escarceo que había, el tema era que en la universidad como estructura de lucha política y de lucha apolítica, nosotros sustentamos principios que, sustentamos no tenía que haber política partidaria dentro de la universidad, eso sí cambió, sustenté que no tenía que haber lucha partidaria sino una lucha ideológica distinta para formación de gente en el futuro y perdieron y ahí comenzó, después del 69 comienza una suerte de polarización del movimiento que comienza a desaparecer como movimiento estudiantil. La relación de pero el castigo que recibió fue enorme, por ejemplo en todo ese grupo de dirigentes estudiantiles pesados y semipesados solamente dos llegaron a ser profesores estuvieron concurso 1954, 1955, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72 73 recién concurso el decano de ese momento me dijo que yo era enemigo de ellos, entonces me iban a eliminar de la universidad, no me hiciera ninguna ilusión de estar dentro de la universidad, tampoco le gustó cuando me vio como decano, tampoco le gustó cuando vio que los obreros estaban en el gobierno de la universidad, pero la lucha ha sido difícil porque éramos los grupos estudiantiles de posibilidad económica muy poco, gran cantidad de gente que laboraba de cualquier cosa Willington fue decano de medicina que estaba en el movimiento, mi hermano no tuvo vida académica porque fue a trabajar

como médico y se cagaba de hambre, profesor es decir raleando el concepto de moral y quedamos prácticamente fuera, todo ese grupo se volcó hacia la actividad política partidista, un doble efecto puede haber sido peronismo como máquina gigante de atraer y mezclar, lo atrajo y lo tiró dentro del peronismo y de ahí unos hicieron carrera otros no, otros más, menos. Rubio presidente vocal del Superior Tribunal de Justicia es el que sustentaba la politización partidaria, yo no, hemos quedado con poca vida pública.

Juan Ignacio– Dentro de este clima que Ud. me comentaba cuáles habían sido las posturas de la agrupación sobre la Reforma del 18, qué ideas?

Rafael– Nosotros retrotraímos el tema de la emergencia de estudiantes de la universidad a la Reforma del 18, la primera toma que se hace a la Universidad Nacional de Córdoba es por los estudiantes jesuitas, cuando expulsan a los jesuitas, 1763, cuando son expulsados los jesuitas los estudiantes toman la universidad para evitar que sea destrozada la universidad por la llegada sin condiciones del clero secular franciscano, dominico y demás, los estudiantes se quedan aquí cuidando lo que era el legado tan especial que tenían los jesuitas en la educación y la cultura, se suceden una serie de movimientos siempre ha habido una movilización del movimiento estudiantil, las reformas fueron importantes pero la Reforma tenía para nosotros una connotación política central que era partícipe, es decir había una connotación política central que ya venía dándose a los tumbos desde 1895 con los gritos de la Unión Cívica y demás, por ejemplo Estrada tomaba parte de la Unión Cívica y la frase de Estrada que a nosotros nos gustaba mucho que era con la fatiga destrozada por la patria antorcha para luchar por la libertad, lo dijo aquí en Córdoba, es mentira que lo ha dicho en Buenos Aires, lo dijo acá cuando no lo dejaban entrar en 1895 creo que fue no lo dejaron entrar a la facultad, entonces en un discurso que dijo acá dijo eso y por eso para nosotros, yo siendo decano conservar ese edificio era muy importante, porque los principios que sosteníamos nosotros que era la libertad académica en serio, porque la UNC tenía un siglo antes la diferencia entre la Corda Frates y los masones, ¿sabés donde estaban los masones?

Juan Ignacio– No

Rafael– Los masones estaban en la esquina que quisieron romper la rectora esta ahora, esa era la biblioteca y el lugar masónico de Córdoba y entonces cuando llegaban los masones se iban los de la Corda Frates se iban al otro frente que tenían al lado de la plazoleta de Rafael García, cuando llegaban los otros sacaban estos ponían los otros, éstos se iban a su grupo masónico, un juego interesantísimo, un diálogo interesantísimo de distintas posiciones que fue haciendo crecer la idea de una universidad conservadora y universidad no conservadora, una cosa del punto de vista que fue interesante como que iba siendo un preanuncio de lo que iba a pasar. En este momento lamentablemente yo diría desde las últimas conducciones de Rébora en adelante es la historia única, el partido único, si vos no sos esto te tengo que hacer sonar, todos rectores vos lo buscás han sido así, Rébora, Delich, etc. han sido así, yo si puedo voto a favor, no jodás pinto así la idea por ejemplo yo fui decano de la facultad de Derecho, lo primero que hice fue votar a los docentes, los puse de prepo, ¿por qué?, por imperio de la moda, ya no es el plató, la Asamblea Universitaria todo lo que vos quieras, nosotros hicimos un análisis había que castigar entonces quisieron sacar de la facultad del centro y ahí vino la concepción universitaria que nosotros teníamos, estábamos en contra de la concepción del campus, (los delegados de la Católica nos van a cagar a patadas), siempre nosotros

mantuvimos la idea en contra del campus, y no, nunca tampoco hicimos y acá en el centro yo edifiqué, hice la facultad para que no se fuera y en contra de la opinión del rector, vicerrector, me puteaban los diarios, me puteaban todos, en esa época no dictadura, la idea nuestra...

Juan Ignacio– Detrás de eso estaba la idea del cientificismo venía con eso el proyecto de las universidades campus de los Estados Unidos que venía con Frondizi

Rafael– Un cientificismo de tipo especial quienes son científicos? los científicos dicen quienes son científicos, cagaste cierta necesidad de apoderarse de un proyecto universitario, esto está pasando, lamentablemente lo digo con tristeza, hay que reconocer que es una cosa espantosa como proceden los sistemas, no solo se reduce a la universidad nacional sino que va a la universidad privada, de discusión se transforma yo pienso lo que quiere que piensen los dueños, entonces la teoría del campus universitario ha copado la universidad argentina, todos sus compuestos están encantados con el campus, entonces vos tenés una universidad fuera de la ciudad y fuera de la sociedad y están contentos ahora porque han abierto cátedras ¡qué lo parió! fijate el contagio, han abierto cátedras una cosa fantástica si querés mi opinión creo que el campus fue una idea nefasta también para la Católica, la Siglo 21, la Pascal todos un campus universitario donde iba acoplado la idea de que no hay nadie que pueda entrar a la universidad si no tiene cierta holgura económica.

Juan Ignacio– Incluso en la reforma del plan de estudios de la facultad de Derecho se incorporaban con menores recursos dedicación tiempo completo

Rafael– Lo que se dice el contenido de materias por ejemplo todavía está, yo enseñé derecho agrario, minero, ambiental, todavía está la materia porque yo hice un planteo judicial, la querían sacar, banco 2, banco 3, banco 4, quiebra 1, quiebra 2, quiebra 3, quiebra 4, quiebra 5, estado 1 estado 2, ese tipo economicista es terrible, hace que en definitiva sea cierto un postulado que hay que dice que el derecho es un dato más de la economía, yo estoy absolutamente en contra, el derecho debe conservar raíces que son, no lo conozco pero miro con desagrado los derechos comerciales con derecho civil y sino cagamos acá viene el Estado para joder más gente, yo personalmente creo que ese quiebre que tuvimos nosotros, esa falencia de nosotros que hicieron triunfar los campus ¿Qué opinás vos de los campus?

Juan Ignacio– Viene de parte de eso, pero también es un gran proyecto de desactivar, de romper esa relación del estudiante con el mundo cotidiano, la facultad de Arquitectura al frente de la CGT, ese contacto era imperdonable, o Ingeniería, también.

Rafael– Derecho se quedó porque yo dije no nos vamos más, nos quisieron desalojar, cerraron la facultad, dieron orden que se quería vender el edificio para hacer viviendas privadas, destruir un concepto de universidad medianamente metido en el medio, porque en este momento suponte vos los chicos se van de Nueva Córdoba al campus y vienen y van al campus de lo viejo una situación de una burbuja, es el ideológico social, se van creando oligarquías, por eso los chicos suben al auto salen cagando y matan un chico y siguen, movimiento estudiantil en todo el país comenzó a caerse en esta serie de circunstancias, golpes de Estado y todo lo demás.

Juan Ignacio– Cómo era la relación entre el peronismo con otras agrupaciones, más ideas radicales..

Rafael– Nosotros no teníamos problema, nosotros lo que decíamos era lo siguiente: que la ideología política no nos haga deteriorar la cuestión interna, ¿por qué? porque cuando vos te vas a la ideología política terminás funcionando por los intereses de esa ideología política, por los grupos sociales que están dentro de esa ideología política y eso es lo que hacen, esto es lo que ha pasado en Argentina Argentina no conozco mejor que yo las universidades privadas, la Universidad Siglo 21, la Pascal y demás que anda dando vuelta, Dios me libre, y la Católica también, no sé si te libra Dios, un tema que no me incumbe. Vos sabés que a mí me preocupa esa conformación de una idea donde vos no hacés una escala social cuando ingresás a la universidad, sino que lo que estás haciendo es un proyecto de estudio que ya está, no hay otra forma, no hay análisis social, no hay nada, recién ha comenzado a surgir también un libro que ha llamado la atención clases sociales argentina, cual es la idea para mí el Cordobazo fue una explosión pero nunca un éxito, más claro echale agua el Cordobazo, porque también creó distintos tipos de gente que confluyeron para hacer un acuerdo político espurio ¿tenías esa idea vos?

Juan Ignacio– Estoy entrando a través de las distintas entrevistas

Rafael– (...) que fue un tipo que fue funcionario del orden nacional en ese momento, que él me dijo esto, que muchas cosas del peronismo fueron hechas, social una explosión social ponderable, yo no sé si fue éxito, tengo mis dudas.

Juan Ignacio– Entonces la agrupación una de las propuestas era de revisar política no partidaria

Rafael– Fuerte impronta social, con un fuerte contenido ético

Juan Ignacio– ¿Y qué hacía que los estudiantes fueran atraídos por la agrupación?

Rafael– Por eso, porque teníamos una idea clara de los planes de estudio, una idea clara el contenido ético de la dirigencia, una idea clara del hecho social, gran parte de los estudiantes que estaban tenían su viejo, su padre, su abuelo, que eran obreros, alguien había sido obrero. A mí el decano cuando me dice Ud. lo que tiene que hacer es arar, se refería como diciendo Ud. lo que tiene que volver a ser ignorante, no le quepa ninguna duda, es decir ese hecho oligárquico fue espantoso.

Juan Ignacio– ¿Y cómo había sido la experiencia de su familia, en cuanto a militar en política?

Rafael– Mi viejo era esos tipos que se hacen a sí mismo, lo llevaron de chico a aprender en un colegio salesiano, limpiaba los baños, fue a la primaria, a la secundaria, después la universidad, salió embalado trabajaba y estudiaba, él estuvo dentro de los grupos si querés llamarle del grito de Alcorta de 1915, esa es un poco la ideología de todos estos gringos, y el partido eran demócratas pero liberales, posición muy amplia social y muchos de ellos se fueron al peronismo, entre ellos mi viejo se fue, como gran cantidad de gente se fue, cuando comenzó el aprovechamiento, la victimización, la imposición, cuando comenzó la política autoritaria toda esa gente se fue, era un momento muy difícil de búsqueda, de mucha pobreza del país, mucho control.

Juan Ignacio– ¿Y recuerda Ud. cuál fue la primera acción, primero adentro de la universidad que tuvo Ud. como militante y después la primera acción que tuvo fuera de la universidad?

Rafael– Yo dentro de la universidad como militante, hicimos un gran quilombo porque quisieron meter unos cambios en los planes de estudio, estábamos muy preocupados por

lo que nos querían enseñar, un cambio mental de estudio, en el sistema, una cosa rara, una promoción y salimos con eso y además criticábamos mucho a los profesores que iban a dar clase, vivíamos en tiempo de exigencia, esa fue la primera cosa que me recuerdo y cuando fui consejero me suspendieron como consejero y como estudiante, ¿qué mierda fue lo que hice?, hice un planteo de entrada en la reunión de Consejo y me suspendieron, me aplicaron sanción, una cosa espantosa, me putearon, una serie de epítetos y calificativos y me suspendieron y después volví, pero eso fue de lo primero después... fue concursos, exigíamos concursos, eso fue una de las cosas importantes porque íbamos a ingresar sin concurso, es decir, yo soy uno de los pocos boludos que ha hecho toda la carrera con concurso, diputado por concurso, decano por elección, nunca he sido profesor plenario, me parece una locura la gente..

Juan Ignacio– Después en la Católica están los profesores consultos

Rafael– Yo soy consulto, es una cosa

Juan Ignacio– Consulto es cuando ha pasado la edad jubilatoria.

Rafael– Entonces no tenés más concurso te podés sentar a ver cómo crecen las margaritas, no estudiás más, no te calentás más, nadie te jode que sos capaz; yo creo que eso pasa y a eso la misma resolución del concurso yo en la Católica propiciaba que hubiera concursos, ni 5 de bola, en la Pascal propicié que hubiera concurso, ni 5 de bola.

Juan Ignacio– Por las presiones de la CONEAU

Rafael– Eso es otra cosa si querés te hablo...

Juan Ignacio– ¿Y cómo fue esta relación o si hubo que tomar en algún momento partido por la inminencia de algún golpe de Estado, o el enfrentamiento con la dictadura del año 66, se vio obligado a hacer declaraciones, a manifestarse, a comunicar?

Rafael– Había declaraciones, manifestaciones y demás, yo en ese año el acuerdo del grupo político que estaba CGT de los Argentinos me pidieron que me hiciera cargo momentáneamente del Boletín oficial, me presenté, me hice cargo y ahí presenté la participación de los obreros en la ganancia, y lógicamente no duré nada, eso la experiencia pedida por el grupo, eran cosas muy locas te diría que yo no me sentí cómodo, el tiempo que tuve no me sentí cómodo, superar la participación de los obreros, vino Ongaro, había una efervescencia era una efervescencia querida y una efervescencia publicitada, una efervescencia ya publicitada ya manejada de otra manera, ya el panorama argentino, uno veía el diario del día lunes se estaba enrareciendo enormemente, todo ese tipo de movimientos la gente se comenzó a volver a los partidos políticos y yo tengo la teoría de que la universidad quedó desguarnecida, fijate vos un esquema de tipo conservador, no logramos nada, Ahora el 76 eso ya nos agarró más armaditos, porque ya habíamos aprendido poco, entre ellas, yo soy uno de los que presentó mayor cantidad de hábeas corpus, de Vaca Narvaja, todos esos tipos, no participar de ideología porque la ideología es un flan, no participar del movimiento, yo nunca simpatiqué con la estructura de tipo montonero, me parecía una especie de suicidio colectivo y en contra de lo que quería el terrorismo de Estado, y toda esa gente más que estaban, nos lanzamos, pero la casa un bombazo hicieron bosta y algunos estábamos en eso Colegio de Abogados en ese momento en 1975, tenían un montón de abogados presos y estaban por la minoría, quedamos 3 y uno desaparecido el primer día del 19 del colegio de abogados, pedimos la liberación de los abogados presos, echaron la culpa a no sé la huevada que gritó y ahí se produjo poco tiempo después el golpe de Estado y

ahí comenzó una desaparición Altamira, otro lo metieron 6 años en cana, fue funcionario del gobierno de Menem, y yo que me salvé de pedo 2 veces, el proceso militar fue una cosa feroz, pero loca, estuvimos una semana fuera, a cagar, a mí encima cosa muy rara había 5 especie de suerte movimiento pendular, venían la cana y estaban acá, venían acá, lo sacaban y fue cosa muy esporádica para que todos se caguen de frío, en el mundial del 78 secuestraron a un amigo mío y querían hacer quilombo en el estadio, si hacíamos quilombo lo mataban a Lavalle, está bien no podías hacer quilombo, era el temor cierto.

Juan Ignacio– Yo creo que con esto estamos cerrando, cuando Ud. decía nosotros la agrupación...

Rafael– Nosotros seguimos con gran amistad, todos los que estábamos dentro del Integralismo seguimos siendo amigos hasta hoy, la mayoría militando dentro del peronismo, yo fui diputado provincial o sea me encanta eso que haya dicho que me iba a matar, alguna cosa se debe acordar era chico joven época del Proceso esta casa era baldío operativo que tenían hicimos un homenaje en la facultad a Roberto Vázquez, un tipo excelente, renunció, ahora en definitiva no tiene cargo de tipo universitario no solamente académico, ahora la Cámpora, pero a su vez con todos los prejuicios de, yo soy muy político pero tengo intenciones muy político a veranear a lugares exquisitos, no me molesta que sea así, lo que me molesta es que vendan otra imagen, la juventud dorada, y no es cierto que todo tiempo pasado fue mejor, ni nosotros fue mejor, ni los montoneros fueron mejor, los soldados fueron jóvenes en el 60 estaba el estudio pegaron, a ver qué mierda hacíamos, nos cagamos de risa porque se metieron en una casa no había este edificio y se metieron nos patearon la puerta entraron contra la pared, todos los tipos con las manos en alto insultando –¡cuál es su nombre! buenas noches profesor, había sido profesor de él de no sé qué, entonces sacaron a la calle, ante el beneplácito de los vecinos, estaban un grupo de gente rara, de todas maneras la universidad no tiene libertad de pensamiento, es muy autoritaria, te estoy hablando de la universidad argentina, muy políticamente correcta, el día que se ponga el logo ser fascista leninista del año 17, la Católica, la Siglo 21, la Pascal, la Nacional se ha puesto de moda ser kirchnerista, yo soy el único tipo que confiesa que no soy kirchnerista, la Católica, igual, para que no rompan las bolas, yo creo qué pasó con la juventud, yo tengo cierta idea de que en el 55 golpearon se siguió golpeando a la juventud y se siguió golpeando a la juventud que venía y se incorporaba al proceso educativo, a vos te van a exigir González para competir por el nivel 1, no sé si te has dado cuenta de eso, en el caso pasó eso, vos te das cuenta, lo que hemos tratado de hacer mayoría tratar de lograr la mayor libertad en un puesto público la familia sí porque por más profesor de consulta yo he sido un poco el referente del movimiento obrero dentro de la universidad, no sé si te dijeron eso, yo soy el autor, porque cuando comenzó a hacer la carrera universitaria, yo consideré que no debía estar sin, del gremio y va a ser el, preparé para ser autodidacta no junté la guita; volviendo al tema una idea generacional devolverle a la universidad lo que nos había dado, va a ser difícil, la idea de justicia con esa concepción de la universidad, nos divertimos la verdad que nos divertimos un montón porque si hacés lo que te gusta no sentís que trabajás, esto es lo lindo de esto el trabajo a mí me gusta ser abogado no sé si soy bueno, regular o malo pero ¿vos conocés al abogado..?

Juan Ignacio– Sí, un montón

Rafael– Qué dice?

Juan Ignacio– Está en la Justicia federal, en Bell Ville, Secretario de juzgado

Rafael– Es terrible la justicia en general es algo espantoso, la Justicia federal, todo el sistema, eso es la verdad de la justicia argentina, Oyarbide, es lo que es la justicia; Zaffaroni, es lo que es la justicia ¿vos sabías que Zaffaroni en el Proceso fue juez?

Juan Ignacio– No

Rafael– Mirá que noticia que te doy, Zaffaroni durante el Proceso era juez, así que hábeas corpus nada, políticamente correcto, después no, repartiendo, le ha hecho mucho daño a la justicia, no para discriminarlo sino para que se sincere, tuve un encontronazo con Zaffaroni una vez, no comparto la decisión de él de que la culpa la tiene, se cagaban de risa, esto políticamente, siempre fue así políticamente correcto, nosotros éramos políticamente incorrectos, la caída de nuestra generación si querés llamarlo, hizo que todos fueran políticamente correcto, que sigue siendo políticamente correcto, yo viviendo acá soy correcto, es decir es difícil, muy difícil porque yo soy esperanzado creo que este esquema perverso se ha probado mandato se ha hecho muy poco para sustituirlo, la CONEAU qué opinás?

Juan Ignacio– Me parece que el sistema está presionando cada vez más para tener una franja altamente capacitada de docentes sin lugar donde desarrollarse, entonces hay docentes muy jóvenes donde están altamente capacitados, por ejemplo M. tiene su espacio, hay una inflación en estos términos, una inflación de exigencia de una alta demanda de capacitación y después no hay lugar, es parte natural de como funciona todo esto.

Rafael– Y además como se hace la selección, porque después viene como se hace la selección, tribunal de concurso, tribunal de tesis doctoral, va a terminar como hacer un posgrado en otra universidad, por ejemplo, el tema, nadie había dicho nada, había fracasado el Estado, Estado común fracasó, consecuencia de la globalización lo ves un poquito no te da, entonces te das cuenta que cada vez más se piensa cada vez menos, no solamente no se piensa, sino no se piensa que no se piensa, no gusta mucho Argentina, argentinito, una forma especial de vivir, vive acá cerquita (...) te puedo poner en contacto con gente que ha tenido actuación...

5.

Narra: Carlos Azócar

Escuta: Juan Ignacio González

Lugar e Data do encontro: Córdoba, 08/06/2012

Transcrição e edição: Raúl Allende e Juan Ignacio González

Revisão: Juan Ignacio González

Carlos– Me recibo en el año 61 de maestro normal nacional en la escuela normal de San Juan. Vengo a Córdoba, yo provengo de una familia sanjuanina de parte materna muy involucrada en la política y de parte paterna también, porque San Juan aunque no se conoce mucho, es una provincia de una intensa vida política que tuvo sobre todo a la luz

del fenómeno del cantorismo, de la UCR bloquista allá por la década del 20 llegó a sancionar una constitución, voto de la mujer, con 8 horas de trabajo, con industrialización como programa, por la diversificación productiva, con la autonomía económica y con los derechos sociales. Fue una cosa muy de avanzada armado por los Cantoni que se escindieron del radicalismo y que crearon ese movimiento con el cual Perón se alió en el año cuarenta y pico, a diferencia con Sabattini que se abstiene, Cantoni aceptó la unidad y el cantonismo ingresó al peronismo, el peronismo en San Juan prácticamente todo, el peronismo cantonismo, ahí en esa familia mi abuelo paterno juez federal, él fue senador nacional por Cantoni tenía contradicciones con Yrigoyen como toda gente del interior tiene con capital, y un poco tuvo algunos problemas, por eso terminó de juez federal pero como juez federal llegó a sancionar fallos como los de la revolución justa, no hay mucho escrito sobre la historia del cantonismo, pero cuando los conservadores hacen la revolución, que pierden una revolución contra los cantonistas, salen en una foto con los Mauser en la mano, los detienen y éste como juez federal los libera con el derecho constitucional de revolución justa. Argumento por el cual lo habían detenido a don Federico Cantoni imputándole la muerte de Amable Jones que fue cuando inicia su gran carrera política. Y eso influye mucho en la personal porque es un poco precedente del peronismo el cantonismo, ellos los conservadores la fuerza para los conservadores decían son la chusma de la alpargata, entonces los cantonistas decían sí somos la chusma de alpargatas, entonces en la bandera le ponían una alpargata en el medio del sol y ellos mismos usaban trajes con chaleco porque eran gente intelectual muy pudiente, pero con alpargatas, “somos la chusma de la alpargata” y se manejaban en el ámbito popular. Pero a la vez con tecnología de política que aprendieron los flacos estudiaron los 3 hermanos en La Plata, por ejemplo la simpleza, yo lo he visto eso en los afiches de la primera etapa del comunismo ruso, no sé quien los diseñaba, no me acuerdo el nombre, el diseño simple de la propaganda política, la simpleza en el mensaje que se usó mucho en Rusia, acá en Argentina los Cantoni hicieron la campaña con 5 barotes y un bigote, los barotes porque estaba preso Federico por la muerte de Jones, y ganan las elecciones y ahí convocan Constituyente y saca esa Constitución, que según un constitucionalista académico de mi zona dice que no ha sido superada todavía. De esa familia provengo yo, pero a la vez cuando vienen los hijos del abuelo se van repartiendo los distintos partidos, un tiempo el de Frondizi que vicegobernador era un hermano de mi mamá, el ministro era cantorista de hacienda, era hermano de mi mamá y el diputado opositor jefe del bloque radical —el peronismo estaba proscrito— era también hermano de mi mamá, el otro autodidacta economista y el otro era médico del pueblo. Esa familia materna más la familia paterna muy antiperonista, al revés yo vengo de padre antiperonistas, clase media venida a menos, porque los docentes siempre estuvieron muy mal en la época de Perón, mientras el barrio mío que era Villa Evita barrio bloc en San Juan se levantaba socialmente, nosotros éramos culturalmente, con los principales del barrio pasamos a ser los más pobres del barrio, nosotros cocinábamos en carbón, no teníamos heladera y estaba el ferroviario, el empleado de comercio, y el empleado de banco que eran los pudientes en el barrio, primer gobierno mi infancia. Segundo gobierno de Perón empiezan a diversificarse, a aparecer el crédito, empiezan las “mechitas”, las Merceditas para que trabajen de taxi, crédito para que pongan panadería, otro para que compre equipos Otto Deutz eran los famosos camiones alemanes que no usaban agua, otros hacen carrera policía, otros carreras militares, empiezan a crecer tanto que en la barra nuestra el maestro director tenía 10 hijos uno de ellos fue rector de la Universidad de San Juan.

Barrio muy lindo, popular, pero mi padre era muy antiperonista, porque esa clase media y los docentes eran como los caceroleros de ahora y pedían más libertad y se sufría un poco la represalia del peronismo que decían ustedes no pueden tener una casa en un barrio popular porque son de familias oligarcas, era la situación de la precariedad, pero uno vio el crecimiento social del barrio, todos mis amigos jugábamos de alpargatas, casi descalzos, hacíamos nuestros juguetes, jugábamos pelota de trapo, con el tiempo ascendieron, llegó a rector de la Universidad, esa generación mía. Yo me vine en ese sentido acá, a los dos o tres meses, ya estaba en una reunión, me designaron secretario de prensa en el Integralismo, faltaban dos meses para las elecciones, con mis hábitos adquiridos de la formación de las escuelas normales antiguas eran de excelencia, o sea que estudiábamos anatomía por Testut que estudiaban los muchachos de medicina después en la universidad, íbamos a la biblioteca y estudiábamos a Neruda porque yo hacía poesía, estudiábamos la literatura no por lo que leíamos escolástica todo muy moderno, el dibujo lo creativo, se hace un concurso de Sarmiento yo lo empato con un compañero, yo no escribo nada una alegoría, una metáfora nada más y esa metáfora pasa a ser mi escrito, el otro hizo una cosa histórica yo hice una metáfora, una cultura muy buena sacaban esa formación los viejos colegios normales, con ese mismo hábito de lectura, parte de derecho instalado en la biblioteca cursando yo llevaba 2 años acá y andaba rindiendo materias de 3º año y tal vez pudiendo rendir la de 4º, pero qué pasa con el Integralismo. El Integralismo, ya estamos en el año 62 había crecido como agrupación estudiantil y era alternativa a los centros de estudiantes, afuera de los centros de estudiantes. Provenía de un grupo de formación cristiana más bien mariteneana, con los primeros oleajes de la renovación del pensamiento cristiano. Nosotros nos definíamos cristianos no confesional, no clerical, no vinculado a la iglesia, vinculado a la iglesia estaba la Juventud Demócrata Cristiana, algunos entraban en el Integralismo, pero nosotros éramos mucho más grandes, en esa elección que yo participo yo hago la campaña, me designan secretario de prensa ganamos 3 a 1 con sistema D'ont, nosotros 3 consejeros y el Centro de estudiantes, con todas las agrupaciones de izquierda, radical, 1. Ese fue el resultado la universidad también de 4 consiliarios estudiantiles 2 Integralistas, 1 de Franja Morada, Nilo Neder, otro, Kozak, de la FUC, eso es como nosotros habíamos logrado la mayoría, claro que con un mensaje muy gremial, porque nosotros en los tablones que poníamos en los pasillos, no teníamos local, vendíamos apuntes, atendíamos los estudiantes, ayudábamos con todos los problemas que tenían, ayudábamos a conseguir pensión, los llevaba al Comedor, vigilamos que al Comedor no fuera nadie, una autovigilancia 5.000 estudiantes que no fuera nadie que sea pudiente, todo eso se hacía con mucha confraternidad también con el Centro de estudiantes, no había discusiones políticas, hicimos grandes amistad que no se rompieron nunca más, yo en el marco de la facultad de Derecho, de Abogacía, todavía sigo vinculado con amigos, que yo levanto el teléfono y puedo conseguir cosas de tipos que están en distintos lugares de la vida, desde la cima del gobierno nacional hasta Santiago del Estero en un pueblo, es decir a pesar de las diferencias de ideas y esas campañas tan duras pero eran todas respetuosas, se hacían los grandes debates. Nosotros empezamos de a poco, era muy politizado el centro de estudiantes, el peronismo de izquierda estaba en el Centro de estudiantes, estaban los disidentes del Partido Comunista, izquierda nacional, y Franja Morada, eran todos los centros únicos, estábamos fuera...

Juan Ignacio— ¿Por qué estaban fuera?

Carlos– Porque nosotros considerábamos, ahí viene el nudo de la cuestión, te puedo hablar con eslogan memoria en detalle pero el eslogan: “Ustedes tienen el gobierno de la universidad, los viejos de la universidad gobierno, el gobierno de la facultad y los locales –hay que tener un local en la facultad–, los locales de los centros de estudiantes porque ustedes fueron y ahí viene cómo nos fuimos nacionalizando, a través de ese discurso, ustedes fueron los que desfilaban por las calles de Córdoba en el 55 con los máuser de “Cristo vence” y una cosa mostraba una foto un amigo cuando yo llegué que me decía “yo fui comando, mirá la foto” salido con los máuser desfilando, y el premio entregar la universidad que es una isla democrática una cosa sencilla pero poco nos nacionalizaba, nos diferenciaba y nos permitía a nosotros ser alternativa, buscamos una cosa alternativa al Centro, no porque el Centro, ellos también hacían apuntes y mucha tarea gremial, nosotros duplicamos la tarea gremial, la propuesta académica hacía propuesta el Centro de estudiantes nosotros teníamos expertos en educación, algunos llegaron a altos cargos a nivel educativo en funciones universitarias después, decano, secretario de educación de la nación, por la ley que fueron en aquella época sobre el sistema educativo universitario, reformas permanentes del sistema educativo, después que hicimos la propuesta del examen, hicimos las propuestas de montones de planes de estudio de especiales, de vinculación con la sociedad, de acercar los sindicatos, de debatir la historia, ingeniería un grupo muy grande, fijate la mayoría que teníamos llenábamos Ingeniería, hacíamos bailes para recaudar fondos para la campaña, era famoso el baile del Integralismo en el salón del pabellón Argentina de la ciudad universitaria todos los jóvenes cordobeses que iban al baile, yo me acuerdo del último que juntamos un millón de pesos de aquella época, no me acuerdo cómo será la equivalencia, para la campaña electoral de Kozak recaudó un millón de pesos y el conjunto que actuó fueron Los Iracundos, de aquella época estaban Los Iracundos, una vez por año Integralismo, un turco todavía lo veo por ahí él era el secretario de hacienda de la Federación, yo llegué a presidente de la Federación, vicepresidente, secretario, después presidente, ya agarra cuando viene la época que se cae el gobierno de Illia. La idea nuestra casi de origen se va produciendo fenómeno ideológico en el mundo, nosotros lo vamos siguiendo, no era a través de televisión, internet no teníamos pero sí teníamos los libros, en lo ideológico Teilhard de Chardin, Emanuel Muñiz, empezamos a avanzar, la encíclica *Rerum novarum* etc. desde el pensamiento cristiano avanzando en lo ideológico, pero un poco eso lo tuvimos que trasladar a la realidad que nosotros siempre queremos una universidad al servicio del pueblo, ¿qué es? el pueblo la nación, los intereses populares, hasta ahí llegaban la dirección política, hablo del 62, 63. Después de la elección estudiantil ganamos nosotros avanzamos muchísimos en el aspecto electoral, el estudiantado nos seguía, no teníamos definición política partidaria, pero sí muy fuerte en esa cuestión ideológica. Empezamos a avanzar en eso y fue un proceso. Por ejemplo, un compañero viene de Buenos Aires y dice che hay un tipo un tal Rosa que escribe unos libritos en La Siringa chiquitos revisionismo histórico no junta más de 30 tipos, pero cambia el tema de la historia son siempre alternativistas, resistente, revolucionario y no éramos muy católicos, no éramos de la misa, del cura, y bueno traelo, vive en Uruguay, se fue a Uruguay, éramos muy secos de guita, irse a Uruguay habló con el tipo y se vino. Hicimos una conferencia pabellón Argentina, el aula magna de Ingeniería llena, afiches, teníamos el sistema cantorista, estudio, hacíamos lo teórico con lo práctico muy combinado, Domeneche la propaganda política adonde lectura de los 20 años de antes un año adelantado, el chico hablaba de la propaganda leninista, la propaganda en sí y cómo vino después la propaganda

comercial, cómo tomó esa experiencia de la política y la transformó en marketing, poco después, ahora se llama marketing político, antes de llegar a ese tema estaba el trabajo que yo tomo y de ahí sacamos el tema de la forma de hacer las campañas. Las campañas nuestras eran lo más simple pero lo más masivo que te podés imaginar, no existía consigna que no fuera debatida para tratar de representar al pensamiento real del estudiante, con eso ganábamos, bueno solidaridad con, gremialismo, asamblea popular, en los archivos de La Voz del Interior, llenamos ingeniería maestra afiche rojo, un gaucho arriba de un caballo, “conferencia historia, se otorgarán certificados, Integralismo”, organiza integralismo, una semana, habló de lunes a viernes, lo grabamos todo, hicimos apuntes, vendíamos los apuntes y fue la base que él la corrigió para el famoso tratadito de historia que tiene José María Rosa, de ahí escribió su libro, por supuesto paraba en la casa de una compañera, ahí dormía y durante el día iba a dar la conferencia. Imaginate en Córdoba traer un revisionista a la facultad de la reforma universitaria, hablar en contra de Sarmiento, a favor de Rosas, decía el tipo, no era muy de Perón, no lo quería mucho a Perón, muy contemporáneo Perón, pero sí la revisión histórica recién ahora se está hablando de vuelta. Qué hace Kozak, Kozak consigue desplazar al PC de la conducción en la FUC, la Franja la tiene muy apichonada con él y él aparece un caudillo que también tiene idea nacional para la izquierda, qué hace Kozak, en la puerta de la facultad o él se paraba Kozak sacaba su cigarrillo “Maximo” y lo más barato que había, era consiliario lo invitaba a todos los consejeros, los Orgaz los invitaba cigarrillos Maxims, en la FUA hizo escándalo el kozakismo, William Cooke, íbamos a todas, éramos una esponja yo tenía 18 años y después lo trajo a Abelardo Ramos la FUC y ya salió el grupo Pasado y Presente, empezaron los grandes debates intelectuales de la época, fueron hermosos, porque discutía la izquierda, discutía los cristianos, nosotros nos peleábamos con los demócratacristianos que nos querían copar la agrupación y nos fuimos de a poco definiendo los cuadros dirigentes, no la agrupación, en peronismo, nosotros somos peronistas, a nivel individual no lo ocultamos, pero la agrupación es abierta, hoy dirían transversal, permite un cristiano, un radical que comparte las grandes ideas nacionales, ese era un precedente de la transversalidad, había en ese momento estaba medio junto gente que provenía del viejo Integralismo mariteneano, que había quedado en la idea de la declaración de principios, a nosotros que éramos los más jóvenes con ideas más de avanzada, avanzando hacia la historia del mundo. Nosotros éramos tan puristas, místicos, yo hice la carrera gracias al Comedor universitario, comiendo una vez por día, con un solo vaquero 3 años, una situación de máximo estoicismo, humildad, hicimos culto de eso, ya antes de la época de la militancia revolucionaria posterior, esto fue antes, eran capaces de estar, qué se yo, dos días pintando carteles, 4 días parado en la puerta de la facultad sirviendo a los estudiantes, ayudando a los compañeros, en Comedor universitario, asambleas permanentes, fueron las más bonitas, qué mayo francés? de ese tipo hablaba media hora, Pítaro, media hora, uno del FUC, media hora, así eran los debates, había que hablar todo eso. En la lectura nosotros íbamos avanzando Teilhard de Chardin, diálogo católico marxista italiano, Gramsci, empezamos a leer algo de marxismo, algo de leninismo, algo de Marx, algo de todo, Perón por supuesto todo, nos juntábamos en departamentos para escuchar cintas de Perón, mensaje a la juventud, entonces hay cosas muy cómicas que nosotros, Perón era muy alegre para exponer, llevaba las cintas nosotros que escuchábamos eran las cintas de las combativas, las otras no nos interesaba, decía: “juventud maravillosa y sino hay que tirarlo, hay que tirar todos los días un viejo por la ventana”, cuando nos reuníamos decía ¿qué quiso decir el viejo? cómo interpretás,

éramos interpretadores de Perón más que peronistas, si el viejo dice que no hay que tirar un viejo todos los días por la ventana, tal vez nos está diciendo que hay que tirar 2 o 3 no me daban bola a los viejos teníamos relaciones pero ellos tampoco nos daban lugar a los viejos peronistas de la ciudad de Córdoba, salvo cuando caí preso que iba Roger que nos iban a sacar de la cárcel, que era un abogado, pero no había una vinculación política directa, era la política partidaria, no era lo que nosotros queríamos otro tipo de organización de idea más fuerte, de cambio más sustancial, éramos pensamiento revolucionario ¿qué pasa? 1964 ya nos empezamos a vincular con los sindicatos, fuerte vinculación con los sindicatos, también a partir de los cuadros peronistas que estaban, no el conjunto de la militancia, sino los cuadros peronistas, no con los políticos, con los gremios, los otros eran luchadores porque cuando lo voltearon a Illia los políticos desaparecieron de la Argentina, que muchos radicales, peronistas de distintas ideas se engancharon de la intendencia y también algunos gremialistas tuvieron en los actos porque Perón había dejado abiertas todas las puertas, eso en el 66, pero en el 64 estaba vinculado muy fuerte, tanto que uno de los conferencistas que no me acuerdo el nombre tema de historia militaba en el sindicato e hicimos una charla en la UOM que manejaba la CGT ¿qué datos nos dan los gremialistas? hay un plan de lucha nacional 1964 Illia, nos enteramos nosotros que a las 6 de la mañana se tomaban todas las fábricas del país, organizado por la 62 Organizaciones Vador en San Francisco y a nivel nacional estaba Alonso, tomaban las fábricas, a las 6 de la mañana estaban tomadas todas las fábricas metalúrgicas y afines del país. ¿Qué hicimos? tomamos la universidad, el rectorado, nos quedamos a la noche escondidos en baños un grupo de 30 con los carteles hechos por supuesto, al otro día 6 de la mañana caían de los balcones “por la Universidad abierta al pueblo adhesión al plan de lucha de la CGT, por mayor salario, reivindicaciones populares y por una Universidad abierta al pueblo, por una Universidad nacional y popular”, carteles, rectorado tomado, se despierta Kozak y la FUC dice locos de miércoles tomaron la universidad. Se va con toda su tropa y toma Arquitectura, baja los mismos carteles adhesión al plan de lucha de la CGT. Nilo Neder dirigente de la Franja Morada, tomaban la universidad en adhesión al gobierno nacional, ese fue un hecho poco recordado pero lo importante que definió las conductas del futuro del movimiento estudiantil de la época, iban combinado con el gobierno tripartito, –estamos en el 64–, combinado con las propuestas universitarias, combinado con los movimientos estudiantiles y culturales que eran muy fuertes en esa época, hay mucho material, 64 esas fueron las 3 ideas, sigue la vinculación con los gremios, siguen las conferencias y aumenta el voltaje de la definición política nuestra, ya empezamos 17 octubre, Federación, agrupación peronista, fue el día que el pueblo se manifestó, no decíamos nosotros somos peronistas, porque la agrupación no era política, pero sí festejábamos el 17 de octubre, festejamos el 20 de noviembre día de la soberanía, ahora se hace el 20 de noviembre día de la soberanía. Al principio fue una posición media tercerista, muy tercerista al principio te estoy hablando vuelvo un poco atrás 62-63, tercera posición, no estábamos ni con la Unión Soviética ni con los yanquis, tercera posición después fuimos transformando en tercer mundo, el pueblo en China, Vietnam no estaba todavía, Argelia, la revolución latinoamericana había una revolución sobre nosotros también influye mucho porque la Revolución cubana tuvo la virtud de abrir el juego en sus relaciones con no solo con la izquierda clásica, sino también con el peronismo y muchos amigos viajaron a Cuba, se vincularon a lo que sería el movimiento muy simpático a la juventud de aquella época, no era solo el Che, el movimiento revolucionario cubano, la figura estalla después, al principio era la revolución cubana y más era Fidel y más los

movimientos Argelia, el anticolonialismo en general, movimiento oriental, más allá que Perón empieza con el tema del tercer mundo, nosotros nunca fuimos dogmáticos de Perón y siempre también lo criticaban mucho, Perón no gustaba, vino Paladino, no queríamos eso, quería que nos diera bola a nosotros, bueno 64 66 seguíamos creciendo, sacan con los bomberos a Illia, muy parecido al fenómeno que después se da con De la Rúa, parecido, con gran respeto nosotros salimos a pelear, pero como no teníamos definición política muy amplia y a la vez el peronismo tenía una cierta indefinición con el tema de Onganía convengamos, los mismos gremios nos confundían, no los políticos porque no les dábamos bola, había una cierta confusión y hubo alguno muy aislado que dijeron “estos son cristianos” y hubo otros como casi todos nos pusieron del otro lado, cristianos las pelotas, pasó un lapso entre que voltearon el gobierno y unos 45-30 días y que intervienen la Universidad. En ese lapso cuando intervienen la Universidad, derogan el gobierno tripartito todas, cierran los centros de estudiantes, nos corren a nosotros, viene Onganía a quedarse cien mil años, la lucha, nosotros estábamos muy entrenados, esto te lo pueden decir Carlos y todos los muchachos testigos, todos, lo reconoció la polémica que hubo en la universidad me dejó sin discurso, iba a criticar a ellos medio dudaron y nosotros resulta que nosotros estábamos en la primera línea de la pelea ¿qué hicimos? todos los consejeros y consiliarios, no vas a creer, y dirigentes reconocidos del Integralismo, a Cristo Obrero en Huelga de hambre, los dirigentes, dejamos uno o dos afuera en la calle para que conduzca la movilización, pero los dirigentes todos ahí al Cristo Obrero, entonces eso revelaba un manejo dialéctico con la masa estudiantil de permanente... no prestigio sino de permanente legitimación de la representación que no tenemos con los votos, la tenemos con la lucha, entonces te puedo acercar la foto de que la primera línea de todas las movilizaciones que hubieron en el 66 en Córdoba estábamos los integralistas, es más algunos estilistas.. “no piensan, son quilomberos”, y los movilizadores eso es reconocido por todos los sectores, nosotros teníamos una mística militante muy fuerte, tal vez esa raíz cristiana, no sé de dónde miércoles venía, la cuestión que éramos místicos, capaz que la primera fila cuando venían los gases en la primera fila, venían los gases pasaban por arriba, éramos los primeros en correr, el 27 el otro día le dije a un abogado, no creían en Villa María, se lo dije en la barandilla de tribunales estuve 27 veces preso asustado el tipo, no está escrito en ningún lado, del 63 no quedó nada en archivos de Córdoba. No fueron detenciones largas, cortas porque yo era presidente de la agrupación, jetón, a pesar de ser muy mal orador, pésimo, se me llegaron a reír algunos, falsete cuando levantaba la voz, muy mal en el Pampillón ese lugar permanente nunca podía hilvanar una frase completa, pero sí escribía muy bien y daba muy buenas charlas en las... Pasamos a la resistencia, a mí me toca el privilegio, porque es realmente un privilegio, el Integralismo éramos tan puristas que ya no éramos místicos, éramos puristas que mientras el centro de estudiantes recibía las invitaciones para Cuba, para la Unión Soviética, para China, para todos lados, vivían viajando de viaje los dirigentes en todos lados, Estados Unidos y nosotros no aceptábamos viajes, nosotros no aceptábamos profesores, no aceptamos cargos, rector, no queríamos poner rector, mantuvimos durante 3-4 meses sin rector a la universidad porque nos oponíamos a la elección de rector, porque aprovechamos esa asamblea para hacer todas las denuncias, por ejemplo decano sin título máximo, todas las denuncias educativas, éramos árbitros muy purista en lo educativo y esa mística hizo que nosotros no aceptáramos, el culto a la humildad, un culto a la pobreza, bueno se hace una asamblea fijate vos, de la agrupación de derecha llega invitación, una a China otra a Estados Unidos, muy poco conocida, entonces se hace la asamblea y el presidente

otro muchacho que es presidente del superior tribunal de San Luis, se trata el tema, después sale la posición nosotros no recibimos invitación de nadie, imperialismo yanqui, imperialismo ruso, ¡las pelotas!, viajar por el mundo ya que nos invitan, a mí que era más revoltoso, ya estaba leyendo Munet, entendés? y a otro más tradicional lo agarran con Tatián que era del PC lo mandan a Chile y a mí me mandan a Estados Unidos, ¿qué día salgo para EE. UU.?, el día que lo voltean a Illia, ¿qué día llego de EE. UU.? el día 2 o 3 días antes que se levantara la huelga, ¿qué hice durante todo ese tiempo? Yo en Nueva York hablo con el jefe nuestro, Gatica, presidente, le digo che nos volvemos a pelear, no, –dice, no se vuelve, –nos volvemos a pelear, estamos viendo los diarios de Estados Unidos todos peleando ustedes al frente en huelga de hambre, y nosotros acá viajando con entrevistas como hacían los yanquis con todo el mundo, muy interesante no, ustedes van a estar en radio universidad, donde vayan difundan la lucha y después se juegan abran el pasaje –mirá la orden que nos da–, abran el pasaje váyanse por la universidad latinoamericana haciendo propaganda a la pelea nuestra. Entonces nosotros estábamos 5 días en cada universidad, a la vez en cada universidad nos presentaban a los personajes sociales de la época, era la época 1966, recién muerto Kennedy, recién muerto Luther King, plena guerra de Vietnam, nacimiento del movimiento hippie, la Joan Baez los chicos cantando en la plaza descalzos con pelo largo cantando las canciones de Joan Baez, el movimiento de los derechos civiles en su auge, había muerto Luther King pero habían empezado a aparecer los Panteras Negras, ya había movimientos violentos como en Chicago que se prendía fuego a los barrios, a sus propios barrios y se quedaban parados los morochos, era una lucha muy fuerte por los derechos civiles, sentarte en una estación de trenes y que una señora muy elegante negra no la atiendan por la diferenciación y la segregación racial que había, entonces era fuerte y a la vez los ómnibus, uno adelante, los otros atrás, la lucha por la integración social, mirá ahora tienen un presidente de color; y la lucha contra la guerra de Vietnam los jóvenes, el movimiento juvenil norteamericano en todas las universidades, pero sobre todo en Berkeley. En Berkeley estuvimos 5 días, para mí vivo permanentemente experiencia muy alta en Berkeley ver el embrión, el núcleo duro del movimiento juvenil norteamericano de la época donde surgió todo después, hasta Steve Jobs es un retrasado de la época esa, son 5 días que no te puedo describir completa lo que era Berkeley, lo que era... por supuesto nos invitaban en todas las universidades ni jota de inglés, no importa en 30 días con 8 horas por día sistema audiovisual yo te doy inglés para estudiar, nosotros tenemos que ir a la otra para seguir la lucha, y damos charlas a los estudiantes en todos lados y a la vez nos hacían reunir con políticos, con gente de los movimientos negros, trataban de mostrar a Estados Unidos tal cual es, democracia. Me quise pegar un tiro cuando me acordé que mi papá me quería llevar a estudiar inglés como no tenía, inglés y dactilografía una hora, cuatro tipos, cubano con ese aparatito así, con traductor no podés discutir, ustedes son imperialistas y los tipos pragmáticos muchachos ¿qué es el imperialismo?, no se podía, entendés? la cuestión que tuvimos una hora debatiendo con Robert Kennedy meses antes que lo maten, por supuesto hablamos de los derechos civiles, todo lo que habíamos visto, el tipo nos escuchaba, mucha atención los políticos esos xx si no lo mataron tipos que se estaban preparando, fuertes. Estuvimos con los sucesores de Luther King del movimiento de él y estuvimos con los dirigentes estudiantiles de la época, claro a los 18 años también estuvimos con familias, a los chicos de 18 años los llevaron a Vietnam, por autodefensa y por patriotismo y por considerar una cosa injusta los jóvenes y promovidos por los padres, por toda la sociedad protestaban desde una línea que era una línea de acción parecida a

la que nosotros estábamos haciendo acá, esa línea del pacifismo, del gandhismo, huelga de hambre allá, todas esas cosas muy parecidas con su pelo largo, nosotros acá con las consignas, las marchas en las calles iguales, la marcha llegamos acá, antes 1966 no importa llegamos a Miami pasaje Miami-Córdoba los dos, ya nos habíamos separado, un rosarino y un porteño, como era eso que había que abrir y abrimos el pasaje, cambiamos Miami Córdoba 100 U\$S cada uno en el bolsillo, lo único que teníamos 100 U\$S Miami-Córdoba lo cambiamos por Miami-México, México- Guatemala, Guatemala-Panamá, Panamá-Bogotá, Bogotá-Quito, Quito-Lima, Lima-Santiago, Santiago-Córdoba; 5 días en cada lugar, el mismo sistema. Llegamos a México, taxi lo único que gastamos 5 dólares, taxi a la Universidad, Centro de estudiantes, Federación de estudiantes, UNAM, muchachos nosotros somos los delegados, los embajadores, muy bien muchachos, mucho gusto, sabían todo, información, el movimiento estudiantil de aquella época era muy bueno, muy pacífico pero muy potente en Latinoamérica y bastante de izquierda, pero también con algunos avances de lo que vendría a ser el cristianismo. Entonces teníamos las dos patas: la izquierda y el cristianismo, el cristianismo nuevo, posconciliar, reunión con la Federación mexicana de estudiantes plenario nacional, llegamos con la valijita, para colmo una valija grande, residencia estudiantil acá no había, en toda Latinoamérica el nivel social de los estudiantes toda Latinoamérica era mucho más alto, acá era un tipo que venía con la provincia, secos de solemnidad, y hacíamos cultura, en cambio allá, 3 días en la Federación por lo tanto acá tienen un taxi, acá tienen este muchacho dirigente de la federación que les va a mostrar México, turistas, mariachi, gente joven, al otro día gran plenario nacional, discurso, la dictadura de Onganía, denunciando la lucha y la solidaridad, pronunciamiento de la federación de estudiantes con los tipos, nosotros testigos directos y actores directos, para ellos era un privilegio porque había un golpe militar en Argentina que no solo había desalojado a un gobierno democrático, también había intervenido las universidades, se imaginaban los militares dentro de la universidad que ahí estaban, porque tenían un poder mucho más grande que el nuestro la universidad de los estudiantes, prácticamente manejaban la universidad. De ahí Panamá lo mismo, no Guatemala primero, lo mismo Guatemala, con la diferencia que el movimiento estudiantil guatemalteco es mucho más volcado a la izquierda hacia lo cubano, nos ofrecen viajar en lancha a Cuba y tener reuniones con quien queramos en Cuba y dar charlas en Cuba, no aceptamos porque el programa queríamos venir, los muchachos estaban acá cagándose de hambre, nosotros de turistas, Guatemala muy fuerte porque ahí vimos tanques con la antiaérea por las calles, camiones con antiaéreos por la calle para reprimir al movimiento revolucionario guatemalteco de esa época, inclusive nos armaron los estudiantes con guerrilleros que no me acuerdo como se llamaban algo como FAR con guerrilleros que estaban peleando contra el gobierno en esa etapa, no sé quien era, no me acuerdo; reuniones lindas, ideológicas, de discusión, de solidaridad. Panamá, país de joda, Panamá en esa época el movimiento estudiantil panameño fue muy heroico, estamos hablando de 1966, década del 60 la olvidada, Panamá los estudiantes corrían con banderas panameñas y las clavaban en los alambres que separaban la zona del canal y los cagaban a tiros y morían estudiantes, un acto de heroísmo total, era la pelea de los jóvenes panameños por el canal de Panamá, fue muy fuerte, era Panamá, el sector más activo le guste o no a algunos eran los extremistas, especialmente los estudiantes universitarios, te repito de extracción alta, residencias estudiantiles que no deben haber sido nada baratas, comidas te servían unas bandejas así llenas de plátanos, frijoles, bien, pero muy combativos. Colombia peor, no ya Colombia

era, 5 días en cada lugar. Colombia, Federación de estudiantes, no me acuerdo el nombre, no tenía 20 años, presidente de la Federación nacional de estudiantes, un día nos hicimos amigos puestos a recorrer, ¿qué había pasado en Colombia? Un movimiento parecido al de la CGT en Argentina, en el 70 Colombia 65 el Frente Unido se llamaba, Camilo Torres, cura, revolucionario, que deja los hábitos se va a la guerrilla y lo matan, cuando salimos nosotros de Colombia, tuvimos con el Frente Unido, estuvimos reunidos con el sucesor del movimiento, con estudiantes que formaban parte, imagínate lo que era el movimiento estudiantil colombiano, en Perú nos enteramos que dejó la Federación y se fue al norte y lo mataron, tenía menos de 20 años. Quito también había mucho demócrata cristiano, lo mismo en Perú y lo mismo en Chile, debe haber estado Frei, lo que fue después la democracia cristiana muy poderosa además del partido comunista, además de los socialistas, además del APRA en Perú, todos esos movimientos a nosotros nos fueron nutriendo de debate, de ideas y discusiones que tuvimos el privilegio de conocer, un privilegio generacional. No es que nosotros nos comamos los libros, no era que nosotros éramos unos activistas que nos formamos en la acción, era vida, tenemos 20 años y habíamos vivido todas, vivimos la historia de cada país, eso nos dio una cosmovisión muy alta, no sé si entendés, agarrá un pibe de 20 años, hacele hacer todas esas experiencias desde el famoso Berkeley allá, hasta los chicos del Frente Unido de Camilo Torres o la gente en Chile, el debate entre los cristianos y los socialistas al taco. Bueno, llegamos a Córdoba bajamos con la valija a los 2 días encabezando una marcha a pata a Buenos Aires, ciento y pico de estudiantes por la ruta 9, no era joda y nos paraban en todos los pueblos, nos decían ustedes están detenidos, nos detengan por caminar, volantes no tenemos, una declaración para el lado de Villa María yo tengo una foto estoy dando una charla en el gremio La Fraternidad, no eran los gremios que se habían enganchado con Onganía, los gremios nosotros paramos en cada pueblo en los sindicatos, en las iglesias y los muchachos y las chicas en casas de familia, íbamos con un camión iba la avanzada del camión hablaban en el pueblo “vienen los estudiantes, bla bla”, conseguíamos alojamiento, comida, las chicas a casas de familia, y los muchachos ya teníamos un sistema de tipo campamento una frazada, las chicas nos cortaban así las ampollas, nos metían merthiolate, estudiantes de medicina, ahora son lo más prestigiado de Córdoba a nivel científico alguno de ellos, muchos se dedicaron a lo científico y metíamos los pies en el merthiolate, nos cortaban, nos vendaban con gasa y qué sé yo y nos acostábamos a dormir, hacíamos la conferencia de prensa y nos acostábamos a dormir sobre la manta y con el cosito acá y al otro día nos ponían un colchón, para la parte del arco, y a caminar 50 km por día. Llegando a Rosario no nos dejaron seguir más y nos trajeron de vuelta, en Marcos Juárez tomamos los ómnibus que nos traían, tuvieron que ir de acá para que abandonáramos la toma de los ómnibus para llegar, después volvimos a aparecer del otro lado en Rosario, después en Buenos Aires esperamos el movimiento estudiantil porteño. Hicimos un arreglo en Rosario que nosotros a la entrada de Rosario, nos detuvieron, la idea era hacer un gran acto estudiantil en el Monumento a la Bandera, la condición que nos pusieron para dejarnos pasar era que salteáramos Rosario y siguiéramos, terminamos ahí en Pergamino detenidos, de ahí nos llevan a La Plata y nos mandan de vuelta en tren a Córdoba, pero en todos los pueblos no nos metían presos, no podían, era antipolítico para ellos detener a un grupo de caminantes, pero fue una experiencia de movilización pacífica de protesta espectacular, porque en los pueblos donde Villa María era doble fila toda la ciudad, carretera los estudiantes, la frase nunca me voy a olvidar no eran las ideas nuestras, sino un poco el coraje de enfrentar al

gobierno militar con expresiones pacifistas, pero la frase que más me golpeó aquella época de los sindicalistas, de la gente de la calle, de todo, fue “qué jóvenes que son”. 20 años del 17, 16, 18, fueron después grandes militantes de distintos... década del 60, año 66, Pampillón y todo lo que fue el movimiento y lucha del 66, la huelga hasta fin de año, la Federación universitaria “levantemos la huelga, luchemos desde adentro”, toda una táctica porque se está desinflando, nosotros “huelga general por tiempo indeterminado”, asamblea de diez mil estudiantes, el Integralismo solo contra todas las demás agrupaciones, la moción nuestra seguir la huelga y la de ellos levantarla, nosotros hasta fin de año no fuimos muchos, mucho carneraje pero aguantamos la huelga hasta fin de año, institucionalmente hubo huelgas estudiantiles hasta fin de año por posición, cambió la cosa entonces ¿qué hicimos? ¿dónde íbamos?, Comedor universitario cerrado, era el gran antro del debate nuestro, donde fuimos a los sindicatos, un tipo de derecha como el de la construcción, tirándonos los volantes, nos daban el papel, nos daban los volantes, el secretario general, el de la madera Correa nos puso el patio del gremio de la madera con comedor alternativo, allá el Clínicas el Centro de estudiantes armaba comedores estudiantiles alternativo, ollas populares, nos mantuvimos en permanente movilización y después en Colón y General Paz actos relámpago, experto en aparecer y desaparecer, contaba con mucha adhesión de la población. Lo más lindo de esa época era la simpatía del cordobés común, del ciudadano común hacia nosotros, no era porque nos victimizáramos, ni mártires nada, sino porque éramos parte, las manifestaciones estudiantiles eran parte como Smata venían marchando y bueno ya nos juntábamos con él ingresábamos, fuerza era lindo porque gremios poderosos además económicamente poderoso y a los dirigentes la Coordinadora estudiantil, ahí donde se arma esa fraternidad, la que conduce, no es el Integralismo, conduce la Coordinadora estudiantil, nosotros éramos la franja más numerosa, más activa, pero era la Coordinadora con todas las agrupaciones adentro, que a veces los acuerdos llegaban 2 o 3 horas para hacer una consigna, no nos podíamos poner de acuerdo uno quería poner la palabra “nacional”, otro no, la discusión por la liberación social, eran debate interminable, trotskismo, palabra obrera, Coordinadora estudiantil, todos amigos, lugar de funcionamiento principal: Luz y Fuerza. Tosco previo sándwich poderoso así, grande respaldo de los sindicatos, el sindicalismo cordobés, en general más allá de las ideologías eso es importante en esa época además la izquierda, más peronista, menos peronista, era el sindicalismo combativo, era un sindicalismo de combate y se va produciendo la confluencia 66, 67, en el 68 hay una movilización estudiantil, hay respaldo sindical, hay movilización sindical hay respaldo estudiantil, esa comunidad que se está produciendo que hizo eclosión en el Cordobazo, que es donde hubo grande planificación en común y zona en común y que fue lo que volteó a Onganía entonces el otro día acuñé una frase que a nadie se le ocurrió, de que nosotros, homenaje como si sería la historia de hace 3 siglos y una pipa y una placa ¡no! y lo toman como un acto de heroísmo de la población, ¡no!, el Cordobazo decían que lo defina, en Río Cuarto me ha hecho un homenaje el Concejo deliberante por proyecto radical de peronista recalcitrante, una joven radical, me entregaron, con resolución de homenaje, no puedo porque estaba en audiencia con mi hijo de 16 años le dice a la madre voy yo a recibirlo porque vos no tenés la sangre de mi papá y tiene 16 años. Este año pasó medio desapercibido el tema del Cordobazo, 40 años sí nos reencontramos para escribir con los muchachos de aquella época, cual fue la conclusión que yo llegaba, que el Cordobazo fue una victoria, nadie habla del Cordobazo como victoria popular encabezada por el movimiento obrero y el movimiento estudiantil contra la dictadura militar de Onganía, fue victoria, no fue

martirologio, no fue súper organizado, no fue guerrilla urbana como dicen los militares, fue un movimiento popular victorioso, ¿por qué fue victorioso? Porque decretó el fin de la dictadura militar de la época, que no fue tan fuerte como después, fue un movimiento de victoria es una de, como un gran movimiento, quisieron tomar la ciudad, sale la filmación Villarroel, derrotamos la dictadura militar, es más, derrotada con la inteligencia estratégica espontánea pero a la vez dirigida por los muchachos, cuando entra al Clínicas el ejército ¿qué hacen los muchachos? iban a la casa hacen un asadito, estuvieron arriba de los techos tirando piedras a la policía, el sistema militar que se ocupa por ahí es el sistema argelino, la represión de Argelia, el sistema de la caja, como se metían tenían cuadriculado el Clínicas, contra la pared la foto contra la pared, casa por casa, esperando los tiros, no había tiros, amenazaba con un mate los chicos, por ahí una piedrita, alguno con un matagato un 22, no fue una guerrilla armada eso, fue un movimiento popular que cuando la relación de fuerza se invirtió, a mí me agarró en la avenida Colón frente a la Chutro éramos 20, en una casa, no te doy nombres de los personajes, Chiquito voltea la pared la puerta y se viene, dice mi papá que disparen, saco a una compañera le doy la mano, vamos muchachos rajemos viene el ejército, alcanzamos a bajar por la escalera, la mayoría queda en el departamento, a la calle sentadito Consejo de guerra fueron a parar todos, yo por la vereda de la ventana de la casa del chiquito este mirando los tanques, me daban ganas de saludarlo ché boludo te agarraron, los largaron a todos, agarraron a los dirigentes, a Tosco. Pero al principio en realidad el estudiante mucho respeto, de ahí a mi casa en barrio Güemes, cómo hago para llegar, estaba el ejército, voy a la casa, le golpeo el departamento que conocía “che discúlpame, me comprometés, no puedo”, un contra, bajo al porche, en el porche salgo y como estaba la inteligencia esa, porque no era la inteligencia militar sino intuitiva, estábamos tan acostumbrados a la lucha de calle no armada, que nos movíamos, yo decía una vez una gran discusión con un jefe guerrillero que falleció, dice ustedes no son guerrilleros porque nosotros somos como Mao, nos movemos en el pueblo como pez en el agua, yo tengo 200 casas donde ir a dormir acá en Córdoba ¿cuántas casas tenés vos para ir a dormir? ninguna, acá hay que pagar los de clase media te van a batir, yo tenía una posición fuerte contra el foquismo, otro debate que hubo después de ese tema, pero acá nosotros qué hacés, en el caso ese Chutro una clínica entraban y salían militares veo un tipo que era el oficial, cruzo la Colón le digo “oficial tengo que llegar a mi casa cómo hago”, barricadas y militares en cada esquina, dice “póngase las manos en la nuca y camine por el medio de la calle hasta la calle Montevideo donde vive Ud. y cuando lo paren diga vengo de parte del oficial de la Chutro”, crucé todo así hasta que llego por la Corro, llego hasta la Montevideo, doblo para justo hay un tiroteo, cruzo la calle corriendo y entro a un departamento planta baja en el primero me paran los muchachos, estaban por la ventana mirando dicen vení ñato, “ñato” era el nombre de guerra que yo tenía, hicimos un asadito, comimos un asadito estaban en el departamento al fondo, terminé de comer me voy a mi casa, no boludo han venido como 20 veces a buscarte, ¿y ahora me lo decís?, entra el ejército, la gendarmería, la policía todo muchacho los compañeros lo atienden, lo hacen pasar le muestran que vos no estás y te vas mañana. Veía yo los allanamientos, habían preparado frente un taxista que vivía, tenía una pieza con balcón que daba a la calle Montevideo, frente al pasillo que estaba y estaba la casa de adelante, cruzando la calle así enfrente yo por el balcón mirando los allanamientos que se hacían en mi casa con una camita, mate atendido por un vecino a mí no me conocía, era amigo de los otros, me alojó, yo veía desde ahí otros lados esa era la realidad de la época, es decir la velocidad del desplazamiento, que nos buscaban

no dormí nunca en un lugar echo llave y es cierto que tenía, pero sigue la cosa año 70 la toma de ingeniería 2.500 estudiantes seleccionan a 3 se los llevan a Encausados, uno de cada agrupación Aoitá, comunista, Franja Morada, Integralistas todo en filita, los delegados, el patio del Cabildo los tipos está la foto en La Voz del Interior, con pañuelo negro dando vuelta el traje con la foto nuestra, habían detenido a todos faltaba yo nada más, llegaban los datos como era fila mucha gente, el patio lleno todas las seccionales, dos días aguantamos en Ingeniería yo y Margarino, Sosa y vinieron las chicas me mandaron el mensaje donde estaban las chicas estaban buscando con la foto, entonces yo me presento a un oficial le dije mire sino las iban a hacer sonar a ellas, lo toco, “déjese de joder, vaya a la fila”, no esos que andan allá con la foto mía andan buscando, déjense de joder bueno hinchar las bolas oficial estaba la gente de los servicios a Encausados, no primero fue así, en un Torino blanco, me meten en un Torino, los otros ya lo habían llevado, era el último yo me entregué por eso de las chicas y era un Torino blanco y ahí fue que Schiaretta era militante de la agrupación nuestra hace declaraciones preguntando por mí y yo no estaba blanqueado, era el año 70 no la época... y entonces aparezco detenido con los otros 13 malandras allá en Encausados, por supuesto encausados estaba muy enfrentada la policía –hasta esa contradicción– la policía provincial con la Federal, cuando venían los federales eran los porteños que venían acá, se tirotearon en el parque con el tema de la ingeniería, entonces peor todavía nosotros qué éramos, no es que seamos las víctimas, éramos muy queridos, tengo testigos todavía vivos de eso, el director estando incomunicado bajo disposición de la justicia federal, el director del penal nos prestaba su despacho para que hiciéramos conferencias de prensa, ¿vos podés creer? No era la época de la tortura, el director del penal, por supuesto en el fondo estaba de acuerdo con nosotros, primero estuvimos en oficinas detenidos individuales, aprendimos cursos acelerados, se aprende todo, la paloma, la FUA, venían por ejemplo los presos comunes nos ponían las Spika así a alto volumen, nosotros escuchábamos los informativos, nos sacaban la mano por la ventana venía la paloma era La Voz del Interior leyendo los diarios, la misma conferencia de prensa que habíamos hecho la leíamos en el diario nosotros la paloma, recorrer un piolín sacábamos la mano de arriba vistas como es encausados como departamentos, parando en la escuela una mesa gigante llena de todas las cosas que nos mandaban los estudiantes, los mejores fiambres, cuchillos teníamos, cuchillos para cortar los fiambres, queso, pan, gaseosas, todo, vino no, el colchón en el piso, una valijita estábamos todo equipados, una estructura de abogado, porque fue la primera ellos consiguen una declaración de inconstitucionalidad, no sé qué, cuando los largan se ve ese estallido que lo vivieron todos muy fuerte, de adhesión que fue todo el penal aplaudiendo cuando nosotros nos íbamos, todas las puertas abiertas, al lado teníamos los homosexuales, del otro lado teníamos los presos de alta alcurnia, porque ellos nos dejaban usar el baño, baño tipo Sheraton. Pero son experiencias importantes, para que vos tengas un pantallazo de la época. Entonces los abogados consiguen que a nosotros nos den la libertad, se abren todas las puertas del penal, y es la ovación de los estafadores, de los maricas, de los presos comunes, todos hasta los policías aplaudiendo, nosotros con el mono el colchón acá, la valija corriendo “rápido que vienen los ‘federicos’ a ponerlos a disposición del P.E.N.”, no sabés cómo bajábamos las escaleras, salí estaban los abogados con los autos que eran medio grandotes en esa época con el baúl levantado, tirar el colchón, tirar el mono, la valija cada uno por su lado, yo voy a parar a la estación de trenes, unos pesos, pasajes, a Rosario, papelito con una dirección, con la misma valija, salimos nosotros a los 5 minutos llegó los ‘federico’ a poner a disposición del P.E.N. ya nos habían sacado

algo para interrogarnos “son muchachos radicales” considerando el más pesado, no si es radical está con las elecciones, amansadoras como eran calabozo de parados, un saquito azul preguntando muy amable, verano a la mañana 3-4 de la mañana, para sacarme, el director presente se levantó el médico del penal, nos desnudaron a los dos, hicieron firmar un recibo a la federal que entregaban sano, completito, y después cuando nos devolvieron volvieron a hacer el, federal hicieron firmar al director que nos devolvían sanos, y si todas esas reglas se cumplían, las reglas del penal, no sé qué pasó con ese fallo no lo vi, lo importante es que toda esa gente fue muy notorio que estuvo ahí detenida, yo me dediqué a la docencia año 63, uno de los muchachos, fue diputado provincial, tenía 25 recién cumplidos entrerriano, pero ya me dediqué a la docencia y un poco a la profesión, ya me recibí también, ya me casé en enero del 73 y están las fotos mías en Río Cuarto donde hay grandes personajes en el casamiento ese y los que fueron de Córdoba en dos combis, la única foto donde están todos, foto de familia, época pesada la del 73. Eso más o menos hasta el 73 después viene el debate de foco, el debate de la villa, la posición sobre la violencia, yo particularmente por ejemplo para el 73, fuimos los fundadores, ya empezaron a aparecer los grupos guerrilleros se nutrían de los cuadros, tenían relaciones con nosotros, no me gustaba, era el sistema de reclutamiento individual del militante, viene la aparición de Montoneros, nosotros quedamos medio afuera, nuestras ideas eran tan avanzadas Montoneros más un movimiento de Buenos Aires, acá se arma un movimiento montonero, eso lo podés averiguar con la gente del movimiento Navarro que están dando conferencias, el libro azul, peronismo de izquierda, mucha militancia fabril, mucha militancia barrial y el gran debate sobre sacaba un periódico que se llamaba Evita. No te cuento donde vivía yo pleno barrio Las Flores, una casita chiquita, una cama sin colchón, grande, una máquina de escribir, pilas de resma, ahí redactábamos, tipeábamos, imprimíamos el periódico, se repartía en puerta de fábrica, en Renault sobre todo, yo era un poco el que armaba, no quedó nada de eso. Y en el peronismo se da el debate de la vida insurreccional, la que más se adaptaba a nosotros por la experiencia personal de la lucha callejera, la guerrilla urbana, la experiencia tupamaro, la guerrilla rural, y la otra la sindicalista vamos a decir así, que era el trabajo en las fábricas para hacer la unidad de los trabajadores, eso ya después del Cordobazo se da ese debate. Todos convenimos que había que pasar a otra forma de acción, ahí surge el guerrillero, se va dando de varias formas y Perón designa... todo esto armado el grupo nuestro, plata justa, tomando un vaso de leche en el camino, una gran agrupación nacional que se llamaba Unión del Centro de Estudiantes, Integralismo en el Chaco, Integralismo en Corrientes, Integralismo en Santa Fe, vinculación con el Ateneo Santa Fe, Integralismo de Tucumán, Integralismo de San Luis, agrupaciones nacionales de Mendoza y San Juan, relaciones con grupos ya armados que venían del FEN y de la izquierda nacional de Buenos Aires. No nos insertamos en La Plata, porque allá los peronistas no querían hacer trabajo sindical estudiantil, era la política directa, entraban con los bombos a la universidad cantando la marcha peronista y eso era la minoría dentro de la universidad, la clase media no andaba, nosotros íbamos más por una línea nacional estudiantil más allá que éramos un cuadro ya veterano 24 años, y se arma la Unión vecinal de estudiantes secretario general se hace reunión nacional en Rosario, se hace reunión nacional en Buenos Aires, los porteños que, argentino muy interesante, estaba la militancia de la CGT argentina, Rodolfo Walsh todos esos, yo cordobés boludo que lo había traído hablar sobre Cordobazo entonces le tiré como una perlita para hacerlo sufrir a los porteños, escriben bien muchachos escriban porque la historia la hacemos los del interior y los de Buenos Aires la escriben, en Buenos Aires

no había pasado nada, aunque parezca mentira eran los movilizadores, los sociales también con la CGT que estaba unificada donde era la CGT de los Argentinos la CGT unificada la CGT de los Argentinos funcionaba la coordinadora estudiantil mucha CGT de los Argentinos, pero ya venía todo el tema de la guerrilla, y en el peronismo Perón tenía el PEN con Roberto, la UBA, con Integralismo, el peronismo de izquierda minoritario en otros lados, agrupaciones nacionales por todos lados como el SAEM de González, hoy diríamos los chetos, sobretodo largo, una palma de identificación, viene el debate acá, pero se autoconstruyó o los postulados salió el nombre mío yo nunca quería cúpula, 5 delegados los delegados de Perón en la.. ¿quién tenía más gente? la UBA ¿a quién puso Perón?, Comedor universitario, ni bola le dio, nadie le dio bola, Montoneros se arma masivamente, los cuadros del movimiento estudiantil fundamentalmente, cuadros militantes armados a la luz de la designación de la cuarta rama juventud peronista Rodolfo Galimberti, esa es la historia real, entonces se hace expansiva y masiva, tienen el acierto de hacer una táctica electoral, viene la apertura electoral. Nosotros medios volver de la gran pelea a la pelea electoral, que era vuelta copernicana para los que habíamos sido más militantes, entonces el Peronismo de base que se pronuncia plenario, 300 cuadros agrupaciones sindicales, barriales y estudiantiles, la mesa directiva éramos 13 personas, 12 obreros y yo, de la Kaiser, se hace la votación el primer día pasamos a cuarto intermedio, el debate era apoyar participar o no en el proceso electoral, nosotros decíamos que había que participar con toda nuestra posición crítica y los otros influenciados por ideas de Buenos Aires habían empezado a venir para mí eran psicólogos, porque yo he leído mucho de marxismo, del socialismo cristiano, lo que pidás, no coincidían con nada de lo que yo había leído, fueron ideas más bien psicólogos, muy particulares que están en el libro que se llama *La alternativa independiente* de Duhalde que lo abrí así no quise leer más, porque es lo que más me dolió a mí cuando los detienen a los trabajadores, vamos a hacer el Phpc, un grupo, ¿qué es el PHPC? un proceso de homogeneización político compulsivo, ni el lenismo más duro, ni el estalinismo más duro armaba células de fuerza tipo PHPC, qué es eso psicologismo, ideología, es una forma orgánica del momento, esa gente postula el voto en blanco, nosotros Cámpora, el plenario cómo termina: 200 por el voto en blanco, los 13 de la mesa directiva acusados de burócratas, el resto apoyo para participar en la campaña electoral con apoyo crítico, pero quedamos en súper minoría, a la larga con el tiempo imaginate los picnic que me hice por todo el país, aún ahora me sigo cruzando con muchachos de esa época, en el gobierno de Schiavetti había varios muchachos que habían sido, Integralismo, base todo eso están ahí y decían ese estuvo 6 años en cana, son de los tuyos, no soy voto en blanco, claro es fácil levantar la mano tipo alto de 2 metros de alto decía: “nosotros estamos en contra de la política liberal burguesa electoralista, el pueblo solo va a hacer la revolución con las armas en la mano”; andá a discutir, que tenía que participar en elecciones para dar un paso adelante, las variables, entonces yo discutía más bien desde la izquierda, esa frase que te dije yo soy más guerrillero que ustedes, ustedes tienen oficio pero yo tengo lugar a donde ir a dormir.

Juan Ignacio– Hay un artículo que no me acuerdo si sale en una revista, ‘los 70’, que Ud. dice “Onganía nos largó a la calle”.

Carlos– Sí, ahí fue cuando nosotros, el primer año de estar en la FUC, nosotros, en el Integralismo nos adherimos, la lucha por el presupuesto universitario época de Illia, esa fue la primera vez que fui detenido, haciendo marchas desde la facultad de Derecho por la Trejo, las chicas con los tacos agujas así de altos, sentarnos en los caballos los

caballos cargan sobre nosotros, con todo yo corro tenía esa virtud, yo había sido atletismo semifondista, corrí mil quinientos metros, estaba muerto, corro al revés de todo el mundo freno me meto paseo Santa Catalina, son los presos de la primera vez, al haber diez me detuvieron tomaron datos, Montevideo 621, departamento, Azócar, hace 3 años que no vivía ahí, muy conocido por la policía a mí por la gente lo único que no podía decir cómo vos sos, con todo esto de lo duro que fue después, uno entiende como algunos sobrevivían y entonces casi para ellos, compañero, cómo está vivo, yo estaba tan quemado, tan conocido, no podía nunca ser clandestino, el coso de la facultad le dije una cuadra del estudio, puso un cartel grandote así con el nombre mío, iba con carpeta disimulando que me fui, yo tenía dos alternativas más o me iba en serio o me mostraba en serio, yo me mostré en serio, eso porque tenía chicos, el debate Onganía es cierto, Onganía movilizó la calle ya en una forma más fuerte de esa anterior, más vinculación con la población y ahí fue donde nosotros nos ganamos el respaldo, el cariño de los cordobeses que en el Cordobazo que ningún cordobés diga que no participó en el Cordobazo es mentira, porque hasta tipos de clase media, alta, los muebles viejos para que hiciéramos barricadas, todo Córdoba participó y está orgulloso de haber participado de aquella época. Ese es el nivel de prestigio dirigencial, social muy alto logrado que a la vez de desprestigio del gobierno militar, estabas con un intendente, más allá que en el peronismo primera vez por suerte yo no estuve acá, estaba haciendo lo que te conté en la primera Onganía parte del sindicalismo y parte de la política estuvo ahí, confundía mucho, cuando nosotros traíamos los diarios, la revista, tapa, las dos caras, el muchacho Mercedes y yo “Estudiantes contra la dictadura de Onganía”, revista grandota, yo la conseguí una vez y no sé donde mierda fue a parar ese reportaje, en algún archivo debe estar, era tipo color sepia una cosa muy bonita y muy vendida. Cuando llegamos nosotros el último tramo todavía no se hablaba en el peronismo de la dictadura, estaban haciendo grandes movilizaciones pero los políticos no se hablaba, nosotros por toda Latinoamérica hablando de la dictadura y en los movimientos católicos también, muchos dirigentes más que movimiento tuvieron esperanza de que Onganía en cierto modo todos los golpes tuvieron algo de la población, respaldó, en eso, bueno no será esta que nosotros esperábamos venían los militares, nosotros de los militares no teníamos esa animadversión que tiene todo el mundo, Perón, Mosconi, no era una formación, como sí tenían los radicales, un poco tenía la izquierda en el 55 nosotros no éramos tan antimilitaristas, pero fuimos la primera fila de la lucha, demostramos con la acción lo que no podíamos expresar.

Juan Ignacio— ¿Y dónde viene esta decisión de caracterizar como dictadura, la entrada...?

Carlos— Nosotros en el viaje al tener esa visión más global en los términos de ahora, más latinoamericana la alternativa que nosotros veíamos en esa época, no era revolución o dictadura, que viene después, la alternativa que veíamos era democracia o dictadura, para nosotros la democracia era con el peronismo adentro, no con el peronismo proscrito, la idea era primero el caballo adelante, no era tan fanático “el retorno de Perón”. La legalización del peronismo y la democracia, no hay democracia sin Perón, somos demócratas pero con el peronismo participando, no con el peronismo proscrito, eso lo dijimos siempre, cuando no teníamos definición muy fuerte dentro del peronismo. Te conté al principio a la reforma le habían regalado los centros como premios a su participación en la revolución a los reformistas, pero tal vez para hacerte una síntesis, el sector nuestro como un foco vanguardia en esos movimientos, porque

nosotros conteníamos mucho de la mística cristiana que estábamos asumiendo las ideas peronistas y teníamos banderas indisputables como la participación democrática del peronismo, por eso el anverso de la democracia plena no es democracia es la universidad es la isla democrática, estamos en una isla democrática, eso lo decimos en el rectorado es una isla democrática, nosotros votamos todos los años consejero estudiantil y se juntaron, y eso influyó en la FUC, por eso surgieron la FUC nos corrió por izquierda, nos corrieron por peronismo tal vez algún estudiante me diga que nosotros no íbamos a difundir peronismo nos quitaban, fue al revés, avanzando en lo electoral nosotros en la época previa a lo de Onganía. La prensa que también nos dio mucho apoyo pero también deformó muchas cosas, que nosotros estábamos vinculados al movimiento de la iglesia, había algunos curas del Colegio mayor, después era un tema libre, pero no lo dirigían, los curas del tercer mundo respaldaban, pero era respaldo para nosotros nos dirigimos nosotros autónomos, ese carácter autónomo. Para mí el jefe se murió en el 74, no tuvo nunca más jefe el peronismo ahora hay un, el único que tuvo se murió en el 74, se acabó, participemos compañeros, más allá que si alguien lo ha criticado a Perón mala suerte, el viejo no era el foco, para la era el dogma en la medida en que coincidía con nosotros, pero no cuando no coincidía, pero a la vez te cuento más algo, que Peronismo de base se divide, sectores de la guerrilla, la gente vota en blanco queda con la sigla, saca el periódico Evita, nosotros sacamos el Peronismo de base diciendo paralelamente en Buenos Aires, sin que hubiera ningún contacto conocíamos físicamente se funda el Peronismo de base 17 de octubre, para que el Peronismo de base participara a Nérida Lobato, Carlos Carella, Víctor Laplace, artistas era un movimiento político intelectual cultural muy fuerte en Buenos Aires, Cacho El Kadri, a la cultura estuve 2 horas, un sábado lo visité y me grabó él una charla en la cátedra de la universidad lo hicieron hablar, doble, las cosas muy parecidas a nosotros los cambios estratégicos, los cambios históricos, pero se fue, recuerdo la danza en Salta la otra semana donde fueron a parar las cintas no sé pero lo que escribió Duhalde, sector porteño son documentos porteños, no forma parte de la realidad de lo que fue el peronismo de base como movimiento o el peronismo revolucionario como decimos nosotros del interior, tuvo otra característica, sí se ofreció en Buenos Aires la tapa del sistema argentino, sí fueron parte, después se fue a Montoneros, fue de Buenos Aires tenemos mucho más improvisado y no tan activo y masivo como el interior, yo no te quiero presumir pero las secuelas del Cordobazo, fue: Corrientes, Rosario, Córdoba, estuve en Corrientes, estuve en Rosario, fue fuerte la participación de los muchachos, las viejas agrupaciones estudiantiles ya más veteranos los muchachos, habían trasladado la militancia política, pero sobre todo el 69 fue eso el Cordobazo, en esos 3 lugares que estuve, ponele 2 semanas antes, Rosario semana aniversario, estaba organizando no me acuerdo el nombre del secretario de la CGT de Rosario fue un buen dirigente y los militantes muchos se fueron a los movimientos guerrilleros, a los Montoneros, mataron un montón, era un ingeniero químico, te imaginás un experto, era más a la izquierda nuestra, pero se trabaron vínculos personales muy buenos, todavía anda hinchando con él, ese fue un gran dirigente, como acá Schiavetti con él podés hablar o con la gente vinculada a él sobre el movimiento Navarro, alternativo a los Montoneros, políticos, pero también mucha gente del Peronismo de base, está dormido un impacto de noticia mensual está trabado ahí, tengo la tesis de, en Chile, el hijo del guerrillero Ominami está dando cátedra a los socialistas, en una línea muy moderna y nueva pero a la vez muy fuerte de gran admiración al gobierno nacional de Cristina por su coraje, sigue siendo el candidato más joven de nuevo, habla de los pibes de la Cámpora, 40 años

tenía Zapatero cuando se.. y nosotros ya fuimos la generación para otra cosa para ver la historia un poco más gurú, no podemos ya no tenemos polenta para dirigir, experiencia pero está desperdiciado, el peronismo en lo político es una picadora de carne, si tenía tanta vigencia, tanto poder, y mucha gente nunca lo dejó, se cansó, como mucha gente ha vuelto bueno esto, lo tengo ahora acá, al alcance de la mano hacer las cosas que yo decía, otro tipo de fanatismo, pero sí la reivindicación de la década del 60 que culmina en el 70, la caída de Illia, se ha olvidado el 66 y se han olvidado del Cordobazo, después sigue la represión, lucha armada, la pelea, que se puede hacer debate, por escrito, sino en una posición dura, no de posición de derecha y siempre fui respetado por los muchachos por eso, cuando yo asumo como.. el año pasado a cargo de una reforma, hay que llevar la calidad de la democracia, los muchachos me proponen ¿qué pasa? con lo que había pasado con Juez, el gobierno decide darle a la justicia el manejo del proceso electoral cordobés, imagínate los que han estado toda su vida detrás de un escritorio, llegaron, agarrás y encontrás con Ortiz Pellegrini, con Carbonetti, con el apoderado del juecismo, los 3 apoderados legales más todo el movimiento político que viene, más todos los que vienen atrás los jueces, los fiscales, jueces, tipos con experiencia política, actuar con neutralidad y que fueran respetados, yo lo conozco dice un tipo en la legislatura cuando se trata la designación, levanta la mano socialista, en la comisión de reforma política, yo lo conozco reporte igual que yo, el presidente del bloque, y me dieron con un caño como parte de la campaña todavía tener espalda para aguantar y la cosa salió bien, del día a la noche Juez nos salvó el proceso, rompió la máquina del correo salió a reconocer la derrota, nos devolvió todos los favores más allá de que nos putea. La otra cosa que tiene la veta socialista es el tema del pluralismo, la confraternización del debate, que ahora son todos fundamentalistas, todos son ultra tal cosa, en esa época todos éramos muy firmes en esa convicción, santo de las ideas cristianas, personalistas, socialistas, nacionales, históricas, políticas, pero nos respetábamos mucho como personas y ese fue el bloque que tuvo que enfrentar el gobierno de Onganía. En esta etapa fue más distinto, porque ya sí era más duro la relación interfuerza, pero la coordinadora estudiantil era la usina de ideas, además te digo una cosa, no era época de tanta violencia, era época de movimiento político social concluimos problema, pero esa etapa no fue tan fuerte y además teníamos otra cosa, era muy alegre, la época de la elección estudiantil en barrio Clínicas estaba la FUC festejando y nosotros festejamos, esa estudiantina fue muy linda para Córdoba, comedor universitario clave, fue centro de debate, yo cuando veía lo del Mayo francés, las repercusiones en las plazas muchachos terminaban discutiendo cualquier cosa, nosotros también lo hacíamos en el comedor, no eran los temas súper filosóficos, la sociedad de consumo y las cosas que hablaban allá, pero sí discutíamos ideas y había una profunda formación política también, muy fuerte formación política ideológica, estudiando cosas. Yo estuve 10 días en la casa de un gran dirigente que ya falleció del peronismo rosarino cuando salía de Encausados y en esos 10 días un barrio de Rosario, no salí ni a la esquina, compraba todo, tenía las obras completas de Lenin. El 'caimán' Aracena cuando estaba preso, nos hacía levantar a las 6 de la mañana para hacer gimnasia, previamente un libro rojo así y nos leía las 4 tesis de Mao, radical, muy alegre, cuando reaparezco por Córdoba, esas son satisfacciones que uno tiene en la vida, lo que pasa es que yo me fui a Río Cuarto y esperé que se recibiera mi señora en Río Cuarto y allá la profesión, Colegio de abogado, algo de política también, siempre alternativo partido, siempre contra el gobierno y ahí fue cuando armamos la lista Verde, dimos la provincia De la Sota y todos esos otro movimiento acá, yo me encuentro con gente que estaba

vinculada a Luz y Fuerza en esa época con Ceballos y cuando la gente de Smata y armamos un movimiento alternativo a De la Sota, hicimos una jugada que se juntó todo eso con un acto en Smata completo donde ese movimiento se llamaba MUR, se unió con De la Sota y previo a la convención constituyente provincial y muchos de esos dirigentes fueron sindicales Sixto Ceballos, fueron convencionales constituyentes, militantes después se llamaba MUR pero aparecía en el libro che y yo en qué lugar voy en la lista de convencionales constituyentes, no dice vos tenés que ir a arreglar con los peronistas de Río Cuarto, ja, ja, los cordobeses sinvergüenzas me arman esa jugada todo el tema cordobés con ocupar una posición política, me ponen una, me tiran en el lago San Roque y allá no podía, el movimiento federal la conducción, no estuve la... son dos cosas que no tuve en la política democrática, una la capacidad de maniobra política, muy linda la cosa que hice, pero yo iría para posicionarme, además viniendo de donde venía no era fácil ...

6.

Narra: Rubén Arroyo

Escuta: Juan Ignacio González

Lugar e Data do encontro: Córdoba, 18/05/2016

Transcrição e edição: Luciana Laurino e Juan Ignacio González

Revisão: Juan Ignacio González

Juan Ignacio- Para empezar quiero que me cuente cómo llega a la universidad, por qué llega a Abogacía y cómo estaba compuesta por entonces su familia.

Rubén- Yo soy nacido en Mar del Plata y había cursado hasta 1955 el secundario en el Colegio Nacional de Mar del Plata, colegio de muy buen nivel, no digo al nivel del Colegio Nacional de Buenos Aires que no conozco, pero no le debe haber...yo lo comprobé a posteriori, a fin del año 55 con el golpe de estado, Mar del Plata era muy antiperonista y ese colegio ni hablar, había dos profesores que podían ser peronistas y justo con también el actual miembro del Poder Judicial de la Nación, José María Pérez Villalobo, él también cursaba lo mismo que yo, estábamos en cuarto año, en el 55, y él por un motivo, era hijo del teniente que fue a parar preso con el golpe de estado del 53, en setiembre y yo tuve, tenía una tuberculosis, por lo cual durante todo el fin del año 55 y hasta enero del año 56, fui a parar al Hospital Regional durante 4 meses, me dieron de alta...era muy común en aquella época; primero, tener una tuberculosis era como tener sida ahora, no era una enfermedad con fama de infecto contagiosa que provoca reacciones en muchas personas, y a su vez también era aquello de que “a Córdoba los tuberculosos”, entonces me vine con mi madre, porque mi padre había fallecido cuando yo tenía 9 años, mi madre era trabajadora, digamos, a domicilio, trabajaba para una tienda grande que le llevaban las costureras, en la máquina; me vine acá, tenía un primo, un pariente y alquilamos, nos alquilan, nos ayudan mejor dicho a alquilar una casa en Yofre Norte, hago la distinción porque esto ocurre en el año 56, yo tengo que hacer de nuevo el 4º año, la Escuela Nocturna General Paz, que está frente al Automóvil Club y

quinto año yo lo hago libre, esto lo hago entre el 56 y el 57. En el año 58...principios...me anoté en Derecho...vos me decís ¿por qué elijo Derecho? Elijo Derecho, no por una razón vocacional, sino por mera razón económica, era la única carrera que podía hacer en el estado de situación familiar que me permitiera estudiar y trabajar, trabajaba haciendo...sea changas y hacerme cargo del grupo familiar que tuvimos que armar; y en ese periodo, eso es interesante, yo era...siempre me interesó la política, yo vengo de Mar del Plata como peronista, era peronista de estar afiliado y tenía 17 años y con la enfermedad era más atorrante que estudiante, y en Córdoba, en el primer año, el 56 que terminé el secundario, el 57, sigo siendo peronista, me vinculo con muchachos que eran de acá, generalmente todos con un fuerte sesgo nacionalista, hasta que en el 58 comienzo a tener relaciones, primero en barrio Yofre con, también un estudiante santafesino que me hacen conocer que existían otras cosas en el mundo fuera del peronismo, por ejemplo José Ingenieros comienza, y nos arrimamos a un grupo, sobre todo a partir del año 58, año importante en Córdoba porque se dio el proceso de la llamada lucha entre las universidades: laica o libre y ahí me voy componiendo de los ideales reformistas, me voy transformando en un militante reformista y en ese periodo era inimaginable desde la perspectiva de hoy las movilizaciones que tenían, más aún en Barrio Yofre que había una fuerte influencia de una jerarquía, primero, el cura párroco era un cura polaco que era de esos polacos nazis o pro nazis, más nazis que vinieron después de la guerra, y a su vez también había algunas personas que después fueron abogados y jueces, fuertemente ligados a la dirección católica pero que era preconciliar, acordémonos del año 58, si hubiéramos hablado o si hubieran conocido a Juan XXIII, dicen: este es el anticristo, más o menos...era una iglesia muy conservadora; pero aún así hicieron un acto, yo me metí, me dieron la palabra, tuvieron que cortar...ya hablaba estando...la gimnasia que nos dio ese periodo de hablar ante mucha gente y de cosas que tiene que tener un orador en asamblea donde no todas las personas que están, ni la mayoría muchas veces, están de acuerdo con vos, que eso te dio la gimnasia, que solamente te da la oportunidad de vivir así. Entonces, bueno, ingreso a la facultad de Derecho, a mediados del año 58, ya creciendo, y por razones económicas yo no curso, no podía cursar a la mañana, a la tarde...sí, creo que fue a fines del 58, principios del 59 que apruebo Derecho civil con buena nota, en ese entonces los exámenes los tomaba el profesor titular y los dos adjuntos, y tuve...fue una época...desde ese punto de vista académico, Córdoba debe haber sido superior a nivel académico que la de Buenos Aires, acá estaban...yo rendí con Ricardo Núñez, con Pedro León Fei... fue lo más grande que hubo, hasta el día de hoy creo que sigue siendo el más grande. Después, tipos como Clariá Oviedo y el autor ...Mariconte, era el Código Procesal Penal, el primer código que se hace en Latinoamérica, tal vez en instancia oral y con los dos rendí; es decir, había una docencia de excelencia...¿qué aprendí yo ahí? después me tocó...muchos años después, como 7, 8 años en la docencia comparar el nivel, y qué de esa comparación quedaba...rendí con esa gente, Ricardo Núñez...lo único que tenías que hacer era estudiar y saber, y ¿por dónde estudiar?, y ¿dónde estudiar? Prácticamente yo nunca compré...creo que compré un libro de Arturo Orgaz, de Arturo, ¿no? no de Alfredo, que era un Diccionario jurídico e Introducción al Derecho, dos libros creo, pero lo demás todo era la biblioteca, Derecho civil, que era Buteler, el padre del abogado Fuchs...sabía el Código de memoria, bueno...era una garantía; no siempre fue así, después hubo un periodo que le exigieron a los libros un cambio donde teníamos que rendir escrito y oral, pero ya te digo, salvo las cátedras donde había bajo nivel académico como por ejemplo Aeronáutico, Derecho aeronáutico y navegación que vos

leías todos los libros y era hablarle en griego, pero que eso fue una excepción, Familia y Sucesiones, que Civil, quinto era, quinto año, con un hombre que después tuvo relaciones, que era Miguel Hugo Vaca Narvaja, padre, que fue Ministro del Interior en periodo postrero de Arturo Frondizi, pero un hombre de una cultura, una capacidad extraordinaria, y una muerte trágica, allá 14, 15 o 16 de marzo del 76, pocos días antes del golpe, que lo sacaron de su casa allá en Villa Warcalde. Bueno, me recibí en el año 66, pero ¿qué fue durante todo eso? Siempre rindiendo libre, nunca rendí una materia regular, nunca asistí a una...digamos anotarme para rendir práctico...por ese motivo...pero así insólitamente comencé a militar en el movimiento estudiantil, en un grupo que se llamó Partido Reformista Ortodoxo de Medicina, 1918.

Juan Ignacio- Era de Derecho y militaba en Medicina...

Rubén- En Medicina, más aún, hasta me inscribí en Medicina porque el grupo este al cual nos relacionamos, este era un grupo, Partido Reformista Ortodoxo de Medicina, pro 1918, y ¿quiénes militaban ahí? Eran muchachos todos estudiantes de Medicina, con un predominio de anarquistas, incluso un par de viejos anarquistas que no eran estudiantes ni nada, un viejo plomero, que había sido, en la década del 30, estuvo en la cárcel allá en Ushuaia; y así, digamos, el anarquismo nos permitió leer una serie de autores anarquistas muy interesantes, la revista "Reconstruir" que tenían ellos, el Diario "La Protesta"...tenían varias corrientes de grupo, y había también muchachos socialistas...un peronista, un par de peronistas, que después fue un médico peruano nuevo...lo que sí, profundamente anti comunistas o anti PC si querés, situación que subsiste básicamente porque a nosotros no va a...no como grupo sino como generación, irrumpe la revolución cubana y ahí nos cambia los ejes de la visión política del mundo y de Latinoamérica, creo yo; enero de 1959 donde ahí éramos todos o la mayoría, pero después cuando ya la revolución o después de la invasión de Bahía de Cochinos, que de alguna manera, muy bien un libro, un gran sociólogo norteamericano, Charles Wright Mills, no sé si lo conocés, escribió un libro que se llamaba "Listen yankee" o "Escucha yankee" que yo creo que debe ser el sociólogo porque le dijo: Esta es una...básicamente, había estado durante un mes más o menos y habla con Fidel, con los dirigentes de la Revolución y traduce este libro que está como en carta dirigida por los cubanos a los yankees: ojo que esta es una revolución en serio, no es joda y creo bueno, que le acertó, falleció muy joven Wright, pero en sus libros tiene "*La elite del poder*", "*La imaginación sociológica*" que es considerado en los círculos de la especialidad, como junto con el libro de Max Weber, "*Economía y sociedad*" el segundo libro más importante "*La imaginación sociológica*" escrito durante el Siglo XX, realmente yo lo he estudiado, un hombre...como Weber, profundo conocedor de la teoría marxista, creo que tenía una base marxista que enriquecen el marxismo, esa es mi idea, que subsiste a la fecha, y algunas que se fueron modificando. Bueno, la militancia estudiantil, en todo ese periodo y haciendo eje con la gente del PRO, de Medicina, nosotros tomamos un rol muy activo, había mucho...también en esa época, y Medicina quizás debe haber sido...todos vivían en Barrio Clínicas y existía mucho aquellos cuya carrera duraba 30 años, 20 años...tipos vinculados obviamente a...la política era...pero hoy mirado a la distancia, obviamente nada que ver nuestros enemigos a nivel universitario era el Integralismo, por un lado los reformistas, donde los integralistas siempre nos ganaban, es como dice...un día estábamos en la Conadep...hace poco, Jaime Nevares viene hace poco, acá a la Conadep, daba una conferencia de prensa y cuando termina la conferencia, un periodista del Diario de Córdoba le dice "con el pensamiento que usted

tiene, está en las conferencias”, “Ah” le dice Jaime, “vamos, la conferencia está, allá en San Miguel, se trata de un tema determinado, lo que considera intervenimos, damos nuestro punto de vista, después total, siempre perdemos” ...de la ironía...Esta semana dijeron...del Movimiento Popular Neuquino, que en 50 años nunca perdió una elección, en realidad, esta elección, la Constituyente, la ganó el Frente Grande llevando a Jaime de Nevares que ganó...esto fue por el apoyo que le dio el mejor de la familia del Movimiento Popular Neuquino, el Sapag cuyo nombre en este momento no me recuerdo, pero que tuvo dos hijos que se hicieron montoneros y desaparecidos, Sapag le tenía una profunda admiración y mandó a votar por Jaime, Jaime y la Edith Galarza, que era una joven abogada de la Asamblea...retomando entonces, la vida estudiantil...nosotros nos hacemos fuertes en una institución que se había creado en el año 1944, 45 que se llamaba Casa del Estudiante, la Casa del Estudiante, que funcionaba en Sol de Mayo 145, acá nomás, no donde estaba yo, yo tenía 2 cuadras, estaba entre 9 de julio y Colón, una casona que se alquilaba y que vivía a los tumbos, porque los alquileres se vencían por años, enseguida, se pagaban, después se arreglaban con algún abogado...un hombre que era peor que nosotros...Beltrán, el Dr. Beltrán siempre arreglaba esas cosas y seguíamos. La Casa del Estudiante era una entidad autónoma pero creada...donde se reunía la FUC, la Federación Universitaria de Córdoba, digamos, era el local; cuando yo llegué...no cuando llegué, cuando empecé a militar, la FUC supo tener y fue la primera vez que hago una reunión...tenía para alquilar, vendría a ser en Duarte Quirós, un pequeño localcito. Bueno, y ahí, durante todo ese periodo, hicimos funcionar el comedor estudiantil, trajimos a Osvaldo Pugliese a la Ciudad Universitaria, un hecho enorme, mucha plata, y bueno, tenía una vida muy intensa, porque a pesar de que era la Casa del Estudiante como una entidad autónoma de la Federación, en realidad todas las actividades que se desarrollaban ahí eran de la FUC, con distintos periodos porque se produce una de las gestiones en el PRO, que era una entidad demasiado cerrada, hoy en día diríamos sectaria o purista, como le quieran llamar, con críticas al reformismo de naturaleza socialista o radical. Cuando se produce la Revolución cubana, cambian las reglas del juego...y había una fuerte corriente de comunistas, y dado el anti comunismo del PRO, ni...pero ya por el año 62, ganamos el Centro de Estudiantes de Medicina cuando nos aliamos el PRO con los comunistas y los socialistas, los socialistas tenían ya 3 o 4 divisiones, digamos el socialismo democrático, de Américo, ya había pasado a la derecha podríamos decir, ligada al antiperonismo más cerril y además con Américo, muy ligado a la Libertadora, pero estaban las otras corrientes...Palacios, y nos conocimos, fue todo un líder, que inclusive ganó en función de la Revolución cubana, gana la senaduría, Senador Nacional en Capital Federal, Alfredo Lorenzo Palacios, todo un hecho histórico, que debe haber sido eso en el año 62, no me acuerdo si era en la época de Frondizi...sí, porque después viene el periodo de Guido, lleno de prohibiciones, y después viene el periodo de Illia. Bueno, ahí cuando ganamos por ejemplo con los socialistas, los comunistas y el PRO, algunos del PRO se nos van, acusándonos de traidores porque hicimos alianza con el comunismo, pero fue un periodo muy próspero en el sentido de la actividad política que se realizó y ya abierta también a los otros lugares, no es cierto? porque claro, Medicina, la cuestión es muy distinta ahora, Medicina era el Barrio Clínicas, geográficamente, sociológicamente, la mayoría del estudiantado provenía de sectores medios, digo, para utilizar un vocabulario actual; casi todos o muchísimos provenían de Santa Fe, mi caso que venía de Mar del Plata pero había muy pocos cordobeses...había también, pero la masa más importante venía de otros lugares, pero obviamente, salvo rarísimas excepciones, que las hubo,

provenían de familias...estudiantes de Derecho, de una de las empresas aceiteras, General Cabrera, pero fueron heridos de bala también en las luchas laica libre. Durante todo ese periodo, indudablemente se introduce, cambia el eje, un poco, acompañaba la situación política nacional un poco, pero el eje pasa a ser la revolución cubana como elemento político que interviene en nuestra vida, que éramos estudiantes, no éramos obreros, digamos, no estábamos integrados...estoy hablando de año 62, 61, 63 y nosotros...digamos, yo me recibo en el 66, a principio de año y me anoto en Sociología...ya trabajaba en un estudio jurídico y mi propósito...en realidad a mí el derecho nunca me gustó...no te dije ahí, mi idea de joven era estudiar Física, tenía gusto y facilidad para la Matemática y la Física, pero estudiar esas carreras era imposible, si no tenías una situación económica que se resolviera tu problema de vida...yo no vengo acá a hacer vida de estudiante, sino vida de familia, mi madre...después se suma mi hermano, así que por ejemplo yo pasé una vida muy intensa en ese periodo en Barrio Yofre, que va a tener importancia luego en el 69, en el Cordobazo, son de esas sorpresas que te da la experiencia, la vida. Como te decía, todo ese periodo a partir, digamos del 60...deviene la invasión de Bahía de Cochinos, los atentados, la definición en Bahía de Cochinos, de Fidel, de declarar socialista la revolución y aliarse al Pacto de Varsovia para evitar...el plan de Bahía de Cochinos cuál era... si en 72 horas hacían cabeza de playa, le pedían a Estados Unidos, que era un paquete que había recibido el trágicamente desaparecido presidente Kennedy, y ya estaba armado, no es cierto de la CIA, y que de alguna manera histórica, de que él o la derecha cubana de 'gusanos' le reprochó a él no haberle dado el apoyo suficiente en Bahía de Cochinos, yo creo que, digamos que es muy errada, muy parcial echarle la culpa a sus propias limitaciones, fueron las fuerzas especiales que, como dijo Wrigth Mills, se encontraron con una revolución en serio, que con los mismos aviones que ellos también venían, los bajaron recién a las 48 horas de iniciada la invasión, con esa visión natural que tuvo este hombre, estaba la revolución y dice: no, a mí no me toquen, yo estoy en el Pacto de Varsovia...si querés tocar, te enfrentás con el campo socialista, el Pacto, en aquel entonces...es como querer decir a través del tiempo, explicar hoy, que antes no había celulares, los teléfonos fijos eran muy pocos y que todas eran relaciones interpersonales, directas, cosa que hoy en día no pasa más, pasa a ser la excepción más que la norma; de la misma manera, esa repercusión y esa vigencia que tiene la Revolución cubana, socialista, pero también su originalidad y las distintas...comienza la tendencia foquista, que alienta en primer lugar...que es una relación...yo la juzgo así, ¿no es cierto, de dos miembros de la revolución: una, Ernesto Guevara y otra el comandante Piñeiro con la idea de desarrollar la revolución aplicando el método que ellos decían de la Revolución Cubana y se da...;yo en el 67 voy a Cuba, justamente viajo, vamos, viajamos, un grupo numeroso, que me contacta a mí el hombre que tenía el "Che", el arquitecto...Ciro Bustos, con el cual yo ya lo conocía porque habíamos ido junto con Gustavo Roca que era un hombre que representaba los intereses cubanos y la solidaridad con los presos de Salta, del EGP, lo que quedaba, que estaban prisioneros Juvé, Méndez, que eran condenados a perpetua y los demás muchachos que estuvieron cuando eran menores y que después salieron, entre ellos estaba el muchacho después médico, que ya me voy a recordarte del nombre, que al padre...Lerner, Henry Lerner, que estuvo también...y que en la dictadura del 76 lo van a buscar con las listas que tenían a Henry Lerner a Cosquin y encuentran a Jacobo Lerner, que era el padre, que era un librero del Partido Comunista...se lo llevan al viejito, 70 y pico de años y lo tienen en La Perla y desapareció para siempre...uno de los signos, rasgos, ¿no es cierto? también de la

represión: el terrorismo de estado, la dictadura, donde la información no era muy buena, y fuerte, de eso también podemos hablar. Pero la cuestión es que la Revolución Cubana, a nosotros, y al Partido Comunista también, porque el Partido Comunista comienza a romperse, en realidad, nuestros aliados comunistas de Medicina, pasan a ser después “Pasado y Presente”, o sea, entran ya en contradicción con la política oficial del partido y entran en lo que aquella dirección les habrá dicho...desviaciones pequeño burguesas, etc...izquierdistas; una de las cosas que se expone en el 66, surge un librito de un personaje, al cual no le tengo ninguna simpatía pero que fue muy importante con Ciro Bustos, que fue Regis Debray, que escribió un libro que se llamó “Revolución en la revolución” donde plantea la teoría del foco y que la revolución se hace, a diferencia de como se había hecho la revolución rusa con una dirección que unificaba todo, lo político y lo militar, pero preponderantemente dándole, ¿no es cierto? a la acción, el foco, idealizando lo que fue Sierra Maestra. Yo cuando llego, cuando llegamos a Cuba, tuve la suerte de permanecer antes de irme al monte, unos días y entre ellas nos siguió la que era la mujer, la esposa, que estaba en el grupo nuestro después, de este muchacho que fue dirigente, un tipo extraordinario del Sindicato de Prensa, Emilio Jáuregui, que luego de nuestra traumática experiencia de 6 meses, de marzo a octubre del 67, se rompe el grupo en 3, cosa que no fue a nosotros solos...casi todas las experiencias, las que llevó Cooke y las de otros países latinoamericanos, fueron todos dolores de cabeza y problemas para los cubanos; en el caso nuestro era muy sencillo, había un grupo que eran los restos del grupo de...que no llegó a ser eso, del Vasco Bengoechea, que estaba Luis Stamponi, muchos de los nombres...fue un grupo de 32 personas; yo los conocía porque todos nos manejábamos por nombres de guerra ya, salvo el caso de Jáuregui, que era muy importante...ya estaba su mujer...me llevaba...había una revista muy buena que tenían los cubanos en ese periodo, que se llamaba “Pensamiento crítico”, a través de “Pensamiento crítico” que era de todos los procesos revolucionarios en general, de todo el 3º mundo, de África, América Latina y Asia...el papel que le cupo en los procesos revolucionarios, un hombre que fue fundamental, era un evangelista, joven, se llamaba Frank País, hijo, desde Santiago de Cuba, digamos, donde estaba el núcleo revolucionario, que en Cuba fue siempre el oriente, allá en Santiago; y Frank País es, frente al desastre del Granma junto con Celia Sánchez, que era su subordinada, él ya había tenido...una sola vez se había encontrado, teniendo 20 años, con Fidel allá en Méjico y estaban conectados ellos, lo de Granma fue un desastre...por culpa de una tormenta, de hechos naturales, de lo que fuera, la cuestión es que Frank tenía mucho movimiento, era un hombre de masas, a pesar de su juventud, él y su hermano, que era menor que él... Frank se llamaba Isaías, ¿por qué? Porque el padre, cuando lo tiene, tenía 71 años, había tenido un accidente, nunca había tenido hijos, lo atiende una señora de la misma religión, con la cual se termina casando y tiene el hijo...Isaac, que significaba, por aquello de Abraham, el hijo de Abraham, Frank Isaac, exactamente, País; y el otro hermanito...bueno; ellos son los que le dan a esos 12 sobrevivientes, medicamentos, comida, armas, municiones y hombres, y a partir de ahí, porque no es que la visión que daba Debray de que esos 12 empezaron a incorporar campesinos...estaban más muertos, pobrecitos...es a través del movimiento que da Frank País, al cual Fidel, que yo veo una segunda vez ese año en Sierra Maestra, lo designa como comandante en jefe de todas las fuerzas del movimiento 26 de junio, cuando él tenía 22 años, y muere a los 23, lo matan, pensando que Fidel ya, cuando le matan al hermano, un mes antes, le había pedido...que era el momento ya de irse porque lo estaban buscando... pero era tan grande, que a la muerte de Frank, la madre

va a buscar el cadáver, la policía lo retira y se declara duelo, pero de hecho, de la dictadura, cierran todos los negocios y la madre pide que dejen en la tapa, en la cubierta del cadáver para que pueda ver por última vez a su... Bueno, era un hombre, un joven protestante, poeta... unos poemas maravillosos escribió y estuve en Santiago, ahí en su casa, que es museo, una casa muy humilde, ¿no? Bueno, eso nos abre... que el foco, menos en la Argentina; lo que ocurre es que el grupo... y ya nos estamos yendo, ¿no? el grupo de... yo ya estaba recibido de abogado, me recibí en el 66... de lo que había sido del Vasco, era toda gente aislada, no tenía relación, en cambio nosotros acá en Córdoba éramos... Salamanca era amigo nuestro y muchos muchachos que no tenían nada que ver con el movimiento estudiantil, ex obreros... gente ligada a Palabra Obrera, Nahuel Moreno, muchos de ellos que fueron a parar al PRT, entonces ahí se arma la primera discusión, ellos querían venir a hablar y también muchos de ellos había algunos ex comunistas, con un anticomunismo, un anti PC, primero planteaban que lo primero que tenían que hacer era.. “muchachos, creo que no son los enemigos principales”... En fin, retomando toda la vida del movimiento estudiantil de ese periodo, se nutre, primero de la revolución, pero segundo, de Vietnam que refuerzan; más aún ya estaban todas las luchas en Angola, en Mozambique, era lo determinante, el otro elemento, que también hace que nos definamos mucho, es Vietnam porque con Vietnam no podíamos ignorar, como con Cuba; la importancia de la Unión Soviética, porque ni uno ni otro hubieran prosperado si no hubiera estado la Unión Soviética, e incluso en el caso de Vietnam, la República Popular China, más allá de las diferencias; entonces todo esto, digamos, es el clima nacional e internacional determina también la toma de conciencia, que va paralelo a una cuestión que son los golpes militares que se suceden después de la llamada Revolución Libertadora con el gobierno de Frondizi, con las tradiciones de Frondizi, el pacto que había hecho con Perón, con las cosas que se cumplen como la Ley de Asociaciones Profesionales, las internas, también las divisiones dentro del movimiento peronista, que ahí nosotros empezábamos a tener relaciones también porque los peronistas también hacen su proceso, y lo que yo había hecho antes, de otro camino, de conocer... lo acelero a partir de la Revolución cubana y eso permite también cosas que en ese momento nosotros desconocíamos, que era dentro del movimiento de los integralistas, que los conozco después, también comienzan a surgir núcleos que comparan ese panorama mundial que era de auge revolucionario, quién paraba... después de la derrota del nazismo, la formación del campo socialista, de la Revolución cubana, de la lucha en Vietnam, empiezan mandando 30.000, 200.000, 500.000, más de 500.000, y lo único que traían... que ya no lo podían engañar al pueblo norteamericano, la lucha del pueblo norteamericano en Vietnam no es sólo por los muertos que venían si no por los heridos... hablan de 70.000 muertos, ¿no es cierto? que quedaron en Vietnam, los heridos... ese fue el apogeo de los helicópteros, estamos bien reflejados en esa película de Marlon Brando, la caballería... habían rescatado, salvaron muchas vidas pero esas vidas... eran inválidos, que les faltaba una pierna, dos piernas, hay varias películas de eso y lo promueven también en el movimiento estudiantil básicamente de Estados Unidos, la lucha por Vietnam; es decir, era un momento en la década del 60 de auge del proceso revolucionario, a punto tal que, al contrario de ahora, es decir, ser de izquierda o revolucionario, socialista, era la norma y el apolítico era muy poco, nosotros considerábamos que lo apolítico eran los integralistas porque luego... de alguna manera sí, planteaban el integralismo, acusaban a los reformistas de ser lo político pero de hecho lo de mostraron después, no sólo las corrientes de las organizaciones armadas, sino las mismas corrientes dentro del catolicismo y que a su

vez, por un lado la Teología de la liberación, de Carlos Gutiérrez, peruano, y que en Córdoba tuvo representantes excepcionales, entre ellos José Nazer pero que aglutinaron un grupo grande, ¿no? Entonces, en todo ese periodo el movimiento, ser en el movimiento, estar en el movimiento estudiantil significaba también coincidentemente dos circunstancias: primero, la vinculación con el movimiento obrero gracias a fenómenos como el que surge en Luz y Fuerza, que existía en ese entonces con Agustín Tosco donde se abre y se establece una relación muy profunda, el Cordobazo es ya la culminación de esa relación, pero desde el mismo 66, desde agosto, en junio se produce el golpe contra Illia, ya en agosto, la famosa editorial de Agustín Tosco, que se llama algo así como... 'hecho en negativo', y que hace eclosión en septiembre en Córdoba con la manifestación que hiere a Santiago Pampillón, en septiembre del 66; y recién recibido, dejo mi carrera de Sociología de egresado porque Onganía plantea la confiscación de todos los bienes, de todos los partidos políticos y de los centros de estudiantes, nosotros tenemos que resolver el problema de la Casa del Estudiante, que habían obtenido un contrato de compra y venta pero con una hipoteca, hipoteca que nunca pudimos saldar y teníamos deuda de los proveedores, del comedor...los hermanos Oro que eran los principales proveedores de carne, de verdura, pasaron a ser propietarios ellos y dieron a cambio un monto de dinero que teníamos nosotros también, y compramos una imprenta, una Rotaprint y luego ya metido en la cuestión del 66, 65 con esto de este muchacho Bustos y demás, los contactos con la gente, conseguir armas y todas esas cosas.

Juan Ignacio- Y cuando usted vuelve de esa experiencia ¿puede transmitir algo dentro del movimiento estudiantil...seguía en contacto con el PRO...?

Rubén- Yo tengo una...más que el PRO era más amplio...

Juan Ignacio- ¿El PRO había mudado su concepción?

Rubén- El PRO prácticamente deja de ser esa agrupación cerrada...el PRO venía de esa experiencia que era casi netamente estudiantil, muy vinculado al reformismo, y el movimiento reformista es superado por lo que podríamos denominar genéricamente 'movimiento revolucionario mundial', que nos transforma a nosotros...el reformismo era una cosa de niños, que era para reivindicar pero no definía la actividad, diríamos, por lo menos de una parte importante del movimiento estudiantil; entonces, efectivamente teníamos armas, ya había grupos, yo no voy a comprometer nombres de personas vivas porque para ello tendría que pedirles formalmente, pero que te pedían, te pedían, o de muertos tampoco, en la medida que puedan afectar a la familia o se sientan afectados; de la imprenta se sabía, de la tenencia de armas también, acordémonos que desde el 66, después o a partir de Santiago Pampillón, comienzan las tomas recurrentes al Clínicas pero todas iban acompañadas con la participación de Tosco y de la gente de Luz y Fuerza, el gringo Felipe Alberti porque prácticamente las tomas iban acompañadas con cortes de luz total desde la plaza Colón hasta allá, hasta Alto Alberdi...los cables de alta tensión, cosa que hacían los muchachos de Luz y Fuerza, no era cosa de estudiantes, Felipe era...cuyo origen había sido en el Partido Demócrata, mirá vos qué grande ha sido Tosco, y entonces la dinámica del 66 hasta el Cordobazo, lo determina el movimiento más importante, más activo...era ese movimiento estudiantil que tiene el núcleo en el Barrio Clínicas. Cuando nosotros observamos el movimiento estudiantil hoy de Córdoba, cuyo sector más importante está en Nueva Córdoba y de familia, de hijos de personas de alta clase media, y más, muchos también

ligados a los políticos...no son el origen del sector familiar o de clase que tenía, sino el hecho mismo de que vos eras...si tenías, si recibías un giro de...no sé, para hablar de plata de hoy, \$2.000, no podía vivir de la joda, mejor dicho del estudiantado, y la política creo que sustituía mucho, porque era bastante masivo todo ese periodo, y lo precipita mucho el hecho de Pampillón; y es a su vez que se traduce, en los hechos no en la teoría aquella unidad obrero-estudiantil, era un elemento que se pregonaba desde la Reforma de 1918, pero que en el principio de práctica real, con el papel que empieza...voy a decir, a liderar Agustín Tosco, pero que tiene también, ¿no es cierto? elemento en Córdoba, por ejemplo los radicales tuvieron mucha inserción en el movimiento sindical, no sólo a través del gran amigo y secretario general de Gráficos, que era un amigo de Tosco, que lo hacen hasta secretario después, en la época de Angeloz, de trabajo...era un hombre muy abierto, pero ya venía todo el movimiento de Santiago del Castillo y antes de Sabatini, y aunque se dice que tuvo algún...en la época digamos del florecimiento del nazismo algunas veces, también ahí hubo varios que anduvieron indecisos en esas situaciones, pero que decididamente hizo un gran gobierno, continuado por Del Castillo y que tuvo de herederos una generación de radicales, más conocidos obviamente Arturo Illia, pero había dirigentes con los cuales nosotros...tenía que eran reformistas, tenía el Carlos Becerra padre, Alfredo Storani...bueno estaba el Co presidente de la Liga conmigo, Carballo, era profesor de Medicina de Tocoginecología y Obstetricia...el Ricardo Carballo también, había también, no eran solamente los estudiantes sino a nivel docentes, hubo un..el viejo Carballo...Miguel, divino, un tipo extraordinario, originariamente se sentía muy anarquista, por eso hoy...allegado al PRO en sus orígenes, mayor que nosotros, pero bueno, todo ese periodo que podemos señalar como los primeros 9 años, casi toda la década del 60, transforma mi visión de hoy del movimiento reformista, cuya bandera era la lucha por la universidad estatal, ¿no es cierto? democrática, laica y obviamente anti...también un componente muy grande, que la vida demostró que no era correcto, creo, que se llamaba, no es cierto, la enseñanza privada, que en la Argentina la enseñanza privada, fundamentalmente era la católica, la Universidad del Salvador en Buenos Aires, acá, y que convengamos, hasta el día de hoy, salvo la católica y con la experiencia última con Rafael Velasco, la Universidad Nacional tuvo mayor jerarquía científica, estoy hablando de Buenos Aires, y en aquel entonces de Córdoba porque también ha decaído muchísimo el nivel de hoy, ¿no? perdoná esa comparación, pero es inevitable casi, para mí por lo menos; ¿qué ocurre? Entonces, dando un resumen, nosotros, nuestra experiencia, estaba señalado...prácticamente nos sentíamos todos revolucionarios, yo nunca estuve en el Partido Comunista, es decir, en ese periodo, pero yo me incorporo en 1971 y a través de la Liga Argentina por los Derechos del Hombre, ya como abogado, en la defensa de los presos políticos que estaba...Onganía viene, no es cierto, y pone la ley...la política de Onganía es la inauguración de la doctrina de la seguridad nacional en Argentina, segunda experiencia de la aplicación de esa doctrina, cuya primera había sido en 1964, con el derrocamiento de João Goulart en Brasil, entonces esa década del 60, nos sentía en distintas versiones, más o menos, como partícipes o admiradores, depende de cada, había de todo, de la revolución, del cambio revolucionario mundial y latinoamericano como movimientos importantes como el de Colombia que aún subsiste; hubo en Guatemala, que había sido presidida Guatemala en realidad, en el año 44, comienza una denominada también revolución de octubre que culmina con el golpe de Castillo Arma, en 1954, en junio también del 54 con el

derrocamiento de...que era tanto...que era un hombre de origen militar, ¿cómo se llamaba el presidente de Guatemala que volteó...?

Juan Ignacio- Jacobo Árbenz

Rubén- Jacobo Árbenz era un militar, pero que había llevado adelante una reforma agraria donde afectaba al 80% de los terrenos no cultivados de la United Fruit Company que tenía prácticamente al dueño de todo el sector agrario y otros terratenientes locales, y la llevaba adelante, y prácticamente una intervención de Estados Unidos fue directa, tan directa casi como en Chile iba a ser después el conservador Allende, porque se encontraba...no es que Árbenz es el iniciador, Árbenz, cuando toma el poder...el gobierno, mejor dicho que sucede a...por ahí debo tenerlo...el que asume en el 54, que era un militar también..Árbenz asume no en un golpe sino con una inmensa mayoría y una inmensa participación, y a partir de ahí, de ese hecho, Guatemala fue el país más castigado de toda América Latina de la represión, sino allá, al lado de lo que fue acá, nosotros vivimos fue el paraíso, se calculo que no menos de 300.000, y la derecha, la Arena y todo eso, fue feroz, entonces eso fue la práctica estudiantil, no fue una práctica académica...y el derecho me interesó nada más que como instrumento para...de vida y político, tuve la fortuna de ser el abogado del sindicato...que quizás sea el dato más importante, del Smata, de 1972 a 1975, era un moralista, más allá de que el secretario era Salamanca, con el que habíamos sido amigos de jóvenes, porque él estaba en Política Obrera, yo no pero él sí, pero es ganado por el PCR que lo sustrae y realmente hace una experiencia, de él, muy triste, pero, pese a los esfuerzos, porque la mayoría de la comisión directiva del Smata no tenía nada que ver con el PCR, es decir, 'cabezón', o 'el chacho' le llamaban los amigos...era un muchacho piola, hacía un año y pico que estaba recién, que entró inclusive en una forma que probablemente el PCR debe haber conseguido, el 'cabezón' había sido expulsado, en Forja y había estado en las listas negras que había en aquella época; pero...además porque no pensaban ganar, pero la mayoría de esa comisión directiva eran radicales y peronistas, los radicales eran: Livio Palacio, secretario de Prensa, un secretario administrativo, un muchacho Arias, después peronistas, pero no peronistas de partido, peronistas de, el flaco Leiva, el secretario administrativo, Díaz, el ojudo Díaz, que era...yo lo nombro ahora, tendría que preparar si a vos te interesa, que fue el tesorero, el que manejaba, después Campos, que era un muchacho de izquierda, el grupo de gente de Grandes Motores Diesel...ese sindicato, tenía más de 10.000 afiliados pero tenía...con una empresa de entre 800 y 1000 obreros, Grandes Motores Diesel, del grupo Fiat, un personal muy especializado, 400 obreros, Ilsa, que eran casi todas mujeres, la militancia que estaba allá en Pajas Blancas y después otro Ilsa más, que se juntan que eran más o menos 2000 obreros, que eran todos los que hacían todo; después estaba Santa Isabel, Transax,...todo eso...y todo eso discutimos en los convenios colectivos en el año 73, de todas las fábricas, con un problema, Torres estaba en contra de Kloosterman, la cantidad más grande, pero lejos que el resto del país, estaba en Córdoba, y por eso Elpidio era un tipo más ligado a Vandor que a Kloosterman, y bueno, y después ya el fallecimiento de Tosco y de la dictadura, la segunda parte le llamo yo de la dictadura, y la seguridad nacional, que del 76 al 83 les toca asumir con la lista azul y blanca con Felipe Alberti como secretario general, y ahí también tuve la fortuna de ser su abogado, dos experiencias hermosas sobre todo por un bicharraco de afuera, no, pero con compañeros extraordinarios los dos, en las dos experiencias; el líder real, quizás, de aquel Smata en la lista marrón era un muchacho de Motores, que era secretario gremial, que se llamaba Hugo Rivero, y era

un hombre que...rosarino era, que se lo consideraba que era hombre del Partido, tenía buena relación con nosotros pero nunca estuvo afiliado al Partido, era como Tosco y acompañado por el subsecretario que sí era peronista y militó en el peronismo y que era Eduardo Alvarez; por eso, PCR el 'cabezón', si no me hubiera echado nunca más hubiera aceptado que yo fuera abogado, y es que Gerchunoff, me acompañara, ese era más conocido, un hombre más grande, dirigente histórico; pero el movimiento, mi visión del movimiento, yo por eso cuando ...me da la ficha de afiliación para el partido, en enero del 71, nosotros ya habíamos...pero esto ya estaría fuera de...yo era abogado, ya...te digo...eran tantos los presos que había...porque ya estaba vigente la Ley anticomunista, la 7.401 que significaba Asociación ilícita y tenencia de material subversivo, me lleva la policía y, del ámbito de la Justicia federal, era un delito federal, así que había un grupo bastante grande de abogados también, que se acentuó luego en la década del 70, primero con la Triple A, el fenómeno de las organizaciones armadas, de la JP...centenares; en el año 72, Tosco está 17 meses preso a disposición del PEN, por orden del más democrático, entre comillas, de los dictadores Onganía, Levingston, que fue Lanusse, y es paradójico pero en ese libro, por ejemplo, recuerdan cosas que, Rucci..Tosco lideraba...comienza Villa Constitución, que es un nombre que inspira, Sitrac Sitram mismo, es un producto, la lista marrón es un producto de todo ese clima que estamos hablando del Smata...el sindicato Perkins, que tiene un sindicato de empresa como fue Sitrac Sitram, el sindicato de Sancor, ni hablar de los que estaban peronistas, de la UTA de Atilio, lo que fue el Smata, que lo ponen hasta con un mote de clasista, como si Tosco no hubiera sido clasista, el más clasista de todos...el declaradamente marxista, está en los libros, no es cierto, es Agustín Tosco, además el que tenía más formación política y más vigencia a nivel nacional e internacional, Agustín, cuando, popular en Chile, fue invitado oficialmente por la CUT y es recibido...yo estuve ahí también, digamos, pero por otro lado, en la asunción de Salvador Allende, cuando a Salvador Allende se lo presentan a él, porque todos iban, lo saludaban...con el único que tiene un diálogo, no sé con, pero de los muchos que lo saludaron fue con Agustín, porque Agustín era todo un símbolo ya, en el año 70 era el hombre de la rebelión en Córdoba frente a la dictadura y definido políticamente, él viene acá y después le trae al secretario de salud, el secretario del gremio, perdón, del sindicato de salud, Duarte, en una conferencia en la Facultad de Arquitectura, recontra politizada...todos esos centros, Arquitectura, ni hablar Filosofía...estaban los elementos más radicalizados, quizás un poco más verbalizados que en los hechos, ¿no? pero que era...y por eso entonces te señalaba que mi visión, mi paso en el movimiento estudiantil es eminentemente político, no, porque no sólo como estudiante de Derecho, soy innombrable en ese, como...en Medicina fue a nivel del Centro de Medicina que ganamos, mi tarea era ser secretario pero con esa alianza entre socialistas y comunistas y que los de Franja Morada habían sido radicales, tradicionalmente, de toda la vida partido reformista de Medicina los que dominaban el centro, que siempre gobernaron, siempre lo ganaron, ante su derrota no pudieron soportar el hecho de ser minoría y no fueron ninguno y dejaron...que no es ninguna crítica, no te digo todos estos estaban dominados en el movimiento estudiantil...eran lineamientos políticos, como en el movimiento sindical también; políticos, e incluso políticos partidarios, que son dos cosas distintas, no son idénticas, probablemente para nosotros, Agustín Tosco, y para muchos, pura expresión del sindicalismo político más alta, pero nunca fue político partidismo, su bandera era contra la burocracia sindical y luego, sobre todo, a partir de la Unidad Popular en Chile, por la liberación nacional y el socialismo porque Agustín,

obviamente, nunca participó de esa corriente guerrillera, foquista que yo había mencionado al principio, pero sí quedó impactado, eso lo hablé personalmente con él en un par de ocasiones, que el camino era el de la unidad popular, no es lo que era Chile en esos tiempos, y la unidad, primero el sueño de...está escrito todo de la vida...y la práctica de Agustín Tosco era la unidad y la lucha, y bueno, y la unidad popular era esa expresión, socialista, comunista, demócrata cristiano, seis u ocho organizaciones que actuaron férreamente en la experiencia socialista quizás más importante que se haya dado en América del Sur, en mi concepto, por eso también se ensañó tan grande Kissinger, porque no había otra forma para destruir...al darte cuenta de esa revolución, porque fue un proceso, se tragó la muerte, el asesinato de dos comandantes en jefes del Ejército, cosa que no hubo en ningún lado, y bueno el General Schneider al cual le hicieron un atentado, volarlo porque se negó a impedir la ascensión de Allende, murió antes y lo sucede el General Prats, Carlos Prats González, creo que era, que es el que lo acompaña, está en el acto donde Salvador Allende hasta cita a Engels en su intervención, entonces ese es el punto de vista y la politización dominó en gran parte y éramos una...digamos, de aquella pequeña agrupación casi sectaria, purista del PRO, pasamos a ser parte de un movimiento de masas considerable que después se tradujo en las profesiones, bueno, mucho, que dio...hasta los viejos adversarios de la Universidad Privada Reformista y Católica, laica o libre, encontrás grupos en la misma idea básica, pero no sé si hay ahí alguna otra cosa más...a ver, tuve la fortuna de, ya como profesional de estar muy ligado a cura, yo en realidad soy...estuve tres años en los Salesianos, allá en Mar del Plata donde falleció mi papá, los hermanos de él...mi hermano y yo éramos ni bautizados siquiera, entonces nos metieron en los Salesianos y estuve tres años, eran unos curas muy de la pre-conciliar, algunos muy venidos de España, muy franquistas, después tuve la suerte de ser gran amigo y compartir con José Nazer, que compartimos inclusive la Conadep, los mismos...Y fijate que yo conozco a Nazer en el partido...tuve la desgracia de que nunca pude ser oficialista y hace poco me enteré que siempre fui sospechado, aparte del aparato, el aparato, y entonces me sacan porque nosotros nos oponemos, la mayoría de los abogados a la posición del partido, hacemos una reunión el 25 de mayo del 76 donde salgo de una célula de 23 abogados, no debe tener 23 militantes hoy el partido...importante, tres solos defendieron la posición del Partido, ese famoso proceso democrático y la lucha contra (no se entiende bien) los demás encabezados por Galina, David, que fue uno de mis maestros, tuve maestros.. que me dio el Partido, Delfor, Moreno, nos oponíamos en el Partido, muy enojados, pero no fuimos los únicos, sectores obreros, militantes, qué me venís a hablar de...y fue como...me sacan de la Liga, yo era responsable de la Liga, yo era co presidente, y me mandan al Movimiento de la paz...no le daban bola, son de esas organizaciones que no se le daban...y esto me permitió, el presidente del Movimiento Argentino por la Paz, en Córdoba y miembro del nacional era José Naguin Nazer entonces me pongo en contacto con él y conozco uno de los hombres más bellos que he conocido en mi vida y que desde ese entonces...te estaría hablando del año 77, tuvimos además reuniones porque allá, Primatesta ya lo había echado de acá, del seminarismo, él era Doctor en Teología, era un teólogo de la puta madre, muy delicado de salud, por eso se murió muy joven y se fue allá a la iglesia frente a la plaza de los, en Barrio San Martín, que era una iglesita...y ahí hizo todo un trabajo excepcional y donde se hacían las reuniones, algunos, pero familiares de presos y desaparecidos, así que nos ...ahí, después compartimos en la Conadep, y en el año 1994 al mediodía estuve con él porque junto con Rébora pensábamos, nos habían hablado de hacer una conmemoración de los

10 años de presentado el informe de la Conadep y nos teníamos que ver a las 7 de la tarde, yo lo dejo, él vivía ahí en un departamento con sus hermanas, él se va a almorzar y ahí lo esperamos a las 7 con Rêbora y la mujer de Rébora dice: “Dicen en la radio que el Padre Názer se fue a dormir la siesta y falleció”. Un hombre excepcional, muy ligado a los distintos ...y director espiritual de la mujer que acompañó a Tosco en el último periodo de su vida, tuvo enfrentamientos y por eso dejó los hábitos, con Primatesta porque Primatesta le quiso imponer de que Názer no podía ser su director espiritual...cada uno se...estaba bien orientada esa muchacha con este hombre y después con Jaime que también...epistolarmente nos conocemos antes, durante la dictadura porque él contestaba con todos y después en la Conadep, que vos conocés, y ahí terminamos siendo hasta abogados de él, pero...y terminamos con Rafael y no puedo volverme a convertir en...pero ya no soy más ateo, ahora soy no creyente que no es lo mismo, los ateos son militantes de la inexistencia de Dios, los no creyentes, yo...en ese mundo sobrenatural no creo, o sea no discuto...si no creés pero no sos agresivo entre las personas que son creyentes, que es distinto, digamos, eso es más propio del Siglo XIX cuando los positivistas, entre los que estaban, creían que el enorme avance de la ciencia iba a...

Juan Ignacio- Desplazar...

Rubén- Desplazar el sentimiento religioso, por eso aquella famosa frase de Marx de que la religión era el opio de los pueblos, que no era sólo de Marx, de la mayoría y que la vida demostró que no era tan así, que el sentimiento religioso es más complejo que la existencia de tal dios o tal otro.

7.

Narra: Alberto Cerdá

Escuta: Juan Ignacio González

Lugar e Data do encontro: Córdoba, 24/10/2016

Transcrição e edição: Luciana Laurino e Juan Ignacio González

Revisão: Juan Ignacio González

Juan Ignacio- Bueno Alberto, cuénteme más o menos en qué año llega a la universidad y por qué se decide estudiar en la universidad, a qué viene a Córdoba?

Alberto- Por supuesto, mirá, ha cambiado tanto, han cambiado tanto las pautas culturales que, en nuestra adolescencia, o por lo menos lo que a mí me tocó vivir con el grupo de compañeros del secundario, era sabido que teníamos que estudiar, era sabido que había que irse a Córdoba, a Tucumán o a La Plata los que pudieran, por supuesto, a estudiar...por supuesto, la decisión de la mayoría de mi grupo fue a Córdoba porque era más cercano a nosotros los profesionales que había en Catamarca, yo vengo de Catamarca; en ese momento la mayoría habían sido egresados de Córdoba, más que todo las carreras tradicionales liberales llamadas, entonces médicos, arquitectos, ingenieros, etc., generalmente eran egresados de Córdoba y como yo pertenecía a una

clase media estándar, mi padre era médico, egresado de la Universidad de Córdoba, por supuesto, era tácito que había que venir a Córdoba a estudiar, ¿qué estudiar? Bueno, eso fue una decisión personal absolutamente, nunca se me dijo: “tenés que ser médico para continuar con lo que hace tu padre”, nunca...mi padre era ginecólogo, así que yo decidí venirme a Córdoba a estudiar medicina y después terminé siendo especialista en Ginecología también, y bueno, el resto de mis compañeros lo mismo; la gran diferencia...yo viví dos momentos muy lindos en mi vida que fueron el secundario y la universidad, completamente distintos sociológica, política, ideológicamente, el secundario fue un momento muy lindo de grupos, de participación en deporte, en todas las competencias que se hacían y en donde lo político era un tema que estaba muy allá lejos y distante, porque la ciudad en que me crié, Catamarca es una ciudad muy tradicional, muy religiosa, entonces yo era el único que incorporaba o trataba algún tema político en ese momento, en el secundario, pero lo pasamos lindo, con mis compañeros todavía nos vemos, estamos en veredas distintas por supuesto, igual que entonces, por distintos motivos, pero fue una experiencia muy linda mi secundario; las ansias por venir a la universidad en mí eran tan grandes que esperaba llegar a Córdoba, porque mi padre, politizado también, nos contaba de las luchas, de su momento histórico, de la universidad, de la riqueza, entonces a mí eso me estimulaba mucho, y así fue, nosotros llegamos en tren de Catamarca a la estación Mitre, con un primo hermano mío, los dos con el objetivo de estudiar lo mismo, cada uno con su valija, ¿adónde íbamos a ir si veníamos a estudiar Medicina? Indudablemente al Barrio Clínicas, el Barrio Clínicas que luego se transformaría en nuestra casa, y dentro del Barrio Clínicas ¿adónde? A la Casa de la FUC. En Catamarca, en el diario Unión, lo mismo pasaba en todas las provincias, más que todo las del noroeste; la FUC enviaba comunicados para orientar a los futuros ingresantes y daba su domicilio, más que todo a los estudiantes de Medicina porque la FUC funcionaba en el Barrio Clínicas, en la calle Sol de Mayo al 145, creo, como La Casa del Estudiante, entonces ya sabíamos que teníamos que llegar al local de la Casa, de la FUC, porque ahí nos iban a decir adónde había pensiones que nos iban a recibir para empezar los estudios y así fue...llegamos, nos dieron varios domicilios, vimos un Comedor, vimos que había movimiento estudiantil entonces ahí ya vi la diferencia satisfactoriamente, por supuesto, nos dieron las direcciones, buscamos dos o tres de las que nos habían dado y elegimos una, calle Santa Rosa, a una cuadra y media del Clínicas, en una casa vieja que todavía está, en donde una familia jujeña albergaba estudiantes; la pensión, como se llamaba...ya no sé si se llama o cómo es la cuestión...la pensión era típica, una casa vieja, un patio central, piezas de los dos costados que daban al patio, un baño, una cocina y nada más, piezas grandes...no había piezas para uno o para dos, generalmente eran para 3 o 4, y así fue...entonces esa fue mi primer pensión de estudiante...

Juan Ignacio- ¿Recuerda el año?

Alberto- Febrero de 1965, yo soy egresado del secundario del 64; gobernaba don Arturo Illa por supuesto. Bueno, por distintos motivos que no sé si son convenientes de contarlos...de esa pensión nos tuvimos que ir porque la señora, la jefa, era una jujeña bien puesta y tenía 2 hijas, una más grande y una más chica, entonces hicimos migas con la más chica y nos citábamos en la plaza Colón, seguramente la madre se enteró y yo me tuve que desaparecer, así fue. Después nos instalamos en la segunda pensión, en la calle Neuquén, que es en donde corta o desemboca el Clínicas, ahí 20 mts.y, Hospedaje Italia y ahí fue la armada del primer grupo de estudiantes que incidieron en

el futuro de mi estadía en Córdoba porque conocí a mi compañero de estudios, compañero del litoral, de Paraná, se incorporó otro compañero de Paraná y habitábamos en una pieza de 4, y ese fue el primer grupo, entonces había 4 camas, una mesita y un ropero, eso es lo que tenía, generalmente, la pensión para estudiantes, por supuesto, el barrio Clínicas en ese entonces ya estaba inundado de pensiones para estudiantes, era de lo que se movía el barrio, entonces el ambiente estudiantil era tan familiar que las guitarreadas, los bailes en las calles, en las pensiones donde se podía, las reuniones, la política, el estudio por supuesto, los noviazgos eran de todos los días, era algo muy hermoso; yo comparo, tengo a mis hijos que han estudiado después, yo comparo y es abismal la diferencia de una generación a otra, mi padre me contaba cómo vivían ellos en la década del 40-50 y no había tanta diferencia con la nuestra, pero entre la nuestra y la de mis hijos es abismal, no sé si para bien o para mal, por supuesto, pero yo añoro aquello. Tuve la gran suerte de que teníamos en Clínicas al frente, donde teníamos que cursar Anatomía, que era la materia gorda, el filtro por excelencia de los estudiantes de Medicina, y cuando salgo un día para ir al Hospital Clínicas, dos casas más delante de mi pensión, hacia el Clínicas, local del Centro de Estudiantes de Medicina, imagínate, eso fue para mí, una satisfacción y una alegría, porque yo venía ya con intención de militar, por supuesto, así que me incorporé al Centro de estudiantes, conocí a mis primeros amigos, empezamos a estudiar, empezamos a ir olfateando cómo se movía el Centro de estudiantes, vimos que tenían el mimeógrafo típico para mimeografiar apuntes, volantes, etc., ahí conocimos cómo se movía la propaganda estudiantil por excelencia a través del mimeógrafo este, cómo se embarraban los compañeros dirigentes las manos de tinta porque era todo muy precario; era la forma de hacer política. Bueno, conocí en primer año a quien fuera el destino de mi protagonismo en el barrio Clínicas, por la suerte, por una casualidad, por un accidente, por lo que sea...a Domingo Mena, hace poco se ha identificado su hijo gracias a la labor de nuestras madres; lo conocí a Domingo Mena, empezamos a charlar, bueno...actualmente muchos de los compañeros que militaban en ese entonces en el Centro los veo, los veo todavía a muchos, éramos todos de distintas vertientes políticas y esas vertientes políticas después, incidieron decididamente de acuerdo a sus concepciones, en la historia del país; de ese grupo nació el ERP, Mena se hizo del ERP, ya Domingo, “el mingo” como le decíamos formó en el Centro de estudiantes un grupo, el MUR, yo me incorporé al MUR (Movimiento de Unidad Reformista) que pertenecía...que digamos, seguía la corriente de la Juventud comunista...el MUR, Mena formó un grupo que se llamaba Espartaco, y además en el centro participaba el MIM (Movimiento independiente de Medicina) después apareció el FEN y bueno, la evolución política fue dando nombres a los distintos sectores. Con Domingo Mena íbamos a recibir clases de apoyo en Cajal y nos sentábamos juntos, un año antes del acontecimiento que nos vinculó para siempre...bueno, así que éramos amigos, participábamos, y así pasó el año 65, aprobamos Anatomía por suerte, empezó el segundo año, el 66, en donde el movimiento estudiantil en democracia, por supuesto, tenía libertades, íbamos al Comedor universitario en los Loros...en los Leilas, perdón, que tenía, la Universidad nos prestaba, estábamos en Plaza Colón e íbamos hacia allá, y llegó el fatídico Golpe contra Illia del 28 de junio del 66, entonces justo en la mitad de año se alteró todo y el Centro de Estudiantes empezó a organizar la resistencia, y bueno, al mes exactamente de que fue derrocado Humberto Illa, el golpe fue el 28 de junio...el 29 de julio Onganía interviene las universidades argentinas, entonces cómo resistir, cómo divulgar, cómo incorporar a los estudiantes a la resistencia era la tarea que tenía el Centro de Estudiantes de Medicina, como la FUC, como todo lo que funcionaba en las

universidades y bueno, el local era un bullicio y se habían programado volanteadas, la primer volanteada en el Hospital de Clínicas contra la intervención a las universidades, se realiza el 18 de agosto del 66...bueno, participamos por supuesto, éramos grupos de a 3...no, íbamos de a 2 o de a 3, no juntos si no dispersos volanteando el hall central del Hospital de Clínicas, la volanteada empezó a las 8 de la mañana...en el segundo pasillo del Clínicas, mientras yo volanteaba con mi primo, siento que me detienen de atrás dos personas, uno de cada lado...mala suerte, y “está prohibido volantar, somos de la policía, dos de civil, así que nos va a tener que acompañar a la Tercera, que estaba a dos cuadras del Clínicas por Santa Rosa, la famosa Tercera, así que yo tranquilo vi que mis compañeros se dieron cuenta, así que la policía me llevaba hacia la entrada del hospital, uno de cada lado, y yo sentía comentarios, de todo...cuando aparecemos en la puerta del hospital, en la puerta principal, enfrente funcionaba nuestro bar, el bar Estrella, adonde nos reuníamos a tomar café, a hacer reuniones, etc, en la vereda vi a mis compañeros del centro de estudiantes, de cursos superiores, y entre ellos estaba Mingo Mena, mi compañero, entonces bajamos las escalinatas del hospital por el veredón hacia la Tercera, íbamos en la mitad de cuadra más o menos, no habíamos hecho 20, 25 metros, cuando de golpe siento que de atrás Mingo, no podía ser otro, me da un empujón y me dice “rajá”, entonces me suelta de los dos policías, entonces yo empiezo a correr hacia la esquina y doblo hacia la izquierda, en Chubut, y yo lo veía que mientras yo corría por la vereda izquierda, él corría por la derecha para despistar a los dos policías, doy vuelta la esquina y yo iba pensando “voy a cruzar el río” que lo conocía porque de niño íbamos a pescar, mis tíos vivían enfrente, pasando el río, entonces digo “capaz que lo puedo cruzar” y bueno, cuando iba a mitad de cuadra empiezo a sentir disparos, 1, 2, 3...están tirando al aire...pero uno, ya sentí el fogonazo en la pierna izquierda y que me derrumba, entonces los policías me vienen a ayudar, entonces se hace un conjunto entre los policías y mis compañeros, todos me tratan de ayudar pero porque era un hecho no común, los policías tenían mucho miedo, me reprendían por no haberme parado, porque ellos me gritaban “parate, parate, parate si no te tiramos” entonces me reprendían pero había uno que se notaba que tenía mucho miedo, la cosa es que entre los policías y mis compañeros del Centro de estudiantes me llevan saltando en una pata hacia la guardia del hospital, en la guardia del hospital ingresamos y estaba de guardia el gringo Arata, un médico de cirugía que, como en todas las guardias había un jefe, entonces nos hace pasar a la guardia y no le permite pasar a los policías, les “dice “ustedes no”...” no, este está detenido” entonces Arata les dice: “en este hospital y en la guardia mando yo, ustedes se retiran” y no los dejó entrar a la pieza de la guardia que estaba apenas, en ese entonces, donde se ingresaba al hospital, mientras me hacían las curaciones y charlábamos y todo, se sentía fuera del hospital ya los alborotos, entonces todos mis compañeros empezaron a organizar la ‘toma’ del hospital, efectivamente se sentía todo de la guardia, los discursos, las consignas, la organización...cierren el portón, cierren las puertas compañeros, han baleado a un compañero, entonces se sentía el alboroto, esto iba in crescendo, iba in crescendo el alboroto, o sea que se veía de que a pesar de ser espontáneo, mis compañeros tuvieron olfato de cómo organizar una ‘toma’ en un hospital muy grande, un hospital muy grande, entonces a las tapias, al portón del fondo, a la puerta de ingreso, a las dos que había, y etc., a la única persona que la dejan entrar a verme es a una compañera con la que me veo todavía, esposa de un colega y que la dejan entrar a la guardia porque dice que era mi novia y efectivamente esta chica entró y me preguntó cómo estaba...y la dejaron entrar, los policías golpeaban la puerta porque intentaban trasladarme pero no pudieron, no pudieron y se tuvieron que ir; bueno, la

‘toma’ fue espectacular, todo yo escuchaba, lo escuchaba a un compañero mío que era un orador espectacular ya en los primeros años, cómo organizaba y cómo discursaba, hasta el mediodía...12 y media, 1, que por los ruidos dijimos: han podido entrar, y efectivamente llegó la policía con todos los refuerzos y esto y camiones y todo, y lograron entrar por el portón grande y se armó la bataola en el hospital adentro, entonces se sentían gritos...gritos tanto de desesperación porque los detenían como gritos de órdenes y todo eso lo tengo muy bien grabado y después supimos que entraban a las salas y daban sin discriminar profesores, monjas, había compañeros que estaban en las camas escondiéndose como enfermos, entonces fue realmente una batalla que terminó con 150 o 160 detenidos entre estudiantes, profesores, docentes, personal civil, etc.; cuando ingresa la policía logran ingresar a la guardia y me trasladan a sanidad policial que funcionaba en el viejo Hospital San Roque, entonces ahí estuve tres días, ahí me tomaron declaración, mientras el alboroto en la ciudad iba in crescendo, esa noche se toma el Hospital de Clínicas que fue la primer toma del barrio...no del hospital si no del barrio Clínicas que inició todo este proceso de resistencia que contagió a los claustros en la Universidad de Córdoba porque profesores renunciaron públicamente, como el profesor Carballo de Obstetricia y se fue sumando a la resistencia, por supuesto el movimiento estudiantil empezó a organizar con más criterio la resistencia, o sea tratar de a lo espontáneo darle mayor organicidad, cosa que así fue y bueno, como yo digo en algunos artículos que he escrito, la protesta del barrio Clínicas sale hacia el centro, a las distintas facultades, pero empezamos a hacer manifestaciones callejeras en pleno centro, por supuesto lo mío ya no revistió ninguna gravedad por suerte, me tuve que ir a Catamarca, ahí me extrajeron la bala y me volví a la semana y porque, por supuesto no podía y a los 15 días de esto, o sea el 7 de septiembre, a los 15 días, en pleno centro, haciendo las manifestaciones callejeras, se produce lo del asesinato de Santiago Pampillón que, imagínate, si todo iba in crescendo esto fue el detonante ya mayor porque fue algo alevoso y el movimiento estudiantil que discutía distintas cosas no tuvo ninguna otra opción que declarar la huelga por tiempo indeterminado; bueno, por supuesto lo de Pampillón fue...yo estaba en la esquina, vi cuando lo levantaban, porque nos habíamos refugiado en un bar, porque hacíamos volanteadas de a grupos, con petardos, con esto, y la policía, los celulares nos perseguían y nos dispersaban, no nos dejaban que lográramos congregarse en un meeting grande, no es cierto, en las esquinas principales, entonces íbamos de esquina a esquina, entonces este grupo de frente a Cinerama fue dispersado por los celulares que venían mano contra mano, y nosotros nos refugiamos en la esquina, un grupo, otros se metieron a Cinerama, otros a los comercios, etc, nosotros nos metimos en un bar que funcionaba adonde ahora hay una panadería, en la esquina de Tucumán y General Paz, estábamos como por tomar café en una mesa, habíamos trancado la puerta de vidrio y vemos que una compañera se acerca golpeando la puerta y luego de que sentimos una detonación, que creímos que había sido una bomba, la compañera gritaba: “han matado a un compañero”, entonces, abrimos la puerta, salimos y a veinte metros vimos cómo levantaban a Pampillón, no sabíamos quién era en ese entonces para ponerlo en la célula y lo llevaban a la vuelta, por Santa Rosa, que estaba el Hospital de Urgencias viejo, todos los trasladamos ahí esperando noticias, había quedado un charco grande de sangre cuando lo sacaron del celular, los compañeros rodeaban el charco para que nadie lo pisara y Pampillón ya estaba adentro, la cosa es que formamos toda la cuadra de esquina a esquina...eran muchos estudiantes ya, ya eran muchos, no sé si varios miles que estábamos esperando a ver qué pasaba y eso logramos, porque la policía trataba de dispersarnos por las dos

esquinas hasta que alrededor de las 10 de la noche, más o menos, llegó la caballería; fue una batalla campal, realmente una batalla campal, había caballos sueltos, había policías de a pie con el sable en la mano, nos hicieron bolsa y con mi primo, ya en la retirada digamos, nos refugiamos en un altílo de una casa que está en diagonal, nos metimos...abrimos la puerta, nos metimos, era una escalera, y nos metimos ahí y nos quedamos toda la noche y logramos salir a las 6, 6 y media de la mañana. Bueno, esa fue la noche de Pampillón, se declaró la huelga por tiempo indeterminado y la resistencia fue importante, la repercusión hacia las universidades argentinas fue importante, y a la América Latina también; bueno, luego viene todo este periodo de la huelga que es un tema que, por supuesto, no se rendía, no se rendía, pero estábamos en septiembre, entonces vino octubre, los exámenes, noviembre y la huelga, supongo ahora, viéndolo muy fácil con el diario del lunes, de que no debía haber sido por tiempo indeterminado o que se debía haber levantado en algún momento, porque la huelga se desinfló solita, solita, solita, muchos compañeros empezaron a rendir para no perder el año, más que todo en diciembre, y se desinfló, se desinfló, se desinfló, por supuesto, nosotros perdimos el año, no podíamos ir a rendir los dirigentes, o por lo menos los más...yo me acuerdo que estaba haciendo reposo por el balazo y me dijeron que escribiera una carta abierta a los estudiantes, que lo hice, para leer en una asamblea en la Ciudad Universitaria que fue en números, fue impresionante esa...adonde se decidía estratégicamente qué íbamos a hacer y bueno, así pasó el año 66, en el año 67 ya nos fue difícil pero como el contagio había sido tan grande empezaron gremios a solidarizarse con el movimiento estudiantil, esto es importante, porque ya vamos a ser sinceros, hablando ya desde el punto de vista político, la resistencia a la dictadura militar de Onganía en las calles, la empezó el estudiantado de Córdoba, sin temor a equivocarnos, ese fue nuestro aporte, como yo digo, con Santiago Pampillón como bandera, pero indudablemente que el movimiento estudiantil fue el primero en salir a las calles a resistir a la dictadura, luego empezaron la actividad de los famosos gremios combativos, empezaron los contactos y empezó lo que llamamos la unidad obrero-estudiantil en la lucha, los sindicatos...estaba todo proscripto pero bueno, se buscaban las formas, Luz y Fuerza, Foecyt y Gráficos eran los que más colaboraban, cada uno con sus aportes y lo que decimos con algunos compañeros, indudablemente que esto fue gestando lo que terminó en el famoso Cordobazo, en mayo del 69, y donde la expresión máxima de la unidad estudiantil salía de ahí, salió de ahí...inclusive muchos gremios tuvieron que, de tibios, empezar a incorporarse a la resistencia porque era difícil, era difícil...bueno, lo del Cordobazo fue así, yo creo que es el origen del Cordobazo del 66 y el Cordobazo merece realmente otro análisis porque ya se juntan un montón de otros elementos, pero en definitiva esta fue la experiencia más rica; luego de que se produjo el Cordobazo con todo lo que sabemos que fue, que algunos que dicen así, otros así, pero que fue una revuelta popular impresionante; el Cordobazo terminó con Onganía, entonces Onganía se vio obligado a renunciar, se había desprestigiado, y viene la secuencia de Levingston y Lanusse famosa, que desemboca luego en la democracia efímera que tuvimos, pero empezamos a reorganizar los Centros de estudiantes luego del Cordobazo, a renovarlos y Medicina me elige como presidente del Centro de Medicina del 71 y viene este periodo difícil que fue hacer ingresar a la universidad intervenida a los estudiantes, entonces adónde, cómo ayudar a la gente a que ingrese, el ingreso irrestricto era nuestra consigna, entonces indudablemente Luz y Fuerza fue el sindicato que nos abrió las puertas y adonde dábamos los cursos de apoyo para cientos de cientos estudiantes que querían ingresar a la universidad, ese fue otro de los eslabones de la unidad obrero-

estudiantil y del papel espectacular que jugó Agustín Tosco en todo el proceso, no es cierto...bueno, el 70/71 después vino todo este proceso de la vuelta, en donde lo político nacional empezó a influir más, que fue el retorno de Perón y luego el famoso golpe, pero este proceso que yo acabo de describir, yo creo que fue el origen del Cordobazo y el ejemplo que cundió a otras universidades del país, porque después vino Rosario, Corrientes, y los 'azos' se fueron sumando, que fueron el gran ejemplo de lo que nosotros llamamos la lucha popular.

Juan Ignacio- Usted...retomo muchísimo de lo que mencionó, y vamos a ir volviendo así, en el tiempo, ¿cómo era en su casa? Usted me contaba que su papá era médico... ¿cómo había sido la...ese interés temprano por la política? ¿Qué había en su hogar?

Alberto- Sí...mi padre fue un político empírico, zurdo, por instinto, de jovencito, él participó en las luchas acá en Córdoba, por supuesto que en la Universidad de Córdoba hubo siempre luchas, en la década del 40 vino el peronismo, o sea de que fue siempre una persona activa, y bueno, él siempre fue zurdo, fue miembro del Partido Comunista en Catamarca y se mantenía y nos transmitía por supuesto todo, así que para lo que algunos era el miedo a intervenir, para nosotros era una cosa muy natural, o sea que lo que mamamos en el hogar es indudablemente el impulso que teníamos en participar en política, o sea, mi familia de parte de mi padre y un tío eran muy politizados, entonces de ahí viene todo, indudablemente.

Juan Ignacio- ¿Cómo era con sus hermanos? ¿había un debate, había en su casa un intercambio?

Alberto- Nosotros fuimos 4...por supuesto, como pasa en...te aclaro que mi padre venía de una familia tradicional y católica del interior de la provincia de Catamarca, de Tinogasta, entonces era la oveja negra, por supuesto, ideológica, que luego lo contagió a un tío maestro, nosotros fuimos 4 más 4 primos que convivíamos en Catamarca, entonces mi padre nos hacía participar y nos daba charlas políticas a los 3 que estaban en una casa y a los otros 3 que éramos los más grandes porque mi hermano más chico todavía no tenía edad, entonces la familia participaba de análisis políticos, venían dirigentes de Tucumán a darnos informes sobre la situación nacional, entonces en el secundario nosotros ya mamamos todo eso, indudablemente, que siguió por supuesto, mi padre estuvo dos años preso, lo detuvieron con el golpe, no lo pudieron desaparecer porque seguramente era una persona muy prestigiada en Catamarca, a pesar de su orientación política, pero bueno, lo llevaron de mi casa y él se llevó su colchón y sabía lo que pasaba, así que todo ya viene de la influencia política que la familia tenía, entonces, del tradicional catolicismo ese que te decía...mi padre fue monaguillo cuando era niño, entonces fue toda una evolución hacia la izquierda que mi padre, mi tío y algunos otros hermanos siguieron pero mi padre era la cabeza indudablemente, y mis hermanos somos...los 4 que fuimos estudiamos en Córdoba, a mí me tocó participar en ese momento porque era el mayor, era el momento, había 4 años de diferencia con el segundo y 6 con la que venía, mi hermana es Psicóloga y el más chico fue médico pero ya era otra etapa, no fue lo mismo que mi momento histórico, pero todos más o menos con la misma orientación.

Juan Ignacio- Entonces de ahí quizás se explica por qué esta vocación por participar o esta intención por participar que ya venía desde allá... ¿y por qué el MUR?

Alberto- El MUR, el Partido, la Juventud Comunista a la que nosotros pertenecíamos, en la universidad...

Juan Ignacio- Porque ustedes pertenecían a la Juventud ya antes de venir...

Alberto- Sí, antes de venir, así fue, y mi padre era miembro del Partido Comunista de Catamarca, por supuesto, entonces yo apenas llego me incorporo a la Juventud Comunista primero...a los contactos, y me incorporo al sector universitario Medicina y la Juventud Comunista ¿cómo se presentaba ante el estudiantado? No como Juventud Comunista, sino trataba de, a su influencia ideológica darle un nombre y era Movimiento de Unidad Reformista, porque somos reformistas universitarios del 18 de alma, entonces el MUR era la expresión de la línea de la Juventud Comunista en la universidad.

Juan Ignacio- Bueno, ahora vamos a los jóvenes del grupo de estudio, los jóvenes del grupo de estudio se estaban preparando fundamentalmente para dar las materias en la carrera.

Alberto- Sí señor

Juan Ignacio- En esa mesa también había discusiones políticas, afinidades políticas...

Alberto- Indudable, en el primer grupo al que yo me refiero cuando llegamos éramos 3 de la Juventud Comunista y un peronista, con el peronista más que todo, que es un íntimo amigo que vive por suerte y que lo tengo acá, en Buenos Aires y que nos vemos, era el peronista ortodoxo influenciado...es decir que en ese momento, yo creo, estaba desorientado de cómo participar y adónde porque en la universidad, la expresión peronista en la universidad no existía prácticamente...¿quiénes estaban, qué expresiones políticas estaban en ese momento? Las tres grandes corrientes fueron: los radicales, con la Franja Morada, Partido Reformista de Medicina, en Medicina, la Federación Universitaria de Córdoba que aglutinaba a todo lo que no era peronista y que podía haber algunos grupos que después se hicieron peronistas o lograron expresar su identidad, y los sectores de izquierda, y el Integralismo, que era la expresión, digamos, meramente gremial y apolítica en general, esas eran las tres patas que tenía el movimiento estudiantil, entonces por supuesto, nosotros como izquierda estábamos en el MUR y la izquierda, luego de todo esto, empezó a diversificarse, fue tan grande la influencia política que tuvo la situación política nacional e internacional en la universidad de Córdoba, que empezaron a aparecer grupos de izquierda, que son todos los grupos que luego nacieron que fueron el ERP, los compañeros de origen peronista que en ese momento no estaban, Montoneros, pero después apareció el guevarismo, el maoísmo y por supuesto la corriente pro soviética a la que en ese entonces pertenecíamos nosotros; cada grupo incluido el nuestro, empezó a sufrir divisiones políticas, políticas...porque era un momento de plena Guerra Fría, bueno, lo de Cuba, nosotros apoyábamos la Revolución cubana por supuesto, los otros lo miraban con reticencia, cosa que después fue cambiando en la evolución de muchos grupos, nosotros hasta ahora...yo no pertenezco ahora a ningún partido pero el sector mío a la Revolución cubana todavía la aplauden y otros sectores fueron quedando en el camino, otros se desilusionaron, otros la critican...bueno, eso fue la evolución política, pero todo nació ahí...imagínate, al Che Guevara lo asesinan y era...imagínate, entonces al guevarismo, aparece el Tupac, aparece el Movimiento de Liberación Nacional, el FEN en Medicina, el Frente de Estudiante Nacional, de orientación peronista, influenciado

por William Cooke del peronismo, luego tienen inserción algunos en Montoneros, y luego-

Juan Ignacio- Todos esos grupos participaban de alguna manera dentro del Centro..

Alberto- Original.. eran esos

Juan Ignacio- Los primeros tres, los que usted contaba que se manchaban los dedos de tinta, ahí convivían todos...

Alberto- Todos...cuando yo ingresé, al Centro de Estudiantes lo dirigía el MIM, Movimiento Independiente de Medicina, dentro del MIM estaban algunos que luego formaron el FEN; y Mingo Mena que formó el Espartaco y que fue después el ERP; y nosotros el MUR; nosotros fuimos creciendo realmente...luego del 66 fuimos creciendo y logramos dirigir varios Centros de estudiantes y la Federación Universitaria de Córdoba, o sea que en Córdoba el MUR fue una tendencia importante en ese momento...también estaba el AUN, la Agrupación Universitaria Nacional, que era de Abelardo Ramos, también estaba el MNR, Movimiento Nacional Reformista, de Estévez Boedo, de Rosario, en Medicina, en ese momento no tenía influencia pero sí empezó a tenerla en Ciencias Económicas, que dirigió Ciencias Económicas más adelante, mucho tiempo, y que bueno, yo después me fui de Córdoba y sé que desapareció absorbido por el radicalismo, por la Franja Morada, creo que así fue...esa parte no la tengo tan clara como la anterior.

Juan Ignacio- Seguimos por aquí...me contaba lo de las mesas, lo de los dirigentes dentro del Centro de estudiantes, cómo convivían...

Alberto- Las discusiones eran terribles las discusiones políticas...la de las agrupaciones eran terribles

Juan Ignacio- Porque el MUR se juntaba en otro espacio...

Alberto- Dentro del Centro de Estudiantes de Medicina, la comisión directiva siempre estaban formados...por ejemplo, cuando yo gané el Centro de estudiantes, el segundo fue el AUN y el MNR después, que empezaba a aparecer en Medicina. Las discusiones políticas sobre... ¿en qué consistían las discusiones políticas? Indudablemente lo que nos desunía en ese entonces era la visión nacional de la política y lo internacional de la política. Yo ahora me doy cuenta que hemos aprendido mucho de todo eso y...porque yo ahora me doy cuenta de nuestros errores, de los errores de los otros...yo soy una persona autocrítica y no me preocupa, por eso es que me alejé de mi partido de base, no es cierto..., porque creo que ha cometido errores políticos muy importantes y ahora veo que nos desunía mucho la política internacional...en ese momento ¿qué pasaba? Era la Guerra Fría, era la Revolución cubana, era el guevarismo que nacía y era el maoísmo que nacía, entonces las discusiones políticas pasaban por ahí...el PCUS, Partido Comunista de la Unión Soviética y su influencia, el maoísmo, Mao, y su influencia hacia sectores trotskistas, y la Revolución cubana que diferenciaba el análisis que hacía...la Revolución cubana, Fidel Castro pertenecía al Partido Comunista que respondía más o menos a la línea tradicional pero que luego se empezó a diferenciar de la línea rusa, luego eso también empezó a influenciar en muchos partidos comunistas que empezaron a disgregarse. En lo nacional con el AUN, ellos eran revisionistas de la historia, yo creo que positivamente, nosotros en ese momento no lo vimos así, nosotros defendíamos la historia oficial, ellos empezaron a revisar, que es lo que hoy hace Piña, etc., con lo que yo estoy de acuerdo ahora, pero antes nosotros éramos antiperonistas,

éramos gorilas, ellos no...entonces cuando yo me encuentro con alguno de ellos ahora, yo me digo: somos la síntesis de la izquierda, hemos cometido errores todos y nosotros hemos aprendido todos y ustedes...y bueno, ellos eran muy antisoviéticos y nosotros muy pro soviéticos, ellos muy anti revolución cubana y nosotros muy...y bueno, todo eso yo creo que influyó, el maoísmo empezó a tener influencia, los pro chinos, como le llamábamos en ese momento influenciaron mucho en Perú, con Sendero Luminoso, muchas guerrillas, y luego el Guevarismo fueron cosas que nos distanciaban porque hoy el Che Guevara es nuestro símbolo de lucha y de dignidad, pero en ese momento, tácticamente, nosotros no lo compartíamos, para nosotros el foquismo y la exportación de la revolución era algo que ideológicamente no debía ir por ese carril; yo creo que ellos también aprendieron...hasta el Che debe haber aprendido porque yo creo que bueno, fue un fracaso su sublime tarea por importar la revolución, fue un fracaso realmente, pero el espíritu del Che lo tenemos todos indudablemente, yo creo que hasta los mismos cubanos se dan cuenta de que ha sido un error táctico y estratégico político...yo no sé si Cuba, el Che serían lo que son si no se hubiera equivocado, muy posiblemente no pero se equivocó y gracias a eso tenemos este símbolo...no sé si me entendés, lo mismo en Bolivia...en Bolivia en ese momento era una cosa y ahora es otra; los campesinos bolivianos al Che lo ignoraron en ese momento y ahora vos vas a toda esa zona y él es el dios porque se dieron cuenta de que si bien lo que él pretendió hacer no era lo adecuado en ese momento histórico pero ahora lo ven como que era el camino que siguieron después con Evo...

Juan Ignacio- Muchos años después...

Alberto- Es difícil la política...a veces los pasos tácticos y estratégicos son difíciles...

Juan Ignacio- Usted contaba de cómo se organizaban los estudiantes y parte de la organización de la resistencia era la volanteada, en esa jornada de volanteada del Clínicas...en la primera volanteada había un volante consigna que era contra la dictadura...

Alberto- Contra la intervención universitaria de la dictadura, por la autonomía universitaria y el gobierno tripartito, esa era la consigna nuestra, que es lo que habíamos perdido, con la intervención perdimos eso, elemental, así es.

Juan Ignacio- ¿Quién firmaba esa volante...el MUR, el Centro de Estudiantes de Medicina?

Alberto- A los volantes de cada tendencia...cada tendencia tenía sus líderes y nosotros éramos 2 o 3 los que elaborábamos los volantes y luego los imprimíamos como otras tendencias tenían sus cabezas, dos o tres, que daban su posición y la firmaban, pero nosotros firmábamos como MUR.

Juan Ignacio- Esa era la consigna..

Alberto- Esa era la consigna del MUR.

Juan Ignacio- ¿Y cómo en esta figura destacada, que usted menciona a Mena, esta relación se produce a partir de las jornadas de debate, de discusión de ideas...?

Alberto- Sí, sí, sí

Juan Ignacio- Que quizás hermanaban más allá de las diferencias

Alberto- Sí... ¿cómo te puedo decir? Domingo Mena fue un caso muy particular porque yo ahora me doy cuenta de que era un muchacho muy inquieto, muy audaz, muy decidido y que ya tenía de jovencito, teníamos 17, 18 años, ya tenía la visión de lo que él quería; luego de que se produce esto y muchos entramos a la ilegalidad, yo a Domingo Mena no lo vi más, después supimos de que él era uno de los líderes del ERP y del PRT, antes del ERP, el PRT al que luego él se incorpora, tenía uno o dos miembros en la Facultad de Medicina, compañeros que simpatizaban...yo todavía me veo con algunos de ellos, pero las discusiones en las asambleas eran donde se ponía de manifiesto el conflicto ideológico...en las asambleas, porque si bien lo particular que era defender la autonomía universitaria nos aunaba, luego cómo enfrentar a la dictadura, cómo enfrentar a la dictadura y la situación internacional, ahí nos dividía, por supuesto; nosotros siempre creímos...lo pensamos todavía, digamos...es algo que todavía se mantiene, que debíamos evitar la ilegalidad y que debíamos tratar de legalmente masificar a los centros de estudiantes y no aislarlos y no aislarnos y menos hacer focos de elite, con el espíritu de lo que luego fueron los ejércitos de Montoneros y del ERP y la FAL, nosotros siempre tuvimos la visión de las masas, de tratar de que no nos ilegalicen, cómo será que cuando yo salí presidente del Centro de Estudiantes, las elecciones, en plena dictadura, las hacíamos con unos volantes...así es, para que nos vieran los estudiantes quiénes éramos y lo que proponíamos, o sea, teníamos una visión más de masas, estos grupos lentamente fueron auto ilegalizándose y bueno, lograron su camino que yo quiero decirte con toda sinceridad, ahora los aplaudo, no porque haya compartido la línea sino porque ellos era su camino y todos juntos logramos debilitar a la dictadura, la enfrentamos cada uno con su método, indudablemente.

Juan Ignacio- Bueno, una de esas partes que quizás la conoce usted por haber estado más desde adentro es cómo era la relación de los Centros de Estudiantes, primero con los gremios y después con el Partido y cómo era con la dirigencia nacional, porque revisando unos archivos en Buenos Aires, en Buenos Aires está la denominación del MOR, ¿cómo era esa relación MOR-MUR?

Alberto- El MOR era el Movimiento de Orientación Reformista que...nuestra tendencia universitaria era MOR-MUR o a lo mejor otra, pero todos de orientación o de unidad reformista, todos...nosotros como movimiento estudiantil participábamos en la FUC a la que dirigimos con Carlos, y a la FUA, a la que logramos dirigir también; luego, o sea, como unidad de movimiento de orientación reformista, nosotros logramos ganar muchos centros de estudiantes y el objetivo nuestro era, por supuesto, así como acá, dirigir la FUC, a nivel nacional dirigir la FUA; la FUA siempre estuvo peleada entre sectores de izquierda fundamentalmente el MOR o MUR, la Franja Morada, los radicales y luego la ultra izquierda. Nosotros tuvimos una fracción, una división que luego se hizo fuerte por los errores de nuestro partido, que luego se hizo fuerte y logró dirigir la FUA; en mi casa se hacían reuniones en donde se discutía de política y donde la fracción nuestra nos llevó bastante gente, muchos compañeros, algunos se fueron para otro lado pero el error que cometió nuestro Partido con tácticas electorales y con estratégica visión nos costó mucho y dio pie a que existieran muchas divisiones, como las tuvieron todos, como las tuvo el peronismo, como la tuvo la Franja Morada, como la tuvieron los sectores de izquierda, los sectores de izquierda también se dividían por supuesto, el maoísmo también se dividía porque como te digo, la carga política era tan fuerte...nos peleábamos por ver si la consigna era liberación nacional o liberación nacional y popular o si era gobierno de los trabajadores y el pueblo o si era el gobierno

obrero y popular, o sea, consignas que nos dividían y que en ese entonces eran un mundo y ahora vos te das cuenta que eran una tontera. Entonces nuestro objetivo era la FUA y a nivel internacional nosotros pertenecíamos a la línea del PCUS, yo estuve en la Unión Soviética un año porque bueno, mi Juventud me mandó por una cuestión de un entrenamiento político y otro de los temas que en vez de unirnos nos dividía era el de Vietnam, en ese momento estaba el apogeo de la lucha contra el imperialismo en Vietnam y la táctica, la estrategia que empleó Ho Chi Min con la ayuda de la Unión Soviética fue la masificación del partido y de la lucha popular y había grupos que creían que la consigna en nuestro país era hacer Vietnam, en distintos lugares porque esa era para ellos la vida de la revolución; o sea, confundían, para mí, lo que allá fue un camino de masas para la liberación nacional de Vietnam con crear focos con la consigna de que había que hacer muchos Vietnam porque por eso habían ganado Vietnam...no, Vietnam había ganado por otra cosa, porque participó todo el pueblo...eso nos dividió en ese momento; la cosa es que yo me voy a la Unión Soviética en el año 69 un año a estudiar política internacional, empezó a nacer en ese momento el Movimiento de No Alineados, todo un tema por supuesto, pero pasé por Sofía porque estaba el Festival Mundial de la Juventud en solidaridad con el de Vietnam; eso era lo que nos movía a nivel nacional contra el imperialismo, en solidaridad con el Vietnam, y bueno, el campo socialista en ese momento era muy fuerte, se empezó a debilitar por distintos motivos, todo un tema también, importante y rico, pero en ese momento era eso realmente y en América Latina el Che Guevara y su muerte, por supuesto...discutíamos sobre la táctica contra el foquismo pero bueno todo fue muy rico, muy beneficioso.

Juan Ignacio- Ese periodo del 69... ¿cuánto dura?

Alberto- El periodo del año 69 dura...bueno, el Cordobazo se produce el 29 de mayo del 69, luego viene post Cordobazo. A nivel nacional era lo mismo que acá cómo formar un frente para derrocar la dictadura y bueno, dentro del gremialismo pasaba lo mismo, como pasa ahora, esto no es nada nuevo...sectores más combativos influenciados por Córdoba que logran influenciar a dirigentes como Ongaro a nivel nacional pero la ortodoxia siempre ganaba como ahora, entonces estaban con el diálogo esperar, ver, de a poquito, cosa que dificultaba la conformación del Frente, es lo mismo, lo mismo, lo mismo...las líneas se van dividiendo, se van dividiendo, se dividen las aguas y bueno, los sectores más combativos siempre quedan para un lado y los ortodoxos o dialoguistas quedan por otro...como se ve ahora en la CGT, lo mismo. Entonces a Tosco, la jerarquía gremial peronista ortodoxa no lo quería, porque lo veían un peligro porque les robaba las masas, por supuesto y porque había logrado conformar la unidad obrero-estudiantil, entonces ellos estaban en otra cosa... por supuesto las cosas positivas, la vuelta de Perón pero en la práctica, en la práctica, la lucha callejera era algo muy lejano realmente.

Juan Ignacio- ¿Qué recuerda del contacto en ese momento de los estudiantes con sectores de la iglesia, con algún sector de los partidos políticos más tradicionales de Córdoba?

Alberto- Sí, había el Cristo Obrero en ese momento, que era una corriente de los curas del tercer mundo que estaban simpatizando con lo popular en las calles y en algunas iglesias se hacían reuniones, nos permitían ir a algunas iglesias, nosotros de las que más usábamos en nuestras reuniones, nuestra asamblea era la María Auxiliadora en Los Salesianos, en la plaza Colón, en ese complejo confesional hemos hecho varias

asambleas en plenos momentos, porque bueno, había algunos curas que nos veían con simpatía igual que dentro del movimiento obrero, los menos...así fue, siempre las jerarquías ortodoxas dominaban y nunca permitieron el avance hacia arriba, indudablemente.

Juan Ignacio- ¿Y con los partidos políticos...?

Alberto- Nosotros pertenecíamos al sector universitario, entonces partido a partido, yo sé que el Partido Comunista, en nuestro Partido siempre fue amigo de Tosco y a través de Canelles que era el representante gremial más importante que tenía el partido se veía siempre con Tosco, con Atilio López, con todos...eso es del Partido hacia los gremios, pero de partido a partido no existía, muy poco...de partido a otro partido, con el partido peronista eran los sectores de lucha más que todo.

Juan Ignacio- Era el MUR, el Integralismo y Franja Morada...

Alberto- En la universidad era así, en la universidad era así...yo creo que, por ejemplo Carlos, que era mayor que nosotros y tenía más experiencia, a lo mejor él siempre tiene más detalles porque él formaba, era uno de los representantes de todo el sector universitario y seguramente él tenía más contacto con cúpulas, a lo que me refiero, o sea que muchos detalles te los puede dar él, por supuesto, pero mi experiencia ha sido esa, ha sido muy rica, la llevo en el alma realmente, orgulloso, reivindico todos mis compañeros de lucha que hayan estado enfrentados o no en ese momento porque todos hemos participado mucho y gracias a eso es la universidad que tenemos ahora, que es democrática, que después del 84 vino gente como Rébora, como Baudino a dirigir la universidad y bueno, con los altibajos que tiene, y ahora que recuperamos la FUC gracias indudablemente a la unidad.

Juan Ignacio- El volante que yo me encontré en Buenos Aires, que creo haber traído unos cuantos más para dejarle, este es el del año 71, este es el de final del 70 para las elecciones...

Alberto- Ahhh, qué bueno, te agradezco mucho...vos sabés que no lo tengo

Juan Ignacio- Me dijo Carlos y...menos mal que lo traje. Eso es de finales del año 70 para ser electo y ser el presidente durante todo el año 71

Alberto- Exactamente, así fue

Juan Ignacio- Esos son los compañeros... MUR independiente

Alberto- MUR independiente, nosotros le llamábamos Lista unificada...Oswaldo Cerda es mi primo, con el que...

Juan Ignacio- Compañero de mesa...

Alberto- Cristina Scarone, Lucía Scrimini es la hermana de Carlos, ya lo conocés...Ricardo Ruiz, lo veo, de vez en cuando...médico, este Raúl Lopez no sé...Agustin Moreto de Catamarca, Alejandro Castro muerto en un enfrentamiento, y a estos dos no me acuerdo quienes eran, te soy sincero.

Juan Ignacio- Sí, me contó la historia de Alejandro Castro padre

Alberto- Sí...era sanjuanino, un gordito grandote. ¿Estos de dónde los sacaste?

Juan Ignacio- Esos los encontré en un archivo que se llama Centro de Investigación y Estudio de las Izquierdas en la Argentina, que queda en Buenos Aires, y ahí yo

buscando datos del MUR, por eso también esta conexión, esta pregunta...porque encontré algunos volantes que decían MUR y otros que decían MUR adherido a MOR y después leí en el texto de Ceballos que había una disputa...que Buenos Aires era muy pro soviética y acá había una diferencia entonces que esa disputa no se trasladara a Córdoba...mi hipótesis era, quizás en algún momento firmaba MUR adherido al MOR porque estaban en afinidad y en otro momento firmaba solamente el MUR.

Alberto- Puede ser...¿sabés qué? El hermano de Osvaldo, mi primo, abogado que estudió en Tucumán, Luis, él por supuesto también pertenecía al MUR de Tucumán y creo que hubo un momento en que todos los MUR eran como...se sintetizaban en el Movimiento de Orientación Reformista, que posiblemente haya habido esa disputa que vos dices porque en Buenos Aires los porteños siempre...Buenos Aires siempre las directivas, las líneas venían de Buenos Aires y por ahí nosotros viste...no participábamos tanto, que era lo que charlábamos con Carlos, militábamos, militábamos y a toda esta parte de superestructura por ahí nos resbalaba pero por ahí posiblemente haya sido así, posiblemente; pero vos sabés que Carlos me dijo que tenía...

Juan Ignacio- Tengo más, así que no hay ningún problema

Alberto- Carlos también tiene volantes, me dice...

Juan Ignacio- Y entonces ahí encontré...si mal no recuerdo, creo que está la lista de las propuestas

Alberto- El programa...

Juan Ignacio- Pero eso lo tengo más..

Alberto- ¿Así que en Buenos Aires hay un centro...?

Juan Ignacio- De Estudios de Izquierda. Es un Centro que es muy chico, que recién estos últimos años ha empezado a recibir, creo, que un apoyo de la Universidad Nacional de San Martín...bueno, ahora no sé cómo va a quedar eso con estas modificaciones. Eso siempre contó con apoyos de particulares, eso funcionaba en un lugar chiquito de fundación y se ha ido enriqueciendo con donaciones, entonces ahí encontré y después le puedo pasar...porque de eso todavía no lo he podido extraer pero sí tomé fotografía, entonces tengo fotografía del programa, entonces si usted me da el correo, veo...no se ve demasiado bien porque por supuesto es una máquina fotográfica, hay que ver cómo lo amplío, cómo lo imprimo...entonces una vez que abre la foto hay que ir poniéndole la lupa para mirarlo, son nítidas las fotos lo que pasa es que la forma de extraer la información es difícil, entonces en este centro de estudios de las izquierdas, me acerqué un día, me inscribí, dije: vengo a buscar tal material...me trajeron lo que ellos tienen de carpeta y me dejaron sacar fotografías...hay muchos historiadores de los viejos que trabajan con periódicos de principios de siglo, entonces están con el lector ese que lo van acercando...

Alberto- Decime, ¿cómo era tu nombre?

Juan Ignacio- Juan Ignacio

Alberto- Así te dicen...

Juan Ignacio- Sí

Alberto- ¿No había otros?

Juan Ignacio- No, ese fue el único que yo encontré

Alberto- El de Córdoba...de Medicina de Córdoba...

Juan Ignacio- Sí, porque hay una parte del archivo que se llama volantes, entonces encontré eso...muy poco

Alberto- Vos sabés que yo tenía todo...vos dirás ¿cómo no tiene nada? Te lo explico: mi familia, que estaba muy orgullosa de mi actividad, empezó a hacer una carpeta con todos los antecedentes desde que llegué, de toda mi historia en el movimiento estudiantil, y cuando fue el golpe, quemaron todo...cuando lo estaban persiguiendo a mi padre y me buscaban a mí, quemaron todo. Mi tío dijo: hay que quemar todo, mejor que no encuentren nada, y ahí se quemó todo...qué desastre!

Juan Ignacio- Y así muchas familias con archivos...

Alberto- Pero yo pienso ¿cómo no se les ocurrió? Porque todo esto iba a Catamarca, a mis padres, a mis tías que es la que cuando yo salía en los diarios, todo...entonces quemaron todo, y cuando yo estaba en la Unión Soviética y escribía por Chile, no llegaba nada, pero yo decía, ¿cómo no se les ocurrió hacer lo que hicieron los Gerchunoff acá, esconderlo en algún lado al material?...la puta madre...nada, no tengo nada.

Juan Ignacio- También otra cosa que es muy significativa de la época o del vértigo que había era que el Integralismo nace o decide lanzar su Huelga de hambre el mismo día de agosto...el 18 de agosto...y cómo esa Huelga de hambre me resultó muy...

Alberto- Contame algo de eso

Juan Ignacio- Me resultó, porque esa Huelga de hambre termina por el desgaste de los huelguistas, no es cierto?, pero está marcada por estos dos hechos: el diario del mismo día, el comienzo de la Huelga de hambre, un recuadrado así, y acá sale el estudiante Alberto.

Alberto- ¿En La Voz del Interior?

Juan Ignacio- En La Voz del Interior o en el Córdoba...hay una foto así del estudiante baleado y un recuadrado...

Alberto- ¿Eso está en los archivos...?

Juan Ignacio- En la Hemeroteca, en la Municipalidad de Córdoba, que es súper accesible...

Alberto- ¿Dónde es eso?

Juan Ignacio- Al costado del Cabildo, hay una rampita...

Alberto- ¿Le llaman archivo de la Municipalidad de Córdoba?

Juan Ignacio- El Archivo de la Legislatura

Alberto- O sea que yo tengo que ir al Cabildo

Juan Ignacio- Sí, si yo lo veo de frente al Cabildo, me voy para Dean Funes, y ahí a mitad de cuadra hay una puerta donde se entra al Cabildo...

Alberto- Por ahí íbamos a pedir los certificados de buena conducta

Juan Ignacio- Antes de terminar...no la cortada de la iglesia, sino la otra.

Alberto- ¿En qué año te recibiste vos?

Juan Ignacio- Yo me recibí en el año 2002...me hace acordar a esa gente muy autodidacta, que tiene un espacio entre un trabajo y otro y que se acerca a ese espacio a leer algo, sale de esa salita de lectura y hay una puertita y en esa puertita: Buen día, vengo a buscar el diario Córdoba año 66 y traen el bibliorato. Bueno, entonces estaba el estudiante Cerdá, acá y acá el recuadrado de la huelga...los huelguistas continúan con la huelga y el día del disparo a Pampillón es el final de la huelga, como también eso es un reflejo de esta discusión...lo legítimo de la huelga

Alberto- Una forma de lucha, una protesta

Juan Ignacio- Y cómo se empiezan a cerrar, no hay más espacio para huelgas.

Alberto- Muy interesante

Juan Ignacio- Lo que de alguna manera fue un hecho como usted lo relataba con esa naturalidad, quizás fue un hecho...

Alberto- Fortuito, casual, pero que desencadenó...

Juan Ignacio- Como algo que era una práctica usual contra otro sujeto social, después se convirtió en una práctica cotidiana y ya no era nada fortuito, ya era intencional; y una de las...porque como yo estaba vinculado a la Católica, mi trabajo de gestión era muy absorbente, no podía continuar la investigación pero como tenía acceso a los archivos me senté a buscar a los chicos de la Católica, y ahí di con la Agrupación de Estudios Sociales, que la Agrupación de Estudios Sociales se junta con el Tupac, con el AUN y conforman, a los dos años del golpe de Onganía, arman una pequeña agrupación, en este momento no me acuerdo, agrupación de años de lucha...y que salen con una volanteada...esto es algo que me queda como muy pendiente porque así como Medicina es la puerta de entrada del MUR a la FUC, Medicina es la puerta de entrada de estos jóvenes muy próximos al Cristo Obrero, como Jorge Mendé y Alberto Molinas, porque ellos son los primeros fundadores de esta Agrupación de Estudios Sociales...hay una clínica de primeros auxilios en Bella Vista, que ellos son los primeros fundadores y esta Agrupación después va hacia Peronismo de Base y son los fundadores de Montoneros, pero estos chicos, al haberse iniciado tempranamente en el año 66, toda esa actividad, también...y ellos se egresan en febrero del 69; como ellos se egresan, no son más estudiantes y sus archivos uno va, los pide y están, otros chicos que continuaron haciendo actividad y siguieron siendo estudiantes, uno va a buscar en el archivo y no están...cómo esa sutileza de una fecha permite recuperar un dato y otro dato que se pierde. Bueno, este chico Molinas fue uno de la conducción de la juventud peronista, la fundación de Montoneros, y también Medicina...Después rastreando un archivo allá en Brasil, estoy tratando...estoy en dificultades por el año, lo revisé hace mucho en el Archivo Nacional, una recomendación que daban los militares del golpe, un listado de quiénes eran los estudiantes brasileros que se habían ido a estudiar a Córdoba y que se les sugería una vigilancia porque Medicina era una cueva de comunistas, en esas palabras lo dicen los brasileros, más o menos..

Alberto- Vos sabés que en la lucha contra el ingreso irrestricto me acuerdo de los brasileros que había, paraguayos...ese es un tema vos sabés...influencia de Córdoba en América Latina, en la Universidad de Córdoba paraguayos, bolivianos, peruanos y

brasileros...cómo había...no tanto brasileros, pero por supuesto de aquel lado...pero había brasileros, me acuerdo las tomas del decanato de la Facultad de Medicina había brasileros me acuerdo...qué divino; me acuerdo cuando tomamos el decanato una vuelta, cuando a mí me balearon estaba Morra y cuando tomamos el decanato le digo a mi primo: me voy a sentar en el sillón de Morra y me senté en el decanato en la poltrona de Morra...el decanato en pabellón Perú. Bueno, hemos militado mucho gracias a Dios...como se dice yo no creo en Dios pero tenemos una universidad democrática...ahora yo voy a Filo, camino por la Ciudad universitaria y no lo puedo creer, qué belleza todos los chicos, las chicas estudiando, van, vienen, apuntes...qué bárbaro lo que nosotros vivimos, íbamos a la Ciudad universitaria a comer y a las asambleas del comedor universitario...yo me paraba en una mesa y venía Miranda y me hacía bajar y como me hacía bajar y como me hacía bajar a mí mi compañero tres mesas más allá se subía y seguía el discurso...iba para allá y me volvía a subir...Jorge Damonte, un gran dirigente, él fue fracción nuestra, lo quiero encontrar porque lo aprecio mucho, él fue una fracción nuestra y él se fue con el Partido Comunista Revolucionario pero después formó la FAR y creo, yo por eso lo quiero ver...que una de las primeras cárceles del pueblo que existió en Barrio Pueyrredón acá que descubrieron la hizo él, creo que era FAR...salió todo de ese momento...impresionante, qué bárbaro cómo influimos después...muy lindo fue. Ayer estuve en una reunión que presentaron a la FUC ahí en el campo de ACIC y estaba el ex presidente de Medicina del año 86-87...que tiene una radio y estaba por supuesto Martín Espeleta, presidente de la FUC en el 61, después bueno, había muchos dirigentes hasta la actualidad y estuvo el changuito Domínguez uno de los presidentes con la chica Sánchez...jovencito, yo digo...presidente de la FUC...cuando yo tenía esa edad, qué divino...un léxico...un orgullo y bueno, como yo digo, del Hospital Clínicas viene la Reforma y pasa por nosotros y acá estamos y yo les decía: ustedes tienen que mantener la FUC, porque es más fácil conquistarla que mantenerla, porque ustedes tienen que ser los que tienen que organizar los 100 años de la Reforma, que no sea otro...falta un año

Juan Ignacio- Si no pasan cosas como las que mencionaba de Luz y Fuerza...nadie se acordaba...

Alberto- Los 100 años de la Reforma viene de los practicantes del Hospital Clínicas que empezaron el quilombo. Así es hermano, yo estoy orgulloso de mi Universidad, mi colegio...el Colegio Nacional de Catamarca...vos sabés, yo tenía 5 años del secundario, mi profesor de Instrucción Cívica era el 'gomina' Arce...mirá lo que te voy a contar: el 'gomina' Arce, profesor de Instrucción cívica o Educación democrática como se llamaba en otros lados, ortodoxo y hablaba y arengaba y arengaba y uno de los temas en una de las clases era: Estados totalitarios, por supuesto la Unión Soviética...y me paro, che y le empiezo a discutir, mis compañeros no lo podían creer...un hijo de ellos después se hizo Monto, que era mucho más chico que yo e iba a otra escuela, esa fue mi primera discusión a un profesor o a una personalidad ya en el secundario, y yo iba y le contaba a mi tata...claro, que al 'gomina' Arce le discutiera un alumno de política en el año 63-64...y bueno, yo tengo lindas experiencias...así es José Ignacio.